

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras

Uma história da literatura de jornal:
O Imparcial da Bahia

VOLUME I

ADEÍTALO MANOEL PINHO

PROFA. DR. MARIA EUNICE MOREIRA

ORIENTADORA

JANEIRO DE 2008

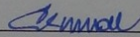
ADEÍTALO MANOEL PINHO

UMA HISTÓRIA DA LITERATURA DE JORNAL:
O IMPARCIAL DA BAHIA

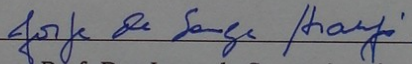
Tese apresentada como requisito para obtenção do grau de Doutor, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 18 de janeiro de 2008

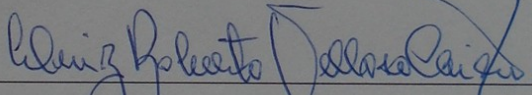
BANCA EXAMINADORA:



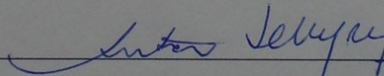
Prof. Dr. Maria Eunice Moreira - PUCRS



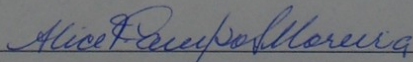
Prof. Dr. Jorge de Souza Araujo - UEFS



Prof. Dr. Luiz Roberto Velloso Cairo - UNESP



Prof. Dr. Antonio Hohlfeldt - PUCRS



Prof. Dr. Alice Therezinha Campos Moreira - PUCRS

Resumo

Este trabalho tem por objeto a seção literária do periódico *O Imparcial*, do estado brasileiro da Bahia (1918-1947). A presente tese desenvolve-se no âmbito disciplinar da história da literatura, fundamentando-se em um sistema literário às margens da historiografia oficial. Suas bases teóricas foram buscadas na “Ciência da Literatura Empírica”, sob liderança de Siegfried Schmidt, e representada no Brasil por Heidrun Krieger Olinto. O pensamento do estudioso germânico quanto à atuação no espaço científico-acadêmico é articulado às posturas intelectuais de interferência política na sociedade, defendidas pelo crítico palestino Edward Said.

O percurso de catalogação diária das matérias aqui reunidas detecta pessoas influentes, flagra debates e atuações conjuntas da literatura com grupos de variadas ideologias, destacando Arco & Flexa e Ala (Movimento das Letras e das Artes). De escritores lendários a completos desconhecidos, esta pesquisa almeja divulgar nomes como Castro Alves, Carlos Chiacchio, Rui Barbosa, Artur de Sales, Xavier Marques, Eugênio Gomes, Maria Dolores, João Paraguaçu e Wilson Lins.

O *corpus* impõe algumas nomenclaturas, como “Biocrítica” e “Tradicionismo Dinâmico”, que podem ser incluídas no rol das teorias locais, na concepção de Walter Mignolo. A partir delas, inscrevo o item teórico “esteio de sistema”, para o qual Carlos Chiacchio e Afrânio Coutinho são exemplos acabados. A nomenclatura proposta — “literatura de jornal” — encontra sentido por sua aparência ao sistema literário. O periódico estudado realiza a transição do mundo dos bacharéis e dos tribunos para o Estado Novo e o Pós-Guerra. Ao oferecer batalhas políticas e combates intelectuais de conta semelhante, prova que a literatura é uma instituição engajada e interessada no tempo presente.

PALAVRAS-CHAVE: História da Literatura – Literatura Baiana – Imprensa – Literatura de Jornal.

ABSTRACT

The object of this work is a literary section showed by a newspaper called *O Imparcial*, from the Brazilian state of Bahia (1918-1947). The thesis trails the disciplinar field of literary historiography, having as its basis a literary system which isn't taken into consideration by an official historiography. Theoretical supports were searched on the "Empirical Science of Literature", headed by Siegfried Schmidt and represented in Brazil by Heidrun Krieger Olinto. The German theorist's thought concerning to an active participation on the academical-scientific space is articulated with intelectual postures of political interference on society, as they are sustained by the Palestin criticist Edward Said.

A daily trajectory of cataloging these journalistic matters detect people on highlight at their time, notice debates and important acts that literature develops with groups from different ideological conceptions, putting on relief Arco & Flexa and Ala (*Movimento das Letras e das Artes*). From lendary writers to some persons completely unknown today, the present research aims at spreading names as Castro Alves, Carlos Chiacchio, Rui Barbosa, Artur de Sales, Xavier Marques, Eugênio Gomes, Maria Dolores, João Paraguaçu and Wilson Lins.

The *corpus* imposes some nomenclatures, as "Biocriticism" and "Dinamical Tradicionism", which can be included in the list of local theories, as they are thought by Walter Mignolo. From their points of view, it's possible to conform the theoretical item "system support", to which the best examples are Carlos Chiacchio and Afrânio Coutinho. The nomenclature I propose — "newspaper literature" — gets sense considering its appearance to a literary system. The journal studied in this work operates the transition from the world of ancien bachelors and tribunes to the Brazilian political organization called "*Estado Novo* [New State]" and to the Post-War. Demonstrating similar political battles and intellectual combats, it gives enough evidences that literature is an engaged institution, as well as it demonstrates interests on the present time.

KEY WORDS: History of the literature – Literature of the Bahia – Newspaper – Newspaper literature.

A Antônio, meu pai — *in memoriam*.

A Dalvina, minha mãe, sempre à espera de boas notícias.

A Conceição, cúmplice no amor e na pesquisa,
e a Ramon, interlocutor oportuno.

Agradecimentos

Esta tese é resultado de um conjunto de esforços e presenças constantes, de geografias e naturezas diversas. Sem a liga formada pela mistura e o encontro, em diálogo, o caminho percorrido seria outro, com outros resultados, de certo. O que vai a seguir é a exposição de nomes, de instituições, eventos e pessoas que configuram um percurso intelectual, mas também inscrevem os motivos para a dedicação cerrada a um objetivo e a inspiram a entrada em outros projetos.

- À Universidade Estadual de Feira de Santana, que me dispensou das atividades acadêmicas por 4 anos.
- À CAPES/MEC, que disponibilizou uma bolsa PICDT para que eu pudesse residir em Porto Alegre, participasse de eventos, visitasse instituições de pesquisa e adquirisse livros essenciais para a pesquisa.
- À Biblioteca Pública do Estado da Bahia, que me ofereceu todas as condições de pesquisa no setor de Periódicos Raros. Neste setor, alguns nomes devem ser lembrados pela atenção e competência: Ana Cristina Fernandes Nascimento, responsável; Eliseo Arcanjo, Luís José Carvalho e Anderson, auxiliares. Alguns companheiros de pesquisa: Fábio, Priscila, Sandra, Tom e Conceição.
- À Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, por ter acolhido meu projeto de tese e oferecido oportunidade de debates e leituras em sala de aula e em eventos. Nesses momentos, de convívio intelectual, foram firmadas posições críticas, admiradas competências, ensaiados comportamentos futuros de pesquisador e professor. São símbolos de estudos literários o Ir. Elvo Clemente, ausência sentida, Maria da Glória Bordini e Regina Zilberman.
- Aos colegas de sala de aula, do café dos intervalos e no Van Gogh: Maria de Lourdes, portuguesinha, Marcelo, o good boy, Luzi, a bandida, Antenor, Márcia e muitos mais — responsáveis pela partilha dos bons e dos maus momentos do curso.
- A André Luís Mitidieri Pereira, “pariceiro” de todo o curso, leitor arguto, que como bom baiano descendente, nunca vem só, é feito de gentes: Itália, Ana, Marta,

Cris, Déia, Paulo Henrique e, com eles, todo Alegrete.

- A Profa. Dr. Maria Eunice Moreira, conselhos precisos em sala e na tese, que seguiu os caminhos da escrita tortuosa, suportando firme, não escondendo o equívoco e incentivando sempre.

A Ívia,
que é *esteio de sistema* de estudo da literatura de jornal na Bahia
e me ensinou que ninguém está fora do círculo hermenêutico da crítica.

Ver-se-á um leão, senhores, devorado pelo domador! Espiem, amigos, uma agulha passar no ouvido duma linha. Apreciem, incrédulos, um sapo engolindo estrelas... Entrem! O livro é uma alta maravilha. Trezentas páginas por dez réis de mel coado! É de graça! Leiam e tremam!

MACHADO DE ASSIS

O prelo era o Monstro devorador de gênio; e, sempre que ouvia a crepitação das correias na polia ou o rolar dos cilindros da marinoni, murmurava, com ódio e nojo: “Lá está a besta mastigando.” (...)

“ao menos não se dirá que cevo o ‘Monstro’ que lá está experimentando as mandíbulas de ferro em folhas velhas, babando-as de saliva negra, como a jibóia lubrifica a presa antes de a engolir. Faz apetite à espera da ração, o estúpido.”

COELHO NETO, *TURBILHÃO*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: UMA HISTÓRIA DA LITERATURA DE JORNAL	14
1.1	Aprendizado da Bahia e versos sobre uma aquarela	14
1.2	Diversa literatura: da prática à tese	19
2	PERSPECTIVAS E TEORIAS	30
2.1	“O Bombardeio da Bahia” e a estética da terra arrasada	30
2.2	Jornal como <i>rastro</i> para abertura da cotidianidade	38
2.3	Leitura, literatura e ação literária	45
2.4	Esteio de sistema	50
3	POSICIONAMENTO HISTÓRICO DE <i>O IMPARCIAL</i>	57
3.1	Construção de um jornal no século XX	57
3.2	Diretores e proprietários	65
3.3	Seções literárias	69
3.3.1	'Leitura Variada' e 'De Tudo'.....	69
3.3.2	'Primores da Literatura e Arte — Páginas Escolhidas'.....	70
3.3.3	'De Tudo e Para Todos'.....	71
3.3.4	'Página Literária'.....	73
3.3.5	'Verso e Prosa'.....	73
3.3.6	'Crônica Social'.....	74
3.3.7	'Página Feminina'.....	76
3.3.8	'Coluna Feminina' e 'Página Feminina e Cinematográfica'.....	78
3.3.9	As novas seções de 1933.....	78
3.3.10	'Pela Ordem', a força do artigo de fundo.....	79
3.3.11	'Vida Social', a crônica conta histórias.....	81

3.3.12	'Crônicas do Rio'.....	83
3.3.13	'Seção das Crianças'.....	90
3.3.14	'Semana Universitária', ou o integralismo para os jovens.....	91
3.3.15	'Página de Ala'.....	92
3.3.16	'Não há de ser nada'.....	96
3.3.17	'Hora da Guerra'.....	98
3.3.18	'Vida Literária'.....	100
3.3.19	'Página Literária'.....	102
3.3.20	'Vida dos Livros'.....	103
3.3.21	A literatura sem colunas.....	104
3.4	Imprensa agredida e imprensa agressiva	107
3.5	Jornalismo ficcional da guerra	115
3.6	Faces do jornal político	117
3.7	Posicionamentos da literatura de jornal	121
3.8	Literatura de jornal na Província	126
3.8.1	Crônica.....	130
3.8.2	Poema.....	134
3.8.3	Folhetim.....	137
3.8.4	Crítica Literária.....	139
4	BAHIA INTELLECTUAL — CÂNONE, SISTEMA E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO	145
4.1	Literaturas móveis	145
4.2	Intelectuais alinhados	154
4.3	Perfis questionadores	194
4.4	Sistemas literários	223
5	MOVIMENTOS E PROPOSTAS DA LITERATURA DE JORNAL ...	233
5.1	O crítico de <i>A Tarde</i>	233
5.2	Modernismo conservador em <i>Arco & Flexa</i>	252
5.3	Impacto dos movimentos	272
5.4	Afrânio Coutinho em <i>ação crítica</i>	280
5.5	Combate à Semana de 22 e Modernismo de vanguarda	291

5.6	Representações literárias na ‘Página de Ala’	300
5.7	Permanência e deslocamento dos escritores da Bahia	305
5.8	Diálogo poético com Manuel Bandeira	319
5.9	Batalha pela leitura	329
6	CONCLUSÃO: O SISTEMA DA LITERATURA DE JORNAL	351
6.1	Literatura e cultura para ver a Bahia	351
6.2	Lugares para a história da literatura	353
6.3	Teorias locais do sistema	355
6.4	Sistemas em deslocamento	365
6.5	Jogo da teoria: sistema em código	367
7	REFERÊNCIAS	380
8	CURRICULUM VITAE	392
9	ANEXOS	405

1 INTRODUÇÃO: UMA HISTÓRIA DA LITERATURA DE JORNAL

1.1 Aprendizado da Bahia e versos sobre uma aquarela

A longa observação de um grupo de pescadores da praia de Mar Grande, na sua faina cotidiana pelo objeto de sobrevivência, inspira uma aquarela bucólica e de traços suaves. Um poeta, impressionado pelas plásticas imagens da sua vivência cotidiana, escreve um poema,¹ equilibrando, em palavras, o movimento do mar e a musculatura exposta ao sol de três gerações de embarcações em seu frágil veículo marinho. No segundo andar da antiga Biblioteca Pública, um especialista em literatura reúne jornais antigos com versos sobre pescadores, vaqueiros e cortadores de cacau. Eis o percurso literário da realidade, narrado e problematizado de forma que seja mantida a estreita ligação entre os diversos esforços pela literatura.

A absorção dos versos encaminha para o aprendizado sobre a Bahia. O conhecimento de simples e de diversas posições de identidade exige um projeto que recorta um grupo de textos, os quais estão acoplados a um suporte que, por sua vez, o identifica: o jornal. Dentre os muitos periódicos à disposição e, pacientemente, à espera de abordagem da literatura registrada, é escolhido o velho palco de antigas batalhas — *O Imparcial*. Beirando o mitológico, a sua leitura já indica a percepção de figuras e metáforas. Assim como as imagens que imprime, ele enforma a sensação de que se está tratando de literatura com formato pouco explorado.

O estudo da parte literária de *O Imparcial* (1918-1947) propicia reflexão sobre a literatura e a prática intelectual da Bahia no período político de estabilização da

1 SIMÕES, Hélio. Pescadores de Mar Grande. *O Imparcial*, Salvador, 15 maio 1940. 'Página de Ala', A. III, n. LXXXVII, p. 5.

República e no advento do Estado Novo. Nessa época, o Modernismo toma corpo com os movimentos paulista de 1922 e carioca. Durante a década de 1920, os literatos baianos vão avaliar e assumir a sua própria feição modernista: conciliando tradição local e renovação global. Na década de 1930, ocorrem os movimentos mais efervescentes para a literatura de jornal, desde a implicação política intensa, quanto ao aparecimento de associações literárias importantes para a constituição do sistema de literatura da Bahia.

A investigação compreende a literatura enquanto parte componente do periódico e não algo posto ali apenas para deleite ou ocupação de espaço ocioso, ou seja, a literatura nos diários está incorporada à identidade jornalística tanto quanto as folhas grandes impõem um tipo de escritura literária peculiar. Dessa forma, a reflexão prolongada a respeito da literatura da Bahia passa por uma compreensão de imprensa, jornalismo local e do que é *O Imparcial*.

A hipótese norteadora da tese consiste em que o jornal é capaz de fornecer modalidades de literatura mais condizentes com os novos modos de estudo, beneficiando identidades antes postas à margem do espaço social e intelectual, centrada na percepção dela como sistema. O livro, por si só, apresenta-se como fator de avaliação negativo daquela literatura porque, na verdade, é um impedimento para a sua percepção e avaliação. Supondo que o momento para a organização e efetivação do campo editorial baiano tenha-se perdido, a literatura necessita de um conceito mais eficiente para realizar a leitura do esforço dos autores e grupos.

Um dos principais objetivos deste estudo é a reflexão e construção de meios de pesquisa que se tornem perceptíveis para uma contínua formação de acervo da literatura encontrada no espaço do periódico. Mesmo que um dos objetivos seja o intento de coletâneas e antologias dessa literatura e desses autores de jornais, é necessário compreender a literatura no espaço jornalístico, distanciando-se do desprezo à leveza e cotidianidade da imprensa, como também da avaliação negativa da atuação articulada com as ideologias e posturas políticas. Em se tratando de que a literatura se está reunindo e refletindo, não se pode perder de vista o objetivo de inscrever um conceito de literatura cada vez mais distanciado do texto final, circunscrito ao suporte livro consagrado pelas histórias e manuais de literatura. O

entendimento do que é realizado entre as fronteiras estaduais e impresso nas páginas de *O Imparcial* parte da literatura como ação, em que estão implicados todos os sujeitos responsáveis, desde o papel, o editor, a recepção, o escritor — imerso num cotidiano afetivo, profissional, intelectual, polêmico — e o texto.

A ação literária está estreitamente articulada com a aceção de sistema literário. Esta tese investiga em que grau a visível característica da literatura de estar em movimento constante, seja de mudança, de contestação, de estilo, de tema, é decisiva para a compreensão da literatura de jornal. Com essa perspectiva, todo estudo que segue no caminho de encontrar uma literatura gravada no livro, duradoura na memória intelectual letrada, tende a negar os movimentos da literatura. Uma vez negado o movimento, ou interessado em escritas imunes ao movimento do sistema, até transformando-as numa das provas da existência da literariedade, a literatura que vive sob e por causa do movimento é submersa pelo método.

Organizada em oito partes, a tese anota como início o que significa o jornal em si e enquanto a literatura nele composta. Ao feitiço de uma viagem, minha narrativa busca um ponto antes mesmo de 1918, porque é em 1912, um ano paradigmático, que se formam as condições sociais e ideológicas para a criação de uma folha matutina “séria” de longa duração e também, como não deveria deixar de ser, incorrem numa série de acontecimentos que inspiram a urdidura do projeto e a feitura da tese. O ano de 1912 sinaliza para uma síntese histórica. Finalmente, há a percepção do abandono de um passado imperial, a aceitação das novas circunstâncias republicanas (para bem ou para mal), a certeza do enfrentamento à alternativa de modernização nacional. Nesse caso, as complexas linhas que enredam a narrativa histórica da literatura de jornal em *O Imparcial* têm uma ponta presa aos eventos de 1912, outra em 1918, ainda outra aparentemente partida em 1947, e outra menos nítida, mas interpretável, em 2007, na qual pairam as condições teóricas para a escrita do texto.

A atenção ao apelo de Michel de Certeau, quando defende que a melhor operação historiográfica é aquela que motiva e incentiva outras operações, faz-me projetar um modelo de construção da história da literatura que inspira estudos sobre

a produção ficcional e poética tanto baiana quanto de outras regiões. A história da literatura regional urdida nesta tese não persegue a totalidade, mas a utilidade no máximo de sistemas em que está inserida. Junto ao conselho de Michel de Certeau, Siegfried Schmidt orienta pela história que aborde um acervo, cuja análise providencie a conservação e valorização do mesmo, também sendo utilizado no que ele chama de sistema de interesses.

Nesse novo contexto de revalorização da operação historiográfica, como aconselha Siegfried Schmidt, vale mais o texto que consiga atender às expectativas do maior número de sistemas culturais, entre eles, o intelectual, o familiar, o acadêmico, o midiático, o comercial, e assim por diante. Dessa forma, ela não correria o risco do abandono das suas consultas pelos indivíduos de cada sistema. Quanto mais consultas e motivação para outros estudos, mais autoridade teria essa nova história, que, por isso, não pode ser totalizante, e sim válida na vida cotidiana.

A partir dessas idéias, pretendo seguir escrevendo uma história que motive a valorização do sistema de imprensa, com um esforço de interesse tanto para o acervo de *O Imparcial* quanto de outros jornais baianos. É preciso ter sempre em vista que o sistema de periódicos raros corre o risco de desaparecimento e, com ele, a literatura de jornal ali encerrada. Todos estão vinculados ao sistema cultural da Bahia e do Brasil, robustecidos numa memória do esporte, da economia, da política, da literatura etc., encontrados no jornal. Muitas vezes, atender às orientações propícias de Schmidt significa contradizer opiniões vencedoras dos estudos clássicos sobre a cultura e a literatura da Bahia, cujo lema é “sempre atrasada e coronelista”.

Ocorre que essa postura, de privilegiar sistemas intelectuais fora das fronteiras locais, o nacional, por exemplo, promove um apagamento das identidades (contra-identidades) pelo seu interdito, que seria o percurso contrário à direção da *abertura*. Em meio ao dilema de negar-se ou ver-se pelo negativo, a escolha cultural e intelectual até agora prefere a negação, o culto a monumentos que festejam o seu desaparecimento. A arte participa desse projeto como qualquer outro discurso social, seja de forma marginalizada, seja captando influência e foro privilegiado.

É necessária a urgência de ações para a problemática da identificação. As identidades não podem alhear-se a conduzir a própria alteridade, ficando na dependência das emissões diplomáticas da Nação (entenda-se diplomática como os códigos convencionais, desde a bandeira e o hino até a língua, que fazem o país entre fronteiras). Pode-se projetar e executar constituições culturais de longo e curto alcance. Elas podem ser balanceadas pela cultura e manutenção de códigos sempre benéficos para a cotidianidade ou intimidade local e, ao mesmo tempo, a diplomacia e imaginação nacional. Uma vez que promovem, no seu cotidiano, as ligações entre concepções de mundo locais e amplas, o periódico e a literatura de jornal assumem lugar de relevo nessas projeções.

Talvez o doloroso processo de autodestruição identitária seja mais recorrente do que cogitamos no Brasil. Uma história da literatura regional que avance pela reflexão sobre seu sistema cultural não deve abster-se de recuperar a identidade refém da superioridade e da civilização do centro republicano e moderno. Uma vez deflagrado o processo de operação historiográfica nos termos de “interesses e paixões”,² o *corpus* interrogado no decorrer da arguição estará implicado dentro do sistema mais próximo e mais óbvio: a literatura de sotaque e projetos da Bahia.

A primeira percepção do estudo historiográfico, nos moldes planejados aqui, entende a sua colocação em relação à prática da história da literatura nacionais e regionais. As referências de projetos historiográficos acatados, até o momento, são modernos e totalizantes, por isso, resistentes a abordagens fragmentárias, a abandonar os desígnios de terra arrasada e a superar percursos teleológicos de evolução até o Modernismo, momento para o qual todos os sistemas contribuíram à base de discursos e atitudes coercitivos, ou com sua subserviência ou com seu atraso. As histórias que se instalam a partir da falência dos grandes princípios modernos tomam consciência da mudança cultural e alcance, entre as muitas denominações, da pós-modernidade.

Como são muitas as feições da contemporaneidade teórica, para este trabalho interessa a emersão dos discursos silenciados e as identidades sufocadas

² OLINTO, Heidrun Krieger. *Histórias da literatura — as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996. (Série Fundamentos, 115).

nas adjetivações de bárbaro e atrasado. A Bahia é percebida até nos novíssimos departamentos universitários e agências de fomento, que são instituídos com esforços, como a degenerescência do centro — provando que não se está refutando discursos neutralizados. A força do centro irradiador localiza-se na formação de bibliografia com a qual os estudos locais não podem concorrer em pé de igualdade. O sistema intelectual tem, na circulação de idéias teóricas e ideológicas, a base decisiva para a concentração de poder.

1.2 Diversa literatura: da prática à tese

A proposta de tese “Bahia literária: história regional e arqueologia de identidades”, aceita pelo Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, propunha o estudo da obra de um conjunto de escritores — Jorge Amado, Adonias Filho, Eurico Alves, Wilson Lins, Raimundo Reis, Fernando Ramos, Eulálio Mota – publicada em jornais baianos – *A Tarde*, *O Imparcial*, *O Serrinhense*, *Folha do Norte*, *Feira Hoje*. Este acervo seria composto de narrativas, poemas, folhetos e críticas. A escolha inicial dos jornais se devia a suas precedências nas comunidades em que estavam inscritos, pela possibilidade de percorrer, em suas páginas, o período que vai da segunda década do século XX até os anos 1970. Há, nesses jornais, a possibilidade de encontrar as produções dos escritores citados.

Inicialmente, cada autor do *corpus* correspondia a um jornal, como se houvesse uma identificação óbvia ainda não observada: Jorge Amado, Adonias Filho e Wilson Lins no *Imparcial*; Eurico Alves tanto no *Feira Hoje* quanto no *Folha do Norte*; Eulálio Mota no *Serrinhense*; Wilson Lins, Raimundo Reis e Fernando Ramos em *A Tarde*. A escolha dos escritores partia também do recorte temporal na primeira parte do século vinte, sendo possível, como a pesquisa demonstra, o encontro com um grupo de produtores de literatura bem maior do que o formatado primeiramente.

Outro motivo para o delineamento do *corpus* de autores acima parte da desconfiança de que as escolhas políticas daqueles escritores, como de toda a literatura brasileira, correndo o risco da generalização, determina um lugar estadual e nacional no cânone literário concretizado nas histórias da literatura e nos compêndios de crítica literária mais influentes.

O recorte específico de escritores e o viés político matizando suas produções motivam a formação de grupos literários e intelectuais coesamente reunidos em torno de posturas ideológicas tanto de direita quanto de esquerda. O prolongamento da tese diz respeito à pouca visibilidade da literatura baiana em âmbito nacional e a um lento desenvolvimento de mecanismos de sistema de literatura causados ou sendo influenciados pelas defesas ou manutenção de posições políticas. Essas postulações ideológicas são percebidas em embates violentos da Nação tanto contra a capital, Salvador, quanto contra cidades do interior (confrontos militares e intervenções) e, intelectualmente, em adjetivações pejorativas para a identificação do regional (local atrasado, conservador e manifestação literária).

A efetivação da pesquisa catalográfica veio demonstrar a inviabilidade do trabalho, se insistisse no *corpus* inicial de periódicos. Por isso, opto pelo projeto, nas suas premissas principais, no estudo de um único jornal: *O Imparcial*. Tendo longa duração, de 1918 a 1947, boa parte do período anteriormente projetado consta nele. Também a riqueza encontrada de literatura e de sistema literário do periódico exige catalogação completa de seu acervo. Além disso, retirados os nomes dos autores mais recentes, Raimundo Reis, Fernando Ramos, todos os outros atuam no órgão jornalístico. As inclusões anteriores de *Folha do Norte*, *Feira Hoje* e *O Serrinhense* diz respeito, em menor ou maior grau, a autores também contemplados no periódico soteropolitano. Não significa que o estudo em um único órgão supra a pesquisa que está por ser feita nos jornais citados. *O Imparcial* é o primeiro passo de um trabalho que seguirá por imposição da formação do futuro que é a escrita de um projeto.

O Imparcial se revela de importância explícita quanto à formatação de um sistema de literatura, providenciando um novo contorno para a tese da *Bahia Literária*. Enquanto o projeto previa uma configuração a partir da produção dos autores do elenco baiano, agora, a feição da literatura de jornal é postulada pelas

páginas grandes, em sua identidade diferenciada da do livro ou das coletâneas, requerendo um mapeamento específico para a literatura daqueles autores contemplados. Por isso, eles são abordados pelo posicionamento e relação da imprensa, quanto ao campo da política e da cultura intelectual, nele constando a literatura baiana. Ainda permanece a tese, mais encorpada pelos textos abordados no percurso de feitura dos capítulos, de que, por força da peculiar fisionomia do sistema — poucas editoras e raridade do livro —, a literatura é realizada em periódicos como *O Imparcial* e seus afiliados *A Tarde* e *O Diário da Bahia*.

Apesar da mudança de um perfil mais tradicional, ou seja, focado no autor e sua precedência no sistema da literatura, os objetivos do projeto continuam preservados: a) buscar a recepção dos autores no jornal; b) configurar um conceito de literatura baiana; c) articular a literatura e a política partidária; d) analisar as percepções literárias do centro — Salvador ou cidade da Bahia — e o todo estadual; e) refletir a respeito das vantagens ou desvantagens teóricas da Modernidade e da Pós-modernidade na literatura da Bahia; f) estudar as principais visões da literatura baiana em histórias da literatura brasileira; g) contribuir para a história da literatura e história da imprensa.

Uma das questões mais espinhosas enfrentadas na escrita da tese é o exame da idéia consagrada de atraso e conservadorismo. O meu esforço sempre se dirige para o deslocamento de tais construções intelectuais de força. Os caminhos da pesquisa identificam a idéia, ou imaginação, *lugar-comum* de uma Bahia filiada às oligarquias e pousada confortavelmente nos anseios do século XIX³ e até resistindo à modernização, como principais obstáculos para edificação de uma literatura.

O meu percurso, mesmo fugindo do ufanismo às produções locais, o que denotaria ausência crítica, intenta uma escrita otimista sobre que literatura engendram esses autores. Reitero a acepção de Heidrun Krieger Olinto de que os estudos literários devem ser guiados por “interesses e paixões”. Os motivos para essa empresa residem no fato de que o trabalho historiográfico não termina com a

³ Um especialista em história da Bahia defende que a Bahia é monarquista até 1912. In: MATTA, Alfredo Eurico R. Governadores e interventores da Bahia republicana de 1889 a 1912 – sobrevivência da monarquia. Disponível em <http://www.matta.pro.br/pdf/prod_his_atarde2.pdf> Acesso em 22 set. 2006.

redação final da tese, mas segue pela escolarização de posturas teóricas e disseminação dos exemplares encontrados. Uma das práticas seria reivindicar editoras e leitores para os textos encerrados, até agora, em jornais e outros veículos frágeis. Não me parece viável que alcance tal disseminação, partindo do freqüente adjetivo pejorativo encontrado em José Veríssimo, de local atrasado, feio e tacanho.

Por outro lado, não há por que negar as deficiências e limitações dessa literatura, logo que posicionada em relação ao todo brasileiro. Não se deve atribuir à Bahia, *in extremis*, sintomas comuns ao cômputo global do País, denotando mais do que um equívoco, uma tendência nacional e até pós-colonial. O tratamento ofertado pela República advoga a favor da tese. Baseado na violência e na “estética da terra arrasada”, termo que cunho e sobre o qual tento desenvolver reflexão em capítulo próprio, o poder central lança mão da metodologia de imposição de seu conceito de Modernidade (entenda-se civilização) para a região.

Após uma parte do percurso de estudo, o que parece manter-se estabilizado no que diz respeito à opinião intelectual sobre a Bahia é o seu caráter conciliador na providência do conservadorismo e das oligarquias. Deve-se recordar que os dois elementos — coronelismo e oligarquia —, muito bem trabalhados por Eul-Soo Pang,⁴ significam poder e prestígio regional, difíceis de serem neutralizados. A literatura, como não deveria deixar de ser, ficcionaliza e sustém narrativas e poéticas a respeito dos dois últimos aspectos, tanto para defender ou repudiar o regime dos “Estados dentro do Estado”, o que implica uma complexidade da sociologia literária, de configuração e reconfiguração, ao gosto de teóricos como Paul Ricoeur, Hans Robert Jauss e Mikhail Bakhtin. Nesse horizonte de expectativa, nada seria mais equivocado do que uma caracterização generalizada a respeito da literatura regional.

As idéias sobre sistema literário do teórico alemão Siegfried Schmidt e do estudioso israelense Even-Zohar encaixam-se nesse perfil de estudo porque, ao demitirem um conceito de literatura que tenha a hegemonia do livro e de seu carro chefe teórico — a estética, cuja força recalca todas as contribuições que não

4 PANG, Eul-Soo. *Coronelismo e oligarquias – 1889-1943: A Bahia na primeira República brasileira*. Tradução de Vera Teixeira Soares. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. (Retratos do Brasil, 128).

conseguem manter-se niveladas na planície regular da cultura, dão vazão a uma rica e numerosa biblioteca de literatura na guarda de outros suportes menos valorizados e mais fáceis de desaparecimento: o jornal, a oralidade, a mídia etc.

A Bahia tipifica um sistema que tem os jornais como suportes, impressores e motivadores da literatura. Além de divulgar, nesse espaço, avalia-se e se toma posição, muitas vezes, de forma criativa a respeito da produção literária. A imprensa porta a sofisticação de que os meios atuais de pesquisa nos gabinetes e salas especializadas, tão certos da sua competência, não detêm: a veiculação maciça. Silviano Santiago reflete sobre o lugar perdido da literatura nos jornais por causa de demandas históricas, econômicas e intelectuais, como a requerida por Afrânio Coutinho: por um lado positivo, desemboca na criação dos cursos de pós-graduação em literatura e, pelo lado negativo, perde-se um estilo tão competente — a crítica impressionista —, apesar das defesas apaixonadas de Alceu Amoroso Lima, Álvaro Lins e tantos outros.

Neste estudo, busco um caminho de compreensão dos ganhos para o sistema literário da Bahia com as propostas de Coutinho e a vantagem da literatura de jornal, ou seja, o jornalismo como gênero de literatura. Os debates de Antônio Olinto, Barbosa Lima Sobrinho e Alceu Amoroso Lima são o esteio de reflexão disponível para as literaturas locais, no período. Observada de longe, a querela sobre a caracterização do jornal como um gênero da literatura, proporcionando a abertura para a literatura de jornal, prescinde de elementos externos ao texto e ao sentido de literatura. Esses elementos recaem na constituição do sistema da literatura, detalhado por Even-Zohar como instituição, repertório, produtor, consumidor, mercado e produto.⁵

De fato, o que primeiro se delineia a partir de nomes autorais como fio condutor da tese passa para a abordagem pela ótica do jornal. Sem estarem descartados de todo, a sua presença e análise depende da formatação que a literatura de jornal propicia. Nomes como Jorge Amado, Wilson Lins, Adonias Filho aparecem na pesquisa porque publicam no periódico, mas suas figuras dependem

5 EVEN-ZOAR, Itamar. Polysystem studies. *Poetics Today* — International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication, Durham, NC, 1990, v. 11, n. 1, p. 32.

da impressão jornalística. Por isso, procuro com máximo esforço fazer a leitura dos textos sem retirá-los para campo mais “limpo”, como é comum fazer-se com as coletâneas e antologias de autores consagrados que escrevem em livro. Agora, é o próprio jornal que oferece a fisionomia da literatura que se deseja observar, porque é lá que se mantém enquanto muitos desses autores não conseguem saltar definitivamente para o livro e daí para as historiografias da literatura.

Uma vez realizando as análises com essa noção intensa da importância do campo, o jornal, outros autores também se impõem como autoridade nesse espaço, mesmo que não sejam bem-sucedidos nas histórias da literatura. Isso se deve ao fato de o jornal ser um lugar de provação e de talento para o escritor alcançar o livro. No caso da Bahia, outras questões, tratadas aqui, contribuem para que não seja de fato um obstáculo, mas uma limitação estrutural.

Não mencionados no primeiro *corpus*, autores como Eugênio Gomes, Artur de Sales, Godofredo Filho, Carvalho Filho, bastante estudados pelos departamentos universitários estaduais, são cânones literários que se sobressaem na reflexão sobre a literatura de jornal. Esses autores aparecem nos inquéritos e nas tabelas de ocorrências, como expressivos representantes da literatura baiana e, mesmo confirmando-a para momentos mais auspiciosos, quando espero incluir este estudo.

Além desses escritores, surge a figura consagrada e combatida (o movimento de sistema de literatura) de Carlos Chiacchio. O produtor de literatura que compreende melhor a importância dos veículos de publicação, como editoras e eventos. Ninguém como ele se utiliza do jornal como meio de efetivação, concretização da literatura. Seu envolvimento e atuação no sistema o transformam, de uma figura apagada (somente referida em alguns livros também locais⁶), num aglutinador de sistema da literatura, ou esteio de sistema, categoria ausente na classificação de Zohar, porque é síntese de outras categorias. O autor de *Biocrítica* é capaz de promover a superposição de item de sistema, fazendo com que um tome o lugar de outro, inoperante ou inexistente.

⁶ COUTINHO, Afrânio (Org.). *Caminhos do pensamento crítico*. Rio de Janeiro; Brasília: Pallas; INL, 1980. 2 v.; MASCARENHAS, Dulce. *Carlos Chiacchio: Homens & obras, itinerário de dezoito anos de rodapés em A Tarde*. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 1979; ALVES, Ívia. *Arco & Flexa: contribuição para o estudo do modernismo*. Salvador: Fundação Cultural do Estado, 1978.

Se não há editoras, os movimentos criados também avançam para ocupar o espaço vazio. Um exemplo é que tanto Ala constitui as suas Edições de Ala, quanto o jornal *O Imparcial* cria a sua Edições Imparcial, comandadas por Wilson Lins. Dessa forma, o poeta, o crítico e o motivador de movimentos podem surgir em regiões como a Bahia, pela constante instabilidade de outras categorias do sistema. Abordada de maneira acurada, a resistência a movimentos arrebatadores e destruidores se deve ao fato de que Chiacchio tem consciência da necessidade de consolidação antes da destruição. O perfil baiano diferencia-se sensivelmente da metrópole, é o que ele logo observa.

A tese está composta em oito partes, das quais quatro dizem respeito ao texto: o segundo capítulo, “Perspectivas e teorias”, comporta as postulações condutoras da abordagem do periódico e da literatura nele publicada. Seu formato, distribuído nas quatro divisões do capítulo, defende dois posicionamentos essenciais para a condução da tese: a) um, de cunho histórico, quando propõe a visada do veículo jornalístico como uma das faces da batalha cultural, ideológica e política executada contra as formas de tratamento para com a Bahia pela República e a partir das diferentes facções políticas internas. Por essa via de observação histórica, escolho um ano, 1912, e um evento, “O bombardeio da Bahia”, como paradigmáticos para a compreensão da imprensa; b) outro, de cunho literário, diz respeito ao conceito de literatura e, por consequência, ao de estudos literários. Nas propostas da Ciência da Literatura Empírica (CLE), de Siegfried Schmidt e outros pesquisadores alemães, divulgados no Brasil por Heidrun K. Olinto, a compreensão de literatura como ação literária é uma das principais contribuições do grupo germânico para a escrita desta tese.

A articulação entre o conceito de sistema literário e os textos catalogados no periódico estabelece o abandono da imanência e do texto como o caráter hegemônico para a literatura. Os sentidos de literatura como sistema de ação, com movimentos previstos e deduzidos, providencia diálogos e contatos com a realidade local, mantenedora, em recíproca, de identidades.

A metodologia de trabalho na pesquisa do jornal leva em consideração as idéias dos teóricos Martin Heidegger, Michel de Certeau, Paul Ricoeur e Edward

Said. Os textos críticos e as teorias impetradas em suas produções encaminham-se por um olhar do literário como discurso articulado entre a ciência, a arte e a sociedade. A proeminência de um dos aspectos numa determinada conjuntura literária, um sistema, é sempre uma questão localizada e histórica, beneficiando posturas e idéias dentro do circuito social. Um determinado grupo provido dos mecanismos e meios de divulgação pode promover a defesa de uma postura, seja estética ou sociológica, em face dos outros membros da comunidade. Quanto mais há competência em produzir os meios de persuasão de certa verdade, mais ela se consagra. A especificidade da literatura de jornal escorada nas idéias dos teóricos citados exige que seja lida enquanto texto híbrido daqueles três aspectos.

O terceiro capítulo, “Posicionamento histórico de *O Imparcial*”, narra a história do jornal. São oito partes que contam desde a fundação e organização interna até as principais campanhas em que se envolve o matutino. Há também discussões sobre a imprensa brasileira e baiana, as ligações históricas entre a literatura e o jornalismo. Para que se possa transcender de maneira não muito agressiva de uma para outra área de conhecimento, visito algumas narrativas ficcionais que abordam a imprensa. Às vezes tratada de maneira negativa, devoradora de talentos, em outra, de meio para consagração literária e política, as narrativas concordam com o papel da atividade jornalística na interferência social. As folhas noticiosas conseguem atingir a população letrada, incutindo valores e cultivando preferências coletivas. Capaz de tanta influência social, o jornal também sofre as conseqüências da sua exposição no espaço da sociedade.

Estão distribuídos em notas de rodapé por entre os capítulos verbetes retirados de enciclopédias, dicionários e sítios da internet a respeito dos principais envolvidos na colaboração jornalística e atuação no sistema literário. Esses produtores trazem a peculiar característica de equilibrar a impulsiva militância nas hostes da cultura intelectual e o total desconhecimento nos meios literários ou de imprensa. É preciso anotar que alguns, como Maria Dolores, somente são encontrados nos sítios de Espiritismo, marcando mais uma particularidade de sistema partilhado, a partir de um método tradicional, entre a esquizofrenia e a mitomania.

O quarto capítulo, “Bahia intelectual — cânone, sistema e condições de produção”, realiza uma descrição e estudo sobre a *Enquete de Maria Dolores — A Bahia Intelectual*. Nesse inquérito, compreendido em quatro partes, que objetivam organizar o evento, os aspectos de um sistema de literatura são abordados pelos autores que publicam ensaios no jornal. É possível perceber até o fenômeno que designo de *anti-sistema de literatura*, isto é, a suposição ou rastro, em cartas não lidas ou não publicadas, de que há ainda autores não mencionados ou obras não contempladas na grande listagem do projeto.

O quinto capítulo, “Movimentos e propostas da literatura de jornal”, responde por estudos de páginas, como ‘Ala’, a sua organização e objetivos, campanhas contra o Modernismo e a vanguarda paulista, o trabalho de críticos como Carlos Chiacchio e Afrânio Coutinho, a permanência de escritores na Bahia, a batalha pela leitura como meio de produção cultural e intelectual. Todos esses temas providenciam a identidade dos órgãos de imprensa como promotores empenhados na constituição do sistema literário.

Além da literatura publicada nas formas já enumeradas nos capítulos anteriores, mais ou menos compreendidos entre crônica, poema, folhetim, fragmentos de romances, crítica literária, drama, farpas e outras, *O Imparcial* ainda dispõe as suas páginas para os movimentos literários que vão acontecendo na Bahia ou são deflagrados em outras cidades brasileiras ou em determinados países. É esse conjunto de reflexão sobre a literatura de jornal que conforma as entradas e saídas dispostas nas idéias conclusivas da tese.

Anexo ainda toda a catalogação da parte literária do jornal, a qual me orienta na feitura do trabalho; um conjunto exaustivo de tabelas com as ocorrências literárias, referentes aos textos trabalhados no quarto capítulo, ilustra o alcance e a complexidade dos aspectos do sistema literário em análise. A catalogação persegue, dia após dia, o cotidiano da utilização da literatura no periódico e, em contrapartida, as estratégias de ocupação do espaço oferecido pela imprensa. O volume almeja representar a longa duração de vinte e nove anos — 1918-1947 — do periódico.

As ocorrências literárias e a conformação sistêmica, de acordo com a citação

e a menção em cada texto dos aspectos pesquisados, são assim dispostas: I) poetas; II) romancistas e prosadores; III) críticos; IV) filósofos e teóricos, V) grupos literários; VI) livros publicados pelos autores; VII) livros publicados por outros autores; VIII) editores e livreiros; IX) órgãos de cultura; X) imprensa; XI) jornalistas; XII) influências decisivas na formação intelectual; XIII) centros culturais; XIV) escolas, teorias e propostas; XV) nomes e obras de arte; XVI) formação literária; XVII) animador cultural e XVIII) vida literária. Há um índice de nomes mencionados na tese e uma antologia de textos para que se tenha à mão alguns exemplos da literatura publicada.

O jornal *O Imparcial* foi pesquisado no Setor de Periódicos Raros da Biblioteca Pública da Bahia, em Salvador. Essa biblioteca contém a coleção completa do periódico do início ao fim, salvo a falta de números e a mutilação pelo uso constante no decorrer desses oitenta e nove anos. Na Biblioteca Pública, o grande acervo de obras raras e antigas, aparentada da antiga e valiosa biblioteca perdida em 1912, me é muito útil na consulta de dicionários e coleções referentes à época. Outros locais de pesquisa foram a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que possui a coleção a partir de 1938; a Academia de Letras da Bahia, que mantém bibliotecas e documentos de autores do período; o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia; o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Outras instituições foram visitadas, oferecendo sua contribuição ao estudo e aos que se seguirão por meio do continuado trabalho com as fontes, como a Fundação Casa de Rui Barbosa, do Rio de Janeiro; Biblioteca Mário de Andrade, de São Paulo; as bibliotecas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o acervo da Oficina de Criação Literária Afrânio Coutinho e a biblioteca da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; em Portugal, Biblioteca Nacional de Lisboa, Biblioteca da Universidade de Coimbra, o acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de Coimbra, a Biblioteca da Casa de Cultura de Coimbra.

A partir da catalogação feita em cadernos e digitada nas tabelas dispostas nos anexos, recolhi os textos de literatura que compõem o *corpus* da tese. Esses textos foram fotografados em suporte digital e, depois, transcritos aqueles que compõem a antologia de literatura de jornal mencionada. Tanto na catalogação

como na antologia dos textos, a ortografia foi atualizada. Alguns nomes próprios e expressões da época foram mantidos por causa do reconhecimento que ainda inspiram nas comunidades baiana e brasileira. A tese leva em consideração todos os textos publicados no jornal e que puderam fazer parte da catalogação. No entanto, o recorte de acervo para a escrita dos capítulos trabalha com a 'Enquete *Bahia Intelectual*' (19 textos), organizada por Maria Dolores e textos de outras colunas: 'Semana Universitária' (1), 'Página Feminina' (1), 'Página Literária' (3), 'Pela ordem' (7), 'Página de Ala' (5), 'Crônicas do Rio' (4) e 'Vida Social' (1). Eu abordo textos de diversas partes do jornal, como no noticiário, crônica política e seções de humor do matutino: 15 textos de crítica, 7 notícias e 5 crônicas.

Por fim, esses são os procedimentos pelos quais se encaminha o texto que se vai ler a partir de agora. Se estive hipnotizado pelo sistema que me atrevo a dar forma, o que seria um demérito no rigor científico, há a renitente energia, talvez até messiânica, de defendê-lo enquanto linguagem.

2 PERSPECTIVAS E TEORIAS

2.1 “O Bombardeio da Bahia” e a estética da terra arrasada

Este texto intenta uma via de acesso que interliga a perspectiva cultural e a literária, nos moldes ventilados dentro das páginas dos jornais. Busco um princípio que encontra no longínquo ano de 1912 um marco desencadeador dos eventos de fundação de *O Imparcial* e das circunstâncias da sua atuação. Organizado como arma de combate intelectual contra as estratégias de entrada da República nos assuntos da Bahia, o diário de Lemos Brito arregimenta e dá visibilidade a um fenômeno comum tanto na política quanto na literatura, que denomino de estética da terra arrasada. Esse perfil estético está sintonizado com os modelos de Modernidade brasileira e Modernismo literário.

As estratégias de construção e reconstrução cultural modernos regularmente partem de um pressuposto de terra arrasada. Ela é o princípio do Modernismo, como a expressão de um dos seus maiores expoentes: T. S. Eliot. A euforia otimista do final do século, a *belle époque*, é substituída pelo desencanto de depois da I Guerra Mundial. Para Otto Maria Carpeaux, “esse pessimismo estava no ar quando Eliot escreveu *The Wast Land* [1922]. A guerra deixara a impressão duma catástrofe profundamente desmoralizada e muita gente preferiu, como mais verdadeira, a visão duma corrida para o fim.”⁷

Carpeaux caracteriza o poeta norte-americano de reacionário, portanto, excluindo o fim de suas pretensões. Isso significa que o Modernismo também não deixa de ser, pelo poema emblemático, expressão da passagem temporal, Modernidade, e literária, Modernismo, pelo efeito da acidez do arrasamento da terra. Há, no dizer do autor de *Livros na mesa*, uma orientação pela manutenção dos grandes códigos e cânones como saída para o desencanto e para o arrasamento moral similar à obscena imitação da paisagem lunar a partir da edificação das

7 CARPEAUX, Otto Maria. *As revoltas modernistas*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. p. 167.

incontáveis crateras em solo rural e urbano, como efeito de bombardeios.

Nesse sentido, da passagem do otimismo para o pessimismo na inauguração do século XX, forja-se a tradição da ruptura. Expressões intelectuais eufóricas e depressivas sempre aparecem na cena da cultura do Ocidente, então, o interesse volta-se para a banalização das duas estéticas e filosofias. Octavio Paz, ao questionar o modelo de poesia moderna na tradição sempre em falso, acaba produzindo o esquema da Modernidade: “Se a ruptura é destruição do vínculo que nos une ao passado,” tradição, agora, é a destruição de um modelo de escola literária para que outro tome seu lugar vigorosamente.

O modelo previa o primeiro passo de destruição e um segundo, de remoção dos detritos. Ao sintonizar as diversas atividades das Ciências Humanas com a Cultura, Michel de Certeau refere-se à operação historiográfica como “um imenso canteiro de obras”,⁸ onde o discurso “seria, finalmente, uma arte de discorrer que apagaria, pudicamente, os vestígios de um trabalho”.⁹ Martin Heidegger, em momento anterior, expõe sobre o modelo de pensar a ontologia, isto é, a própria essência da história, na qual é “necessário, então, que se abale a rigidez e o endurecimento de uma tradição petrificada e se removam os entulhos acumulados.”¹⁰ Note-se que os dois pensadores estão familiarizados com a rotina de trabalho da Modernidade: a estética do bota abaixo.

No entanto, firmados numa prática cotidiana crítica e dialética, mesmo no auge da Modernidade, os dois pensadores, ao observarem como se trata a historicidade e o trabalho historiográfico, são capazes de avançar do arrasamento para, em Heidegger, a “destruição positiva”, para que todas as tradições sejam válidas, não só as hegemônicas. Em Certeau, observa-se a inclusão do discurso pessoal do historiador, a limitação de onde se fala e a descoberta da história como uma literatura. Os dois teóricos estão cientes de que, na Modernidade, somente a partir da instalação da planície cultural, após a remoção de obstáculos, pode-se estabelecer um outro cânone literário, historiográfico ou filosófico.

8 CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: _____. *A escrita da história*. 2. ed. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 78.

9 Id. *Ibid.*

10 HEIDEGGER. *Ser e tempo*. 12. ed. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002. v. I, p. 51.

Do mesmo modo surgida no momento da chegada da Modernidade cultural e do Modernismo literário, a República não vê com bons olhos as emissões de prestígio provindas de uma Bahia construída a partir da forma de governo monarquista que substituiu. Isso, para os baianos, é duplamente problemático, porque eles se revestem de autoridade tanto na Colônia quanto no Império. Dois aspectos são propícios para uma visão positiva em relação à fase colonial do País: ser capital e o aparecimento da imprensa em Salvador. O primeiro diz respeito ao *status* de sede do governo colonial, o que providencia um relativo apogeu, difícil de ser compreendido pelos historiadores do período estudado.

A observação sincera de José Veríssimo estabelece o tom, consagrado nas narrativas historiográficas posteriores, da fala sobre a literatura baiana proferida por historiador do centro do cânone da República. Veríssimo é uma unanimidade intelectual, sendo membro ativo de todas as instituições prestigiosas do centro. Abaixo está o comentário sobre a literatura na sede da colônia portuguesa:

Nesse momento também, a cidade do Salvador e a sua comarca, berço da civilização brasileira, pátria e domicílio desses poetas, crescera e se desenvolvera, avantajando-se a todos os respeitos aos demais centros de população da colônia. A crer os cronistas coevos, propensos aliás todos, pois que o hiperbólico e o pomposo estavam na feição do tempo, ao exagero, era a cidade, desde o primeiro século da sua fundação, uma povoação adiantada, de muita comodidade e riqueza. 'A Bahia é a cidade de El-Rei do Brasil' — escrevia o padre Fernão Cardim, já em 1585.¹¹

O modelo crítico de Veríssimo pressupõe uma evolução, por isso, é incomum a seu discurso, e incoerente no seu desenvolvimento histórico, que esteja tão longe no passado algum tipo de aperfeiçoamento. Assim, ele reprova o testemunho dos cronistas ao elogiarem a cidade. Também não menciona sobre uma importante capital de seu tempo, mas uma sede provincial. Contudo, a excelência dos poetas e prosadores ali encontrados torna-se um mistério para sua argumentação, a exemplo de Gregório de Matos, Antônio Vieira e Manuel Botelho de Oliveira. Apesar das reservas, ele não consegue partir da exposição sobre os poetas sem dar uma

11 VERÍSSIMO, José. O grupo baiano. In: _____. *História da literatura brasileira*. 4. ed. Brasília: Editora da Unb, 1963. p. 57-8. (Col. Biblioteca Básica Brasileira, 3).

valorização à capital da Bahia e do Brasil no século XVII. Justificadamente, há uma proeminência em determinada época que os escritores locais pretendem manter em suas produções intelectuais do início do século XX.

O outro ponto diz respeito ao aparecimento da imprensa na cidade baiana. No século XIX, uma década antes da Independência, o jornal *Idade do Ouro no Brasil*,¹² um dos primeiros jornais brasileiros, nasce pelo desejo de uma permanência de domínio português no Brasil. Ele é festejado por pesquisadores e jornalistas locais,¹³ no entanto, divulga idéias lusitanas, o que provoca a hostilidade dos leitores do Rio de Janeiro, a essa altura, contagiados pelas idéias nacionalistas. Segundo Nelson Werneck Sodré,

Esse órgão do pior oficialismo durou até 24 de junho de 1823, naufragando com a derrota do general Madeira e a expulsão das forças portuguesas da Bahia. Por doze anos, coerentemente, sustentou a posição defendida pelos dominadores lusos. Chegou a ser tão odiado por isso que o livreiro Paul Martins, seu agente no Rio, desistiu de vendê-lo, restituindo a importância das assinaturas recebidas.¹⁴

A tendência da imprensa baiana pró-lusitanos não é mérito apenas de *Idade do Ouro no Brasil*. O autor da *História da imprensa no Brasil* é obrigado a refazer caminho que passasse pela antiga cidade de *El-Rei*:

Sob a sua férula, apareceram, em 1821, antes que o movimento portuense dispusesse sobre a liberdade de imprensa e, portanto, integrando a imprensa áulica, o *Semanário Cívico*, que começou a circular, na Bahia, a

12 Segundo Nelson Werneck Sodré: "Depois da *Gazeta do Rio de Janeiro*, de 1808, surgiu na antiga capital colonial, a Bahia, a segunda cidade brasileira, a *Idade de Ouro do Brasil*, título sintomático de folha de formato in 4º., quatro páginas, circulando às terças e sextas-feiras, ao preço de 60 réis o exemplar e 8\$000 a assinatura anual. Era impressa na oficina de Silva Serva, escrita pelos portugueses bacharel Diogo Soares da Silva e padre Inácio José de Macedo, tendo aparecido o primeiro número a 14 de maio de 1811, trazendo como epígrafe os versos de Sá de Miranda: 'Falai em tudo verdades/ a quem em tudo as deveis'. Fora lançado sob os auspícios do conde dos Arcos, que traçou as regras a que o periódico deveria obedecer, apresentando 'as notícias políticas sempre de maneira mais singela, anunciando simplesmente os fatos, sem interpor quaisquer reflexões que tendessem diretamente ou indiretamente a dar qualquer inflexão à opinião.'" SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 29.

13 MORAES, Walfrido. *Simões Filho: o jornalista de combate e o tribuno das multidões*. Bahia: [s/n], 1997. p. 76.

14 SODRÉ. 1999, p. 30.

1º de março daquele ano, fundado e dirigido pelo comerciante luso José da Silva Maia, fazendo coro com a *Idade de Ouro do Brasil* e merecendo o apelido de 'semanário cínico' que lhe puseram os baianos; (...).¹⁵

Uma vez bafejados pelos ventos da Independência, não é preciso lembrar a forma vigorosa como os baianos combatem a permanência portuguesa e o esforço para consolidar o reinado de Pedro I.¹⁶ No Império, faz parte da memória cultural enraizada ter sido um dos poucos estados da Federação a derramar sangue pela autonomia do País, em 1822 e 1823. De fato, até a contemporaneidade, as festividades de 7 de setembro e, com cunho mais expressivo, de 2 de julho, têm significado particular para a região. A observação das condições culturais locais permite ver-se os motivos da antipatia da República para com a Bahia, no que tange aos aspectos bélicos, políticos e intelectuais, pelo menos nas suas versões mais canônicas — Modernidade e Modernismo.

No seu projeto de consagração e estabilização, a República não lucra com o destaque dado a quem vive, de alguma forma, de uma memória de apogeu de passado distante. As homilias de Antônio Conselheiro, concepções pessoais ou de grupo reduzido, profetizando o retorno da Monarquia, tomam uma feição estadual para o resto do País, que recebe irradiação do Rio de Janeiro.

Se, na prática, a Bahia tenta modernizar-se, para a ideologia republicana e suas bases intelectuais, ela representaria o mal arcaico que precisa ser extirpado. De lá vêm as manifestações mais poderosas e violentas do coronelismo, e que iriam permanecer até o advento da década de 1940, apesar de todos os esforços de contenção. Além de se constituírem em Estado dentro do Estado, os poderes dos coronéis têm, devido à sua influência, de ser aceitos e negociados como força plausível, o que vai terminantemente contra os modelos de administração centralista republicana (em minha opinião, democracia ainda é uma palavra fugidia nesse período brasileiro). A questão é que a força das armas, nesse momento, não tem muita serventia. Se, anos atrás, quase não surte efeito contra fanáticos

¹⁵ SODRÉ, 1999, p. 49.

¹⁶ Na literatura, o romance *Viva o povo brasileiro*, do escritor baiano João Ubaldo Ribeiro, cujo mérito é dar destaque às minorias negras e indígenas dentro do episódio histórico, aborda de maneira aprofundada e crítica o momento independentista baiano.

conselheiristas, como haveria de ser contra exércitos particulares experimentados.

Procuro, a partir de agora, explicar a importância do ano de 1912 para a minha argumentação a respeito da estética da terra arrasada. Devido a problemas de administração da gestão de J. J. Seabra, ocorre o bombardeio de Salvador:

Até aquele momento os projetos de Modernidade e de Estado forte, defendidos pela República, praticamente não haviam chegado à Bahia. As lutas regionais pelo poder oligárquico, que eram até então decididas com relativa autonomia, foram levadas a enfrentar a intromissão da política federal nas questões locais. Os grupos oligárquicos, mesmo que anteriormente antagônicos, se articularam e tentaram impedir a novidade. Mas a reação do governo federal foi tão arrasadora quanto o bombardeio de Salvador, por ele patrocinado em 10 de janeiro de 1912. Em meio às muitas pressões, Araújo Pinho já havia renunciado no final de 1911, que não completou seu mandato. Assumiria o governo do Estado José Joaquim Seabra, fortemente apoiado e aliado do governo do Rio de Janeiro, e portanto favorável à submissão das oligarquias assim como às reformas modernizadoras.

Sugerimos que naquele ambiente histórico, finalmente em 1912, começava a República na Bahia. Até então, embora envolvida nas questões da política republicana nacional, a Bahia não havia presenciado, dentro de seu território e base política regional, nenhuma disputa que envolvesse o confronto direto entre as forças que apoiaram o nascimento do regime e aquelas que representavam o poder da aristocracia secular.¹⁷

O historiador afirma que a chegada da República é marcada pelo cartão de visitas indigesto para as pretensões baianas, como se já não tivesse ocorrido sobre a sua jurisdição tantos outros eventos de caráter arrasador e violento. O bombardeio destrói o Palácio do Governo, o belo prédio colonial (restaurado), hoje Câmara dos Vereadores, e a Biblioteca Pública, um tesouro cultural. Em grande estilo, a República pratica a estratégia moderna da terra arrasada. Esquecidos por Matta, os acontecimentos da Guerra de Canudos demonstram, primeiro, como o governo trata as dissidências internas. Significa que o ano de 1912 não me parece um ponto de

17 MATTA, Alfredo Eurico R. Governadores e interventores da Bahia republicana de 1889 a 1912 – sobrevivência da monarquia. Disponível em <http://www.matta.pro.br/pdf/prod_his_atarde2.pdf> Acesso em 22 set. 2006. Outra explicação está em CARVALHO Filho, Aloysio de. Jornalismo na Bahia – 1875-1960. In: TAVARES, Luís Guilherme Pontes (org.). *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. Salvador: Academia de Letras da Bahia e Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2005. p. 70-72.

partida, mas uma estratégia comum de política e administração central. Por outro lado, o que é positivo para o historiador — o começo do fim do coronelismo — ainda precisa dos acontecimentos do distante 1930 para, na prática, iniciar a sua decadência.

O choque causado pelo Bombardeio deflagra, se muito, a República na Bahia como quer Alfredo Matta, a alternativa de Modernidade disponível nos setores culturais da Nação: botar abaixo¹⁸ e erigir outro edifício cultural. Há uma razoável bibliografia¹⁹ que se refere à necessidade e reivindicação por melhores condições urbanas e democracia mais aperfeiçoada. O que significa a modernização pela terra arrasada no espaço público e político, na literatura, tem seu símile no Modernismo que veio também uma década depois com a Semana de 1922, cuja força coincide com um novo momento político, o Tenentismo. Novamente, os ventos renovadores da literatura também são contra a expectativa cultural da região.

Em literatura, o modelo de progresso em linearidade temporal orienta e pratica um pressuposto de substituição em que o antigo é destruído pelo novo. Nessas circunstâncias, nunca se prevê a convivência entre os diversos discursos. A permanência submissa ou não das vozes conflitantes constitui o diálogo, que é como se pode realizar uma avaliação dos ganhos e das perdas do movimento anterior.

A estratégia de bota abaixo dos jovens modernistas de 1922, tão positiva por ter renovado o ambiente literário e artístico brasileiro, aconselha e promove a destruição dos ganhos do movimento anterior, deixando projetos inacabados, contribuições obscurecidas e nomes importantes de fora, quando olhados através das histórias da literatura que vêm depois do Modernismo. O prejuízo à literatura parnasiana, a nomes como Coelho Neto e a literaturas regionais, como a baiana do período, ainda está sendo estudado, com vistas a uma recuperação. Se a literatura brasileira posiciona-se solidamente na Modernidade, a produção vinda com ela é amesquinhada pelas estratégias de consagração.

18 O crítico Brito Broca oferece uma explicação detalhada do trabalho de renovação da cidade do Rio de Janeiro em 1904 pelo prefeito Pereira Passos, que passou para a posteridade como *O bota abaixo*. BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil: 1900*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio/Academia Brasileira de Letras, 2000. p. 353-357.

19 PANG, 1979. e outros.

Finalmente, o que é uma 'obra de valor' em história? Aquela que é reconhecida como tal pelos pares. Aquela que pode ser situada num conjunto operatório. Aquela que representa um progresso com relação ao estatuto dos 'objetos' e dos métodos históricos e que, ligada ao meio no qual se elaborou, torna possíveis, por sua vez, novas pesquisas. [...] Como o veículo saído de uma fábrica, o estudo histórico está muito mais ligado ao *complexo* de uma fabricação específica e coletiva do que ao estatuto de efeito de uma filosofia pessoal e à ressurgência de uma 'realidade' passada. É o *produto* de um *lugar*.²⁰

O alerta de Certeau sobre o sentido de uma operação historiográfica questiona a verdade estabelecida através das provas documentais e de fontes. Para ele, há nesse entremeio a preponderância dos interesses. Um estudo deve providenciar e motivar outros estudos. Intelectual e até historicamente, isso vai de encontro ao estatuto cultural da terra arrasada. Ao contrário, a operação historiográfica deve seguir pelo interesse de fazer surgir as possibilidades de estudo que expliquem o fenômeno e motivem o aprofundamento em relação ao que vem a ser coletiva ou contemporaneamente aquela realidade.

Se o historiador, efusivamente moderno, segue a linha da hermenêutica da terra arrasada, nada fica além de uma amarga limitação do real, ou a ficção de que ali mesmo se termina o fenômeno. De fato, correndo à revelia dessa modernização pelo bota abaixo cultural e intelectual, o que é a Bahia segue até os dias desta pesquisa, até mesmo impassível ao reclame raivoso e inócuo das monografias sobre si.

O mal estar agora se inflama pelo aparecimento dos gabinetes de pesquisa, não compreendendo o lucrativo fortalecer de seus quadros de estudos e indo por um caminho vencedor, mas duplamente problemático: a) multiplicar o discurso negativo da Modernidade, afigurado na estética da terra arrasada; e b) perceber que o caminho escolhido não consegue desvendar, quiçá abalar, assim como a República em relação às oligarquias coronelistas da primeira metade do século vinte, as derivações e mutações do formato cultural oligárquico no início do século vinte e um.

20 CERTEAU, 2002. p. 72-3.

Antes de abordar essa linha de reflexão na literatura de jornal, gostaria de acrescentar que o hábito republicano de administrar com a fôrula da terra arrasada, pelo menos desde a Guerra de Canudos, contribui para as migrações ao sudeste do Brasil, beneficiando-o com a imagem de incompetência e banditismo das terras nordestinas. Todos esses acontecimentos reforçam a idéia de um centro civilizado, justo e acolhedor e uma Bahia atrasada e violenta, sem deixar de admitir que tenha raízes coronelistas. É a partir dessa ambiência hermenêutica que se vai enfrentar o estudo da literatura de jornal em *O Imparcial*, de modo a construir uma história da literatura que desloca algumas das idéias intelectuais vencedoras e privilegia o aparecimento das identidades e aspirações entrecortadas pelos estereótipos políticos e acadêmicos.

2.2 Jornal como *rast*ro para a abertura da cotidianidade

O peculiar papel, comumente chamado de papel de imprensa, exposto à tinta negra, formando o que Alberto Dines chama de “tripé papel-chumbo-tinta”,²¹ tem a expectativa de resistência e durabilidade do único dia em que sai às mãos do leitor até ser substituído por outro similar no dia seguinte. No dia em que é impresso, começa uma batalha pela permanência. Um dos primeiros vestígios dessa vontade está na tinta que impregna as mãos do seu possuidor, do mesmo modo que as idéias na imaginação e na memória.

Os locais onde os jornais podem permanecer são três: as coleções de alguns leitores, os arquivos de reserva dos jornais e os arquivos públicos das bibliotecas e instituições públicas de guarda e conservação. As coleções de alguns leitores: nem todos os leitores guardam ou têm onde guardar as folhas compridas dos cadernos periódicos. Os arquivos de reserva do próprio jornal que o imprime: jornais como *A Tarde*, de Salvador e *Folha do Norte*, de Feira de Santana, na Bahia, mantêm arquivos mais ou menos completos de suas publicações. No entanto, o cotidiano desaparecimento de periódicos por destruição política — ‘empastelamento’ — ou

21 DINES, Alberto. *O papel do jornal: uma releitura*. 5. ed. São Paulo: Summus, 1986. p. 37.

apropriação, acaba diminuindo a possibilidade de guarda de jornais em arquivo próprio.

O esforço de matutinos para completar coleções desaparecidas está infelizmente relacionado a dissabores políticos do passado. Somente aqueles que sobrevivem às situações de revés governamentais, no Brasil, conseguem manter razoavelmente um arquivo de suas publicações, provando que a informação de massa sempre é um lugar estratégico para a virada e a manutenção de formas de poder, pela democracia, ou de mando, pela força do coronelismo, do golpe etc.

Jornais da importância de *A Tarde* (1912), no qual o trabalho editorial de quase um século se confunde com a história da Bahia, dispõem de pesquisas e recursos para encontrar números perdidos ou extraviados de suas publicações. Esse esforço está articulado ao fato de o jornal seguir funcionando até hoje. Outros, por motivos entre tantos, pelos quais se podem determinar o fim de veículo de comunicação impressa, não têm o mesmo destino (ou a mesma competência), constituindo-se em verdadeiros enigmas e/ou motivos da existência das áreas de estudo de periódicos.

As publicações diárias sobrevivem à medida que estão do lado político e econômico favorável. Os jornais em destaque neste estudo, de certa forma, aparecem na oposição política nos anos de 1918 ao final da década de 1940. O *Imparcial*, por exemplo, está ao lado do interventor Landolfo Alves.²² Depois, ou antes, é sempre combativo das forças governamentais até quando deixa de circular. Nos últimos anos da década de 1940 ocorre, não por coincidência, a acomodação das reivindicações das décadas anteriores.

O terceiro local de permanência do jornal são arquivos públicos das bibliotecas e instituições de guarda e conservação. Há a dificuldade de compreensão de estudo, dada a estrutura física das publicações dos diários, a pouca importância para as instituições de guarda da memória cultural. Diariamente, páginas de jornais decisivos para o entendimento do histórico e do literário do País ou da região em estudo desaparecem dos últimos lugares de guarda: os arquivos

²² Landolfo Alves foi interventor federal da Bahia, nomeado por Getúlio Vargas, durante os anos 1940.

públicos. É o manuseio cotidiano, nas condições econômicas aquém da época tecnológica na qual vivemos, que contribui para o desaparecimento dessa memória constituída de manchetes e artigos de fundo.²³

O jornal pertence à categoria dos objetos culturais que constituem a tradição. Em suas linhas, descontados todos os cuidados com as forças ideológicas, há uma resenha (*raconte*) do presente, uma análise do tempo, um ensaio sobre o passado e uma configuração e defesa de uma versão do futuro. O que o filósofo Martin Heidegger chama de tradição inautêntica, em seu trabalho de soterramento da *abertura* com objetos e símbolos de cultura, é representada nos jornais de maneira hiperbólica. Vale a pena sua afirmativa:

A tradição assim predominante tende a tornar tão pouco acessível o que ela 'lega' que, na maioria das vezes e em primeira aproximação, o encobre e esconde. Entrega o que é legado à responsabilidade da evidência, obstruindo, assim, a passagem para as 'fontes' originais, de onde as categorias e os conceitos tradicionais foram hauridos, em parte de maneira autêntica e legítima.²⁴

No parágrafo 71, do segundo volume de *Ser e Tempo*, o filósofo reflete sobre “o sentido temporal da cotidianidade da pre-sença” (ou, como deseja Benedito Nunes, *Da Sein*). Para o pensador, “chamamos de cotidianidade o modo de ser em que a pre-sença de início e, na maior parte das vezes, se mantém.”²⁵ A característica de estar constantemente em cotidianidade, como ele próprio diz, “todos os dias”, tanto ou mais do que no calendário, mas numa espécie de tempo psicológico, no qual, aí, nota-se que se está no cotidiano. Expressões corriqueiras, como “de início” e “na maioria das vezes”, são anexadas ao argumento filosófico:

No decorrer das análises precedentes, com freqüência nos valem da

23 Enquanto países como a França possibilitam a manipulação digitalizada de numerosos arquivos raros e periódicos, continuamos (quando encontramos) folheando frágeis papéis de um século ou mais.

24 HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. 12. ed. Tradução por Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 50. 2 v. 1 v.

25 Id. v. 2, p. 172.

expressão 'de início e na maior parte das vezes'. 'De início' significa o modo em que a pre-sença 'se revela' na convivência da public-idade, mesmo que, existencialmente, ela tenha 'no fundo' superado a cotidianidade. 'Na maior parte das vezes' significa o modo em que a pre-sença nem sempre mas 'via de regra', se mostra para todo mundo.²⁶

A maneira de estar publicada, posta em condições de “se mostrar para todo mundo” que significa a percepção da *Da Sein* é, em sentido amplo, a própria deflagração positiva ou negativa da cultura, sendo sua depositária, a longo prazo, a tradição. Pouco visível na atuação da cotidianidade — palavra que porta, como deseja Heidegger, a *Da Sein* em seus “dias de vida” —, tal tradição deve ser guardada (cuidada — cura) por aqueles que são capazes de perceber a importância da sua *abertura*. O que Heidegger diz mais à frente significa um aviso aos “curadores”: “Todavia, esses múltiplos caracteres da cotidianidade não caracterizam, de forma alguma, um mero 'aspecto' da pre-sença, quando se 'olha' 'impessoalmente' para o fazer e o empreender do homem.”²⁷

O que torna dramática a percepção, se não da própria cotidianidade, é o fato de que ela constitui-se de ações (por isso cultura) antes realizadas do que julgadas. Mesmo com todo planejamento anterior e avaliação posterior estamos à mercê do cotidiano como um ato insano enquanto ordenação histórica, e aceitável enquanto vivência “minuto a minuto”. O projeto de acumulação cultural parte da descoberta de que não conseguimos ver senão a contingência irregular e incompleta da realidade. O mal-estar do soterramento da cotidianidade é caracterizado como “estupidez”, por Heidegger:

Na cotidianidade, a pre-sença pode 'sofrer' de estupidez, pode mergulhar na sua estupidez ou dela escapar, buscando uma nova dispersão para fazer frente à dispersão nos negócios e tarefas. Mas a existência também pode amestrar, embora nunca apagar, o cotidiano no in-stante e, sem dúvida, apenas 'pelo in-stante'.²⁸

26 HEIDEGGER, 2002, v. 2, p. 173.

27 Id. p. 173-4.

28 Id. p. 174.

O desenvolvimento do seu pensar numa linguagem, no mínimo, hermética e, no máximo, poética, pode vir da desconfiança mais radical de que até mesmo a língua seja suspeita para conceber as idéias (um limite egocêntrico). Heidegger dispõe, então, de “tradição-cotidiano-tempo-história” para interpelar os objetos culturais: a “dispersão nos negócios e tarefas”. Entre tais objetos, está o jornal. Assertivas heideggerianas assentam no fato de que, “amarrado” ao compromisso com o cotidiano, o jornal está sustentado num tempo híbrido de hoje em ontem e no amanhã, representado em linguagem matemática, visuais, objetivas e literárias, o que significa o uso de metáforas, metonímias, catacreses e funções de linguagem como a fática.

Os periódicos, vistos por um olhar fora das temporalidades previstas, imprimem a “estupidez” das defesas de heróis que serão condenados pelo presente de agora, ou a “dispersão” da estupidez nos acertos, ao se posicionar contra ditaduras, repressões. Seja qual for a alternativa de tarefas, perceptíveis no jornal, avaliadas de inúmeras maneiras, o ponto de partida é manuseá-lo como pertencente a uma cotidianidade própria.

Paráfrase, resenha e ensaio são exaustivamente exercidos em maçudas publicações diárias. Seja como discurso relegado pela seleção canônica, cuja visão destitui o jornal das categorias de guarda do diminuto e raro tesouro da cultura, eleitos que são o livro e o museu; nesse ponto de vista, com a competência de portar o cotidiano cultural de onde se selecionam os textos consagrados, os cadernos jornalísticos podem mostrar o método canônico e os motivos do abandono de obras e autores possivelmente tão talentosos quanto os eleitos. Na condição de agente da tradição, porque pelo jornal também se dissemina a idéia de tradição e seus escolhidos, talvez se explique por que autores são verdadeiras celebridades em determinada época e incógnitos absolutos em outra.

Cessa a energia de certa tradição (investimento de forças para iluminação de determinadas obras e as mesmas forças investidas para encobrir outras). Ela põe um requintado sistema — objetos culturais em rede — a serviço de uma causa. O jornal expõe uma riqueza de conhecimento a ser interpretado seja qual for o viés de interpelação. Nele está o que Heidegger denomina de rastro, cujo limite é

extrapolado nas investigações de Paul Ricoeur:

A noção de *rastro* constitui um novo *conector* entre as perspectivas sobre o tempo que o pensamento especulativo dissocia sob o aguilhão da fenomenologia, principalmente heideggeriana. Um novo conector: talvez o último conector. A noção de rastro, com efeito, só se torna pensável se conseguirmos nela discernir o requisito de todas as *produções* da prática historiadora, que replicam às aporias do tempo para a especulação.

Para mostrar que o rastro é esse requisito para a *prática* historiadora, basta seguir o processo de pensamento que, partindo da noção de arquivos, depara com a de documento (e, dentre os documentos, com a de testemunho) e, daí, remonta ao seu pressuposto epistemológico último: o rastro, precisamente. É desse requisito que a reflexão sobre a *consciência* histórica tornará a partir a sua investigação de segundo grau.²⁹

Pelo que se nota, as intenções de pesquisa abarcadas pelo estudo de um jornal como *O Imparcial*, qual sejam o arquivo, o documento e seu rastro, prescindem de uma veiculação de ideologia, tanto para conservar o que se perde ou se vem a perder, ou as intenções boas ou más dessa conservação. Logo adiante, o autor de *Metáfora viva* descobre, mesmo que não seja a sua veia de investigação, que dentre os conceitos bem-intencionados de arquivo, documento e preservação, há muito conteúdo para uma sociologia das idéias:

Uma sociologia pode legitimamente enxertar-se nesse caráter institucional para denunciar, se preciso for, o caráter *ideológico* da discriminação que preside a operação aparentemente inocente da conservação dos documentos e que revela a finalidade confessa dessa operação.³⁰

Distante dessa tentação pela sociologia, que sua nomenclatura de hermeneuta não o deixa passar em branco, as pretensões desalojam um limite imposto à reflexão sobre a temporalidade, que encontra dois limites entre um tempo mítico e outro vulgar, de princípios fenomenológicos. O pensador francês defende que é decisivo o conceito de documento e a crença na sua imutabilidade, para a

29 RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997. p. 197. 3 v. v. 3.

30 Id. p. 197.

condução da pesquisa bem-intencionada:

A crítica da noção de documento pode ser levada a vários níveis de profundidade. Num nível epistemológico elementar, tornou-se banal ressaltar que qualquer rastro deixado pelo passado se torna um documento para o historiador, desde que ele saiba interrogar seus vestígios e questioná-los. Nesse aspecto, os mais preciosos são os que não estavam destinados à nossa informação. O que guia o interrogatório do historiador é a própria temática escolhida por ele para guiar a sua pesquisa. Essa primeira abordagem da noção de documento não cessou de anexar zonas de informação cada vez mais distantes da espécie de documento conservados em função de sua suspeita utilidade. É documento tudo o que pode informar um pesquisador cuja investigação é orientada por uma escolha razoável de questões. Essa crítica de primeiro nível casa bem com a noção de testemunho involuntário — os 'testemunhos contra a vontade' de Marc Bloch. Ela não põe em questão o estatuto epistemológico do documento, mas amplia o seu campo.³¹

Nesse ponto, a anatomia do rastro torna-se a obsessão do hermenauta, intuindo aí um dos mecanismos de quebra de limiares, ou descoberta de aporias. O estudioso francês sempre se orgulha de constituir as fronteiras e os limites, sempre muito temerários, como diz Franco Moretti,³² para os seus locais de pesquisa e investigação. A contribuição de Heidegger, dentro desse entendimento da história entre a fenomenologia e a hermenêutica, das quais Ricoeur não pôde escapar, é a percepção da cotidianidade entre as práticas humanas e utilitárias. Aí permanece a perspectiva do rastro como mais uma via de temporalidade.

Nessa altura, o estudioso denuncia um limite grave no procedimento do historiador no tocante ao rastro:

O historiador limita-se a essa pré-compreensão familiar à linguagem ordinária, em J. L. Austin via, com razão, o tesouro das expressões apropriadas. Mais precisamente, o historiador pára a meio caminho entre a definição inicial do rastro e a sua extensão a uma coisa. Os homens do passado é que deixaram vestígios; mas são também os produtos de sua atividade, de suas obras, logo, das coisas que Heidegger diria dadas e manejáveis (ferramentas, casas, templos, sepulturas, escritos), que

31 RICOEUR, 1997, p. 198.

32 MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu: 1800-1900*. Tradução de Sandra Gardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2003. p. 56.

deixaram uma marca. Nesse sentido, ter passado por ali e ter posto uma marca se equivalem: a passagem diz melhor a dinâmica do rastro, a marcação diz melhor a sua estática.³³

Entre as muitas contribuições, evidências fixadoras de rastros passíveis de uma investigação, está o jornal. Em soterramento ou disseminação, no jornal, há vestígios até o cotidiano da cultura. As possibilidades de exame da tradição construída, examinando as suas “âncoras” de aporte, experimentam olhares historiográficos da literatura propositalmente colocados na penumbra.

2.3 Leitura, literatura e ação literária

A leitura é uma área de estudo da literatura que perpassa todo o sistema e ainda se constitui numa ponte de ligação com outros sistemas da cultura letrada. Proponho neste trabalho que a mecânica da leitura, ou seu papel de ferramenta para o acesso aos artefatos fabricados pelas individualidades criativas, torna-se de vital importância para a localização do sistema em que o leitor está inserido. Localizar é o mesmo que perceber as projeções do sistema num imaginado ecrã tridimensional: estético, temporal e ideológico. Quanto mais o indivíduo desconhece o seu papel dentro do sistema de literatura (nenhum participante de uma comunidade está excluído; atua como produtor, tema, receptor, editor, etc.), mais está impedido de perceber as influências de poder do mesmo (ou interferir na sua avaliação).

Interessado nas nuances e diferenças processadas na atuação do livro dentro de uma comunidade, Roger Chartier percebe movimentos subjetivos e relações contraditórias. Os índices de dinamismo e influência dentro de um contexto parecem-lhe apresentar-se controlados pelos seus partícipes:

Tais relações são caracterizadas por um movimento contraditório. Por um

³³ RICOEUR, 1997, p. 201.

lado, cada leitor é confrontado por todo um conjunto de constrangimento e regras. O autor, o livreiro-editor, o comentador, o censor, todos pensam em controlar mais de perto a produção do sentido, fazendo com que os textos escritos, publicados, glosados ou autorizados por eles sejam compreendidos, sem qualquer variação possível, à luz de sua vontade prescritiva. **Por outro lado, a leitura é, por definição, rebelde e vadia.** Os artifícios de que lançam mão os leitores para obter livros proibidos, ler nas entrelinhas, e subverter as lições impostas são infinitas.³⁴

Resta saber em que medida todos os envolvidos no processo têm consciência do que domina e do que burla, na ação de leitura. Para Chartier, há dois movimentos, um de controle e normatização e outro de rebeldia e “vadiagem”, que podemos pensar como insolência. Tais movimentos e influxos, quando percebidos pelo estudioso como uma dinâmica, não deixam de ser a descrição de um sistema cuja direção muitas vezes contesta um esforço de permanência de códigos e hábitos relacionados à leitura ou ao livro. Focado no ato de ler, a sentença expressa pelo estudioso francês deseja compreender as nuances da leitura no processo mais amplo, mas também como uma atividade inteiriça em si mesma e capaz de ser identificada pelos seus sintomas.

É o que ele denomina de Ordem dos Livros ou, pelo viés da identificação das palavras impressas no papel e suas conseqüências proveitosas ou nefastas, mais uma denominação para o sistema da leitura:

A ordem dos livros tem também um outro sentido. Manuscritos ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser revestidos e as apropriações às quais são suscetíveis. As obras, os discursos, só existem quando se tornam realidades físicas, inscritas sobre as páginas de um livro, transmitidas por uma voz que lê ou narra, declamadas num palco de teatro. **Compreender os princípios que governam a 'ordem do discurso' pressupõe decifrar, com todo o rigor, aqueles outros que fundamentam os processos de produção, de comunicação e de recepção dos livros (e de outros objetos que veiculem o escrito). Mais do que nunca, historiadores de obras literárias e historiadores das práticas e partilhas culturais têm**

34 CHARTIER, Roger. A ordem dos livros. In: _____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVII*. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Editora Unb, 1999, p. 7. Grifo do autor.

consciência dos efeitos produzidos pelas formas materiais. No caso do livro, elas constituem uma ordem singular, totalmente distinta de outros registros de transmissão tanto de obras canônicas quanto de textos vulgares. Daí, então, a atenção dispensada, mesmo que discreta, aos dispositivos técnicos, visuais e físicos que organizam a leitura quando ele se torna um livro.³⁵

A compreensão da materialidade que acaba formatando (numa prática cotidiana pertinazmente dinamizada e atualizada) o objeto livro, cuja urgência muito mais do que a importância, forma historiadores e mobiliza recursos e esforços, nada mais seria do que a percepção do sistema da literatura — área de estudo da cultura. Tanto a chamada para a urgência do conhecimento íntimo dessa materialidade, como reflexões mais ou menos coerentes sobre o tema são impressos nas páginas do jornal, cujos recortes são comentados a seguir.

Um importante aspecto do sistema de literatura é a leitura, ainda mais quando relacionada à alfabetização — uma ferramenta de acesso ao sistema — e ao leitor — o elemento para o qual a máquina sistêmica funciona. Ele é a possibilidade antropológica (o ser) da cultura na sua aparência literária. A leitura dá oportunidade de o receptor posicionar o sistema pelo reflexo, podendo avaliar o seu papel, a sua participação e até quanto está sendo ficcionalizado no movimento sistêmico. Isso ocorre quando um poeta ou um romancista transpõe para a narrativa a vida de outro. Seria uma questão ética que esse ficcionalizado pudesse emitir o seu parecer sobre si na narrativa, no sistema. Quando um indivíduo ou uma classe não consegue perceber o reflexo, então o sistema literário pode tornar-se um discurso, uma ideologia, uma forma de captura. Ou o que S. Schmidt chama de “terrorismo da verdade e do saber.”³⁶

Heidrun K. Olinto, introdutora das idéias de S. Schmidt sobre uma ciência da

35 CHARTIER, 1999, p. 8. Grifo nosso.

36 A citação completa do fragmento de Siegfried J. Schmidt diz respeito aos valores e postulados normativos pretendidos pela Ciência da Literatura Empírica, os quais são 'esclarecimento', 'solidariedade' e 'cooperação'. Sobre 'solidariedade', afirma que a sua ciência tende a agir “no sentido da diminuição da dominação do homem sobre o homem, da diminuição da intolerância, do terrorismo do conhecimento e da verdade.” SCHMIDT, Siegfried J. A ciência da literatura empírica: um novo paradigma. In: OLINTO, Heidrun Krieger. (sel., trad. e apres.). *Ciência da literatura empírica: uma alternativa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989. p 43. (Biblioteca Tempo Brasileiro, 86, série Estudos Alemães).

literatura construtivista, em que uma das dimensões influentes é a história da literatura construtivista, apresenta uma série de aspectos sobre essa rigorosa e polêmica teoria da literatura. Uma das atitudes mais contestadas diz respeito ao fato de que há uma tendência, no estudo da literatura, de ser ambígua e pouco dada ao rigor da reflexão científica. Ela chega a denominar de posturas pseudo-científicas. Outro tema que alimenta as reuniões de especialistas é o próprio caráter de ciência para o estudo literário. Existem modelos de trabalho cotidiano com o uso de ferramentas e parâmetros matemáticos, gráficos e estatísticas para a manipulação de dados objetivos. A pesquisadora explica que a teoria construída em torno de Schmidt está montada a partir das idéias da ciência do sujeito de Humberto Maturana, das diversas ciências de Wilhelm Dilthey e do construtivismo de Peter Finke.

Em “A teoria na prática é outra?”, H. Olinto oferece a ponte de articulação entre as posições de leitura marcadas dentro do jornal e a construção de uma história da literatura nos perfis explicitados até aqui: “O modelo unilateral da teoria da literatura privilegiando processos produtivos já tinha sido contestado pela Estética da Recepção ao atribuir ao leitor uma função básica na constituição do significado textual.”³⁷ O leitor conquista um lugar privilegiado na engrenagem do sistema e provoca a urgência de uma série de mudanças metodológicas na feitura e fatura da historiografia da literatura.

Nesse caso, postulação do leitor, da teoria de H. R. Jauss e W. Iser, antropológica do ser, de Heidegger, e a ciência centrada no sujeito, de Maturana a Schmidt, não são somente pressupostos teóricos que se afinam numa tradição argumentativa, mas configuram enfeixes teóricos que, se muito bem explicitados, formariam uma malha difícil de ser rompida na flexão cotidiana do questionamento científico. O sujeito é o centro. A literatura é o sujeito. O sistema é a literatura. A historiografia narra a literatura de jornal enquanto sujeito leitor. É Heidrun quem nos oferece uma pista fundamental para o enfeixe teórico descrito acima:

37 OLINTO, Heidrun Krieger (sel., trad. e apres.). A teoria na prática é outra? In: _____. *Ciência da literatura empírica: uma alternativa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989. p. 27. (Biblioteca Tempo Brasileiro, 86, série Estudos Alemães).

Schmidt convida a abandonar a fixação exclusiva em textos individuais e substituir a atividade pseudo-científica da interpretação da obra em favor do 'rico e fascinante panorama de questões que aguardam uma ciência da literatura empírica', tais como a investigação de passado e presente do sistema literatura, suas instituições e ações potenciais, seus sistemas normativos e convenções, suas possíveis funções sociais, psíquicas e estéticas e seus gêneros e discursos articulados com os indivíduos que lidam com a literatura. Um projeto que ele chama de 'arte pelo homem'.³⁸

É preciso descartar a postulação radical da “leitura cerrada” como “pseudo-ciência” da afirmação acima, mesmo porque, a depender das projeções metodológicas, essas leituras fazem parte do sistema de literatura e não podem ser desqualificadas *a priori*. O próprio teórico alemão afirma a importância da crítica literária para não se perder o contato entre os leitores e as reflexões sobre os textos literários. De resto, na orientação de Schmidt, qualquer abordagem sobre a literatura não pode se arvorar a tomar um lugar de verdade ou de totalidade, todos estariam na contingência do incompleto, da emergência de sofrer do exame daquele sistema.

De todo modo, o paradigma, não compreendido como o limite epistemológico, mas ponto de partida provisório, é a “arte pelo homem”. A literatura é o homem. A satisfação de uma comunidade de cientistas e os confrontos e questionamentos dos mais diferentes sistemas atingidos garantem a legitimidade da teoria científica. O relacionamento entre a teoria construtivista da ciência da literatura empírica (CLE) e o sistema da literatura pressupõe uma série de papéis muito bem explicitados. Heidrun verifica a existência de papéis acionais, ou que ela toma dos esquemas de Schmidt como a teoria da ação comunicativa literária, cujos trabalhos são simultâneos ou organizados numa temporalidade fixa:

Em relação ao sistema literário, esses papéis correspondem à produção, mediação, recepção e à elaboração pós-recepcional de comunicação literárias e se relacionam do seguinte modo: a produção é a condição prévia da transmissão e a antecede; do mesmo modo, esta garante a recepção subsequente que, por seu lado, é pressuposto para o processamento posterior. No âmbito deste relacionamento, o sistema acional explica, portanto, os papéis de indivíduos que lidam com textos literários. Uns produzem estes textos, outros os transmitem a leitores que os recebem

38 OLINTO, 1989, p. 28.

de múltiplas formas, e há aqueles que produzem textos sobre os textos literários antes recepcionados. Um texto vive como texto literário tão somente nestas constelações acionais sociais concretas em sistemas históricos definidos por determinados processos de socialização e determinadas necessidades, capacidades cognitivas, sentimentos, intenções e motivações gerais e, ainda, por condicionamentos políticos, sociais, econômicos e culturais que correspondem aos 'sistemas de pressupostos' de sua ação. Agentes o julgam e lhe atribuem sentido em função destas articulações.³⁹

Não preciso mencionar que a literatura constrói seu discurso de identidade forjando narrativas ideológicas para as nações, ou seja, ninguém mais do que ela para saber imbricar indissolúvelmente narrares desinteressados e discursos nacionais de classe. Esse é um dos motivos para que todos os partícipes do sistema devam decodificar com competência a sua mensagem.

2.4 Esteio de sistema

O sentido de sistema de literatura do qual mais me utilizo na construção deste texto vem do teórico Siegfried Schmidt que, por sua vez, inspirou-se na contribuição de Niklas Luhmann. Seguindo a orientação do teórico da história da literatura, em determinado momento, interrompo a circulação de idéias alemãs e proponho alguns conceitos que estão afinados às perspectivas encontradas na análise dos componentes e na própria configuração do sistema de literatura que toma corpo na pesquisa.

Para uma articulação entre os dois textos das autoras Dulce Mascarenhas e Ívia Alves, e sua estreita ligação com a literatura de jornal ensaiada em *O Imparcial*, exponho acepções teóricas relacionadas a sistema da literatura. Um desses conceitos é de esteio de sistema: os esteios podem ser mentalidades individuais ou projeções de obra que possibilitem aparecer os mecanismos correspondentes ao

39 OLINTO, 1989, p. 30.

que denomino sistema de literatura. Vital esteio é o próprio crítico Carlos Chiacchio, pensado como um conjunto de texto possível de ser lido, um grupo de projetos passíveis de serem avaliados e, por fim, uma prática capaz de ser acompanhada. Como o nome indica, uma das suas funções é providenciar que o sistema literário possa girar, posto que sua estrutura exige que a gravitação de identificadores, atraídos ou repelidos, doem os contornos do que é o sistema de literatura da Bahia.

A estrutura circular do sistema contribui para uma visão peculiar de tempo, na qual não haveria a necessidade da transição de um início para um fim, mas de uma aproximação ou distanciamento constantes e perceptíveis por meio de uma metodologia. O fim seria a desagregação e reordenação dos esteios em prol de outra configuração sistêmica, talvez pátria (não mais baiana) ou estética (permuta de códigos literários). A abordagem da produção de Chiacchio se dá porque suas funções são chamadas a “credenciar” o sistema e ser aceito por ele. Em outro momento, artefatos diferentes tomariam o lugar mecânico. A obra de Jorge Amado, adaptada pelos meios de comunicação de massa, assumiria matizes de mecanismo. Esse viés imagístico providenciará a recepção da nacionalidade contemporânea para o sistema de literatura baiana.

A função de esteio de sistema não é auto-suficiente ou imanente. Ela depende de uma infinidade de fatores interligados que devem ser explicitados. Um deles é a contingência das idéias em determinada época, o que significa não haver neutralidade ou superioridade a elas. O esteio é um ator e não uma entidade. Outro aspecto é o uso feito e os benefícios alcançados ou proporcionados dentro dessa temporalidade específica. Ou seja, toma-se partido do poder e dele se beneficia ou, se ao lado das vítimas, quais as experiências sofridas. Dada a complexidade e infinidade de possibilidades, é preciso clara identificação e recortes de *corpus* do esteio em projetos.

A consagração canônica torna-se um entre os diversos motivos para empresa de projetos de pesquisa. Sabe-se que está superada a tentativa de suplantar o tempo e naturalizar um conjunto de experiências criativas construídas em prol de topos fragilizados como a epistemologia e a ideologia. Nenhum outro lugar de estudo de literatura pode mostrar como são percíveis os códigos éticos ou estéticos

aparentemente consagrados pelo mesmo suporte que o jornal.

Não há uma necessidade de transformar Chiacchio num herói da narrativa historiográfica, mas de destacar a sua experiência, transformando-a num conjunto de idéias que podem ser atravessadas e apontar um caminho para o aparecimento da literatura de jornal. Nesse sentido, não haveria uma polarização da figura do crítico, outros autores podem aparecer providenciando o mesmo caminho. Sofrer o risco da contingência e estar submetido ao intransigente movimento da atuação — performance, encenação, leitura ou crítica — faz com que a produção do polígrafo assuma a feição de acervo que o filósofo alemão Martin Heidegger categoriza de rastro para a cura.⁴⁰

Uma vez delineado o conceito de esteio de sistema para a contenção do postulado útil (utilidade heideggeriana) de cura, mesmo que retirado do espinhoso glossário do pensador alemão, no quinto capítulo, subseção 5.1 e 5.2, interponho dois formatos de leitura da obra crítica e periódica de Carlos Chiacchio, sempre articulados com os objetivos de estudo da literatura de jornal em *O Imparcial*. É nessas formas de ler que há a possibilidade de aparecer a referida cura de que se pode denominar a contribuição de Chiacchio, a sua prática de esteio de sistema, para a literatura de jornal e a literatura da Bahia.

Segundo a postulação do filósofo germânico, nunca o ser estará per si (um dado) mas será enquanto ação consciente de pesquisa e reflexão. O fato de estar aí (*Da Sein*) não significa que o sistema de literatura esteja imune ao assédio do método que o aborda. O ser aí é sempre a verdade, mas não uma verdade dada e sim ordenada. Sendo assim, o ser da literatura de jornal é uma obviedade literária a partir somente de uma prática de projeto ou ordenação (uma fenomenologia). Em se tratando de literatura, as reflexões do autor de *Ser e tempo* questionam a aparição do grande escritor sem todo o aparato de sistema que o contorna. Em outras palavras, sempre há uma ordenação em caminho para a performance desse ou daquele manifesto do ser — do ser do sistema da literatura da Bahia.

O impacto das leituras pode fornecer as importantes metodologias

40 Uma abordagem mais detida foi feita anteriormente, na parte 2.3, 'O jornal como rastro para abertura da cotidianidade'.

responsáveis pelo formato como a literatura circula na Bahia nos seus diversos espaços disponíveis, providenciando um modelo de sistema de literatura para o recurso a estudo de fontes, análises, historiografias, como também a visão que o sistema tem de si mesmo, compreendendo aí os seus criadores e incentivadores. Dulce Mascarenhas é um desses indivíduos influentes. Seu modelo metodológico vem da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na qual o professor baiano Afrânio Coutinho providencia, em dupla jornada, uma série de projetos para a renovação dos estudos literários brasileiros. Sua dicção para a visada da literatura local recebe influxos de um lugar específico que não deve ser desprezado. O fato de saber a origem metodológica do sujeito pesquisador implica uma série de conseqüências para o sistema descrito na pesquisa.

De um lado, Coutinho projeta e realiza mecanismos de pesquisa como livros de ensaios, enciclopédias, dicionários e histórias da literatura que beneficiam a literatura da Bahia. Para quem precisa encontrar uma biografia ou verbete de autor ou movimento, muitas vezes, esses projetos de erudição e obstinação pessoal de pesquisa são os únicos lugares de êxito para nomes tão pouco influentes na cadeia da literatura. O formato de elo interligado e circulando talvez seja a melhor imagem de sistema de literatura: a cadeia a identifica, o movimento é a temporalidade de Heidegger, que confere identificação.

Silviano Santiago encontra uma brecha no tempo para trazer Coutinho ao debate contemporâneo, mesmo que como um tipo de “vilão” da perda do espaço do ensaio literário nas colunas dos jornais.⁴¹ Creio que quanto mais se fizer o passeio pelo bosque dos subterrâneos da literatura, termo de Santiago, mais a contribuição obsessiva de Coutinho ganha contraste. O autor de *A tradição afortunada* esforça-se para deslocar a atenção dos estudos literários do impressionismo das “folhas sérias” e dos “pasquins” para o cientificismo dos gabinetes universitários, mas não é responsável pela perda do “estilo agradável e escorreito da escrita” desses novos especialistas.

O trabalho da Oficina Literária Afrânio Coutinho (OLAC) e depois Programa

41 SANTIAGO, Silviano. A crítica literária no jornal. In: _____. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004, p. 157-167.

de Pós-Graduação da UFRJ acabam contribuindo com contornos firmes para a descrição do sistema de literatura da Bahia, quando são acessados. Nesse momento, não se pode esquecer a afetividade de Afrânio Coutinho para com os seus pares baianos e vice-versa, como o próprio Chiacchio⁴², Eugênio Gomes, Pinto de Carvalho e Adonias Filho. *Doutor Honoris Causa* pela Universidade Federal da Bahia, membro correspondente da Academia de Letras da Bahia, Coutinho é reconhecido pelo sistema literário como uma espécie de esteio de sistema. Sua atuação nunca abandona uma prática de guarda do ser da literatura porque o sentido de intelectual não está limitado aos obstáculos da incompreensão ou crítica dos seus pares.

O organizador de *A literatura no Brasil* é capaz de ir além da polêmica, sabendo que, em algum momento, suas defesas seriam contra o mesmo sistema que o acolhe imediatamente. A função de esteio permite que se veja o sistema, mas não necessariamente trabalha pela autorização constante do mesmo. Se assim fosse, arriscaria tomar ciência de somente uma face da ordem da literatura ou somente o lado estético ou ético. Dentro de um ambiente mais corporativista, é melhor convencionar-se o sistema do início para o fim (oculta-se o que não interessa e mostra-se o êxito para o momento, como num novelo de lã), e não descrever sua circularidade sistêmica: aparência de mais faces opostas e conflitantes, ao mesmo tempo.

Por outro lado, o mesmo Coutinho propõe a substituição das práticas de literatura impressionistas nos periódicos, com a chegada do *New Criticism*. Cobrando uma cientificidade fundamental aos estudos, também modifica sensivelmente o movimento do sistema de literatura que a sua orientanda iria encontrar no acervo do articulista Carlos Chiacchio; além de condicionar o projeto de pesquisa na seção 'Homens e obras' à identificação ou não de um crítico literário (ideal) ou a articulista impressionista (pejorativo), a política de orientação de Coutinho sobre o trabalho de Mascarenhas fornece as fontes da pesquisa. A explicitação das origens da captação institucional dos pesquisadores revela a força e a influência do método na pesquisa de literatura.

⁴² Na coleção *Caminhos do Pensamento Crítico*, também organizado por Coutinho, há um capítulo sobre Carlos Chiacchio.

A outra contribuição a respeito da obra de Carlos Chiacchio vem da professora Ívia Alves, no estudo da revista *Arco & Flexa*. A leitura do texto da especialista será mais crítica porque o formato estabelecido pela pesquisadora prevê um diálogo menos conciliatório. Confiante num método de abordagem da produção de literatura da Bahia, o livro estudado exige um diálogo crítico confrontador e transparente. Ívia Alves rompe o pacto de simpatia com o sistema de literatura da Bahia, emitindo uma série de conclusões salutares, as quais permanecem como contribuições para o amadurecimento do próprio sistema, bastando que o debate sugerido se transforme em ação organizada.

As respostas dadas às provocações e conclusões de Alves são uma tentativa de seguir adiante com seu projeto. As discordâncias com o texto de *Arco & Flexa* são a necessidade da urgência de outro lugar-parâmetro para a observação do sistema de literatura. Quanto mais ela confia no método de trabalho, mais necessita que esse seja deslocado. Muitas daquelas observações não são mais tão válidas para a sua pesquisa atual. No entanto, em cotejo com outros empreendimentos de pesquisa, como os de Paulo Santos Silva,⁴³ elas indicam que o debate sobre a cultura intelectual e literária da Bahia ainda considera boa parte dessas emissões críticas. As bases dessa avaliação optam por uma saída moralista, pela via do atraso e da falta como uma espécie de defeito de caráter estético ou ético da região, do que pela constatação do movimento do sistema.

Distinta da escola teórica de Mascarenhas, Ívia Alves busca o aporte de reflexão para a sua pesquisa na Universidade de São Paulo. Sua iniciativa insere-se na proposta mais ampla do professor José Aderaldo Castello de estudo da escola modernista a partir das revistas literárias. Com esse projeto, o professor objetiva avaliar o periodismo da época de vanguarda brasileira. A partir de seus resultados, poder-se-ia mensurar até onde é aceito o Modernismo de São Paulo ou de outros matizes.⁴⁴

Não há dúvidas de que são projetos diferentes. As idéias reunidas sobre a

43 SILVA, Paulo Santos. *Âncoras de tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2000.

44 Um dos problemas que se apresentam nesse diálogo com a contribuição da professora Alves é como realizar a crítica fundamentada sem desviar ou produzir ambigüidade quanto ao caminho seguro da produção da ensaísta para o sistema de literatura da Bahia.

revista coordenada por Hélio Simões e Carlos Chiacchio representam uma das realizações de Ívia Alves dentro do contexto da literatura da Bahia e não pode assumir o caráter da totalidade da sua produção. A situação do sistema em estudo não concebe mais a reflexão da literatura e da cultura a partir da destruição pelo bota abaixo para recomeçar do zero. Se a identidade da cultura da Bahia paira sobre uma complexidade: atributos culturais de épocas diferentes — correspondendo a escolas estéticas díspares — e iniciativas aproximadas, então é daí que se parte para a descrição e narração da historiografia do sistema de literatura via a prática da literatura de jornal.

Uma das conclusões possíveis é de que, quanto mais distante dos métodos vencedores de aceção literária nacionalizantes ou de centro, mais marginalizada torna-se a formação desse sistema. A projeção de uma metodologia que tente escapar daquelas limitações, pela confrontação consciente, e esteja comprometido com os departamentos de pesquisas locais, é um contra-discurso viável. O contato do estudo da literatura da Bahia com os diversos métodos de pesquisa não deve cessar, porque somente com a observação constante posso avaliar os ganhos e perdas das gerências dos métodos para a descrição e compreensão mais segura da literatura e dos esteios.

3 POSICIONAMENTO HISTÓRICO DE *O IMPARCIAL*

3.1 Construção de um jornal no século XX

O período em que se estabiliza a República brasileira acumula uma série de acontecimentos característicos do tipo de gestão administrativa e cultural do País, ao mesmo tempo, dá forma a uma das faces mais nítidas da Nação e peculiarmente oculta sua prática mais explícita. O Brasil dá indícios da passagem de sistema econômico baseado na monocultura agrária para a industrialização já rotineira em outros países do Ocidente, tendo escolhido mudar o sistema de governo de monarquista para republicano no final do século XIX. Este episódio tem como vanguarda a abolição da escravatura. As várias convulsões que tomam corpo na instalação da Nova República denunciam a fragilidade das instituições e obrigam execuções práticas contra a livre expressão e o direito individual.

O período que vai de 1889 a 1930 significa a estabilização republicana com o uso da força das armas e dos decretos de estado de sítio e *habeas corpus*. As armas e o estado de sítio, como mecanismos de governo, neutralizam a pressão emanada das diversas oposições tradicionais, ligadas à monarquia, e também vindas dos aliados e de defensores convertidos em ferrenhos críticos, como os intelectuais do movimento abolicionista e republicano presos pelo marechal Floriano Peixoto: José do Patrocínio, Nilo Peçanha e outros. O *habeas corpus*, especialidade de Rui Barbosa, líder e candidato a presidente civilista da República, consagra-se como o meio de luta legal contra o estabelecimento renitente de ditaduras em plena gestão republicana.

O discurso de identidade nacional constrói para o Brasil, durante o Império, pela literatura, grosso modo, a idéia positiva de que se vai vencendo o primitivismo do selvagem autóctone pela força da civilização, o que contribui para edificar um povo progressivamente de índole pacífica. Esse pressuposto também está vinculado ao desempenho do liberalismo republicano. Ao contrário disso, o que se vê é o

desenvolvimento, por requintes, de atributos violentos. A rotina do estado de sítio, tantas vezes utilizada pelos primeiros presidentes da República, deu mostras de uma ordem que alcançaria seu ápice nos mandatos ditatoriais de Getúlio Vargas e dos generais de 1964 a 1984, como indícios de tradição sempre negada. As derivações traumáticas das escolhas pela ditadura, pela rotina da fraude e pelo golpe foram disfarçadas pela antiga índole pacifista do século XIX. Quanto mais se pratica a violência individual e social, mais se apregoa a qualidade, quase uma identidade coletiva por apreciar a paz. Nelson Werneck Sodré explica sua visão sobre o momento a partir do foco jornalístico:

A imprensa brasileira vai viver, daí por diante, uma nova fase, difícil, conturbada, pontilhada de movimentos militares de rebeldia, agitada por campanhas políticas de extrema violência — tudo aquilo que, no fim de contas, prepara a Revolução de 1930, divisor do desenvolvimento histórico brasileiro, marco em nossa existência.⁴⁵

A busca do sentido de toda a teia de acontecimentos governamentais parte do “Bombardeio da Bahia”, já abordado em capítulo anterior, o qual dá sentido a eventos que relacionam *O Imparcial* e a Bahia, obrigando a uma outra compreensão da história do Brasil e da região. Além de conter estudo sobre a cordialidade e a organização do latifúndio brasileiro (fontes clássicas de interpretação tanto férteis quanto numerosas), o olhar crítico sobre a Primeira República e a Era Vargas deve passar também pela investigação dos limites entre violência e direito civil. Os estragos de grandes proporções causados à capital, Salvador, fazem nascer o discurso que sustenta *O Imparcial*, de tal forma que o jornal e a Bahia estão ligados diretamente à violação pessoal.

O recurso à violência institucional exige que se repense seus limites e visões. Até mesmo o coronelismo e o cangaço, fenômenos muito visitados para diferenciar a ordem social dos grandes centros e as regionais, passam por esse olhar sobre a violação dos direitos do Outro, fazendo às vezes de modelo administrativo. Tema comumente visitado pela literatura, a violência se reveste de sentidos sociológico e

45 SODRÉ, 1999, p. 355.

psicológico.

Em outro olhar dessa vocação pela violência institucional no Brasil, o jornal tanto pode aconselhar seu controle como incentivar o escape em alta escala de seu recurso, sem que nenhuma das duas orientações (contra ou a favor) seja tomada como exótica nesse contexto. O exotismo ou escândalo da violência é notado quando vai contra quem tem a fala do discurso: o jornal e seus representantes. A mais forte estratégia de barbárie se instaura quando a própria voz simbólica do meio de comunicação não pode ser proferida: o empastelamento.

O jornal torna-se ambivalente ao interpelar a violência que o motiva: tanto pode ser o veículo de denúncia, quando mostra fotos e descreve eventos sinistros individuais (como o suicídio muito em voga naqueles tempos), e coletivos (como os tiroteios e as ciladas públicas). Também as redações tornam-se o próprio corpo violado quando sofrem invasões e são depredados em sua capacidade operacional. Nesse caso, entra em cena a rede consorciada dos veículos jornalísticos que publica o sofrimento do órgão irmão ou cede as suas oficinas para que o jornal empastelado não deixe de existir.

Há a literatura impressa nas páginas grandes, por entre este emaranhado de acontecimentos políticos e sociais, que somente uma reflexão longa e corretamente recortada em seus aspectos identificadores tem condição de dar conta, cobrindo percursos teóricos de diversas áreas do conhecimento. A dificuldade de interpelação do bloco cultural sempre atinge as convicções acabadas do pesquisador, as mesmas que orientam pela simples recolha do *corpus* literário e a sua abordagem longe das inseguranças da cotidianidade do jornal. Um complicador é que a literatura tem sua própria identidade teórica e estética, infensa a contingências seculares. Por isso, o enfrentamento da literatura com vistas à atuação em suporte onde é tornada pública promove abertura para conceitos, aspirações e teorias literárias locais.

O Imparcial registra e dá visibilidade a uma das fases mais férteis da literatura brasileira e baiana: os estertores do Simbolismo, o surgimento e negação do Modernismo, a inclusão dos autores baianos. A quantidade de literatura impressa

em suas páginas quase o qualifica como um jornal literário, não fossem os gêneros estarem intimamente articulados, na figura de seus escritores, jornalistas e redatores, à defesa de uma postura ideológica derivando numa prática partidária conservadora. Os textos cronísticos e ficcionais também refutam outras idéias, quase sempre ligadas ao centro da República e a uma complexa teia de ações e legislaturas que aumentam o poder central e o retiram das circunscrições locais.

As estratégias de discursos praticadas em suas colunas o posicionam como um veículo de oposição, na maioria das vezes que atua, embora isso seja combatido em alguns momentos. *O Imparcial* assume um lugar de reivindicador da democracia porque a Bahia e o Brasil regularmente envolvem-se em golpes, estado de sítio ou ditaduras. Essa prática reativa nem sempre está do mesmo lado ideológico, oscilando entre as classes conservadoras: coronéis e oligarquias; integralista, socialista e comunista. Nele, estão os embates estéticos vinculados aos movimentos políticos, econômicos e culturais que sensibilizam os leitores e os escritores.

Embora existam jornais com esse nome desde o século anterior, o diário adere a *O Imparcial* carioca, fundado em 1912 por Macedo Soares.⁴⁶ A figura poderosa de Rui Barbosa estabelece ligação entre as duas publicações homônimas:

Em 1919, o *Estado* [O *Estado de São Paulo*] apoiaria, novamente, a candidatura de Rui Barbosa à presidência da República, resultante do impasse político a que levara a divergência entre os três Estados líderes dos destinos nacionais quando Nilo Peçanha, chefe do situacionismo fluminense, lançou o nome do grande baiano, secundado logo pelos dois jornais mais combativos da capital do país, o *Correio da Manhã* e o *Imparcial*. Foi, mais uma vez, inútil: as eleições, realizadas em 13 de abril de 1919, deram a Rui, oficialmente, 118.303 votos; a Epitácio, 249.342. A 18 de julho, Epitácio tomava posse na presidência da República.⁴⁷

Na biografia do “Águia de Haia”, o eminente político baiano João Mangabeira faz as linhas de contato tanto entre o jornalismo e Rui quanto entre os jornais

46 SOARES, José Eduardo de Macedo. Nascimento: 4 set. 1882, Cordeiro, RJ; Falecimento: 11 maio 1967; Filiação: José Eduardo de Macedo Soares e Cândida Sodré de Macedo Soares. Histórico Escolar: Oficial da Marinha e Escola de Marinha; Profissões: Militar e Jornalista; Deputado Federal – 1915 a 1917, 1918 a 1920, 1921 a 1923, Constituinte: 1933 a 1934; Senador: 1935 a 1937. Disponível em: www.senado.gov.br/senadores_biografia. Acesso em 13 set. 2006.

47 SODRÉ, 1999, p. 344.

mencionados. Os laços do tribuno com a Bahia constituem outro aspecto que deve ser visto com cuidado, daquele bloco multicultural e multiteórico encontrado no periódico:

Em fim de 1912 surgira *O Imparcial*, sob a direção de um jovem *tenente*, que num rasgo que o caracterizou, apesar de ter mais de 10 anos de serviço, não tratara de ajeitar uma reforma, mas pedira demissão da armada. [...] A certos aspectos, Macedo Soares é o patriarca do *tenentismo*. [...] Um jornalista desse idealismo e dessa galhardia não podia deixar de se transformar, dentro em pouco, numa pessoa querida de Rui. Por outro lado, não era próspera a vida do jornal. Daí multiplicar-se Rui nas entrevistas repetidas que dava ao *Imparcial*, por ver se assim lhe aumentava a circulação e o amparava.⁴⁸

Na Bahia, em 1919, a campanha pró-Rui cria a coalizão que o jornalista Walfrido Moraes e outros autores sempre lembram de mencionar. Enrijecida, ela não tarda a retornar em outros momentos decisivos da cultura política e intelectual baiana e do País, como a Campanha Autonomista de 1930 e de 1949:

É uma oposição que passa a atuar fortemente, cerradamente, no Congresso Nacional, na Assembléia Geral Legislativa; no Conselho Municipal, nas praças públicas — em comícios memoráveis para o povo, nos teatros —, em conferências magníficas para as elites; na imprensa, através de reportagens, editoriais e artigos assinados que refletem a cultura política. É uma oposição que se chama Rui Barbosa, Octávio e João Mangabeira, Ernesto Simões Filho, Pedro Lago, Luiz Viana, Medeiros Neto, **Lemos Brito**, Madureira de Pinho, Homero Pires, Ubaldino Gonzaga. É uma oposição que reúne, contra o situacionismo, fazendo opinião pública, os três mais destacados jornais da terra — *A Tarde*, *O Imparcial* e o *Diário da Bahia*; além de *O Imparcial*, de Macedo Soares e o *Correio da Manhã* de Edmundo Bitencourt, no Rio de Janeiro.⁴⁹

Fundado em 4 de maio de 1918 por Lemos Brito⁵⁰ como “Órgão das Classes

48 MANGABEIRA, João. *Rui, o Estadista da República*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943. p. 182-184. (Documentos Brasileiros, 40).

49 MORAES, 1997, p. 124-5. Grifo nosso.

50 José Miguel de Lemos Brito. Salvador, Ba. 27 ago. 1886 — Rio de Janeiro, RJ. 19 dez. 1963. Orador, poeta, teatrólogo, romancista, jornalista, diplomado em Direito pela Faculdade da Bahia (1907), sociólogo, historiador, criminologista, membro da Academia Carioca de Letras. Fonte: COUTINHO, Afrânio e SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: FAE, 1989. 2 v. v. 1, p. 351.

Conservadoras da Bahia” para combater o interventor J. J. Seabra, *O Imparcial* encerra suas atividades em 1947, através de pedido de falência. O período de três décadas expõe um jornal com vários donos, configuração gráfica diversificada, “heróis” eleitos, múltiplo e nem sempre coerente posicionamento ideológico; circula de terça-feira a domingo e, em dias especiais e datas cívicas, às segundas-feiras. Publica inicialmente com quatro páginas e estabelece o padrão de oito. Chega a imprimir de dezesseis a vinte e uma páginas quando noticia, em caráter especial, o “excelente” trabalho do general Franco, na Espanha, e quando Landulfo Alves, interventor federal na Bahia, apresenta os resultados administrativos anuais.

O número um (1), de 4 de maio de 1918, tem as seguintes dimensões: cinqüenta e seis (56) centímetros de altura por quarenta e três (43) centímetros de largura; em nove (9) de janeiro de 1930, a página tem cinqüenta e cinco (55) centímetros de altura por quarenta e quatro (44) centímetros de largura; no seu último número, registrado em vinte (20) de maio de 1947, são as seguintes as dimensões: sessenta e três centímetros (63) de altura por trinta e dois (32) de largura, por causa da contenção de gastos. O pesquisador Jairo Costa Júnior⁵¹ afirma que, em 1941, a tiragem de *O Imparcial* é de catorze (14) mil exemplares, para uma população soteropolitana de duzentas (200) mil pessoas. O jornal representa uma das lideranças entre os órgãos da imprensa local.

O seu número um (1) apresenta notícias cotidianas como se estivesse na praça há tempos: explicitamente representa a oposição no combate ao governo, noticia os últimos momentos da I Guerra Mundial e apóia apaixonadamente a Campanha de Rui Barbosa à presidência da República. A desenvoltura do jornal se justifica na freqüente mudança de casa de seu diretor. Vários o tinham acolhido antes de fundar o periódico em estudo. Lemos Brito narra o nascimento de *O Imparcial*, tão infiltrado no tempo presente que não tem em vista a noção de que é o surgimento de um meio de comunicação de massa que permanecerá informando e influenciando por quase trinta anos:

51 JÚNIOR, Jairo Costa. Diário do coronel, Franklin Albuquerque utilizou *O Imparcial* como trincheira no combate ao interventor Landulfo Alves. *Correio da Bahia*, Salvador, 21 maio 2005. 'O Repórter', p. 1.

Recebi o golpe dos inimigos da Bahia como uma provocação e um incentivo. As classes conservadoras estavam sem jornal. Faltava-lhes um órgão identificado com o seu pensamento e o seu espírito. Nasceu em mim a idéia de fundá-lo. Uma tarde, com uma lista de inscrição, procurei os meus amigos do comércio, e às seis horas, subindo, trazia completo o capital de 110 contos, por mim mesmo estabelecido para o meu jornal. Só então apurei que não havia semeado no deserto. Só uma recusa tivera eu, mas esta amabilíssima, por mera questão de princípios e idéias.⁵²

Timidamente no começo, a literatura que se imprime desde o primeiro dia segue o projeto de fixar o jornal, as idéias nele defendidas e o conceito literário e intelectual que caracteriza sua existência. Dentre essas premissas há a erudição dos bacharéis e médicos provindos das faculdades locais, o valor dos jornalistas e críticos locais, sempre articulada com o que acontece no centro do Brasil, em Portugal e no restante da Europa.

Um ano depois da inauguração, o seu diretor-proprietário, em texto de 10 de agosto de 1919 — “Aos meus cidadãos” — informa que está deixando a Bahia, dirigindo-se ao Rio de Janeiro. Segundo ele, as razões do abandono repentino deixam evidente a força do governador Antônio Moniz, posta em prática nos golpes de empastelamento, nas tentativas de homicídios, como as que sofreram o dono do tradicional *A Tarde*, Simões Filho, e ele próprio. “Arrefecido o turbilhão na sua ingênita braveza, compreendo que nem tudo nos arrebatou a insólita intervenção federal, com as suas baionetas canhões; alguma coisa de indestrutível nos ficou dessa rajada (...)”.⁵³

Em assembléia de acionistas, noticiada pelo periódico em 19 de agosto de 1919, Brito publica a decisão definitiva de afastamento do cargo de diretor do jornal. Ele indica o nome de Homero Pires para ocupar o lugar de redator-chefe. Na despedida de *O Imparcial*, Lemos, em artigo de página inteira, descreve a sua figura de jornalista, político, jurista e empresário até aquela data. Ao afirmar o entendimento pessoal da prática jornalística, cita o diário de sua propriedade destruído pelos projéteis de 1912. O famoso Bombardeio da Bahia faz renascer a campanha civilista de Rui Barbosa:

⁵² BRITO, Lemos. Entre o coração e a consciência, em despedida. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 20 ago. 1919.

⁵³ Id. Aos meus cidadãos. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 10 ago. 1919.

Na imprensa, jamais me acomodei às posições duvidosas. Nos jornais em que hei trabalhado, entrei e saí, sempre, quando julguei do meu dever — Redator de *A Bahia* e do *Correio da Manhã*, redator chefe do *Jornal Moderno* e do *Jornal de Notícias*, nada a eles me prendeu quando julguei soada a hora de minha retirada — Diretor-proprietário do *Diário da Tarde*, que a sanha malvada dos bombardeadores destruiu, e saqueou, queimei-lhe, ali, até o último cartucho contra a política sangrenta que então se acabava de ensaiar nesta cidade, para não mais desaparecer.⁵⁴

Os profissionais do periódico homenageiam o seu diretor com textos no mesmo número. *O Imparcial* só sai publicado novamente no dia 23 de outubro, após um mês de intervalo, com nova diagramação e tamanho reduzido da página. No dia 18 de dezembro de 1919, a notícia sobre a falta de um monumento ao poeta Castro Alves transforma-se numa campanha que se arrasta por toda a década de 20 e de 30, motiva o aparecimento da Praça Castro Alves, no antigo local onde ficava o teatro São João, também bombardeado em 1912. Essa estima dedicada ao “poeta dos escravos” é ensejo para o aparecimento da Organização Oficial de Ala das Letras e das Artes, em 1936.

Um dos diários ligados ao governo é *O Jornal de Notícias*, segundo depoimento de Lemos Brito, em “Entre o coração e a consciência, em despedida”, de 20 de agosto de 1919. Em 1920, quando destaca a figura do coronel da Chapada, Horácio de Matos,⁵⁵ *O Imparcial* aparece como “propriedade de uma sociedade anônima”, e não há referência em seu cabeçalho a um gerente ou redator-chefe. Muitas vezes, a falta dos nomes dos dirigentes se deve à violenta perseguição política que sofrem naquele momento. Devido ao desmando no final do seu governo, o próprio Antonio Moniz solicita a intervenção federal. Em “O começo do fim”, afirma o pedido interventor e a marcha de “O Cel. Horácio de Matos a caminho da Capital”, de 19 de fevereiro de 1920. O diário expõe sua posição — contra o governo e a favor dos coronéis.

Walfrido Moraes afirma, ao escrever a biografia do fundador do jornal *A*

54 BRITO, Lemos. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 20 de ago. de 1919.

55 Horácio Queirós de Matos (*Chapada Velha* de Brotas de Macaúbas, 18 de março de 1882 — Salvador, 15 de maio de 1931) foi um político e coronel do sertão baiano da primeira metade do século XX.

Tarde, que Simões Filho, o protagonista da narrativa, arquiteta e incentiva, em seu veículo de comunicação, a tomada do poder pela força dos exércitos particulares do interior, ao acolher e apoiar sua maior figura: Horácio de Matos. Também *O Imparcial* toma lugar nessa demanda, que é perdida nas urnas. A relação entre os dois periódicos, referida pelo próprio L. Brito, é tão íntima que o diário fundado em 1918 reproduz a página de *A Tarde*, com o título “A Paz do Universo”, em comemoração ao final da I Guerra Mundial. Essa estratégia demonstra o consórcio de órgãos de imprensa de oposição ao governo da Bahia.

O imparcial termina em 20 de maio de 1947. Sua última campanha, além da candidatura de Gaspar Dutra para presidente, é de apoio a Octávio Mangabeira a governador do estado da Bahia — são os tempos da autonomia. Pelas suas páginas passam insinuantes eventos e apaixonadas defesas de posições políticas, cujas tintas adornam e explicitam a cotidianidade do ser. A ordem da literatura, configurada em sistema em movimento, acompanha esse percurso prisioneira e atraindo a realidade com vistas a debates em instâncias próximas e longínquas.

3.2 Diretores e proprietários

O jornalista e jurista José Miguel de Lemos Brito funda o jornal em 4 de maio de 1918. A sua pequena gestão de quase dois anos tem como marcas mais evidentes a campanha de apoio a Rui Barbosa a presidente da República e a governador da Bahia. Em assembléia de acionistas, noticiada pelo periódico a 19 de agosto de 1919, Brito informa decisão definitiva de afastamento do cargo de diretor do jornal. Indica o nome de outro jornalista do seu grupo político, Homero Pires, para ocupar o lugar de redator-chefe. Pires, que também trabalha na Imprensa Oficial da Bahia, permanece à frente do noticiário do comércio até 1929.

A importante passagem para a década de 1930 põe à prova a capacidade de permanência do diário. Alguns outros influentes e longevos órgãos de imprensa

baianos não suportam a força do governo Vargas. O mais antigo jornal da região, *O Diário da Bahia*, sucumbe nessa época. *Imparcial* anuncia, em 27 de novembro de 1929, nova gerência com Everaldo da Cunha e a permanência do diretor-chefe, Manuel Vaz. Em 1930, não há mais a identificação “Órgão das Classes Conservadoras da Bahia”, abaixo do nome da folha. O governo federal, reagindo à forte resistência impetrada em suas páginas, obriga a parada das prensas.

Após sete meses de ausência, o jornal surge com graves modificações: a) na parte superior da primeira página, é mantido o ano XII; b) no dia 8 de março de 1931, portanto, é indicado o n. 1 da gestão que tem Mário Monteiro como Diretor-redator-chefe e Diretor-gerente Mário Simões. A proprietária do jornal denomina-se Cia. Editora e Gráfica da Bahia;⁵⁶ c) e no lugar outrora ocupado por “Órgão das Classes Conservadoras da Bahia” inscreve-se “Matutino noticioso e independente”. Mário Simões faz parte, como atesta Honestílio Coutinho, da imprensa oficial do estado, em 1923.⁵⁷

A Bahia faz parte da oposição ao golpe de 1930, portanto, sofrendo imposições, prisões, “empastelamentos” e exílios. W. Moraes explica o ambiente de alta periculosidade para os jornalistas no início da Revolução de 30:

As primeiras prisões verificadas em Salvador foram dos jornalistas Cosme de Farias, Joel Presídio e Alfredo Lopes, e em Lençóis, do jornalista Franklin de Queiroz, Redator-Chefe de *O Sertão* e antigo secretário daquele famoso Batalhão Patriótico que perseguiu a Coluna Prestes até a Bolívia. O fato ocorre no dia 4 de outubro, na mesma data em que se verifica a depredação de *A Tarde*, e no dia 6 já a ABI se põe em campo no sentido de obter, junto às autoridades, a libertação dos confrades presos, formando ainda uma declaração de protesto em termos de solidariedade ao vespertino da Praça Castro Alves. Seguem-se as prisões de Octávio de Carvalho, Diretor interino do *Diário da Bahia* e de **Mário Monteiro, diretor de *O Imparcial*, com a conseqüente suspensão do aguerrido matutino.** A censura estabelecida pelo capitão Eurípedes Lima, Secretário da

56 Segundo Laís Mônica Reis Ferreira, “desde a sua fundação, o jornal teve vários proprietários até que em 1933 passou às mãos da Companhia Editora e Gráfica da Bahia de propriedade do industrial e político baiano Álvaro Martins Catarino.” FERREIRA, Laís Mônica Reis. *O Integralismo na Imprensa da Bahia: o caso de *O Imparcial**. *Revista de História Regional*. Ponta Grossa - PR, n. 11, p. 53, Verão 2006.

57 COUTINHO, Honestílio. *Imprensa Oficial do Estado*. In: TAVARES, Luís Guilherme Pontes (Org.). *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. Salvador: Academia de Letras da Bahia e Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2005. p. 131.

Segurança Pública, atribui ao delegado de polícia de plantão a missão de proceder à verificação de toda a matéria a ser publicada, diariamente, nos jornais, punindo com a pena de prisão os transgressores.⁵⁸

Durante a campanha para a Constituinte de 1933, em 4 de maio, novamente muda a situação jurídica e administrativa do diário. Na parte superior da primeira página, temos: Gerente: José Dias de Carvalho; Propriedade de uma sociedade anônima; Redator-chefe: Laudemiro Menezes. Mais uma vez, fica sem funcionar por uma semana (2 a 9 de julho de 1933), em virtude de um atentado e empastelamento, conforme notícia de 9 de julho de 1933, p. 1. Inaugurando um dos movimentos mais efervescentes do jornal, Guilherme de Almeida⁵⁹ profere defesa do integralismo, a ideologia dos diretores e jornalistas.

A reflexão paciente da cotidianidade expressiva do matutino, um contraponto àquela cisma de versos sobre o mar, faz ver que as opiniões sobre os indivíduos públicos é tão cambiante quanto os signos lingüísticos. Um exemplo impresso em tipos garrafais e retratos distorcidos é Luís Carlos Prestes; anteriormente simpático “Cavaleiro da Esperança”, transforma-se no vilão comunista, ao mesmo tempo em que ganha força o movimento liderado por Plínio Salgado.

O jornalista Victor Hugo Aranha, um dos chefes da Ação Integralista Brasileira regional, torna-se proprietário da folha. Contudo, Laudemiro Menezes continua na direção. Desaparecendo a propriedade da Editora e Gráfica da Bahia, em seu lugar, escreve-se “Matutino Independente”. Com a direção de V. Hugo Aranha, torna-se definitivamente “camisa verde”, com generosos destaques aos textos de Plínio Salgado.⁶⁰ No mês de outubro de 1939, tem como diretor-geral Álvaro M. Catarino, o

58 MORAES, 1997, p. 185. grifo nosso.

59 ALMEIDA, Guilherme de. Defesa do integralismo. *O Imparcial*, Salvador, p. 5, 5 ago. 1933.

60 SALGADO, Plínio. O Jacaré e o Tapuia. *O Imparcial*, Salvador, 28 fev. 1937. Pela Ordem..., p. 4; Recordações. *O Imparcial*, Salvador, 3 mar. 1937. Pela Ordem..., p. 4; O lobo com a pele de ovelha. *O Imparcial*, Salvador, 12 mar. 1937. Pela Ordem..., p. 4; Carta a Castro Alves. *O Imparcial*, Salvador, p. 5, 22 mar. 1937. O jornal também oferece destaque aos livros do chefe político e escritor: LEONARDOS, Henry. Geografia sentimental. *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 7 mar. 1937. Resenha de livro de Plínio Salgado; MARÇAL, Heitor. Plínio Salgado e o romance nacional. *O Imparcial*, Salvador, 7 mar. 1937. Pela Ordem..., p. 4; Castro Alves e o Integralismo. *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 30 mar. 1937. Também sobre Plínio Salgado; Geografia sentimental. *O Imparcial*, Salvador, p. 5, 30 mar. 1937. Resenha sobre romance de Salgado; Nosso Brasil. *O Imparcial*, Salvador, p. 5, 23 jul. 1937. Resenha de livro de Plínio Salgado; VIEIRA, Oldegar. Dois livros revolucionários — *Geografia sentimental* e *Nosso Brasil* — Plínio Salgado. *O Imparcial*, Salvador, 6 set. 1937. Semana Universitária, p. 2. Resenha.

mesmo que o adquire através de sua Companhia Editora e Gráfica da Bahia, em 1933.

As novas coordenadas de Catarino mantém a 'Página de Ala', como a principal seção de literatura e encerra a 'Semana Universitária'. Se o auge da guerra atrai leitores, como principal assunto, continua-se o ataque aos comunistas. Os anos seguintes buscam um caminho para o fortalecimento da região. A saída encontrada pelo articulista Wilson Lins é o prosseguimento da vigilância contra o fascismo integralista e o imperialismo stalinista. O estilo de reportagem sobre os combates navais, terrestres e aéreos se utiliza regularmente da escrita literária, nas páginas do jornal.

A missão de vigília, motivos, causas, e relato das atividades subversivas no Brasil sofre mudanças. O diário, agora de propriedade do coronel Franklin Lins,⁶¹ dá grande destaque ao que é entusiasticamente denominado de: “A 5ª Coluna quer articular-se na Bahia — Dissolvida, ontem, em Feira de Santana, uma reunião de agentes do Eixo — Carlos Albuquerque (foto), o articulador da trama criminosa — As providências da Polícia”. Após desenvolver artigo no qual reúne informações factuais sobre os encontros comunistas e avaliações pejorativas das atividades adversas, o jornal demonstra que não perde a verve política, mesmo se desdobrando em várias frentes de luta: contra os comunistas, de forma mais ampla, contra os integralistas e

61 Sobre o coronel, o próprio jornal informa quando do seu falecimento: “Do coronel Franklin Lins de Albuquerque pode-se dizer que foi, sempre, um homem de lutas, na têmpera de um sertanejo que sabia amar a sua terra e defendê-la, como só o fazem os fortes e decididos. Foi como o desabamento de um grande jequitibá das nossas bravas selvas dos sertões, a sua morte. E só morto, ele passa, agora, a conhecer o que seja repouso e descanso. Porque sua luta pela vida se conta dos seus dez anos de idade, filho da então pequenina vila de N. S. da Conceição dos Paus de Ferro, no Rio Grande do Norte, do casal Manoel Lins de Albuquerque e d. Aguida Oliveira Lins de Albuquerque, nascido a 15 de janeiro de 1881. [...] De Sento Sé a Pilão Arcado [na Bahia] trabalhou, venceu dificuldades e logrou árduas vitórias de seus esforços na lavoura [ouricuri, carnaúba e etc.] na pecuária, na política. Em 1900 consorciava-se, ainda em Sento Sé, com a professora d. Sofia Mascarenhas Albuquerque, desde então a companheira inseparável. [...] Desse consórcio, houve os seguintes filhos: José, Judith e Esther Lins de Albuquerque; dr. Waldomiro Lins de Albuquerque, presidente da Caixa de aposentadorias e Pensões dos Servidores do Estado, advogado e jornalista, casado com a professora d. Carmosina Menezes Albuquerque; dr. Franklin Lins Albuquerque Júnior, advogado, consultor jurídico da Junta Comercial e oficial de gabinete da Interventoria Federal do Estado, casado com d. Cremilda Cairo de Albuquerque; dr. Theodulo Lins de Albuquerque, médico e industrial no Estado, um dos dirigentes da Sociedade Brasileira de Ceras Vegetais Limitada, casado com d. Inez Oliveira de Albuquerque; e Wilson Lins de Albuquerque, escritor e jornalista, e nosso antigo companheiro de redação.” In: Cel. Franklin Albuquerque: o falecimento, ontem, do grande industrial baiano e bravo sertanejo. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 28 maio 1944. (sem ass.). O coronel havia sido acometido de um derrame cerebral fulminante no dia anterior enquanto fazia a barba.

contra o interventor Landolfo Alves, no espaço mais restrito. Em virtude dos diversos processos e ausências por causa das campanhas agressivas, a direção de Wilson Lins é transferida para os seus irmãos — Diretor — Theodulo L. Albuquerque; Redator-Chefe — Waldomiro Lins, embora jamais deixasse de interferir nas ações do matutino e publicar as suas colunas.

3.3 Seções literárias

A concepção de jornal que vem “para defender os interesses do comércio baiano”, haja vista ter sido financiado por cidadãos conservadores da capital, começa dispondo textos literários esparsos nas páginas, no entanto, essa prática é logo substituída pelas colunas e páginas de literatura. *O Imparcial* tem muitas seções de literatura e de cultura. Elas vão sendo melhoradas, ou esse é o objetivo, nos títulos, no formato e nas escolhas dos autores.

Obviamente, as mudanças de propriedade e gerência do periódico foram decisivas na ordem da literatura. De uma forma ou de outra, ele sempre tem como característica acolher textos poéticos e ficcionais. À medida que aparecem novas denominações, algumas antigas desaparecem, quase não havendo a co-habitação de duas ou mais colunas e páginas, salvo nos casos das ‘Seção das Crianças’, ‘Crônica Social’, ‘Vida Social’ e ‘Página de Ala’.

3.3.1 ‘Leitura Variada’ e ‘De Tudo’

A primeira produção literária do jornal, desde o número 1, é um folhetim do próprio diretor e fundador do periódico, Lemos Brito: “A torrente, um aspecto

sertanejo.” A primeira coluna literária de *O imparcial* é 'Leitura Variada'.⁶² Pela frequência com que publica textos nessa coluna, Lemos Brito deve ter organizado a seção. Saindo aos domingos, ela publica contos do escritor português Júlio Dantas, crítica de Ag. Chaves (“De um poeta baiano”. Artur de Sales); Conto de Gaby, crítica de dança de Catulle Mendes.⁶³ Logo depois, a coluna 'De tudo'⁶⁴ junta-se à 'Leitura Variada', também aos domingos. As duas colunas — 'Leitura Variada' e 'De tudo' — publicam os autores consagrados da literatura ('Leão' Tolstói; Edmond Rostand, Rahin Dramati Tagore, etc), dos portugueses (Júlio Dantas), brasileiros (Coelho Neto, Viriato Correia, Melo Moraes Filho, Artur Azevedo, Olavo Bilac, Mário Sette e Antônio Sales) e, para uma melhor compreensão do sistema literário, menciono sempre que possível os autores baianos, como são os casos aqui de Xavier Marques e Afrânio Peixoto.

3.3.2 'Primores de Literatura e Arte — Páginas Escolhidas'

No domingo, 11 de abril de 1920, o jornal registra, na página 3, a coluna 'Primores de Literatura e Arte — Páginas Escolhidas', na qual se confirma a tendência de publicar autores consagrados da arte literária, no sentido de motivar a venda do jornal. Aí estão Machado de Assis, Rui Barbosa, Alberto de Oliveira, Carlos Brandão, Souza Caldas, Eça de Queiroz, Artur Azevedo, Adelino Fontoura, Tobias Barreto, Camilo Castelo Branco, Júlio Diniz, Aníbal Teófilo, Cândido de Figueiredo, Antônio Sales, Gonçalves Crespo. A coluna 'Páginas Escolhidas', como o nome diz, expressa a tendência pela seleção, seja porque os editores escolhem os melhores textos, seja porque possibilitam a venda dos exemplares do matutino.

⁶² *O Imparcial*, Salvador, 22 jun. 1919. Leitura Variada, p. 1.

⁶³ MENDES, Catulle. A morte do tango e a vitória do Foxtrotter. *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 29 jun. 1919.

⁶⁴ *O Imparcial*, Salvador, 6 jul. 1919. De tudo, p. 3.

3.3.3 'De Tudo e Para Todos'



A partir de 27 de março de 1921, na terceira página do caderno, a coluna 'De tudo' sofre complementação, sendo agora 'De tudo e para todos'. No entanto, continua imprimindo textos de autores estrangeiros, brasileiros e locais: Emílio de Menezes, Xavier Marques, Júlio Dantas, Jacques Cessano, Cruz e Sousa, Joaquim Manoel de Macedo, Machado de Assis, Medeiros e Albuquerque, Guerra Junqueiro, Alexandre Dumas, Olavo Bilac, Leão Tolstói, Rui Barbosa, Da Costa e Silva, Austregésilo Affonso de Macedo, Camilo Castelo Branco, Catulle Mendes, Felix Pacheco, Antônio Vieira, Coelho Neto, Condessa de Pardo Dantes, Henri Bataille, Acácio França, Emílio de Menezes, Vicente de Carvalho, Victor Hugo, Robert de

Flers, Lúcio de Mendonça, Duarte Moniz de Aragão, Artur de Sales, Raul Pompéia, Pedro Calmon, João do Rio, Adalicio Nogueira, Pethion de Villar, Roberto Correia, Diógenes, Alphonsus de Guimarães, Gilka da Costa Machado, Catulê e Ozebe Quelê,⁶⁶ Gutemberg, Berbert de Castro, Artur Schopenhauer⁶⁷, Euclides da Cunha, Humberto de Campos, Saint-Beuve, Julia Lopes de Almeida, Raimundo Correia, Mario Pederneiras, Presciliano Silva, Acácio França, Rafael Barbosa, Beatriz d'Almeida, Carlo Abreu,⁶⁸ Alberto Valença, Luiz Guimarães, Bastos Tigre, Nestor Victor, Garcia Redondo, Rotniva, Francisco Manoel de Mello, Luis Carlos, Alexandre Herculano, M. Bernardes, Joaquim Nabuco, Francisca Julia, Afrânio Peixoto, Mario Andrés, Ramalho Ortigão, Antonio Feliciano de Castilho, Renato Viana, Monteiro Lobato.

Em 1922, a coluna publica uma verdadeira coleção variada de literatura dos mais famosos aos iniciantes. Além dos citados, José Bonifácio, Maria Amália Vaz de Carvalho,⁶⁹ Campoemar, Mario de Alencar, Corrêa Oliveira, José Veríssimo, Augusto de Lima, João de Brito, Antonio Nobre. Em 1º de abril de 1923, 'De tudo e Para Todos' sai especialmente com textos de Coelho Neto: "Coelho Neto e Rui Barbosa", "Passionárias", "Ser mãe" e "Depois do baile" – um trecho do romance *Jardim das Oliveiras*. A coluna inclui textos de Lemos Brito e Gomes Carrilho.

As relações culturais entre o Brasil e Portugal apresentam-se, segundo o jornal, como um casamento feliz. Em notícia de 20 de maio de 1923, "Júlio Dantas diz a Afrânio Peixoto que vem receber um grande banho de Luz da Civilização Brasileira." (p. 1). A visita do poeta português consagra um circuito cultural que proporciona leitores lusos e brasileiros nos dois continentes, haja vista as publicações de escritores brasileiros em editoras portuguesas, como Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque, e as diversas viagens culturais, generosamente noticiadas, do presidente da Academia Brasileira de Letras: Afrânio Peixoto.⁷⁰ A coluna veicula textos de Francisca Julia da Silva, Castro de Menezes, Pedro Gomes, M. Longo, Maria Amália Vaz de Carvalho, Francisco de Mattos, Aliomar Baleeiro.

66 CATULÊ E OZEBE QUELÊ. Dez a fio. *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 31 jul. 1921.

67 SCHOPENHAUER, Arthur. Suicídio. *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 4 set. 1921. (Fragmento).

68 ABREU, Carlo. Uma tarde literária. *O Imparcial*, Salvador, p. 6, 16 out. 1921.

69 CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Regimens. *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 22 jan. 1922.

70 PEIXOTO, Afrânio. Notas da Europa. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 21 jun. 1929.

3.3.4 'Página Literária'

Não há tantas mudanças dessa página para as características das anteriores. Os redatores buscam um nome que se encaixe nos propósitos da publicação. Nos dias 2, 6, e 7 de julho de 1923, comemora-se a semana da Independência da Bahia e o decenário de Castro Alves. A edição dos três dias é organizada com textos críticos e homenagens ao poeta de "Vozes d'África". Rui Barbosa, Joaquim Nabuco e Alberto de Oliveira fazem declarações em homenagem⁷¹. Raimundo Correia dedica o poema: "No Decenário de Castro Alves"; Afrânio Peixoto: "O poeta lírico"; José Veríssimo: "Sobre as *Vozes d'África*"; Sílvio Romero: "O poeta social". Ainda no dia 7, sai o artigo sem assinatura "As Comemorações do Centenário, O dia de glória de Castro Alves".

3.3.5 'Verso e Prosa'

Em 24 de agosto de 1925, inaugura-se a coluna literária: 'Verso e Prosa', à página 3. Continuando o perfil de 'Página Literária', aparecem textos de Rafael Barbosa, Damasceno Filho, Godofredo Filho, Aristóteles Gomes, Carlos de Viveiros, A. F., Carlos Chiacchio, Carlos Ribeiro, Artur de Sales. Começam a ser impressos os autores locais que dominam o sistema da literatura nas páginas do jornal por longos anos.

Em 2 de julho de 1926, saem "fragmentos", de Alvaro Kilkerry, "Bohemia", de

⁷¹ *O Imparcial*, Salvador, p. 8, 6 jul. 1923.

Godofredo Filho, “Lunar”, de Rafael Barbosa, “Rosa Mística”, de Pinheiro de Lemos, “Sonho Morto”, de Djalma Cavalcante e “Teia de Penélope”, de Carlos Chiacchio. Todos autores que compuseram, alguns anos à frente, o grupo *Arco & Flexa*. O *Imparcial* é posto à disposição dos poetas, para que eles realizem a cultura literária baiana da época. Os debates sobre a literatura deflagrada na década de 1920 também interessam ao jornal, que publica as críticas que avaliam as correntes estéticas do período. Um dos textos críticos nesse sentido é de Assis Curvello, “O Futurismo e a Arte”, de 1 de agosto de 1926. Um dos cronistas que brilham nesse período é José do Patrocínio Filho, com “Nirvana”,⁷² e “A ciranda de Brixton-Prison”,⁷³ entre outros textos.

3.3.6 ‘Crônica Social’

A coluna ‘Crônica Social’, a partir de 1928, na página quatro, informa sobre acontecimentos sociais e formaturas. Nela, a seção ‘Trechos’, assinada pelo pseudônimo *K*, aparece constantemente. O jornalista Aloysio de Carvalho Filho explica sobre a figura por trás de *K*:

Em 1921 o *Diário da Bahia* ressurgiu em novos moldes, sob a direção de Henrique Cândia, que na sua redação figurava ao abrir o ciclo severinista [orientação do político e jornalista Severino Vieira], subscrevendo, com a letra *K* os ‘Trechos’, tornados popularíssimos mormente depois que o cronista os transferiu para *A Tarde*, de cujo corpo dirigente, em 1912, participou.⁷⁴

72 PATROCÍNIO FILHO, José do. Nirvana. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 18 jul. 1926.

73 Id. A ciranda de Brixton-Prison. *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 08 ago. 1926.

74 CARVALHO FILHO, Aloysio de. Jornalismo na Bahia – 1875-1960. In: TAVARES, Luís Guilherme Pontes (Org.). *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. Salvador: Academia de Letras da Bahia e Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2005. p. 63-64.

Ao mesmo tempo em que dispõe de informação preciosa sobre o cronista dos 'Trechos', pelo sucesso em *A Tarde*, A. Carvalho Filho não dá conta de que a mesma coluna sai constantemente no *O Imparcial*. Alternando-se com a coluna 'Crônica Social', Maria Lúcia publica os "Sete Dias". Luiz Viana Filho informa sobre a identidade dessa cronista e poetisa:

Na ocasião, o *Diário [da Bahia]* organizara-se para fazer a campanha de Góes Calmon, e na direção estava Henrique Cândia, admirável figura de boêmio e de jornalista, e que, após fazer parte, no Rio de Janeiro, da famosa roda boêmia de Emílio de Menezes, Coelho Neto, Paula Ney, e Patrocínio, viera para a Bahia convocado por Severino Vieira.

Ele aqui ficou, e aqui morreu. Na ocasião escrevia crônicas sociais, ligeiras, uma espécie de Júlio Dantas nativo, as quais assinava com o pseudônimo de *Maria Lúcia*. Se não me engano era também o único a quem o Carvalho, um lusitano incumbido da gerência, pagava pontualmente.⁷⁵

Muitos colaboradores de outros órgãos de imprensa repassam suas contribuições a *O Imparcial*, ou este recebe deles publicação de seus contratados. Henrique Cândia, com *K* e *Maria Lúcia*, faz parte desse circuito aberto do jornalismo na Bahia e no País. Junto ao desejo de hegemonia de um veículo sobre os outros, há parcerias que se vão consolidando pela permanência de *O Imparcial*, *Diário da Bahia* e *A Tarde*. A partilha de autores e até de colunas é um dos expedientes de jornais em rede.⁷⁶

75 VIANA FILHO, Luiz. Alguns aspectos do jornalismo baiano. In: TAVARES, Luís Guilherme Pontes (Org.). *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. Salvador: Academia de Letras da Bahia e Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2005. p. 103-104.

76 Em capítulo anterior, ofereço outras mostras das campanhas em que essas três folhas estão sempre do mesmo lado da contenda.

3.3.7 'Página Feminina'



Uma personagem muito importante na vida literária do jornal *O Imparcial*, Maria Dolores⁷⁸ inicia a sua trajetória de colaboração com o texto "Para o

77 *O Imparcial*, Salvador, 22 out. 1931. 'Página Feminina', p. 5.

78 DOLORES, Maria (Maria de Carvalho Leite), nascia na cidade sertaneja de Bonfim de Feira - BA, no dia 10 de Setembro de 1900, filha de Hermenegildo Leite, escrivão da prefeitura, e da doméstica Balmina de Carvalho Leite. Em Bonfim, passou a infância junto com três irmãos e duas irmãs. Em 1916, diplomou-se professora pelo Educandário dos Perdões, considerada pelas colegas e professores como adolescente prodígio, graças à rara inteligência. "A poesia começou a senti-la na cidade natal, ainda quase criança, a transformar-se, mais tarde na poetisa de bons versos que todos conhecemos". Reuniu alguns de seus poemas no livro *Ciranda da Vida*. Reconhecida na capital pela sua arte, passou a escrever nos jornais *Diário de Notícias* e *O Imparcial* sendo, neste último, Redatora-Chefe da 'Página Feminina'. Durante 13 anos, escrevera nos jornais citados, mostrando um mundo de ternura que trazia dentro de si, adaptando pseudônimo de Maria Dolores. Dolores lecionou nos Educandário dos Perdões e Ginásio Carneiro Ribeiro, em Salvador. Daí, porque entendemos o seu modo todo especial de ensinar, através dos versos as almas aflitas. Mas a sua vida não poderia

pessimismo de alguém”.⁷⁹ Com todas as características de uma praticante de literatura de jornal, a poetisa escreve textos e poemas com sintaxe simples e sentimento à flor da pele. Quase confessionais, são versos sobre a vida feminina no casamento, no ambiente social e extrações espirituais. Todavia, essas produções ganham cada vez mais espaço no diário porque se aliam aos contornos tradicionais aceitos pelos leitores mais conservadores, de quem o jornal é representante. Mesmo assim, não é incomum encontrar um tom cáustico e uma crítica ferina na poesia da futura redatora da 'Página Feminina'. A partir de 17 de março, os poemas, na maioria sonetos, de Maria Dolores, estão na parte central da 'Coluna Feminina'. Além da literatura, nessa página dedicada a quem Pinto de Carvalho, Herman Lima e Bastos Tigre não deixam esquecer que são o 'belo sexo', também aparecem fotos com modelos de vestidos, notícias de comportamento e crônicas sobre receitas culinárias e truques de beleza.

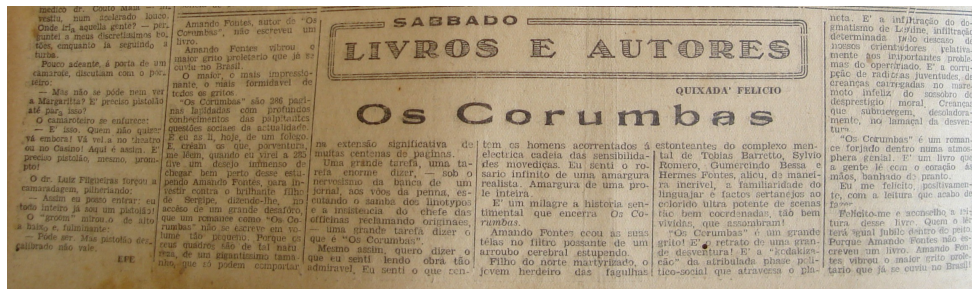
ser somente flores: estava-lhe reservada uma prova de sofrimentos morais. Casara-se com o médico Odilon Machado. Suportando infeliz consórcio durante alguns anos, finalmente deu-se a solução pelo desquite. Não houve filhos desta união, como nunca os teria Maria Dolores. Em sua peregrinação, morou em várias cidades da Bahia, e foi em Itabuna que conheceu Carlos Carmine Larocca, italiano radicado no Brasil; tornou-se sua companheira, ajudando-o, ombro a ombro, em suas atividades. Notamos nos seus versos o quanto sofrera, buscando algo que não encontrava: sua complementação afetiva, tal como fora planejado pela Providência, para que buscasse o Amor Maior, que ela soube encontrar um dia — Jesus! Tanto sofrimento não foi capaz de torná-la indiferente ao sofrimento humano. Na imprensa, falava dos direitos humanos e do sofrimento dos menos felizes. Não foi compreendida: tacharam-na de "comunista" tendo de responder sobre as acusações que lhe faziam, pois fora intimada. Em menina, fora católica; em adulta, o sofrimento fizera-lhe conhecer a doutrina de Allan Kardec, e veio a consolação, a aceitação do sofrimento. Tornou-se membro integrante da Legião da Boa Vontade, com seu espírito aberto e cheio de ideais. Fazia campanhas, prendas para os bazares realizados em sua própria casa. Fundara um grupo que se reunia em sua residência todas as semanas, quando saíam para distribuir, nos bairros carentes escolhidos, farnéis, roupas, remédios... Chamavam-se "As Mensageiras do Bem". No Natal, faziam campanhas e distribuíam donativos assim como nos Dias das Mães. Dolores costurava enxovais, vende o que era seu ou emprestava; às vezes, fazia dívidas para si, a fim de ajudar alguém. Trazia em si, um grande sentido maternal e, como não lhe foi dado o direito da maternidade, adotou 6 meninas. Carlos (o esposo) estava na Itália quando Dolores adoecera; a pneumonia manifestara-se de uma forma violenta. No dia 27 de agosto de 1959 ela partia de volta à Pátria Espiritual. Disponível em: <http://www.espiritismogi.com.br/biografias/maria_dolores.htm>. Acesso em 16 set. 2006.

79 DOLORES, Maria. Para o pessimismo de alguém. *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 24 fev. 1929.

3.3.8 'Coluna Feminina' e 'Página Feminina e Cinematográfica'

Em 1929 e em 1930, *O Imparcial* imprime a 'Coluna Feminina',⁸⁰ na qual seguem as orientações da página dirigida às mulheres da década anterior. Nela, continuam a aparecer os poemas de Maria Dolores. Informado do poder leitor das mulheres, o jornal lança essa seção para aumentar os clientes e colaboradores, uma vez que ressentia-se da ausência, desde meados de vinte, da 'Página Feminina'. A 'Página Feminina e Cinematográfica'⁸¹ publica poemas e pequenas narrativas, fotos e resenhas dos filmes em cartaz nos cinemas da cidade. Em 26 de fevereiro de 1943, o jornal anuncia a escritora Jacinta Passos como diretora da página.

3.3.9 As novas seções de 1933



82

80 DOLORES, Maria. Ai de mim... *O Imparcial*, Salvador, 17 mar. 1929. 'Coluna Feminina', p. 3; Felicidade não conhece o amor! e Esperando. 24 mar. 1929, p. 3; A Páscoa do meu sonho – cântico à minha terra. 31 mar. 1929, p. 3; Muito tarde. 07 abril 1929, p. 3; Ânsia de viver... 14 abril 1929, p. 3; Eu sei que não virás... 28 abril 1929, p. 3; Eu sei que não virás. 30 abril 1929, p. 3; Minha aldeia querida. 12 maio 1929, p. 3; A casa da farinha. 16 jun. 1929, p. 3; S. João... 23 jun. 1929, p. 3; O lobo esfomeado. 30 jun. 1929, p. 3; Transfiguração. 7 jul. 1929, p. 3; A hora do adormecer. 13 jul. 1929, p. 3. O prestígio da colaboradora de Página Feminina é demonstrado pelo texto "Mãos Trágicas, em carta apresentando a um dos redatores da Revista *Fon-Fon* a poetisa D. Maria Dolores", de 29 jul. 1929, p. 1. A continuação da "Coluna Feminina" apresenta textos de Maria Dolores: Mãos Trágicas. 31 jul. 1929, p. 5; Mãos Divinas. 4 ago. 1929, p. 5; Símbolo. 11 ago. 1929, p. 3, a Lafayette Guimarães; A alegria de viver. 25 ago. 1929, p. 3; Quando o dia morre. 8 set. 1929, p. 3; Orgia de luar. 15 set. 1929, p. 1; A Rendeira. 1 out. 1929, p. 5; O caminho da vida. 6 out. 1929, p. 3; Em silêncio ... Na penumbra. 20 out. 1929, p. 3; Como eu desejo morrer. 1 dez. 1929, p. 3; Carta a Papai Noel. 25 dez. 1929, p. 3.

81 *O Imparcial*, Salvador, 19 dez. 1940. 'Página Feminina e Cinematográfica', p. 5.

82 *O Imparcial*, Salvador, 21 out. 1933. 'Livros e Autores', p. 2.

A nova organização do jornal ocasiona o surgimento de colunas, como 'Pela Ordem...', impreterivelmente na quarta página. Criada pelo jovem ensaísta baiano Afrânio Coutinho, publica-se nela o artigo de fundo, sendo colaboradores os prestigiados críticos do calibre de Bastos Tigre, Monteiro Lobato, Alceu Amoroso Lima, A. Alexandre Machado, Afrânio Coutinho, o conde Afonso Celso, sua filha Maria Eugênia Celso, Alberto Guerreiro Ramos, o padre Assis Memória. Uma característica da coluna dirigida por Coutinho é ser publicada na íntegra naquela página, sem continuar em outra. Faz parte da rotina do jornal um texto começar na primeira página e ser concluído na quinta ou sétima, quando não passa para a edição do outro dia.

Tanto na escolha e defesa de uma ordem para o País como nas palavras *pela ordem* — com o tradicional gesto da mão esquerda espalmada horizontalmente, em frente ao peito, e a direita, na vertical, tocando o centro da palma, usada em reuniões conturbadas —, o nome privilegia textos reflexivos a respeito da religião, da política cultural e partidária, da filosofia, do sistema de governo, sobre a identidade brasileira e a ordem mundial. O criador da coluna escreve textos sobre a noção pessoal de cristandade, abordando o que considera deturpações espirituais e até atraindo celeumas com as ordens religiosas da Bahia. A literatura também é discutida, com todos os aspectos do entorno literário: mercado editor, tradução, textos para crianças, movimentos na Europa e no Brasil, o ensino, a invasão das publicações estrangeiras e outros.

A mudança de diretores e o longo percurso de tempo permitem acontecimentos curiosos. Em 30 de novembro de 1935, aparece mais um texto de Heitor Moniz, em 'Pela Ordem...'. O lugar de destaque do periódico é oferecido ao filho de Antonio Moniz, o governador da Bahia (1916-1920), rechaçado por Lemos Brito. O signo do combate que sempre caracteriza as páginas, desde o primeiro dia até 'Pela Ordem...', porta também a convivência da contradição, só percebida pela atenção à cotidianidade da cultura no jornal, em fluxo temporal: o ser que aparece aberto afronta as noções de coerência que praticamos. À medida que protegemos os códigos de coerência, encobrimos o ser.

3.3.11 'Vida Social', a crônica conta histórias



84

Na estrutura do periódico, a coluna 'Vida Social', que substitui a antiga e bem-sucedida 'Crônica Social', tem seu melhor momento com os textos dos colaboradores: Tetrá de Teffé, o conde Afonso Celso, João Paraguaçu ou Paraguassu (M. Paulo Filho), Ulpi, Quixadá Felício, Sílvia Patricia, Nini Miranda (talvez a diretora), Raul Azevedo, Dermival Costalima, Bayard, Heitor Moniz. Num formato duplamente perceptível a estudo, os textos impressos na seção oscilam entre uma escrita ficcional e a crítica dos acontecimentos culturais e literários do presente e do passado.⁸⁵ Os autores discutem constantemente sobre os feitos da

84 *O Imparcial*, Salvador, 15 ago. 1937. 'Vida Social', p. 6.

85 TEFFÉ, Tetrá de. Crepúsculo ... de autores. *O Imparcial*, Salvador, 3 jul. 1936. 'Vida Social', p. 2; ULPI. Tempos modernos. 4 jul. 1936, p. 2; TEFFÉ, Tetrá de. O jornalista. 14 jul. 1936, p. 2; ANTONIO, Marco. O naufrágio dos poetas. 16 jul. 1936, p. 2; AZEVEDO, Raul. Livros dos outros. 11 ago. 1936, p. 2; MONIZ, Heitor. Um romancista do norte. 3 set. 1936, p. 2; PATRÍCIA, Sílvia. Stefan Zweig, o grande idealista. 5 set. 1936, p. 2; PARAGUAÇU, João. Fioravanti. 7 set. 1936, p. 7; MONIZ,

literatura local.

'Vida Social' mantém vigor ao longo dos anos de existência (é publicada até o término do jornal), principalmente pelos textos enviados do Rio de Janeiro, por M. Paulo Filho, sob o pseudônimo de João Paraguaçu, que publica até 1943. Ele também produz artigos com seu nome próprio, como em "Macumbeiros",⁸⁶ resenha de um livro de Cláudio Souza. E com o famoso pseudônimo cronístico, em 'Vida Social', realiza uma série de textos sobre grandes homens do passado, entre eles, Rui Barbosa.⁸⁷ A lembrança de Rui, nas crônicas históricas, objetiva manter uma memória pessoal e uma visão de mundo política ainda vivas.

Falecido em 1923, Rui permanece através de sua memória, às portas da década de 1940. Uma versão de Brasil marcado pela oratória como símbolo civilizado e o apego à tradição ainda mais antiga, que vem do século XIX, tentam sobreviver. Os opositores a essa ideologia, ancorada na reminiscência dos feitos políticos e diplomáticos do tribuno, desejam novos rumos. Tais renovadores, mais aproximados da configuração de República do que tomam consciência (as bases de violência ainda não tinham sido abandonadas), propõem um novo modelo de intelectual, mais ligado às esquerdas e cada vez menos saído das cátedras dos bacharéis.

Heitor. O *João Caetano* de Lafayette Silva. 16 nov. 1936, p. 2; TEFFÉ, Tetrá de. O último romance de Duvernois. 7 jan. 1937, p. 2; PARAGUAÇU, João. Casimiro e outros. 13 jan. 1937, p. 2; R. A. Há dez anos passados... 14 jan. 1937, p. 2; VILLELA, Iracema Guimarães. Trovadores de outrora. 15 jan. 1937, p. 2.

86 PAULO FILHO, M. Macumbeiros. *O Imparcial*, Salvador, p. 6, 30 dez. 1936.

87 PARAGUAÇU, João: Rui e o príncipe dos poetas. *O Imparcial*, Salvador, 2 fev. 1937. 'Vida Social', p. 2; Rui no Colégio Abílio. 28 maio 1937, p. 6; Rui e o piano. 5 ago. 1937, p. 6; Gounod em casa de Rui. 9 ago. 1937, p. 2; Rui e Azevedo. 6 jan. 1938, p. 7; Rui e De Martens. 21 jan. 1938, p. 7; Rui no Senado. 27 jan. 1938, p. 7; Rui na Academia. 25 fev. 1938, p. 7; Rui e a Academia. 9 abr. 1938, p. 7; Rui e Hermes. 6 out. 1938, p. 7; Rui glorificado. 9 nov. 1938, p. 7; Rui no Provisório. 29 abril 1939, p. 7; Rui e Pinheiro. 3 maio 1939, p. 7; Rui e os Caxinanás. 4 maio 1939, p. 7; Berlios em casa de Rui. 27 set. 1939, p. 7; Rui e o positivismo. 11 out. 1939, p. 7; Rui e as crianças. 4 nov. 1939, p. 7; Rui e Assis Brasil. 14 dez. 1939, p. 7; Rui e Anatole France. 15 jul. 1941, p. 2; Alcindo e Rui. 1 maio 1942, p. 5; O jubileu de Rui. 30 maio 1942, p. 5; Rui e Seabra. 2 dez. 1942, p. 3; PAULO FILHO, M. Os livros de Rui. *O Imparcial*, Salvador, 26 jun. 1938. 'Pela Ordem...', p. 4.

3.3.12 'Crônicas do Rio'



88

É criada também a seção 'Crônicas do Rio', a partir do texto "Letras Baianas",⁸⁹ que tem Nelson de Souza Carneiro como redator e que escreve crítica e crônica de maneira esparsa nos anos anteriores. A seção realiza uma crônica política, legislativa e assuntos da capital federal de interesse do povo baiano. Logo de início, Souza Carneiro dá destaque ao poeta Aloysio de Carvalho: "O dia de Lulu Parola,"⁹⁰ praticante famoso em um dos gêneros mais populares do jornal. O epigrama liga-se ao repente de poetas como Muniz Barreto, e ao poema jocoso e erótico de que dois expoentes são Gregório de Matos e Laurindo Rabelo. Regularmente, os poemas de Lulu Parola aparecem, n'O Imparcial, em sua coluna 'Salão dos Humoristas'.

Nas 'Crônicas do Rio', de 16 de março de 1938, Nelson de Souza Carneiro

88 O Imparcial, Salvador, 8 jan. 1937. 'Crônicas do Rio', p. 5.

89 CARNEIRO, Nelson de Souza. Letras Baianas. O Imparcial, Salvador, 10 fev. 1935. 'Crônicas do Rio', p. 3.

90 Id. O dia de Lulu Parola. O Imparcial, Salvador, 27 dez. 1936. 'Crônicas do Rio', p. 5.

aborda o cânone literário da Bahia de então e seu frágil sistema desencadeador. Em “Bahia ignorada...” o cronista confessa pouco saber sobre o governo, assunto que lhe cabe por se ocupar de política e pela atuação jornalística. O futuro autor da “Lei do Divórcio” apresenta os autores baianos mais destacados e menos conhecidos fora das cercanias estaduais:

Hei, entretanto, de me dirigir aos responsáveis, no momento, pelos destinos dessa grande e desventurada terra, renovando o velho apelo em favor de nossas tradições intelectuais e culturais, que se amofinam por aí e por aqui quase inteiramente se desconhecem. Com efeito. Dos valores baianos, que ainda residem na Bahia, poucos transpuseram as muralhas em que tantos outros se encarceraram.⁹¹

O fator da permanência na Bahia continua crucial para muitos dos que pretendem produzir literatura. Para o cronista, a gravidade é dupla: (1) pelo amofinar das tradições pouco incentivadas aqui e, por isso, (2) desconhecidas de outras regiões, principalmente, da capital, de onde fala Nelson Carneiro. Para um cronista que tem como foco de análise e de escrita a passagem dessa cultura e seus diversos trânsitos, a terra baiana afigura-se como uma “muralha” de árdua ultrapassagem para os escritores conterrâneos. Ele dimensiona os intelectuais dignos de lembrança: “Nestor Duarte, Luiz Viana, Edison Carneiro, João Cordeiro, Clovis Amorim, sem falar, é bem de ver, em Xavier Marques e Carlos Chiacchio.” Na busca de uma saída para o impasse da literatura e da cultura baiana “amofinadas”, o cronista observa a importância das instituições culturais:

Volto à necessidade de se confiar à Academia de Letras, movimentada com o acesso de valores da moderna geração, a tarefa de incentivar as boas letras e o estudo da língua nacional, apara de uma campanha melhor orientada das expressões atuais — da Bahia. Necessário, para isso, seria assegurar à instituição uma sede condigna, datá-la de verba para atender aos serviços de sua secretaria, à distribuição anual de prêmios, à divulgação do órgão oficial.⁹²

91 CARNEIRO, Nelson de Souza. Bahia ignorada. *O Imparcial*, Salvador, 16 mar. 1938. 'Crônicas do Rio', p. 3.

92 Id. *Ibid.*, p. 3.

Interligada ao modelo administrativo e ao gerenciamento das verbas públicas, a Academia de Letras da Bahia sofre de mesmo sintoma que as instituições culturais. Nelson Carneiro sugere o amparo, pelo poder público, através de lei cultural com verba específica, para a qual redige uma minuta no decorrer do texto, a fim de incentivar a produção literária e a divulgação cultural.

Alguns dias depois, 'Crônicas do Rio' publica outro texto sobre a literatura. De fato, não se trata de uma seção de crítica literária, mas o espaço oferecido aos movimentos e a produtos das letras, pelo articulista, tem outro objetivo. Ali, elas estão com um sentido de cultura e de utilidade coletiva. O sistema literário é a tônica da abordagem, apesar de o fato ocorrer sem ser detectado. Eis um assunto para especialistas, mesmo que não sejam eles os principais atores do processo — legislar é encargo de políticos e bacharéis. Entretanto, sem a presença do estudioso, os temas são sempre tratados como bem inédito e nascido da generosidade. O intelectual tem um papel na sociedade e dele não pode escapar. Em "ALA..."⁹³, Nelson Carneiro anuncia e avalia os movimentos de literatura dos últimos anos:

Quatro grandes movimentos literários agitaram, nesses últimos anos, a velha terra distante.

O primeiro, sem dúvida, o mais eloqüente foi da *Nova Cruzada*. Dos que dirigiram poucos ainda vivem. Raros, entretanto, entre esses, mantêm crepitante a chama sagrada, que lhes iluminou os espíritos, Carlos Chiacchio é desses abnegados servidores das boas letras.

Sob sua direção, surgiu, não há muito, *Arco & Flexa*.

Era a poesia moderna. A prosa sem derrames. A idéia exposta com a frieza de um anatomista que rasga com o bisturi afiado um cadáver.⁹⁴

O movimento *Arco & Flexa*, explica o cronista, nasce nas bancas dos cafés, vive nelas e nelas sucumbe. Contudo, os seus frutos conseguem romper o que ele chama de "muralhas chinesas que separam São Salvador do resto do país." Novamente aparece o gosto pela lista de autores, que, assim, se vão divulgando:

93 CARNEIRO, Nelson de Souza. Ala... *O Imparcial*, Salvador, 20 mar. 1938. 'Crônicas do Rio', p. 3.

94 Id. Ibid., p. 3.

Apareciam então novos valores. Hélio Simões, que abandonava meio místico os bancos do Colégio Antonio Vieira, surgia de improviso. Lafaiete Spínola, Carvalho Filho e Pinto de Aguiar faziam versos. Ramayana [de Chevalier] discursava. Os trabalhos de Eugênio Gomes mereciam já, então, como ainda hoje, referências especiais.⁹⁵

A necessidade do incentivador, aquele que vai atrás dos talentos, reforça os convites e provoca a sociedade geral e a artística em particular, é característica da cultura literária. É como se os talentos estivessem adormecidos à espera de alguém que os despertasse. Assim, corre-se o risco de que a literatura esteja concentrada nas mãos dos mestres e dos orientadores. Se Carlos Chiacchio personifica essa figura, ele não está sozinho na constelação de criadores e organizadores culturais. Segundo Nelson de Souza, outro nome rival é Pinheiro Viegas:

Aquele demônio do Pinheiro Viegas coordenou o terceiro movimento literário que a Bahia assistiu nos últimos anos. O movimento foi como ele mesmo, amargo. De constante revolta. De permanente insatisfação. Confinou-se, por isso, à Academia dos Rebeldes. Daquele grupo, poucos os que não triunfaram ainda, os que não têm o pé na estrada da vitória. Basta referir-lhes alguns nomes, com indiscutida projeção nacional: — Jorge Amado, Edison Carneiro, Dias da Costa, João Cordeiro, Alves Ribeiro, Clovis Amorim, Sosígenes Costa.⁹⁶

A *Academia dos Rebeldes* é movimento que, tentando uma diferenciação das iniciativas lideradas por Carlos Chiacchio, busca uma crítica mais contundente. Para os *Rebeldes*, *Arco & Flexa* está imbuída dos valores da elite e tem vínculos com a Academia de Letras da Bahia, então, para diferenciar, os pupilos de Viegas desejam ser a alternativa mais popular. Sua rebeldia faz com que também repudie o modelo de Modernismo vindo de São Paulo. Por isso, estudam a cultura popular e religião negra, de que se utilizam seus dois maiores expoentes ali citados: Jorge Amado e Edison Carneiro. O outro movimento, de menor êxito, *Academia dos Moços*, que é dirigida por Bulcão Junior e Hélio Sodré, também motiva registro por Carneiro:

95 CARNEIRO, p. 3, 20 mar. 1938.

96 Id. *Ibid.*, p. 3.

Depois de vários anos de apatia, de quase total indiferença quando se foram estiolando muitas promissoras capacidades intelectuais, vencidas pelas preterições ou pelas violências, desviadas ainda para sectores diversos, novo movimento literário, chegam-me rumores, aí se registra e, à sua frente, reponta esse gorducho Carlos Chiacchio, beneditino incansável das letras baianas.⁹⁷

O jornal informa, em texto anterior, a iniciativa da referida *Academia dos Moços*,⁹⁸ sob a presidência de Xavier Marques, que é tratado como “nosso antigo confrade e escritor regionalista”. Os escritores presentes à solenidade são: o orador Hélio Sodré, “um dos fundadores do novo grêmio”, Otto Bittencourt e o poeta Pereira Reis.

Carneiro ilustra um dos pontos que venho discutindo: o forte vínculo entre literatura e violência. Em seu exame, muitos talentos promissores são calados pelo uso cotidiano de ataques corporais e morais, além dos métodos de inclusão nos poucos meios difusores da literatura. Pelo que avalia, nisso acerta o cronista, é preciso constatar a falta ou apatia dos meios literários, mas também há de se analisar conscienciosamente os meios pelos quais se intercepta o surgimento e se divulga a literatura. É como se estivéssemos refletindo sobre um anti-sistema literário, tão poderoso quanto o sistema em si e em luta com esse para que a literatura tome corpo de modo peculiar.

Em matéria de estudo regular de obras consagradas, a procura dos aspectos de entorno, como a vida do autor, o valor do trabalho das letras e o modo como se escolariza os textos, são posicionados em plano menos importante. Isto porque as questões de incentivo, mercado e autoria explicam um produto existente e visível; dificilmente passa dessa contingência. O anti-sistema, por sua vez, protagonista desse conceito de literatura, torna imprescindíveis o destaque e o aprofundamento daqueles elementos formadores do literário, para que se veja a literatura, além do livro, como ação literária. Tratado tradicionalmente como insuficiente, o sistema depende da flutuação de seus aspectos para perceber sua identidade.

⁹⁷ CARNEIRO, p. 3, 20 mar. 1938.

⁹⁸ ACADEMIA LITERÁRIA DOS MOÇOS — A SESSÃO INAUGURAL, ONTEM NO SALÃO NOBRE DA PREFEITURA. *O Imparcial*, Salvador, p. 2, 2 out. 1931.

Privilégio de poucos, o letramento é motivo de exílios, prisões, violências e assassinatos, principalmente em país com a organização do Brasil, no período. Na Bahia, a letra, arregimentada nos órgãos de imprensa, toma seu lugar decisivo na luta política, seja literária ou intelectual:

Ala das Letras e das Artes — leio num magnífico comentário de Dermalva Costa Lima, esse encantador cronista de nossa cidade, no *O Imparcial*, de ontem — é a ação.

E das Edições Ala já está entregue ao público o segundo volume.

Um livro de versos de Chiacchio: — *Infância*.

Dermalva teve a lembrança de transcrever alguns desses versos. Antes disso. É o consolo dos que não esperam encontrar, nas livrarias cariocas, esse caderno amável de recordações.⁹⁹

O movimento de *Ala*, acumulada a experiência dos registros anteriores, vem mais aprimorado e mais forte. Além da constituição do grupo, com componentes da capital e do interior, Chiacchio inova criando as Edições de Ala. Ele tem a consciência desde os debates de 1931, organizados por Maria Dolores, de que não ser provido de editoras pune a literatura local com o mutismo involuntário e depreciativo. Está correto Chiacchio, não havendo por onde veicular as produções, *Ala* também providencia edição de obra ou coletâneas.

Não permitindo que sua crônica fique apenas na resenha, Carneiro retorna ao foco principal: que a cobrança dos órgãos gestores não se tome da apatia a que se condena a Bahia na avaliação crítica:

Indispensável, entretanto, que os poderes públicos auxiliem indiretamente, os movimentos intelectuais que agitam, como o da *Ala*, a velha província, de modo a que possam mais facilmente transpor as lindes estaduais e se projetar, com a força de suas revelações e a beleza de seus inesperados, no panorama intelectual do Brasil.¹⁰⁰

99 CARNEIRO. p. 3, 20 mar. 1938.

100 Id. Ibid., p. 3.

Os textos de Nelson de Souza Carneiro compõem o grande quadro literário que o jornal vem construindo sobre a cultura e a literatura. Inseridos a Academia de Letras e os órgãos oficiais patrocinadores, provindos da prefeitura de Salvador e do governo estadual, formam-se as condições ideais para constituir a literatura baiana. O ponto atacado nas 'Crônicas do Rio' não perde de vista vínculos político-administrativos, de que o jornal é o divulgador, com a cultura local. A partir da tomada de consciência (cura) desse intrincado cordame que constitui a cultura, é possível refletir sobre o literário enriquecido desde quando amplie seus conceitos sobre literatura. No seu elenco de agremiações, o cronista deixa de registrar o *Grupo da Baixinha*, que realiza uma famosa revista: *Samba*¹⁰¹ (1928).

O efeito institucional e político de 'Crônicas do Rio' é sentido quando o governo de Vargas aceita subvencionar anualmente os órgãos oficiais de cultura, os quais podem continuar suas publicações na década da II Grande Guerra. Pela seção, é possível que o ser mostre-se através da legislação da literatura.

101 O Grupo [da Baixinha] é responsável pelo lançamento da revista *SAMBA* que marca época e presença na história da vida literária baiana dos anos vinte do século passado. Graças ao Conselho de Cultura do Estado da Bahia recentemente sai publicada uma edição facsimilada da mesma. A revista mensal *Samba* é a primeira de feição modernista a ser editada na Bahia, sendo, portanto, precursora da revista *Arco & Flexa*, liderada pelo poeta e crítico Carlos Chiacchio. Segundo depoimento de Nonato Marques, no livro *A poesia era uma festa*, '*Samba* era uma revista modesta composta em papel jornal. Foram publicados apenas quatro números. A revista teve vida efêmera como os cometas, porém, mesmo assim, deixou um traço luminoso na história da vida literária'. Sérgio Mattos. NONATO MARQUES, O POETA DA BAIXINHA.

Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/matos3.html>>. Acesso: 15 set. 2006.

3.3.13 'Seção das Crianças'



102

O jornal inaugura uma coluna somente para leitura infantil: 'Seção das Crianças', em 16 de setembro de 1935 (p. 3), dirigida por Vovô Ambrósio e Tia Lila, provavelmente, pseudônimos dos diretores do matutino, V. Hugo Aranha e Laudemiro Menezes. Publicam-se anedotas, histórias infantis, fragmentos narrativos com conteúdo educativo e moralizante, de humor, contendo lições gramaticais, matemáticas e adivinhações; textos folclóricos e poemas leves, adequados, segundo uma orientação do diário, para o deleite infantil. Alguns exemplos são Tomaz Posada, Artur Azevedo, Luiz Macedo, Maria Alves Velloso, Malba Tahan, Candido Mendes Junior, Celso Nascimento, Mãe Feliciano. As características da página, a começar pela quantidade de textos assinados, com pseudônimos ou sem assinatura, atentam para interferência regular de textos de ordem política. Além dos conteúdos moralizantes, aparecem fábulas e alegorias sobre a situação ideológica integralista

que o jornal deseja transferir aos pequenos leitores.

3.3.14 'Semana Universitária', ou o integralismo para os jovens



103

A página 'Semana Universitária' é criada para interagir contra o sucesso das idéias marxistas nos jovens universitários baianos. Nela, escrevem autores integralistas de peso, cujo teor de seus textos valoriza o conservadorismo e a ordem tradicional. Em 17 de maio de 1937 (p. 4), o escritor Hélio Simões profere a defesa de uma democracia do Sigma. O conferencista é contra o sufrágio universal, no qual, em sua opinião, haveria um País de ignorantes. Justifica-se na maioria de analfabetos do Brasil. Simões liga a Organização de Ala ao Integralismo porque costuma proferir conferência e publicar no grupo idealizado por C. Chiacchio. Além do escritor baiano, publicam-se textos de Joaquim Nabuco, Roberto Cruz, Oldegar Vieira, nessa coluna.

Em 11 de novembro de 1937, o jornal anuncia mais uma mudança na ordem institucional do Brasil. Getúlio Vargas apresenta o Estado Novo, com a dissolução de todas as instâncias políticas, Câmara Federal, Conselhos e Senado. A primeira reação ao anúncio administrativo faz o interventor Juraci Magalhães renunciar ao governo. O jornal noticia as radicais mudanças e aprova as medidas ditatoriais. Defende que são método seguro contra o perigo comunista. Novamente, a organização interna, ligada diretamente à intelectualidade e à literatura, através da página 'Semana Universitária', está articulada aos festejos do governo de Vargas, para seu proveito, mais inclinado aos integralistas.

3.3.15 'Página de ALA'



104

À semelhança de 'Pela Ordem', a 'Página de Ala' tem papel decisivo no

desempenho cultural da Bahia, na ótica do jornal.¹⁰⁵ Antes mesmo de aparecer formalizada e com uma numeração específica na quinta página do matutino, aos domingos, ela faz parte de acontecimentos intelectuais da cidade de Salvador. Essa página organiza-se a partir de seções com títulos e autores fixos, diminuindo ao máximo a participação de autores tidos como nacionais, para se fixar nos componentes de *Ala* baiana e de outros estados, como a iniciativa de Minas Gerais.

São colaboradores assíduos: Hélio Simões, Valdemar Matos, Joaquim Manso, Carlos Chiacchio, Oldegar Vieira, Roberto Correia, Edila Mangabeira, Arquimedes Pereira, J. da Silva Campos, Alexandre Bittencourt, Álvaro Las Casas, Adeodato Filho, Anísio Melhor, Hormindo M. Alvim, Julival Rebouças, Aurides Magalhães, Olegário Mariano, Gilberto Guimarães, Evandro Baltazar da Silveira, Laudionor A. Brasil, Simas Saraiva, Epaminondas Pontes, Ernani Menezes, Ivan Lins, José César Borba, Ruy Espinheira, Carmem Gomes, Eduardo Tourinho, Jacinta Passos, Armindo Ferreira, Carlos Eduardo, Eurico Alves, Portugal Júnior, Artur de Sales, Odorico Pires Pinho. A Ala da cidade baiana de Vitória da Conquista colabora com Rostil de Matos, Camilo de Jesus Lima, Almir Matos, Plínio de Lima e outros.

Padres e religiosos publicam na página e expandem, depois, sua atuação para outras colunas do jornal, como 'Pela Ordem....' e 'Vida Social.' São eles Pe. Luiz Gonzaga Mariz S. J., Jerônimo de Souza, Padre Manoel Barbosa, P. Arlindo Vieira S. J., Padre Maia de Ataíde. As seções mais freqüentes da página são: 'Índice regional — Fotocrônica', 'Farpas', 'Literárias', 'Solares da Bahia', 'Contos de ALA', 'Poesia', 'Biocrítica', além de 'Página de Ala' em homenagem aos intelectuais e escritores célebres da Bahia e do Brasil. Essas colunas fazem parte do projeto artístico de Carlos Chiacchio, apresentando autores, divulgando teorias e informando sobre os títulos de Ala.

Chiacchio, em 15 de março de 1937 (p. 5), investido do cargo de diretor da Organização Oficial de Ala das Letras e das Artes, órgão ligado à Escola de Belas Artes e à Academia de Letras da Bahia, lança a campanha pelo mausoléu do poeta

105 Retornarei no capítulo 5, em estudo a respeito do movimento de Ala. Aqui apenas abordo a página no jornal.

Castro Alves. No texto, argumenta que o túmulo onde está sepultado o maior dos poetas baianos não é próprio, mas pertencente à sua família, não tendo por isso a privacidade à altura da estima dos conterrâneos e do País. Para tanto, conclama as pessoas sensíveis de todo o Brasil, e principalmente as locais, para que respondam da maneira mais justa possível. O jornal, em apoio, passa toda a semana publicando textos em homenagem ao “poeta dos escravos”.

No dia 23 de março, acontece a solenidade mais importante: A irmã de Castro Alves ingressa no Integralismo. Segundo o artigo, “Enriquecendo o quadro brilhante dos intelectuais brasileiros que afirmam a feição intelectual do Integralismo, acaba de ingressar na Ação Integralista Brasileira a grande mestre, poetisa baiana, d. Adelaide de Castro Alves Guimarães, a mais antiga poetisa viva do Brasil.” A filiação da octogenária escritora residente no Rio de Janeiro junta o prestígio do nome Castro Alves, emblema de um cânone que lembra a nacionalidade e a defesa de códigos tradicionais como a família e a pátria. A solenidade ainda estampa nova reportagem contendo fotos dos participantes em uniformes verdes e gestos de mãos espalmadas para o alto: “Ingresso da irmã de Castro Alves nas fileiras dos integralistas — como decorreu a solenidade do juramento”.¹⁰⁶

Conforme uma seqüência planejada de ações culturais, Chiacchio lança a 'Página de Ala' em 8 de agosto de 1938. Criada como um dos braços editoriais do movimento de Ala, ali aparecem os resumos dos eventos produzidos, as resenhas e artigos enviados de outras Alas da região, como poemas, manifestos, críticas e proposições vinculadas ao trabalho de literatura coletiva. Tal perfil desencadeia edições especiais centradas em autores ou “figuras de eleição”, a partir do número 43 (7 jun. 1939, p. 5). O primeiro é Tobias Barreto. O escritor sergipano é tema de estudos críticos, resenhas de seus livros, iconografia e fragmentos de sua obra, o que representa uma retomada de leitura do autor. Apesar de serem chamados de tradicionalistas, não se pode negar o mérito de trazer estudo mais detalhado sobre os escritores naquela 'Página'.¹⁰⁷

106 INGRESSO DA IRMÃ DE CASTRO ALVES NAS FILEIRAS DOS INTEGRALISTAS — COMO DECORREU A SOLENIDADE DO JURAMENTO. *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 28 mar. 1937.

107 Outros homenageados são: Machado de Assis, em 21 de junho de 1939, p. 4 e 5; Ernesto Carneiro Ribeiro, 13 set. 1939, p. 5; Pedro Luís, 20 dez. 1939, p. 5; Euclides da Cunha, 31 jan. 1940, p. 5; João da Silva Campos, 10 jul. 1940; Rui Barbosa, 05 nov. 1941, p. 7; Presciliano Silva, 12 nov.

Apesar de a década de 1930 ter sido a mais irregular do jornal, por causa das diversas interrupções, é nesse momento que se realiza a vocação proposta pelo seu fundador. De fato, *O Imparcial* pouco se cala contra ações e idéias que julga diferentes ou contra as suas próprias. O Modernismo e os movimentos literários arquitetados e praticados na Bahia amadurecem. Nessa parte, a imprensa cumpre papel relevante porque supre a ausência das editoras e outros órgãos para divulgar e refletir sobre o discurso da literatura e da cultura. Assim, não está muito distante da prática dos centros do Brasil, levando-se em conta a futura reclamação de Afrânio Coutinho quanto ao amadorismo e impressionismo dos estudos.¹⁰⁸

Muitas das recusas intelectuais vindas de fora, como da Semana de Arte Moderna, têm seus motivos na ordem da cultura e da literatura local: de longa tradição, mas de pouco conhecimento fora das fronteiras estaduais; de grandes nomes, todavia, de reduzida lembrança no Brasil. Há sempre escritores baianos na ABL e na Academia Carioca de Letras nesse período, mesmo não restituindo prestígio desejado pelos críticos. As recusas intelectuais, que posicionam a Bahia num lugar de atraso, estão articuladas a todos os embates políticos e militares que a vitimam ou a envolvem. Um fato é que através do jornal, por onde a literatura teve livre acesso, vê-se produtores e críticos insatisfeitos e contestadores do lugar nem sempre vitorioso. A escrita dos polêmicos anos trinta, no papel imprensa, obriga a um julgamento da literatura mais cuidadoso e menos isolado das outras seções. A nova direção de Álvaro M. Catarino mantém a 'Página de Ala', como a principal seção de literatura e desaparece a 'Semana Universitária'. A inquietação do auge da guerra, como principal assunto do jornal, equilibra-se com o ataque aos comunistas, apesar da perda de poder dos integralistas. Os anos seguintes são dedicados à busca de uma orientação democrática que privilegie a região.

Em 5 de junho de 1940, a página comemora a visibilidade no País graças a

1941, p. 7; Amélia Rodrigues, 19 nov. 1941, p. 7; Xavier Marques, 17 dez. 1941, p. 7; Roberto Correia, 31 dez. 1941, p. 7.

108 Há teses que apontam a Bahia como avançada, como a de Dulce Mascarenhas sobre Carlos Chiacchio. Para a ex-professora da UFBA, uma vez que a prática crítica de Chiacchio está baseada em pontos teóricos estabelecidos — Tradicionismo Dinâmico e Biocrítica — a sua visão divulgada nos jornais não está mais presa aos defeitos detectados pelo antigo colega criador da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e de sua pós-graduação — Afrânio Coutinho. Há também críticas à apatia e à penúria das letras locais, provando que esses ambientes, embora conservadores, estão empenhados no senso crítico positivo.

um auxílio financeiro presidencial. Desde o final da década anterior, os políticos e intelectuais vêm requerendo mais apoio financeiro para as instituições culturais baianas, como reclama inúmeras vezes, em ‘Crônicas do Rio’, Nelson de Souza Carneiro. A notícia é “O Sr. Presidente da República aprova o Decreto-Lei de subvenção a Ala das Letras e das Artes — Comunicado do Sr. Ministro da Justiça ao Sr. Interventor Federal do Estado” (‘Página de Ala’, sem assinatura, p. 5). Pelos termos da Lei, são beneficiados a Academia de Letras da Bahia, Ala das Letras e das Artes e Sport Club Santa Cruz. Nesse acontecimento está um dos motivos do vigor editorial de Ala, porque, ligada aos órgãos oficiais, pode sobreviver e produzir generosamente.

O jornal mantém coerência nas idéias e no cânone, apesar do longo tempo de percurso em época das mais complexas. Até projetos que iniciam a vida do jornal, como a campanha pelo monumento a Castro Alves, juntamente com *A Tarde*, ainda são perseguidos. Como a campanha “Pró Mausoléu de Castro Alves”, que se arrasta por dois anos, ainda continua na ‘Página de Ala’. A página idealizada por Carlos Chiacchio tem no apelo à valorização de poetas como Castro Alves o motivo de trabalho. Desse modo, a literatura pela qual se luta e cuja existência é questionada em alguns momentos, também é um dos elementos que dão identidade e coerência a *O Imparcial*, como um todo.

3.3.16 ‘Não há de ser nada’

Em maio de 1941, começa a publicar outro jovem que influi nos rumos da última fase do diário — Wilson Lins.¹⁰⁹ O filho do coronel Franklin Lins de

109 LINS, Wilson. Nasceu em Pilão Arcado, no Médio São Francisco, Estado da Bahia, a 25 de abril de 1919. Fez o curso de humanidades no Ginásio Carneiro Ribeiro e Ypiranga, em Salvador. Muito jovem, ingressou no jornalismo, havendo dirigido o matutino *O Imparcial*, trabalhado no *Diário de Notícias*, *Diário da Bahia* e *A Tarde*, e colaborado no *Jornal da Bahia*. De 1948 a 1950, integrou a redação do vespertino carioca *O Mundo*, no qual ainda mantinha uma crônica diária sob o título ‘Pedra no Caminho’. Estreou no romance em 1939, com a obra surrealista *Zaratustra me contou*. Em 1945 e 1946, publicou pelas Edições *O Imparcial*, os ensaios *12 Ensaios de Nietzsche e a Infância do mundo*. Em 1952, publicou a primeira edição de *O Médio São Francisco* pelas Edições Oxumaré. São de sua autoria os seguintes romances: *Os cabras do Coronel*, GRD, Rio, 1964, *O reduto*. Livraria Martins Editora, São Paulo, 1965; *Remanso da valentia*, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1967;

Albuquerque escreve um romance-folhetim com o título *Jacuba, Juazeiro da Lordeza*.¹¹⁰ No cargo de diretor de *O Imparcial*, inicia uma coluna de crônicas curtas e críticas ao governo de Getúlio Vargas e ao interventor da Bahia, Landulfo Alves, o que providencia algumas prisões e interrupções da publicação do jornal. Assinando *W. L.*, na coluna ‘Não há de ser nada’, diariamente, suas críticas não têm limitação de assuntos, versando sobre política, na maioria das vezes, cultura, guerra, literatura e artes.

A partir de 16 de agosto de 1945, os textos de Wilson Lins assumem o projeto autonomista para unir a Bahia e torná-la independente das intervenções federais. Em “A Bahia não é jacobina e sim autonomista”,¹¹¹ “O partido da emancipação da Bahia”,¹¹² “Autonomismo e Federalismo”,¹¹³ “Reconstituente, sim...”,¹¹⁴ o cronista analisa a configuração política e defende o movimento que fica para história como o “Levante da Bahia”, e outros estados, pela democracia. As elites e os grandes políticos se unem pela anistia dos exilados, entre nomes importantes, como Octávio Mangabeira e J. J. Seabra.

Responso das almas, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1970; e *Militão sem remorso*, Editora Record, Rio, 1980. Em edição de Publicações Europa-América, de Lisboa, *Responso das almas* foi publicado em 1974, em Portugal. Tem publicado um livro de crônicas, *Os outros*, e uma novela, *Os segredos do herói cauteloso*, ambos editados em Salvador, respectivamente, em 1955 e 1956. Em 1959, a Livraria Progresso Editora, de Salvador, publicou a segunda edição de *O Médio São Francisco e Tempos escatológicos*, este último de ensaios filosofantes.

Paralelamente às atividades de escritor e jornalista, militou na política baiana, tendo exercido o mandato de deputado estadual por vinte anos e desempenhado as funções de Secretário da Educação e Cultura de 1959 a 1962. Fonte: Dados do Autor. In: LINS, Wilson. *O Médio São Francisco — uma sociedade de pastores guerreiros*. 3. ed. São Paulo/Brasília: Editora Nacional/Instituto Nacional do Livro, 1983. Segunda folha de rosto. (Brasiliiana, 377).

110 LINS, Wilson. *Jacuba, Juazeiro da Lordeza*. *O Imparcial*, Salvador, p. 5, 18 jun. 1941; 26 jun. 1941, p. 3; 2 jul. 1941, p. 5; 3 jul. 1941, p. 5; 4 jul. 1941, p. 5; 5 jul. 1941, p. 5; 6 jul. 1941, p. 5; 8 jul. 1941, p. 5; 9 jul. 1941, p. 5; 10 jul. 1941, p. 5; 11 jul. 1941, p. 5; 12 jul. 1941, p.5; 15 jul. 1941, p. 5; 16 jul. 1941, p. 5.

111 LINS, Wilson. A Bahia não é jacobina e sim autonomista. *O Imparcial*, Salvador, p. 5, 16 ago. 1945.

112 Id. O partido da emancipação da Bahia. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 19 ago. 1945.

113 Id. Autonomismo e Federalismo. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 5 set. 1945.

114 Id. Reconstituente, sim.... *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 14 set. 1945.

3.3.17 'Hora da Guerra'



115

Em 5 de dezembro de 1942 (p. 3), sai uma nota comunicando a criação de nova coluna, da autoria de Jorge Amado, que se inicia a partir do dia 23. 'Hora da Guerra'¹¹⁶ faz uma resenha dos principais acontecimentos políticos brasileiros como o crescimento integralista e comunista, o conflito mundial, tanto no âmbito bélico quanto em suas seqüências políticas, sociais e literárias, sendo publicada diariamente, salvo algumas exceções, até 18 de outubro de 1944, com "Boatos verdes" (p. 3). Jorge Amado atenta para a bibliografia que se forma em torno de

115 *O Imparcial*, Salvador, 25 fev. 1943. 'Hora da guerra', p. 3.

116 AMADO, Jorge. O Dever da Unidade. *O Imparcial*, Salvador, 23 dez. 1942. 'Hora da Guerra', p. 3; Não queremos chegar com as mãos vazias. 24 dez. 1942, p. 3; Natal das crianças mártires. 25 dez. 1942, p. 3; Os ratos comem na neve. 27 dez. 1942, p. 3; Na frente, a bandeira do Brasil. 29 dez. 1942, p. 3; Em pantanais, florestas ou navios, para eliminar a opressão e o terror. 30 dez. 1942, p. 3; A Poesia também é uma arma. 31 dez. 1942, p. 3; Concórdia entre os homens. 1 jan. 1943, p. 3; Cálida voz americana. 10 jan. 1943, p. 3; Tempo do herói. 12 jan. 1942, p. 3; Noite dos Traidores. 13 jan. 1943, p. 3; Aquele que vos disser.... 14 jan. 1943, p. 3; Senhor do Bonfim, padroeiro das Nações Unidas. 15 jan. 1943, p. 3; Hispanidade, tradução mal feita ... 16 jan. 1943, p. 3; Pobre doutor Goebbels... 17 jan. 1943, p. 3; Ódio. 19 jan. 1943, p. 3; Mensagem a um herói e artista. 20 jan. 1943, p. 3; O Dever de unidade e o direito de crítica. 21 jan. 1943, p. 3; Saudação a Gandi. 22 jan. 1943, p. 3; Unidade Continental das Américas. 23 jan. 1943, p. 3; Adeus Império 24 jan. 1943, p. 3; Conversa sobre livros. 26 jan. 1943, p. 3; Os Mantimos de Marselhe. 27 jan. 1943, p. 3; Até a rendição incondicional. 28 jan. 1943, p. 3; Discurso no Comício de 28. 29 jan. 1943, p. 3; Povo de Castro Alves, de Ruy e de Seabra. 30 jan. 1943, p. 3; Unidade, Palavra de Ordem dos Presidentes. 31 jan. 1943, p. 3. E assim por diante, ver lista completa nos anexos.

explicações e teorizações da guerra, tanto no Brasil quanto no estrangeiro. À medida que reflete, como é de se esperar, vai formando também sua própria condição de esquerda, tão peculiarizada pelo local do discurso: um jornal e uma região com seus próprios traços identificadores.

As páginas e colunas literárias de *O Imparcial* formam a própria feição da literatura da época. Elas se organizam pelo tipo de literatura apreciada, pelas preferências pessoais dos redatores e diretores do matutino. Há desde escritos que depois tomam forma em livro e aqueles que nunca saem das páginas do periódico. Uns são elaborados e outros mais passionais, de acordo com o gosto também do leitor que consome os periódicos. Esse estilo jornalístico influencia o formato de política letrada, denominada de panfletária: no futuro, o texto de Jorge Amado (a ação literária) recebe críticas que não levam em consideração para quem é escrito e em quais circunstâncias.¹¹⁷ É também no jornal que é lançada e reconhecida sua produção.

Em 10 de janeiro, publica-se uma entrevista com o romancista sobre seu novo romance *Terras do sem fim*.¹¹⁸ Os laços inusitados entre um comunista e um coronel assim se explica:

Durante os primeiros anos como dono de jornal, Franklin passou a conhecer profundamente um jovem escritor que seu filho convidara para ser redator de *O Imparcial*: Jorge Amado. 'Ele estava de volta ao Brasil em 1942, depois do exílio na Patagônia, como quase todos os comunistas naquela época. Jorge acabou sendo preso em Porto Alegre. Estava acompanhado por um policial e trazia nas mãos os originais de *Terras do sem-fim* quando chegou em São Paulo. Foi liberado, com a condição de ter a Bahia por ménage (morada obrigatória), mas aqui em Salvador ele precisava sobreviver. E então ele recebeu o convite para trabalhar em *O Imparcial*,' lembra o irmão do escritor, James Amado.¹¹⁹

117 Por isso, acima de qualquer ideologia, a Bahia sempre teve um lugar preponderante na obra do autor de *Tenda dos milagres* e no seu pensamento: utopia sensual e ruptura dentro do ambiente conservador das instalações do estado (que é, como não podemos nos esquecer, para quem ele fala quando usa a caneta e o máquina de escrever).

118 UM GRANDE LIVRO PARA UM GRANDE JÚRI — ENTREVISTA COM JORGE AMADO SOBRE *TERRAS DO SEM FIM*. *O Imparcial*, Salvador, p. 6, 10 jan. 1943.

119 COSTA JÚNIOR, Jairo. Diário do coronel, Franklin Albuquerque utilizou *O Imparcial* como trincheira no combate ao interventor Landulpho Alves. *Repórter*, Bahia, p. ?, 21 maio 2005.

Em 'Hora da guerra', Jorge Amado dispõe do seu prestígio de escritor nacional, para desenvolver os comentários e as teses socialistas que incorpora com as leituras dos pensadores e romancistas europeus. Tanto o jornal como os leitores, ao que parece, estão interessados nas recomendações do baiano prestigiado, obrigatoriamente residindo na sua terra natal. Jorge Amado, contudo, articula com outros colaboradores e políticos de sua facção de idéias para escreverem em *O Imparcial*, transformando-o, de órgão integralista há alguns anos, numa folha vermelha em plena terra de todos os santos.

3.3.18 'Vida Literária'

A última fase do jornal corresponde aos período de 1940 a 1947, sob a propriedade do coronel Franklin Lins, e a direção de seu filho Wilson Lins. Nessa fase, os diretores aproveitam o termo *vida*, da seção 'Vida Social', e criam uma coluna de crítica e resenha, 'Vida Literária', sob a responsabilidade do antigo colaborador Lafaiete Spínola. O crítico é conhecido das colunas desde a década de 1930, com poemas e homenagens em textos de outros escritores do grupo *Arco & Flexa*, inclusive, sendo citado no empreendimento "Bahia Literária", organizado por Maria Dolores, em 1931. Regularmente na metade inferior da página cinco, os textos de Spínola partilham o espaço com o folhetim *Jacuba*, de Wilson Lins, e os ensaios críticos de Homero Pires, outro experiente jornalista da Bahia.

No texto inaugural da coluna, o jornal imprime sucinta indicação a respeito do crítico local:

O Imparcial tem a grata satisfação de apresentar ao público leitor da Bahia, o escritor Lafaiete Spínola, vitorioso autor de *Sombra*, *José de Alencar* e *Dante* que, a começar de hoje, fará, aos sábados, uma apreciação crítica do movimento bibliográfico do país.¹²⁰

120 APRESENTAÇÃO. In: SPÍNOLA, Lafaiete. Artur de Sales. *O Imparcial*, Salvador, 3 maio 1941. 'Vida Literária', p. 5.

Dois elementos de sistema estão presentes na investigação literária pela cotidianidade do periódico, levando-se em conta a passagem do tempo: o aproveitamento do potencial criativo, a partir de uma aprendizagem em que o jornal contribui decisivamente; o primeiro texto da coluna, que promete resenhar e emitir críticas das novas publicações literárias e intelectuais do País, é sobre um escritor consagrado apenas nas fronteiras locais — Artur de Sales.

A presença de Spínola em lugar de destaque reflete o cumprimento e o êxito de algumas promessas das gerações intelectuais no trabalho para firmar um perfil nacional próprio da Bahia nas letras. Apesar de a tomada de lugar profissional ser alcançada sem o destaque esperado, faz-se efetiva por meta proposta por escritores como Carlos Chiacchio e outros do que pela obediência a projetos vindos de fora. A questão é se essa impostura da vontade intelectual local surte o efeito esperado na ressonância externa.

Artur de Sales, o poeta mais estimado na Bahia do período é o tema do ensaio. O formato do texto toma a obra como instância intelectual afetiva. Lafaiete Spínola assume o lugar de um estudioso aprendiz e organiza o esforço criativo de Sales como o mestre da literatura e da vida, capaz de completar o projeto de uma literatura dotada de personalidade própria e diferenciada da dependência nacional. Spínola explica que aprende muito mais sobre a vida, a literatura e o Direito, a sua formação acadêmica, com os versos do poeta simbolista do que com os bancos da academia.

Além da resenha literária, a coluna¹²¹ aborda outros assuntos de interesse para a cultura intelectual e a política impressa contra os integralistas. Assim, saem

121 SPÍNOLA, Lafaiete. Um futuro poeta. *O Imparcial*, Salvador, 11 maio 1941. 'Vida Literária', p. 5; Literatos e sociólogos. 18 maio 1941, p. 5; Folhas de chá. 25 maio 1941, p. 5; Letras acadêmicas. 1 jun. 1941, p. 5; Epigramas e epigramistas. 22 jun. 1941, p. 5; Modernistas e passadistas. 13 jul. 1941, p. 5; Hélio Simões. 22 jul. 1941, p. 5; O rio corre para o mar. 27 jul. 1941, p. 5; Ortografia nacional. 10 ago. 1941, p. 5; Fagundes Varela. 17 ago. 1941, p. 5; A ortografia do professor Antenor Nascentes. 24 ago. 1941, p. 5; Sonhadores em prosa e verso. 7 set. 1941, p. 5; Coisas de Salomé. 5 out. 1941, p. 5; três poetas baianos. 14 out. 1941, p. 5; Rui Barbosa e a ortografia. 18 nov. 1941, p. 5; Trapos e panos verdes. 20 jan. 1942, p. 5; Poetas do arco da velha. 11 abr. 1942, p. 5; Aparas. 24 abr. 1942, p. 5; Novas aparas. 5 maio 1942, p. 5; A Bahia é boa terra... 18 jul. 1942, p. 5; Detratores de Rui. 29 jul. 1942, p. 5; Da liberdade o poema... 11 set. 1942, p. 5; Um livro e dois poetas. 24 out. 1942, p. 5; Cânticos de fé. 18 nov. 1942, p. 5; A psicologia do Duce. 29 jul. 1943, p. 3.

textos sobre ortografia, sobre as condições do sistema da literatura e a respeito dos escritores rivais, como em “Trapos e panos verdes”,¹²² no qual se evidencia propósitos políticos, sendo praticado em qualquer das colunas ou seções dos seus cadernos.

3.3.19 'Página Literária'

A 'Página de Ala', após contribuir dentro de um projeto de cultura e literatura na Bahia, imprime o seu último número (248) em 31 de dezembro de 1942. A ausência da página de literatura dirigida por Carlos Chiacchio só é amenizada pela 'Página Feminina', sob responsabilidade de Jacinta Passos, na qual são divulgados poemas, críticas, contos e crônicas. Depois de um hiato de seis meses, o jornal recompõe o espaço da literatura inscrevendo a 'Página Literária'. Ela aproveita os colaboradores da seção de Ala. Em formato de suplemento, ocupando mais de uma página, procura modernizar o formato e continuar os propósitos do espaço da Organização de Ala. Apesar do êxito do formato, a nomenclatura 'Página Literária' dura pouco, somente 5 edições dominicais.¹²³ O primeiro número da página (1 ago. 1942) publica os textos dos seguintes escritores: Jorge Amado, Geovani Papini, Artur de Sales, Laurindo Rabelo, Correia de Almeida, Bocage, Lafaiete Spínola, Jacinta Passos e Theoderick de Almeida.

122 SPÍNOLA, Lafaiete . Trapos e panos verdes. *O Imparcial*, Salvador, 20 jan. 1942. 'Vida Literária', p. 5.

123 Ela é publicada nas seguintes datas: 8 ago. 1943, p. 1; 15 ago. 1943, p. 1; 22 ago. 1943, p. 1; 29 ago. 1943, p. 1.

3.3.20 'Vida dos Livros'



124

Após seis meses sem uma página específica, apesar de ter encontrado o melhor formato com o suplemento 'Página Literária', o jornal inaugura outra sessão completa de literatura: 'Vida dos Livros'. O motivo para o nome é a continuação da série de colunas com o termo *vida*. Depois de 'Vida Social' e 'Vida Literária', o jornal se organiza atribuindo valor ao cotidiano intelectual e social. Em 22 de janeiro de 1944, a página imprime abaixo do título 'Vida dos Livros', a seguinte frase: “Mensagem aos homens de pensamento,” que tanto significa a identidade intelectual do que se publica, como as intenções ideológicas de confronto com a força antidemocrática dos integralistas.

O primeiro número imprime os seguintes autores: Pablo Neruda, José Antonio José, Edison Carneiro e Permínio Asfora. Neruda homenageia a cidade de

Stalingrado e a ideologia marxista, direções que norteiam a humanidade naquele momento de “hecatombe mundial”. As escritas de Jorge Amado e José Lins do Rego são elogiadas como o casamento ideal entre a linha romanesca e a reivindicação política para as minorias.

Nessa página,¹²⁵ aparecem nomes nacionalmente conhecidos, como Álvaro Moreira, Antonio Cândido, Otto Maria Carpeaux, Oswald de Andrade, Walter da Silveira, Dante Costa, Roger Bastide, Carlos Lacerda, Mário de Andrade, Eduardo Frieiro, Rui Facó e Dionélio Machado. Autores que simbolizam, a partir da excelência intelectual, a defesa dos princípios da esquerda comunista e socialista. Além disso, diferenciando-se de seções como a 'Página de Ala', que prefere publicar nomes locais, 'Vida dos Livros' atenta para a intelectualidade brasileira e europeia. Nisso, sem dúvida, há influência do peso de criatividades como as de Jorge Amado e de Edison Carneiro, ao promoverem contatos do jornal com os rumos do País, como um todo. Finalmente, fazem valer o circuito dialógico por que autores como Chiacchio tanto lutam no passado: são emissões respeitáveis da região para o nacional.

3.3.21 A literatura sem colunas

No decorrer do ano de 1928, o jornal publica outros autores que formam o Modernismo baiano, como Eugênio Gomes,¹²⁶ que colabora com crônicas e críticas nas quais avalia os resultados dos movimentos literários e estéticos no estrangeiro e no Brasil, e Nestor Duarte.¹²⁷ Não há dúvida de que o jornal oferece condições para a formação de um sistema de literatura que não pode ocorrer de outro modo, pois faltam editoras. Quando são publicados, muitos dos textos encontram como tipografia a oficina do jornal.

125 Ela é publicada nas seguintes datas: 30 jan. 1944, p. 4; 6 fev. 1944, p. 4; 13 fev. 1944, p. 4; 20 fev. 1944, p. 4; 27 fev. 1944, p. 4; 5 mar. 1944, p. 4; 12 mar. 1944, p. 4; 19 mar. 1944, p. 4; 19 mar. 1944, p. 4; 26 mar. 1944, p. 4; 2 abr. 1944, p. 4; 9 abr. 1944, p. 4; 16 abr. 1944, p. 4; 23 abr. 1944, p. 4; 30 abr. 1944, p. 4; 7 maio 1944, p. 4; 14 maio 1944, p. 4; 21 maio 1944, p. 4; 18 jun. 1944, p. 5; 2 jul. 1944, p. 7; 9 jul. 1944, p. 5; 16 jul. 1944, p. 5.

126 GOMES, Eugênio. O Magnífico. *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 29 jan. 1928.

127 DUARTE, Nestor. Somos Latinos. *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 5 fev. 1928.

A referência aos movimentos literários é constante, pelo surgimento ou pela crítica a iniciativas literárias e culturais na Bahia. Em 8 de março de 1928, Henrique Câncio escreve crônica-crítica, “A Nova Cruzada”¹²⁸ (p. 1), na qual avalia a antiga agremiação sob a liderança de Carlos Chiacchio, Xavier Marques, Afrânio Peixoto e Artur de Sales. Seguindo orientação semelhante, o poeta Godofredo Filho também escreve ensaio sobre o movimento que comove o País: “Modernismo Brasileiro”, 5 jul. 1928, (p. 1). Por sua vez, Eugênio Gomes¹²⁹ publica resenha sobre o livro de

128 “A Nova Cruzada é de 13 de maio de 1901, fundada por estudantes, ainda sem pouso certo, ou seja, em estilo boêmio, no adro da catedral... com a intenção de agremiar os ‘cavaleiros’ do ideal, poetas irreverentes, prosadores estreados, ensaístas, críticos, gente do futuro. [...]. A corte compunha-se de valores esperançosos e autênticos, que acampavam — em progressão visível — ora numa alfaiataria atrás da Sé, ora no Liceu de Artes e Ofícios, ora na Associação Tipográfica ou na dos Empregados no Comércio, até a maturidade dos estatutos próprios (1 de setembro de 1910), a compilação das três ordens de sócios (Neocruzados, Cavaleiros de honra e Cavaleiros beneméritos), com o natural complemento, da revista. [...]. A poesia representa-se com Artur de Sales, Roberto Correia, Álvaro Reis, Pedro Kilkerry; os ensaios históricos, a investigação — amenizada pelo bom gosto da prosa novelesca — com J. da Silva Campos; a crítica literária, com um dos folhetinistas mais reluzentes da geração, que foi Carlos Chiacchio; o romance, com Xavier Marques — que competiu com Afrânio Peixoto na popularidade e na consagração acadêmica, que lhe advieram de alguns livros primorosos.” In: CALMON, Pedro. *História da literatura bahiana*. Salvador: Prefeitura Municipal de Salvador, 1949. p. 216-7. (Col. Publicação Comemorativa do IV Centenário da Cidade, 2).

129 GOMES, Eugênio (Ipirá, BA, 15 nov. 1897 – Rio de Janeiro, 7 maio 1972), criado no sertão baiano, fez carreira no comércio, como contador. No Rio de Janeiro, para onde se mudou em 1951, foi diretor do IAPC, depois de havê-lo sido em Salvador (1936-40). Foi secretário particular do ministro Clemente Mariani, da Educação e Saúde (1947-50) e esteve em Nova York (1946-47), como redator de *Seleções do Reader's Digest*. Foi adido cultural junto a Embaixada Brasileira de Madri (Espanha) e viajou pela Europa. Foi diretor da Biblioteca Nacional (1951-1956) e do Centro de Pesquisas e da própria Casa de Rui Barbosa (1960). Recebeu o Prêmio Machado de Assis (1950) da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra. A vocação para as letras cedo se lhe despertou, e, em Santo Amaro da Purificação, cidade da área açucareira da região do Recôncavo, enquanto exercia o mister profissional, sobretudo, entregou-se largamente a leituras literárias, aproveitando sobretudo a biblioteca do Engenho do Barão de Vila Viçosa. Nesse tempo, fez amizade com o grande poeta e tradutor de Shakespeare, Artur de Sales, com quem passou a conviver em Santo Amaro e depois em Salvador, dividindo com ele a mais fervorosa admiração pelo bardo inglês. Transferindo residência para a capital baiana, continuou sua vida de perito, conciliando-a com a atividade literária, participando do grupo que fez o movimento modernista na Bahia, na década de vinte, em torno de Carlos Chiacchio. Publicou, então, seu primeiro livro, *Moema* (1928), uma coletânea de poesia lírica de inspiração local. Em seguida, passou a dedicar-se à crítica literária, não sem antes formar o espírito em vastas leituras – de literatura francesa, espanhola, italiana, grega, latina, portuguesa, até por fim dedicar-se mais profundamente às letras inglesas. Assim, veio a distinguir-se como um crítico arguto, de extremo bom gosto e senso de discriminação. Era superiormente dotado e apto para os estudos de crítica comparada, de que deixou, em seus livros, numerosos exemplos de alto nível. Não esquecia, porém, a literatura brasileira, da qual foi um estudioso seguro, especialmente da obra de Castro Alves e Machado de Assis e do romance brasileiro em geral. Bibliografia: *Moema*, 1928 (poesia); *Um grande poeta inglês*, 1930 (crítica); *D. H. Lawrence e outros*, 1937 (crítica); *Influências inglesas em Machado de Assis*, 1939 (crítica); *Espelho contra espelho*, 1949 (crítica); *O romancista e o ventríloquo*, 1953 (crítica); *Prata da casa*, 1953 (crítica); *O romantismo inglês*, 1956 (crítica); *Vieira*, 1957 (antologia Nossos Clássicos); *Visões e revisões*, 1958 (crítica); *Machado de Assis*, 1958 (antologia crônica Nossos Clássicos); *Aspectos do romance brasileiro*, 1958 (crítica); *Ensaio*, 1958 (ens.); *Obra completa de Castro Alves*, 1960 (edic.); *Castro Alves*, 1960 (antologia Nossos Clássicos); *Shakespeare no Brasil*, 1961 (crítica comparada); *A neve e o girassol*, 1967 (ensaio); *O enigma de Capitu*, 1968 (crítica); *O mundo de minha infância*,

Cassiano Ricardo: “*Martim Cererê*”¹³⁰. Esses textos vão colocando o leitor a par dos acontecimentos sobre a literatura de outros lugares e pondo a Bahia dentro das reivindicações literárias dos novos.

A voga dos movimentos literários e culturais baianos prova que a literatura divulgada em jornais como *O Imparcial* forma um campo de leitura. No entanto, as ligações políticas desse veículo da cotidianidade torna frágil e peculiar o literário que se apresenta. Acontecimentos como as constantes interventorias obrigam a executar largos passos de repuxo das letras, da leitura e da criatividade. Um novo ensaio sobre a literatura modernista sai em 6 de novembro de 1928, p. 3: “Livros Novos — A propósito de *Macunaima*”, da autoria de Augusto F. Schmidt. Algum tempo depois, em 16 de janeiro de 1929, o Dr. Fontes de Miranda continua o trabalho dos seus colegas anteriores, tentando responder o “Que é a poesia nova?” (p. 2).

Na seqüência do mês de janeiro, são publicados artigos refletindo sobre a situação da literatura brasileira: “Decadência Intelectual”,¹³¹ de Lindolfo Gomes e “O Modernismo na literatura de 1928”,¹³² de Antonio Alcântara Machado. Ainda se publica “O sentido moderno do Brasil”, da Revista *Movimento Brasileiro* de junho de 1909. Abordando os textos de revistas literárias como um tipo de recepção escrita, o jornal publica “Idéias sobre a nova literatura”,¹³³ de Álvaro Ribeiro, da Revista baiana *Samba*¹³⁴ (p. 1 e continuação na 2). Em 31 de julho de 1929 — “Artistas da Nova Geração”, de Oswaldo Teixeira, (p. 2). O professor Anísio Teixeira escreve sobre a literatura e cultura contemporâneas: 24 de outubro de 1929 — “O espírito moderno em São Paulo” (p. 1). Em 30 de outubro de 1929, imprime-se, sem assinatura, o texto “A Festa da poesia brasileira” (p. 1).

1969. Colaborou na obra *A literatura no Brasil*, direção de Afrânio Coutinho. In: COUTINHO; SOUSA, 1989. 2 v. v. 1, p. 671.

130 GOMES, Eugênio. *Martim Cererê*. *O Imparcial*, Salvador, p. 1 - 26 jul. 1928; p. 5 - 27 jul. 1928.

131 GOMES, Lindolfo. *Decadência Intelectual*. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 30 jan. 1929.

132 MACHADO, Antônio Alcântara. *O modernismo na Literatura de 1928*. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 3 fev. 1929.

133 RIBEIRO, Álvaro. *Idéias sobre a nova literatura*. *O Imparcial*, Salvador, p. 15, 2 jul. 1929.

134 Ver nota 101.

3.4 Imprensa agredida e imprensa agressiva

A terceira década do século vinte impulsiona a literatura brasileira para um lugar criativo e diverso. Há movimentos de literatura enraizados, influentes e dispostos a conquistas de hegemonia: um regionalista, de que faz parte o manifesto de Gilberto Freire; o Modernismo praticado por Gonzaga Duque, Agripino Grieco e outros, e a insinuante vanguarda paulista de 1922. Diversidade e defesa engajada demonstram maturidade. Nessa década, vêm à lume os textos de Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Erico Veríssimo, além de autores menos cogitados, mas de força no período: Cornélio Pena, Monteiro Lobato, Octavio de Faria, Lúcio Cardoso, José Geraldo Vieira, Marques Rebelo. A poesia brasileira, acostumada a brilhar no sistema, não recua frente ao poderio da narrativa. Os autores do momento anterior são: Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Mário e Oswald Andrade. Contudo, nomes novos se firmam na historiografia da literatura brasileira: Murilo Mendes, Ledo Ivo, Cecília Meireles, Henriqueta Lisboa.

Obviamente, os nomes acima tratam mais de uma exemplificação vigorosa do que de uma lista exaustiva. Interessa que temos aqui um dos momentos mais vibrantes da nossa literatura, apesar de contrastar, dramatizar e questionar diagnósticos em outras áreas. A afirmação de Walfrido Moraes desenha o ambiente no que estão expostos os jornalistas, diretamente, de *A Tarde*, e de *O Imparcial*, e por onde essa investigação se encaminha:

O mais grave de todos os períodos da vida republicana para a liberdade de imprensa na Bahia, entretanto, foi a ditadura Getúlio Vargas, quando, então Ernesto Simões Filho afirma a sua capacidade de luta e a sua admirável liderança, transformando *A Tarde* na heróica cidadela da resistência democrática e a sua redação numa fascinante escola de civismo.¹³⁵

A visada de Moraes, em retorno aos conturbados anos 1930, traz consigo o decisivo papel do fundador de *A Tarde*, irmanado com *O Imparcial*. O jornalista

135 MORAES, 1997, p. 16.

acrescenta dados sobre a dificuldade de livre imprensa em toda a República Velha, sendo o governo de Getúlio Vargas apenas a constatação de uma tendência, mais agressiva, que, para a Bahia, toma forma com o Bombardeio de 1912. Por outro lado, como efeito compensador, à força repressora das individualidades divergentes no governo Vargas, também há, nesse período, uma criatividade artística e literária nunca vista. Um dos desencadeadores de sucesso reside na própria estratégia de combate, através do discurso jornalístico e intelectual, da repressão e do cerceamento dos direitos individuais.

Muitos dos escritores evocados estão engajados numa luta política que precisa da pena como arma de conservação e revide. Outro fator, mais teórico, diz respeito ao estágio cultural do Brasil, pelo distanciamento propício da antiga condição de colônia e pelo amadurecimento, no Ocidente, de posturas filosóficas e políticas que orientam por uma condução social mais democrática, menos determinista, positivista e racista. O mundo ocidental decide finalmente superar, na década de 1930, a limitação imposta pelas idéias de diferença de raças (teorias racistas), de sexo (teorias misóginas) e geográficas (determinismo geográfico).

Franz Boas e Gilberto Freire são pesquisadores empenhados nessas posições intelectuais inovadoras. Filósofos como Martin Heidegger e Jean Paul Sartre seguem caminhos contestadores no pensamento. As teorias de Albert Einstein são discutidas nos plenários científicos. Na perspectiva geopolítica, as diversas guerras, ainda resquícios e ressentimentos do final da I Guerra Mundial, tornam as relações nacionais mais delicadas. É o momento do apogeu da diplomacia. Uma das principais tendências a se consagrar no concerto das nações é o sistema ditatorial. Avaliado como o melhor caminho de gestão governamental, ditadores proliferam em países de diversos continentes: Itália, de Mussolini; Rússia, de Stalin; Alemanha, de Hitler. O Brasil segue essa espécie de moda ao erigir seu “ditador”: Getúlio Vargas.

A circunstância ocidental e nacional tão promissora, de certa forma, explica os bons resultados intelectuais também na Bahia. Os escritores de cá não podem ficar imunes por muito tempo às necessidades culturais, uma vez contaminados por tantos movimentos, — pela proposição das diversas formas de pensamento e ação

— e motivados pela agressividade com que o ambiente político se organiza. A função de constituir a abertura para a cotidianidade é decisivamente a força da imprensa.¹³⁶ Eles deflagram os movimentos, em suas seções, em informes de artigo noticiosos, para que os nomes e os autores se tornem comuns no vocabulário cotidiano dos leitores.

Por uma questão escolar, as idéias vindas da França, e de cultura francófona, são aceitas porque é corriqueiro saber francês ou viajar para Paris, na Bahia de então. Essa voga não é mérito local, posto que a literatura do Rio de Janeiro e de outras regiões, nos primeiros anos do século vinte, representa a transformação à francesa do espaço público e da linguagem. O modelo de modernização que inspira o bota a baixo do prefeito Pereira Passos, na cidade do Rio de Janeiro, e é seguido por todas as grandes cidades brasileiras, tem inspiração no projeto parisiense. Por uma série de meandros e motivos muitas vezes não levados em conta pela análise dos historiadores e críticos, avalia-se, como um indício de atraso para o homem da época, o encontro tardio mas de chofre com a Modernidade, a civilização francesa. Como exemplo, os trens metropolitanos de Salvador são chamados de *Chemins*. Livros de filósofos e sociólogos são constantemente resenhados nas colunas de *O Imparcial*, principalmente, sobre assuntos religiosos e humanistas.

O próximo passo será transformar essas propostas estrangeiras amaciadas pelo uso (um tipo de antropofagia) em material para manuais de conduta políticos e ideológicos. Nesse ínterim, há especialistas na transformação das posturas culturais francesas, alemãs, russas e espanholas em idéias para a reflexão intelectual no jornal. Entre esses resenhistas e críticos, colaboram Afrânio Coutinho, Pinto de Carvalho, Emanuel Carneiro Leão, Barbosa Lima Sobrinho, Alberto Guerreiro Ramos.

Os conflitos na Europa e no Oriente apontam para mais uma hecatombe universal, termos corriqueiros nas manchetes, e os “crimes” do expoente do cangaço, Virgulino Ferreira, o Lampião, ocupam as páginas principais de *O Imparcial*. O jornal anota o número 3.598 no dia 6 de agosto de 1930 quando é interrompida sua publicação, por questões ditas judiciais. Anteriormente, o jornal

136 Discuto sobre esse tema de maneira mais detalhada no capítulo 2.3.

apóia o candidato paulista à presidência, Júlio Prestes, uma vez que o prefeito da capital baiana, Vital Soares, afasta-se do cargo para concorrer como vice-presidente na chapa do político paulista. Nas urnas, saem vencedores, mas não chegam a governar por conta do golpe de Estado.

Fernando Moraes explica, na biografia do jornalismo brasileiro da época, como se dá o pleito nas oficinas tipográficas de Assis Chateaubriand:

A primeira edição do *Diário da Noite* de São Paulo do dia 1º foi rodada logo depois do almoço e trazia uma manchete anódina, que não dizia absolutamente nada: 'A memorável batalha eleitoral de hoje.' Quando a segunda edição foi impressa, no meio da tarde, as urnas ainda não tinham sido fechadas. Mas sua manchete não deixava dúvidas de que os aliancistas, além de admitir que tinham perdido as eleições, estavam se preparando para o confronto: 'A fraude campeou livremente e graves violências perturbam, no interior do estado, a ordem do pleito'. Na terceira edição, noturna, uma única palavra, em enormes tipos de caixa, repisava a denúncia da tarde: 'Fraude'.

Com pequenas diferenças, foi assim em todos os jornais de Chateaubriand. Embora roubar no resultado de eleições fosse parte integrante da vida política brasileira — algo tão normal naquele tempo quanto a própria existência de eleições —, era a primeira vez que a fraude eleitoral virava manchete de jornais, e era tratada como se fosse um crime. E, se efetivamente foi por meio de fraude que Júlio Prestes venceu (o paulista recebeu 1,1 milhão de votos, contra 737 mil dados a Vargas), ela não parece ter acontecido de um lado só. Só o roubo explicaria que no Rio Grande Sul, por exemplo, Getúlio tivesse 300 mil votos, contra inacreditáveis 982 dados a Júlio Prestes. O operário Minervino de Oliveira, candidato a presidente pelo PCB, recebeu uma votação insignificante. No primeiro editorial escrito após o fechamento das urnas, Chateaubriand afirmou que como resultado da 'punga imposta ao país' o que se tinha não era uma eleição, mas uma reeleição, 'tão profundos são os vínculos de subordinação da pessoa sr. Júlio Prestes à do atual chefe do Executivo'. Para que não pairassem dúvidas a respeito do que propunha, escreveu que o PRP tinha batido 'os seus próprios recordes de fraude eleitoral' — deixando claro que o resultado era inaceitável: 'A Aliança Liberal praticaria um crime contra a nação brasileira se depusesse as armas neste instante. Porque se não resistirmos agora, daqui a três anos nem os espectros dos cemitérios quererão formar com os políticos brasileiros para defender o povo contra o polvo do poder ilegítimo'. E encerrava declarando guerra ao governo federal: 'À Aliança toca um dever: impor o seu candidato, com a mesma decisão que o presidente da República quer nos impor o candidato de seus interesses domésticos'. O resultado oficial da eleição ainda nem havia sido proclamado e a Revolução de 30 já estava começando.¹³⁷

137 MORAES, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 211-2.

Ironicamente, no evento decisivo para a história do Brasil, todo o sofrimento causado aos dirigentes de órgãos de imprensa, espalhados pelo país, tem um jornalista entre seus principais agentes. Em contrapartida, Assis Chateaubriand perde as rédeas, por anos, do seu principal órgão de imprensa no Rio de Janeiro, *O Jornal*, ficando durante algum tempo circunscrito, como prisão domiciliar, à cidade de São Paulo, do mesmo modo que Jorge Amado permanece em Salvador. O acontecimento tão grave para a história do País não seria desencadeado sem a simpatia e o esforço de uma série de objetos culturais. Além do político e do bélico, Getúlio ganha apoio imediato da imprensa para se consagrar no poder. Se a Modernidade é marcada pelas ações intrincadas e complexas de vários artefatos tradicionais e tecnológicos, o próprio sentido de democracia é aprimorado pelo aparecimento da comunicação de massa como um elemento relevante.

O diário noticia, em 25 de novembro de 1935, o que chama de “A revolução comunista no norte – combates entre os comunistas e as forças do governo federal”, que culmina em manchete de 6 de março de 1936, com a prisão do líder, Luís Carlos Prestes, cujo retrato distorcido e as mensagens demonizantes o transformam de “Cavaleiro da Esperança” em um louco e desumano. O estilo do jornal folhetiniza a informação política. O acontecimento é grave porque se configura na rebeldia de personalidade conhecida, nos anos anteriores, contra o governo federal. A estratégia jornalística estabelece um processo de hibridização informativa com os recursos da ficcionalidade.

A série de reportagens organiza-se em capítulos: I) Prisão de Prestes e Olga Benário (26 maio 1936, p. 8); II) Olga e seus vários disfarces (18 jun. 1936, p. 1); III) “Exploração comunista – o caso da filha de Luiz Carlos Prestes e Olga Benário”, com fotos (21 ago. 1937, p. 8) e outros episódios. O objetivo é avançar violentamente sobre as pretensões comunistas no Brasil enquanto garantia de atenção para o discurso integralista do periódico. As idéias desenvolvidas à época sobre o jornalismo como gênero literário, por Antônio Olinto, Barbosa Lima Sobrinho e, principalmente, Alceu Amoroso Lima, são fortalecidas por esses recursos para chamar a atenção do leitor.

Nos dias da prisão de Luís Carlos Prestes, a força dos camisas verdes chega ao limite. Partidos pedem a cassação do registro do Integralismo no Superior Tribunal Eleitoral, motivando o aparecimento, em 20 de março de 1936, de longo artigo do advogado da facção, Dr. Bulhões Pedreira, em defesa do partido. Ali estão os argumentos contra as semelhanças apontadas em discursos, práticas e gestos com o fascismo de Benito Mussolini e o nazismo de Adolf Hitler. Está próxima mais uma virada na qual o herói se transforma em vilão. O mundo tingido em símbolos negros contra o papel imprensa se utiliza dos artifícios da ficção, mais do que admite.

Em 29 de junho de 1936, o jornal noticia a derrocada do Cangaço no Nordeste, ao estampar o levante de populares contra o violento José Bahiano, que se deleita em marcar, a ferro quente, as suas iniciais nos rostos das vítimas femininas. Os cronistas representantes da ordem da sociedade expressam alívio pela extinção de parte do “banditismo”. A saída ainda não é definitiva porque o fenômeno está ligado à alternativa de governo do interior do Brasil e também à rotina de violência de muitos dos marginalizados que tomam as fileiras do cangaço. Por isso, não espanta quando muitos dos escritores de jornal também fazem uma crítica sobre quem são os facínoras tão temidos e qual a sua origem.

A literatura trata de aproveitar tais elucubrações em seus escritos, construindo perfis, montando narrativas de formação e reconstituindo eventos traumáticos. Muitas vezes, o retorno dessas análises ficcionais detonadas nos periódicos, pelo “calor da hora”, têm a recepção semelhante ao tratamento oferecido aos indivíduos que representam: narrares estereotípicos e autores politicamente inautênticos. Um dos recursos para o jornal expressar o revide agressivo é o uso do poeta e do autor camuflado pelo pseudônimo. Há, no periódico, poemas, nos gêneros da ode, epigramas, quadras e sonetos.

Um dos poetas que aparecem escrevendo sob pseudônimo é Raul. Faz parte da estratégia para dificultar a identificação do autor de escritas “a serviço”, a publicação de vários cronistas, poetas e epigramistas com esse nome, desde os mais notórios aos mais incógnitos. São Raul Pederneiras, com seus trocadilhos críticos, muito utilizados para atingir desafetos de outras ideologias políticas; Raul

Azevedo, cuja colaboração tem a crônica como o gênero mais exercitado no jornal, Raul Paranhos e simplesmente Raul.

Salvo algum esquecimento de quem é responsável por compor os textos no matutino, omitindo o sobrenome, Raul assina textos infantis e poemas de humor. Esse autor é Adonias Aguiar Filho, que também publica crítica no jornal desde 1936. Raul publica uma narrativa chamada “História de um vintém”,¹³⁸ cuja protagonista, uma moeda, faz crítica ao materialismo e à ambição muito comuns na sociedade. Em 1973, o romancista de *Corpo vivo* publica uma narrativa infanto-juvenil, chamada *Uma nota de mil*.¹³⁹ Muda-se a moeda, afinal, passam-se 37 anos, de réis para cruzeiro, e o conto de poucas laudas é desenvolvido para livro ilustrado de 111 páginas.

Além da idéia do dinheiro como protagonista, pouco se aproveita da fonte original (há romances estrangeiros com o mesmo tema). Esse romance infanto-juvenil, pelo tema e pela linguagem, além de fazer parte de uma coleção, como afirma a própria editora, conta a trajetória de uma cédula de mil Cruzeiros. Em *O Imparcial*, Raul começa a publicar em 14 de setembro de 1936, “O sururu” (p. 2) e Adonias Filho colabora com uma crítica ao romance de Graciliano Ramos, “*Angústia*”, no dia 24, (p. 5).

Além da literatura de jornal trabalhada no noticiário, é oferecido um espaço para a música. Nessa área, uma das personagens mais importantes na Bahia é a maestrina Georgina de Mello Erismam. Também poeta, responsabiliza-se pela autoria do hino da cidade de Feira de Santana. N’*O Imparcial*, ela é intitulada de “Embaixatriz da Música Baiana”. No ano de 1936, suas aparições com texto e fotos são constantes.¹⁴⁰

O jornal noticia a “Intentona Verde”,¹⁴¹ com a prisão de Gustavo Barroso,

138 RAUL. História de um vintém. *O Imparcial*, Salvador, p. 4 e 6, 8 nov. 1937.

139 ADONIAS FILHO. *Uma nota de mil*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1973. (Col. A Baleia Bacana).

140 Embaixatriz da arte baiana. *O Imparcial*, Salvador, p. 5, 19 dez. 1936. Acrescido de foto; A Bahia por dentro — inaugurada a Escola de Música da Feira de Santana. *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 24 jun. 1937; A. M. Uma poetisa. *O Imparcial*, Salvador, p. 4, 6 jun. 1938; Notícia sobre Georgina Erisman. *O Imparcial*, Salvador, p. 4, 11 jul. 1938.

141 Intentona verde. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 11 de maio de 1938.

pondo em prática mais uma das diversas viradas políticas do período. Como se espera, com o início da antipatia pelos integralistas, os escritos mudam de posição em suas páginas. A morte de Lampião, noticiada em “Tombou, afinal, o rei do Cangaço!”, de 29 de julho de 1938 (p. 1), é festejada pelo jornal como uma vitória da civilização sobre a barbárie. Essa notícia tanto entusiasma como é ensejo para uma série de textos sobre o “bandido”, gerando uma fortuna de literatura que vai desde crônicas, poemas a canções.¹⁴²

Outra caracterização para a literatura de jornal é a proximidade com as modalidades ou versões do real capazes de serem transformadas em temas do literário, ou o que se pode chamar de um seqüestro do real para o literário. Explicitado no movimento do sistema, o fenômeno sociológico, criminal, tendo sua própria espacialidade de publicação no matutino (as páginas policiais e políticas), o cangaço transfere-se para as partes ficcionais, inspirando produções estéticas e novos olhares sobre o acontecimento em foco.

A circulação de idéias pelos diversos veículos de publicação desloca dinâmicas criativas, atraindo os curadores do ser para o círculo de guarda do acervo, da coletividade. A produção da metáfora e das possibilidades ficcionais retorna para o espaço do periódico com a carga crítica para pensar sobre o humano que, nessa fenomenologia, aparece na sua verdade, decapitado, marginalizado, na urgência da barbárie.

Os fortes indícios de que se está em transição se confirmam quando o líder dos camisas verdes, agora oficialmente extintos, é detido. A notícia “Preso em São Paulo o sr. Plínio Salgado — o ex-chefe da extinta Ação Integralista será remetido para o Rio, onde será ouvido”,¹⁴³ mostra um líder integralista dedicado à literatura, ao

142 Alguns deles são: CARNEIRO, Nelson de Souza. Maria Bonita. *O Imparcial*, Salvador, 2 ago. 1938. 'Crônicas do Rio', p. 3; TIGRE, Bastos. Apagou-se o Lampião. *O Imparcial*, Salvador, 2 ago. 1938. 'Pela Ordem...', p. 4; Lampião era dolicocefalo – um estudo da cabeça do bandido. *O Imparcial*, Salvador, p. 5, 4 ago. 1938; MAIA, Fernando do Prado. Maria Bonita, poema. *O Imparcial*, Salvador, p. 7, 7 ago. 1938; MARILCE. Maria Bonita. *O Imparcial*, Salvador, 9 ago. 1938. 'Crônica Social', p. 7; MEMÓRIA, Assis. Cangaço e Cangaceiros, sobre o cangaço na literatura. *O Imparcial*, Salvador, 13 ago. 1938. 'Pela Ordem'. p. 4; TIGRE, Bastos. Cangaceiros e coiteiros. *O Imparcial*, Salvador, 2 set. 1938. 'Pela Ordem...', p. 4; MARINHO, Luís. Maria Bonita vista do alto. *O Imparcial*, Salvador, 5 set. 1938. 'Página de Ala', p. 4. Além da escrita, há a iconografia sobre o personagem nordestino, símbolo de um regime social. O jornal publica, com destaque, as cabeças decepadas de Lampião e Maria Bonita, em 13 ago. 1938, p. 7.

143 PRESO EM SÃO PAULO O SR. PLÍNIO SALGADO — O EX-CHEFE DA EXTINTA AÇÃO

preparar um livro sobre a vida de Jesus. À vista da fotografia estampada, a conhecida camisa verde ao estilo de farda, que vestia, denuncia a prática de outras atividades, não só a literatura. Salgado ainda alega enfermidade. Está ausente aquela agressividade que marca durante toda a década a missão de combater os comunistas, cuja ordem fora cumprida à risca pelos colaboradores e o jornal de Victor Hugo Aranha.

3.5 Jornalismo ficcional da guerra

Iniciado em 14 de dezembro de 1939, um dos inúmeros folhetins da guerra — como pode ser denominado — traz uma notícia pequena sobre o êxito do grande couraçado germânico: “O *Admiral Scheer* venceu — posto a pique pelo encouraçado alemão o vaso inglês *Achilles* — a notícia ainda sem confirmação” (p.1). Em estilo sensacionalista, o jornalista capta o leitor ao sugerir reticências e indecisões no teor da informação, o que de fato acontece, pela grande geografia e o intrincado de alternativas estratégicas. O evento, que depois se torna um jogo popular de fliperama e computadores — *Batalha naval*, passa antes pela ficcionalização estilística da literatura periódica.

O segundo capítulo vem a galope no dia 15, “Troaram os canhões até à noite — novos e interessantes detalhes sobre a batalha naval ao largo das costas do Uruguai — atingidos o *Exeter* e o *Alcântara?* — 36 mortos e 60 feridos no *Admiral Spee* — notícias desencontradas”. Perseguida por todo o oceano pacífico, a máquina de guerra de Hitler tenta encontrar abrigo na neutralidade do país do rio da Prata. No dia 16, o matutino anuncia o clímax da novela de guerra, com a chegada de outros navios britânicos à foz do rio oriental para auxiliar seus dois patrícios na difícil tarefa de pôr a pique o mortífero vaso alemão: “Expectativa de graves acontecimentos — sete belonaves britânicas aguardam a saída do cruzador alemão

INTEGRALISTA SERÁ REMETIDO PARA O RIO, ONDE SERÁ OUVIDO. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 27 jan. 1939.

refugiado no porto de Montevideu — vai ser intimado o comandante do *Graf Spee* — o relato de uma testemunha de vista do combate naval” (p. 1).

Além de ser um exemplo de como se utiliza os acontecimentos violentos para a venda de jornal, a ordem da notícia, que não é mérito exclusivo de *O Imparcial*, estabelece modelo não muito distante da ficção, o que, de certo modo, explica a voga desse tipo de literatura: a folha oferece farto material. Significando um equilíbrio de forças, é anunciada ajuda à belonave nazista. Na notícia: “Expira, hoje, o prazo — em socorro do *Graf Spee*, deslocam-se para o estuário do Prata, cinco submarinos do *Reich* — a belonave alemã autora de sete afundamentos, inclusive o do *Clement*”.¹⁴⁴

Os informes sobre o incidente, que coloca no centro da disputa um país que deseja a toda prova a neutralidade, são analisados pelo jornal como impasse diplomático causado por um conflito de proporções mundiais. Cada vez mais distante da situação que até o Brasil tenta manter, acontece a reunião da Liga das Nações. Sediada no Rio de Janeiro, e sob a presidência do diplomata e político gaúcho Oswaldo Aranha, em 15 de janeiro de 1942,¹⁴⁵ a coalizão aliada fez pressão para dissuadir o Brasil e outros países¹⁴⁶ da neutralidade, cuja aparência não disfarça certa simpatia aos países do Eixo.

O último capítulo do episódio é trágico para a manutenção da guerra, pela grandiosidade da valiosa tecnologia envolvida e um espetáculo, ao estilo do cinema arrasa-quarteirões de Hollywood, para o deleite do leitor ávido do jornal (desde o século XIX, os críticos têm detectado um tipo de leitor sedento por “carne fresca” nos romances-folhetins).¹⁴⁷ Sem forças para ajudar seu grande navio, o comandante é obrigado a afundar o valioso armamento marítimo. Em 19 de dezembro, as manchetes anunciam o desfecho: “O *Spee* preferiu um fim desonroso — novo relato de Churchill sobre a atividade britânica no mar — homenagem aos bravos

144 EXPIRA, HOJE, O PRAZO — EM SOCORRO DO *GRAF SPEE*, DESLOCAM-SE PARA O ESTUÁRIO DO PRATA, CINCO SUBMARINOS DO REICH — A BELONAVE ALEMÃ AUTORA DE SETE AFUNDAMENTOS, INCLUSIVE O DO *CLEMENT*. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 17 dez. 1939.

145 CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES: OSWALDO ARANHA PRESIDENTE. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 15 jan. 1942.

146 Sobre a situação da Argentina e suas ligações com o nazismo, ver: MARTÍNEZ, Tomás Eloy. *Las vidas del General*. Buenos Aires: Altea, Taurus, Alfaguara, 2004. p. 209-238.

147 ARARIPE JÚNIOR. Tristão. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, p. ?, 7 jan. 1882.

marinheiros”.

Começa a delinear-se nos textos publicados a tendência pela caracterização dos alemães, antes considerados os condutores da humanidade para um desenvolvimento seguro, em vilões desonrados e ameaçadores da paz do mundo. Outro navio a ser afundado pelo próprio comando é o *Columbus*, que está ancorado no México. Durante a semana, ainda são publicados textos que dão conta do afundamento da arma de guerra, ocorrida no porto de Montevideú.

3.6 Faces do jornal político



148

O diário, imbuído de vigiar, refletir e informar sobre as atividades comunistas e subversivas no Brasil, dá grande destaque ao que entusiasticamente denomina de: “A 5ª Coluna quer articular-se na Bahia – Dissolvida, ontem, em Feira de Santana, uma reunião de agentes do Eixo – Carlos Albuquerque, o articulador da trama

criminosa – As providências da Polícia”. Após desenvolver artigo com os comunistas, o jornal demonstra que não perde a verve política, mesmo se desdobrando em várias frentes de luta: contra os comunistas, de forma mais ampla, contra os integralistas e contra o interventor Landulfo Alves, no espaço mais restrito.

A colaboração de Jorge Amado, um conhecido e atuante escritor comunista, demonstra que nenhuma das ideologias políticas (integralismo ou comunismo) estão sendo radicalizadas no jornal de Franklin Lins. As necessidades específicas de noticiar e permanecer em circulação também são levadas em conta. À medida que a visão sobre Stalin ameniza, com a tomada de posição junto aos aliados, esse processo de dialética jornalística se torna mais nítido. A notícia “Saudamos os exércitos Soviéticos e o marechal Stalin”¹⁴⁹ informa quando a virada acontece.

Se primeiro há uma desconfiança quanto à aproximação do ditador russo, com notícias que atentam pelo hábito traiçoeiro dos bolchevistas, agora há uma reverência desbragada. Os motivos dessa mudança em choque são factuais: ao contrário do que se espera — o avanço poderoso das forças hitleristas — os comunistas estão na ofensiva, empurrando a força alemã de volta ao centro da Europa. Assim, por pouco tempo, temos em jornais brasileiros e baianos a simpatia pelo antes enlouquecido *premier* socialista. Outro indício dessa expectativa é o número de autores de esquerda publicando no diário, entre eles, o romancista paraense Dalcídio Jurandir,¹⁵⁰ o jornalista cearense Pompeu de Souza,¹⁵¹ Eneida de Moraes,¹⁵² Astrogildo Pereira¹⁵³ e outros.

O auge de 1942 imprime o modo agressivo como se avalia o movimento integralista, tantas vezes homenageado. O texto de seu diretor dá o tom da recepção contemporânea aos camisas verdes: “Guerra ao Integralismo”, em 'Momento Político',¹⁵⁴ Wilson Lins. Associando os antigos partidários do Sigma à

149 SAUDAMOS OS EXÉRCITOS SOVIÉTICOS E O MARECHAL STALIN. *O Imparcial*, Salvador, p. 4, 10 nov. 1943.

150 JURANDIR, Dalcídio. John Dewey e a ridícula agressão do seu Tristão de Athaíde. *O Imparcial*, Salvador, p. 5, 13 jan. 1943.

151 SOUZA, Pompeu de. Os mortos não se revoltam. *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 21 nov. 1943.

152 MORAIS, Eneida de. Dos dois lados — métodos fascistas. *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 20 março 1945.

153 PEREIRA, Astrogildo. Uma Carta. *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 21 jun. 1945.

154 LINS, Wilson. Guerra ao Integralismo, em Momento Político. *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 14 fev. 1942.

Gestapo alemã, a agressividade do articulista é posta à prova quando denuncia, em 24 de fevereiro, que o jornal é vítima de ameaças de empastelamento e de prisão do seu gerente. A verve jornalística e crítica do jovem cronista é movida por uma tradição de imprensa da Bahia e do Brasil: a polêmica.

A mudança de rumos traz de volta o antigo chefe político José Joaquim Seabra para os meios de comunicação de massa. Empenhado pela autonomia estadual, Seabra dá depoimento em *O Imparcial*, sobre o perigo do modelo político da *Gestapo*.¹⁵⁵ A segunda versão do Movimento Autonomista baiano é uma síntese política da primeira metade do século XX. Estão reunidos o vilão de 1912, J. J. Seabra, o odiado interventor da primeira revolução de Vargas e futuro governador, Juraci Magalhães, mais todos os combatentes ligados aos irmãos Octávio e João Mangabeira (deputados), Ernesto Simões Filho, fundador de *A Tarde* e, com eles, a imprensa local.

O ímpeto combativo de Wilson Lins decorre em prisão e processo, cujo final é bem sucedido. Em notícia de 9 de maio de 1942 (p. 4), é “Absolvido Jornalista Wilson Lins — a sentença do Juiz Martins de Almeida”, demonstra-se que o jornal é cada vez mais aguerrido na sua comunidade, principalmente contra o Interventor Federal. Ironicamente, o processo e a sentença são expressivos do papel da imprensa e da recepção no momento em que se festeja o seu aniversário.¹⁵⁶ Há fatos que estão ligados à sua existência, ainda que não sejam propositais, ou relacionados ao aniversário do combativo veículo. A homenagem a *O Imparcial* é revertida ao projeto político. Transformada em escrita, em gênero jornalístico ou literário, a vida é vítima da ficção.

Homero Pires¹⁵⁷ inicia uma série de textos resenhando a biografia de Rui

155 J. J. SEABRA E UM LIVRO QUE ANALISA A GESTAPO. *O Imparcial*, Salvador, p. 8, 26 abril 1942.

156 MARGARIDO, Tristão. Soneto a Wilson Lins – no aniversário d’*O Imparcial*. Salvador, 9 maio 1942. *Vida Social*, p. 5.

157 PIRES, Homero. *A vida de Rui Barbosa* pelo sr. Luiz Viana Filho. *O Imparcial*, Salvador: I – 8 maio 1942, p. 7; II – 14 maio 1942, p. 5; III- 23 maio 1942, p. 5; IV- 04 jun. 1942, p. 5; V- 11 jun. 1942, p. 5; VI- 19 jun. 1942, p. 5; VII- 27 jun. 1942, p. 5; VIII- 4 jul. 1942, p. 5; IX- 9 jul. 1942, p. 5; X- 16 jul. 1942, p. 5; XI- 17 jul. 1942, p. 5; XII- 21 jul. 1942, p. 5; XIII- 23 jul. 1942, p. 5; XIV- 24 jul. 1942, p. 5; XV- 1 ago. 1942, p. 5; XVI- 4 ago. 1942, p. 5; XVII- 5 ago. 1942, p. 2; XVIII- 6 ago. 1942, p. 5. Do mesmo autor: Rui e *O Papa e o Concílio*. *O Imparcial*, Salvador: I- 11 ago. 1942, p. 5; II- 13 ago. 1942, p. 5. E: Rui e o Civilismo. *O Imparcial*, Salvador, 18 ago. 1942, p. 4.

Barbosa, no ensejo da publicação sobre o renomado tribuno, de autoria de outro político-intelectual — Luiz Viana Filho. Pires é personagem importante na vida do jornal, porque, quando do afastamento do seu criador, é nomeado para o lugar de Lemos Brito em 1919. Por sua vez, Rui Barbosa é a força propulsora que incentiva e fornece matéria de inesgotáveis páginas no diário. A mudança de perfil político, de contexto cultural e ideológico nas instâncias mais amplas, nacional e internacional, não consegue demover certas preferências e idéias.

Uma delas é a figura de Rui Barbosa. Num contexto nacional em que vai perdendo pouco a pouco a sua força, devido à morte em 1923, e a nova cultura do século XX (Modernismo e Modernidade), o águia de Haia continua vibrando forte. Deputado cassado pela dissolução da Câmara Legislativa Nacional e praticando somente a advocacia em Salvador, Luiz Viana Filho transforma o trabalho de escrita da biografia *A vida de Rui Barbosa* em oportunidade de luta política. Em suas palavras, o livro sobre o mestre civilista é a plataforma destilada em outras palavras no jornal:

Eu entrei na biografia por uma porta falsa, porque a primeira biografia que eu fiz foi a do Rui e ela foi feita, justamente, em 38, mais ou menos, depois do Estado Novo; (...) eu me dava muito com o Baleeiro, andava muito na casa dele, que era no Cabula, e um dia ele sugeriu que eu fizesse uma biografia do Rui, que nós precisávamos fazer ressurgir a figura do Rui, do liberal, do jurista, que era a antítese do Estado Novo, a antítese de Getúlio. A minha idéia foi fazer o Rui com este objetivo, foi para difundir no país as idéias democráticas das quais, evidentemente, o Rui é o grande pioneiro no Brasil, a grande personalidade; [...].¹⁵⁸

O jornal noticia um logro comercial cometido por um poeta famoso, mostrando mais isenção do que a esperada. Em “O poeta quis escrever uns versos... e o negociante perdeu a sua *Underwood* — o sr. Alfredo Loureiro Maior ilaqueado na sua boa fé pelo poeta Leopoldo Braga.”¹⁵⁹ A notícia dá conta de uma sociedade comercial entre os dois senhores que acaba em livro publicado para um e prejuízo

158 VIANA FILHO, Luiz. Apud SILVA. 2000. p. 194.

159 O POETA QUIS ESCREVER UNS VERSOS... E O NEGOCIANTE PERDEU A SUA ‘UNDERWOOD’ – O SR. ALFREDO LOUREIRO MAIOR ILAQUEADO NA SUA BOA FÉ PELO POETA LEOPOLDO BRAGA. *O Imparcial*, Salvador, p. 8, 2 nov. 1943.

para o outro. Em certo sentido jocoso, o informe demonstra quais os meandros para se alcançar os êxitos do trabalho intelectual. As questões literárias são concluídas na delegacia, sem deixar de oferecer um retrato espontâneo do sistema que não antecipa poetas ladrões e prósperos empresários logrados. Se há uma desordem, essa tem endereço na literatura.

O real surpreende o reino da escrita. Tanto flagrante do sistema mesclado com a cotidianidade, como notícia irônica para o estudo da literatura, porque os assuntos das letras são tratados, normalmente, a partir de um distanciamento de superioridade. Por outro lado, atributo tão conhecido no século XIX, a malandragem, uma das faces da boemia literária, ainda tem muitas utilidades na sociedade regional. Disperso entre as pendências de literatos e o culto a intelectuais-políticos, o matutino debate-se em um mundo polêmico para sustentar um projeto: a defesa de visão de mundo perante a comunidade. Em algumas oportunidades, o projeto chama-se Rui Barbosa e em outros, democracia. O fato de ter abraçado a causa com toda a energia tem a correspondência no vigor com que eleva seus heróis e desanca os desafetos.

3.7 Posicionamentos da literatura de jornal

A literatura no jornal cumpre um papel imediato de auxiliar na transmissão de uma mensagem aos leitores diários das páginas grandes e frágeis do matutino. Se o matutino comunga de representações políticas, partidárias, seja de situação ou de oposição, todo o corpo impresso segue também esse programa estabelecido pelos dirigentes e editores. Mesmo retirados de contextos diferentes, os escritos literários — poemas, folhetins, contos, crônicas, etc. — estão articulados a demandas programadas pelos jornalistas políticos. Trata-se de uma literatura empenhada.

O empenho motivador da produção de literatura de jornal expressa especificidade em pelo menos dois conjuntos e seus desdobramentos: o que é

literatura de jornal e a que *corpus* e autores de literatura pode-se chegar através do jornal. Um dos escritores mais estimados durante a existência de *O Imparcial* é o maranhense Coelho Neto, que fixa no romance o susto, o estupor da prensa gravando a literatura de jornal. Ocupados pela árdua tarefa de preparar os escritos poéticos, corrigindo, muitas vezes reescrevendo versos que se consagram no futuro, os revisores/compositores ouvem e sentem as contrações vigorosas da máquina impressora logo ao lado.

Neto não descreve as contrações das marcas de civilização. De outro ângulo, ali vão sendo consumidos os talentos mal desenvolvidos junto com propaganda de reles vinhos e restaurantes de quinta categoria:

Já as primeiras páginas haviam descido para a clichagem. Em baixo, martelavam pancadas crebras, como de matracas. A caldeira reboava num retroar soturno de caverna que repercutisse, sem descontinuar, o gorgorejar possante de águas encachoeiradas.

Na sala da revisão, estreita e abafada, mal comportando as quatro mesas de serviço, os revisores repousavam; apenas o Brites, esgalgado e míope, lia o artigo de fundo, todo em períodos lamentosos, augurando fome e lutas; e o Amaro, conferente, acusando a pontuação, de quando em quando batia na mesa pancadas secas com um lápis ou dizia claramente uma palavra, repetindo-a devagar, sílaba a sílaba, enquanto o Brites, debruçado sobre a prova, fazia a emenda, resmungando.¹⁶⁰

A representação da vida jornalística termina por retratar profissionais debilitados, soldos insuficientes, muito distantes de um retrato romântico do mundo das tribunas ou da cultura brasileira. Por outro lado, vislumbra-se ali uma porta de entrada para o exame da literatura que, não de propósito, é favorecida por escritor cujo sucesso, à época de exame d'*O Imparcial*, é indiscutível. Alguns dos seus romances (quase 100) são dedicados ao jornalismo como o citado *Turbilhão* e *A conquista*. A valorização da imprensa no mundo ficcional posiciona o autor de *Banzo*, outrora na catástrofe do esquecimento, no foco das discussões sobre a literatura na Pós-modernidade e nesse exame da literatura de jornal.

160 NETTO, Coelho. *Turbilhão*. 3. ed. Porto: Livraria Chardron, de Lélo & Irmão, 1925. p. 8.

Os estágios culturais do Brasil estão desenhados de tal forma em sua obra que o trabalho na imprensa, na sua juventude, início da década de oitenta do século XIX, é o ponto de partida para a publicação em livro. Do jornalismo, o autor não se aparta, exatamente como Machado de Assis, até sua morte em 28 de novembro de 1934. Ao contrário, consagrado em livro, o que Octavio de Faria e Raimundo Menezes afirmam¹⁶¹ significar o monopólio da casa Chardron, editora portuguesa, o autor volta-se para a imprensa, ficcionalizando-a. A vantagem do romance sobre o jornalismo é que ele, como área fora da perspectiva da literatura dita mais hegemônica, pode agora ser examinado como representação no espaço informativo: — a literatura de jornal.

No texto “A estabilidade da noção de história da literatura no Brasil”,¹⁶² Luís Costa Lima detecta um sério espaço vazio, muitas vezes “contornado” ou “recalcado”, no que tange a um conceito de literatura norteador da historiografia. Para Costa Lima, os historiadores buscam a especificidade da literatura no trabalho de constituição do Estado-nação, sem se preocupar em fortalecer os sentidos de sua ocupação propriamente dita. O autor de *Dispersa demanda* defende a exploração reflexiva dos objetos poesia e ficção para determinar o que é literatura. Ao que parece, a história da literatura atua, dando relevo no exame, ao envolvimento social da arte literária. Para ele, “a ênfase nas condições sociais que gerariam os traços nacionais vinha pelos menos desde Montesquieu e, ao longo do século XIX, só continuaria a crescer.”¹⁶³

A partir das provocações de Costa Lima, vê-se a necessidade de configuração da literatura de forma a tornar a prática da história literária menos dissociada do seu objeto. Nisso, menos fragilizada quando argüida sobre o assunto

161 MENEZES, Raimundo. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. São Paulo, 1978. p. 196-7; FARIA, Octávio de; GOMES, Eugênio. Coelho Neto e Lima Barreto. In: COUTINHO, Afrânio (org.). *A literatura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: José Olympio/Itatiaia, 1985. p. 230.

162 LIMA, Luís Costa. A estabilidade da noção de história da literatura no Brasil. In: JOBIM, José Luís et alii (Orgs) *Sentido dos lugares*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005. p. 52-58.

163 Id. *Ibid.*, p. 55.

Isso significa dizer que a função social do escritor sobrepõe-se até mesmo ao que é, em si, a edificação de romances e poemas. Tal ação é tomada para si pela historiografia. Autores como Antonio Cândido e Silvío Romero compreendem a investigação sobre ficcionistas e poetas como trabalho teleológico e sociológico, respectivamente. Para eles, a significação do que é literário depende do seu encaixe com o projeto de Nação. Ou seja, vale mais, nessa classificação, se a produção literária contribui para o estabelecimento e fortalecimento do estado Brasil.

de ocupação; por vezes, mais voltado para o trabalho de fixação da identidade nacional. Afinal, caberia perguntar se a literatura teria uma existência em si ou se dependeria da tutela nacional. O estudo d'*O Imparcial* faz observar uma longa lista de críticos, folhetinistas, cronistas, romancistas, poetas chamados a uma tarefa, cuja expressão “órgão das classes conservadoras da Bahia” afirma tratar-se de uma colaboração buscando objetivos correlacionados: fazer literatura (atitude de escrita ficcional calçada no empenho estético) e lutar por uma causa.

A pena, enquanto encanta, entoia o último bordão civilista de Rui Barbosa, combate as intervenções de Epitácio Pessoa, Artur Bernardes e Getúlio Vargas, engrandece e escarnece, a depender da data, Plínio Salgado, Luís Carlos Prestes, Vargas, Hitler, Mussolini, Stalin e Franco. A impertinência crítica de Costa Lima confronta o que se toma como óbvio (a literatura) com a sua especificidade, tida por ele, ao reler o teórico e historiador alemão F. Schlegel, como fraca e imprecisa. Se tal provocação atinge diretamente o que se tem feito com o nome de literatura, o olhar derreado sobre a atividade de jornais amplia a desconfiança crítica.

Nos vespertinos, a literatura é feita em parceria com as posturas políticas: a representação da violência é realizada a partir de cores nas quais estão como vilões, os detentores do poder instituído ou usurpado. Basta proferir sem ressentimento, mas como aviso, que a transposição para o formato consagrado e hegemônico do livro faz desaparecer este “calor da hora”. O hábito comum de tratar de literatura no jornal não costuma considerar o mérito do literário, como também a mescla com a política será questionada naquele meio (Eugênio Gomes tem um texto sobre política e literatura em *O Imparcial*). A tentação pela pureza no estudo dos discursos da literatura ou da política corre o risco de corromper ou distorcer a identidade da atividade em jornal.¹⁶⁴

A reflexão sobre as áreas de literatura e política ainda não está fixada totalmente no momento em que as duas práticas são chamadas a atuar na imprensa. Isto facilita o trabalho de localização e identidade da literatura de jornal. As histórias da literatura e os estudos políticos aparecem pouco tempo depois que

164 Não necessito incorrer nos desdobramentos teóricos desencadeados por críticos como Silviano Santiago, Stuart Hall e Homi Bhabha, a respeito dos prejuízos com a insistência na defesa da pureza.

as práticas da literatura de jornal se estabelecem, pelas necessidades de formação da identidade nacional. Há nos estudos historiográficos a desconfiança da importância dessa literatura. Paulo Silva, no seu livro sobre os intelectuais baianos de 1930 a 1949, constrói uma afirmação acabada sobre a questão:

Descendentes de proprietários rurais ou de segmentos urbanos bem situados no aparelho de Estado (promotorias públicas, magistério superior, magistratura) ou na iniciativa privada, os intelectuais baianos eram também integrantes das classes dirigentes; não constituem um subgrupo destas, para dizer melhor, *era a própria classe dirigente na dupla tarefa de se dedicar às letras e à atividade política*; eram engajados, mas a favor de si mesmos, ao contrário do que se propunha a fazer o intelectual 'pequeno burguês', modelo cuja presença verificou-se no Brasil dos anos 1950 e 1960. Foram homens ligados a partidos, facções ou grupos com acesso a postos dirigentes. Em sua grande maioria foram bacharéis em Direito, ocuparam funções no magistério secundário e superior; participaram dos debates políticos do período, influenciando na formação de opiniões; tomaram parte em entidades e instituições culturais públicas e privadas. Foram no sentido estrito do termo, políticos, mas foram também intelectuais, 'homens de letras e pensamento'. *Escreviam e publicaram trabalhos na imprensa diária, em revistas ou em forma de livros – romances, ensaios, discursos, 'polêmicas'*.¹⁶⁵

A longa citação de Silva nos é extraordinariamente útil pelo contorno que descreve do sistema político-intelectual baiano, embora confira adjetivos só combináveis ao *corpus* que analisa. O historiador baiano examina o Movimento Autonomista, aliança de oposição a Getúlio Vargas, de 1930 a 1949. A sua pesquisa, que culmina em tese de doutoramento, na Universidade do Estado de São Paulo, examina o papel de três historiadores e intelectuais do movimento: José Wanderley Pinho, Nestor Duarte Guimarães e Luiz Viana Filho. Todos são profissionais das letras engajados em tarefa política conservadora.

De fato, as letras são utilizadas com aquele perfil, fato condenado pelo historiador, cuja ação é miniatura de comportamento nacional e internacional. Sendo assim, deve-se explicitar a não-exceção política e intelectual na Bahia. Além da época tratada, os protagonistas da pesquisa têm sua produtividade social, intelectual e literária relacionada a *O Imparcial*. Paulo Silva destaca de onde saem os

165 SILVA, Paulo Santos. Introdução. In: _____. *Âncoras de tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2000. p. 17. (grifos meus).

“romances, ensaios, discursos, 'polêmicas'”, e seus produtores. Eles são provindos de elites prejudicadas pelos governos autoritários do período. Justifica o trabalho encontrar entrelaçados ficcionistas e políticos, mesmo que não seja, como discuti anteriormente, uma novidade na cultura brasileira.

Uma das vantagens do estudo de Santos Silva, e de outros pesquisadores das Ciências Sociais, é buscar a imprensa como um espaço de atuação. O subtítulo de seu livro denuncia o papel intelectual como trabalho dinâmico e aguerrido: “Luta política e construção do discurso histórico na Bahia”. Enquanto a ligação entre a vida e a obra livresca precisa de um discurso ensaístico que a intermedeie, a literatura de jornal está deflagrada pela realidade, na forma de resposta à brutalidade daqueles anos (não importando de/para quem ela seja direcionada, por exemplo). No jornal, as idéias que muitas vezes transformam-se em livro e em manual (correndo o risco da nomeação sobrenatural de gênio) são combatidas, louvadas, recicladas: o sentido de mudança e de dialética está presente. O Plínio Salgado herói dos anos 1930 transforma-se no vilão dos 1940.

Apesar de diferenças lúcidas como as palavras de Roland Barthes, em *Aula*, sobre a literatura comportar todos os conhecimentos, ainda não se consegue deslocar a tentação de encontrar a palavra literária no seu próprio campo, diferenciada dos outros, como disse anteriormente, pura. A literatura de jornal, atuando como memória de combates culturais, deve reforçar o trabalho de conservação dos periódicos e jornais porque neles pode existir um gênero de literatura, como defendem Alceu Amoroso Lima, Antônio Olinto e Barbosa Lima Sobrinho (desautorizando André Gide).

3.8 Literatura de jornal na Província

O alcance do estudo sobre um jornal da Bahia do século XX compreende uma atividade inserida dentro de uma tradição de imprensa, mesmo a contragosto de muitas opiniões críticas e historiográficas. O pesquisador Walfrido Moraes informa sobre as condições materiais dessa tradição periodística:

Até então, depois de três séculos de privação do direito e da missão de disseminar idéias e pensamentos em letras de forma no Brasil, só a cidade de Salvador – a partir daquele radioso 4 de maio de 1811, quando surgiu a *Idade d'Ouro* da tipografia do súdito português Manoel da Silva Serva, graças à licença determinada pela Carta Régia de 5 de fevereiro do mesmo ano — experimentara a sensação de ver editar, circular, ler e assinar, até a primeira década do século XX, nada menos de 1.200 periódicos em forma de revistas, panfletos e jornais de caráter cívico, político, recreativo, abolicionista, constitucional, literário, artístico, maçônico, religioso, humorístico, científico, agrícola, comercial, etc. Alguns eram curiosos, como aquele *Sentinela Invisível* — que vivera apenas de 1867 a 1868 e que se auto-investia da perigosa missão e das prerrogativas de 'desmascarar os tratantes e defender os inocentes', ou ainda aquele outro intitulado *Tio do Diabo*, de circulação diária, que se proclamava 'órgão infernal, redigido por Lúcifer, Lusbel, Satanás, Orfeu, Mefistófeles, Fosforiano e Chico Faria' e que, talvez por exceder-se ou não cumprir a contento a sua missão, tenha sido abandonado pelo patrono e, naturalmente, desajudado por Deus, não passara do ano de 1891, em que nasceu e morreu. Isso, além dos 295 periódicos que circulavam pelas oito principais comunidades do Recôncavo próspero (só na Cachoeira do Paraguaçu tivemos cerca de 116 jornais e revistas) e de mais de 307 editados em 34 municípios litorâneos e sertanejos.¹⁶⁶

Ao que se vê nas palavras do autor de *Jagunços e heróis*, há uma tradição jornalística que, na medida das condições culturais e tecnológicas do país, direciona a comunicação de massa para reivindicar e divulgar idéias políticas e literárias. O *Imparcial* nasce dentro de um circuito que, a longo prazo, se alicerça na censura da metrópole, nos “três séculos de privação”, e em um periódico intimamente ligado ao poder de Lisboa que é chamado de “semanário cínico”¹⁶⁷ pelos conterrâneos brasileiros.

N'O *Imparcial*, aspectos tidos por comuns à região estão presentes, impondo cores de violência, intransigência, ingerência, coronelismo e arbitrariedade. As questões políticas são resolvidas invariavelmente à bala e à custa do jagunço contratado. Muito do que se ficcionaliza, em narrativas da época, é o cotidiano das páginas grandes. A imprensa noticia pelo menos duas vezes que o jornalista e político Simões Filho é vítima de tentativa de assassinato. Gravemente ferido nos dois eventos sinistros, salva-se milagrosamente.

166 MORAES, 1997, p. 76-7.

167 SODRÉ, 1999, p. 49.

A nacionalidade é escrita em notícia do mesmo calibre: em 1918, as páginas informam o julgamento do jornalista e escritor Gilberto Amado, pelo assassinato do poeta Aníbal Teófilo. É preciso lembrar que o acontecido não é de foro baiano, mas brasileiro, porque os dois protagonistas residem no Rio de Janeiro. Portanto, a franqueza do sensacionalismo jornalístico explicita correspondências e práticas entre o nacional e o local. Metodologicamente difíceis de serem abordados juntos em outros discursos, no periódico, aparecem articulados, a modo de um recorte único capaz de ser requerido para a leitura, o mais amplo (exótico e estrangeiro) e o mais típico (cotidiano e corriqueiro).

Significa que, em estudo de investigação dum *corpus* determinado, as páginas jornalísticas comportam, por característica, o local e o nacional. Isso acontece porque, por princípios e pela própria ordem do nacional — imaginação cinzelada em linguagem dos diversos discursos jurídico, religioso, literário, científico e jornalístico — os dois devem confundir-se. Muitas vezes, a Nação retribui tais similitudes com o abandono, a reprimenda e o rebaixamento. Sendo necessário, divulga-se o preceito de que a Bahia é universalmente semelhante aos avançados modelos da corte/capital/centro. A literatura tem, também, em muitos casos, papel decisivo nesse receituário. Um exemplo de fácil lembrança é o romance *A esfinge*, de Afrânio Peixoto.

Apesar de ser uma das personalidades mais noticiadas, Rui Barbosa parece assumir o papel de defensor da Bahia. Em 1912, vagueia pelas instâncias de justiça da capital federal, em busca do *habeas corpus* às vítimas do bombardeio de Salvador, por forças federais. Em 1918, o *Águia de Haia* envia uma mensagem a *O Imparcial*, confessando não ter forças físicas para impetrar nova luta no Rio de Janeiro, pela causa de sua terra e pelo empastelamento do *Jornal da Bahia*.

O isolamento e a tacanhez provinciana opostos ao requinte e à ordem da capital do País, tão bem pintados no romance *A Esfinge* — o grande sucesso (*best seller*) de 1910, não é um retrato similar à realidade em que se engolfam as comunidades pastoris e litorâneas da Bahia. Há mais complexidade não levada em conta no exame sociológico ou literário. De qualquer forma, após tantos levantes regionais, nos últimos anos; sustos ameaçadores a uma sociedade privilegiada,

finalmente uma narrativa que justifica a permanência do *status quo* do Brasil: Bahia atrasada e medíocre não tem do que se queixar.

Enquanto toda uma bancada sob o comando do senador Rui Barbosa grita os merecimentos da Bahia pela distinção de seus pares, o romance de um patricio ficcionaliza outra realidade. O governo de Hermes da Fonseca (1910-1914) não é dos mais auspiciosos para os baianos, porque em 1912 a capital é bombardeada e alguns dos seus monumentos são destruídos, como a valiosíssima biblioteca pública e os prédios administrativos. O desastroso incidente não é somente um ato presidencial isolado, em face de uma vasta planície de competência e tranqüilidade. Walfrido Moraes indica as fontes de um incontestável hábito de governo:

Como subsídio para a História, cabe lembrar que, ao longo dos primeiros 30 anos deste século, quando se deveria, necessariamente, estar aprimorando as salutares regras democráticas, o país sofreu as agruras do estado de sítio durante 1579 dias, assim discriminados: durante os 373 dias do governo do Marechal Deodoro da Fonseca, tivemos 20 dias de suspensão de todos os direitos individuais; durante os 1087 dias de governo constitucional do Marechal Floriano Peixoto, 275 dias; durante apenas quatro meses do governo de Prudente de Moraes, foram 102 dias; durante os também quatro meses do governo Rodrigues Alves, tivemos 106 dias; durante o quadriênio do governo do Marechal Hermes da Fonseca, 270 dias; durante três anos do governo Epitácio Pessoa, tivemos cerca de quatro meses e, finalmente, em 766 dias do governo Artur Bernardes, 686 dias foram, igualmente, de supressão das liberdades públicas.¹⁶⁸

Se de um lado as populações resistem ao formato de governo republicano, o que causa os levantes e a estratégia do estado de sítio, por outro, o regime de centro consegue manter um tipo de civilização motivador de movimentos armados, caudilhismo e coronelismo, pelo lado estadual. Do mesmo modo, no centro, ficções festejam o momento de atual avanço da cultura do Brasil, exemplificado pelo romance de Peixoto. De fato, ele é, segundo Brito Broca,¹⁶⁹ o novíssimo gênio baiano da terra que deu Rui Barbosa.

Afrânio Peixoto simboliza a competência do inconfundível presidente da ABL cuja grande administração fixa materialmente os moldes atuais da Academia dos

168 MORAES. 1997. p. 16.

169 BROCA, Brito. *Vida literária no Brasil*: 1900. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

imortais. Não há necessidade de informar o grande prestígio do escritor nas páginas do jornal. O exame da literatura de jornal a partir da publicação de *O Imparcial* leva em conta o aparecimento dos diversos gêneros literários praticados no matutino. Os comentários a seguir se relacionam à seção 3.3, sobre as colunas e páginas literárias, e a ação de sistema de imprensa no qual se inserem e são abordadas neste capítulo, nas páginas anteriores.

3.8.1 Crônica

Em *O Imparcial*, a literatura de jornal no estilo crônica é a que mais se aproxima do conteúdo veiculado no editorial ou no artigo de fundo. A crônica tem duas maneiras de aparição: a) como coluna titulada: 'Crônica Social', 'Vida social', 'Crônicas do Rio', 'Não há de ser nada' e 'A cidade'; b) em qualquer lugar do jornal sem um nome fixo ou autor estabelecido. Nas duas formas, a crônica tem um lugar de publicação: do Rio de Janeiro ou de Salvador.

A coluna 'Vida Social', que aparece na década de 1920, manter-se-á até o encerramento do periódico. Como o nome indica, ela noticia aniversários, festas sociais, particulares e as pérolas, rubis e turmalinas — os formandos do semestre; primeiro, com uma lista de nomes, depois com verdadeiras biografias acompanhadas de fotos. Finalmente, anuncia-se o êxito do trabalho intelectual, geralmente confundido com as elites econômicas. Vindas da alta sociedade, também aparecem as senhorinhas vencedoras de “concursos” de “a mais bela normalista” e das rainhas e madrinhas do carnaval do ano corrente.

Por entre as notícias sociais, aparece uma crônica curta, em tipo pequeno e, quase sempre, no canto da página, local da encadernação visitado pelo desastre do truncamento da matéria impressa. O processo de encadernação e as dobras para a guarda dos periódicos são as ameaças a uma leitura integral da página. Tanto insetos que se alimentam da cotidianidade escrita quanto a própria mão que folheia deterioram o tomo indefeso. Se é verdade que o mais importante fica no centro,

também tal privilégio faz com que a cura (guarda) dos escolhidos seja menos tortuosa. Não é o caso de 'Vida Social', só colocado em destaque nesse estudo.

Há cronistas baianos (Stella Mares) e do Rio de Janeiro (Silvia Patrícia, Tetrá de Teffé¹⁷⁰ e outros) e baianos que estão no Rio (Nelson de Souza Carneiro). A pesquisa mostra a incidência pouco divulgada de escritores locais residentes na capital da República e colaborando no jornal. Percebo a irrelevância com que é tratado tal conhecimento na dificuldade de identificação dos cronistas e escritores do periódico. Muitas vezes é preciso ver no conteúdo dos textos os traços de escritor nascido na Bahia e residente no Rio de Janeiro, em outras, há a necessidade de uma pesquisa para descobrir quem são os nomes que assinam as crônicas. Alguns ficam sem resposta, quanto à sua identidade. Um exemplo dessa transposição geográfica e permanência intelectual é João Paraguaçu (também grafando João Paraguassú),¹⁷¹ pseudônimo de M. Paulo Filho, redator-chefe do jornal carioca *Correio da Manhã*, "diário de que seria diretor durante 40 anos, desde 11-6-1929."¹⁷²

Os textos de João Paraguaçu, Silvia Patrícia e Tetrá de Teffé vão de temas sociais à crítica literária rica e variada, passando por resenhas dos livros recém publicados. A aparente liberdade de temas e assuntos, talvez por causa dos locais e das páginas nas quais produzem no exemplar, permite que se perceba a ligação direta entre o político e o literário. João Paraguaçu é o cronista que mais publica em 'Vida Social'. São tiras diárias de textos sobre assuntos políticos do momento e do passado, resenhas, análises, à feição de ensaios históricos. Uma leitura nos títulos apresenta Rui Barbosa como o tema mais visitado.

As 'Crônicas do Rio' têm um único autor, Nelson de Souza Carneiro.¹⁷³

170 Tetrá de Teffé foi nora do Barão de Teffé, de quem escreveu a biografia. Ela foi romancista, poetisa, biógrafa e cronista.

171 PAULO FILHO, M. (Manuel P. Teles de Matos F., Cachoeira, Ba. 22 mar. 1890 – Rio de Janeiro, RJ, 16 mar. 1969). Ensaísta, jornalista, diplomado em Direito (1909), prof. Catedrático, político, procurador do Tribunal de Contas, membro da Academia Carioca de Letras, IHG-RJ; Comendador da Ordem de Cristo (Portugal), da Rainha Isabel (Espanha), Cavaleiro da Ordem do Mérito (Chile). Pseudônimo: João Paraguaçu. Bibliografia: *Literatura e História*, 1958 (ens.); *Ensaios e estudos*, 1961 (ens.); *Memórias de João Paraguaçu*, 1964 (mem.); *Tempos idos...* 1968. In: COUTINHO, Afrânio e SOUSA, Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. 2. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Global; Fundação Biblioteca Nacional-Academia Brasileira de Letras, 2001. 2 v. v. 1. p. 1226.

172 COSTA, Othon. 48 anos depois. *Revista da Academia Carioca de Letras*, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 2, jun. 1974. p. 3.

173 "Nélson de Souza Carneiro, diplomado pela antiga Faculdade Livre de Direito da Bahia, exerceu brilhantemente a advocacia em sua terra natal, transferindo-se em seguida para o Rio de Janeiro, por

Apresentando-se como um baiano na capital da República, Souza Carneiro escreve crônicas no mesmo formato temático de 'Vida Social'. Aparecidas na década de 1930 e indo até o início dos anos 1940, as 'Crônicas do Rio' são evidentemente postas como mais importantes do que 'Vida Social'. Elas são publicadas em tipo maior do que os de 'Vida', estão emolduradas, sempre na página 3 do jornal. Por uma vez, o título muda para 'Daqui Mesmo', porque o autor está em viagem pela Bahia.

Uma das feições características da crônica é adquirida a partir da militância no informativo. Por isso, trata-se de um gênero de literatura de jornal. O formato, estilo e função estão diretamente ligados a um deguste de leitura diária. Para Coutinho e Sousa, “na imprensa, seções contando os fatos, ou notícias da semana ou do dia, ou rumores, boatos e maledicências que circulam numa região ou cidade. (...)”¹⁷⁴ Após reunião em livro e estudo por especialistas, temos um gênero.

A elaboração lingüística na crônica, a serviço da análise dos acontecimentos, enquanto eles vão ocorrendo, exprime uma das peculiaridades da literatura de jornal. Nas linhas de 'Vida Social', 'Crônicas do Rio' e outras, a distensão dos termos texto literário e texto jornalístico é levada ao limiar dos significados. À medida que os dois termos se imbricam, mais ganha contorno um terceiro, que amalgama todo o escrito e ilustrativo do matutino, o político.

O aparecimento de duas colunas em páginas e nomes facilmente reconhecíveis incrementa o que o informativo deseja ser: imparcial. Se a permuta de autores locais e nacionais em 'Vida Social' estabelece um fascínio por transformar acontecimentos locais — casamentos, batizados, formaturas — em rituais nacionais, pela aparição ali de notícias e análises da capital do País, a “ambigüidade” propícia de Nelson de Souza Carneiro é estabelecida na sua condição de provinciano

onde se elegeria deputado federal e, após disso, em sucessivas legislaturas, senador da República, chegando a presidente da Câmara Alta, o que vale dizer, a presidente do Congresso Nacional. Entre os seus grandes e polêmicos projetos parlamentares, o da lei do divórcio granjeou-lhe prestígio inusitado. Devotado discípulo do estadista Dr. José Joaquim Seabra, um dos maiores tribunos do seu tempo, foi, em toda a sua vida pública e profissional, um edificante exemplo de coerência moral e política.” In: MORAES, 1997, p. 207.

Ele começa a publicar em *O Imparcial* assinando Dr. Nelson de Souza Carneiro (13 dez.1932 e 31 dez. 1933), resenhas políticas e assinando Souza Carneiro em 30 dez. 1933.

174 COUTINHO; SOUSA, 2001, p. 489. v. 1.

escrevendo do Rio de Janeiro, como indica o título da coluna. Talvez o jornal esteja a afirmar que ele é um de nós, digno de confiança, informando e analisando notícias decisivas do centro do País ou de passado recente, sempre com um enfoque que começa ou termina na Bahia.

Um dos traços que distinguem a literatura dos outros discursos é a desnecessária ligação com o real para o estabelecimento de sentido. Dizemos que é ficção, que a literatura é o construto ou urdidura de mundo suficiente. A medida da literatura são intervenções, incursões ou subversões no real. Elas são feitas por um espaço, no mínimo, intelectual e em sentido mais rigoroso, teórico. Dessa ampla e pouco controlável maneira de se acercar do universo literário (uma área de estudo), vem algumas das dificuldades de conceito das teorias da literatura, análise da crítica literária e descrição da história da literatura. A ampla configuração obediente ou insolente faz da literatura um discurso encantatório e veiculador de ideologias culturais e partidárias.

O estudo da crônica a partir da perspectiva das idéias no jornal pode caracterizá-la como ambígua, ambivalente e híbrida. Numa ponta, está a ambigüidade mais cômoda para o trabalho das ideologias dominadoras que sempre se valem dos discursos literários. Entre dizer tudo e nada, sorrateiramente, são inseridos anseios de dominação. A sua característica ambivalente começa a ser notada como contra-ataque de discursos engajados do menor, do pobre, daquele que não pertence à fisionomia de tudo que é belo, puro e alto, propagado pela literatura ambígua.

Enquanto o letramento está em posse de uma só classe social, o uso do discurso literário não demonstra interesse por outra coisa que não as belas letras. Por entre as propagandas de universal, que parece incluir todas as formas de expressão humana, na verdade, se estabelece uma elitização. O percurso notado como literatura ambivalente, explicitamente engajada, abre caminho para o trabalho antropofágico da literatura híbrida — agenciamento sem precedentes de idéias que misturam as impurezas e os discursos estéticos e éticos. Por esse olhar, as crônicas percorrem livremente todos os outros setores da imprensa, prontas a informar, divertir e “cooptar”.

N'O *Imparcial*, o outro modo de aparecimento da crônica é aleatório. Nas outras colunas ('Pela Ordem...', 'De tudo e para todos', 'Página Feminina', 'Página Literária', 'Página de Ala', etc.) e em partes do jornal reservadas ao ensaio, à crítica literária e artística podem aparecer esse tipo de texto. Os autores de outros gêneros como a poesia, ensaio e conto, vez por outra, praticam-na. O crítico Eugênio Gomes, no final da década de 1920, escreve crônica sobre humor, fatos sociais e outros. De uma parte — as colunas de crônica — ou de outra — de modo aleatório —, elas agradam ao jornal e aos leitores, por isso, são utilizadas para dar vazão aos anseios e idéias dos jornalistas dirigentes.

3.8.2 Poema

Além da crônica, outro gênero literário toma feições próprias na literatura de jornal: o poema. Em *O Imparcial*, colaboram os poetas consagrados da Bahia do século XX: Pethion de Vilar, Artur de Sales, Anísio Melhor, Godofredo Filho, Eurico Alves, Carlos Chiacchio, entre os mais lembrados. No entanto, o que liga o poema à atividade política é o estilo de homenagem. Os grandes vultos e as grandes celebrações são agraciadas com poemas laudatórios e odes de super-estimação. A personalidade mais homenageada poeticamente é Rui Barbosa. Um exemplo do prestígio do grande tribuno é que, mesmo depois de sua morte em 1923, o 'Jornal de Ala' inaugura atividade na década de 1930 e vai até os anos 1940, zelando e velando a figura do maior baiano. Há poemas de aniversário de nascimento, de chegada de viagem, de partida da Bahia, de aniversário de morte. As homenagens literárias e discursos, dos quais a mais célebre é a oração fúnebre sobre Machado de Assis,¹⁷⁵ caracterizam uma época.

A subjetividade do poema permite que suas imagens reforcem de maneira indireta idéias compartilhadas (comungadas) pelo autor e insufladas pela editoria

175 BARBOSA, Rui. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Aguilar, ?

jornalística, enquanto possam refutar aspirações adversas à orientação do jornal. O gênero poético também está vinculado a esses enquadramentos. A ode invariavelmente faz referência a que ou por quem o órgão se orienta. Nesses casos, estão Rui Barbosa, Castro Alves, Ernesto Simões Filho. Por outro lado, os epigramas, que tomam forma na coluna ‘As farpas’, são utilizados para criticar, hostilizar, desautorizar indivíduos de opinião ou gosto contrários, desafetos, como o governo adverso, a condução política oposta.

As possibilidades de representação poética são infinitas, uma vez que não está em jogo uma única visão do poema: sua organização estética. Pode-se estudar desde as mentalidades aí envolvidas, a permanência do conservadorismo no soneto e na ode; conquanto estejam articulados à construção poética e ao todo do jornal. De outro modo, haveria um empobrecimento do poema feito a serviço e no “calor da hora”. Rico de tantos signos, muitas vezes, também desfrutando de bom proveito nos estudos mais consagrados, como nos casos dos poetas Eurico Alves,¹⁷⁶ Artur de Sales e Godofredo Filho,¹⁷⁷ é preciso que seja urdida uma historiografia da literatura

176 ALVES, Eurico (E. A. Boaventura, Feira de Santana, BA, 27 de junho de 1909 – 4 de julho de 1974). Poeta, ensaísta, diplomado em direito (1933). Bibliografia: *Poesia*, 1990 (Org. Maria Eugênia Boaventura); colaboração em jornais e revistas, principalmente *Arco & Flexa*. REF: DÓREA, Juraci. *Eurico Alves poeta baiano*. 1978. FBN. In: COUTINHO; SOUSA, 2001, p. 209. v. 1.

177 GODOFREDO FILHO (G. Rebelo de Figueiredo F.), Feira de Santana, BA, 20 de abril de 1904 – Salvador, BA, 22 de agosto de 1992). Humanidades no Seminário de Teresa e Ginásio da Bahia, estudos de filosofia e arte brasileira. Professor, poeta, pintor. A posição de G.F. é das mais singulares. Introdutor do Modernismo em Salvador, em regresso de viagem ao Rio de Janeiro, onde entrara em contato com os principais líderes do movimento, tornou-se logo um dos mais destacados do grupo que promovia a renovação das letras baianas, em torno do crítico Carlos Chiacchio. Estudioso da arte baiana, foi depois conservador do Patrimônio Histórico e Artístico do MEC e chefe da delegação local, teve oportunidade, então, de realizar o levantamento de pintura, arquitetura civil e religiosa do Estado, cujos trabalhos compõem precioso acervo da repartição em Salvador. Dedicou-se especialmente aos assuntos do Barroco colonial, destacando-se os estudos sobre os artistas da época e posteriores. Seus trabalhos constituíram a base do tombamento e preservação desses monumentos da Bahia e Sergipe. Poeta lírico de grande sensibilidade, herdeiro e continuador do lirismo típico da Bahia. G.F. ocupa um posto de alto relevo na história da literatura de sua terra, embora sua irradiação no resto do país não tenha sido proporcional por causa da limitação das edições de sua obra. Participou de delegações intelectuais ao estrangeiro e recebeu honrarias. Membro da Academia de Letras da Bahia (1959) e outras instituições culturais de Salvador. Medalha do Mérito Cultural Castro Alves, 1984. Afrânio Coutinho. Bibliografia: *Samba Verde*, 1928 (poesia); *Poema de Ouro Preto*. 1932 (poesia); *Seminário de Belém da Cachoeira*. 1937 (história); *A torre e o castelo de Garcia D'Ávila*. 1938 (história); *Os holandeses e a cultura artística da Bahia*. 1938 (história); *Guia poético e prosaico de Cachoeira*. 1939 (história); *Auto da Graça e Glória da Bahia*. 1949 (teatro); *Introdução ao estudo da casa baiana*. 1951 (história da arte); *Balada da dor de corno*. 1952 (poesia); *Poema da rosa*. 1952 (poesia); *Sonetos e canções*. 1954 (poesia); *Lamento e perdição de Enone*. 1959 (poesia); *Introdução crítica ao 'Navio Negreiro' de Castro Alves*. 1959 (crítica); *Discurso de posse na Academia de Letras da Bahia*. 1959 (discurso); *Discurso de saudação a Nestor Duarte*. 1966 (discurso); *Influências orientais na pintura jesuítica da Bahia*. 1969 (história da arte); *Sete sonetos do vinho*. 1971 (poesia); *Pethion de Vilar, um grande esquecido poeta*. 1972

capaz de superar a tentação de isolamento do objeto simplesmente em seus caracteres formais e estéticos. A precedência desses caracteres não deve ser tampouco desprezada, nessa história, para que se possa escapar da acachapante e frustrante “poesia ruim” do final do percurso de análise.

O jornal é um volume publicado com duas funções: uma visível e até explícita; e outra, encoberta e de difícil percepção na longa duração do periódico. O trabalho jornalístico desdobra-se em divulgar os acontecimentos decisórios do cotidiano e da organização social, sejam eles parlamentares, econômicos, de segurança, da saúde, das catástrofes naturais e das guerras, do inusitado e do passível de comentário e crítica. Por método, as notícias são lançadas ao papel de forma a equilibrar do mais grave e impactante ao mais frívolo e risível. A função visível do jornal justifica sua existência e sua capacidade de arrecadar dividendos e dar lucros, transferidos aos indivíduos que o compõem. A função pouco visível do jornal diz respeito às idéias que defende e divulga em suas colunas.

À época de circulação, os periódicos e indivíduos correlacionados insistem em seu caráter de neutralidade ou no vínculo a uma terceira via (que não a direita ou a esquerda), contudo, as oito páginas de *O Imparcial* formam um todo empenhado numa causa. Em seu manifesto do primeiro número do *Jornal de Ala*, Carlos Chiacchio assim se refere: “(...) Nem à esquerda. Nem à direita. Nada disso. Para o alto e para frente. Direitinho como a sua flâmula azul e ouro. (...)”¹⁷⁸

De certa maneira, todo poema disposto nas páginas dos diários está engajado às idéias ali veiculadas. Alguns de forma direta, parecem abandonar as estratégias do poema e confessam suas intenções, outros são até retirados de contextos originais diferentes. Poemas de autores do passado, como Gonçalves Dias e Fagundes Varela, e estrangeiros como Florbela Espanca, Camões, Shakespeare e Dante são posicionados para fortalecerem o sentido literário do

(crítica); *Solilóquio*. 1974 (poesia); *Ladeira da Misericórdia*. 1976 (poesia); *Dimensão histórica da visita do Imperador a Feira de Santana*. 1976; *Poema da Feira de Santana*. 1977 (poesia); *Salvador da Bahia de Todos os Santos do século XIX*. 1979 (história); *Irmã poesia*. 1984 (poesia completa); e outras produções incluídas em obras coletivas, além de história e diversos; participação em antologias. In: COUTINHO; SOUSA, 2001, p. 770. v. 1.
178 CHIACCHIO, Carlos. *Apresentação de Jornal de ALA*. *Jornal de Ala*, Bahia, Ano I, N. 1, s/p. maio 1939.

jornal e sua neutralidade. Por outro lado, Castro Alves, Pethion de Vilar e outros criadores locais reforçam a idéia de amor à Bahia e sua defesa à toda prova. Ali, onde eles estão encaixados pela organização do dirigente, sua neutralidade artística é o que denuncia seu uso. Escritores que abraçam uma causa dificilmente aparecem em páginas adversárias. A meditação sobre o poema periódico revela um tipo de literatura marcada pelo combate de escritas e de projetos.

3.8.3 Folhetim

O folhetim é o primeiro gênero literário publicado em *O Imparcial*. Ele é um estilo de literatura que nasce no jornal. Muitos romances consagrados primeiramente são publicados nas folhas diárias. Logo após um sucesso junto aos compradores de matutinos, ganham o direito de se transformar no gênero vencedor desde o século XVIII. De sucesso vertiginoso, ele viaja rapidamente, afirma Antonio Hohlfeldt:

Da França para a Europa, e imediatamente para o mundo, atingindo tanto os Estados Unidos quanto as Américas, a moda do chamado *romance-folhetim*, como se passou a denominar este tipo de publicação, tornar-se-ia o principal difusor de leitura e, muito especialmente, de um determinado tipo de texto, uma narrativa longa, cheia de melodramaticidade, preme de personagens as mais variadas possíveis, com ações que se multiplicam através de capítulos, propiciando um enredo complexo.¹⁷⁹

As características que atingem em cheio o leitor, prendendo-o numa teia de indefinições, têm acolhimento certo no jornal, pelas vendas e pelos discursos vizinhos:

Marlyse Meyer já chamou a atenção, em diferentes ocasiões, para o fato de

179 HOHLFELDT, Antonio. *Deus escreve direito por linhas tortas: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre. 1850-1900*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 19.

que o conceito de folhetim desdobra-se em diferentes perspectivas: do ponto de vista formal, pode ser um lugar físico, específico de jornal, em geral o que ela denomina de *rés-do-chão*, na página de rosto (considerando que, em geral, os jornais do século passado tinham as dimensões da publicação hoje denominada *standard* e que não ultrapassavam as quatro páginas), ocupando espaço variável naquela página. Mas do ponto de vista do conteúdo, o *folhetim* variou consideravelmente: primeiro, trazia crítica teatral ou literária, constituindo às vezes o que contemporaneamente denominaríamos *crônica*. De qualquer modo, um comentário rápido mas suficientemente oportuno para informar o leitor a respeito de algo e com uma atualidade condizente com o meio em que era divulgado. Era, pois, um texto simultaneamente literário, por seu maior apuro estilístico e jornalístico, por sua referencialidade a acontecimentos recentes.¹⁸⁰

No entanto, a modalidade de folhetim que mais se pratica n'*O Imparcial* é o formato da ficção:

Como decorrência dessa prática, já uma tradição do jornal, a publicação em prosa que passou a ocupar o mesmo lugar, substituindo os textos anteriores, e que se constituía numa narrativa, com enredo a desdobrar-se infinitamente ao longo de meses, de modo a garantir o interesse do leitor, passaria a denominar-se *romance-folhetim*. Suas características logo seriam reconhecidas pelo leitor: enredos complexos, grande número de personagens, ações eletrizantes, detalhes em torno do passado cuidadosamente omitidos pelo narrador até determinado momento da ação, uma estrutura montada de maneira a fazer coincidir um efeito de suspense com o final do espaço destinado à narrativa.¹⁸¹

Contudo, as qualidades específicas da literatura de jornal acabam criando uma confusa classificação da narrativa folhetinesca transformada em livro. Ficções como *O Ateneu*, uma memória escolar do Brasil do século XIX, são publicadas nas páginas de jornal como crônica. É exemplo o fragmento da consagrada narrativa “Uma noite histórica”, em *O Imparcial* (15 nov. 1933, p. 2). A importância do leitor na escrita do folhetim justifica a recepção, tornando concretos os laços entre autor, obra de arte e público na literatura de jornal. Esses são os ingredientes para se urdir episódios que duram até um ano naquelas páginas (como em *Bodas de Neve*, publicado em *O Imparcial*, de 01 jan. a 12 dez. 1932).

180 HOHLFELDT, 2003, p. 19.

181 Id. Ibid. p. 19.

No primeiro número do jornal, de 4 de maio de 1918, surge na página 4, a seção ‘Folhetim D’O *Imparcial*’, com “A torrente: um aspecto sertanejo”, assinado por Lemos Brito, seu editor-chefe e proprietário. Dessa data inicial até 2 de julho, em capítulos diários, “A Torrente” domina como único gênero de literatura no jornal. Tendo apenas como rival, aos olhos dos leitores, as notícias de atentado às oficinas do próprio matutino e o empastelamento do *Diário da Bahia*, em 28 de maio de 1918.

Desde “A torrente” até o distante ano de 1947, o folhetim aparece algumas vezes. Alguns são traduzidos e outros de autores locais ou do Rio de Janeiro: “O marido da Borracheira”, de Dyvonne, traduzido por Marinho Machado, em 3 maio 1931 a 27 dez. 1931; romance “Bodas de Neve”, B. Buxy, traduzido por Marinho Machado, de 1 jan. 1932 a 14 dez. 1932; “O Marquês de Pombal — Primeiros Amor — Os Capotes Brancos”, de Antonio de Campos, de 24 ago. 1933 a 15 set. 1933. O folhetim é posicionado em *O Imparcial* para que se alterne as idéias reflexivas dos ensaios ao deleite ou curiosidade de um certo leitor ávido por narrativas que emocionem e comovam.

3.8.4 Crítica literária

Se a crônica é a passagem dos temas de humor para a discussão dos assuntos “sérios” no jornal, a crítica é o exercício categórico dos estudos intelectuais e literários. O Brasil — como País — e a Bahia — como região — cultivam sentidos parecidos de estudos literários. Provinda do século XIX, ela compõe o gosto pela polêmica crítica impressionista (Saint-Beuve e Gustave Lanson). Os impressionistas, como o nome indica, baseiam-se no julgamento de um texto a partir das impressões que tenham dele. Com o advento de novas correntes críticas como o *New Criticism*, o impressionismo perde força. O crítico Alceu Amoroso Lima, em ensaio polêmico, escreve sobre os pontos positivos da escrita impressionista tão combatida com o

advento da Teoria da Literatura:

(...) Os impressionistas literários como Anatole France, Jules Lemaitre ou Remy de Gourmont, [restituíram] à arte a sua liberdade e à crítica o seu direito ao bom gosto. Foi esse o inestimável serviço que o impressionismo, hoje tão denegrido, prestou à história da literatura.¹⁸²

Baseado no bom gosto, esse tipo de crítica oferece um lastro de cultura e erudição ao leitor enquanto faz a abordagem da obra. Menos dedicada à obra enquanto postulação teórica, o impressionismo dá vazão para o estilo do crítico como motivo de leitura, um dos argumentos para a transformação do texto jornalístico em gênero literário, na concepção de Amoroso Lima. No entanto, a força disseminada no sistema intelectual, de idéias partidárias como signo negativo, põe em dúvida a atividade crítica de escritores como Humberto de Campos, Luís Delfino e Álvaro Lins.

Grosso modo, os escritos do grupo de determinado crítico sempre são dignos de elogio e os livros da “igrejinha” contrária acabam rechaçados antes mesmo de uma investida mais cuidadosa. A banalização dessa prática de jornal para jornal ou revista de literatura (até os anos 1950, os lugares por excelência de estudo do literário) ocasiona o descrédito como um todo. Afrânio Coutinho é um dos mais influentes estudiosos que orienta pela retirada do privilégio aos periódicos para locais teoricamente mais sólidos como os departamentos universitários de graduação e pós-graduação.

A polêmica na crítica literária se dá de duas formas: as idéias de um grupo ou indivíduo de um grupo numa atitude de oposição entre intelectuais contemporâneos, como Silvio Romero e José Veríssimo; o estabelecimento de diálogo e superação de gerações diferentes — os jovens modernistas da Semana de Arte Moderna quando combatem os autores consagrados da Academia Brasileira de Letras, a exemplo de Coelho Neto e Olavo Bilac.

As impressões tendem a um lado positivo, bastando o crítico apreciar e

182 LIMA, Alceu Amoroso. Os gêneros. In: _____. *O jornalismo como gênero literário*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2003. p. 27. (Clássicos do Jornalismo, 3).

recomendar a obra ou para o negativo, ao não aprovar o mérito do texto. Trabalho levado adiante a partir de argumentação, muitas vezes, de leitura superficial do livro, a crítica vale-se também de conhecimentos e relações pessoais ou profissionais com o autor julgado. Regularmente, o desafeto é condenado à incompetência e o aliado, ao Olimpo do talento literário.

Há no jornal desde os primeiros dias, a leitura dos livros publicados, a análise de obras, resenhas, portanto, é corriqueira a atividade de crítica literária. Algumas características são próprias, de tal forma que lhe é peculiar a literatura articulada com a filosofia, a sociologia, a história e a política, em dois sentidos relacionados: à política em geral, o que especificamente se tratando de *O Imparcial*, refere-se ao mapeamento geopolítico do globo nos direcionamentos do entre-guerras,¹⁸³ à política que o jornal defende e difunde: aqui, sim, fica evidente como o “calor da hora” e do acontecimento intercepta a melhor interpretação (no olhar de hoje), e as escolhas do jornal mudam constantemente (integralismo; getulismo; comunismo; “Ruísmo” — segue as idéias de Rui Barbosa¹⁸⁴). Em outro sentido, por mais que as convicções ideológicas tentem ser encobertas ou encobrir posicionamentos diversos, é parte da cultura e de sua identificação que vai sendo vislumbrada nas manchetes e reflexões dos artigos de fundo.

Saídos das faculdades de Direito, em sua maioria, e de Medicina, na formação dos críticos destaca-se o conhecimento erudito. Há textos com títulos em latim. A noção corrente de crítica literária não leva em consideração somente o texto literário e suas especificidades formais. Além disso, enfatiza-se o conhecimento geográfico e a construção do tipo humano autêntico. Mais facilmente do que no livro (pende para o nacional), o periódico sustenta um cânone da Bahia, que pouco se assemelha com os nomes consagrados da literatura nacional. Por exemplo, para o jornal, na década de 1920, o maior escritor brasileiro vivo é Xavier Marques.

183 É bom lembrar que, no jornal, as guerras mundiais estão intimamente ligadas como se a primeira não tivesse terminado até a segunda. Faz parte do apelo identitário e de vendas do meio jornalístico trazer e/ou fazer render as apreensões de conflitos bélicos. O que parece ser somente as manchetes cotidianas de um jornal, é, para quem o observa na sua totalidade, dia após dia, uma sucessão de medos, temores e turbulências.

184 A primeira década do jornal está ligada a Rui Barbosa, o proprietário do *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro e da Bahia até pouco antes da fundação de *O Imparcial*. A atividade político-jornalística explica as influências do senador e 'protetor da Bahia'.

Um dos primeiros críticos do diário baiano é seu proprietário, Lemos Brito, que, ao assinar seu próprio nome ou com iniciais de LB, comenta livros saídos em plena campanha presidencial de Rui Barbosa, nos anos de 1918 e 1919. A Brito, juntam-se Adh. França (09 jul. 1918) e Mario Linhares (16 e 17 set. 1918). O rol de colaboradores críticos literários é pródigo nos três decênios do jornal: Xavier Marques, Eugênio Gomes, Pethion de Vilar, Acácio França, Afrânio Coutinho, Quixadá Felício, Pinto de Carvalho, Pinto de Aguiar, Bastos Tigre, Adonias Filho, Jorge Amado, Guerreiro Ramos.

Na literatura de jornal, é comum o autor exercer mais de uma atividade literária. Eugênio Gomes faz crônica e poemas. Afrânio Coutinho é um exemplo célebre: exerce colaboração na principal coluna do jornal, em 'Pela Ordem...' (de sua criação), o chamado artigo de fundo, de 120 artigos nos quais articula literatura, política, educação, saúde, filosofia etc. Não há, no futuro autor de *No hospital das letras*, a separação da arte literária das outras atividades da cultura. Ele inicia sua colaboração n' *O Imparcial* em 17 de abril de 1934, com o artigo "A França verdadeira", no qual reflete sobre as instituições culturais que fazem do país francês um exemplo de civilização. E assim continua nos artigos subseqüentes.

Somente no décimo quarto artigo, após discutir política, educação e cultura, alcança a literatura com "Atualidade de Shakespeare".¹⁸⁵ O artigo de Afrânio Coutinho é atestado pelo elogio do veterano escritor e crítico Pinto de Carvalho. Em artigo de 20 de maio de 1936, "Deus e Diabo" (p. 3), Carvalho apresenta o jovem médico como único articulista da nova geração que tem compromisso profissional com o estudo. A essa altura, o autor de *A tradição afortunada* amealha elogio de grande personalidade do cenário das letras da Bahia da época. Fazendo jus ao elogio (raro comentário que intelectual patricio dedica a outro), no seu livro de comemoração intelectual (*Poética e cultura*) ele assume que sua longa e fértil carreira é uma sucessão de "empurrões" e incentivos de mestres como Pinto de Carvalho, Eugênio Gomes e outros.

Odilon Belém descreve o cotidiano delicado dum analista e crítico das

185 COUTINHO, Afrânio. Atualidade de Shakespeare. *O Imparcial*, Salvador, 27 jul. 1934. 'Pela Ordem...', p. 4.

questões do tempo matizadas pelas ideologias em voga:

Afrânio Coutinho não pode abrir mão dos espaços que os jornais lhe ofereciam. E, para conservá-lo como é óbvio, tinha de se manter neutro, usando o poder da imaginação e do conhecimento para esclarecer aos brasileiros o que se passava em outros países e como se conduziam os homens de espírito em face dos excessos que envolviam os povos. Seu primeiro artigo n' *O Imparcial*, em 9 de fevereiro de 1934 [não confere com a data da minha catalogação], focalizando diferentes aspectos da política e da administração na França, envolvida pelos ideólogos do marxismo e integrantes das corrente fascistas em ascensão. Exatamente os valores que, nos últimos anos, fizeram do grande país a pátria da inteligência e garantiram a integridade das culturas, que tiveram decisiva influência no aprimoramento da índole e da psique do povo gaulês.¹⁸⁶

As observações anotadas pelo biógrafo Odilon Belém, assim como por outros estudiosos de Afrânio Coutinho, indicam uma neutralidade na obra do crítico, postura que vai de encontro tanto às observações do jornal fundado por Lemos Brito, como também da própria identidade crítica. No afã de posicionar o trabalho do escritor e professor baiano acima das mediocridades do cotidiano e pouco valorizado em países como o Brasil, seus estudiosos o retiram da contingência que condiciona sua atuação.

Se por um lado, toda escrita contém vínculos, correndo o risco de ser manobrada, ela tem uma motivação genuína para o desenvolvimento. Sendo assim, Coutinho não é neutro, mesmo que esteja utilizando de competência para superar o limitado diálogo direita-esquerda. Sendo assim, não há um caminho para a verdade pura, sem a vinculação com grupos que providenciem o aparecimento de obras como *A literatura no Brasil*, e a *Enciclopédia da literatura brasileira*.

Algumas ações devem ser realizadas para que a atitude neutra surja de uma prática. O crítico tem que apresentar um produto insolente, pela novidade, mas conciliador, pelo diálogo com outros indivíduos e instituições. Coutinho faz parte de um sistema de cultura. O estilo de análise cultural e reflexão, assentado nos

186 BELÉM, Odilon. *Afrânio Coutinho: uma filosofia da literatura*. Rio de Janeiro: Pallas, Didática e Científica, 1987. p. 68-9.

assuntos das outras páginas do jornal, marca seu tom e o dos articulistas. Esse encaixe dialógico diferencia tanto da crítica, em seu espaço de arrumação, quanto da crítica reunida. A literatura de jornal explicita o diálogo como especificidade em outros gêneros: o folhetim, o poema e a crônica.

No percurso periódico, é comum também que um autor comece como poeta e termine como cronista. É o caso de Maria Dolores, poetisa desde os últimos anos de 1920 e que, em 1933 e 1934, aproveita o seu espaço em 'Página Feminina' para escrever crônica e crítica.¹⁸⁷ Além disso, organiza a 'Página Literária'. Outro exemplo é Dermival Costalima, que inicia sua colaboração no jornal como poeta¹⁸⁸, inclusive escrevendo um poema em homenagem à cidade de "Feira de Santana", e o conclui como cronista social. Outro escritor importante aparece em primeiro texto, como crítico¹⁸⁹, Jorge Amado, apesar de ser jornalista do diário e escrever ensaio: "O Romancista diante do romance."

A literatura ainda se compõe de gêneros que a história da literatura e a crítica literária pouco abordam. A folha ainda oferece os epigramas, de Roberto Correia e Lulu Parola, as quadras em repente, de tom popular, o fragmento em prosa e drama, as letras das músicas de festas tradicionais e comemorações das festas momescas sempre em destaque nas páginas do jornal.

O Imparcial, a partir da narrativa de seus elementos formadores e a qualidade de diálogo estabelecido com a comunidade, guarda um caldo de cultura e literatura que inspira exame mais acurado. Desde a pretensão de uma imparcialidade que respeita na prática (publicação) e rasura na absorção das idéias (ideologias que defende), o periódico arrisca refazer a cotidianidade da cultura para além do seu tempo particular. Em suas colunas, explicam-se os rumos da identidade cultural da Bahia, hipnotizada em si e disposta aos ditos da nacionalidade.

187 DOLORES, Maria. *O Imparcial*, Salvador, 26 nov. 1933. 'Página Feminina', p. 2.

188 COSTALIMA, Dermival. Miragem. *O Imparcial*, Salvador, p. 4, 30 jul. 1934; Feira de Santana. 13 ago. 1974, p. 4.

189 AMADO, Jorge. Carnaval. *O Imparcial*, Salvador, p. 4, 4 mar. 1935; O romancista diante do romance. 4 mar. 1935, p. 3 e 7.

4 BAHIA INTELECTUAL — CÂNONE, SISTEMA E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

4.1 Literaturas móveis

No ano de 1931, de 4 de setembro a 13 de novembro, o jornal *O Imparcial*, da Bahia, divulga uma série de ensaios sobre intelectualidade e literatura. Chama a atenção, nesses textos, o bloco maciço de colaboradores do jornal e intelectuais renomados. A iniciativa do projeto está a cargo da poetisa Maria Dolores, editora e assídua colaboradora com poemas e sonetos da 'Página Feminina'. A série de depoimentos de poetas, romancistas, cronistas, críticos e intelectuais em geral, busca avaliar os eventos recentes e cobrar um pronunciamento a respeito da configuração da literatura baiana naquele ano. Os artigos lembram os inquéritos realizados por João do Rio, "Momento Literário", no jornal carioca *Gazeta de Notícias*, em 1905.¹⁹⁰ A provocação articula diretamente a alternativa de Modernismo abraçada pelos escritores baianos no século XX, os mecanismos de publicação, como as revistas e os jornais, e o perfil dos jovens escritores.

O veículo por onde passam os textos, ao serem coligidos num feixe coeso, sob o nome de enquete (por isso, retirados do seu ambiente primeiro, diário e fátuo, que é o jornal) propõe uma maneira, senão nova, ao menos peculiar de observar os textos da literatura. Aqui, o conceito de literatura abrange não só o texto, mas todos os mecanismos que o compõem: a leitura, a recepção, a distribuição, a crítica — em suma, a ação da literatura. O estudo do sistema literário em periódicos providencia uma primeira vocação (estrutural): os textos são construídos como integrantes de uma polêmica que espera pouco por amadurecimento (diferente do livro), aguardando resposta rápida e inusitada de um conjunto de recepção possivelmente

¹⁹⁰ BROCA, 2005, p. 323.

mais amplo (os leitores de jornal).

Após o descarte das páginas, invariavelmente são esquecidos logo chegue leitura mais recente. O jornal é vítima da visão de tempo novo que ajuda a conceber. O período da enquete é o do governo de Getúlio Vargas, da recente Revolução de 30. A cultura intelectual e a literatura estão em guarda através de articulistas como Eugênio Gomes, Afrânio Coutinho, Guerreiro Ramos, A. Alexandre Machado, da Bahia, e outros colaboradores do Rio de Janeiro, como Bastos Tigre e Nelson Carneiro.

Os movimentos literários de São Paulo, a Semana de Arte Moderna e o diálogo estabelecido com os movimentos acontecidos na Bahia são os ingredientes que desencadeiam o aparecimento do inquerito. Os radicalismos das literaturas propostas de fora e o silêncio nacional a respeito de empresas culturais como *Távola*, *Academia dos Rebeldes* e *Arco & Flexa*, de dentro da Bahia, impõem uma resposta à comunidade sobre os pontos de vista e de orientação para a literatura baiana e brasileira. Impressos em *O Imparcial*, os textos pretendem abrir o debate e defender seus pontos de vista para os próximos eventos e conquistas da literatura.

Uma das primeiras perguntas, num encaminhamento historiográfico, é saber por que o periódico é escolhido como local para os textos serem postos em circulação, quais e por que tais autores foram eleitos no inquerito. Em 10 de novembro de 1931, no texto “Bahia Intelectual”, o editor identifica o trabalho de Dolores e afirma a condição de pseudônimo:

A nossa talentosa e distinta colaboradora que, sob o pseudônimo de Maria Dolores, os leitores d’*O Imparcial*, vale dizer o público baiano, estão acostumados a admirar, através não somente da ‘Página Feminina’, que editamos às quintas-feiras, como de outras produções de destacado merecimento, organizou, entre os literatos conterrâneos, uma *enquete* perquiridora da situação e das condições atuais da literatura, em seus múltiplos aspectos, e das artes na Bahia.¹⁹¹

A maioria dos autores que responde ao questionário pertence ao grupo *Arco*

191 BAHIA INTELECTUAL. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 10 nov. 1931.

& *Flexa*.¹⁹² Mas há também aqueles que estão contra ou combatem o grupo liderado pelo crítico Carlos Chiacchio. Além deles, existem os autores, não muitos, segundo a organizadora, que não consentem em participar do projeto e, por fim, contribuições, que de tão ofensivas, Maria Dolores resolve não torná-las públicas. Esse último bloco de contribuição forma o que denomino de anti-sistema da literatura, o que significa pensar o sistema de literatura como um corpo em movimento causado pelas feições da ação de literatura. Assim, tanto o texto quanto o não-texto, uma vez que ele é paradigma para a aprovação daqueles que são publicados, são capazes de providenciar o movimento.

As cartas anti-sistêmicas vistas e avaliadas por Maria Dolores são exemplares para o modelo de literatura somente passíveis de observação no jornal. As missivas fazem parte da cotidianidade do ser da literatura. Mesmo sem terem sido disponibilizadas à leitura do jornal, são incluídas nesta investigação, porque nelas estão um grupo de escritores, veículos de publicação e locais oferecidos para a atividade literária que também formam o entorno da literatura baiana desse período.

Os textos rejeitados são condutores da iniciativa de Dolores, influenciando em avaliações, provocando a erupção de valores morais e estéticos. Uma vez citados, o sistema apresenta um desenho enquanto movimento, também pela contração desses textos aparentemente não publicados. O início da série de textos da Bahia Intelectual é pautado por um tom polêmico, quase agressivo, em que sua organizadora provoca a alta cultura, confundindo-a propositalmente com o esnobismo dos ricos baianos, símiles dos *demodées* estudados por Silviano Santiago e Roberto Schwarz, mais contemporaneamente.¹⁹³

192 A pesquisa sobre o movimento *Arco & Flexa* foi realizada pela professora ALVES, Ivia. *Arco & Flexa*. Contribuição para o estudo do modernismo. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978.

193 A caracterização de 'fora de moda' é dada pelo antropólogo C. Lévi-Strauss. No texto "O entrelugar do discurso latino-americano", Silviano Santiago analisa a superação da dependência cultural como um passo decisivo para identidade dos discursos e teses realizadas na América Latina. Para ele, haveria ainda o desejo de ser europeu, por isso o autor de *O cru e o cozido* não perceber o primitivismo na cultura brasileira, mas, em vez disso, a nostalgia por uma cultura e um tempo que já passaram ou nunca existiram. Se a perspectiva é conservadora, o que primeiro se percebe são a estima e o apreço por idéias que atravancam a cultura do estado como um todo. Principalmente, numa época em que os jovens escritores paulistas afrontam toda tradição para instaurar o movimento modernista. Sem ser acatado totalmente, o Modernismo de 22 motiva o aparecimento do grupo e revista *Arco & Flexa* (1928), que é avaliado pelas páginas de *O Imparcial*.

Ali aparece a concepção crítica de Maria Dolores sobre como o estágio de alta cultura da Bahia se distancia das elites:

Iniciamos hoje a nossa anunciada e esperada *enquete* literária. Como todos os empreendimentos, este nosso teve o seu momento de fervor entusiasta. Depois, veio-nos receio do fracasso, devido à indiferença que palpita covardemente na Bahia, em se tratando de coisas do espírito.

Na Bahia, é inegável o predomínio em certos meios da ilusão do bolso. Não conhecem outra coisa senão o fulgor efêmero do ouro, a pose ridícula dos chãos inglesados, a exibição mais ridícula ainda dos *futins* do verão.

Não existe Bahia Intelectual, para estes meios, para esses *nouveaux riches*.¹⁹⁴

A primeira deficiência notada diz respeito à classe social letrada capaz de patrocinar e envolver-se em empreendimentos culturais. Dolores teme que, apesar de viverem na Bahia, os ricos estejam com o imaginário voltado para outro lugar, a Inglaterra, restando a pose esvaziada de esnobes. A escritora questiona se os intelectuais de brilho na Bahia são conhecidos:

Conhecerão Carlos Chiacchio? Saberão que existe Artur de Sales?¹⁹⁵ Já teriam lido Eugênio Gomes? Ouviram falar sobre *Plenitude*? (para citar, apenas, os que já estão em livro).¹⁹⁶

194 DOLORES, Maria. Apresentação. CHIACCHIO, Carlos. A Bahia intelectual. Salvador, O *Imparcial*, p. 1, 4 set. 1931.

195 SALES, Artur Gonçalves de (Salvador, BA, 7 mar. 1879 - 27 jun. 1951). Primeiras letras em escola pública, aluno-mestre do Instituto Normal (1905), tenta baldadamente a carreira militar, bibliotecário do Instituto de São Bento das Lajes, professor em Salvador e outras cidades, grande leitor, tradutor, aposenta-se em 1950. Poeta, sua produção surge sobretudo entre 1901 e 1915. Participou dos movimentos literários baianos da Nova Cruzada, de Arco & Flexa, Ala das Letras e das Artes, companheiro de Carlos Chiacchio, Roberto Correia e Eugênio Gomes. Colabora nas revistas *Nova Cruzada*, *Arco & Flexa*, *ALA* (Salvador) e *Festa* (Rio de Janeiro). A poesia de AS caminha do Simbolismo do final do século XIX, fundindo-se com o Parnasianismo, característico do clima sincretista e de transição das duas primeiras décadas do século XX. Também cultivou o regionalismo no poema *Sangue mau* (1928), no qual o poeta canta o mar, tema de sua predileção, numa atmosfera de tragédia e superstição. Este poema e o restante da obra de AS mostra um poeta de indiscutível e próprio valor. Bibl: *Poesias*. 1920 (poes.); *Sangue mau*: poema dramático. 1928 (poes.); *Poemas regionais: Sangue mau e O ramo da figueira*. 1948 (poes.); *Macbeth*. (trad. da tragédia de Shakespeare. São Paulo, Jackson). 1948; *Sangue mau*. Ed. Crítica de Nilton Vasco da Gama, 1981. In: COUTINHO; SOUSA, 1990, p. 1196, v. 2.

196 DOLORES, p. 1, 4 set. 1931.

Há nas palavras da poetisa o tom semelhante à insolência dos modernistas de São Paulo, pela atitude corajosa de atacar a sociedade abastada. Porém, no momento de valer-se do cânone intelectual, ela busca os nomes consagrados de décadas e até do século anterior (XIX), como Artur de Sales. A questão se esses não são conhecidos reverbera em outra: o que há mesmo de cultura literária e artística na Bahia? Nessa perspectiva, para questionar e balançar o ambiente insensível instalado na sociedade de então, ela propõe a enquete:

E, depois disso, não mais vacilamos. Contávamos com a gente de talento. E era o bastante. Foram enviados a todos os nomes do maior destaque intelectual da terra os itens do questionário. Até hoje, recebemos algumas cartas, promessas de outros.¹⁹⁷

Os quesitos tentam dar conta de “como encara V. S. o atual movimento literário baiano” e, nesses termos, busca incluir um posicionamento que demanda a maturidade da cultura literária local e suas idéias em relação aos grupos que estão se formando em outros estados. A escritora tem interesse nas formas intelectuais de inclusão ou exclusão estadual pela Nação. A sondagem apurada da literatura é proposta na questão a seguir:

IIº quesito: — Como olha a nova poesia baiana? Vê nela base para uma grande afirmação? Haverá, dentre os nossos poetas, nomes que possam determinar, marcar rumo à nossa poesia? Poderemos constituir uma poesia à parte, verdadeiramente original, diferente da do resto do Brasil?¹⁹⁸

Nas questões preparadas para tornar perceptíveis o relevo dos movimentos literários da Bahia, inclui imediata preocupação com a recepção, papel da historiografia da literatura. Pedro Calmon organiza sua *História da literatura baiana*, também trazendo preocupações semelhantes, somente uma década depois. Aqui, as questões estão desenvolvidas de forma coletiva, crescendo as possibilidades de montagem do painel por onde ventitam as produções e aspirações literárias. Talvez

197 DOLORES. p.1, 4 set. 1931.

198 Id. Ibid., p. 1.

o ambiente local tenha menos pretensão e mais liberdade de abordagem, enquanto a história de Calmon busca uma articulação narrativa do passado para aquele momento.

Preocupada ou decepcionada com o pouco alcance da literatura impetrada naqueles tempos, são os próprios intelectuais patrícios que a ensaísta questiona primeiramente. Maria Dolores inicia, no primeiro quesito, referindo-se aos movimentos literários da Bahia. Se existem. Qual o seu proveito? Na avaliação do entrevistado, pode-se pensar em um movimento evolutivo, de um lugar menos sofisticado ou menos fornido de obras para outro mais proveitoso. As questões apontam para a concretização de algo que se celebra como subjetivo: a literatura. Os contornos do que se constrói no projeto de Bahia intelectual salta aos olhos críticos quando observado a partir da percepção de sistema de literatura ou ação literária.

No segundo quesito, as indagações tratam da poesia baiana, suas possibilidades criativas, seu cânone. Atraindo a atenção dos movimentos nacionais para a notoriedade local, pouco atendida pelos leitores, Dolores questiona se há nomes que possam fazer surgir uma linha de literatura brasileira a partir da Bahia. Nas aspirações do projeto estão a certeza de caracteres e visões locais capazes de fornecer material temático para a ambiciosa empreitada, logo que surjam capacidades criativas habilitadas. Nesse aspecto, até a própria inquiridora, pela sua condição de poetisa militante da literatura de jornal, disponibiliza-se a impôr sua presença no espaço poético nacional.

No terceiro quesito,¹⁹⁹ Dolores atinge os movimentos literários e propostas teóricas concretas ocorridos na região. Nessa parte, tanto o seu ponto de vista, como quais são os críticos e publicações mais bem-sucedidos até agora, são confessados no questionamento:

IIIº quesito: Julga ter sido profícua a atuação de *Arco & Flexa* no atual momento baiano? Como analisa o *tradicionalismo dinâmico*? Há progresso

199 Nos anexos, esse texto está transcrito na antologia de literatura de jornal integralmente.

na prosa baiana? Temos nomes que lhe possam garantir triunfo?²⁰⁰

A revista *Arco & Flexa* e a proposta teórica Tradicionismo Dinâmico fazem parte do mesmo empreendimento de aspiração literária. O Tradicionismo é a base para a execução de um modelo de literatura modernista alternativo ao Modernismo paulista, haja vista que pretende acatar as vantagens da literatura baiana do passado e praticar uma literatura com indicadores estéticos da Modernidade, da modernização, da industrialização e da rapidez do mundo contemporâneo. Seus principais pressupostos, sem abandonar Castro Alves ou Rui Barbosa, acompanham as propostas de Walt Whitman e Emile Verhaeren. Se falta o apoio ao movimento da paulicéia dos anos vinte, que conquista um espaço na historiografia brasileira, demonstração de passagem do mundo antigo para as benesses e angústias da Modernidade, não se pode ocultar um contato íntimo e negado pelo título do movimento: *Arco & Flexa*. Basta saber se se fala de um índio antropófago ou de um nativo devorado pela tradição: o Tradicionismo admite os dois movimentos.

Além da literatura propriamente dita, também o jornalismo é posto em pauta pelo itinerário de Maria Dolores: No quinto quesito: — Que pensa sobre o nosso jornalismo? Contribui para o progresso; incentivação da inteligência baiana? Das nossas revistas qual prefere?²⁰¹ Além dessas questões fundamentais para a compreensão de sistema, a escritora ainda investiga os melhores livros e idéias dos autores e suas visões a respeito de artes plásticas, música e teatro. Ela informa que todos os participantes do grupo *Arco & Flexa* prometem enviar as suas opiniões. Se o objetivo pouco confessado do projeto é avaliar a recepção da revista organizada por Chiacchio, também a cultura intelectual, representada nos bacharéis, no jornalismo, nas artes, não deixa de resvalar pela capacidade que tem os periódicos — *Imparcial* e *Arco & Flexa* — de manter contato com outros corpos do sistema social.

O quarto quesito refere-se à formação intelectual e profissional de autores e de livros mais influentes. Dolores deseja garantir que os interrogados, na figura dos verdadeiros intelectuais soteropolitanos e baianos, devam apresentar-se ao público

200 DOLORES. p.1, 4 set. 1931.

201 Id. Ibid, p. 1.

leitor. A estratégia inteligente apresenta aos leitores a figura dos criadores falando de si. Mais uma questão para o anti-sistema, uma vez que escritores indagados não enviam suas respostas, permitindo um vazio no qual, na verdade, toma o seu lugar de trabalhador da literatura. Como de costume nas introduções aos colaboradores do inquérito, a poetisa tece muitos elogios aos escritores. Isso fica patente na apresentação ao poeta Carvalho Filho²⁰²:

É, sem dúvida, uma das mais brilhantes afirmações dentre os poetas da atual geração baiana. O seu livro *Plenitude*, festejado calorosamente pela crítica, colocou-o definitivamente à altura dos melhores poetas da nova geração patriciana. Os seus versos são portadores de um panteísmo sadio, reflexo de sua alma exaltada de esplendores juvenis, toda arrebatada aos amplos vôos imaginativos.²⁰³

Os textos de Dolores são compostos de apresentação aos entrevistados, espécie de currículos dos escritores e conclusões às suas reflexões. Neles, ela rapidamente avalia a contribuição crítica de cada autor, ao mesmo tempo, abre espaço para a reflexão sobre as questões de entorno da literatura cultivada. Essa estratégia realiza o projeto do grupo literário, ao divulgá-lo na página do jornal. Dessa forma, a enquete é um segundo momento de performance intelectual e literária de *Arco & Flexa*, e outros autores que merecem ser divulgados, ajudando a fixar na memória impressa os resultados da produção e de seu trabalho em grupo.

Seus representantes estão instalados em locais estratégicos da entrada cultural: Maria Dolores, como redatora de *O Imparcial*, Carlos Chiacchio, em *A Tarde* e *O Imparcial*, para mencionar somente os mais evidentes. Entretanto, muitas vezes, são publicados textos com idéias que fogem ao controle dos objetivos do projeto. Se isso ocorre a contragosto e provoca a reclamação da ensaísta, confere um alargamento no conceito de autor e sua alternativa de sistema.

202 CARVALHO FILHO. (José Luís de) – Nasceu em Salvador (BA), a 11 de junho de 1908. Filho do comerciante José Luís de Carvalho e D. Julieta Freire de Carvalho. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito da Bahia, em 1932. Pertenceu aos movimentos *Arco & Flexa* e *Ala das Letras e das Artes*. Subprocurador do Estado junto ao Tribunal de Contas. Bibl.: *Plenitude* (versos), BA, 1930; *Integração* (versos), Ba, 1934; *Face Oculta* (versos), Ba, 1947. In: MENEZES, 1978, p. 330.

203 CARVALHO FILHO. A Bahia intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 2 out. 1931.

A partir de agora, realizo abordagem de todos os textos do inquérito e mais dois do próprio jornal, avaliando a iniciativa e as artigos publicados no decorrer das colaborações. Nos Perfis intelectuais alinhados à enquete, apresento os ensaios dos autores simpáticos ao projeto de Dolores, à *Arco & Flexa* e à liderança de Carlos Chiacchio. Alguns mais compreensivos, outros mais irônicos, todos concordam que a Bahia tem algo de intelectual a oferecer ou a resistir em relação às manifestações de fora, tanto nacionais quanto estrangeiras. Identificados como simpatizantes são Carlos Chiacchio, Hormindo Marques, Carvalho Filho, Carlos Ribeiro, Godofredo Filho, Berto de Campos, Hélio Simões, Altamirando Requião, Moreira da Silva, Raimundo Brito, Rafael Spínola e Eurico Alves.

Os Perfis Questionadores enviam suas cartas e seus ensaios para reprovar tal iniciativa, tachando-a de ficcional, idealista ou leviana. Para eles, Dolores cumpre mais uma ordem do grupo hegemônico de Chiacchio, ou encobre uma fatalidade explícita: a Bahia não tem competência para trazer à tona movimentos culturais renovadores e responder por questões intelectuais e literárias tão exigentes. Esses autores são Xavier Marques, Jonatas Milhomens, Nestor Duarte, Pinto de Carvalho, Otto Bittencourt Sobrinho, Carlyle de Chevalier e Ramayana de Chevalier.

A partir das respostas aos quesitos de Dolores, os poetas, romancistas, críticos e jornalistas constroem um desenho do sistema. Os traços marcantes da ação literária inquirida são as escritas satisfatórias, os textos não publicados e seus motivos de recusa, os significados dos exemplares vitoriosos e o desgosto dos momentos derrotistas. O papel do momento político e do espaço jornalístico nos quais saem os textos acaba realizando um contorno intelectual em movimento. Algumas dessas questões retornam na seção Sistema.

4.2 Intelectuais alinhados

O texto inaugural do inquérito a respeito da literatura da Bahia traz o nome mais mencionado: o crítico de *A Tarde* e poeta de prestígio, Carlos Chiacchio. Ele contribui para a literatura, principalmente, criando e motivando grupos. Literato de comprovada presença, preocupa-se principalmente com a falta de editoras, por isso, funda mais tarde as Edições de Ala. Nascido em Minas Gerais e radicado na Bahia, para Dolores, “este nome, na abertura do nosso inquérito, será como um farol abrindo a aleluia do seu fulgor inesquecível.” E ainda acrescenta: “Estrela verdadeira, espírito arguto de pesquisador insaciável, ensaísta dos melhores, Carlos Chiacchio, em uma carta, explana todo o movimento renovador da Bahia Literária.”

De fato, o prestígio conquistado durante todo o século XX até aquele momento, desde a participação no movimento *Nova Cruzada*, na primeira década, até *Arco & Flexa*, a sua articulação com academias e autores de Salvador e de outros locais, confirmam a influência do crítico de *A Tarde*. O texto de Chiacchio, “Resposta ao inquérito literário de Maria Dolores”, apresenta-se como um elogio direto à figura da organizadora: “A poetisa de fulgor da Bahia moderna. Maria Dolores, que ao lado de Edith Mendes são os nomes femininos, um no verso, outro na prosa, de maiores prestígios no momento literário baiano.”²⁰⁴

O elogio também se utiliza de recurso comum aos estudos críticos — a comparação das escritoras baianas com autores nacionais: “Mas admiro-os como fulgurações líricas capazes de emparelhar com o melhor de Gilka da Costa e Rasalinda Coelho Lisboa.” O crítico informa sobre a falta de editoras e suas conseqüências. A preocupação, no comentário crítico a seguir, expõe uma característica desse sistema literário: “Se a falta, porém, de editores nos coloca em posições forçadas de silêncio injusto, aí estava a imprensa, sobre que me pergunta, numa das suas vantagens incentivantes — revelar os talentos verdadeiros.”²⁰⁵

As editoras são reclamadas porque, ausentes, providenciam um silêncio para

204 CHIACCHIO, Carlos. Resposta ao inquérito literário de Maria Dolores, *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 4 set. 1931.

205 Id. Ibid., p. 1.

os produtores de literatura. A saída mais evidente é a retirada para os centros mais desenvolvidos, como São Paulo e Rio de Janeiro. De acordo com as palavras de Chiacchio, o sistema está constituído de autores, leitores e jornais. Isso significa que a precedência de um estudo que avance sobre a produção literária da Bahia deve encaminhar-se pelo fortalecimento de uma historiografia que tenha a literatura de jornal como local de publicação, divulgação e crítica da literatura. Aí está a justificativa do autor de *Cronologia de Rui Barbosa*:

O mesmo se pode dizer das revistas, como *Arco & Flexa*. Revelou, antes de tudo, legítimos talentos. Nasceu, para bem falar, dos incentivos da 'Tarde', que como o 'Imparcial', são os reveladores de nomes das nossas letras. Não digo que os outros também não o são. Seria injusto. Mas 'A Tarde' e 'O Imparcial' são mais vanguardeiros.²⁰⁶

Nas palavras do criador e incentivador de grupos literários como *Nova Cruzada e Távola*, aparece a importância para o sistema cultural baiano dos dois jornais, *A Tarde*, de Simões Filho, e *O Imparcial*, à época, dirigido por Mário Monteiro. Além de denunciar essa movimentação pelos espaços culturais, o crítico explica que há outros periódicos, o que significa uma rotina da imprensa acolher a literatura. Há diversos dados que afirmam uma parceria constante entre os dois diários desde a criação de *O Imparcial*, pelo incentivo também do dono de *A Tarde*, fundado em 1912. Nascidos de tempos politicamente polêmicos, os dois matutinos se utilizam do apoio cultural para manifestar idéias e posicioná-las estrategicamente através de eventos nos quais, normalmente, está a sociedade que decide os destinos estaduais — salões culturais, faculdades e, depois, universidades.

Desse modo, também em vista da carência de um sistema mais diversificado e experiente através de mecanismos tradicionais, como editoras e público leitor, faz o jornal assumir essas tarefas (chegando a ceder suas oficinas para a edição de livros: de José de Sá,²⁰⁷ Organização de ALA e, na última fase, Edições *Imparcial*). Também é do jornal que saem a crítica e a narrativa enquanto não se instalam os

206 CHIACCHIO, p. 1, 4 set. 1931.

207 SÁ, José de. *O bombardeio da Bahia e seus efeitos*: registro político histórico. Salvador: Oficinas do Diário da Bahia, 1918.

estudos universitários — formato de estudo hegemônico sobre a literatura. O crítico e poeta aponta a importância de Eugênio Gomes no sistema literário:

Dentre os primeiros, como precursor, na poesia baiana, olhada desse ponto de vista dinâmico, convém citar Eugênio Gomes, que ainda foi pelo *Imparcial*, o primeiro a responder o apelo da *Tarde*, do que nasceu *Arco & Flexa*, jornal e revista que iniciaram o movimento moderno da poesia brasileira na Bahia.²⁰⁸

O crítico entrevê mais uma das fontes de diálogo entre os dois jornais irmanados na causa política. Por ele, Gomes adere à provocação de Chiacchio sobre um movimento modernista na Bahia. Dentro desse sistema, mais uma vez *sui generis*, no qual, mesmo havendo valores críticos, a literatura, segundo muitos, não concebe uma organização amadurecida. Eugênio Gomes e Carlos Chiacchio alcançam o amadurecimento e contato intelectual em instância local. De outra forma, seriam nomes derivados de esquizofrenia ou mitomania, uma vez que pensam constantemente sobre a literatura (estadual) de que fazem parte.

A menção às duas imagens negativas — esquizofrenia e mitomania — se deve ao fato de que se pode recolher e analisar um conjunto relativamente numeroso de ações literárias, principalmente, estudos de periódicos. O desconforto surge quando se confronta a produção encontrada com as críticas sobre o sistema: há a sensação de equívoco ou de ficcionalização da moldura. Ficcionalizado ou não, após a narrativa sobre as condições atuais do sistema com o qual trabalha todos os dias, o cenário é diagnosticado. Chiacchio oferece uma longa e rica lista de jovens escritores:

Ao lado de Eugênio Gomes como grande afirmação ainda no terreno da poesia, temos Carvalho Filho, o originalíssimo panteísta, temos Hélio Simões, extraordinário talento de orador e poeta místico, temos Eurico Alves, o dinâmico febril, temos Ramayana de Chevalier, o imaginista brilhante, temos Godofredo Filho, o supra-realista arrebatado, temos Pinheiro de Lemos, flagrantista de realidades, temos Castelar Sampaio, o novelista da ironia, temos Lafayette Spínola, o penetrantíssimo ensaísta,

208 CHIACCHIO, p. 1, 4 set. 1931.

temos Fausto Penalva, o filósofo inteligentíssimo, temos Nobre de Lacerda, visão clara de crítico pensador, temos Moreira da Silva, poeta de emotividade encantadora, todos esses de *Arco & Flexa*. E, perdoe-me incluí-la, temos Maria Dolores, o esplendor lírico de cânticos triunfais. Temos... não temos mais ninguém. Ninguém, nisso de poesia modernista. Porque, nos moldes estéticos da poesia formal, que também é poesia, e, às vezes, da melhor, temos Clodoaldo Milton, Berto de Campos, Braulio de Abreu, Elpídio Bastos, Manuel Raposo, Cícero Mendes, Carlos Viveiros, Almeida Maia, Ferreira Reis, Bastos Pereira, como os novos de mais talentos.²⁰⁹

Os nomes considerados canônicos e, ao que parece, pouco afeitos ao esnobismo e ao isolamento, ainda aparecem na memória consagradora do crítico: “E temos outros nomes, sobre os quais, isoladamente, poderia escrever uma monografia. Roberto Correia, Artur de Sales, Deraldo Dias, Anísio Melhor”.²¹⁰ Como o ambiente cultural reflete o momento político, o revide e a provocação também têm uma grandeza que não combina com a mesquinhez da literatura que algumas histórias afirmam. Refiro-me ao ataque, proferido por Chiacchio, a grupos rivais, que não estão incluídos no seu rol de jovens talentos.

No horizonte de expectativa, sabe-se que há a *Academia dos Moços*, o grupo da *Baixinha*, com a revista *Samba* e a *Academia dos Rebeldes*, liderada por Pinheiro Viegas. Dessas agremiações literárias, saem outros autores para figurar na literatura nacional:

Caí, positivamente, no perigo da nomenclatura literária. É o mal dos Inquéritos. Ou se responde, ou se cala. Ou, por fim, se esquece. A quem teria eu esquecido, agora? Não sei. Há esquecimentos que parecem lembranças... bolando as trocas. Todos esses nomes podem marcar, como já marcaram um rumo às nossas letras. Elas são eles. E só. O mais é a chusma dos rondantes, como bárbaros, gritam. Escoiceiam. Detratam. Intrigam. Difamam. Caluniam. Denigrem. Apedrejam tudo, mas não produzem nada. A não ser isto – a polvorosa, que as azêmulas levantam aos látegos do pulso que lhes castiga as ancas... Deixemo-las à mercê das moscas.²¹¹

209 CHIACCHIO, p. 5, 4 set. 1931.

210 Id. Ibid., p. 5.

211 Id. Ibid., p. 5.

Chiacchio dedica muitos anos propondo e refletindo a respeito de postulados teóricos que possam explicar e orientar o sistema incomum a que está exposto. Apesar de o autor ter sido estudado, ainda falta uma visibilidade maior dessas propostas teóricas, levando em consideração a advertência de Walter Mignolo,²¹² de que se deve conhecer as teorias locais para que não se aliene, muitas vezes, com teorias globais. O crítico, ao posicionar a contribuição dos novos na literatura da Bahia, apresenta e reafirma seu conceito de Tradicionismo Dinâmico:

Os novos marcam deveras um novo rumo à nossa poesia, mas não nos podem fazer à parte senão readaptando-a à corrente integral da poesia brasileira, que esse é o conceito geral de tradicionismo dinâmico. A Bahia é a tradição, mas o Brasil é o todo. O regionalismo bairrista seria a morte. O regionalismo em função do universalismo. É o que é. O ideal. E basta.²¹³

O grupo de escritores e a peculiar situação intelectual de região precisam driblar as paixões culturais contemporâneas — entre a negativa de destruir o seu passado literário e a incluir-se no presente modernista. Isso motiva a urdidura da teoria literária: o Tradicionismo Dinâmico. Uma comparação interessante seria a proposta de Chiacchio e a iniciativa do teatrólogo paraibano Ariano Suassuna — Movimento Armorial —, que também busca uma aliança entre a tradição e a Modernidade. As duas estratégias culturais sabem que o luxo do abandono total da tradição anterior só é positivo no centro mais amadurecido, onde há o que atingir e ainda correntes, nessa mesma tradição, para os apoiar.

Por outro lado, a “readaptação à corrente integral da poesia brasileira” é a maneira de ordem dessa literatura dos novos e o espaço, o palco, por onde as escritas neófitas podem galgar degrau menos obscurecido ou mais apropriado para a difícil leitura com vistas à sistematização distante. O anúncio, em aparelhos periódicos locais e dos centros protagonistas, de qual o lado eleito — conciliar com o passado (vozes e temas baianos) — para Chiacchio, seria mais proveitoso do que as duas alternativas de ruptura: regionalismo refratário e repúdio ao acervo anterior

²¹² MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003. p. 241.

²¹³ CHIACCHIO, p. 5, 4 set. 1931.

para o início a partir de liderança da Semana de 1922.

Negar a tradição seria estabelecer a planície devastada e o vazio novamente, sob o ponto de vista baiano. O contrário é cumprir o que os compêndios e as análises artísticas e intelectuais dizem existir. A tradição deve ser entendida como resistência ampla. A habilidade de perceber o entorno do sistema da literatura faz Chiacchio concluir elogiando a iniciativa da sondagem cultural como projeto, haja vista a diversidade de atuação e o desbragamento no trato dos temas e gêneros diversos:

O seu inquérito há de assinalar uma época de renovação de idéias e emoções ao nosso mal compreendido ambiente literário e artístico. A pintura, a música, o canto, a escultura, na Bahia, têm grandes nomes, mas sofrem de pequenos achaques. Falta-lhes o estímulo da atividade congraçante que paradoxalmente separe o joio ignóbil do trigo florente. Oxalá tenha o seu inquérito essa finalidade magnífica. São os meus votos.²¹⁴

A consciência do trabalho de Maria Dolores, o esforço na lista mais completa das respostas e dos nomes, os comentários todos afinados ao sentido que a poetisa quer conferir ao inquérito, habilitam Chiacchio como o possível organizador ou co-organizador, juntamente com Maria Dolores. Algumas cartas de colaboradores acusam a poetisa de ser pseudônimo do próprio criador de *Ala*. De fato, o apuro da iniciativa estaria mais próximo de um profissional das letras experimentado, como o autor de *Infância*, do que de uma jovem poetisa desconhecida até aquele momento. Porém, o desenvolvimento do projeto demonstra a competência da redatora de 'Página Feminina.'

Ao apresentar o escritor Hormindo Marques,²¹⁵ o qual faz seu depoimento sobre a literatura e a cultura da Bahia, Dolores adianta que o mesmo é bastante cuidadoso nas suas observações, talvez por temor de ferir suscetibilidades. Para reverter o direcionamento dos depoimentos, lembra que a coragem do ensaio de Chiacchio está ali posta com vista ao avanço, de modo verdadeiro e pouco

214 CHIACCHIO, p. 5, 4 set. 1931.

215 MARQUES, Hormindo. Bahia intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 22 set. 1931.

dissimulado, pela seara da avaliação cultural. O autor confessa, em exagerada humildade, não ter competência para avaliar ou estar ao lado de tão destacados nomes das letras.

Sua posição “susceptível” o leva a explicar a procedência da atividade literária, que não pratica mais, portanto, substituída pelas ciências matemáticas:

Em tempos que se foram, quando me dediquei um pouco ao jornalismo, na Bahia, e que escrevi algumas crônicas literárias, menos pela vaidade estulta de arrebanhar valores e chamar a mim interesses quaisquer, mais pela necessidade que temos de dar vazão as leituras e estudos que fazemos, conheci, nesta época, intelectuais de incontestável valor que, mais vantajosamente do que eu, poderão expor-lhes a verdadeira situação do movimento literário baiano.²¹⁶

A situação de neófito das letras, o que parece ser um jogo retórico, o faz apresentar os nomes considerados importantes sem uma devida responsabilidade pela impressão ou esquecimento:

Assim, o dr. Ivan Americano da Costa, deles o mais jovem, o mais talentoso, o mais culto em literatura, poeta e prosador. Ramayana de Chevalier, o exímio pintor da natureza panteísta. Pinto de Aguiar, o admirável poeta de *Gênese*. Maria Dolores, nossa Juana de Ibarbourou. Jônatas Milhomens humorista e satírico. Edith Mendes, a mais brilhante cultura intelectual no belo sexo. Pereira Reis Junior, imaginoso poeta lírico e regionalista. Lafayette Spínola e Eugênio Gomes, ambos poetas, pela cultura e talento que possuem poderiam assumir a crítica literária na Bahia. Carvalho Filho, sobre quem, em crônica literária, tive oportunidade de expressar meu pensamento. Francisco de Matos, brilhante poeta passadista. Arlindo de Azevedo Machado que, por certo, será aplaudido em um romance que publicará em breve. Carlyle de Chevalier, João Lucas, Fausto Penalva, as mais perfeitas formações filosóficas dessa mocidade. Ainda em nossa mocidade temos Pedro Calmon, Heitor Fróes, Heitor Moniz, valores que já se projetaram, brilhantemente, no sul do país.

Acredito desnecessário citar Deraldo Dias, Altamirando Requião, Artur de Sales, Roberto Correia, estes, literatos por demais conhecidos em nosso Brasil e no estrangeiro como muitos dos cultores da literatura tais como drs. Garcez Fróes, Gonçalo Moniz, Prado Valadares, Souza Carneiro, Almir de Oliveira, etc., etc.²¹⁷

216 MARQUES, p. 1, 22 set. 1931.

217 Id. Ibid., p. 1.

Os autores de talento, na opinião de H. Marques, são citados por Chiacchio e alguns, por Xavier Marques, pressupondo um palco onde trocam idéias e farpas, através do debate oral ou pelas editoriais dos jornais. Após a citação da plêiade de autores que conformam quase que um cânone particular dos envolvidos com a literatura, o autor volta-se para sua aquisição intelectual:

Quanto a minha formação literária, devo-a única e exclusivamente a Virgílio de Lemos, (não há adjetivações), sobre que não posso falar sem marejarem os olhos, que, com paternal carinho, me trouxe ao conhecimento o português, a retórica, a filosofia, nossa literatura e as portuguesa, francesa, inglesa e alemã. — Amigo admirador do seu talento e das suas virtudes.²¹⁸

O rápido depoimento de Hormindo Marques é representativo daquilo que a organizadora reclama nos seus entrevistados: se não declina do convite de participação na enquete, também pouco faz para fugir do elogio fácil a figuras do meio literário. Por outro lado, a sua lista, muito próxima dos participantes de *Arco & Flexa*, expõe um grupo de escritores que compõe um certo cânone da literatura baiana, tanto anterior, como é o caso de Artur de Sales, como renovado pela admissão da figura feminina, a exemplo de Edith Gama e da própria Maria Dolores.

Para satisfação de Maria Dolores, a figura do poeta de prestígio à época, Carvalho Filho, um intelectual atento aos rumos culturais, escreve seu texto bem mais afinado às idéias da organizadora. Após realizar uma retrospectiva da cultura na Europa e no Brasil, onde insere os críticos com o papel de liderar os novos caminhos da literatura, Carvalho Filho responde às provocações de outro entrevistado, Pinto de Carvalho:

Nunca se praticou *futurismo* nem *dadaísmo* na Bahia, termos que causam náusea e ridículo entre os nossos valores modernos. Marinetti nunca existiu na cogitação da gente moça desta terra. Se querem, lembro Alomar. Gabriel Alomar. Este sim. A grande vítima do charlatanismo e da genial *blague* de Marinetti, de qualquer modo, chega a preocupar todo o universo

218 MARQUES, p. 1, 22 set. 1931.

culto. E muitos ingênuos, no Rio e em S. Paulo, lhe leram nas águas iniciais. Mas aqui, como em outras províncias, o controle do espírito moderno foi exercido por compreensões mais altas do fenômeno. Surgiu já com orientação segura, com a sua diretriz delineada com precisão, que logo a revelaram com os olhos dos que a quiseram ver. E aí está. Também Minas e Rio Grande do Sul. É um, atualmente, o rumo da literatura no Brasil.²¹⁹

O crítico avalia as diferenças entre a produção literária da Bahia e a dos centros do Sudeste:

E aqui vamos como por onde melhor se vai. Atuam mais fortemente, ao menos quantitativamente, os centros maiores do país já favorecidos com empresas editoras com que ainda não pode contar a nossa província, que tem de as mover, nesse sentido, pelos esforços particulares.²²⁰

As bases estruturais são notadas como o problema que mais aflige a literatura da Bahia, mas não foi diferente no todo do Brasil, porque as deficiências em relação às editoras envolvem vendas e distribuição, que é para onde vão os livros, as províncias. Se há um mercado mais bem estruturado, logo ele precisa expandir-se para lugares onde esse contingente de leitores e distribuidores ainda é ineficiente, tornando o produto mais caro e, por isso, menos lucrativo. Antes de concluir sua colaboração no inquérito, o poeta cita os nomes dos representantes do novo espírito baiano na literatura: “Eugênio Gomes, Godofredo Filho, Pinheiro de Lemos, Maria Dolores, Hélio Simões e Eurico Alves.”²²¹ Outros são: Ronald de Carvalho, Carlos Chiacchio, Tristão de Ataíde, João Pinto da Silva; também os franceses Victor Hugo e Emile Zola.

Se Carvalho Filho informa sobre as condições intelectuais externas em sua impressão sobre o local, o experiente jornalista Carlos Ribeiro faz a sua avaliação a partir de uma longa prática dentro da sociedade examinada. Maria Dolores comenta sobre o jornalista criminalista e sua contribuição ao inquérito. Ribeiro, após fazer críticas à maneira formal como os autores anteriores — Nestor Duarte e Pinto de

219 CARVALHO FILHO, A Bahia intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 8, 2 out. 1931.

220 Id. *Ibid.*, p. 8.

221 Id. *Ibid.*, p. 8.

Carvalho — se comportam, elogia os poemas dos dois articulistas. Sobre o assunto em si, ele afirma:

Ora, se é essa a minha pobre filosofia literária, como não hei de admirar Graça Aranha, o Pedro I da independência das letras brasileira, com o seu brado de 1924, na Academia? Ronald de Carvalho, Azevedo Amaral e tantos outros, sem excluir o extremista Paulo Silveira? Como não aplaudir a mocidade provinciana, sadia e esbelta de *Arco & Flexa*, com o seu porte guieiro. Carlos Chiacchio, o nosso Anatole France, na crueldade elegante de sua crítica? E essa figura nobremente atrevida de Eugênio Gomes, dialeta esmagador para falar apenas de um dos discípulos daquele mestre exímio?²²²

O crítico confessa sua condição de adepto do Romantismo, pois o mundo moderno, com sua tecnologia e parafernália, entusiasma mas não comove o “tupinambá velhote de jaquetão e óculos. Mas sem saudade da piroga e da mata virgem.”²²³ Outra particularidade dos depoimentos intelectuais é que, em algum momento do texto, vem à tona a vida cotidiana do autor. À medida que mostra a desenvoltura em mesclar o trabalho letrado com a rotina da área com que ganha o salário da sobrevivência, ele deixa ver como está distante a profissionalização do intelectual, que ainda depende do emprego público, da herança familiar ou da agrura do trabalho jornalístico.

O ensaísta não esquece de firmar o contraste doloroso entre o produtor sensível e a rija rotina do trabalho de magistrado: “Advertem-me uns autos processuais que me espiam, aqui ao lado. Irritantemente, está próxima a hora da audiência. Dolores, já ouviu badalar a sineta dos auditórios? É uma coisa horrível”.²²⁴

Essa rotina cultural carece de mais tempo para ser superada. A profissionalização do trabalho do escritor, cuja atuação está disseminada pelos bancos universitários, cargos públicos, diplomáticos e na imprensa pouco eficiente, ainda não se alcança porque está na dependência de uma sociedade fortemente alfabetizada e apreciadora da leitura — costume institucionalmente demonizado pela

²²² RIBEIRO, Carlos. Bahia intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 6 out. 1931.

²²³ Id. *Ibid.*, p. 3.

²²⁴ Id. *Ibid.*, p. 3.

cultura portuguesa no Brasil, a começar pela proibição da impressão de livros e da imprensa até o século XIX.²²⁵

Trabalhando tanto como autor e conservador do patrimônio cultural, Godofredo Filho²²⁶ responde ao inquérito com a autoridade de quem é um dos primeiros a abraçar o Modernismo na Bahia. Este autor é, segundo Afrânio Coutinho, um dos homens de atuação cultural mais completa no seu tempo. A atenção dada ao poeta da cidade de Feira de Santana vem com a peculiaridade de observar positivamente o pessimismo em relação à cultura intelectual:

Ele descrê, finalmente, de toda a floração mental da Bahia. Em todos os campos de atividade. Na literatura — ele verá para ela uma enorme desilusão, verdadeiramente acabrunhadora. Nas artes. Em tudo. Vale, porém, como um encorajamento esse pessimismo.²²⁷

A expressão de um dos principais pesquisadores e restauradores locais, que recebe prêmios pelos serviços prestados, ligada ao tom desiludido, toma outro significado para Maria Dolores, talvez por pressentir forte suporte de estima da cultura, mais precisamente, os parques artísticos e históricos urbanos barrocos e coloniais. Na opinião da poetisa, as palavras do poeta devem ser ouvidas pela juventude que deseja ingressar nas hostes poéticas. Godofredo Filho observa a importância de *O Imparcial*, no papel de divulgador da iniciativa de sua redatora.

O autor confessa que espera ansiosamente o prosseguimento do inquérito:

E é sempre com alvoroçado prazer que os meus olhos gulosos de que os façam rir, procuram nesse interessante jornal o prosseguimento do inquérito — tortura de quase todos os que a ele se submetem, porque são forçados a

225 Ao comentar sobre a unidade de temas para a construção da identidade brasileira, José Aderaldo Castello afirma as dificuldades de constituição intelectual no Brasil colônia: “Consideremos as restrições e vigilâncias impostas: proibição de estabelecimentos tipográficos; censura sobre a atividade intelectual, destacadamente sobre os livros que só se editavam em Portugal; ausência de ensino oficial de nível superior; proibição de intercâmbio com o estrangeiro, etc. (...)” In: CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira — origens e unidade, 1500-1960*. São Paulo: EDUSP, 1999. v. I, p. 134.

226 Ver nota de rodapé a respeito do autor à página 98.

227 GODOFREDO FILHO. A Bahia Intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 9 out. 1931.

mentir (com imaginação, já se vê) a lisonjear e a nem de leve ferir as vaidades, condecoradas de ninguém.²²⁸

Ao mesmo tempo em que ironiza, com o desconforto de quem é chamado a fazer críticas a patrícios e colegas próximos, acaba descrevendo uma das faces do sistema literário. Uma vez acostumada à cordialidade aprendida da cultura portuguesa em si, a comunidade em geral tem sérias relutâncias em superar a afetividade (positiva e negativa) das relações públicas, entre elas a literatura, e lançar-se numa crítica que aponte os caminhos para o desenvolvimento intelectual.

O fenômeno não é mérito apenas local, mostrando-se comum também no centro nacional.²²⁹ Godofredo Filho elogia o romancista carioca Octavio de Faria como um escritor que vale pelo que é, não pelo que rotulam “no costado com a macia e carinhosa goma inglesa.”²³⁰ Para ele, o que se pode depurar de tantas negativas nas questões do inquérito diz respeito a alguns poetas de verdade: Pinheiro de Lemos, Carvalho Filho e Eugênio Gomes. Elogia Chiacchio por causa do Tradicionismo Dinâmico.

A resposta a respeito da prosa demonstra o seu espírito pessimista:

Há progresso na prosa baiana?

De modo algum. Ainda vive a floração dos retóricos, com especialidade em difamar. Os xingadores. Os xinguistas.

Gente voraz, cambaleante, pernicioso, indecente quase ... E o que é pior, sem inteligência. As idéias minguem, os adjetivos rareiam.

'Medalhães', 'medalhães'...

Alguns há eleitos e consagrados nesta democracia intelectual dos

228 GODOFREDO FILHO, p. 1, 9 out. 1931.

229 É preciso não esquecer como tragicamente as pendências estéticas transformam-se em tragédias: Raul Pompéia tirou a própria vida em pleno apogeu literário porque foi atingido na sua honra ao ser acusado de homossexual, isso no Rio de Janeiro do final do século. Também por um caso passional, o escritor Gilberto Amado assassinou a tiros o poeta Aníbal Teófilo, já na segunda década do século XX. As questões, nas plagas baianas, se tornam mais graves porque a proximidade dos contatos pela exigüidade de órgãos e locais da área intelectual acirra os ânimos e as vaidades são atingidas de maneira mais evidente.

230 GODOFREDO FILHO, p. 1, 9 out. 1931.

mediócras.²³¹

Uma das características do diálogo intelectual (para exaltar ou depreciar) nas páginas dos periódicos é a referência subliminar através de apelidos, Eurico Alves é o duende e Carlos Chiacchio é o pançudo, ou letras do nome, como o x citado acima. O uso repetido da palavra com x é uma referência direta ao poder que ainda possui o romancista itaparicano Xavier Marques. Também cético na sua carta, o romancista recebe resposta pelas palavras irônicas do poeta de Feira de Santana. As palavras de Godofredo Filho lembram a frase famosa de Afrânio Peixoto sobre a vantagem que têm certos autores nacionais ao cultuarem uma província para onde retornar, porque lá eles iriam sobreviver na memória coletiva e não no cosmopolitismo da metrópole. Nesse aspecto, Xavier Marques, ainda segundo Peixoto, é um felizardo porque a região trata de cultuar a sua memória.²³²

A ponderação de Peixoto completa o argumento a respeito da escrita de histórias da literatura a partir de sistemas literários locais catalogados e descritos. Eles atuam exclusivamente dando visibilidade à ação literária dos artefatos motivados e reconhecidos por comunidades de enraizamento. Somente uma pequena parte dessa ação literária consegue ou ser reconhecida ou deslocar traços semântico-estéticos cuja força consiga movimentar o sistema mais amplo: nacional. Grande parte gravita em sistemas de menor amplitude, mas nem por isso menos efetivos e afetivos para o conceito de literatura.

Atualmente, para o reconhecimento da literatura, é preciso acompanhar as forças estratégicas daquela ação, desde um orgulhoso gabinete de estudo acadêmico, nem sempre eficiente, até as poderosas manobras do marketing e da mídia. Seja qual for a alternativa de exame, a qual exige um percurso teórico rigoroso, as palavras de um romancista — Peixoto — que concorre para consagrar a

231 GODOFREDO FILHO, p. 1, 9 out. 1931.

232 Foi ainda Afrânio Peixoto, noutra reparo lapidar, quem reconheceu, numa de suas conversas do cair da tarde, na Biblioteca Nacional, no gabinete de Rodolfo Garcia, que todos nós, escritores, corremos um grande risco, quanto à glória póstuma, se não dispomos de uma província, para a qual realmente escrevemos. É esta que se lembra de nós, depois que nos vamos, e nos põe numa placa de rua. Hoje, quem lembraria do romancista Xavier Marques, se este não contasse, depois de morto, com a memória dos baianos, seus conterrâneos? Porque são eles, quase de modo exclusivo, que lhe repetem o nome, lhe buscam os livros, e comovidamente o recordam. CASTRO, Renato Berbert de (org.). *Xavier Marques e a Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: ABL, 1996. p. 7.

instituição Academia Brasileira de Letras como esteio de sistema da cultura brasileira e portuguesa, não devem ser menosprezadas. A autenticidade ou a legitimidade (outros preferem o universalismo) de uma ação de literatura (um livro) é aferida inicialmente na pequena comunidade, material ou existencial, que lhe vê nascer e, por isso, rende-lhe intransigentemente homenagem. Assim são Cordisburgo, de João Guimarães Rosa, e Aracataca, de Gabriel Garcia Márquez.

Desautorizando outro grande escritor da Bahia, contaminada pela revolta dos jovens modernistas de São Paulo e da Europa, a nova geração baiana também desequilibra seus ícones em pleno local de enraizamento. Participando do grupo de Chiacchio, um tradicionalista dialético, Godofredo Filho tem idéias próprias a respeito da literatura e dos literatos de então. Sobre os jornalistas, exalta as figuras de Mário Monteiro, na velha guarda, e Sodré Viana, nos novos. Na arte, elogia Mendonça Filho. O autor não esquece Anísio Teixeira e Artur Ramos, como intelectuais de bom desempenho; José Rabelo e José Silveira. Ainda lembra de Nestor Duarte.

O décimo participante da enquete — Berto de Campos — é um dos nomes mais citados por outros colaboradores e também pela publicação em *O Imparcial*. Enfileirado às agremiações de Chiacchio, sua opinião satisfaz as expectativas da organizadora da ‘Bahia Intelectual.’ Seu ensaio traz de volta o espírito otimista desejado e tantas vezes é esquecido pelas opiniões pessimistas dos colaboradores.

Egberto de Campos Ribeiro, o Berto de Campos, que toda a Bahia conhece e que é admirado nas rodas intelectuais pela singularidade de seu espírito e pela beleza de seus versos, responde, hoje, à nossa *enquete*.²³³

Maria Dolores aproveita-se da apresentação para divulgar mais um nome de literato ligado a *Arco & Flexa*. O seu mérito, nas credenciais do texto de Campos, está em informar sobre personalidade literário: “A sua resposta à nossa ‘enquete’ é definidora de seu estilo”.²³⁴ Para Berto de Campos, é problemático haver-se com a

233 CAMPOS, Berto de. A Bahia intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 13 out. 1931.

234 Id. Ibid., p. 1.

tarefa de oferecer opinião e ainda escrita sobre literatura, em jornal de forte influência. No entanto, os motivos do seu desconforto são diferentes do apenas “ferir suscetibilidade e vaidades”:

Falar de poesia numa terra em que todo mundo é poeta e todo mundo discute poesia; dar opiniões sobre arte numa terra em que todo mundo se acha com direito irretorquível de ser artista — eis uma coisa difícilíssima. Claro que não vou contar aqui uma interminável lengalenga a respeito dessa tão caluniada e mal tratada arte de escrever.²³⁵

É comum que, em locais onde a literatura tenha dificuldade de se constituir como arte cotidiana e forte, veja-se o contrário. Na Bahia, nesse período, há poetas e escritores em todos os locais, criando-se o mito de que todo baiano é poeta e orador. Há alguma verdade nisso, porque se lembrarmos que a população alfabetizada, à época, é uma minoria, sendo esmagadoramente analfabeta a região, como também o País, todos aqueles que têm acesso às letras são compelidos a ocupar o espaço vago da literatura. Na situação diferente de hoje, mais pela diversificação de atividades artísticas e profissionais, um indivíduo letrado pode exercer: publicidade, *design*, estilismo, as diversas áreas liberais etc.²³⁶

235 CAMPOS, p. 1, 13 out. 1931.

236 O romance *A conquista*, de Coelho Neto, do final do século XIX, trata dessa relação com a leitura. O poeta Fortunio, amigo do protagonista Anselmo, expõe o seu pessimista juízo a respeito do público leitor brasileiro. Indaga Anselmo:

- Qual Santa! Então não esperas vencer?
- Eu, não. Que público temos nós? Pensas que se prepara um povo em dez ou vinte anos? Qual! Havemos de viver sempre como vivemos. Quando vierem os cabelos brancos, se a morte não tomar a frente ao tempo, aquela estrela que lá está no céu há de ver-nos como agora nos vê: caminhando sem destino e rimando sonhos.
- Não há de ser tanto assim.
- O Brasil nem daqui a cem anos compreenderá a obra de Arte.
- Ora!
- Ora?! queres fazer uma aposta?
- Para daqui a cem anos? Não. Espero não viver tanto.
- Dizem que a população do Brasil é de treze milhões ...
- Mais ou menos.
- Pois bem: doze milhões e oitocentos mil não sabem ler. Dos duzentos mil restantes, cento e cinquenta lêem apenas jornais, cinquenta lêem livros franceses, trinta lêem traduções, quinze mil lêem a cartilha e livros espíritos, dois mil estudam Augusto Comte e mil procuram livros brasileiros.

In: COELHO NETO. *A conquista*. 2. ed. Porto: Livraria Chardron, 1913. p. 291-292. (1. ed. 1898).

A avaliação pessimista do público, não muito distante da verdade da cultura brasileira, ao contrário das preocupações estética e moralista de outros autores da época, como José de Alencar, Machado de Assis e Euclides da Cunha, denuncia um grave problema estrutural que talvez ainda esteja entre as pedras fundamentais do centenário atraso do Brasil: o analfabetismo. Se é ele um dos causadores das amargas palavras do poeta, também não pode estar longe a pobreza inerente à inacessibilidade escolar. Obviamente, dentre essa imensa “arraia miúda”, cuja ousada pretensão de Anselmo é vê-los comprando livros de poemas, está uma grande quantidade de negros ainda escravos, índios e mestiços de toda a laia — os marginais do Brasil —, mais considerável quantidade de portugueses e imigrantes europeus desafortunados.

Para Berto de Campos, há indícios positivos na literatura da Bahia:

Portanto, vai bem a nossa vida literária. Os bons, isto é, talentos verdadeiros vão vencendo, vão andando sempre para a frente, indiferentes ao vozerio anônimo dos nulos. Creio na evolução da nossa vida intelectual. É lógico. Ela teria que vir, forçosamente, matematicamente. Mesmo porque ainda não chegamos ao nosso cúmulo de civilização. Graças a Deus. É patente o movimento evolutivo da nossa literatura. Ele aí está, vagaroso (...) mas ascensional.²³⁷

Mais otimista, acredita na literatura baiana porque não consegue perceber grandes mudanças em relação ao que se está escrevendo em outros locais do País. Todos evoluem para lugar mais elaborado. Por outro lado, questiona a insistência com que se investe numa literatura qualificada de baiana:

Quanto à poesia baiana, ainda não pude compreender o porquê de ser baiana. Eu penso que a poesia, como toda manifestação de arte, é uma só. Seja ela chinesa, turca ou portuguesa. Ela deve ter sempre um amplo sentido universalista. E é justamente por isso que eu não creio no modernismo da minha gente. Nem penso levar a sério a literatura ultra novíssima do Brasil. Esse regionalismo exagerado, esse primitivismo bobo — antropofagia, vejam só — chegam a ser de uma ingenuidade deliciosa.²³⁸

237 CAMPOS, p. 1, 13 out. 1931.

238 Id. Ibid., p. 1.

As posições de Berto de Campos, contra a qualificação de poesia baiana, Modernismo local e nacional, o posicionam num dos mais radicais conservadorismos — nos quais só existe o universal. Assim, Campos vê-se como observador do mundo. Aí incluído, não precisa haver modificações culturais, porque os europeus tratam de nos colocar a todos em posições saudáveis de civilização. Como as leituras são sempre atravessadas pelas idéias do tempo, parecem ingênuas as defesas culturais do poeta. Maria Dolores, por seu lado, entende o momento de transição cultural, por isso, as opiniões tornam-se tão díspares.

Nesse espaço limiar de enfrentamento de visões, pode-se considerar ingênuas ou torpes as várias posições, tanto conservadoras quanto avançadas. Imbuído das idéias de poetas atemporais, marcados pela capacidade de trabalho e pelo talento original, sem mestres, ele inscreve exemplares locais:

Ramayana de Chevalier, Artur de Sales, Bráulio de Abreu, M. [ilegível] de Pinto, Carlos Chiacchio, Roberto Correia, Carlos Benjamin de Viveiros, Queiroz Júnior, Bastos Pereira, Eugênio Gomes, Carvalho Filho, Francisco de Matos, Cícero Mendes, Hélio Simões, Pereira Reis Junior, Elpidio Bastos, Clodoaldo Milton, Edílio Ribeiro, etc.²³⁹

Esses nomes formam o grupo de produtores escolhidos dentre “outros todos”, onde qualquer um sabe fazer versos. As observações de Campos abrem espaço para a pesquisa desse sistema, que de tão reduzido na especificidade dos grupos, pode conter muitos escritores, dada a naturalidade, quase uma obrigação, de que todo letrado deva ser um poeta (fugindo do tom pejorativo). Há poetas, como é o caso do mundonovense Eulálio Mota,²⁴⁰ que publica um livro de versos e deixa vários prontos ou em forma de manuscrito e datiloscrito. Implicado numa função de letrado, a falta de editores e leitores não impede que esses poetas deixem enfeixados em baús, cuidadosamente organizados, os seus escritos para que a posteridade e a instituição de pesquisa os possam finalmente publicar.

²³⁹ CAMPOS, p. 1, 13 out. 1931.

²⁴⁰ *O Imparcial* publicou uma resenha sobre o livro de poesia: FELÍCIO, Quixadá. *Alma Enferma* de Eulálio Mota. *O Imparcial*, Salvador, p. 2, 4 nov. 1933.

Compositor do aventado anti-sistema literário, Eulálio Mota é exemplar das palavras otimistas de quem acredita na literatura local e contraria todos os outros que nela desacreditam. Antes de continuar sua série de autores da terra, Campos confirma, irônico, a importância de *Arco & Flexa*. Ela “teve, ao meu ver, uma grande, uma formidável, uma excelente virtude: — passou...”. E prossegue em sua resposta às questões, informando nomes que considera de relevo na área questionada:

Temos prosadores de valor, sim. De muito, de muitíssimo valor. Na crônica: Otto Bittencourt Sobrinho, Florêncio Santos. Na filosofia: Carlyle de Chevalier, Edgard Sanches. No humorismo: Deraldo Pires.

No romance: Xavier Marques. Na novela e no conto: ainda Otto Bittencourt Sobrinho, o mais esquisito, e o mais interessante dos nossos *conteurs*. Na crítica: Carlos Chiacchio.²⁴¹

Berto de Campos posiciona-se entre dois caminhos intelectuais: muitos dos outros ensaístas esforçam-se por instaurar o vazio literário no horizonte cultural em análise, justificados na baixa cultura e no atraso, como eleitos códigos de sociedade; Campos encaminha-se no sentido contrário, esforçando-se por preencher todos os quesitos do questionário. É o primeiro a se referir aos seus livros publicados:

Já cometi a asneira de escrever uma porção de coisas; prosa e verso. Tudo péssimo — tanto verso como prosa. Publiquei três livros: *Cidade eterna* (1927); *Rosa Morena* (1929); e *Palavras em Surdina* (1931). *Rosa Morena* teve a infelicidade de cair em 2ª edição. Não sei por quê.²⁴²

Através da exibição de três dos seus livros, que deve ter parecido da mais medíocre arrogância, sabemos agora quais as obras do autor até aquele momento e qual sua posição quanto ao sistema que configura com o depoimento. Sua lista de livros também o habilita para além de poeta apenas pelo testemunho dos seus colegas, como por exemplo, as introduções de Maria Dolores, e o torna de fato um poeta que se pronuncia a respeito da cultura literária na Bahia. Muitos desses

241 CAMPOS, p. 8, 13 out. 1931.

242 Id. Ibid., p. 8.

escritores permanecem somente nas palavras do inquirido.

No item a respeito do jornalismo, Berto de Campos faz referência a profissionais de imprensa que normalmente colaboram em *O Imparcial* e *A Tarde*:

Nosso jornalismo? Ótimo, para o meio em que vivemos. Vai bem melhor do que muita gente pensa. Há aqui jornalistas de escol. Aponto alguns: Mario Monteiro, Altamirando Requião, Octávio de Carvalho, Ranulfo Oliveira, José Rabello.²⁴³

Campos ainda cita nomes de artistas: a) pintura: Presciliano, Valença, Mendonça, Alfredo Araújo; b) escultura: Pascoal de Cherico (autor do monumento da Praça Castro Alves; c) música: S. D. Fróes. Antes de terminar, pede licença para escrever os nomes femininos que entende por imprescindíveis: Maria Dolores, d. Edith Mendes Gama e Abreu e d. Beatriz Contreiras Agre. O poeta e conferencista Hélio Simões é um dos nomes mais publicados e comentados, pelo menos n *O Imparcial*, tanto de maneira esparsa quanto na futura 'Página de Ala'. Com Carlos Chiacchio, ele estabelece uma ligação entre a produção literária e a firmação do sistema de literatura propriamente dita.

Muito referido nos anos seguintes, quando do advento de 'Ala', é o desdobramento em salões e eventos sociais, no qual se exige a figura consagrada do conferencista e do especialista no domínio da retórica e da linguagem oral. A passagem da escrita literária para a vida da literatura, na composição da arte a partir do corpo e da voz do artista, no sentido organizado pelo teórico S. Schmidt²⁴⁴ como ação literária, pode ser exemplificado pela atuação do grupo de Hélio Simões. Esse espaço tem Rui Barbosa como ícone insuperável.

Um dos obstáculos para a compreensão (e prática historiográfica) das

²⁴³ CAMPOS, p. 8, 13 out. 1931.

²⁴⁴ Ao comentar sobre o pensamento de S. Schmidt, Heidrun Olinto informa: "Schmidt convida a abandonar a fixação exclusiva em textos individuais e substituir a atividade pseudo-científica da interpretação da obra em favor do 'rico e fascinante panorama de questões que aguardam uma ciência da literatura empírica', tais como a investigação de passado e presente do sistema de literatura, suas instituições e ações potenciais, seus sistemas normativos e convenções, suas possíveis funções sociais, psíquicas e estéticas e seus gêneros e discursos articulados com os indivíduos que lidam com a literatura." In: OLINTO, 1989, p. 28.

propostas do teórico alemão quanto a um novo conceito de literatura está na percepção reflexiva de produtos e indivíduos posicionados (compreenda-se modernista) pelo negativo como a retórica no século XX e nomes como Rui Barbosa para cultura brasileira. Centrada no texto e com poder combativo para afastar as manifestações teóricas opostas, o estudo tradicional da literatura obstrui o sentido de ação literária.

Outro agravante é que exemplos como Simões e Barbosa são experiências bem-sucedidas no passado. Nesse sentido, até o passado é passível de contestação. A proposta é compreender a capacidade artística do poeta baiano da sua obra escrita para a sua contribuição ao sistema, com as polêmicas, conferências e entrevistas no espaço social. O jornal promove a abertura para essa visada porque apresenta o indivíduo criativo nas diversas etapas desse processo criativo e atraente. O momento do debate de Maria Dolores encontra ainda um Simões jovem e reunindo conhecimentos para a atuação futura, dentro do círculo cultural do sistema:

Hélio Simões, “doublê” de médico e poeta místico, prestigiosa figura de *Arco & Flexa*, responde à nossa *enquete*. Incisivamente. Cuidadosamente. Habilmente... Se ele não foi corajoso, tampouco tímido. Pintou convenientemente o panorama do atual movimento intelectual de nossa terra, em tonalidades vivas, em nuances bizarras, em aspectos fortes.²⁴⁵

No seu texto, Simões estabelece reflexão sobre a nova poesia no Brasil e na Bahia. Uma das características mais fortes da poesia moderna é a liberdade, em oposição direta ao exagero das formas fixas do movimento anterior:

Liberdade da forma, ou melhor ainda, liberdade de formas, contanto que o ritmo coexista sempre, porém, nunca liberdade de idéias a ponto de mergulhar na jogralice estapafúrdia e fácil de certos ULTRA-modernistas exagerados ou *blaguers*, que não ... fixaram (ou ditaram) escola entre nós, como em parte alguma e passaram rápidos sem deixar vestígios.

A nossa poesia nova, pelo menos no que ela tem de mais representativa é assim: poesia de forma livre, libérrima em alguns, mas de emoções

245 DOLORES, Maria. Apresentação. In: SIMÕES, Hélio. Bahia Intelectual. *O Imparcial*, p. 1, Salvador, 16 out. 1931.

verdadeiras, de idéias equilibradas e de sentimentos estéticos em quase todos.²⁴⁶

As observações teóricas a respeito da lírica moderna, de Simões, apontam objetivamente os aspectos absorvidos das novas tendências poéticas e aqueles que são repudiados. Demonstrando maturidade, aquilo que foi ridicularizado ou tratado com certa passionalidade (por Xavier Marques, Pinto de Aguiar, Nestor Duarte), é referido pelo jovem poeta como comportamento de quem consegue, a partir da bibliografia disponível, fazer o julgamento e o aproveitamento das novas formas poéticas e intelectuais. Pelo testemunho, Hélio Simões posiciona-se criticamente em relação à literatura, sendo até mais avançado do que os formatos de história da literatura daquele momento, muito deterministas para perceberem certas nuances híbridas.

Para ele, se a liberdade do verso é positiva, só o é porque o ritmo migra para o interior do verso. Rapidamente, ele passa à prosa, trazendo nomes e explorando tendências de escrita:

Sobre a prosa haveria outro tanto a dizer-se. Nervosa, ágil, impressionista em Pinheiro de Lemos e na sua *Cidade das Nove Portas*, tem ritmos mais demorados e maiores perfeições estilísticas em Castellar Sampaio, na *Cananga do Dique*.

Bem sei que há por aí contra essa literatura (quando não houve fariseus no mundo?) o alarido grotesco e o vozeirão roufenho de meia dúzia de negadores prevenidos. São em geral falidos pela idade ou pela inépcia. (...).²⁴⁷

A crítica de Simões vai contra aqueles que maldosamente, segundo ele, associam “modernistas e futuristas, dadaísmo e *Arco & Flexa*”,²⁴⁸ como se fossem uma coisa só. Se há apropriações dos movimentos nacionais e internacionais, explica o ensaísta, não é de todo ou somente o que melhor se acha do movimento. Para o líder Carlos Chiacchio, por sua vez, não se pode fechar no bairrismo que

²⁴⁶ SIMÕES, p. 1, 16 out. 1931.

²⁴⁷ Id. Ibid., p. 1.

²⁴⁸ Id. Ibid., p. 8.

seria a morte e nem somente nas orientações de fora, pois se perde a personalidade adquirida com a experiência local.

Historiador social especialista na Bahia, Altamirando Requião foi mais um dos intelectuais convidados por D. Maria Dolores. Ela informa sobre a experiência do redator do jornal *Diário de Notícias*, algumas vezes, mencionado como um profissional que inspira orgulho. Segundo ela:

Quando solicitei dos intelectuais desta terra a sua valiosíssima ajuda para levar a efeito uma *enquete literária* na Bahia, lembrei-me, de logo, do professor Altamirando Requião, — poeta emotivo e suave, jornalista vibrante e culto.²⁴⁹

Mais uma vez a acumulação de funções é uma tônica do sistema que tem um número elitizado de letrados. É muito comum encontrar intelectuais, como Requião: poeta, jornalista e prosador. O jornalista e também estudioso Aloysio de Carvalho Filho assim se refere a Requião, em texto que compõe uma pequena história da imprensa na Bahia:

Momento trepidante de combatividade atravessou o *Diário de Notícias* sob Altamirando Requião, que, em 1910, ascendeu de seu redator a proprietário e diretor, conduzindo-o por entre os perigos de uma fase tumultuosa da política estadual. Integrado na família baiana dos Diários Associados, irmanando-se ao *Estado da Bahia*, que nessa qualidade o precedeu, a modernidade de seu aspecto e a juvenilidade que lhe imprimiu, nos mínimos pontos, a direção de Odorico Tavares, não fazem presumir a idade que tem.²⁵⁰

São estreitas as ligações entre o papel da imprensa e o perigo de sua prática, por causa da forma violenta como as questões são tratadas entre o poder vigente, a oposição e vice-versa. Os cuidados com a atividade jornalística nascem de trabalho

249 DOLORES, Maria. Apresentação. In: REQUIÃO, Altamirando. Bahia Intelectual, *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 20 out. 1931.

250 CARVALHO FILHO, Aloysio de. Jornalismo na Bahia – 1875-1960. In: TAVARES, Luís Guilherme Pontes (Org.). *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. Salvador: Academia de Letras da Bahia e Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2005. p. 62.

duplo: manipular as notícias e plataformas para o conhecimento intelectual. A partir desse viés de análise, o fomento de espaços especializados, como as Ciências Humanas e Literárias endereçadas nos Departamentos Universitários, diminui o conflito da informação. As reivindicações por intelectuais mais atuantes no espaço público vêm de um processo construído no passado. Por outro lado, é importante saber que essa exigência faz parte da identidade profissional.

Por sua vez, o entrevistado assume a humilde condição de jornalista, ao trazer mais dados para o sistema a que pertence:

Ora, eu sou, apenas, um pobre jornalista, que do jornalismo faz a sua profissão e o seu sacrifício, tendo, de longos anos, abdicado às veleidades, perdoáveis na juventude de magnificente e florida carreira literária... Se alguns livrinhos publiquei, foram o natural tributo que, como outros muitos moços, paguei aos entusiasmos da idade, não procedendo o argumento da editoração de algumas *Meditações e Confissões*, por volta de um ano porque esse volumezinho somente foi entregue aos azares da publicidade devido às insistências generosíssimas e às reiteradas pertinácias do meu amigo e operoso livreiro Galdino Loureiro.²⁵¹

Ele apresenta também sua obra poética, citando ainda as *Meditações e Confissões*, demonstrando que o jornalismo está ligado, na prática cotidiana, à literatura. Isso pressupõe uma atividade imbricada na outra. Se a atração entre as áreas está consagrada pela ausência de diversidade na escrita, também é porque o escritor nunca se afasta do espaço onde sua obra pode ter livre acesso, pelo livro, ou antes, pelas páginas dos diários.

Outro aspecto ainda não mencionado é a presença do livreiro editor, como figura influente na produção intelectual. Enquanto alguns entrevistados não tentam disfarçar a ausência total das editoras, Altamirando Requião confessa que foi essa figura, preciosa em qualquer sistema de literatura, a incitadora para a publicação dos seus livros de versos. Pacientemente, o inquirido vai deixando ver, pelos meandros possíveis no sistema, os diversos partícipes da literatura baiana. Um desses vínculos possibilitadores é a afetividade, negativa pela provável limitação de elenco

251 REQUIÃO, Altamirando. Bahia Intelectual, *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 20 out. 1931.

de escritores, positiva porque através dela os grupos formam-se e levam adiante a tarefa literária.

Mais uma vez a crítica é feita primeiramente ao método antes de se encontrar o protagonista da narrativa da enquete: ao se criticar a formação dos grupos pelos meios tradicionais de cordialidade, condena-se algo que não é a materialidade, mas o universo produtor pelas escolhas metodológicas. Entre tantos prejuízos, intercepta-se a literatura, cujo mérito é de não se deixar interromper por causa de modelos de escrita ou limitação de componentes de sistema (falta de editoras seria um, leitores, outro). Ela é adjetivada negativamente pelos mecanismos que dão vazão ao literário, os componentes avaliadores, história, histórias da literatura e crítica literária, é como se essa produção não existisse, haja vista os meios que a fecundam.²⁵²

Em outro sentido, não se dá por esgotado um assunto porque ele foi realizado a partir da autoridade de um centro de pesquisa, nem tampouco a partir do momento em que for realizado pela própria comunidade investigada. Descartado o incômodo da totalidade, porque nunca é alcançada, dão-se passos positivos quando se detectam os pontos decisivos de interrupção da coleta (locais de guarda, arquivos), da base teórica de fundamentação (teorias globais ou locais, colonizadoras ou preconceituosas) ou da interpretação (resultados compatíveis com a expectativa da comunidade investigada ou com a instituição promotora de cursos).

Requião admite a precariedade da atividade jornalística na Província, mas reclama do rigor com que a tratam alguns dos entrevistados anteriores:

Se algo lhe fosse afirmar, à guisa de meu depoimento, assegurar-lhe-ia, minha senhora, que, nem como jornalista, é admissível viver-se da pena, em nossa terra. A pena não vale a pena. E, quando assim me explico, razões suficientes tenho para fazê-lo.

Quer V. Exa. saber por quê? Vou explicar-me.

252 Incluo a História como componente avaliador a partir do momento em que a literatura é abordada por ela como documento/argumento de avaliação social. A narrativa histórica pode ter sido uma das primeiras a ter apontado a função social da literatura, a sua parcialidade nos rumos sociais, políticos e ideológicos. No entanto, no momento em que tem condições de datar a atividade literária, a História é incluída dentre os meios de produção (de textos) também datáveis.

Nas colunas de jornal que dirijo, há dezessete anos, tenho dado guarida a todas as inteligências úteis que vão surgindo. Animando uns, ajudando outros, incentivando inúmeros, ainda, há pouco, se me não engano, em seu inquérito, li, de um desses moços de talento, algo, a respeito do jornalismo baiano, que antes não houvesse sido escrito, pela inexpressão e pela inverdade dos descritos. O jornalismo baiano! Coisinha regular, que vai enchendo os seus dias bem contados...²⁵³

A mágoa do diretor do *Diário de Notícias*, mais um jornal citado entre os órgãos de imprensa, é dirigida para aquele ensaísta, não denominado, que trata de modo pejorativo o jornalismo na Bahia (Jonatas Milhomens ou Hormindo Marques). O senso crítico da pesquisa de Maria Dolores é ordenado para não permitir que um depoimento se sobressaia sem resposta. Para tanto, lançando mão da diversidade de atividades intelectuais, um poeta e diretor de diário pode emitir sua contra-opinião:

Títeres e bonifrates de prosclênio vasto de meio ambiente, foi a imprensa que os vestiu de roupas novas, que lhes aparou as melenas recrescidas, que lhes cortou, humanitariamente, as unhas pouco limpas, que lhes deu alma, vida, talento e até chance, para a vitória de encomenda!

Estamos, nós, jornalistas de escola, jornalistas, por dever e por patriotismo, cansados de assistir à cena trivial da entrada, pela nossa oficina, de moços, 'figurões' e 'gloriosos', de mão estendida, a mendigar adjetivos... No dia seguinte, satisfeitos, por comisseração, no enfasto da mesura concedida, são os primeiros a barregar, pelas esquinas, que 'esta imprensa é um antro de vênias!'²⁵⁴

A vida intelectual estaria demarcada por uma dependência econômica, às vezes sanada, segundo o entrevistado, pela convocação para o trabalho na imprensa. No fato, não se destacam os ganhos, que devem ter sido poucos como reclama toda a imprensa brasileira, pelo menos até as investidas de profissionalização de Assis Chateaubriand e, na Bahia, de Simões Filho, em *A Tarde*. Por outro lado, a ênfase é para o tratamento pouco digno e mal-agradecido dos escritores que por ali passam.

253 REQUIÃO, p. 1, 20 out. 1931.

254 Id. Ibid., p. 1.

Com o retorno à primeira página, na semana seguinte ao texto ácido de Otto Bittencourt Sobrinho, o matutino traz um texto do poeta Moreira da Silva. Ao gosto de Dolores, o autor alavanca a produção intelectual da Bahia. A organizadora considera-o “de grande coração e maior modéstia”. Seguindo a opinião de Hélio Simões, ela observa uma feição intelectual otimista da literatura, e menos agressiva do que a encontrada na carta de Sobrinho que, por sinal, não fica sem resposta: “Leiamos Moreira da Silva e aprendamos a ver como é bela e confortadora uma palavra de moço, que tem pudor de inteligência e grandeza de alma.”²⁵⁵

O poeta aponta os motivos da valorização do projeto de *O Imparcial*:

Tão raros são entre nós os motivos literários que merecem, mal surjam, o apoio incontente, pela tríplice razão da lembrança, da afoiteza, e, sobretudo pelo muito que nos deve interessar o aproveitamento real das oportunidades de melhoria. Como uma demonstração de reconhecimento dos que sentem a necessidade de uma renovação geral da mentalidade baiana, onde novos e velhos, reacionários e conservadores, intransigentes sistemáticos e convencidos retrógrados, todos devemos falar sobre o momento literário que é de libertação e que se caracteriza por essa intensa febre de talentos novos que aí surgem nos moldes vitoriosos das letras modernistas.²⁵⁶

Para ele, a nova poesia tem influxos na literatura universal e principalmente na brasileira. A literatura baiana contribui, nesse gênero, com o poeta Carvalho Filho e seu livro *Plenitude*: “Poeta que poderia destacar-se dos outros poetas novos do Brasil.” Ele ainda acrescenta a poesia do autor soteropolitano diluída consciente ou inconscientemente em versos de outros poetas da geração. Para restabelecer o equilíbrio rompido (ou hegemonia) nessa pesquisa, com a carta anti-sistêmica de Otto Bittencourt Sobrinho (que discutirei mais adiante), Silva afirma o papel de *Arco & Flexa*:

Foi a revista *Arco & Flexa*, que animou, que incentivou, que orientou, que fez a renovação literária da Bahia, sob o controle e arregimentação de

255 DOLORES, Maria. Apresentação. In: SILVA, Moreira da. A Bahia intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 23 out. 1931.

256 SILVA, Moreira da. A Bahia intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 23 out. 1931.

Carlos Chiacchio, o portador, e disciplinador, o preparador da nova falange das letras, que aí está, na confirmação das nossas grandes reservas mentais, a despeito do indiferentismo, do negativismo, à guisa de desprezo ingrato e grosseiro, de nomes envelhecidos nas letras, muitos dos quais agora batem palmas aos novos vitoriosos mais forçados pela evidência da vitória que satisfeitos com a própria vitória.²⁵⁷

A “esse pajé das artes”, segundo o ensaísta, a Bahia deve muito dos seus grandes talentos encontrados e aplaudidos. Ele incentiva Dolores a continuar o projeto, apesar dos julgamentos contrários. Maria Dolores apresenta o jovem advogado e poeta Raimundo Brito como “uma tendência, ignorada talvez por muita gente... para a filosofia”.²⁵⁸ Segundo a redatora, ele tem gosto em utilizar a ironia, “atributo daqueles que querem fazer *blague* para fugir aos assuntos...” Informa as sucintas opiniões sobre as faltas no sistema literário baiano: “Em poucas palavras o sr. Raimundo Brito confessa a existência de espíritos cultos, de talentos incontáveis, na Bahia, carecemos, apenas de editoras.”²⁵⁹

As informações do ensaísta se concentram nas condições de produção, aí incluídas as responsáveis pela concretização do livro, o objeto hegemônico da cultura. A partir de um recurso ficcional, ele cita os autores e livros que lhe chamam a atenção:

Esperneio, furioso e impotente entre o *Casamento de uma louca*, de Germano Oliveira, e um livro de crítica de Hélio Sodré.

Terei meu livrinho, bem impressozinho, papel Bufon, com as inevitáveis e comoventes dedicatórias aos parentes e amigos...

E o meu precioso Chiacchio publicará uma página de crítica, cheia de restrições camaradas...

Mas, nem essa palavra amiga me consolará da desconsoladora certeza de entrar para a Academia de Letras...

O humorista dr. Deraldo Dias me receberá no solene cenáculo. E me chamará de colega, citando Juvenal e Bastos Tigre...²⁶⁰

257 SILVA, p. 1, 23 out. 1931.

258 DOLORES, Maria. Apresentação. In: BRITO, Raimundo. A Bahia intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 27 out. 1931.

259 Id. *Ibid.*, p. 1.

260 BRITO, Raimundo. A Bahia intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 27 out. 1931.

Na continuação da viagem ficcional pelos lugares formadores do cânone literário, cita Bernardino de Souza, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, mencionado pela primeira vez. O jornal publica outro nome de relevo, tanto pelas pretensões do seu ensaio como pela frequência com que colabora no jornal fundado por Lemos Brito. Entusiasmado pela iniciativa, as informações de Rafael Spínola garantem detalhes do sistema que outros articulistas não tomam conhecimento, como os jornais e o analfabetismo.

O veterano articulista é festejado com grande pompa pela organizadora:

O sr. Rafael Spínola respondeu à nossa *enquete*. Antigo jornalista, espírito combativo, ele se tornou justamente, nos tempos áureos de sua atividade mental, uma das mais lúcidas inteligências que passaram pela ingrata profissão da imprensa.²⁶¹

Ela afirma que o colaborador não perde a “agilidade de seu espírito bem formado”. O jornalista inicia seu texto descrevendo a paralisia da cultura baiana por falta de incentivo. O problema também é estrutural: “Não é que nos faltem talentos e aptidões. Não há estímulo. Quando, porventura, nos sobrassem autores, estaríamos em crise de editores e escassear-nos-iam leitores.”²⁶² Apesar de ser um assunto já tratado, a falta de editores, Spínola menciona a carência de leitores, pela primeira vez aventados no questionário. Esse fenômeno, notado na literatura, plataforma de políticos mesmo na época, o analfabetismo, é uma condição traiçoeira para os escritores e o sistema de literatura que se está avaliando.

Spínola apresenta, pela primeira vez, os dados necessários para se pensar concretamente nos rumos da intelectualidade:

A Bahia é um grande Estado e a sua capital uma grande cidade. O terceiro Estado e a terceira cidade em população do Brasil. Temos cinco jornais

261 DOLORES, Maria. Apresentação. In: SPÍNOLA, Rafael. A Bahia intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 30 out. 1931.

262 SPÍNOLA, Rafael. A Bahia intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 30 out. 1931.

diários e numa população de quatrocentos mil habitantes talvez não se vendam de todos eles dez mil números por dia.²⁶³

O ensaísta informa que menos de três por cento da população soteropolitana lê jornal, sem falar na quantidade bem maior de diários da capital, que vive uma crise de órgãos de imprensa. Seguindo a linha de apreciação, o especialista em periódicos na Bahia, Antônio Loureiro de Souza, apresenta uma lista mais completa:

No ano de 1930, quando ocorreu uma revolução militar que modificaria, substancialmente, os velhos padrões políticos do país, circulavam em Salvador, dentre outros, os seguintes periódicos: *A Época, Era Nova; Fôia dos Rocêro*, fundada e dirigida por Mário Paraguaçu. Escrita em linguagem chamada 'tabaroa', era satírica, dirigindo-se, especialmente, aos políticos. Às vezes exagerava, sendo o seu diretor alvo de ameaças. Por ocasião da Revolução de 30, Mário Paraguaçu foi preso porque, habituado aos costumes anteriores, desandara-se em críticas acerbas aos revolucionários; *A Luva*, revista, onde pontificavam estudantes como Ramayana de Chevalier, Berto de Campos, e poetas como Áureo Contreiras, Elpídio Bastos, Bráulio de Abreu, Nathan Coutinho e outros; *Única*, revista, fundada, em 1919, por Amado Coutinho; *A Máscara*, revista, além dos já citados *Diário de Notícias, A Tarde, Diário da Bahia, O Imparcial, A Bahia*.²⁶⁴

Salvo algumas desistências e interrupção de funcionamento, tal quadro se mantém de 1930 a 1931, quando Rafael Spínola se pronuncia sobre os periódicos da Bahia. Essas são as duríssimas condições de produção às quais os escritores e jornalistas não podem escapar. Talvez a energia no combate de idéias seja uma das falhas, enquanto os verdadeiros inimigos estejam sendo desprezados pelos escritores e incentivadores da cultura literária. Mais à frente, as condições para a produção da literatura são abordadas:

Escrever e publicar para quê? A não serem os romances do tenacíssimo Germano de Oliveira, os quais aliás não passam nas livrarias, um só livro nesta terra não logra vender a quinta parte de sua edição. E as edições dos

263 SPÍNOLA, p. 1, 30 out. 1931.

264 SOUZA, Antonio Loureiro de. Apontamentos para a história da Imprensa na Bahia. In: TAVARES, Luís Guilherme Pontes (Org.). *Apontamentos para a história da Imprensa na Bahia*. Salvador: Academia de Letras da Bahia e Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2005. p. 86.

livros baianos nem sempre atingem a mil exemplares.²⁶⁵

Se Germano de Oliveira consegue publicar e distribuir seus livros sem passar pela livraria, sem explicar o seu segredo, a verdade é que, no geral, as vendas dos livros são muito deficientes para fazer algum escritor sonhar em viver de literatura. Ainda aguardam mais três anos para que a literatura de Jorge Amado inaugure esse momento editorial. O êxito exemplar de Afrânio Peixoto é carioca e de centro, não baiano, os próprios autores entrevistados admitem isso.

O jornalista crê no estabelecimento do governo de Getúlio Vargas, a República Nova, para a melhoria geral do que chama de ambiente:

Na dependência, porém, essa fulgente eclosão literária de que a República nova preparou um ambiente propício ao seu desenvolvimento, educando convenientemente o povo ou diga-se a coisa como a coisa é, formando assim leitores para os nossos livros, para as nossas revistas, para os nossos jornais. É preciso que se cuide do ambiente. É necessário torná-lo propício, porque o fato é que estamos num meio inóspito às letras. Os intelectuais, entre nós, quando, possuídos da nobre ambição de glórias, animados por um patriotismo alevantado e sadio de enaltecer esta grande e estremecida terra, trabalham, produzem e buscam um editor, começam por encontrá-lo em péssimas condições — desaparelhado, falho de tudo e acabam fatalmente por dar banquete às traças.²⁶⁶

Um editor mencionado no texto anterior de Altamirando Requião — Galdino Loureiro —, é a primeira avaliação desse ambiente crucial para veicular os objetos editoriais: livros, revistas e panfletos. As ações que podem interferir de modo sensível nos ambientes letrados também passam pela interferência governamental, cuja atuação tem boas previsões do ensaísta. É importante notar a articulação da força da República Nova e o sentimento patriótico do homem de letras. Não há uma separação entre o trabalho intelectual e literário e as funções de integração e fortalecimento nacional.

Portanto, não há uma atuação lucrativa por parte dos editores, ocasionando a

265 SPÍNOLA, p. 1, 30 out. 1931.

266 Id. Ibid, p. 1.

duvidosa qualidade dos livros editados. Na aventura para publicar o gorado romance *Salamandra*, o jornalista emite a frase, na qual se encontra uma palavra fundamental do romance consagrado, de Guimarães Rosa, que comemora 50 anos: “Ajustou-se o preço da edição. Pela hora da morte. As ilusões da mocidade não se abatem com esses *nonadas* do vil metal.”²⁶⁷

Ao responder sobre a poesia baiana contemporânea, aparece de fato a fonte da cultura do experiente homem de literatura e de imprensa:

A de hoje não entendo. Estragaram-me talvez os condoreiros, os românticos, os parnasianos.

Gosto (relevem-mo os novos) gosto imensamente do soneto. Fascinam-me os arroubos de Castro Alves e Álvares de Azevedo. A maviosidade de Gonçalves Dias e Fagundes Varela. A impecabilidade de Alberto de Oliveira. A mágica sensibilidade de Bilac. A rima faz-me bem ao ouvido e ao espírito. Ainda não percebi o ritmo novo. Mesmo porque aos meus ouvidos, hoje, como há vinte anos, silvo da locomotiva, o canto dos pássaros, o rumor das ondas, o sussurro da folhagem, é o mesmo e tem as mesmas vibrações e os mesmos acordes.

Todo aquele trabalho de auriar, de retocar, de polir, brunir, desapareceu. O verso é hoje chucro, bravio, destemperado. A rima é um pecado mortal. E se não houver um pouco de água fria nessa fervura, os fanáticos do verso novo acabam linchando a estátua de Castro Alves.²⁶⁸

A distinção clara, e bem feita nas palavras de Spínola, entre a poesia nova e as três do passado (romântica, parnasiana e simbolista), optando pelas antigas, está no culto, na técnica. A poesia moderna é rápida e tensa, e por isso, apresenta-se mal feita para o experiente leitor. As considerações são curiosas:

Já nos apareceu, atravancado de guizos, como num carnaval de subúrbio, a lenda do Jaboti e depois o mirabolante poema de um pé espetado por um prego... Tudo isso escola nova. Estilo novo. Pura, puríssima novidade do modernismo. Que empina e repina, incha e resfolega para os seus partos de montanha.²⁶⁹

267 SPÍNOLA, p. 1, 30 out. 1931.

268 Id. Ibid., p. 1.

269 Id. Ibid., p. 1.

O susto da observação de Rafael Spínola posiciona os modernos como as instalações pós-modernas de alguns anos. O sentido estético das observações mais populares demora algum tempo para ser percebido, a fala do jornalista expõe o primeiro encontro. E não falaria ainda em atraso, porque, mesmo resistindo, é na Bahia que se resenha na imprensa pela primeira vez no país o *Manifesto Futurista*, de Marinetti. O ensaísta apresenta um extenso elenco de escritores dos dois lados da contenda e sua opinião quanto à convivência dos dois grupos, na velha querela dos antigos e dos modernos:

Mas, o irritante em tudo isso é a intolerância dessa gente. Proscreeu as letras clássicas. Destroçou o romantismo. Fulminou o parnasianismo. Homero, Camões, Virgílio são fósseis. Hugo, Tennyson e Goethe são uns medalhões. Gauthier, Heredia, Baudelaire, estão banidos. Antero de Quental é um fantasma. Ainda se fala em Castro Alves por causa da estátua. Entre nós, na Bahia, Pethion de Vilar, Castro Rebello (o velho e o moço), Artur de Sales, Chiacchio (o de há 10 anos passados, porque o de hoje é o pontífice da crítica baiana), Roberto Correia, Durval de Moraes, Pedro Kilkerry, um dos nossos maiores talentos, Álvaro Reis, andam por aí absorvidos pela geração espalhafatosa, berrante e quase pitoresca, que tem ojeriza sistemática à rima e mede o verso a quilômetros e a milímetros. Isto os que medem, pois o verso novo não tem forma e nem tamanho. Basta-lhe caber no espaço que é infinito.²⁷⁰

A lista dos autores banidos e daqueles que, mesmo pertencentes a um passado, continuam publicando, é concluída com o que ele chama de melhores escritores — Castro Alves:

A Bahia teve o seu grande poeta a quem deu estátua, o maior de todo o Brasil. Antes dele, porém sem o seu valor, fulgiu o estro de Junqueira Freire e depois o de Francisco Mangabeira que sobremodo honram as nossas letras.²⁷¹

Uma vantagem das palavras de Spínola está em posicionar um sistema de

270 SPÍNOLA, p. 1, 30 out. 1931.

271 Ibid., p. 1.

autores tanto no passado quanto no presente, impondo-lhes uma relação de descendência. Percebido o momento de transição, ele sabe que uma das saídas também está na relação sempre visível dos escritores passados e presentes, como analisa Jorge Luís Borges com os seus predecessores. Tanto tem razão que não se passam muitos anos e os próprios modernistas, na figura de Mário de Andrade, fazem a avaliação do movimento e atribuem muitos dos radicalismos à estratégia de entrada no circuito literário.

Além desses poetas do passado, há alguns até redescobertos pela Modernidade mais recente, como Pedro Kilkerry. Para Rafael Spínola, o grupo que toma a frente da literatura na Bahia é *Arco & Flexa*:

Agora, porém, quem tange o *jazz* é a rapaziada do *Arco & Flexa*. É o modernismo que está empunhando a batuta. E lá vem música nova. Música, não digo bem. Zoada nova, em que o ritmo, à vontade do poeta, se alarga, se retrai, corre, pára, anda, desanda. Tudo isto há de passar. Homero é o padrão eterno. Nas brumas do modernismo ainda não se divisou um farol. Nem mesmo um archote de lua mais intensa. Pequenos vaga-lumes, as lamparinas de brejo de que nos fala Rui (outro fóssil para os germenzinhas enfezados da nova escola) e que revolteiam em vôos curtos com pretensão a sóis... Dante e Shakespeare, Byron e Lamartine, outros que a cadeia do futuro se gaba de haver ofuscado, hão de resplandecer por todos os séculos.²⁷²

Os eleitos de Spínola, passados setenta anos e mais uma onda de questionamento do estético e de seu valor como escritores (o pós-modernismo), seguem como faróis luminares da cultura literária do Ocidente. Expostos (os luminares) de maneira satisfatória à transição da leitura profissional de gosto para os exaustivos estudos dos programas de pós-graduação das universidades européias, norte-americanas e do Sudeste do Brasil, a fala do autor local se coaduna com as expectativas de cultura e literatura da Modernidade tardia dos centros irradiadores.

Mais um aspecto destacado na fala de Rafael Spínola diz respeito a Rui Barbosa, “outro fóssil para os germenzinhas enfezados da nova escola”. Expressivo de uma tendência desencadeada e sem reversão, a figura do tribuno baiano é

272 SPÍNOLA, p. 1, 30 out. 1931.

banida da cultura brasileira, a partir dos novos intelectuais. Sentem-se os vestígios do combate entre seus conterrâneos, onde fatalmente o investimento de culto ao homem e ao intelectual são mais despendidos.²⁷³ Em todo caso, as palavras do crítico também expressam até onde vai a ousadia da nova geração, de desalojar a figura do Águia de Haia em sua terra natal.

A avaliação do jornalista questiona o caminho inseguro por onde se encaminham os poetas de *Arco & Flexa*, sempre lembrando os avanços das escolas e poetas anteriores, como o Romantismo, Parnasianismo, Bilac e Raimundo Correia. Nisso, expõe o que pensa da produção modernista:

Poemas, (como lhes chamam os seus autores) poemas de emergência, em falta de coisa melhor ou pior, sem fôlego, sem visão, sem brilho, sem vida, míseros natimortos que a gente por não entender o que pretendem exprimir e não perceber o que são, fica logo sabendo que são versos artisticamente modernistas. O que na espécie então nos mandam do Rio, de São Paulo, de Minas e do Rio Grande, chega a parecer pilhéria de editores vadios.

Tais livros bem podem ser enviados a psiquiatras para diagnósticos definitivos.²⁷⁴

Seu desgosto para com a literatura contemporânea chega a ter tons de bom humor, gesto também muito comum na contemporaneidade. Ele avalia os outros gêneros do inquerito, como a prosa:

Deus louvado, ainda não nos surgiu nenhum romance novo. Novo no seu sentido atual. Edgard Sanches, filósofo, escritor notável, não publica nada. Prado Valadares, grande entre os maiores professores de medicina no Brasil, também festejado escritor, quieto. De vez em quando, Xavier Marques, com a sua autoridade de membro da Academia Brasileira, nos manda um romance.

De sorte que só quem está trabalhando é Germano de Oliveira que publicou o *Cupim* e está preparando a *Taça de cicuta*. Fique de sobreaviso o dr. Vitorino Pereira na sua benemérita campanha contra os tóxicos.²⁷⁵

273 Em capítulo anterior, demonstro o quanto Rui é querido pelos representantes da intelectualidade e da política da Bahia, mesmo que os dois grupos confundam-se quase sempre.

274 SPÍNOLA, p. 1, 30 out. 1931.

275 Id. Ibid., p. 2.

Para o bem da frase de humor, não é só o estilo modernista que se apresenta como veneno que tanto desencanta o ensaísta, mas os títulos dos romances auxiliam a argumentação. Spínola aborda o jornalismo:

E os nossos jornais? E as nossas revistas? E os nossos jornalistas? Cinco diários, não contados os oficiais do governo e do arcebispado. Revistas o meio não as comporta na altura dos créditos intelectuais da Bahia. As que temos significam esforço hercúleo de alguns rapazes — não modernistas — de boa vontade. Odilon Santos foi um sol que teve o seu ocaso em um desses dias no Campo Santo. Ninguém o excedeu, raros o atingirão. Carlos Ribeiro e Mário Monteiro são dois grandes. Jornalistas, como incontestavelmente se distinguiram na nossa imprensa Altamirando Requião, Leopoldo do Amaral, Manços Chastinet, Assis Sampaio, Wenceslau Gallo, José Rabello e Nelson Carneiro, que, por seu desassombro, é uma promessa do nosso jornalismo de amanhã.²⁷⁶

O grupo de jornalistas já citados pelos outros autores é enriquecido pela menção de Spínola, não esquecendo de explicitar o problema do meio como limitador da veiculação e publicação de revistas e demais veículos de publicação. Ele é um dos primeiros, ou dos mais atentos aos quesitos do questionário, a trazer sua formação intelectual:

A necessidade de ganhar a vida, como me podia ter feito médico, padre, pedreiro ou chofer, meteu-me num jornal, onde era obrigado a escrever notícias, aniversários e falecimentos, a dar forma à reportagem das ruas, a traduzir telegramas e a ... perpetrar artigos de fundo. Na escola, depois do segundo livro de Carlos Magno e dos doze pares de França, de onde as façanhas de Roldão, de Oliveiros e de Gui de Borgonha ainda hoje me sacodem os nervos. Depois, preparatoriano, devorava os romances que me caíam nas mãos, sem escolha, *à lá diable* (?), desde os interessantes Ponson du Terrail e Montepin, dos magníficos Flaubert, Balzac, Moupasant, Anatole, Camillo, Machado de Assis, Bourget, Turguenialeff, Stendal, Blasco, d'Annunzio, até o genial Dostoievski e o divino Eça... Depois, Dante, Goethe, Shakespeare, Byron, Hugo, Voltaire, Cervantes, os clássicos portugueses e franceses... depois não li mais nada. O jornal não consentia que lesse. Daí talvez ter estacionado e não atingir os modernistas.²⁷⁷

276 SPÍNOLA, p. 2, 30 out. 1931.

277 Id. Ibid., p. 2.

O experiente jornalista esboça a tomada do mundo da leitura nas diversas fases da vida, na infância, com a literatura de aventura e mítica, adolescência, com os livros românticos e clássicos, e os realistas, todos recomendados pela escolarização do final do século XIX e início do XX. É uma fortuna literária que contrasta com a literatura praticada na sua contemporaneidade, o que depõe em tom sincero, optando pela literatura anterior. Essa escolha não obstrui o exame crítico coerente em quase todos os quesitos, produzindo um texto rico pela complexa rede literária desde um plano mais amplo até a ponderação sobre a polêmica fortuna local.

O último texto da enquete vem como resposta às críticas de alguns autores anteriores. O escritor Eurico Alves parte não da atividade de bacharel, mas do enraizamento que jamais abandona de homem poético do sertão. Todo o seu texto está configurado a partir dessa credencial. Esse texto é publicado após o anúncio do final da enquete. A Bahia literária carece do depoimento de idéias Eurico Alves para a composição do sistema, por ter sido tantas vezes citado nas contribuições dos colegas. Atualmente, um poeta prestigiado pelas pesquisas nos departamentos literários da Bahia, a maioria das respostas sobre ele é aguerrida, como se também personalizasse um dos jovens futuristas de São Paulo.

A descrição de sistema e a análise de escritores e textos, dessa vez, não vêm acompanhadas da apresentação formal e gentil com que a poetisa brinda sempre os seus colaboradores. De outro modo, no agradecimento, o jovem poeta feirense mostra suas intenções:

Antes, eu teria de agradecer a distinção que me dispensou dona Maria Dolores, escolhendo-me entre os intelectuais baianos, para também responder à sua enquete. Tenho-lhe real admiração pelo fascínio do seu espírito, pela elegância brasileira da sua Arte. É para mim, sertanejo que sou, motivo de contentamento ver que três nomes sertanejos, três legítimas feirenses vanguardiam a atuação feminina na inteligência baiana. E os meus lábios cantam uma canção de luar para falar o seu nome, o nome de Georgina Mello Erisman, a compositora baiana de maior talento e o nome de Edith Mendes da Gama Abreu. Não lhe conheço livro publicado.

Conheço-lhe, porém a sua inteligência suntuosa.²⁷⁸

Logo de imediato, ele traz dois nomes do meio estadual pouco mencionados. Edith Mendes, romancista e ensaísta, e Georgina Erisman, maestrina e poetisa. O poeta lembra que também Maria Dolores é nascida na cidade de Feira de Santana, compondo um bloco de conterrâneos na literatura de jornal da capital. Raramente a imprensa permite a partilha das suas páginas como reflexo do sistema literário entre a capital, a cidade da Bahia e o interior do estado. O autor de *Fidalgos e vaqueiros* não consegue desprender-se da visão poética de mundo pastoril, por isso o apoio discursivo na citação de patricias próximas e sentimentalmente atuantes na mesma área cultural.

O sistema literária baiano também possui sotaque dessemelhante do jargão acadêmico-litorâneo-cosmopolita de Salvador. Mais à frente, é aos medalhões que ele deseja se referir:

Magnífica a idéia de tal certame. Por vários motivos. Veio mostrar-nos as figurinhas de papelão do nosso mundo intelectual. Desvendou-nos a enorme galeria dos medalhões de sabão massa. Confirmou, sobretudo, que os velinhos não conseguiram vencer numa terra em que tudo está por se fazer, conforme propagam eles. Não os conheço, aliás, porque não publicam, não editam as obras estuporadamente geniais. Moços há também assim. Dependuram o valor da elegância pelintra do terno *dernier*, no chapeuzinho irritante da última moda.²⁷⁹

O tom provocativo do poeta não oculta a impostura do gesto como identidade intelectual concorrendo com o confinamento de horas pela escrita literária. Julgado aqui como pejorativo, o sistema necessita tanto do texto como também dos modelos de inserção criativa nos espaços sociais de uso, como a academia, a escola, o jornal, a livraria, os bares. Os dois espaços de aparecimento da literatura são tanto complementares e dependentes entre si quanto concorrentes. Há autores que se isolam para provar que basta o texto para a literatura, e há aqueles, criticados por

278 ALVES, Eurico. Em torno da enquete literária de dona Maria Dolores. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 13 nov. 1931.

279 Id. *Ibid.*, p. 1.

Eurico Alves, cuja postura de escritor supera a escritura: os medalhões.

As observações de Alves são concluídas com mais um componente de sistema literário praticado no jornal e no panfleto, normalmente para desancar o adversário, o epigrama:

Não servirá para tais gênios o epigrama de um satírico da Terra?

A Bahia, como flores

Produz gênios como cobras,

Que engolem as suas obras,

*Por lhes faltarem leitores.*²⁸⁰

Referindo-se aos quesitos, afirma não poder responder à questão sobre os seus livros. Argumenta que muitos talentos expostos à propaganda são decepções quando lidos: “É um banquete dos detritos, das códeas que rolaram da ágape espiritual de Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Augusto Meyer, Ronald Carvalho e Cia. Ltda.”²⁸¹ Em todo o caso, o poeta não acerta nos fracassos desses poetas até canônicos na contemporaneidade, inclusive lucra fama nacional quando envia um poema a Manuel Bandeira e recebe de volta a estima e outro poema do consagrado poeta de *Pasárgada*.

Respondendo ao duende, na expressão de Ramayana de Chevalier, Eurico Alves exclama a crença no movimento de 1928, de *Arco & Flexa*, porém, deixa de admirar os autores do passado, como Castro Alves e Olavo Bilac. Para ele, o movimento modernista se presta a superar as glórias alcançadas no passado. De fato, anunciam-se as produções de 1930, que um crítico como Otto Maria Carpeaux defende ser a literatura ao nível e maturidade da cultivada na Europa. A menção ao jornalismo apresenta nomes muitas vezes citados anteriormente:

280 ALVES. p. 1, 13 nov. 1931.

281 Id. Ibid., p. 1.

Só Mário Monteiro, Ranulfo Oliveira. Os outros, Carlos Chiacchio, Carlos Ribeiro, Henrique Cancio estão retirados do *metier*. E, por maior infelicidade nossa, a Bahia acaba de perder o mestre que foi Odilon Santos. Dos moços, só conheço Sodré Viana. Nestor Duarte seria jornalista se treinasse. O resto é uma palhaçada de meninos, futricas engraçadas.²⁸²

Sua avaliação das artes plásticas reedita Presciliano Silva, Valença, Mendonça e Alfredo. Há dois moços: José Guimarães (na Europa à época), e Emídio Magalhães, a mais forte e pronunciada madrugada da pintura moça na Bahia. Em outras modalidades de arte, explica-se:

Na escultura, já se pode falar em Ismael Barros. Para a música, basta somente um nome: Deolindo Fróes. Vêm depois os intérpretes: Lourdes Freitas, Heddy Cajueiro, Alberto Oliveira, o nosso maior violinista e Dante Souza. No canto, Alexandrina Ramalho, Mnemosina Almeida, Laura Sodré Viana e Iderval Caldas. Não temos, infelizmente, um centro de cultura artística. A *Radio*, ao invés da mistura que faz, devia organizar uma seleção de valores verdadeiros.²⁸³

Sobre o movimento literário, menciona os citados: Artur de Sales, Roberto Correia, Carlos Chiacchio. Castro Alves e Rui expressam as duas hegemonias de gênero, a poesia e a eloquência. Explica também que Afrânio Peixoto atua fora da órbita estadual, deixando entender que um dos grandes escritores do Brasil da época perde enraizamento:

A moderna prosa baiana conta apenas com a (...) dinâmica de um Pinheiro de Lemos, e o estilo novo de Castellar Sampaio. (...). Os neo-parnasianos. Conheço os sonetos perfeitos de Carlos de Viveiros. (...). Erasmo Júnior faz rumor com as suas sátiras.²⁸⁴

Ele ainda cita dois poetas inéditos: Ivan Americano e Clodoaldo Milton. As outras áreas intelectuais, como a filosofia, são incluídas:

282 ALVES, p. 1, 13 nov. 1931.

283 Id. Ibid., p. 4.

284 Id. Ibid., p. 4.

A Bahia, sob o ponto de vista cultural e científico — intercalemos logo aqui esta nota — avançou. O presente não se envergonha do passado. Para comprová-lo, cite-se o nome de Edgard Sanches, o nosso maior filósofo, cite-se o nome de Aristides Novis, lembre-se de Leôncio Pinto. Para que ocultar este moço que é José Silveira? A nossa cultura orgulha-se com um Marques dos Reis. Ainda podemos dizer o nome de Odilon Santos. Não brilha em conferência a inteligência de Aloysio de Carvalho Filho? A Bahia avança. Felizmente.²⁸⁵

Os ensaístas esquecem das instituições aglutinadoras de intelectuais existentes. Entre elas, a Faculdade de Medicina e a Faculdade Livre de Direito, nas quais muitos desses nomes citados e ensaístas colaboradores do inquérito cultural ocupam cátedras ou freqüentam suas salas de aula. Referindo-se ao movimento de renovação, o poeta reclama da negativa de escritores ao tratar das iniciativas modernistas na região. Ele profere talvez a primeira historiografia do Modernismo baiano:

Data de depois da guerra o aparecimento na Bahia dos primeiros revoltosos literários. Godofredo Filho é, então, o primeiro poeta modernista no norte. Embora sofresse grande influência dos do sul, mormente de Manuel Bandeira e Ribeiro Couto, consegue implantar aqui o gosto pela poesia nova. Todavia, só em fins de 28 é que a Bahia se integra definitivamente na hora literária brasileira. Autônoma. Equilibrada. Do valor de tal movimento, não sou eu o avaliador. Aquilataram-no os rodapés de Carlos Chiacchio, aqui, os de Sud Minucci, em São Paulo; Nestor Victor, as crônicas de Osório Borba, Renato Almeida, no Rio; outras em São Paulo ainda, outras em Minas Gerais e no norte. Negá-lo, importa em negar a realidade presente. Os *blaguers*, no entanto, são de todo tempo.²⁸⁶

A importância de *Arco & Flexa* é atestada nos ensaios dos críticos citados e no êxito de seus participantes, como indica Alves: Lafayette Spínola no ensaio, Nobre de Lacerda Filho, Fausto Penalva, Hélio Simões. Outros êxitos do grupo são os livros de poesia *Moema*, de Eugênio Gomes, e *Plenitude*, de Carvalho Filho. O poeta, antenado aos sintomas da Modernidade, na alucinação da usina, na grandeza do arranha-céu, na velocidade da máquina, sem perder o enraizamento

285 ALVES, p. 4, 13 nov. 1931.

286 Id. Ibid., p. 4.

com a terra, é a base do Tradicionismo Dinâmico, de Carlos Chiacchio, reflete Alves. Além desses autores, são expressivos da poética moderna os autores Walt Whitman e Keats. Contudo, o momento de imitação está esgotado porque a Bahia tem ritmo poético próprio.

Tratado como precursor, Whitman é seguido por outro grande poeta modernista, Emile Verhaeren. Segundo Eurico Alves, o poeta belga não consegue repetir o êxito do mestre porque a sua cultura não teria aquele vigor americano detectado nos poetas da Bahia. O texto de Alves, investido da última conclusão da Bahia literária, transforma-se em manifesto pela renovação da poesia baiana, não como assunção de uma meta, mas convocatória para uma predisposição que só ela pode realizar: com o esteio telúrico da Bahia, conformar as transformações nervosas, esquizofrênicas, dinâmicas e metálicas do mundo moderno.

4.3 Perfis questionadores

O respeito da organizadora e dos diretores do periódico aos grandes literatos, conferindo-lhes as primeiras colaborações do questionário, continua com a interferência do romancista baiano mais importante até a década de 1920: Xavier Marques. Sua resposta, com o texto “Bahia Intelectual”, demonstra a visão de um veterano, consagrado pela entrada para a Academia Brasileira de Letras. Eis o tom da organizadora sobre o comportamento do autor de *Jana e Joel*:

O Sr. Xavier Marques, romancista, membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia de Letras da Bahia, manda-nos uma pequena carta, carinhosamente datilografada.

Muito simples, porém, simplíssima. O sr. Xavier Marques talvez, não achasse prudente responder integralmente ao nosso inquérito. Há-de dizer que é da velhice a prudência... Concordamos... No entretanto, parece-nos que o nosso laureado romancista anda afastado da vida literária.²⁸⁷

287 DOLORES, Maria. Apresentação. In: MARQUES, Xavier. Bahia intelectual. *O Imparcial*, Salvador,

É preciso lembrar que o estilo conciso do romancista de *Pindorama* é marca registrada de sua escrita e de seu comportamento. Autores como Pedro Calmon lembram do escritor como alguém que não se permitia excessos: “— Na mesa literária do Xavier Marques, nunca sobrava comida para o dia seguinte.”²⁸⁸ Afora a ênfase a um traço da personalidade, é a própria Maria Dolores quem não abandona o estilo provocador ao se dirigir a quem tem como defeito não se ter deixado enamorar pelos novos rumos da literatura local.

A desinibida organizadora, ao mesmo tempo que alfineta o romancista itaparicano, acusando-o de desatualização por estar “afastado” pela “velhice”, confessa o significado de literatura: “vida literária”. A prática jornalística conduz à acepção de literatura como “vida literária”, pela consciência de inúmeras ações e posturas que viabilizem os romances, poemas e peças teatrais. A espera pelos livros somente não bastaria para análises totalizadoras como as de Marques. O autor, porém, não está tão apático como o próprio *Imparcial* noticia meses depois. Inclusão e atuação fazem-no perceber o entusiasmo da época:

O momento literário na Bahia caracteriza-se por uma agitação promissora entre muitos moços de talento que nas colunas dos jornais, em associações, pequenas revistas e brochuras vão adestrando a palavra e a pena em gêneros diversos da literatura. Jovens jornalistas, cronistas, críticos, historiógrafos, contistas, oradores e poetas surgem fascinados pela glória das letras.²⁸⁹

A informação é típica do escritor que trabalha a linguagem, que elabora paciente e rigorosamente os seus escritos. Dessa visão da literatura, só poderia surgir a maneira como o primeiro secretário da Academia Brasileira de Letras julga os outros escritores:

p. 1, 8 set. 1931.

288 CASTRO, Renato Berbert de (Org.). *Xavier Marques e a Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: Editora da Academia Brasileira de Letras, 1996. p. 9.

289 MARQUES, Xavier. Bahia intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 8 set. 1931.

Por certo, sendo essa evolução a resultante das influências que se fazem sentir em todo o país, em grande parte ainda reflexos das atividades literárias da França, não poderemos pretender a uma poesia originalmente baiana, salvo o que de peculiar ao nosso meio entre na inspiração dos poetas ou escritores. Como por exemplo mais recente desse traço de originalidade, citarei o formoso poema dramático de Artur de Sales, intitulado 'Sangue Mau'.²⁹⁰ Será muito já que os nossos poetas consigam contribuir para uma poesia originalmente brasileira, que não seja arremedo de **dadaísmos**, e outras que tais excentricidades.²⁹¹

Desgostoso da condução atual na literatura dos novos, o tom da rápida resposta ainda converge para um sentimento nacional: representado na estatura da Academia Brasileira de Letras, que é desacatada como um todo pelos modernistas paulistas, Marques não toma conhecimento da postura de *Arco & Flexa*, cuja característica é abandonar os radicalismos de jovens do sudeste e preferir o Tradicionismo Dinâmico. Maria Dolores ainda lamenta a economia de conselhos de que tanto carecem os novos talentos e aspirantes a literatos na região. De fato, positivamente, Marques manda avisar à Academia de Letras da Bahia, de que é membro, para que se empenhe na condução, se não para renovar as novas escritas, pelo menos para tolher e controlar os exemplares mais ousados, diga-se "excêntricos".

Na colaboração do jornalista Jonatas Milhomens,²⁹² aparece uma avaliação da proposta teórica de Chiacchio, a qual é disposta em estudo e defendida na dissertação de Dulce Mascarenhas, depois publicada em livro. Para a ex-professora do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Chiacchio, além de importantíssimo para a movimentação literária e cultural da capital da Bahia, desenvolve uma crítica literária de mais de dezoito anos no rodapé do jornal *A Tarde*. Esses textos, pela defesa da ensaísta, ultrapassam o estágio de resenha de extração impressionista para pousarem, escorados no "Tradicionismo Dinâmico" e na "Biocrítica" (proposta teórica posterior), numa reflexão literária com base em

290 Poema dramático de Artur de Sales. 1928. Edição crítica por Nilton Vasco da Gama e colaboradores da Universidade Federal da Bahia. O poema é composto de um Prólogo e dez partes, escrito entre 1924 e 1925. Baseado em superstições generalizadas no Recôncavo Baiano da influência maléfica do 'Sangue Mau' da mulher amada sobre seu companheiro. No texto, a ruína do homem é inevitável. In: COUTINHO; SOUZA, p. 1202, v. 2.

291 MARQUES, p. 1, 8 set. 1931.

292 MILHOMENS, Jonatas. Bahia intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 15 set. 1931.

teoria própria.

As palavras de Milhomens expressam a importância das duas idéias teóricas de Chiacchio, proporcionais ao empenho que normalmente é dedicado pelos cultores da literatura. Nas duas faces do sistema em estudo, é comum que toda uma vigorosidade cultural anterior desapareça misteriosamente: “**Tradicionismo Dinâmico** — Sonho magnífico de brasilidade que hierofantes projetaram com idealismo e que os assecclas não lograram talvez compreender tão pouco executar.”²⁹³

Para Chiacchio, a proposta de uma literatura que se quer avançada deve estar sempre ligada aos auspícios, vestígios e rastros — entenda-se tanto a obra como o papel social do autor²⁹⁴ — dos grandes escritores do passado. Desde Gregório de Matos, Castro Alves — cujos descendentes poéticos o historiador Pedro Calmon chama de cástridas, não ficam de fora; nem mesmo Afrânio Peixoto, Chiacchio, Artur de Sales ou Pethion de Vilar. O crítico de ‘Homens & Obras’ defende a edificação de um vínculo de fortalecimento do sistema literário.

A questão para a análise é que esse vínculo foi compreendido pelas gerações intelectuais posteriores simplesmente como apego à tradição e enredamento pelo conservadorismo. Nessa perspectiva, de Tradicionismo, busca-se o diálogo com o passado, de dinâmico, combate-se o marasmo de uma literatura e cultura locais paralisadas pela ânsia de ser França e Inglaterra e num modo estranho à dicção local. A continuação da enquete oferece indícios do envolvimento do projeto de Maria Dolores em um cenário que cultiva a polêmica.

O poeta e jornalista Jonatas Milhomens, cujo nome continua ecoando nas páginas de *O Imparcial*, tem opinião particular, apesar de não ser o único, a respeito do sistema. O conflito entre as gerações de literatos também interfere nas opiniões publicadas, de tal forma que os depoimentos seguintes dialogam com os textos já publicados, ou para repreender, ou para elogiar. Milhomens é apresentado com elogios de grande estima e talento.

²⁹³ MILHOMENS, p. 1, 15 set. 1931.

²⁹⁴ Neste estudo, em muitos momentos, demonstro a importância social e ideológica de Castro Alves e Rui Barbosa, como expressões de identidade baiana e nomes de força em momento de luta contra as instâncias do poder local e federal.

As qualidades de poeta são as credenciais para se inscrever no projeto:

Ironia, humorismo e sátira, tudo isto sintetizado numa inteligência forte e culta.

Jonatas faz versos, como escreve lindos poemas em prosa. É o esteta da palavra. Que podemos dizer mais, se Carlos Chiacchio já o consagrou, na sua palavra de mestre?²⁹⁵

Por outro lado, a recepção sempre generosa dedicada aos participantes é uma marca do projeto de Dolores. As palavras da organizadora apresentam um autor, apesar da juventude, digno e capaz de se pronunciar sobre o questionário. Outra informação diz respeito à evocação de Chiacchio como o julgamento que autentica o perfil intelectual daquela geração. Se ele confirma a competência do jovem poeta, está de pronto, incluído no exclusivo rol dos dignatários da literatura na Bahia. Assim como está instituído o poder e o prestígio do redator de *A Tarde*.

O depoimento crítico de Milhomens divide-se metodicamente em partes que sumarizam todos os quesitos da proposta de Maria Dolores: (1) 'critério', (2) 'quantitativamente', (3) 'qualitativamente', (4) 'aditando', (5) '*Arco & Flexa*', (6) 'Tradicionismo Dinâmico', (7) 'obras', (8) 'imprensa', (9) 'artistas' e (10) 'últimas palavras'. Num tom retórico, destilando afirmativas categóricas, o poeta desenvolve, em “critério”, o seu ponto de vista sobre o ambiente literário. O poeta e articulista denuncia temas conflitantes: “Sou dos que temem o perigo das aparências. Sou dos que não respiram os gases das ‘panelinhas’. Sou dos que amam a Verdade. Sou dos que têm o hábito da justiça. Bendita seja.”²⁹⁶

Uma das características da ação literária está sendo criticada pelo ensaísta. A prática tão comum, positiva e negativamente, dos grupos reunidos em torno de um objetivo, tem como sua face pejorativa a “igrejinha”, porque se supõe que participantes de grupos tomam as idéias ali defendidas como religiosas, chegando a propor atos inquisitoriais. Para Milhomens, a difusão cultural pelo viés dos grupos,

295 DOLORES, Maria. Apresentação. In: MILHOMENS, Jonatas. Bahia intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 15 set. 1931.

296 MILHOMENS, p. 1, 15 set. 1931.

mesmo sendo a estratégia intelectual mais comum e mais bem-sucedida, tem sua reprovação. Isso se sustenta no fato de que todos os autores criam fielmente, inclusive o entrevistado, que realizam a literatura e não o receituário dessa ou daquela “igreja”.²⁹⁷

Tratando do perfil “quantitativamente”, o poeta esclarece quem são os grandes expoentes da “Bahia culta”:

Sem necessidade, todavia, de pôr em relevo os grandes expoentes da Bahia culta, fugindo do horror de negar as exceções tanto quanto de argumentar com elas, é lícito afirmar que a glória maior do nosso movimento cabe aos moços, coerentes nesse ponto com a lei biológica, como se fosse verdade que os nossos grandes homens escolhessem a penumbra para as suas atividades intelectuais.²⁹⁸

A visão de que a literatura é feita na penumbra confirma a existência de um fenômeno incômodo, que é investigado por Silviano Santiago,²⁹⁹ sobre o caráter anfíbio da literatura brasileira. Se, por um lado, uma produção literária que não é divulgada dá a impressão de não existir, formatando o silêncio editorial de que fala Carlos Chiacchio em ensaio anterior, por outro, também é verdade que essa literatura tem como dispositivo que a oprime o fato de não existirem editoras para sua publicação e circulação.

Ao detectar a penumbra em que estão imersos os escritores da ‘Bahia culta’, Milhomens afirma haver sim uma literatura sendo executada e até ventilada em movimentos e resenhas jornalísticas. Isso significa, como conselho para os estudos que tentam buscá-la em meios canônicos, que ela está lá de alguma forma. Santiago avisa que, apesar de país de índices de analfabetismo tão altos, a literatura transforma esses “homens na penumbra” em celebridades e verdadeiros astros. Isto

297 Como demonstro anteriormente, o sistema das letras sempre é movimentado pela ordem de grupos. Eles formam uma das faces de identidade da ação literária. Fenômeno muito mais poderoso do que as pretensões de Milhomens, as possibilidades da literatura na conquista do entorno é mais grave do que a fácil marginalização prevista na história da cultura brasileira. As grandes mudanças políticas e sociais lançam mão do solícito trabalho das idéias.

298 MILHOMENS, p. 1, 15 set. 1931.

299 SANTIAGO, Silviano. Uma literatura anfíbia. In: _____. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 64.

se dá, segundo ele, pela ação transgressiva dos meios de imprensa, os quais transformam e divulgam a literatura por outros meios orais e visuais, como a telenovela, o cinema, a música e o teatro.

O prosseguimento do texto de Milhomens encontra uma avaliação providencial e amarga para os meios tão otimistas que motivam o trabalho de Maria Dolores:

Quantitativamente — peço licença para ser desagradável aos meus contemporâneos. Acostumei-me a ver na pena do escritor mais do que o estilo, que grava em retângulos de ouro as expressões culturais de um grupo; é também uma alavanca de progresso que fende a rocha bruta nos anseios humanos de uma felicidade comum. Eis porque, sem me desaperceber da sua forma, acho a nossa literatura pobre na substância, vaga no fim, estreita no seu gregalismo inutilizante, sem cunhos positivos de originalidade.³⁰⁰

O posicionamento do jovem ensaísta leva em consideração as posturas mais tradicionais da literatura, as quais, segundo ele, interceptam as possibilidades de divulgação da cultura literária. Ao avaliar também de maneira negativa a poesia da Bahia contemporânea, vê pontos positivos nos movimentos literários: “**Arco & Flexa**’ — influiu algo — parabéns ao pajé. Palmas também ao respeitoso corifeu dos **acadêmicos rebeldes** pelo concurso apreciável que têm trazido às nossas últimas letras.”³⁰¹

A menção a *Arco & Flexa*, movimento mencionado dentro dos quesitos organizados por Dolores, tem a companhia de outra importante agremiação da literatura na Bahia: a Academia dos Rebeldes, de que é Pinheiro Viegas o principal articulador. Milhomens explica que a proposta teórica do Tradicionismo Dinâmico, aventada por Chiacchio, não é compreendida pelos seus seguidores, prejudicando o longo projeto, criado nos anos 1920, do destacado mestre dos jovens literatos. No quesito ‘obras’, o ensaísta prefere não emitir opinião a respeito dos livros de literatura na Bahia, seguindo direto para a avaliação da “imprensa”.

300 MILHOMENS, p. 1, 15 set. 1931.

301 Id. Ibid., p. 1.

Em tom novamente cáustico, realiza seu veredicto:

Imprensa — Conquanto pobres, os nossos órgãos de imprensa constituem o espelho mais vivo e o campo mais fecundo da vida intelectual baiana. Quase que não editamos livros – imprimimos fracassos...³⁰²

Após a exposição de sua opinião negativa a respeito dos artistas, cuja maior característica é serem “por vezes, a síntese da coletividade”, ele avança para a nomeação das instituições culturais:

Últimas palavras — Seriam as precedentes, se me não lembro que possuímos uma ACADEMIA DE LETRAS, mais outra, sociedade e escolas de belas artes, que guardo lembrança confortadora, dos meus tempos de repórter. Impossível, entretanto, prosseguir em apreciações; chegamos ao FIM.³⁰³

O escritor aponta os órgãos culturais com a pena da crítica e do desapontamento, afirmando, contudo, a perspectiva do que existe. Em suas palavras, há a crítica em voga sempre dura dos jovens para os veteranos e, com isso, a descrença nas instituições que ainda não freqüentam. O aparecimento dos livros e o diálogo com os representantes do sistema literário, apesar das deficiências, modificam algumas das opiniões. A participação no inquérito, do futuro romancista da Bahia, Nestor Duarte, é complexa porque seu artigo, na medida em que confessa um cabedal aprofundado e cuidadoso de leituras filosóficas e teóricas, segue a mesma linha de discussão censurada pela coordenadora do questionário.

No texto de introdução ao ensaio do colaborador, Maria Dolores apresenta a figura do romancista Nestor Duarte³⁰⁴ como de grande talento jovem: “Responde-nos hoje à enquete o dr. Nestor Duarte, sem possível dúvida um dos mais vigorosos

302 MILHOMENS, p. 1, 15 set. 1931.

303 Id. Ibid., p. 1.

304 DUARTE, Nestor (Caetité, Ba., 3 fev. 1902 – Salvador, Ba., 26 dez. 1970), romancista, jornalista, dipl. Direito (1924), professor, advogado, político, membro da Academia de Letras da Bahia, prêmios Romance Brasileiro do *Jornal do Comércio* (1958); Caminhoá, Estado da Bahia (1967). Bibl.: *Gado Humano*, 1937 (rom.); *Cavalo de Deus*, 1968 (rom.); *Tempos Temerários*, s/d (rom.); obras jurídicas. In: COUTINHO; SOUSA, 1987, p. 535, v. 1.

talentos da geração nova de intelectuais conterrâneos.”³⁰⁵ A resposta do jovem advogado assume ares de humor inspirado na forte censura com que a organizadora inicia o ensaio sobre Hormindo Marques: “Aqui me tem, pois, sem fugir à sabatina, a que me entrego resoluto. Criado a seu mandado, respondo, mesmo sem discutir se posso, ou não, fazê-lo ao que me perguntou, com soberano direito.”³⁰⁶

A resposta de Nestor Duarte vai também pelo caminho da fraqueza cultural que tanto decepciona Dolores. As concepções literárias de Duarte estão competentemente fundamentadas em visões críticas nacionais generosamente divulgadas. O depoimento é absorvido pelo sistema, mesmo que se trate de ataques ao palco da ação literária. O deslocamento e os efeitos da proposta de Dolores é que devem ser observados. Uma construção intelectual na forma de dilema de cultura: o “tateio ébrio” pela medida entre a cordialidade corruptora e a crítica do *bota abaixo*.

Como se vê a seguir, ser crítico confunde-se com a censura à limitação histórica e construir um caminho com o *corpus* disponível é ser simpático e conservador:

Não há propriamente, entre nós, um movimento literário. Há expressões individuais. Há nomes novos e velhos, que mantêm ou preenchem a função de escrever e cantar como outros a de viver ... sem escrever nem cantar.

Tudo porém, sem intensidade, como se requer na província, onde se cultiva manjerição em canteirinho de quintal.³⁰⁷

A opinião depreciativa do escritor marca uma oposição consagrada nos estudos literários: centro *versus* periferia. Tal confronto sempre está presente quando se tem o conflito dos momentos de transição. Assim é com o advento da independência política do Brasil, e a querela da língua portuguesa ou brasileira, assim como da literatura. Nessa antiga disputa, o positivo é oferecido ao centro

305 DOLORES, Maria. Apresentação. In: DUARTE, Nestor. Bahia intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 25 set. 1931.

306 DUARTE, Nestor. Bahia intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 25 set. 1931.

307 Id. Ibid., p. 1.

(metrópole) e o negativo à periferia. Em literatura, romances e narrativas fazem dessa polêmica motivo para a escrita de livros de sucesso como *A esfinge*, de Afrânio Peixoto. A divergência tradicional entre as duas instâncias espaciais e ideológicas também constrói um discurso onde à região é comum que não se rompa certos preceitos antiquados, os quais Maria Dolores, uma jovem também contestadora das regras tradicionais (porque tem a coragem de separar-se do marido e constituir nova família) tenta deslocar.

Uma vez compreendida a impossibilidade de contestar o atraso local ou de seu, no mínimo, hibridismo com visões dos centros culturais, o jovem escritor aciona a catalogação dos escombros a serem removidos pela infalível máquina modernizadora. Ele argumenta sobre os hábitos comuns da intelectualidade:

Na Bahia, já o disse certa feita, somos um compêndio de renúncias. E de inação também. Para as expansões mais refratárias temos o recurso da conversa. Nosso único movimento mental não é mais do que debate em grupo, pequeno debate, em grupo, maior ou menor, reunido ao calor dalguma intimidade. Conhecemo-nos reciprocamente, visitamo-nos por aproximação de vizinhança mais ou menos estreita. E só. Nem uma projeção a mais, nem um ruído mais alto. Tudo intramuros, como convém a cidadãos pacatos duma terra que nasceu velha e dormiu para não renascer mais moça.³⁰⁸

O tom da resposta íntegra, principalmente, reconstitui o caminho da cultura portuguesa da cordialidade, pela desatenção à competência, na tomada do espaço social. Duarte avisa que a literatura, como as outras áreas da sociedade, necessita de competência para o efetivo desenvolvimento, e não o cultivo da afetividade como agregação de valor simbólico. Há uma literatura missivista generosa sobre pedidos e promessas de cargos e empregos desde a *Carta de Caminha*, passando pela liberdade de publicação dos nossos primeiros livros (homenagens e bajulações são ingredientes que possibilitam o aparecimento de poemas fundadores como *O Uruguai* e *Caramuru*).

A lembrança de textos de outros tempos serve para encontrar coerência

308 DUARTE, p. 1, 25 set. 1931.

social onde parece haver equívoco originalmente. Esse modelo de organização informa a permanência de códigos sociais, nos quais a ‘desconfiança e o bocejo’ de que narra Manuel Antônio de Almeida, no seu *Memórias de um sargento de milícias*, são artigos plenamente obedecidos. Por isso, Duarte reclama da rotina de cultura adormecida. No entanto, não se pode creditar ao favor e à cordialidade somente os louros da formação de uma sociedade tão acanhada.

Esses códigos são mais eficientes na construção do indivíduo no contexto nebuloso da sociedade: o público e o privado. A cultura é vista como negativa externamente, porque há uma valorização pelo corpo e prazer simbolizados nas festas mundanas, sincréticas e religiosas. Ela também é pejorativa no espaço interno, porque seus pares não conseguem escapar da parceria intelectual levada pela intimidade e afetividade. O depoimento de um grande romancista da Bahia da época constrói uma sociedade sem saída, tanto no espaço privado quanto no público.

A irônica qualificação de adormecidos para uma nova literatura e intelectualidade é a linha de frente de um raciocínio sobre a ordem de cultura na qual há excessos de repúdios e insuficiência de interesses. A existência de antíteses e confrontos providencia o movimento semântico do sistema. A fisionomia da literatura como ação, ao ser pressuposta em projeto, surge no comportamento dos seus partícipes, como na passagem abaixo:

São nomes que venceram e ficarão. Entre 'novos' e 'velhos'. Todos valendo, repito, como expressões individuais, porque não há, é claro de ver, uma corrente literária, a parte na Bahia, nem uma poesia, a que se possa chamar de baiana nos moldes de uma escola, que a nossa terra, diga-se de passagem, não seria capaz de possuir por agora.³⁰⁹

A avaliação de Nestor Duarte é a única que posiciona a literatura baiana, daquele momento, como anterior à fixação de um sistema literário próprio, o que confirma algumas histórias da literatura que desejam classificá-la como “manifestação literária”. As observações do romancista ainda formam uma terra

309 DUARTE, p. 1, 25 set. 1931.

“devastada” ou o “vazio” literário preenchido, quiçá, por ele mesmo no futuro. Obviamente, há opiniões adversas e mais animadoras, porque havia escritores baianos de reputação e de razoável prestígio no mercado livreiro em outros centros do País:

Entre um Artur de Sales, um Chiacchio, um Eugênio Gomes e um Godofredo Filho, por ex., para só citar os que conheço mais de perto hoje, não há as linhas de uma corrente, nem os cânones comuns de uma escola a os unirem.³¹⁰

Para o crítico, há na Bahia poetas de temperamentos diversos, influenciados por predileções intelectuais, por educação e por sensibilidade. “Cada qual negociando com as letras e a lira por conta própria e sem atividades solidárias.”³¹¹ A incidência positiva, para a história da literatura, que faz aparecer os combates estilísticos e as oposições tem efeito contrário no interessante raciocínio crítico de Duarte, diga-se de passagem, nem tão distante das discussões do seu tempo.

Que escola, por ex., formará a Senhora com esse caboclo mulato selvagem e admirável que é Artur de Sales e esse educado, mas malcriadíssimo, Eugênio Gomes que não faz versos clássicos por pirraça, enquanto aquele ainda não quis fazer versos modernos, por orgulho?³¹²

Apesar da má vontade advinda de falta de coerência dos melhores autores, em sua opinião, o escritor ainda observa nisso uma validade crítica, porque caracteriza a vigência dos modelos da Modernidade. Ao futuro romancista, interessa a filiação estética à produção efetiva — tão estandardizada e tão pouco abordada nos caminhos escolhidos pelo seu discurso crítico. Não fosse o ranço de certo determinismo, estaria se aproximando das contribuições latino-americanas para a cultura do Ocidente, como bem aponta Santiago:³¹³

310 DUARTE, p. 1, 25 set. 1931.

311 Id. Ibid., p. 5.

312 Id. Ibid., p. 5.

313 SANTIAGO, Silviano. O lugar do discurso latino-americano. In: _____. *Uma literatura nos*

Cada qual que faça 'o seu ritmo livremente', como manda a licença moderna, para maior afirmação das tendências, por certo, contraditórias e vagas de nossa *psiqué* revessa e complexa, que um clima, um pandemônio de raças e os paradoxos de um trópico enigmático estão gerando ou eliminando.³¹⁴

Infelizmente, apesar de essas idéias já estarem em gestação e voga através das defesas antropológicas de Gilberto Freire, no seu clássico *Casa Grande e Senzala*, as teses raciais de Afrânio Peixoto ainda são levadas em conta por Nestor Duarte. Desde o início do texto, ele obtém uma regularidade crítica pelas observações coerentes com postulados de histórias da literatura e autores que, mesmo sem concordar com elas, a minha leitura vai divisando de perto. Os motivos estão descobertos pelo acento cientificista do crítico. As expressões mulato e caboclo arrumam-se coerentemente à ordem de um grande bloco de textos que formam ou enriquecem as duas negativas seguintes: mistura de raças e clima adverso.

Cientificamente, até bem pouco tempo, não se poderia retirar lição mais negativa da desordem causada por um país tropical e de raças inferiores misturadas à branca. No item movimentos literários, o crítico lembra a figura de Carlos Chiacchio e seus dois grupos, *Nova Cruzada* e *Arco & Flexa*. A primeira tem guardada a escola romântica e os nomes que fazem parte daquela tradição.

O segundo grupo, para Duarte, é a imitação dos movimentos de São Paulo e do Rio de Janeiro:

É essa a origem de *Arco & Flexa*, cuja atuação em nosso meio terá o mérito de repetir e continuar o movimento literário moderno que o Rio e, sobretudo, São Paulo iniciaram no Brasil por imitação, a princípio e por fim, por libertação, por mais paradoxal que pareça, dos modelos exóticos que copiamos assustadoramente.³¹⁵

trópicos. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 17.

314 DUARTE, p. 5, 25 set. 1931.

315 Id. Ibid., p. 5.

A contribuição de Duarte é das mais contundentes a respeito das condições teóricas dos movimentos literários. Diferente, por exemplo, de Carlos Chiacchio, que, correndo o risco de ser reacionário, prefere buscar palavras independentes. Nestor Duarte, a partir de bibliografia que se pode perceber — Afrânio Peixoto, Ronald de Carvalho e outros — consegue criticamente posicionar o atraso e o tradicionalismo. Mesmo sendo verdade, não parece motivador dos jovens talentos “indisciplinados” que carecem de sua palavra.

Avalia, estribado nas leituras abonadoras, que a libertação dos modelos estranhos é urgente para que se possa abandonar o “complexo de inferioridade” comum à literatura da Bahia. A reprimenda ao primeiro Modernismo paulista dá-se pelo gosto exagerado aos símbolos representativos do primitivo e, portanto, por um distanciamento de ser civilização:

É verdade que o movimento modernista veio, de início, muito exagerado. Amava por excesso contrário e demais, a anta, o papagaio verde e amarelo, o cabelo pixaim, o fartum mal cheiroso dos lundus mulatos e outras tantas impudências crioulas, mas, reabilitou, o que era digno de reabilitar de nossa casa, de nossa gente e de nosso sangue.³¹⁶

As palavras negativas a respeito da valorização das raças negras e índias também são proferidas por um dos últimos entrevistados: Ramayana de Chevalier,³¹⁷ como característica negativa da literatura local. Para desgosto de todos eles e por sobre muita resistência, mais e mais o sistema cultural vai seguir o caminho aberto pelo escândalo da “nega do cabelo duro”³¹⁸. Apesar do tom elitista e de censura quanto à estima de aspectos culturais de raças consideradas inferiores, “fartum mal cheiroso dos lundus mulatos”, o ensaísta vê de maneira positiva o trabalho do

316 DUARTE, p. 5, 25 set. 1931.

317 CHEVALIER, Ramayana de. A Bahia intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 1 e 2, 6 nov. 1931.

318 Basta lembrar da literatura de Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro, o Tropicalismo e todas as manifestações relacionadas à música baiana contemporânea, do Axé ao Arrocha, e do cinema de *Cidade baixa* e *Ó paí, ó!* O sistema alimenta-se de díspares elementos formadores, desde a elaboração estética à guarda da identidade étnica. Enquanto há a valia para o funcionamento, seu movimento traciona todos aqueles elementos para o campo visual das áreas, apesar da reprimenda e da negativa moralista ou castradora. Quanto mais o profissional é fechado dentro da sua especialidade mais tenta em vão afastar as impurezas das outras áreas que o sistema (também o sistema da literatura) lança em seu campo de atuação e estudo.

Tradicionismo Dinâmico proposto por Chiacchio:

Esperando que ele preencha na nossa imaginação e nas fontes de nossa inspiração literária aqueles claros e recessos demasiadamente cheios de europismo saudoso e de algum modo inatual na nossa expressão artística.³¹⁹

Para ele, a literatura baiana está evoluindo, mesmo que não possa concorrer com os centros do Sul, pela pujança econômica e o “fator gente”, densidade demográfica. Após o ensaio muito bem conformado de Nestor Duarte, a organizadora imprime o texto de outro nome de peso do articulismo. Enfileirado aos impiedosos críticos da Bahia intelectual, especialista em debates polêmicos, ideológicos e intelectuais, o catedrático Pinto de Carvalho expõe parecer rigoroso a respeito dos movimentos de cultura dos baianos.

Sexto escritor a enviar resposta sobre a iniciativa de dona Maria Dolores, é professor da Faculdade de Direito e assíduo cronista e crítico de *O Imparcial*. Em seu texto introdutório aos autores, garantindo a justeza da presença de tal nome, a poetisa apresenta as credenciais do colaborador, qualificando-o como intelectual de competência:

Pinto de Carvalho reúne, todavia, em sua fulgurante personalidade as afirmações de um singular crítico de arte e de um finíssimo analista de fenômeno relacionado com a literatura, nas suas diferentes modalidades, quer poéticas quer romanescas, quer jornalísticas, quer científicas. Daí o fato de ninguém, em terras baianas, o exceder na autoridade opinativa dos valores da pintura ou da música, da poesia ou do jornalismo, da novela ou do romance, na arte, portanto, e na ciência.³²⁰

O crítico promete demonstrar a sinceridade exigida pelas questões preparadas pela “missivista”. Sua primeira resposta diz respeito à literatura:

319 DUARTE, p. 5, 25 set. 1931.

320 DOLORES, Maria. Apresentação. In: CARVALHO, Pinto de. A Bahia Intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 29 set. 1931.

A Bahia não tem literatura: – poderá ter, quando muito, alguns poucos literatos. Só. E, repito, bem poucos. Literatura seguida, com certo nexos, orientação, vitalidade, é coisa que entre nós não sei que existe. Homens de talento, isso sim, andam por aí diversos: – alguns jovens, ainda balbuciando, ensaiando os primeiros remígios, asas ainda inexperientes e pesadas; outros já menos moços, avelhantados mesmo, esses a que a minha simpática missivista chamou um dia, espirituosa e maliciosamente, de *medalhões*.³²¹

Os talentos dos quais fala Carvalho são de duas categorias, alguns jovens ainda inexperientes e outros veteranos, que publicam em livro e jornal de que se pode valer o exigente crítico para emitir o seu julgamento. Todos juntos, em sua opinião, “não chegam, ainda assim, para constituir o que se possa denominar uma literatura,” mas essa deficiência não pode ser atribuída somente à Bahia:

Já no Brasil o movimento literário é realmente tão escasso que não haverá crime em afirmar ser ainda inexperiente e pobre a literatura brasileira. Que dizer da baiana, dentro de cujas lindes se poderão contar pelos dedos os nomes que se destacam em justificado relevo?³²²

O entendimento sobre a literatura brasileira de Pinto de Carvalho, repetido rapidamente por Nestor Duarte, antecipa em mais de duas décadas o clássico postulado de *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Cândido. Isso significa que idéias a circularem nos meios jornalísticos e em discussões de conferencistas entram para o sistema acadêmico, onde perduram amparadas pelos argumentos das cátedras. As palavras que marcam os pontos de partida para a abordagem da literatura brasileira circulam tanto no meio crítico baiano, de onde partem as idéias de Carvalho, e de São Paulo, por qual o professor da Universidade de São Paulo as capta e as registra na sua história:

Estamos fadados, pois, a depender da experiência de outras letras, o que pode levar ao desinteresse e até menoscabo das nossas. Este livro procura

321 CARVALHO, Pinto de. A Bahia Intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 29 set. 1931.

322 Id. Ibid., p. 1.

apresentá-las, nas fases formativas, de modo a combater semelhante erro, que importa em limitação essencial da experiência literária. Por isso, embora fiel ao espírito crítico, é cheio de carinho e apreço por elas, procurando despertar o desejo de penetrar nas obras como em algo vivo, indispensável para formar a nossa sensibilidade e visão do mundo.

Comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca.³²³

À medida que avança para responder de forma grandiosa sobre a literatura brasileira, Cândido emite uma qualificação definitiva e bastante acatada a respeito daquela produção: “Comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca.” Tanto Carvalho quanto Cândido defendem que o subdesenvolvimento é a nossa mola mestra intelectual e literária. Insisto que a gravidade não está na verdade constatada (nós fomos interditados e começamos tarde nossa caminhada intelectual), mas na transformação do fato em teoria. Como se não bastasse, estaríamos fadados à dependência de outras culturas para constituir nossa personalidade intelectual.

Apesar de o argumento de Cândido ter o privilégio de ir mais longe do que a estética da terra arrasada, não há necessidade das estratégias de destruição e remoção dos detritos. A nossa descrição é o contorno de uma planície vazia. Os complexos de inferioridade e ressentimento correm o risco de interceptar a produção da literatura de jornal. O problema começa a ocorrer quando, no dizer de Pinto de Carvalho, ao se falar numa instância sabidamente menos privilegiada – a Bahia – as possibilidades discursivas coerentes para o âmbito nacional tornam-se hiperbólicas. Em outras palavras, o estudo pode ficcionalizar a realidade: se o nacional é fraco, então, o regional não existe.

Na concorrência das fraquezas, opta-se por generalizar e homogeneizar diversidades concretas. Além da concretude, as construções obnubiladas sempre têm ações de resistência. Ou seja, culturalmente aprende-se que, para toda depreciação (como “fartum malcheiroso”), há uma palavra discordante (como o desejo de reparação); para todo exílio à margem social (criminalização da capoeira) manifesta-se a reivindicação de espaço no palco cultural (a literatura de Jorge

323 CÂNDIDO, Antonio. Prefácio da 1ª edição. In: _____. *Formação da literatura brasileira — momentos decisivos*. 5. ed. São Paulo/Belo Horizonte: EDUSP/ Itatiaia, 1975. p. 10.

Amado cumpre esse papel).

O sistema beneficia-se dessa dinâmica. Em determinado momento, perguntar-se-á aos estudos literários como se posicionaram a ela. A literatura da Bahia contribui para o sistema literário porque o seu ser caracteriza tal movimento de forças tanto nas ações quanto nas idéias. Mesmo a conciliação, tão eficiente em outros eventos, não surte efeito na demanda retratada por Dolores. A concordância das idéias críticas, em 1931, e na historiografia central que conduz os caminhos críticos até a contemporaneidade, em 1959, demonstra uma idéia vencedora pela coincidência de leituras brasileiras e estrangeiras, principalmente as histórias da literatura de Sílvio Romero e José Veríssimo.

As observações severas de Carvalho em relação à prática literária e intelectual são similares também a todo o entorno cultural, que sofre das mesmas carências: “Na prosa, no jornalismo, na poesia, como nos demais domínios da arte, é essa a verdade verdadeira.”³²⁴ A cultura francesa é forte no seu texto, há várias citações em francês. O crítico admite posicionar-se sobre as gerações literárias, o que a iniciativa da poetisa atinge conscientemente: momento de avaliação e passagem de uma para outra etapa da cultura literária, pondo em evidência o choque de posicionamentos e opiniões das duas gerações.

Ele concorda com a opinião de Xavier Marques (em sua resposta). Para o crítico, a juventude literata sofre por virar as costas aos escritores mais experientes. A consequência da rejeição ao acervo constituído, nas figuras dos imortais Marques e Afrânio Peixoto, é a reprimenda dos novos cenários literários pela autoridade dos decanos. Contaminados pelos modelos modernistas vindos do sudeste, os jovens desejam mais firmar-se do que render graças aos veteranos:

Sei que estou a lembrar nomes do período que por aí andam a chamar de *passadista*. Como se em arte existisse presente e passado. Como se as grandes obras de arte não fossem de todos os tempos e de todas as idades.³²⁵

324 CARVALHO, p. 1, 29 set. 1931.

325 Id. Ibid., p. 2.

Carvalho se posiciona na defensiva contra a onda de juventude e renovação; para resguardar-se, evoca os “exemplos máximos da literatura e da arte”, que significam os clássicos de todos os tempos. Nesse rol, estão desde o *David*, *Moisés* e a *Ceia*, de Leonardo, a Capela Sistina de Raphael, a *Nona* de Beethoven, a *Ilíada*, a *Eneida*, o *Pantagrue*, *Divina Comédia*, *Dom Quixote*, “para não lembrar senão exemplos de culminâncias máximas e clássicas”. Contudo, pondera sobre os caminhos recentes:

Verdade é que vejo aqui fazer-se o preconceito de escolas que chamam de *futuristas*, *simbolistas* e outras singularidades que tais; fingindo ignorar que lá foram elas julgadas e banidas dos arraiais do bom gosto, em todo o mundo em que a arte é uma realidade. Dessa grande doença é que nos precisamos curar, não esquecendo nem descurando as recomendações de Boileau e muitos outros dos quais poucos contemporâneos, sobre a simplicidade natural e pura do estilo.³²⁶

As preocupações do crítico são uma mescla da perda dos grandes vultos do passado com o risco de se tomar gosto pelo que chama de “doença”. É interessante notar que sua avaliação se dirige pelo negativo sem saída, porque primeiro avalia que não há literatura, depois vê resquícios por onde vazam manifestações recriminadas nas quais, para ele, residem a verdadeira arte — a Europa:

Quando na Ópera de Paris ressuscita-se Bellini e em todos os concertos sinfônicos da cidade do espírito dominam Beethoven, Wagner e a música russa, aqui fala-se de oitava, salvo para exceções, das maluqueiras extravagantes de Stravinsky e Vila-lobos. Quando Picasso já declarou que toda a sua reforma não passou de formidável *blague*, mantêm-se muitos boquiabertos diante das aberrações dos ultra-modernos. Na Comédia repetem-se os versos imortais de Corneille e de Racine; — aqui, adora-se Marineti. Assim por diante. No entretanto, a beleza eterna, essa mesma que Goethe simbolizou para todo o sempre na figura resplandecente da sua *Helena*, zomba de todas essas jogralices e extasia os espíritos verdadeiramente cultos com o belo ultra-luminoso da sua formosura.³²⁷

Para ele, é impossível que exista na escrita dos patrícios alguma poesia que

326 CARVALHO, p. 2, 29 set. 1931.

327 Id. Ibid., p. 2.

possa influenciar a literatura brasileira. Contudo, cita talentos, na arte, dignos de amadurecimento para a posteridade e caminho para os mais novos. “Pois não possuímos um Fróes, um Presciliano, um Vieira de Campos, um Artur de Sales e outros?”³²⁸ Otimista com o futuro da literatura baiana, credita até a própria Maria Dolores os seus préstimos literários e de divulgação: “Maria Dolores mesma, com os seus trabalhos, com o seu talento, com a sensibilidade aguda do seu temperamento de artista refinada, está a contribuir com o seu raio de luz? E ainda bem...”³²⁹

Além da literatura, aconselha pelo trabalho sério da crítica literária para que apareçam as resenhas capazes de dar forma à nova literatura:

O que é preciso, porém, é que a crítica malandante, mesmo ministrada *ex cathedra* por competentes e por capazes, não esteja a cortejar em demasia os primeiros passos dos que começam, deles falando como se já houvessem alcançado as cumiadas da perfeição, absolutamente integradas em personalidades de medidas.³³⁰

Outra preocupação do crítico é o modo como se dá a avaliação dessa produção. De fato, risco tão grave quanto encerrar a produção literária numa redoma de limitação e fraqueza é o julgamento exageradamente otimista. Nos dois casos, atinge-se outro objeto e não a literatura em si. O século XX também é, coincidentemente, o momento da perda de prestígio da crítica literária como legitimadora dos textos novos. Seu espaço é ocupado pela teoria da literatura, mais elitista e especializada porque ligada às cátedras acadêmicas e menos capaz de manter o espaço generoso conquistado pela crítica literária profissional em jornais e revistas de massa.

O colaborador do jornal, com artigos e contos, Otto B. Sobrinho também se pronuncia sobre o inquerito. Autor muito apreciado pelos outros jornalistas, a sua opinião questiona diretamente a iniciativa de Maria Dolores. Talvez por isso tenha sido publicada no interior do caderno e não na primeira página. O seu texto tem duas características visíveis que o diferenciam dos outros: sai na quinta página do

³²⁸ CARVALHO, p. 2, 29 set. 1931.

³²⁹ Id. Ibid., p. 2.

³³⁰ Id. Ibid., p. 2.

jornal, na 'Página Feminina'; a apresentação é de Marta Olivar, companheira de Maria Dolores naquela página. É a notícia de uma dessas cartas com nomes falsos, como se imitasse *avant la lettre* os textos da internet, que motiva a colaboração:

Maria Dolores: — Uma carta, de quem? Talvez de algum colega meu de trabalho, teceu uma intriga, deliciosa intriga, que pôs uma aproximação entre nós dois.

É um amigo, que não é para mim o clássico amigo das comédias francesas e sim dono de um coração magnífico e adorável de poeta, contou-me, em uma mesa de café, toda essa aventura que eu vivi, como um anônimo boçal, que diz insolências a uma mulher cheia de espírito.

Que diria essa carta? Não sei.

Entretanto, se ela fosse minha, ela diria isso:

— De há muito eu ansiava por um inquérito como o seu. Queria-o, porém, organizado por alguém que pudesse assumir a responsabilidade de seu preparo, que possuísse o valor necessário para encabeçá-lo.³³¹

O seu depoimento corre o risco de ficcionalizar a realidade escrita, uma vez que institui a figura do *ghost writer* inserido num real que precisa do olhar cuidadoso para ser alcançado satisfatoriamente. A indefinição entre a existência concreta de tal “intriga amigável” e a utilidade competente do artifício para tomar parte nas questões do inquérito e na delicada vida literária estão em jogo no texto. Também, posicionando-se aparentemente em lugar simpático à redatora, demonstra a opinião dos colegas de trabalho:

Um dia, pelo *O Imparcial* você lança as bases, organiza e eis, ante a curiosidade intelectual da terra as perguntas bem feitas. Mas, quem era Maria Dolores?

Expliquei aos colegas que juntaram-se em torno de mim, quem era você.

Falei dos seus poemas, dessas jóias magníficas que você expõe nas colunas-vitrines de um jornal. Conteí que a sua alma mergulhou no lago azul da poesia e saiu de lá, inundada de beleza, para o deslumbramento dos nossos olhos, como uma carícia macia para a nossa estesia.

331 BITTENCOURT SOBRINHO, Otto. Em torno da *Enquete* literária d'*O Imparcial*. *O Imparcial*, Salvador, p. 5, 22 out. 1931.

Falei do seu espírito que se derrama semanalmente sobre toda uma página.

E eles, ao que me ouviam, tiveram o sarcasmo de um sorriso, quando retrucaram:

— “Mas, ela põe o grupo arcoflexeiro como o renovador intelectual da hora em que vivemos.” Calei-me. Porque, ao estudarmos esse movimento restaurador que se opera na nossa vida literária, não encontramos influência nenhuma de *Arco & Flexa*, revista que viveu para um grupo reduzido e desapareceu como veio, desconhecido.

O *tradicionalismo* [sic] *dinâmico* do sr. Dr. Carlos Chiacchio, tornado em um *cavalo de batalha* (perdoe-me o termo a terra da imagem) continua (...) até hoje, uma nova Esfinge, indecifrável a todos e a tudo.³³²

O ataque do escritor tantas vezes elogiado na enquete demonstra a isenção do projeto, mesmo que censurado pela apresentação reprovadora da cronista Marta Olivar. Sobrinho é o primeiro a pôr em dúvida a autoridade de Carlos Chiacchio e a importância de *Arco & Flexa*. Através da reprimenda do ensaísta, completa-se o grupo literário em torno do jornal, à época, e a sua importância, porque é preciso ser indelicado para romper a redoma de cordialidade tantas vezes afirmada pelos entrevistados:

Os valores, minha cara e desconhecida poetisa, não se aprisionam a chefetes, não juntam-se a um Eurico Alves, não andam nivelados a nenhum Jonatas Milhomens. Vivem, uns, independentes, sem controle algum, pensando e agindo livremente, odiados pelos nulos, queridos pelos livres. Os valores vivem como vive um Deraldo Dias, um Egberto de Campos Ribeiro, um Melésio de Paula, um Elpídio Bastos, um Bráulio de Abreu, um... outros muitos que eu conheço.³³³

A crítica de Sobrinho atinge também outros valores da poesia e da crítica consagrados pelas palavras de Maria Dolores, como o feirense Eurico Alves. Com o objetivo de atingir a formação literária que o jornal sempre apóia em suas páginas, o escritor ainda põe em dúvida a existência da organizadora:

332 BITTENCOURT SOBRINHO, p. 5, 22 out. 1931.

333 Id. Ibid., p. 5.

Alguns dos meus colegas fizeram suas as minhas palavras e escreveram uma carta, grosseira talvez. Julgam – e são muitos – que você não é senão uma influenciada de Chiacchio, quando não ele mesmo, mascarado por um nome feminino. Ou, se pensarmos assim, conversaria com ele próprio, porque não me amedronta a sua voz tonitroante, nem ando pela vida em busca de críticas camaradas, filhas queridas do Elogio Mútuo.³³⁴

O autor conclui o texto expressando respeito pela organizadora, admitindo que ela existe de fato. O texto de grupo reivindicador realiza a façanha, inesperada para a cronista Marta Olivar, de posicionar Chiacchio em lugar oposto aos modernos, e partícipe dos tradicionais. Ele emite um desrespeito intelectual, que Maria Dolores também deseja recolher em seu inquérito, haja vista a mesma acidez no texto de abertura do projeto, muito parecido com a ousadia de Otto Bittencourt Sobrinho e dos jovens escritores e artistas da Semana de 22, em São Paulo.

Além disso, a respeito da figura marcante e peculiar de Chiacchio, o depoimento sobre a sua voz “tonitroante” é uma das características do professor e do conferencista que fica na memória de seu colega Jorge Calmon.³³⁵ Segundo o emérito presidente da Academia de Letras da Bahia, uma de suas características marcantes é a poderosa voz na polêmica e na preleção. Os anos de Chiacchio, impressos por Sobrinho e Calmon, são os tempos das batalhas nos palanques e mesas de conferências. As páginas dos jornais e publicações possíveis representam aquele ambiente combativo.

A descrição do jornalista que vê de perto todas as controvérsias de que estou me ocupando implica que a luta intelectual também é ganha no “grito”, habilidade que Carlos Chiacchio, pelo visto, possui recursos para o êxito. O sistema tem a presença da oralidade como recurso competente para a impressão do escrito. Maria Dolores publica o texto do magistrado e escritor Carlyle de Chevalier. Sua participação traz o tom polêmico e a atitude de quem vem de fora e tenta contribuir criticamente para o sistema.

334 BITTENCOURT SOBRINHO, p. 5, 22 out. 1931.

335 CALMON, Jorge. Reencontro com Chiacchio. In: MASCARENHAS, Dulce. *Carlos Chiacchio: Homens & obras, itinerário de dezoito anos de rodapés semanais em A Tarde*. Salvador: Publicações da Academia de Letras da Bahia, 1979. p. 10. No capítulo 5, apresento uma leitura mais detalhada da opinião de Jorge Calmon.

O colaborador dos quesitos de *O Imparcial* vem muito bem recomendado pela sua organizadora. “Jornalista e estudioso de filosofia”, não é baiano de nascimento:

Não obstante ser nascido no Amazonas, em cujos rincões formou a sua inteligência, o nosso entrevistado há revelado os primores de uma cultura sistematizada, sobre assuntos filosóficos e literários, portador que ele é dos conhecimentos mais amplos sobre ambas matérias.³³⁶

Segundo Maria Dolores, do Amazonas, ele traz o livro *Compêndio de história da filosofia*, de Pedro Landázuri, “que ele verteu para o nosso idioma, fazendo uma substancial introdução e inúmeras anotações, que lhe premiaram com as críticas de individualidades mais em evidência no pensamento nacional.” Também prepara outro livro, *De Nietzsche a Spengler*, para aquele ano corrente. Na visão de Chevalier, o desagregado ambiente literário baiano sofre por não ter um caminho seguro a seguir. Além dos chamados chefes de grupos estarem perdidos numa algazarra sem personalidade, falta à literatura um estilo que condense e dê mostras de vitalidade.

Insistindo na parte estilística, cita os nomes importantes nessa área: Buffon, Remy de Gourmont, Ernest Renan, Pascal, Anatole France, Bossuet, Flaubert, Saint-Beuve, Euclides da Cunha. Todos autores que sofrem com o que ele chama de “tortura do estilo”. As deficiências da literatura moderna na Bahia estão ligadas a problemas em todo o continente, segundo o estudioso amazonense:

A nova poesia baiana, presumo-a desvitalizada pela incompreensão mesma do ritmo novo da poética continental, isto é, da poética ibero-americana. Pergunte, d. Maria Dolores, a qualquer um dos aedos modernistas nossos o que significa o ultraísmo. Interrogue-os sobre o dadaísmo. A primeira escola, chefiada por Guilherme [Guillermo] de Torre, desprezou o ritmo e a rima do verso para abraçar, com elevação e amplitude, a metáfora ideológica. A segunda, seguiu o rastro do satanismo maluco de Marinetti. Se me disserem que Carvalho Filho ou Pereira Reis Júnior são os nossos representantes do ultraísmo eu o aceitaria de bom grado. Mas, colocar-se esse pitoresco Eurico Alves nessa mesma plana, seria cometer-se um

336 DOLORES, Maria. Apresentação. In: CHEVALIER, Carlyle de. Bahia intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 3 nov. 1931.

atentado contra Guilherme [Guillermo] de Torre...³³⁷

Crítica aos nomes mais contemporâneos, e de certa forma, com lugares certos nos compêndios de pesquisa depois do advento dos departamentos de pós-graduação, Eurico Alves e Carvalho Filho. Também aponta os nomes dos poetas que escrevem obra grandiosa em meio à involução modernista: Artur de Sales e Eugenio Gomes. Apesar de todas as credenciais filosóficas, ainda é o determinismo científico a medida canônica para as avaliações de Chevalier:

A formação etnológica do brasileiro é a mesma, tanto no Ceará como aqui. O sentimento doentio é idêntico. E, a verdade mais acabrunhante, é que, no terreno poético, nós estamos na retaguarda, hoje em dia, de quase todos os centros culturais do país. Melhormente dito, afina a poética baiana pelo mesmo diapasão fanhoso da de todo o território nacional.³³⁸

Retornam as idéias deterministas e racistas somente encontradas uma vez no projeto de Maria Dolores, nas respostas de Nestor Duarte. Apesar disso, é preciso dizer que essas idéias ainda não estão ultrapassadas no período, porque é desse mesmo ano de 1931 *As noções de história da literatura brasileira*, do nacionalmente acatado presidente da Academia Brasileira de Letras, Afrânio Peixoto. As suas *Noções* ainda assentam na esperança do desenvolvimento do País a partir do desaparecimento das raças inferiores, negros e índios. No mesmo momento em que se aproveita para mais uma vez atingir os novos escritores patrícios, sem o saber, o estudioso apresenta outro aspecto importante do sistema da literatura — os locais de reunião dos grupos:

Com que pavor eu digo isso! Sim, porque parece estar vendo o irônico e brilhante Chiacchio, manipaço e risonho, rodeado de pintainhos, ali bem no canto da Farmácia Chile, a me olhar de esguelha, soltando uma das suas gostosas gargalhadas, através de um dichote do apalermado Eurico Alves...³³⁹

337 CHEVALIER, Carlyle de. Bahia intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 3 nov. 1931.

338 Id. Ibid., p. 1.

339 Id. Ibid., p. 2.

A Farmácia Chile, uma das patrocinadoras da revista *Arco & Flexa*, talvez por ser Chiacchio médico, também faz parte do ambiente literário, por acolher em suas acomodações as discussões sobre arte e poesia. E à medida que se vai evoluindo, outros lugares também aparecem, além das mesas sempre generosas dos bares e restaurantes condescendentes, as oficinas de tipografia, as redações de jornais e as salas de instituições como o Instituto Geográfico e Histórico e a Academia de Letras da Bahia. Diga-se de passagem, mais uma vez o poeta de Feira de Santana, Eurico Alves, é citado pejorativamente pelo ensaísta.

Apesar de ter vencido, a revista *Arco & Flexa* encerra a publicação como “um aborto de Chiacchio.” Intimado sobre seu percurso intelectual, apresenta os nomes prediletos na sua área, a filosofia: o amazonense Adriano Jorge, os estrangeiros Espinosa, Nietzsche, Spengler; na literatura, Anatole, Balzac, Tagore, Pedro Landázuri. E em matéria de jornais, crê que os parques diários estão em acordo ao ambiente reprimido, que não comporta folhas mais avançadas. O único que se sobressai é *O Imparcial*: “A não ser *O Imparcial*, único jornal opinativo da terra, por ser exceção, e exatamente por isso nele trabalho, o restante cabuja naquelas malhas. As elevadas preocupações mentais fogem dessa rede asfixiante.”³⁴⁰

A sondagem crítica de Chevalier é negativa porque se baseia no combate ao grupo de Chiacchio e seus discípulos, espécie de monopolizadores dos órgãos de imprensa e culturais da cidade de Salvador. Suas palavras parecem acompanhar o desejo de aceitação em terra para onde é transferido há pouco tempo. De qualquer forma, observações a favor e contra as iniciativas literárias da Bahia contribuem para a formação da fisionomia do sistema. O próximo entrevistado é irmão de Carlyle, Ramayana de Chevalier, e se dirige pelo caminho de avaliação do ambiente cultural em que está inserido. À semelhança de Carlos Ribeiro, o ponto de vista para a escrita do texto é o cotidiano de trabalho profissional na magistratura.

Além dos dotes de homem público, a organizadora atribui ao colaborador a prática de várias formas intelectuais, como a poesia e o romance:

340 CHEVALIER, p. 2, 3 nov. 1931.

É o dr. Ramayana de Chevalier quem hoje nos responde à *enquete*. Poeta festejado, orador brilhante, escritor polímorfo, a tudo isso empresta o dr. Ramayana o prestígio do seu espírito de observador, não somente culto como de robusta argúcia.³⁴¹

O entrevistado oferece a primeira articulação entre o ambiente literário e a atuação política do governo de Getúlio Vargas. Ele explica em que tipo de rotina profissional está envolvido ao receber a incumbência do inquérito:

Ah!... minha sensibilíssima e adorável consulente!... Trancafiado entre as quatro paredes de meu gabinete policial, sou jogado, como um duende, de um convite da Secretaria em Itapagipe ao apaziguamento de uma 'revanche' acadêmica no Terreiro... Meu cérebro chafurda-se na burocracia, e eu sinto-me feliz, porque assim servindo à Revolução, eu piso ao mesmo tempo mais um degrau de minha vida pública...³⁴²

Seu patriotismo de juiz é posto ao lado da *Revolução* de Vargas, a mesma que tantos transtornos causa ao jornal onde são impressos os textos da *enquete*. Sua desilusão com a literatura não impede que desfile nomes destacados onde “a vida intelectual é dispersa, desaproveitada, infeliz ... Os leitores não lêem. Os intelectuais não escrevem. Os verdadeiros valores se intimidam e se retraem”:

Alguns têm valor real. São em bom número. De Marques dos Reis a Aristides Novis. De Pinto de Carvalho a Rafael Spínola. Carlos Chiacchio só, sem favor, é um nome que enche um Estado. Artur de Sales, Eugênio Gomes, grandes cérebros, ótimos poetas. Tem mais. Têm muitos. Em redor de Chiacchio há uma companhia igual à do Chefalo. Gigantes mentais, dignos de nota: – Carvalho Filho, Fausto Penalva, Pereira Reis Júnior e Hélio Simões. E Anões... Os Euricos, os Maias, os 'flinfas', os 'mandus', os 'zinhos', os 'penetrantes', os 'críticos', e toda essa casta ornitológica, que quando não excita o riso, dá trabalho aos rins...³⁴³

341 DOLORES, Maria. Apresentação. In: CHEVALIER, Ramayana de. Bahia intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 6 nov. 1931.

342 CHEVALIER, Ramayana de. Bahia intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 6 nov. 1931.

343 Id. *Ibid.*, p. 1.

Outro autor faz crítica a Eurico Alves, assim como Carlyle de Chevalier e Otto Bittencourt Sobrinho. No tocante aos autores que se beneficiam com a menção no questionário, há nomes repetidos em todos os pronunciamentos. À medida que se vê o sistema em movimento, isto ocorre tanto por meio do elogio como da reprimenda. O ataque pessoal e a polêmica fazem parte do programa.

Além de autores estrangeiros como Tagore, Stuart Mills, Juana Ibarbourou, Agustín Freire, Roussél-Des-Pierres, Mauclair; a música de Beethoven, o canto de Eleanora Duse, a performance cinematográfica de Mata Hari; a filosofia de “Oswaldo” Spengler e Gasset, ele ainda cita a importância para a Bahia de Roberto Correia e Castro Alves. Nas suas escolhas, há lugar para notáveis do passado na política e nas armas:

Em todos os movimentos da cosmologia sociológica (perdoe-me o neologismo), operados na terra, desde a idade fanática de Inocêncio III à nossa era ciclópica e desiludida de Einstein, os poetas, os escritores, foram sempre, perante as multidões, reflexos da Pátria, iluminados baluartes da civilização e do civismo. Que foi Danton, orador de raça? Que foi Catão, solicitando a queda do fantasma cartaginês? Que foi Marat, tenebroso e formidável. E Robespierre? E François Villon? Hoje, no Parlamento gaulês, que maior celebração se desejava além de Clemenceau? De Briand? Que cabeça a de Carlyle conduzindo o povo bretão através de sua psicologia fecunda.

Que pensador profundo foi Washington! Que filósofo idealista foi Wilson!... E o espírito guerreiro, animador da massa, de Santos Chocano, o maior poeta das Américas? E, em nosso país, para o Sul, o verbo eletrizante de João Neves a levantar as cavalarias do pampa e a sacudir lenços vermelhos na charneca paraibana?³⁴⁴

A plêiade de poetas guerreiros continua com a citação de Gabrielle d’Annunzio e, no Brasil, Francisco Pereira; do Amazonas, Adriano Jorge e Álvaro Maia, Aldo Moraes, De Campo Ribeiro, Clovis Gusmão. Toda a lista de escritores guerreiros de outros países e estados é utilizada somente para acusar os literatos baianos de covardes e pusilânimes. O autor chega a ter uma posição preconceituosa, disfarçada por trás da suspeita de ter sido vítima de bairrismo por não ser baiano (ele é, como Carlyle Chevalier, amazonense). Dessa reclamação,

³⁴⁴ CHEVALIER, p. 1, 6 nov. 1931.

acrescenta:

Estagno verde... Bem teve razão a cerebração admirável de Carvalho Filho... Ou churriadas de psaltérios ou lambuzamentos negróides de 'acarajés' e 'dendês' nas salas divinas da Estética, com ilusões de regionalismo, quando esses nomes estrambóticos e essas comidas pestilentas, já haviam sido encontradas por Shackleton e Livingstone no Congo e vieram na entrelinhas do poema de Castro Alves, no Bojo dos navios cativeiros... Que regionalismo sensacional! Que compreensão de arte!...³⁴⁵

Para ele, há prosadores importantes insubordinados: Castelar Sampaio e Pinheiro de Lemos, que significaria cooperar com a *Revolução*, cuja sanha persegue com tanta pertinácia as resistências baianas. Atribui o final de *Arco & Flexa* ao ambiente atrasado para tamanha novidade. Perguntado sobre sua produção intelectual, afirma que “a Bahia é uma etapa asfixiante”, onde não vale a pena publicar, quem sabe no Rio de Janeiro. Nessa oportunidade, informa os livros inéditos:

“Igaçaba” (conto), “Revoada branca” (poemas), “Meu cigarro de Sonho” (poemas), “Páginas amazônicas” (esboços), “Os meus quadros de Rubens” (poemas), “Discursos e Conferências”, “Sonhadores e realistas” (estudos), “Para frente ou delírio?” (estudos psiquiátricos), “Klakson” (romance de introspecção), a minha tese de Psiquiatria, “Iluminados e Agitadores”, e ultimamente a minha novela “Publio Cendrars”, de feição psicológica social. E mais outros ainda, dispersos, vagos, imprecisos...³⁴⁶

Em tom crítico semelhante em relação ao jornalismo, avisa que “*O Imparcial* opina e resolve. *A Tarde* informa e divulga.” Eram as duas únicas surpresas agradáveis. Entre os poetas de revistas, brilham “Bráulio de Abreu, Berto de Campos, Bastos Pereira e outros pouquíssimos...”. Em todo caso, a explanação sobre as artes é bem vigorosa:

345 CHEVALIER, p. 2, 6 nov. 1931.

346 Id. Ibid., p. 2.

A Bahia de 931 nem parece a velha Bahia de *Nova Cruzada*... Enfim, se um corpo que se transformou num espectro evoluiu, a Bahia está num progresso assombroso...

Quanto à Arte... Coitada! Escultores da estatura de Cherico, pintores do estofado de Presciliano, o Mestre, de Mendonça Filho, o maravilhoso naturista das marinhas perfeitas... Alberto Valença, grande expressionista de talento; músicos do nome de Deolindo Fróes, de Rosa Santos Gemal, de Leopoldina Argolo; cantores da estirpe de Iderval, Alexandrina e outros e tantos outros que poderiam figurar em qualquer certame das metrópoles, alguns veteranos da velha Paris dos 'Salons' e das 'printemps'...³⁴⁷

Ramayana de Chevalier não esquece de repreender a sociedade intelectual e letrada da Bahia por não acolher a iniciativa de Maria Dolores. O esforço de uma mulher para avaliar e movimentar o ambiente cultural da cidade de Salvador e do estado. Outro fato, determinante da atitude misógina dedicada à trabalhadora das letras é o ocorrido com Edith Mendes da Gama e Abreu que, uma vez eleita para a Academia de Letras da Bahia, quase não consegue assumir sua cadeira.

A abordagem das questões relacionadas com a cultura literária sempre fazem parte da batalha no espaço social, seja para o “belo sexo”, seja para as minorias “cabelo de pixaim”. O sistema literário, na descoberta de seus diversos movimentos, configura-se como cenário de desobstrução de identidades reprimidas pelo terrorismo do saber.

4.4 Sistemas literários

Na “Bahia Literária”, os participantes e os responsáveis pela organização emitem opiniões, constroem valores para o debate e para a sociedade letrada envolvida, cuja importância deflagra o perfil do sistema literário. Imbuída de uma meta, que é provocar os criadores e críticos para um efetivo trabalho cultural, essas emissões apresentam um desejado sistema de *O Imparcial*. Em muitos momentos, a

347 CHEVALIER, p. 2, 6 nov. 1931.

literatura ganha contornos jornalísticos devido a sua guarda estar com a imprensa. É por esse veículo que ela pode circular e tomar um perfil mais nítido.

À medida que os textos vão saindo na primeira página do matutino, vem à tona a gravidade do assunto, como a cultura intelectual. Na condição de coordenadora, Maria Dolores sofre a ousadia da fatura. Suas observações antes da impressão dos textos e as avaliações no final daqueles demonstram que abordar e criticar sobre quais os caminhos das letras, matéria tradicionalmente a cargo das elites, nunca é tarefa fácil. O tom escrito de Dolores varia de uma insolência inicial para com as elites distraídas pelos “futins” inglesados à decepção com a palavra artificial, o silêncio ou a agressão.

Na introdução ao texto de Hormindo Marques,³⁴⁸ o quarto participante, a organizadora admite estar em pleno confronto intelectual. O desejo idílico por respostas otimistas a respeito de uma ação literária sem farpas e carapaças não constam mais das palavras da poetisa. Marques não deve ter percebido as homenagens prestadas aos outros autores. Nesse texto, ela faz uma primeira pesagem da proposta de trabalho. Logo de início, as posições culturais são problemáticas:

Confesso que estou revoltada contra os *valores intelectuais* desta terra.

São eles mesmos que andam a *blasfemar*, por si, contra a ignorância do nosso meio, em confronto com os outros Estados do Brasil. E são eles mesmos que se furtam a colocar a Bahia em evidência.³⁴⁹

No primeiro momento, a organizadora ataca a sociedade abastada pelo seu desprezo para com a cultura local, satisfeita com a imitação dos costumes ingleses e europeus. Ela descobre, provavelmente após a resposta cáustica e pouco otimista de Jonatas Milhomens (3º), que o problema está também dentro do meio cultural e literário que tenta avaliar. Não é somente a sociedade em geral que não valoriza a cultura produzida, mas também a própria literatura, através de seus produtores, que

348 DOLORES, Maria. Apresentação. In: MARQUES, Hormindo. Bahia intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 22 set. 1931.

349 Id. *Ibid.*, p. 1.

não consegue escapar de uma compreensão inferior do meio em questão. Para ela, é o ânimo por mobilizar o ambiente cultural que motiva a idéia das cartas aos “consagrados” para que “me ajudassem a sacudir esse pó de indiferença e de desamor pelas coisas da arte.”³⁵⁰

Um dos problemas observados por Dolores é a quantidade de evasivas e veleidades das quais se utilizam os entrevistados, pelo, no dizer dela, “receio de melindrar o amor próprio e a vaidade dos outros. Respondendo-me com evasivas ... Açucarando opiniões. Velando ironias ...”³⁵¹ O texto de Milhomens, mesmo tão severo nas afirmativas, não cita nomes para concretizar uma crítica elucidadora ou para o melhoramento da escrita. Nesse caso, realizando também uma limitação, porque avesso a “igrejinhas literárias”, não postulando nomes, faz as vezes de cultor delas. Irônica, a redatora não perdoa o silêncio dos literatos, pedindo-lhes colaboração, “nem mesmo num estilo bombom de chocolate.”³⁵²

A avaliação negativa traz de volta a provocação comparativa com os centros pretensamente mais adiantados quanto ao cuidado com as questões culturais.

E eu pressinto, decepcionada, triste e invejosa das outras terras que o sol do progresso ilumina, a inutilidade de tentativas para *dizer-se lá fora* que a Bahia tem homens de talento, e, sobretudo, de coragem...³⁵³

A colaboração do escritor e jornalista Otto Bittencourt Sobrinho também produz avaliação detalhada do projeto de Dolores. Uma nova apresentadora, Marta Olivar, incorpora sua visão da iniciativa. Os contatos entre as duas jornalistas na ‘Coluna Feminina’ confere autoridade para que Olivar externar, haja vista os desgostos da poeta idealista, os percalços e contratempos do ambicioso empreendimento:

350 DOLORES, p. 1, 22 set. 1931.

351 Id. Ibid., p. 1.

352 Id. Ibid., p. 1.

353 Id. Ibid., p. 1.

Levada por uma boa dose de otimismo, idealizou Maria Dolores a realização de uma “enquete” na Bahia.

Animaram-na os amigos; acolheu a idéia o diretor do *O Imparcial*. [...].

E foi-lhe uma faina deliciosa o escrever cartas e cartas.

De uma só vez foram dezoito cartas para o correio.

(Achei indispensável grifar o último período porque até hoje só quatorze entrevistados responderam aos quesitos.).³⁵⁴

Na avaliação retrospectiva, que narra os meandros da iniciativa do inquérito, a redatora toma também uma atitude crítica à sua realidade cultural, como se não houvesse espaço para empresas daquele quilate. Assim, ela nos informa quantas cartas são enviadas e o ânimo da destinatária. A participação de Carlos Chiacchio, de tão onipresente, quase opressiva, é tida como certa:

'Não! Eu sei que todos responderão.' O senhor Carlos Chiacchio, a quem a redatora desta página não teve ainda o prazer de conhecer, foi o primeiro a acudir com o indiscutível valor de seu acolhimento.³⁵⁵

No entanto, a interferência do ilustre motivador não parece, nas palavras de Olivar, ajudar o questionário. Seu poder de coadunar e orientar os acontecimentos durante todo o século que transcorre para como uma ameaça até para o prosseguimento do trabalho:

Porque surgiram, de logo, as intrigas da oposição. Picuinhas, maldades, infâmias. O anonimato não se fez esperar em cartas ridículas, carecentes de ortografia e concordância. Algumas, mais insolentes e comprovadoras da absoluta ausência de educação de seu autor, chamam-na até de 'máquina' movimentada pelo Dr. Carlos Chiacchio, pessoa a quem ela, asseguro-o, nunca ouviu, nem mesmo através dos fios telefônicos.

Outros criticam a sua preferência pela feitura harmoniosa e bem escolhida, de *Arco & Flexa*, como se não lhe fosse outorgado o direito de liberdade de

354 OLIVAR, Marta. Apresentação. SOBRINHO, Otto Bittencourt. Em torno da *Enquete* literária d'O *Imparcial*. *O Imparcial*, Salvador, p. 5, 22 out. 1931.

355 *Ibid.*, p. 5.

gosto e preferência...³⁵⁶

A avaliação de Marta Olivar demonstra também o ambiente aguerrido que outros depoimentos não tiveram necessidade de disfarçar. Nesse sentido, qualquer proposta crítica deve ser combatida como estratégia de um grupo para constituir superioridade sobre outro. E até o jornal, representante de facções políticas também tem vigiadas suas incursões em todos os campos. A intelectualidade e a literatura, no âmbito da imprensa, são coadjuvantes de lutas e contendias de motivação ideológica e política.

Dessas rusgas, muitas produções e autores não podem jamais libertar-se, apesar da notória competência, como Eugênio Gomes e Adonias Filho. Eles formam sua personalidade intelectual nesse espinhoso ambiente e estão acostumados a debater idéias. Contudo, não podem escapar da fatalidade do silêncio após cessar sua ação literária. Se ampliarmos os conceitos pejorativos intimamente ligados a produtores como Adonias e Gomes, podemos notar a falta de Maria Dolores, de *O Imparcial*, e assim por diante.

O olhar local pela literatura não consegue romper o filme (ou o ecrã) que vela pelos conceitos adotados em batalhas ideológicas passadas. Dificilmente se vai afastar para uma avaliação mais isenta da iniciativa de Dolores. O fato é que pertencer ou ser simpática ao grupo de *Arco & Flexa* só é problemático para os autores de outros grupos citados, que se supõem excluídos. Porém, até mesmo a perspectiva de combate e diálogo entre grupos torna mais complexo o sistema de literatura que até os grupos coevos não conseguem perceber. Por isso, a autora decreta aquilo que Nestor Duarte chama de adormecimento, ou seja, permanecer sempre numa postura em que o sistema é muito fraco para pretender vôos mais ambiciosos:

Incontestavelmente, era muito cedo ainda, para a idéia de um inquérito literário na Bahia.

Maria Dolores já está sobejamente convencida disto. Mas, não arrependida

356 OLIVAR, p. 5, 22 out. 1931.

de ter tentado despertar a sua terra dessa modorra intelectual.³⁵⁷

Seria interessantíssimo que se encontrassem as cartas não publicadas dos autores censurados pela coordenadora do inquérito. Apesar de inúteis para as pretensões mais reduzidas do jornal e da proposta da poetisa, são de uma riqueza muito grande à determinação do sistema literário. Nelas, estão os autores esquecidos, inconsoláveis, polêmicos, as propostas de minorias, de que somente a visada historiográfica em longo curso tem condições para perceber mais desse anti-sistema literário, uma vez que sabemos existirem, contudo, não viessem a público.

As informações do inquérito, formando o bloco de textos, representam um estudo aprofundado da literatura na Bahia. Os ensaios saídos semana após semana, afora o grau de combate dos grupos literários opositores, coletivamente, vai além da crítica impressionista, apresentando as teorias, descartando práticas e confirmando um caminho para se alcançar o êxito da literatura. Nesse momento, a iniciativa somente provoca os intelectuais. Em matéria, sabem eles, que envolve e compõe a estruturação cultural (interesses e aspirações).

Dois textos complementam e explicam o projeto de literatura ensaiado no inquérito de Maria Dolores: “Bahia intelectual”³⁵⁸ e “Academia literária dos Moços.”³⁵⁹ A notícia — “A Bahia intelectual” — que sai no dia 10 de novembro de 1931, elucida o projeto de Maria Dolores, afirmando ser uma escritora que se apresenta sob pseudônimo, e trabalha na enquete visando a uma motivação cultural na *Terra de Todos os Santos*. Ainda apresenta a regularidade da publicação dos textos: “Essas respostas foram editadas todas n’*O Imparcial*, nos dias certos de terças e sextas de cada semana,”³⁶⁰ formando aquilo que denomino de anti-sistema literário — a ausência daqueles, mesmo solenemente convidados, os quais não enviam as suas colaborações:

357 OLIVAR, p. 5, 22 out. 1931.

358 A BAHIA INTELECTUAL. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 10 nov. 1931.

359 ACADEMIA LITERÁRIA DOS MOÇOS — A SESSÃO INAUGURAL, ONTEM NO SALÃO NOBRE DA PREFEITURA. *O Imparcial*, Salvador, p. 2, 2 out. 1931.

360 A BAHIA INTELECTUAL, p. 1, 10 nov. 1931.

Um pequeno número de consultados e distinguidos pela nossa prezada colaboradora, porém, se esquivou, ou se alheou, por negligência, desinteresse, ou má compreensão dos objetivos da *enquete*, de atender à gentileza em consulta. E não responderam.

Esses omissos constituíram, e felizmente, uma porção mínima em relação ao número daqueles que atenderam à gentileza da perquirição, obediente, além do mais, a certos melindres de delicadeza impostos pelo dever do mais elementar cavalheirismo.³⁶¹

O artigo informa que, com as últimas duas publicações, a organizadora está satisfeita e dá por encerrada “A Bahia literária”. Com isso, os autores ausentes deixam para o julgamento dos publicados a tarefa de conformarem sua visão da literatura moderna na Bahia, a relação desta com o resto do País e as manifestações teóricas do Ocidente. Autores ainda atuantes e muito citados não enviam participação, como Eugênio Gomes e Artur de Sales.

Em “Academia Literária dos Moços – a sessão inaugural, ontem no Salão nobre da Prefeitura”,³⁶² o jornal informa a criação desse movimento, sobre a presidência da solenidade, Xavier Marques, reverenciado como “nosso antigo confrade e escritor regionalista”. Os escritores presentes: o orador é Hélio Sodré, “um dos fundadores do novo grêmio”; Otto Bittencourt e o poeta Pereira Reis.

Mesmo de menor expressão, a Academia dos Moços entra para a historiografia da literatura baiana, que, com seu acréscimo, consagra essas organizações como a principal estratégia de produção e publicação intelectual. A presença de Xavier Marques demonstra os últimos momentos de celebridade do importante escritor da primeira metade do século XX e depois, submergido na onda de renovação do Modernismo.

O projeto da poetisa Maria Dolores apresenta, a partir das páginas do jornal, o sistema e as condições de escrita, circulação e leitura. Os debates suscitados, as ausências detectadas, a análise do jornal, em dois textos saídos em locais diferentes, deixando perceber a importância social da iniciativa, experimentam a avaliação de uma atividade socialmente dada como regular e próspera. Ao se

361 A BAHIA INTELECTUAL, p. 1, 10 nov. 1931.

362 ACADEMIA LITERÁRIA DOS MOÇOS..., p. 2, 2 out. 1931.

discutir sobre o literário, nas raias das colunas periódicas, suas noções abandonam o cotidiano inconsciente e são investigados a partir de uma metodologia: que pressupõe um *corpus*, questões norteadoras e resultados.

O fato de a *Academia dos Moços* ser inaugurada no mesmo período em que os ensaios discutem sobre a cultura e a literatura regional, articulada aos acontecimentos nacionais e internacionais, é indício da diversificação e da tomada de posicionamento a partir de *Arco & Flexa*. Um dos antigos romancistas consagrados e poucas vezes mencionado na *Bahia Intelectual*, Xavier Marques representa a alternativa distinta do Modernismo aventado pelo grupo de Chiacchio.

Como Maria Dolores prevê, os três nomes prestigiados, pela menção positiva ou negativa das respostas, são Artur de Sales, Eugênio Gomes e Carlos Chiacchio. Duas dessas figuras intelectuais representam a face e as escolhas da Bahia letrada do período: Artur de Sales é o poeta talentoso que prefere seguir numa linha estética anterior ao Modernismo, cultivando um Parnasianismo renovado e matizado pelos temas regionais; Eugênio Gomes³⁶³ é o intelectual de prestígio das décadas subseqüentes, especialista em Machado de Assis e na literatura inglesa, também combatido pela atuação e opção política ao lado dos militares do pós 1964. A construção da narrativa histórica encontra dois cânones literários regionais imersos na tradição ideológica que amalgama as atividades intelectuais.

As idéias de Hans Robert Jauss sobre o resgate reconfigurativo da fisionomia emancipadora das obras de literatura perdidas nas malhas canônicas também dão conta da situação histórica dos protagonistas. Sabidamente importantes para entender a complexa ordem da literatura, é preciso interceptar frases negativas construídas e disseminadas na época. Isso obriga a adoção do negativo como identidade intelectual da região, porque: com eles, seríamos retrógrados e conservadores; sem eles, instaura-se a planície devastada, onde não pode fecundar expressões culturais.

Uma das primeiras vítimas da “Bahia Intelectual” é o velho chavão de que

363 Para conhecer mais esse autor, ver livro da professora ALVES, Ívia. *Visões de espelhos: o percurso da crítica de Eugênio Gomes*. Salvador: Assembléia Administrativa do Estado da Bahia; Academia de Letras da Bahia, 2007.

todo baiano é poeta. Salta aos olhos o gigantesco efetivo de analfabetismo, a carência crônica de editoras e o aflitivo decréscimo de leitores imprescindíveis para se falar nessa literatura. O inquérito menciona o tradicionalismo estadual, mas não chega a ser aspecto que influencie na fixação de uma fisionomia da literatura. No máximo, torna-o assunto para a divisão e a manutenção do conflito entre grupos opostos. Alguns autores reclamam do pouco envolvimento dos escritores na Revolução de Getúlio Vargas, ou seja, são as pistas simbólicas de uma batalha feroz entre a manutenção do poder e a efetivação da literatura. Mesmo sem citação, os embates passados entre governo federal e região, os quais fazem da cultura sua maior vítima (a perda da Biblioteca Pública), ainda pairam como fenômeno em que a Bahia adentra cada vez mais e não consegue desvencilhar-se.

Longe duma busca de imparcialidade, a proposta traz para as páginas do papel jornal os nomes pertencentes ao grupo liderado por Chiacchio. A ordem dos autores demonstra doze escritores simpáticos à iniciativa e sete críticos do projeto ou de alguma parte da execução. Ao não se confirmar a suspeita de Otto Bittencourt, sobre Maria Dolores ser Carlos Chiacchio, não há dúvida de que as inquietações da poetisa encaixam-se perfeitamente nas provocações de longo prazo do crítico de *A Tarde*. Em todo caso, a liderança declarada de uma mulher em assunto estratégico provoca desconfiança de alguns dos colaboradores. Assunto ao qual se dedica ironicamente Eurico Alves, quando acrescenta a essa eminência feminina os nomes das conterrâneas Edith Gama e Abreu e Georgina de Melo Erisman.

Pela iniciativa, percebo que a literatura local não parece ter problemas ou questionamentos nos seus conceitos, mesmo em pleno combate pela manutenção de uma modalidade do passado em resistência a outra, do Modernismo. Os ânimos são alterados quando a literatura é percebida fora dos seus postulados internos — do texto. Quem merece comandar os rumos? A mulher está habilitada para realizar literatura ou sentar-se ao lado dos imortais? Que etnias podem ser tema e produzir o literário? Estas são questões temáticas capazes de levantar o tom de voz, de fazer esquecer o cavalheirismo, provocar evocações e conferências positivistas e racistas, mesmo quando o assunto trata sobre a mais universal e neutra das ocupações

humanas: a literatura. Este sistema é passível de aparecer através da ação da literatura de jornal.

5 MOVIMENTOS E PROPOSTAS DE LITERATURA DE JORNAL

5.1 O crítico de *A Tarde*

A narrativa dessa história literária de jornal caracteriza-se por se inserir no movimento do sistema de literatura e refletir-se num sistema cultural. A localização das páginas e seus compromissos comunitários possibilitam a avaliação de ferramentas teóricas, artefatos estéticos e indivíduos catalogados na fatura do projeto. Estes são flagrados na contingência do fazer literário de sua cura (Heidegger). A meditação sobre movimentos como *Távola*, *Arco & Flexa*, *Ala*, sobre indivíduos como Eugênio Gomes, Carlos Chiacchio, Afrânio Coutinho, Jorge Amado, artefatos teóricos como o Tradicionismo Dinâmico, Biocrítica (Chiacchio) e metodologia modernista apresentam a complexidade do sistema de literatura enfeixado em tomos devorados pelas famintas traças do tempo.

Se compreensivamente narrados, tornam-se palpáveis para a racionalização das individualidades criativas, os autores e seus produtos, os livros, os folhetos, os dramas, os escritos etc. Tal narrativa não se permite a facilidade de sua identificação, porque também não lhe é oferecida a facilidade do acesso. Por isso, reivindica, à medida que se permite à abertura do seu ser (sua obviedade), o estabelecimento da crise daqueles mesmos potenciados (tradição vazia) que historicamente lhe encobre a atuação. Imantada por índices teóricos e personalidades engajadas, por mais que pareça antiquada a abordagem, é por indicadores semelhantes e associados que a literatura de jornal autoriza sua

narração.

Assim, ao ser indagada por qualquer dos seus vetores de acesso, não por decisão de alguma retórica vazia, pode responder o seu mérito de onde termina a questão proposta. A uma pergunta sobre quem são os autores da literatura de jornal, responderia que são todos aqueles indivíduos cujo nome pode ser gravado junto a um texto, não esquecendo que o espaço periódico sofre a urgência de imprimi-los sem assinatura e os atribui ou não a indivíduos ideologicamente perseguidos ou estigmatizados. Nessa literatura, o processo de diluição do conceito de autor pode ser mais rapidamente praticado.

O questionamento em relação à necessidade de concreto *corpus* de trabalho que garanta a cientificidade, possivelmente contrastando com a volatilidade do grupo de textos encontrado no periódico, tem resposta na eficiência do método que a tudo matiza com o reflexo e o alcance de uma bibliografia cuidadosamente meditada. A partir de metodologia competente, até a imaginação torna-se uma das mais fixas concretudes. Pode-se imaginar uma origem nacional, um autor de gênio, uma superioridade étnica, um centro na vasta planície, o poder hegemônico do masculino ou uma obra síntese do humano.

Algumas pesquisas apontam uma trilha percorrida sobre o tema aqui tratado, entre eles, os estudos sobre o crítico Carlos Chiacchio. Ao assumir que o experiente colaborador de *A Tarde* estabelece uma articulação entre muitos movimentos dentro e fora do Estado, sempre preocupado em oferecer sua opinião de leitor de bom gosto, matizada pelas leituras teóricas do século XX, ele acredita cumprir o papel do crítico literário nato e do qual a sua formação de homem vindo do século XIX não pode fugir tão facilmente. Essas constatações justificam as pesquisas publicadas sobre a colaboração do motivador de *Távola*, cujo esforço compõe olhares críticos diferenciados sobre o autor de jornal. Entre eles, estão *Homens e obras*, de Dulce Mascarenhas e *Arco & Flexa*, de Ívia Alves.

Haja vista a gravidade das relações acerca da investigação, é útil que se localize as origens teóricas dos trabalhos, ou seja, quem são os indivíduos pesquisadores. Vindas de dois centros teóricos diferentes, as pesquisas oferecem

visões e opiniões sobre Chiacchio ao público leitor especializado baiano e nacional, também acomodadas em posturas que amalgamam tanto o objeto de estudo quanto o sistema da primeira recepção (a Bahia literária) dos esforços das duas pesquisadoras. Como detalho no decorrer desta seção de estudo e em outros momentos, Dulce Mascarenhas parte das pesquisas de Afrânio Coutinho, na Universidade Federal do Rio de Janeiro e Ívia Alves é orientada pela escola uspiana de pesquisa em periódicos brasileiros, motivada pelo trabalho do professor e historiador José Aderaldo Castello.

Os dois livros resultantes das pesquisas são publicados por editoras baianas (Editora da Academia de Letras da Bahia e Fundação Cultural do Estado respectivamente). Nesse sentido, os dois estudos criam, subliminarmente, um diálogo e uma concorrência entre si, para os quais detectar de onde se fala, como defende S. Schmidt, é uma necessidade de quem decide percorrer os caminhos da historiografia literária nos termos do teórico alemão da escola construtivista. O percurso que promete encontrar as idéias teóricas da CLE (Ciência da Literatura Empírica) com as pesquisas das professoras baianas, numa correspondência que beneficie os múltiplos olhares da literatura do combativo jornal de Lemos Brito, transita pela exaustão dos trabalhos dessas pesquisas. Para tanto, ofereço dois olhares sobre os estudos a seguir.

O livro de Dulce Mascarenhas,³⁶⁴ correspondente à sua dissertação de Mestrado realizada na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação do crítico baiano Afrânio Coutinho, vem apresentada pelo então presidente da Academia de Letras da Bahia, Jorge Calmon. O apresentador escreve um texto emocionado por causa do reencontro com Carlos Chiacchio, seu velho amigo e orientador. Para Calmon, o crítico representa a fortuna de um tempo intelectual passado. Agora, resta a descrição de uma figura esmaecida injustamente pelo tempo:

Conheci-o. Era uma dessas criaturas que jamais se esquece, graças à sua peculiaridade dos seus traços. Mulato, de estatura mediana, cheio de corpo, sólido no andar, tinha um modo altivo de encarar as pessoas, com seu olhar

364 Professora aposentada da Universidade Federal da Bahia.

firme, que reluzia vitalidade e cuja expressão o queixo proeminente reforçava. Possuía, em verdade, um temperamento essencialmente afirmativo; seu aspecto lembraria mais o homem de ação do que o homem voltado para as abstrações do pensamento — não fora o jeito (naquele tempo característico do artista, ou do aventureiro) de pôr o amplo chapéu negro, deixando cair sobre a nuca, parte da cabeleira crescida e encaracolada, a denunciar o boêmio renitente. Seu traje era sempre aquele terno de casimira azul, o paletó aberto sobre o indefectível colete. A gravata preta lembrava o luto permanente pela morte da filha única, Rafaelina. No discurso, ou na preleção, a voz poderosa, dominadora.³⁶⁵

As palavras do emérito presidente da Academia de Letras da Bahia, que o próprio Carlos Chiacchio ajuda a fundar em 1917, demonstram a importância da figura em questão e do quanto o futuro trata de encobrir com um manto de esquecimento o trabalho do idealizador do movimento cultural de Ala. Demonstrando que o trabalho tem uma linha de motivação e incentivo que vai de sua ligação profissional e também intelectual na Bahia, a autora faz uma série de agradecimentos a professores e acadêmicos que lhe incentivam na execução da pesquisa, a desembocar no livro.

Entre eles, estão professores como Afrânio Coutinho e Mário Camarinha da Silva; acadêmicos como Jorge Calmon, Renato Berbert de Castro, Valdemar Matos, Antonio Barros, Erthos Albino de Sousa, Hélio Simões, Carlos Eduardo da Rocha, Fernando Sales, Godofredo Filho, Herman Lima, José Luís de Carvalho Filho, como também a viúva do pintor Presciliano Silva. Um dos pontos que dão sentido a pesquisas regionais como essa é que elas forneçam ligação firme entre uma fortuna de trabalho individual (Carlos Chiacchio) e sua capacidade coletiva de identidade local. Nesse sentido, antes do conjunto do trabalho, aparece a fortuna intelectual que demonstra recrutamento num sistema e não o isolamento canônico do autor estudado.

Dulce Mascarenhas aponta o posicionamento coevo da obra do crítico radicado na Bahia: "Transcorridos trinta anos da morte de Carlos Chiacchio, tem-se já o recuo de perspectiva indispensável à adequada avaliação da obra que deixou e que, durante largo período, ora foi exaltada em termos veementes, ora constituiu

365 MASCARENHAS, Dulce. *Carlos Chiacchio: Homens & obras, itinerário de dezoito anos de rodapés em A Tarde*. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 1979. s. p.

objeto de injusto desdém."³⁶⁶ A afirmativa inicial da ensaísta marca a perspectiva de estudo do autor, o resgate de uma memória envolvida na bruma polêmica, entre o desdém e a exaltação. Todo o trabalho está dentro de um contexto sobrecarregado de acontecimentos internacionais (duas guerras), nacionais (os conturbados anos da República e seu cotidiano de estados de sítio e *Habeas Corpus*) e estaduais (adventos como o coronelismo e a face baiana da mesma República). O que importa, da produção de mais de trinta anos, é "estudar-se Chiacchio para compreender-se melhor a cultura baiana e a sua contribuição para a cultura brasileira."³⁶⁷

A pesquisadora emite a sua própria visão a respeito do autor que vai estudar: não será dos grandes, mas daqueles "obreiros que preparam o caminho dos grandes." Por outro lado, a crítica motivadora: os estudos acostumados ao conhecimento dos grandes, desconhecem a linha teórica do crítico ou seus principais feitos. Para Mascarenhas, "Chiacchio ainda é, portanto, um nome a ser divulgado"³⁶⁸, assumindo que o seu trabalho ocupa-se do crítico literário, mesmo sem esquecer de outras faces do seu trabalho intelectual:

'Homens e Obras' é uma série de mais de novecentos rodapés semanais, que aparecem no jornal baiano *A Tarde*, entre 1928 e 1946. São dezoito anos de conversa de Chiacchio com a Bahia. Precisando melhor, a 24 de janeiro de 1928, apareceu o primeiro dessa série de rodapés, sob o título de 'Modernistas & Ultramodernistas'. Depois desse, mais sete. Um total de oito 'Modernistas & Ultramodernistas', seguido, imediatamente, do primeiro 'Homens & Obras', início de uma seqüência que se prolonga, quase ininterruptamente, até 4 de setembro de 1946. Denominamos 'Homens & Obras' a totalidade desses rodapés, quando não especificada uma diferença.³⁶⁹

A descrição aponta o *corpus* da pesquisa e também começa a dar forma à grande quantidade de textos escritos no jornal. Ela esclarece que uma das dificuldades encontradas para o conhecimento mais a fundo do ensaísta está

366 A partir daqui todas as referências ao Livro de Dulce Mascarenhas serão indicadas por DM, 1979. DM, 1979, p. 19.

367 DM, 1979, p. 19.

368 Id. Ibid., p. 19.

369 Id. Ibid., p. 20.

justamente no perfil fragmentário que se apresenta, num suporte sabidamente frágil e também editado em partes soltas e raramente reunidas. No que concerne aos primeiros oito textos 'Modernistas & Ultramodernistas', Chiacchio tem o cuidado de reunir em pequeno livro. O fragmento que está transcrito a seguir aponta o método de trabalho e os riscos do estudo de fontes a que esteve exposta a pesquisadora:

Em verdade, estes nossos pareceres sobre Carlos Chiacchio e 'Homens e Obras' resultam de notas de leitura tomadas com a finalidade de orientar o possível leitor dessa série de rodapés. Quando se tem a preocupação de trazer tudo de mais significativo, de mais expressivo, de um autor, de uma obra, corre-se, às vezes, o perigo da dispersão, proveniente da superficialidade no estudo de problemas capitais que encerram matéria fecunda para especulações mais específicas e, por isso, mais ricas. Nesta exposição, assumimos conscientemente tal risco, apresentando um panorama geral do pensamento e da obra do incansável polígrafo, através da leitura de seus rodapés de *A Tarde*.³⁷⁰

A questão é que, sem uma primeira iniciativa de ataque da obra no formato de uma apresentação no perfil de fontes, na qual se apresenta e descreve o corpo mais ou menos completo da produção do autor, não poderia perfazer um trabalho de análise aprofundado. É muito arriscado emitir opiniões sobre obras que não se apresentam como um todo, porque não seria mais questão de superficialidade, mas de equívoco metodológico. Tal tarefa seria mais eficiente quando o autor estivesse disponível em obras atualizadas e em bibliotecas. Por isso mesmo, a autora promete trabalho posterior com mais cuidado nos moldes dos estudos literários tradicionais. O mesmo acontece com a proposta encetada de estudo dum jornal de longa duração, no qual as informações estão dispersas para aquele estudo organizado consciente de que fala Mascarenhas.

O primeiro trabalho é de narrativa baseada na coerência e na coesão dos 29 anos impressos de *O Imparcial* para outros sistemas, os quais, com sua leitura e utilização, atestam o alcance de sentido da história construída: sistema de literatura, de jornal, da Bahia, do Brasil.³⁷¹ Se há uma narrativa razoavelmente visível e

370 DM, 1979, p. 20.

371 Em minha opinião, a questão não é o recorte temporal, mas as estratégias de estabelecimento de sentido do grande *corpus* aparente. Quanto maior o *corpus* mais esforço para compor uma narrativa que possibilite a compreensão da produção de um autor, de uma época ou de um jornal.

necessariamente compreensível do conjunto de textos que formam a existência do periódico, compõe-se o que Schmidt denomina de história da literatura construtivista.

Para que essa história aconteça, ferramentas e posturas teóricas de diversas partes devem ser utilizadas. A prevenção mais forte do teórico alemão é contra a ânsia da totalidade que fez histórias tradicionais falharem nos seus objetivos de fornecer essa ordem aos artefatos da cultura. Novamente, a questão é de método: quanto mais se está no ambiente teórico da totalidade e da hegemonia do universal, buscando as verdades fundamentais, mais se corre o risco de falhar no trabalho de fontes.

Quanto ao percurso do matutino do coronel Franklin Lins, não seria uma questão de usar o método do Menard, de Borges, reescrevendo ponto a ponto *O Imparcial*, mesmo porque ele não deseja ser uma narrativa no seu acervo, nem pensa em si como um conjunto, mas tão só como um jornal, trazendo sua fisionomia expressiva: projeto, método, modelos, atuação, organização, articulação, aspiração. Sendo assim, não fosse uma necessidade de especificação e detalhamento metodológico, em poucas e competentes palavras poder-se-ia mostrar o que foi o periódico das classes conservadoras da segunda década do século XX ou o jornal de coronel da década de 1940. Lembrando as palavras de José Luís Jobim, quanto à necessidade que o estudioso tem de abandonar seus próprios calçados teóricos para repor outras fisionomias de reflexão mais adequadas aos tempos epistemológicos, quanto mais “descalça” fica Dulce Mascarenhas, mais acerta na sua maneira de ler Carlos Chiacchio.

Elegendo o rigor metodológico, a ensaísta cria um impasse inicial na obra, justamente o que seria o fim da análise mais acurada: qual a qualificação para Chiacchio? "Não queremos, sem comprovação, dar-lhe o título de crítico literário, nem tachá-lo logo de impressionista, no sentido depreciativo, como muitos o fazem."³⁷² Citando Afrânio Coutinho, a pesquisadora monta a sua teia de argumentação para dar sentido atual para as incontáveis páginas de 'Homens & obras'. "A dúvida sobre a denominação de crítico literário, para Chiacchio, nasce da possibilidade de sua atuação simples e exclusivamente como *reviewer*, no sentido

372 DM, 1979, p. 21.

daquele que tem 'a função de tratar da literatura corrente, anunciá-la e informar o público', no sentido de Afrânio Coutinho."³⁷³

Mascarenhas informa, a partir de citação de Brito Broca, que a atividade jornalística nesses termos constitui o perfil de estudo literário daquele período. E o jornal tem muito crédito e muita culpa sobre a formação ou deformação do sentido de literatura da época: "O jornal é veículo fácil de sua divulgação e também, de certa forma, motivo de sua deformidade, diante das concessões que se vê tentada a fazer ao público e diante da regularidade forçada de seu exercício."³⁷⁴

A saída para o impasse da feição literária de Chiacchio é apontada pela pesquisadora a partir do termo "contaminação". Tal método crítico está diretamente ligado a outro vocábulo de força: "relação". O significado das duas palavras é, no entendimento de Mascarenhas, imbricado, não podendo ser aqui realizado separadamente:

Na *relação*, processa-se uma convivência, entre duas ou mais partes, sem que haja privilégio de alguma delas, em prejuízo de outra. Já na *contaminação*, uma das partes, implicadas entre si, submete-se a outra ou outras, conforme cada caso particular. Verifica-se, enfim, um fenômeno de infiltramento prejudicial dentro de um esquema em que se tornam evidentes a dependência e servidão.³⁷⁵

A função complexa de Chiacchio arrasta consigo uma parte do gosto da época da resenha impressionista e também a curiosidade pelos avanços científicos e filosóficos começados no século XIX. A pesquisadora tenta desvendar o papel do autor dentro daquele contexto caracterizado pela "contaminação" e por ela proposto:

Mas agora estamos com Carlos Chiacchio, na Bahia da primeira metade do século, quando ele toma a si informá-la sobre a atualidade do Brasil ou do mundo, além de incrementar-lhe a vida social, noticiando-lhe os movimentos intelectuais. A província é ambiente capaz de contê-lo e dele necessitar, em virtude, principalmente, de isolamento que, como outras partes do País, sofre no momento. Assim, Chiacchio não foge à

373 DM, 1979, p. 21.

374 Id. Ibid., p. 22.

375 Id. Ibid., p. 22.

contingência de noticiar, ligada ao jornalismo, mas não se limita por ela a ponto de dissolver-se sua personalidade de crítico literário. Ao procurar-se esse crítico, encontra-se aquele *reviewer* e vice-versa. A separação entre ambos, em alguns momentos, é difícil e cada uma dessas posições compromete a outra. Processa-se o fenômeno de contaminação, já aludido como integrante da obra do polígrafo baiano, mas também facilmente identificável como dominante da época a que ele se liga e da qual pode, portanto, ser tomado como representativo. Referimo-nos a um período em que o Brasil sofre a repercussão das conturbações mundiais, em virtude do intenso desenvolvimento, obtido pela ciência, desde a segunda metade do século anterior.³⁷⁶

A partir dessa saída para a confecção de um perfil crítico “anfíbio”,³⁷⁷ lembrando do termo de Silviano Santiago, contaminado pelas vozes do mundo que obrigam os homens de sensibilidade a uma atitude dialógica,³⁷⁸ cujo teor deve ser percebido hoje, afirma a pesquisadora qual o lugar do autor de *Infância*, mesmo que o movimento posterior (de onde falam autores como Afrânio Coutinho) não dê crédito à sua integralidade, mais maniqueísta do que crítica por causa da necessidade científica a que se infligem os estudos literários. O ponto seguinte exige que se verifique onde a contaminação pode dar lugar ao que ela denomina método crítico de Chiacchio.

Dulce Mascarenhas reflete sobre como o autor traduz as diversas “vozes” filosóficas e críticas que lhe chegam pelos meios intelectuais, quando aborda o procedimento teórico de Chiacchio, a Biocrítica:

Chiacchio elabora, discute e tenta aplicar um método de apreciação para a literatura. Isso lhe vale a aproximação a uma determinada corrente crítica e o distancia da atitude impressionista pura, marcada justamente pela ausência de um sistema organizado de especulação crítica. Essa afirmativa importa em nítida escolha nossa, diante da pergunta sobre a existência do crítico literário, no autor que estudamos. Também na possibilidade de sua classificação como impressionista.³⁷⁹

376 DM, 1979, p. 13.

377 SANTIAGO, 2004, p. 64-73.

378 BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Unesp, 1993.

379 DM, 1979, p. 24.

Aqueles que qualificam o autor de impressionista, ao feitiço de Anatole France ou Jules Lemaître, o fazem de maneira depreciativa, para lhe garantir um lugar de esquecimento justo. É fato que a polêmica sempre foi predileção de Chiacchio, ou melhor, uma maneira do fazer intelectual na Bahia de então. Obviamente, no momento em que desaparece a impressão comandada pela forte voz, como diz Jorge Calmon, ou literalmente, no grito como afirma, à época, Otto Bittencourt Sobrinho,³⁸⁰ outras vozes surgem no horizonte de expectativa.

O trabalho de Dulce Mascarenhas, assim como a minha iniciativa, é de dispor formas de compreensão da cultura literária que notabilizem a produção efetiva e não só a tradicional superposição de egos e o apagamento das contribuições passadas. Mais à frente, o trabalho da pesquisadora aparece ao conferir objetivamente sentido a uma das propostas críticas do autor. A dificuldade está na exposição de uma face conservadora ou antiquada.

Em contrapartida, há uma outra, que ela defende como mais apropriada e invisível aos olhos críticos do seu presente:

De Biocrítica batizou Chiacchio seu método de apreciação da literatura. A tentativa de compreensão desse procedimento leva-nos a observar dois ângulos de visão que se confundem no crítico, e por isso se explicam mutuamente. Um deles diz respeito à sua posição diante da arte e do artista em geral e da literatura em particular. O outro, à sua atitude diante da crítica.³⁸¹

É essencial observar a ordem que faz dessas duas posturas no mesmo autor, diferença que o próprio tem como indistinta, portanto não passível de ocupação, mas que a pesquisadora tem de destrinchar. Isso significa que, para ver Chiacchio, muitas vezes o crítico ou historiador deve ir contra ou opor-se ao Carlos Chiacchio histórico pela conquista da sua “escritura”. Ao que parece, o grande problema para

380 Bittencourt, respondendo a Maria Dolores sobre a situação literária da Bahia, manifesta vontade de falar a Carlos Chiacchio: “Ou se pensarmos assim [que Dolores era Chiacchio], conversaremos de próprio porque não amedronta a sua voz tonitroante, nem ando pela vida em busca de críticas camaradas, filhas queridas do Elogio Mútuo.” Em SOBRINHO, O. B. *O Imparcial*, Salvador, p. 5, 12 out. 1931.

381 DM, 1979, p. 24.

Dulce Mascarenhas é a descoberta e ajuizamento de um crítico matizado³⁸² pela época impressionista: presumir um crítico genuíno em meio à uma época de *reviewers* ainda inflamados pela necessidade que o suporte jornal tinha de fazer concessões para manter um público.

De certa forma, a pesquisadora tem um problema e uma solução. Para tanto, ela enfatiza as deficiências do autor:

Para explicar esse fenômeno [o artista surgir, para o polígrafo, simultaneamente à produção da sua arte], pensamos que teria sido útil que o crítico tomasse o termo sinceridade. Não é precisamente com essa finalidade, porém, que ele o emprega. A incompreensão de Chiacchio, diante do mecanismo da criação artística, deriva de sua dificuldade em reconhecer a força totalizadora da arte.³⁸³

O termo sinceridade, encontrado por Mascarenhas, ainda não está esgotado na contemporaneidade, seja pelas resistências teóricas dos últimos anos ou pela filiação baiana ao tema. A sinceridade é um dos carros-chefe dos simbolistas, como Théophile Gauthier.³⁸⁴ Segundo a pesquisadora, por causa da incompreensão da totalidade da arte, advém outra deficiência do autor: sua perigosa defesa de forma e conteúdo separados na arte:

A uma visão deformada do fenômeno literário, Chiacchio é levado através desse caminho. Acaba chegando a um extremo: ao deparar-se com a 'forma perfeita' de um tratado médico ou algo semelhante, acha-se com direito a comentá-lo sob esse aspecto, acreditando estar assim cumprindo tarefa própria à investigação literária. Desse modo, dilui-se o papel crítico por uma incompreensão básica da arte. **Responsável por essa atitude,**

382 Termo relacionado a Alfredo Bosi e Jurandir Malerba quando da sua reflexão sobre a chegada do Liberalismo no Brasil do século XIX. Cf. BOSI, Alfredo. A escravidão entre dois liberalismos. In: _____. *Dialética da colonização*. 3. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1992. p. 199; também MALERBA, Jurandir. Liberalismo matizado. In: _____. *O Brasil imperial (1808-1889): Panorama da história do Brasil no século XIX*. Maringá: EDUEM, 1999. p. 111.

383 DM, 1979, p. 26.

384 A força da poesia da sinceridade retorna recentemente nas idéias do poeta e professor universitário Antonio Brasileiro, após estudar a poética de Rainer Maria Rilke, para quem a preocupação maior está nos rumos que a palavra poética vem tomando nos tempos pós-modernos (o que motiva um colóquio interinstitucional Brasil-França denominado "A crise da poesia"). Brasileiro possui uma das produções poéticas mais consagradas na Bahia contemporânea. O livro mencionado é BRASILEIRO, Antonio. *Da inutilidade da poesia*. Salvador: EDUFBA, 2002.

porém, é toda uma problemática para cujo entendimento teria de ser desmontada, por inteiro, a engrenagem que a produz, incumbência que não convém à brevidade deste trabalho. A distância entre o discurso referencial e o discurso literário não chega a ser bem compreendida por Chiacchio. O primeiro se faz obedecendo a um código que, no entanto, não consegue subjugar o segundo. Não se pode, então, considerar arte, por exemplo, um tratado médico, desde que se pressupõe, para esse trabalho, a utilização de uma linguagem própria à formação e distante do artístico – do literário, no caso.³⁸⁵

Interessa que a reserva bem feita pela professora da Universidade Federal da Bahia à concepção de arte de Chiacchio ataca outras posturas de estudo da literatura muito bem postas. É preciso anotá-las aqui para que não seja observada ou compreendida uma deformidade “somente” no autor líder do movimento de Ala. Significa que as convicções do crítico fazem parte de uma fortuna literária mais densa e autorizada e quem desejar deslocá-lo vai ter de mover o bloco como um todo.

Em sua *História da literatura baiana*, Pedro Calmon elege, com a segurança que lhe é peculiar, em todo um capítulo, os tratados e as conferências da Faculdade de Medicina, no século XIX, como documentos dignos de constarem na sua historiografia comemorativa dos quatrocentos anos da cidade de Salvador.³⁸⁶ Isso pode significar que o debate sobre o alargamento do conceito de arte para outras fronteiras intelectuais é mais antigo. Ele é anterior ao radicalismo da literatura na “receita de bolo” dos pós-modernos. Nesse ambiente, é correto pensar na proximidade identitária entre Brasileiro, Calmon e Chiacchio, cujo diálogo é providenciado pelos laços intelectuais do sistema.

A ensaísta ainda cataloga outras deficiências, como os rasos comentários sobre literatura, música e poesia, como a visão profunda das coisas. Também detecta o entendimento sobre a crítica do autor:

Para nosso autor, a crítica apresenta-se sob a forma de experiência contínua e é vista como um sustentáculo para o objeto artístico:

385 DM, 1979, p. 26-27, grifo nosso.

386 É preciso lembrar que essa é a única história da literatura do Estado a permanecer até agora.

A toda obra definitiva acompanha uma crítica, que a continua, que a completa, que, a bem dizer, a recria (14.09.38).

A crítica não tem que situar-se senão como a força animadora da arte. Compreensiva e animadora (21-07-38).

Afastada a idéia fácil de psicologismo, de naturalismo, de historicismo, de sectarismo unilateral ou o que seja, a crítica, sem ser estética em si mesma, como pode acontecer à obra, deve, no entanto, conter um sentido de totalidade compreensiva superior a todos os credos estéticos (15-08-42).

Para Chiacchio, 'criticar é difícil. É mesmo torturante, incômodo, e, até, em certos casos, inconveniente.' (20-08-29).³⁸⁷

A autora acaba combinando os dois sentidos, crítica como atividade superior e atividade torturante, para reunir elementos que justifiquem mais uma vez a atitude contaminada do crítico, entre dois módulos intelectuais: permanecer impressionista ou dar o salto para uma crítica mais científica. O resultado de tal indecisão é justificado pelo gosto de Chiacchio pela crítica simpática:

Desenvolvendo uma crítica em que a nota dominante é o elogio, muitos desconfiam da imparcialidade de seu parecer teórico mas, a seu ver, “a coragem de louvar é mais profundamente rara que a de agredir” (20-08-29). Declara votar o silêncio a tudo aquilo que, por insignificante, nem merece referência, apesar do ataque ser tão natural à crítica quanto o elogio. Quando agride, afirma ser sempre com o pensamento em contribuir, ajudar, esclarecer, o que só pode ser feito diante de algo que valha. Não se afasta da idéia de que, na base da crítica, está o agrado ou a repulsão. Isso provém, basicamente, do fato de ele pender, como depois constataremos, para uma crítica de simpatia.³⁸⁸

Mascarenhas está empenhada em urdir um padrão que justifique o comportamento crítico do autor. Nesse momento, incorpora a simpatia como uma deturpadora da cientificidade que legitima a explanação, o que leva a uma citação fundamental de Chiacchio, no compromisso com o seu enraizamento intelectual:

Custa-me, embora o sintamos no íntimo, confessar o êxito de um artista nosso, de um valor, de uma personalidade nossa. Para os que chegam de

387 DM, 1979, p. 28.

388 Id. Ibid., p. 28-29.

fora a coragem de aplaudir é formidável. É copiosa, é desbordante, é esmagadora (20-08-29).³⁸⁹

Se Chiacchio exagera na sua crítica simpática, flagrada negativamente pela pesquisadora, justifica-se no contexto literário local. Chiacchio afirma que é proibida essa atitude essencial para os talentos novos, como o mesmo testemunha, anos depois na enquete da poetisa Maria Dolores, publicada em diversos números de *O Imparcial*. Motivado pela analogia com a ciência por excelência do século XIX, a Biologia, Chiacchio publica o seu programa para os estudos da literatura. É da ciência evolutiva que vem os mais novos e importantes métodos de intervenção com a natureza, segundo o autor, porque, de fato, no final do segundo quartel do século XIX, há outras propostas circulando para suplantam a Biologia, como a Filosofia, a Psicologia e a Física; mesmo os estudos literários começam a caminhar com seus próprios pés, com os estudos dos formalistas russos e outros.

Chiacchio programa, mas não se mantém no caminho, ao exercitar a prática crítica, pondo em dúvida o seu leitor:

A biocrítica não é método rigoroso, mas é um programa traçado, que mais ou menos mantém seu teorizador dentro de limites predeterminados. A biocrítica centra seu interesse no autor do objeto visado. Partindo daí é que pretende dar conta da obra e do homem – da obra como uma manifestação humana. Em verdade, ao homem, afinal, diz respeito a literatura e, como toda manifestação cultural, para ele está canalizada. Os estudos literários não se podem esquecer disso. A maneira, como o artista ou o crítico entende essa finalidade, influi no êxito de suas realizações. A concessão à praticidade alienante e precária, que forja o massificado em vez do individual, não interessa à arte, como não interessa ao homem. O artístico verdadeiro fecha-se a contaminações prejudiciais, que o afastem das colocações dos problemas do ser e o conduzam a uma adaptação ao imediato, em busca da aprovação de um grupo social, do aplauso fácil e vazio. Busca o real, além e aquém do momento, de um lugar, de um povo, embora manipule esses dados para chegar ao seu fim maior. Essa concepção da arte está nos espíritos verdadeiramente criadores de todos os tempos. Dela se afastou, ao menos oficialmente, a crítica literária de determinada faixa do século XIX, com sua sede de racionalismo. Depois de uma idéia geral do funcionamento do esquema crítico de Chiacchio, as relações, que iremos procurar entre a biocrítica e as diversas correntes de investigação literária do século XIX, vão-nos dar, de certo modo, o grau de formalização, a que se vê reduzida a arte, aos olhos da crítica, nos anos em

389 DM, 1979, p. 29.

que preponderantemente vigorou a ditadura da razão nos estudos literários.³⁹⁰

O longo fragmento acima descreve as posições de Chiacchio em exame imediatamente relacionado ao movimento racionalista, de que Taine é um dos representantes, e cuja obra é rechaçada pelo polígrafo mineiro radicado na Bahia. Em meio aos deslizos que um crítico com as credenciais de Chiacchio pode realizar, também percebidos por outros pesquisadores como a professora Ivya Alves,³⁹¹ a proposta de Mascarenhas passa pelo diálogo na prática crítica do incentivador cultural e os momentos cruciais da cultura literária no século XX, mais precisamente, o Modernismo.

É preciso lembrar que outra característica do autor é sua formação intelectual no século XIX — conhecimentos notadamente questionados pelos anos vindouros do XX — quando a mudança origina uma celeuma cultural e maniqueísta: para a deflagração do que é positivo, o moderno, as contribuições anteriores devem ser rechaçadas.³⁹² A contaminação de que fala Mascarenhas em relação a Chiacchio está para toda a cultura que tem mais densa camada de acontecimentos interpretáveis do que dão conta os seus estudos.

A busca pela linha mais nítida de apreciação do autor deve ser sincera aos estudos de literatura e fiel ao *corpus*. Isso exige esforço equilibrado entre a fisionomia da escola e a simpatia ao produtor. Nesse sentido, o lugar para esses estudos envolve o próprio pesquisador. Dulce Mascarenhas também tenta falar de um lugar seguro para si. Sendo assim, ela recorre ao que chama de texto-chave. Nele, o autor apresenta as ferramentas e referencial bibliográfico para o enfrentamento do espinhoso momento cultural e literário coevo.

Aqui, torna-se explícito o trabalho com as fontes. Elas permitem perceber o autor quase sem interferência do investigador, eliminando as possibilidades datáveis ou dependência ao um método questionável (os seus dados dificilmente poderiam

390 DM, 1979, p. 32-32.

391 ALVES, 1978, p. 77.

392 As gerações mais recentes, após 1950, adquirem uma névoa crítica ainda provocada pelas rugas dos anos anteriores, o que pode ter dificultado a percepção das contribuições desse limiar onde estão autores como Chiacchio.

ser deslocados). Uma questão seria qual época intelectual até a atualidade saberia ao certo a projeção desse momento de mudança de caminhos:

Ao método histórico de Staël, Chateaubriand e Villemain (em seus painéis de literatura nos cursos da Sorbonne), sucedem-se outros métodos, qual mais ansioso por atingir o processo zenítico da interpretação dos homens e das obras.

Método fisiológico de Sainte-Beuve, Taine, Brunetière, com a variante pessoal do método evolucionista.

Método psicológico de Renan, Anatole, Lemaître, Bourget, e toda a fila dos impressionistas da última fornada crítica dos tempos.

Intuicionistas, expressionistas, associonistas, beneficiam-se de Bergson, de Croce, de Claparède.

Entram os críticos modernos com os biopsicologistas, Gourmont, Duhamel, Thibaudet.

Os psicanalistas com Freud, Baudouin, Guilbert.

A crítica, destarte, na evolução dos métodos, veio do histórico ao psíquico, no sentido humano de vida, criação, movimento de idéias, formas, cristalização estética.

Albert Thibaudet lhe chamou 'biografia psicológica do homem'.

Joeirando, inquérito, contrapondo esses e outros métodos, sem nenhum desdém para os velhos, nem injúria para os revelhos, mas sempre tentalizado por um processo novo, é que imaginei – tão simples, tão claro, tão natural – o MÉTODO BIOLÓGICO, a que chamei BIOCRTICA, biologia do espírito, com endereço a todo aspecto, por mais mínimo dos homens e das obras.

Isso, em 1921.

Antes mesmo de Gasset, de Duhamel, de Thibaudet.

E, até a hora em que escrevo, outra coisa não tenho feito senão seguir à risca a linha de comportamento crítico, que me tracei, há uma vintena de anos, mais ou menos (13-12-44).³⁹³

De fato, a estatura de Chiacchio sendo ouvido e acatado por uma geração de escritores (os quais enumero em minha pesquisa) posiciona não só um crítico antiquado e impressionista, mas o condutor de uma grande parte da geração de

393 DM, 1979, p. 34-35.

escritores radicados e produtores da Bahia literária. A recepção das suas idéias e projetos no sistema de trabalho não pode ser ignorada no ordenamento dos seus artefatos.

A autora examina as semelhanças entre Sainte-Beuve e o crítico baiano, aquilatando o decisivo peso cultural da França na formação de Chiacchio:

A origem dessa presença [a ocorrência da vontade de retorno ao passado em ambos], no crítico baiano, está ligada a um contexto nacional, vinculando-se ao mesmo fenômeno, na obra de Sainte-Beuve, pela coincidência de serem, tanto um como o outro, homens que viveram mudanças decisivas, acompanhando seus efeitos, nem sempre os esperados, como acontece aos propósitos de qualquer revolução.³⁹⁴

Ao perfazer uma análise minuciosa do fragmento de Chiacchio, avalia todos os autores citados em relação a suas obras, influências e usos que o crítico de *A Tarde* poderia fazer deles. Ao alcançar a psicanálise de Freud, também citado entre outros, interessa-se pela relação do estudo de fontes e a teoria freudiana como método de crítica literária:

A volta ao passado bem distante, oferecida pela biografia do artista, conduz ao conflito que terminou pelo triunfo da censura sobre a libido, nascendo a imagem. **A pesquisa de fontes** faz-se presente na crítica psicanalítica. Embora aí a relação homem-obra esteja a serviço de um método bem distinto daqueles propostos por um Sainte-Beuve, por um Hennequim, por um Chiacchio, ela distingue bem um rol de críticos freudianos, que são levados por essas aproximações.³⁹⁵

Na análise da obra de Chiacchio, a identificação das leituras e bases inspiradoras do percurso da sua escrita torna-se uma importante aliada para desvendar o cumprimento dos objetivos. Um dos problemas, no uso dos recursos biográficos, é a incorrência de julgamentos e emissões moralizantes. Esses acontecimentos são recorrentes na historiografia, a exemplo do ressentimento de

394 DM, 1979, p. 39.

395 Id. Ibid., p. 48. Grifo meu.

autores negros como Lima Barreto e Machado de Assis, ou o mais perigoso ainda, creditar alguma novidade estilística a deficiências como a gagueira ou a epilepsia. As fontes são úteis quando se utiliza criticamente delas e, nesse percurso, nenhuma teoria está fora de uma avaliação da sua eficiência ou intenções. A Psicanálise, na condição de crítica cultural, exerce a metacrítica da ciência. Informado desses princípios limitadores, Schmidt³⁹⁶ orienta pela fuga da totalização e o uso de um método exaustivamente explícito como saída para escrita de histórias da literatura. Afinal, o método é o homem.

Mascarenhas retorna ao termo “contaminação” como a senha para o encontro com o crítico genuíno Carlos Chiacchio. Partindo do exame das tendências críticas surgidas no século XX, ela procura por movimentos de crítica psicanalíticos, estilísticos, formalistas, da nova crítica, todos contaminados por escopos de outras áreas que não sejam a literatura pura ou pelos resquícios impressionistas que eles desejam eliminar. “Se enfocada sob o ângulo da presença-ausência de contaminação ou relação, segundo designamos essas situações, a crítica literária de nosso século deve ser definida como um campo aberto a experiências.”³⁹⁷ Para a autora, a tentativa de retirar os estudos da literatura para outros discursos é positiva porque “liberta, porque lhe oferece o poder de comparar sem contaminar, isto é, doa-lhe o poder de *relacionar*.”³⁹⁸

Mascarenhas expõe a contribuição de nomes como Theodor W. Adorno, Walter Benjamin, Eduardo Portela, Afrânio Coutinho e Judith Grossmann para a realização de uma Teoria da Literatura que aceita e pratica relações com as outras áreas como um imperativo incontornável, desde que mantenha a identidade e autonomia da literatura. De um ponto de vista da Teoria contemporânea, a autora compreende Chiacchio como um “crítico contaminado”.

A base para essa nova articulação interpretativa do crítico estaria no seu esforço de renovação da literatura brasileira desde os anos 20, cuja ação deflagrou os textos de 'Homens e Obras' e alcançou, já no final da década de 1920, com o

396 OLINTO, Heidrun Krieger. *Histórias da literatura – as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1997.

397 DM, 1979, p. 53.

398 Id. Ibid., p. 53.

amadurecimento, o Tradicionismo Dinâmico. Realizando uma análise das idéias do autor a quem Chiacchio segue, Gabriel Alomar, a pesquisadora esboça a explicação de uma das principais contribuições do crítico baiano:

O tradicionalismo dinâmico, proposto pelo autor baiano, é um composto de novo e de velho, de tradição e de dinamismo criador. Em sua base, está a tensão entre o estático e o dinâmico, que é valorizado como essência da verdadeira renovação, assentada no pré-existente, embora projetada para o futuro.

O termo *dinâmico*, além de ser freqüentemente usado por Alomar, encontra-se, logo no primeiro capítulo de seu livro *La formación de sí mismo*, numa relação com seu simétrico *estático*, a propósito do livro, cujo valor estático, Alomar considera secundário, diante de seu valor dinâmico, afirmando textualmente.³⁹⁹

Explicando em outras palavras, expõe que Alomar valoriza a diacronia, na apreciação da literatura. Assim também Chiacchio. Ele não pode aceitar um programa que, obediente à estratégia comum a toda novidade carente de afirmação, investe contra o passado, apresentando, ao menos como proposta inicial, o rompimento com o anterior, igualmente, não aceita as idéias do Modernismo brasileiro da Semana de 22.⁴⁰⁰ Os primeiros textos de 'Homens e obras' são um ataque frontal e sem peias contra Mário de Andrade e os modernistas mais radicais.

O Modernismo de 1922 representa, de acordo com toda a atuação de Chiacchio, desde 1920 até 1940, um equívoco. No entanto, há momentos de concordância com algumas idéias e obras. Como abordo adiante, não se trata apenas de implicância pessoal ou individual, mas de oposição firmada na ação literária local. Outros autores, como Hélio Simões e Eugênio Gomes também comungam da opinião do autor de *Infância*. Um dos raros momentos de conciliação entre a obra de Mário e a vigília do crítico de *A Tarde* é sobre o livro *Clã do Jaboti*. Mesmo o mais indigno escritor da renovação da literatura brasileira, Mário de Andrade, segundo Chiacchio, consegue redimir-se a seus olhos no livro *Clã do Jaboti*, pois nele “Mário sentimentaliza-se, afinal, sem nenhum rebuço, ou *controle*.”

399 DM, 1979, p. 60.

400 Id. Ibid., p. 60.

(17.04.28).”

Dulce Mascarenhas faz um percurso detalhado nas bases teóricas de Chiacchio, do mesmo modo, esquadrinha pacientemente as ações críticas do autor, habilitando-se a ser rigorosa nos juízos sobre ele. Generosa, também, busca o momento em que o obcecado crítico do Modernismo de 22 reposicione o seu julgamento. Ela assume que fazer jus ao perfil contaminado de Chiacchio — sua última palavra em relação à produção com aquele nome — deve-se proceder estudos múltiplos e específicos:

Com isso, queremos concluir enfatizando a possibilidade de múltiplas perspectivas de estudo da obra do autor baiano e repetindo que este nosso trabalho representa apenas uma delas, como passo inicial de uma longa caminhada.⁴⁰¹

A concepção de incompletude do trabalho crítico é um ponto positivo da contribuição de Dulce Mascarenhas, uma vez que há sempre locais não visitados ou idéias e projetos não burilados, os quais podem fazer a diferença no tratamento do assunto posteriormente. O estudo aparenta estar sobre a pressão teórica do momento e acertando rumo a uma respeitabilidade da teoria à vista da crítica e da história da literatura, mesmo assim, consegue oferecer sinais do potencial de literatura que há na atuação aguerrida de Carlos Chiacchio.

5.2 Modernismo conservador em *Arco & Flexa*

O estudo da revista *Arco & Flexa*, realizado pela professora Ívia Iracema Duarte Alves, perfaz mais uma etapa da minha pesquisa a respeito do jornal *O Imparcial*, no ponto em que sua contribuição dialoga com as conclusões de Dulce

401 DM, 1979, p. 90.

Mascarenhas. Há outras visões críticas emparelhadas a assunto da tese, mas não estariam tão compassadas temporal e teoricamente quanto os dois trabalhos.⁴⁰² Uma das questões é qual a relação mais aproximada entre os dois veículos de publicação, além da óbvia pertença à Bahia? Um dos primeiros motivos para a análise mais acurada do trabalho da professora da Universidade Federal da Bahia é sua maneira aprofundada de tratar do assunto, agindo de maneira semelhante à de Dulce Mascarenhas.

A pesquisa estaria mais focada em perceber a problemática da região que se vê e trabalha como nacional sem o limite imposto pela bibliografia que o coloca como regional *a priori*. Seriam itens diferentes e constantemente confundidos: pesquisa e *corpus*. O principal estereótipo na dialética nacional/regional é a construção de uma hierarquia em que o regional paira qualificado de sem importância científica ou manifestação superficial. O ponto de partida teórico no conceito de sistema, como instância semântica independente e motivada, serve para superar esse entrave que cria inversões perigosas: a pesquisa desautoriza o local pela atuação do *corpus* em nome do método. O estudo regional justifica o empreendimento dos projetos mais ambiciosos. A confirmação do peso do *corpus* ou da importância da reflexão para qualquer dos sistemas implicados é um conhecimento posterior à execução do projeto.

A professora Ívia Alves descreve a parte física da revista, configuração, tipos, dimensões, cores e organização. Seu texto é desprovido de uma apresentação, como a feita por Jorge Calmon no livro de Dulce Mascarenhas, ou mesmo de uma introdução geral. Contudo, ela apresenta informação relevante a respeito do sistema de literatura que circula na Bahia, quando se refere aos patrocinadores da revista:

A sobrevivência do periódico está ligada a dois tipos de fatores diversos: anúncios e assinaturas. Já, a partir do número 2/3 assinala-se certa quantidade de anunciantes: um classificador de médicos, advogados e dentistas da época, alguns anúncios de livrarias e outros classificados. A ocorrência de anunciantes profissionais deve-se ao fato, segundo depoimentos de colaboradores, de Carlos Chiacchio ter, na época, sido médico clínico e ter pedido a colaboração de amigos para uma participação

402 Os dois livros saem quase no mesmo ano de publicação: 1978 e 1979, dentro do universo acadêmico invadido pelo Estruturalismo e pela Semiótica.

mais efetiva para sobrevivência do periódico. No último número, aparecem trinta e nove anúncios apresentados na revista, constata-se que este número aumenta gradualmente, fato que é desconcertante, pois, se a última publicação do periódico tem razoável concentração de páginas de classificados, como se explica a interrupção abrupta?⁴⁰³

Enquanto a pesquisadora preocupa-se em encontrar os motivos para o desaparecimento prematuro do periódico, fato que não se encontra na escassez de patrocínio, informa sobre os modelos de contato entre a cultura letrada e a sociedade da Bahia da época, formando as condições para a qualificação de sistema de literatura. A revista interrompe abruptamente sua publicação, apesar do respaldo financeiro proveniente da comunidade médica e farmacêutica, com a qual Carlos Chiacchio, na função de médico, mantém contato e outras fontes de financiamento.

Para Ívia Alves, “a comunidade, no entanto, não aceitou a publicação de ‘*Arco & Flexa*’. Os jornais da época, editados na Bahia, apenas noticiaram seu aparecimento” (p. 15), o que não parece corresponder à realidade, porque a análise de *O Imparcial* e o seu diálogo com o jornal *A Tarde*, de Simões Filho, atesta justamente o aprofundado vínculo entre os veículos de comunicação e as iniciativas literárias e culturais na Bahia da época.

Muitos dos componentes do periódico colaboram assiduamente nas colunas e seções do longo periódico conservador, escrevendo sobre política, sobre literatura, poemas, crônicas e narrativas. O Modernismo é alvo constante em ‘Página de Ala’, ‘Página Feminina’, ‘Pela Ordem’, regularmente sendo atacada sua proposta radical de abandono às formas tradicionais de literatura: Parnasianismo e Simbolismo. Alguns escritores contemporâneos assumem a sua filiação aos dois movimentos do século XIX. A polêmica estudada em capítulo anterior, chamada de ‘A Bahia Intelectual’, é exemplo nítido da recepção da proposta editorial de Carlos Chiacchio, Nestor Duarte e Eurico Alves. Os jornais são alguns dos principais motivadores de revistas de literatura e cultura, uma vez que o apoio cultural escora a própria existência do periódico.

403 ALVES, Ívia. *Arco & Flexa: contribuição para o estudo do modernismo*. Salvador: Fundação Cultural do Estado, 1978. p. 13-14.

Alves analisa o manifesto e as adesões da revista. O texto é de exclusiva responsabilidade de seu líder, Carlos Chiacchio. Uma das características do manifesto simplificado na proposta que ele denomina de Tradicionismo Dinâmico, como atesta o estudo de Dulce Mascarenhas, anuncia um Modernismo que alia o passado ao presente, para a promoção de um acontecimento cultural ao gosto das renovações que vêm ocorrendo em outras partes do país e do mundo:

Inicialmente, o 'tradicionismo dinâmico' foi uma posição radical de características fortemente bairristas (localista), embora vá sendo modificada, tomando certo aprofundamento, devido a aberturas para poder abranger as diversas modalidades de tradições locais de cada região.⁴⁰⁴

Há uma postura bairrista radical para aproximações e conciliações que tentam abranger um maior número de ações culturais, inclusive não negando a permanência do passado no presente, e não a sua ruptura. Ívia Alves compreende que a mudança para uma renovação genuína tem de passar pela prova de abandono de visões, práticas e cânones que porventura atrapalhem no presente. Mesmo sem aparecer de forma explícita, a atitude de “conciliação”, tão comum na vida prática desses homens de letras, para o constante diálogo com os centros irradiadores de cultura e de poder para os setores regionais, não é levada em consideração.

Conciliar significa manter o diálogo em meio ao regular uso da violência, da interdição, como apresento anteriormente em capítulo sobre a tradição do bota abaixo da República e do Modernismo. Em contrapartida, nenhum dos colaboradores de jornal (literato ou político) consegue esquecer as lições de Rui Barbosa ou Simões Filho sobre como sobreviver num ambiente tão acostumado com os usos dos exércitos na vida nacional e urbana (jornais empastelados e jornalistas violentados fazem parte do vocabulário comum da cultura).

Além da prática cotidiana mergulhada nas suas próprias fontes teóricas, como observa Mascarenhas, Chiacchio presta contas a uma linhagem que, bem ou mal,

404 A partir desse ponto, todas as referências ao livro de Ívia Alves serão indicados com IA, 1978. IA, 1978. p. 23.

providencia o estado sistêmico até aquele momento. Isto explicaria a permanência de Rui e outros cultores da oratória na Bahia das décadas de 1930 e 1940. Talvez uma leitura do fenômeno da revista em si sempre observe as suas atitudes em falta (insolentes) a uma autoridade externa, que nunca leva em consideração a complexidade daquela sociedade.

As partes do manifesto apresentam os motivos de cultura nunca serem desvinculados do que a Bahia deseja ou repudia (ou deveria sair daí o ponto de partida para crítica — da sua ampla auto-constituição e não somente literária):

O manifesto no seu aspecto formal está dividido em cinco partes, donde se infere programa de ação: 'Cultura universalista'; 'Sem perder o contato da terra'; 'Tradição, tradições'; 'Contra o primitivismo'; 'Arco & Flexa'. Em linhas gerais, traça o manifesto, em largo painel, as atividades de renovação literária do Brasil, a problemática da América espanhola, para finalmente colocar os propósitos da revista. Sintomaticamente, faz a análise do momento cultural brasileiro, critica certos caminhos assumidos e procura uma solução para a literatura de renovação na Bahia.⁴⁰⁵

A principal preocupação de Chiacchio, nas palavras da ensaísta, é com o “novo”, proveniente da Europa, manipulado pelos brasileiros, sem conscientização, considerando não haver relação profunda entre este “novo” europeu e as necessidades internas que o Brasil solicita.⁴⁰⁶ No manifesto de *Arco & Flexa*, Chiacchio defende a idéia (que parece positiva no parecer da ensaísta) de que todos os países da América se definam como próximos entre si e se distanciem similarmente da Europa. Um dos motivos para esse “delírio da imitação” dos europeus estaria na falta de “fôlego” para estudos e pesquisas que requeiram profundidade. Deixou-se, por isso, o passado na penumbra e se voltou para o Futurismo.⁴⁰⁷

Entre os motivos da reserva de Chiacchio contam um aspecto positivo e outro negativo. É negativa a avaliação do Futurismo como hegemônico para todo o movimento paulista, e motiva muitas das reservas da ensaísta. É positivo que

405 IA, 1978. p. 24.

406 Id. Ibid., p. 25.

407 Id. Ibid., p. 25.

busque numa aliança com as outras nações latino-americanas uma proposta para o seu dinamismo tradicional. Essas palavras são comuns a outros ensaístas da América, como Octavio Paz. Talvez sem o perceber, Chiacchio também se intromete em polêmica nunca encerrada, qual seja, a sempre cantada falta de profundidade reflexiva causada por alguma limitação determinista, ou pela mistura de raças ou pelos ventos quentes do solo tropical.

Nesse sentido, o crítico de 'Homens e obras' faz a ciência que domina até a década de 1930. Não é então um equívoco pessoal, mas uma tomada de posição dentro da comunidade das letras. As posições da revista em relação à cultura da Bahia do século XX, ou a sua capacidade de dialogar com a comunidade, são indicadores de temáticas e ritmos propostos que desembocam no Tradicionismo Dinâmico:

Sem querer discutir aqui as diferenças marcantes entre as diversas linhas traçadas pelos periódicos da época, preferimos mostrar que o 'tradicionismo dinâmico' ainda está preso a uma idealização do mundo do fim do século XIX. Seus colaboradores lutam por uma posição equilibrada, mas desde que envergaram a responsabilidade de continuar a tradição literária baiana, '*Arco e Flexa*' marca na sua época a tendência dominante local.⁴⁰⁸

Tal performance de-sincronizada com o gosto contracorrente das revoltas modernas significa o lugar confortável de Carlos Chiacchio e seus partícipes na atividade literária em veículos jornalísticos e revistas. No entanto, diversos fatores determinam a pertença desses intelectuais a um lugar atrasado e conservador. Em primeiro lugar, uma crítica ferrenha das gerações intelectuais que vêm depois, cuja principal consequência é encobrir que a tarefa do *bota abaixo*, de demolir os feitos do passado é uma atitude muito pouco vanguardista. O diálogo entre a tradição e os novos formatos culturais e artísticos nunca se interrompe, somente propõe alguns abandonos individuais de autores, estilos e dicções, para a tomada e inclusão de nomes das novas gerações.

Os modernistas apostam tanto nessa estratégia que viajam aos estados

408 IA, 1978, p. 33.

divulgando suas idéias. O jogo conhecido dos novos contra os antigos está tão providenciado que os mesmos não poupam duros ataques a esteios do sistema,⁴⁰⁹ poetas do porte de Olavo Bilac e romancistas preciosos como Coelho Neto. Os centros clássicos universitários de estudos da literatura brasileira constituem-se na terceira geração de pesquisa na área. A primeira é embasada na instituição sob amparo do imperador: IHGB; o segundo espaço são os rodapés dos jornais. É hábito que cada geração conteste e resista ao assédio da seguinte. A literatura de jornal estudada em *O Imparcial* também está incluída nessa polêmica.

Após ter alcançado, por mérito inquestionável, seu lugar no sistema, os centros universitários agora combatem as novíssimas gerações, cujo enfoque politizado e sociológico percebe fissuras para críticas a monumentos do literário. Isso porque os cânones foram muito úteis na manutenção de ideologias nacionais, sendo deslocados da esfera de incandescência produtiva para o lugar de sustentáculo da estrutura. Leve-se em consideração que não mais importa suas vontades individuais. Eles são manuseados de acordo com o universo epistemológico e ideológico em que estão inseridos.⁴¹⁰ Tal postura de questionamento e defesa é a possibilidade de crise da qual fala Heidegger, para que se alcance a maturidade necessária à superação das deficiências ainda permanentes, desde o primeiro estágio de estudos da literatura.

Os esteios de sistema, fontes emissoras de energia criativa, produzem e ocasionam uma quantidade de movimentos e derivações difíceis de serem premeditados. A emissão dessa força, cuja semelhança com as idéias da Física, propostas pelo seu idealizador — o sociólogo Niklas Luhmann — não seriam acidentais. As estrelas e os planetas desaparecidos continuam deixando seu efeito por longo percurso. Cabe ao estudo dentro de cada sistema semântico determinar

409 Para mim, são mais fortes por sua atuação do que pelo seu talento individual.

410 Fala-se de literatura brasileira com propriedade partindo, chegando e indo através de um conjunto ficcional-crítico-poético chamado Machado de Assis ou de um conjunto historiográfico-crítico-reflexivo chamado Antonio Cândido. Suas possibilidades de focalização de sentidos dão a idéia de que a verdade do sistema literário brasileiro são eles — o topos do cânone. Seriam criatividade sem limites, somente porque não teríamos como medir seus limites. Para mim, esses limites ainda estão no momento em que não existiam, para o qual a literatura brasileira pairava a esperá-los, como esperava os hoje antiquados e pernósticos Bilac e Neto antes. Numa corrente de tempo espaço, a concretude é o método: até que se ponha em dúvida os topos literatura e brasileira, sempre se estará a espera dos seus esteios sistêmicos.

as vantagens de sua utilização, seja ele moral, estético, filosófico, matemático, biológico, astrológico, escatológico, metafísico ou mesmo espírita. Os autores Artur de Sales e Maria Dolores são notabilizados na contemporaneidade pelos escritos psicografados em seu nome.⁴¹¹

O enfoque interpretativo que separa as contribuições de Dulce Mascarenhas e Ívia Alves, visando ao presente estudo, deve posicioná-las de forma positiva. Autorizado pela argumentação de S. Schmidt, quanto à importância do jornal para a memória do sistema cultural da Bahia e do Brasil, e na prática do seu estudo, a confrontação com conjuntos de irradiação literária obriga a uma leitura e compreensão do sistema. O Carlos Chiacchio de *O Imparcial* rasura o conjunto homônimo encontrado por Ívia Alves.

Se a posição da pesquisadora deixa perceber um certo tipo de atraso nas propostas da revista por causa de sua recusa em romper com as práticas de produção literária, o que é o normal para o momento, também essa atitude de vanguarda não expressa uma novidade em si, mas uma rotina pela ruptura que já vem desde o Renascimento, pelo menos, naquele jogo que Nietzsche denomina de “eterno retorno” e Octavio Paz chama de “tradição da ruptura”. Nessa perspectiva, Chiacchio e seu grupo buscam outro caminho, outra via. Ademais, logo depois da ruptura modernista que tanto o autor de *Infância* combate, vem de fato a

411 É fato que a vigília crítica exista para que não se permita que os códigos temporais datados e muitas vezes inválidos (prejudiciais) sejam transportados junto com essa energia criativa. Não parecem lucrativos o preciosismo parnasiano de Bilac, a hierarquização determinista das raças de Aluísio Azevedo e Afrânio Peixoto, ou a misoginia de Machado de Assis e a limitação cultural da nacionalidade brasileira no fundamental conceito de leitor amadurecido de Antonio Cândido – justo num mundo de leitura ampliada pelos novos artefatos culturais. Na condição da historiografia, todos os nomes acima são o esteio de sistemas completos mais ou menos visíveis à atenção do que se chama de literatura brasileira, nas edificações institucionais (Afrânio Peixoto), nos rituais acadêmicos e universitários (Machado de Assis e Antonio Candido), do livro (Machado), do leitor (Aluísio Azevedo), da memória (Afrânio Peixoto e Coelho Neto) da relação Brasil-Portugal (Coelho Neto e Afrânio Peixoto), dos meios de comunicação de massa e até na organização urbana (todos os que emprestam os nomes às praças, ruas, avenidas e cidades). Arrisco-me a que quaisquer dessas propostas acima de interrupções da aceitação passiva da criatividade daqueles ilustres senhores (desqualificação é um termo limitado) pouco arranhem a reputação de suas estupendas individualidades, reduzindo a crítica a uma demonstração de ressentimento para com as edições luxuosas que impõem respeito a outra representante do sistema de literatura: as editoras. Se se pode pensar em esteio de sistema também há a possibilidade de *ocasionamento* de eventos ou fenômenos. Pelo menos no estudo da literatura de jornal de *O Imparcial* encontra-se, amalgamado ao sentido literário, a irradiação de forças chamadas Carlos Chiacchio, Xavier Marques, João Paraguaçu, Hélio Simões, através de todas as suas realizações. É necessário, dentro do espaço da narrativa da história da literatura de jornal, fornecer um nome para o evento.

acomodação, como é detectado por Silviano Santiago, no seu exame da visita do grupo da Semana de 22 a Minas Gerais:

O discurso da tradição foi ativado pelos primeiros modernistas, e logo no início do movimento. Desde 1924, com a viagem a Minas Gerais feita pelos modernistas de São Paulo, ciceroneando Blaise Cendrars. Acho que a viagem é um capítulo ainda relativamente pouco estudado, e, quando ela é explorada, o é por vias que não se aproximam muito do raciocínio que tentarei manter com vocês. A viagem marca uma data, momento para discutir a emergência, não só do propiciador de uma manifestação estética primitiva (ou *naïve*). Foi Brito Broca, em artigo de 1952, quem chamou a atenção para a contradição entre o futuro e o passado em 1924.⁴¹²

Nesse estudo, Santiago vai mais longe em sua descoberta da contradição maciça dos modernistas de 1922: entre o violento ataque e a exaltação da tradição — ante a presença da expressividade barroca e neoclássica mineira. O susto dos jovens modernistas à vista da insustentável arte das montanhas de Minas confirma as suspeitas de críticos como Assis Memória,⁴¹³ anos depois, de que os talentosos jovens não conhecem a tradição que atacam.

As constatações de Broca e Santiago garantem a coerência do esforço teórico e crítico de Chiacchio. Pouco percebido pelas gerações de escritores e críticos formados dentro da “tradição modernista”, o discurso da tradição foi ativado pelos primeiros modernistas. Essa informação, encoberta ou desconhecida, leva a crer no equívoco de que é toda a tradição que deve ser retirada pelos tratores do canteiro de obras das vanguardas, como expuseram os filósofos M. Certeau⁴¹⁴ e M. Heidegger,⁴¹⁵ mas o que ocorre é a remoção de um acervo mais próxima, atuante e, pelos propósitos aventados na homilia pelos estados, mais inconveniente.

Heidegger orienta pela remoção de toda tradição vazia, destituída daquela energia que leva ao Ser, mas, ao contrário o intercepta, o encobre. A visita de Silviano Santiago à tradição modernista flagrada no indeciso jogo contra a tradição,

412 SANTIAGO, Silviano. A permanência do discurso da tradição no modernismo. In: _____. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 97.

413 MEMÓRIA, Assis. O Modernismo nas nossas letras. *O Imparcial*, Salvador, 2 dez. 1938. Pela Ordem, p. 4. Realizo leitura acurada desse artigo no capítulo 5.5.

414 CERTEAU, 2002, p. 78.

415 HEIDEGGER, 2002, p. 51, v. 1.

ou contra a concorrência, não deixa de ser a apropriação dos conselhos de remoção de detritos heideggerianos, levando-se em conta o propósito inicial desta tese em demonstrar que a literatura baiana — entre 1920 e 1950 — toma sua forma mais saliente na literatura de jornal. Ao se promover sua abertura, o Ser da literatura pode vibrar mostrando qual a face mais modernista ao esteio de sistema Carlos Chiacchio ou a um formato mais aproximado com a tradição modernista de vanguarda paulista ou carioca.

Há coerência nas observações de Ívia Alves quanto à pouca concretização de literatura estilisticamente renovadora em *Arco & Flexa*, em poemas, contos e fragmentos de romances afinados com as técnicas européias. Por outro lado, a polêmica pela permanência de uma parceria mais lucrativa, pelo Tradicionismo Dinâmico, permite a transição para um Modernismo com as feições do que a Bahia vem realizando anteriormente, com suas lutas de duas frentes: internas, contra o marasmo cultural, o analfabetismo crônico, a violência das oligarquias (a literatura de jornal não esquece os seus influxos culturais e sociológicos); externas, contra a forma de condução da República, violenta e impositiva, na maioria das vezes, principalmente sentida nos órgãos onde a literatura de jornal é praticada.

A grande bibliografia sobre o atraso, a ticanhez, o feio desenho das ruas da cidade de Salvador, refletindo a estreiteza de algumas cabeças que conduzem os rumos urbanos e estaduais, não deixa de acertar em suas constatações. Questionam-se as conclusões de tais pesquisas, consagradoras de competências intelectuais dentro e fora das fronteiras estaduais, que pouco interferem no ambiente anteriormente percebido pelos “nativos”. Nessa discussão, podem importar algumas palavras de Edward Said sobre o papel do intelectual, principalmente quando estão em jogo duas atitudes opostamente diferentes: falar-se a verdade do poder e não ao poder.⁴¹⁶

O olhar político do jornal autoriza visualizar e pesar o trabalho intelectual. A reflexão pela literatura para constatar, no centro, que a periferia continua atrasada, neutraliza o projeto. Com esse perfil, ele ameniza quaisquer complexos de culpa das

416 SAID, Edward. Falar a verdade ao poder. In: _____. *Representações do intelectual: as Conferências Reith* de 1993. Tradução por Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 89-104.

agências e providencia um amargo determinismo entre relações há muito esgarçadas: a autoridade entre o poder e o fraco. Como haver a práxis da vanguarda em discursos que correm o risco de falar de dentro duma tradição, consciente ou inconscientemente? E por mais que a Bahia se pense como instância superior, é ela o lado fraco em que Said orienta que o intelectual deve sempre se posicionar. Destemidamente radical, para ele, não há representação intelectual para quem deseja pensar do lado do poder.

Afora um tênue gosto romântico por causa da militância, o intelectual de Said é alguém vigilante, crítico, amador, pouco afeito a divertir, mais talhado para provocação cerrada e em múltiplos campos; por isso a sua reserva para com o especialista, metodologicamente preso a uma linguagem de ação. O seu ideal, cuja prática afirma ter deliciosamente experimentado, é quando o especialista surpreende o discurso e transcende com competência para outras áreas do debate. Na verdade, ele é beneficiário de uma tradição (também) de intelectuais bem-dotados que colocam a literatura num espaço de privilégio na cultura ocidental.

Nietzsche, Heidegger, Sartre, Barthes exercitam essa transcendência ou “contraponto”. Depois deles, o estudo da literatura não pode ser mais ocupação de especialistas, não importa os esforços em contrário. Se, por um lado, a investigação de uma revista dentro do espaço da literatura não fornece os elementos para a transcendência experimentada pelo autor de *Cultura e Imperialismo*, a literatura de jornal, por seu lado, não permite outras formas de leituras senão aquelas que comportem o seu caráter intertextual.⁴¹⁷

417 A compreensão do papel do intelectual no momento da existência de *O Imparcial* é a destruição da tradição para afastar os detritos e os artefatos atribuídos a essa tradição. Coelho Neto faz a sua parte, obsessivamente, para aumentar a quantidade de leitores, apesar de as primeiras décadas do século XX não serem um fenômeno de leitura *per capita* (média de 12% de leitores). Fiel ao seu projeto, o ataque modernista é tão contundente que até *O Imparcial*, um jornal de colaboração assídua do romancista maranhense, publica texto contra Neto. Em artigo explicitamente militante, Orígenes Lessa (A tragédia de Coelho Neto. *O Imparcial*, Salvador, p. 6, 14 jan. 1935. Incompleto) expõe juízo cruel da última recepção de Coelho Neto. A crítica é levada em meio ainda à comoção do desaparecimento de dois dos escritores mais populares da época – Neto e Humberto de Campos.

Para o autor de *O feijão e o sonho*, o que é um feito intelectual – a pujança produtiva em uma infinidade de órgãos de imprensa, em publicações didáticas, livros de diversos gêneros literários e não-literários, explicitamente devorados por todos os cantos do país – se extingue. Quase ninguém se interessa ou pede que se envie livros ou artigos do autor de *A conquista*, mesmo antes de sua morte. A luz de um tempo iluminada pelas suas escritas havia se apagado, segundo o articulista.

O artigo trata de lançar a pá de cal no autor escolhido pelo Modernismo para pagar pelo tributo de promover a tradição. O espaço da literatura de jornal permite que se movam as diversas

Tanto Ívia Alves quanto Dulce Mascarenhas concordam em um ponto: Chiacchio não compreendeu a proposta modernista na sua totalidade. Por outro lado, ele aproxima-se de outra via de acesso a uma renovação que beneficia o pouco visível caldo de cultura literária da Bahia e continua a defesa da nacionalidade, o grande filão do século XIX, que providencia o prestígio de autores brasileiros como José de Alencar e Gonçalves Dias e que nem os modernistas mais exaltados de 1922 conseguem contornar. O sentido de nacionalismo, como sinônimo de tradição, é a tônica percebida por Ívia Alves:

Em todos os artigos, portanto, nota-se o entrosamento dos seus autores com o momento coevo, quando procuram equilibrar a Bahia com a renovação processada em todos os outros Estados. A preocupação com a nacionalidade (com elementos característicos de um tipo de nacional) dá à Bahia possibilidade de participar do movimento, sem que, no entanto, partisse dela atitudes consideradas de ruptura ou desequilibradas. Não podendo fazê-lo ou não tendo condições para isso, os inovadores baianos sentem ser esse o instante exato para se manifestarem pois preocupados com a tradição, dela se utilizam como uma das ramificações do nacionalismo, ou melhor, como próprio sinônimo de nacionalismo.⁴¹⁸

O cuidado com a tradição é, de fato, um dos pontos do discurso de Chiacchio e de *O Imparcial*, afigurados como guardiões de um arquivo que une o estado. A abordagem pretende dar visibilidade a essa “cura”, como assim a denomina o filósofo alemão Martin Heidegger. Também se percebem imbricadas a defesa da tradição e a nacionalidade, respaldadas numa relativamente antiga parceria de prestígio mútuo entre a fixação da Nação e as atitudes da Bahia. Diga-se de passagem, a guarda (cura) e o que guarda de nacionalidade são questionadas a partir do advento da República e da chegada do século XX. Sabe-se que nenhum movimento de cultura dessa ou de outra fase deseja romper com os princípios da nacionalidade.

A diferença da Bahia é de posicionamento, aqui examinado, que é expressão

correntezas, uma vez que é nele que Coelho Neto circula livre e consagrado ainda por mais uma década de existência do periódico, apesar das escolhas próprias pela literatura local. Chama a atenção as pouquíssimas edições de livros de Neto, pois os que se encontram em sebos estão em pseudo-ortografia, o que ironicamente parece confirmar a tese de texto anacrônico e de erudição vazia.

418 IA, 1978, p. 36.

de um negativo a se expandir da política para a literatura. Por nunca renunciar a seu lugar de entrada, nascimento, primeira administração das terras do Brasil, a Bahia vê seus esforços recompensados por canhoneios em suas instalações de passado, como a Câmara, o palácio do governo e a Biblioteca Pública, em 1912, todos baluartes, conscientes ou não, daquela maneira de ver o mundo. Cada vez mais nacional pelo que considera de herança e mais marginal pela forma como é tratada no alto das suas credenciais, a alternativa pelo esteio de sistema de Carlos Chiacchio é coerente.

Os movimentos aspiram uma “nova” nacionalidade que desequilibre as noções de poder para onde irradie a nova e vencedora nacionalidade. A República pode ter renovado a política de administração do País, mas ainda emite o poder através do Rio de Janeiro, o que é modificado, pelo menos culturalmente, com o Modernismo da Semana de 22, cuja autoridade está consolidada pelo vigor da cafeicultura e pelas mostras de industrialização paulistas daquele período.

Na sua classificação dos autores componentes de *Arco & Flexa*, a pesquisadora expressa a falta de empenho na ruptura dos nossos autores, todos comprometidos com a conciliação entre um novo recatado e o antigo consolidado:

Voltando ao quadro onde tentamos diferenciar autores pelos processos técnicos-estilísticos e temática, dispondo-os em dois grandes grupos: tentativas modernizantes e tendências do fim do século, observamos que a maioria dos colaboradores permanentes de *Arco & Flexa* estão presos ao academicismo e mesmo as incursões individuais no campo da experimentação representam referências isoladas e por demais tímidas. Também se considerarmos mais nomes representativos, principalmente porque não se fez realmente uma mudança brusca e sim, a tentativa de coadunar o antigo como o novo, este sem grandes vãos inovadores.⁴¹⁹

O que marca a produção literária da Bahia é a permanência da tradição, enquanto a tendência de outras regiões brasileiras é a mudança radical e cuja principal atitude nega as produções anteriores, no entender de Alves. Na sua leitura, pela ótica da literatura de jornal, autores como Carlos Chiacchio têm uma dramática consciência do delicado lugar cultural do estado, poucas iniciativas e realizadas para

419 IA, 1978, p. 53.

uma minoria.

O tempo da permanência de um jornal como *O Imparcial* em boa parte do século XX, e pelo que fica impresso em suas páginas, comprovam as iniciativas de Chiacchio e outros, girando em torno de argumentos de utilidade pública ou exigência de modificação do comportamento cultural apático ou ausente. É nesse ponto que os autores estudados pela ensaísta se permitem radicalizar. Para eles, antes mesmo de haver uma literatura que se tenha de qualificar em alto e bom som como antiquada e ultrapassada deve-se falar da tranqüila convivência com um sistema de literatura amesquinhado e desprovido de propostas que lhe possam alavancar quantitativa e qualitativamente.

Mais grave do que a raridade de romancistas como praticantes da estética nova é a inexistência de romancistas de qualquer espécie. Por isso, antes de se ter uma *Arco & Flexa* expressiva ou não do Modernismo, há a presença de uma gama de autores iniciantes. O sistema de literatura almeja seguir os passos de Xavier Marques, Afrânio Peixoto, Roberto Correia e Rui Barbosa, todos à sombra de Castro Alves. O desejo de superação dos ícones é um item de segunda ordem.

A tomada de posição de Carlos Chiacchio, enquanto crítico, contribui para a renovação. Fruto dessa realidade desfavorável, nem todas as alternativas de mudança estão de acordo com seus códigos culturais. O obstáculo a ser superado é o caminho a seguir sem a negação total dos influxos culturais tidos por ele como importantes e, ao mesmo tempo, dar combate ao quadro contemporâneo. Eis a demanda do crítico: oferecer uma resposta ao *boom* de renovação imposto pelas necessidades culturais externas e movimentar um contexto comprovadamente estático. O duplo projeto impõe uma dicção para o diálogo com as formas estéticas vindas de fora, mas não permite que se perca a conexão dialógica com os pontos irradiadores estaduais.

Sem a conexão local, Chiacchio correria o risco de perder a qualidade de esteio cultural, posição muito clara por suas investidas criativas, institucionais e estéticas, por isso, a valorização das palavras de ordem: Ala avante, Ala sempre, Ala mil; da postura em vez da impostura: Cavaleiros da Távola; da performance:

impostação forte na voz nas polêmicas, debates, preleções e os longos cabelos boêmios, avisando da fidelidade religiosa à militância intelectual. O médico-poeta também inspira desconfiança até nos contemporâneos e patrícios porque afirma sempre simpatia quando critica, contudo, é terrível quando polemiza.

É necessário notar que a figura do crítico é representação do século anterior enquanto prática, mas ainda projeto necessário para a Bahia do século XX, onde não há uma cadeia tão especializada de agentes de sistema de literatura e de cultura. A complexidade das ações acima coloca em cheque até a procura do crítico literário de Dulce Mascarenhas, a essa altura, mais compreensiva em relação à personalidade intelectual sob “contaminação” do autor de *Modernistas e ultramodernistas*. Por outro lado, as mesmas atitudes detalhadas blindam as investidas de Ívia Alves.

Em passagem sobre a participação de Herman Lima na revista, a pesquisadora deixa entrever a consciência que alguns escritores têm da importância da Bahia do passado:

A crônica propõe-se captar a atmosfera telúrica e mística da cidade de Salvador. O autor-narrador descreve lenta e minuciosamente a paisagem e a topografia da cidade. Fixa-se na arquitetura das igrejas que o levam a evocar a época áurea da Bahia, cujas raízes históricas profundas atravessam o tempo, deixando sulcos marcantes no momento atual.⁴²⁰

O comentário precioso para minha pesquisa é logo abandonado, porque o objetivo ainda é classificar as intenções literárias de cada escritor, de acordo com um descompasso: estarem mais ou menos fora das ações desencadeadas em São Paulo de 1922. Se tivesse aprofundado a descoberta, teria notado que esse apego ao passado “áureo” é, ao mesmo tempo, resistência e produção de discursos para a defesa duma noção nacional que posiciona inegavelmente a Bahia em lugar relevado. A partir do apego ao passado (ponto de apoio), no qual a cultura estadual tem uma valia para o nacional e também é ponte de contato concreto com outras partes da Nação, o projeto da revista de literatura e cultura baiana se arrisca a fazer

420 IA, 1978, p. 59.

desaparecer a subalternidade que essas localidades devem encenar quando mantêm o diálogo com as partes mais fortes do Brasil (como a sede e o centro financeiro).

A pesquisadora impõe os resultados de sua análise quanto às condições do estado de acomodar uma manifestação de vanguarda nacional:

A Bahia não poderia ser base para uma tomada de posição “modernista” pois o meio não propiciava as inovações. Considerando o próprio patrono, tinha ele vivido sua mocidade dentro da atmosfera das polêmicas de Rui Barbosa e Carneiro Ribeiro e sua própria tese de doutoramento em Ciência Médicas (*A Dor*) tendia mais para a literatura, fazendo uso da linguagem bombástica e de efeitos sonoros, trabalhados pela oratória tão comum na época. Ainda no momento da publicação de *'Arco & Flexa'* a intelectualidade baiana assistia e acompanhava vivamente os oradores, os discursos literários, as polêmicas, os romances de Afrânio Peixoto e Xavier Marques, dentre outros. A preocupação com a linguagem castiça, de vocábulos eruditos levava os leitores a viver mais próximos das idéias de fim de século do que mesmo a participar do momento presente. E é nessa atmosfera de província, que já havia perdido seu prestígio político e econômico, que se origina o 'tradicionalismo dinâmico'.⁴²¹

Essas palavras antecipam um julgamento geral sobre a cultura da “Província” a partir de um ponto particular, um dos momentos dessa cultura. *Arco & Flexa* é o motivo para caracterizar a Bahia como decadente e bajuladora de modelos sem valor para o presente. A oratória, as polêmicas e o culto à linguagem barroca são importantes para a cultura estadual, ou seja, a pontuação de negativo prescinde da referência que, uma vez explicitada (na sua não positividade), deve ser, ao menos, questionada na sua verdade.

As exigências de Ívia Alves, especialista na crítica literária de Eugênio Gomes, seguem por um caminho mais estreito do que as possibilidades intelectuais de Chiacchio e *Arco & Flexa* permitem. Arriscando sair daquele lugar mais seguro de especialista em literatura, e menos agudo de intelectual saideano, avalia o ambiente mais geral da Bahia pela leitura da revista. O lugar teórico da pesquisadora, apesar de não deixar claro em qualquer momento da monografia, é percebido na menção a respeito da supremacia de processos estilísticos do passado, entre os colaboradores

421 IA, 1978, p. 77.

da revista, sobre os esforços de renovação alinhados com o presente da Semana de 22:

A análise da produção literária dos colaboradores permanentes também nos deixa incapazes de tomar uma posição mais definida sobre o periódico. Se, de um lado, aparecem produções que aparentemente, seguem a intenção do programa de ação apontado pelo manifesto, por outro estão presentes, em número superior, colaborações de posições diversificadas manipulando temáticas e processos ultrapassados.⁴²²

O termo “ultrapassado” significa que um momento temporal está em jogo na avaliação. Em prol de um tempo válido, a maioria das atitudes técnico-estilísticas dos colaboradores permanentes da revista são inválidas, e quais seriam essas posições senão aquelas que historiadores como Alfredo Bosi e Antonio Cândido defendem como um amadurecimento da literatura brasileira: o Modernismo. Nesse sentido, Ívia Alves é uma escritora modernista, datada, quando avalia a literatura de *Arco & Flexa*. Os textos são organizações de signos temporalmente aprisionados e dependentes de idéias teóricas e sentidos coletivamente válidos. A possibilidade de serem questionados é permanente.

O dilema, para o conjunto de textos que atende por *Arco & Flexa*, é como o tratamento reflexivo das idéias de Ívia Alves, no momento da publicação do livro, o atinge. O impacto da negatividade da leitura é sentido quando se atenta para a proposta à luz do conjunto de produções da literatura de jornal contemplado na pesquisa. Há propostas pousadas sobre o negativo, mas todas em forte recorte fragmentário: a auto-denominação de cabra, do poema de Luiz Gama, sua “Bodarrada”; a frase emblemática de Machado de Assis: “ao vencedor as batatas”; “a malandragem” de Antonio Cândido; “a estética do otário”, de Silviano Santiago, cujas exatidões de tese explicam a permanência, em espaço de leitura, de romances e poemas em tempos de contracorrente.

A positividade para a pesquisa está na articulação entre os três blocos de textos — *Arco & Flexa*, Ívia Alves e a literatura de jornal — que, em vez de

422 IA, 1978, p. 79.

corroborar o equívoco de uma mentalidade (Carlos Chiacchio), permite mensurar o valor da prática metodológica no estudo da literatura. Isso porque é no método que a noção de movimento, de mudança, de dinâmica, são simétricos ao sentido do que é literatura. Esse movimento lança-se em todos os sentidos, não só para a frente como deseja Ívia Alves. Dependente e articulada a outros sistemas, a literatura beneficia e é beneficiária, de acordo com suas escolhas estéticas.

Se é percebida uma retração prejudicial com o todo nacional, como Alves constata, há também os benefícios dessa ação programática, principalmente, na manutenção de uma coerência com certa identidade literária do passado. Na metodologia, resolvem-se os desenhos epistemológicos e a urdidura ideológica da pesquisa. Raptada pela eficiência do método, tem-se a impressão de que a literatura de *Arco & Flexa* só poderá movimentar-se para “a frente”, para o Modernismo. Digna de amostra dum conjunto maior, pela revista, pode-se avaliar que a literatura baiana aparecerá (abertura) quando forem deslocadas, em tese, as forças do método modernista de leitura praticada por Alves.

O mesmo modelo de visão negativa não ocorreria em relação à saliência já defendida da literatura de jornal como literatura na Bahia, no período de estudo, porque ela exige outro método de arrumação e percepção do *corpus*. Sendo assim, a limitação medida pela pesquisa de Ívia Alves é desqualificadora da produção literária da Bahia, se vista pelo enfoque desse sistema literário. O arremate quanto à caracterização da revista tem um tom agressivo, como se estivesse dialogando com autores ou pesquisadores do momento:

Retomando a produção poética e analisando, detidamente, os processos estético-estilísticos em relação às inovações que se delineavam no momento, assim como fazendo um levantamento dos adjetivos eleitos pelos autores, podemos afirmar que “*Arco & Flexa*” não passa de mero equívoco como revista de feição modernista.⁴²³

As colocações levam em consideração uma análise partindo de um pressuposto vencedor, o mesmo que Dulce Mascarenhas não deixa de perceber: o

423 IA, 1978, p. 80.

Modernismo de 22. A diferença é que, uma vez constatada a discordância consciente do movimento baiano em vista do paulista, Mascarenhas procura outras vias de acesso à produção de Carlos Chiacchio, tentando compreender a sua contribuição, limitada, como ele mesmo não esconde em muitos momentos. Nas palavras de Ívia Alves, diferentemente, uma vez que se desvia da corrente mais aceita de Modernismo, na década de 1970, no Brasil, todos os textos do periódico tornam-se um equívoco.

A menção crítica pejorativa, observada pela luz do método, indica que a revista baiana e suas incursões de leitura, colaboradores e avaliação ocorridas em *O Imparcial*, portanto, entrando naquele escopo literário denominado de literatura de jornal, são aprisionados numa temporalidade aquém. O método modernista atravessa a irradiação do esteio de sistema, produzindo um efeito de sentido hierarquizado, em que tal hierarquia forma uma escola de pensamento, tida como a verdade, excluindo práticas de literatura não concordantes com seus princípios metodológicos — compreendam-se epistemológicos e ideológicos.

Vista na sua individualidade, a literatura proposta por Carlos Chiacchio, e organizada na forma de órgão periódico, também é providenciada a partir dos tópicos epistemológicos e ideológicos. É a similaridade dos tópicos que fortalece o domínio do *corpus* pelo método. Há outro elemento muito importante e pouco pensado até agora, na análise: a cooptação, discutindo em termos maliciosos, do pesquisador que conhece eficientemente o campo de estudo; ele é erudito na pesquisa, mas tem de aceitar a autoridade metodológica.

O aquém percebido na prática do método e em suas constatações não seria simplesmente um passado, mas uma dinâmica temporal de falta. Sendo destituída da categoria de cura de que fala Heidegger, sairia da condição de ser literário. Esquecer-se-ia que é providenciada com as ferramentas culturais (mãos, fala, tecnologia, expressão) de que se origina a obviedade do Ser, na sua mais simples acepção, ou no sistema mais próximo, o Ser da literatura da Bahia. Por isso, pensando ter promovido a abertura para a verdade do Ser, mesmo que seja aquela que o método já havia previsto para todos os espaços marginais ou marginados para fora do centro irradiador da verdade modernista, o estudo sobre *Arco & Flexa* trata

mesmo de encobrir o Ser da literatura.

As muitas faces do estudo da literatura da Bahia, para serem delineadas, passam pela identificação de aspectos tidos como negativos dentro de um contexto que um bloco intelectual deseja negar para superar. Então, constata-se a cultura e as estratégias para guarda dos seus traços. Um dos muitos aspectos culturais da Bahia é seu conservadorismo perante as permanentes tentativas de modernização das instituições e dos hábitos. Um conservador é, nesse contexto de estudo, negativo. Esse negativo, antes de qualificar os locais (entre muitas outras possivelmente positivas), é a própria manifestação repreensiva que adjetiva todas as outras produções de cultura. Dentre as estratégias contra o conservadorismo latente no formato da Bahia, há a criação de bibliografia e metodologia própria.

Novamente Martin Heidegger, que é, no dizer de J. Habermas, um dos destruidores da filosofia, postula sobre a necessidade da crítica maciça como providência para o movimento da ciência. Apresento os seus motivos:

O 'movimento' próprio das ciências se desenrola através da revisão mais ou menos radical e invisível para elas próprias dos conceitos fundamentais. O nível de uma ciência determina-se pela sua *capacidade* de sofrer uma crise em seus conceitos fundamentais. Nessas crises iminentes da ciência, vacila e se vê abalado o relacionamento das investigações positivas com as próprias coisas em si mesmas.⁴²⁴

Tanto pela citação quanto pelos seus escritos posteriores, o antigo professor de Heidelberg, ao pôr em questão a linha filosófica dedicada à reflexão sobre o Ser não deseja destruir, mas instituir a crise positiva na identidade científica da Filosofia. Compreendida como crítica — pensar a validade do método de trabalho científico — ao modelo de trabalho e à própria área, faz com que ela atente para os aspectos que não foram vistos ou evocados antes — os marginais, a margem. O trabalho de Heidegger toma sentido, muitas vezes, do estudo em algumas áreas, como a Psicologia e a Física.

424 HEIDEGGER, 2002, p. 35, v.1.

Consagrado no decorrer do século XX, o método modernista alcança um ponto em que, petrificado, corre o risco de repetir gestos e afirmativas categóricas ou como afirma o filósofo, “vacila[r] e se vê[r] abalado o relacionamento das investigações positivas com as próprias coisas em si mesmas.” Isso pode produzir o que ocorre com o concreto, que de tão duro, consagrado, rompe e desaba. A crítica, por seu lado, traz a crise para o estabelecimento de outro momento, positivo (não positivista), do discurso metodológico. Diferente do modelo do bota abaixo, o estabelecimento crítico (crise) mantém-se em diálogo, *in presentia*, dos dois ou mais interlocutores.

A palavra ainda não está no vocabulário do pensador alemão, mas esse relacionamento é o político, no qual eticamente se percebe que a ciência trabalha para fins que podem excluir até as “próprias coisas em si mesmas” ou destituí-las daquilo que a Ciência é formatada para providenciar. A proposta de “matar o pai” ou “neutralizar o dogma da Ciência” inicia um tipo de pensamento que advoga o fim da especificidade pura, seja ela estética, ética, epistemológica ou filosófica. No que diz respeito ao texto de Ívia Alves, o estabelecimento crítico demonstra a autenticidade da sua análise, articulada a uma pesquisa rigorosa, mas que precisa de deslocamento para que se perceba a coerência da contribuição que repercute até hoje. Seria como se as “coisas em si” estivessem em um lugar, e as conclusões da pesquisa, em outro.

5.3 Impacto dos movimentos

A imprensa é o principal espaço de difusão da cultura das letras na Bahia durante o período compreendido pela pesquisa sobre *O Imparcial*. Em muitos casos, a impressão mais forte ou a única dos rastros culturais somente é encontrada naquelas páginas. Num circuito em que podemos enumerar a obra, o veículo, o autor e o leitor, nada mais nítido do que o meio de publicação jornalístico fazendo às

vezes de receptor, com a resenha e os comentários sobre o evento cultural ou publicação. Ele também é espaço de divulgação, quando a obra é periódica, aí se tratando do folhetim, romance, poema ou conjunto de poema, ensaios completos ou fragmentos.

Por isso, dificilmente despreza as iniciativas de cultura e de literatura no estado. Tomar um exemplar para abordagem faz perceber que ele é um sistema no qual seus componentes se comunicam constantemente, pela associação ou combate de idéias intrínsecas ao periódico ou de fora dele (a política é um exemplo evidente). Observar *O Imparcial* nunca é uma ação isolada; com ele, estão objetos culturais como *A Tarde*, *Diário da Bahia*, *Diário de Notícias* e outros.

O Imparcial é constantemente palco de movimentos de literatura e também de avaliação desses textos. Enquanto a literatura é bem-sucedida no espaço de publicação, anunciando o compromisso entre o jornalismo e a literatura, também denuncia a falta de outros meios acionais de literatura e de cultura, como o livro, o leitor e o teatro. No periódico, aparecem os movimentos de 'Arco & Flexa' e 'Ala'. Tanto em seus momentos de projeto, defesa e recolha de resultados, ele ocupa as suas páginas com as iniciativas.

O modelo de organização dos jornais faz com que os grupos culturais tenham maior ou menor privilégio quando seus componentes são colaboradores ou as motivações procedem de folhas irmanadas com as idéias do *O Imparcial*. Um dos mais influentes colaboradores é o crítico Carlos Chiacchio. Ele é um condutor de discursos de cultura no período de existência do jornal. Esse é um dos aspectos que chamam a atenção e provoca certo desnorteio na linha de abordagem de Dulce Mascarenhas. Por isso, ela adverte: "Para este, um auditório é coisa conhecida, desejável e possível, na medida em que, como animador da vida intelectual baiana e mentor de iniciativas promovidas com tal finalidade, conhece seu leitor imediato e prevê suas possíveis reações, interessando-se sinceramente por elas."⁴²⁵

Carlos Chiacchio pode ser pensado como um indivíduo institucional. Seu movimento pela cidade de Salvador requer lembrança das instituições oficiais:

425 DM, 1978, p. 90.

Academia de Letras da Bahia, Faculdade de Medicina, jornais de circulação relevada como *A Tarde* e *O Imparcial*, movimentos de literatura e cultura, como Nova Cruzada, Távola, Arco & Flexa e Ala das Letras e das Artes. Eles significam o sistema em movimento. Chiacchio é um dos nomes que coadunam e “alinham” as várias vozes.

Também há outros grupos em atuação na Bahia, dos quais o jornal dá notícia sem apoiar diretamente, como a Academia dos Rebeldes e a revista *Samba*, que é resenhada no jornal, comentado seu mérito e criticado seu conteúdo. A grande quantidade de notícias no decorrer das décadas do periódico não significa uma dispersão dos textos. A conjuntura (juntura) é garantida pelo formato de sistema, no qual a literatura perfaz um desenho em prol de si, da região, posto que é inspirada e imaginada na nacionalidade liberal dos bacharéis, na ousadia de guerreiros e guerreiras e autorizada pela sombra generosa de Castro Alves.

Todos esses elementos são visíveis na feitura do catálogo e na leitura dos textos. No momento da autoridade (divulgação no periódico) de uma Bahia mestiça, negra, numa apologia à baiana do acarajé (reunida àqueles elementos liberais e da alta cultura), ainda é a figura emblemática de Castro Alves quem dispõe reverência à ousadia ou o que se compreende como avanço. Os discursos formadores dessa literatura sempre partem de uma tradição conformadora, na qual não haveria necessidade de outros exemplares para constituí-la. Uma vez formado esse primeiro núcleo de intenções literárias, outros formatos culturais podem ser anexados, como os portugueses, brasileiros do centro e estrangeiros.

A confiança na tradição novamente dá o tom de amadurecimento para escapar da lusofobia, por exemplo, e alcançar o universalismo sem traumas deterministas. O sistema seria constituído por anéis consistentes ou resistentes pela própria utilidade prática, no seu movimento. Abandoná-los seria pensar no sistema ruindo e os críticos, memorialistas e ensaístas, conhecem o som e a sensação destrutiva da ruína: a Bahia viveu no período do *bota baixo*. Mais razoável seria deslocar os anéis pela perda de utilidade (visibilidade) no contexto sistêmico. Econômico, tudo o que não funciona no sistema desaparece ou perde a sua capacidade de autorizar os esteios ou de ser autenticado por eles.

A gravidade dessa configuração pode ser pensada pela complexidade dos elementos que compõem o sistema: ao se pensar no acesso à leitura escrita como um dos elementos de reflexão (reflexo) do todo do sistema, então pode-se afirmar que outros elementos atestam a existência da literatura em algum lugar (bibliotecas, academias, escolas, mídia) mas o leitor desaparelhado ou analfabeto (receptor) não poderia confirmar corretamente. Sem a experiência do leitor (ou quanto mais), o sistema vai ser projetado (refletir) em outro lugar diferente de onde ele está de fato, justificando emissões como universal e ocidental, tão somente configurações sistêmicas mais amplas e mais imaginadas.

Por outro lado, um poeta que pratica versos em plena cidade do Salvador, mas não se sente confortável com os signos duma literatura de região, somente colhendo a sua recepção nacional ou internacional, também não poderia confirmar seus textos dentro desse contexto que sua escrita revigora. A participação em rituais como lançamentos de livros, publicação local, premiações e concursos também são formas de ver esse sistema mais próximo.

Após essa visibilidade da literatura, tem-se a necessidade de renová-la (crise heideggeriana). A renovação somente é aceita se parte de motivos internos prioritários e depois, dos elementos externos. Por estarem circunscritos ao espaço baiano já mapeado, há uma limitação nos elementos novos requeridos ou anexados. Corre-se o risco do surgimento da ambigüidade, a partir de questões como 'seria renovação ou tentativa de liderança estadual?'

Por outro lado, a resistência ao tipo de renovação alienígena (oposto à endógena) também seria reconhecida numa prática cotidiana. Afora os dois motivos citados, a perspectiva de mudança teria uma consistência por partilhar da experiência cultural. Há regularmente uma agressividade contra movimentos que desejam desestabilizar a ordem da literatura e da tradição. Exemplo disso são o Modernismo e o Futurismo, constantemente atacados no decorrer das décadas de 1930 e 40, no jornal, e isso não só porque tentam mudar os caminhos seguidos, mas também porque vão de encontro ao que o sistema, na fatura de Chiacchio, endossa: não se pode desconsiderar que há uma identidade e um engajamento entre a literatura e a Bahia.

Os dois juntos formam o acervo da nacionalidade ou, em termos de Heidegger, a cura do ser baiano e brasileiro. O *Imparcial* põe em ação o seu programa em defesa de uma identidade cultural e de ataque aos panoramas prejudiciais, publicando textos em que disponibiliza o debate de idéias nas formas agressivas ou sutis. Em texto de 20 de junho de 1934, o crítico Renato Almeida expõe sua opinião a respeito da literatura modernista no Brasil, em face do vigoroso romance de engajamento, como ele assim o denomina:

No Brasil, o fenômeno se sincronizou. Depois da floração da poesia modernista, quase toda de abandono e abstração, da qual só se afastou Ronald de Carvalho, em 'Toda a América', investindo em assunto social, qual seja a posição nova da América em face da Europa, veio a equipe do romance. Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Jorge Amado, Amando Fontes e outros, antecipados pelo sr. José Américo de Almeida, na 'Bagaceira', trouxeram alguma coisa de novo, com a realidade direta e fizeram o romance proletário, para usar da expressão. Nesses romancistas, o que há é o espetáculo da miséria e degradação de meios brasileiros, e a sua atitude pode vir da ideologia ardente, ou da simples história como n'Os *Corumbas*. Mas o que perdura é o testemunho da crise, o que demonstra é o erro social.⁴²⁶

O crítico impressionista defende que há dois momentos na nova literatura modernista, nos quais a primeira iniciativa radicaliza lançando mão de todo o “abandono e a abstração” para depois acomodar-se numa atitude mais politizada e reivindicatória da escrita que fica conhecida como regionalista e dos autores, principalmente, do Nordeste. Compreendendo uma função social da literatura como ponto importante para sua existência, o crítico avalia o ético (a denúncia) acima do estético. Com outros vocábulos, é, mais ou menos, como as reflexões contemporâneas sobre uma literatura das minorias contra a imposição dos centros e seus cânones inquestionáveis.

De fato, vem se tratando de literatura que sobrevive através dos debates dramáticos entre uma sociedade da margem e uma cultura marcada pela falta: letramento, economia, justiça. Nesse horizonte de expectativa, não seria incomum, muito menos “escandaloso”, “indecoroso”, “equivocado”, aproximar a literatura das

426 ALMEIDA, Renato. Romance dos *Corumbas*. O *Imparcial*, Salvador, p. 2, 20 jun. 1934.

reivindicações políticas. Daí uma compreensão fácil do papel de escritor num romancista como Jorge Amado, em seu caldo de cultura mestiça e religiosidade negra, filtrando-se em suas obras a partir dos lugares da mesma Bahia que se deseja purificar.

Em 21 de março de 1931, ao acrescentar mais um texto sobre os movimentos de literatura no jornal, Eugênio Gomes alinha o movimento modernista de 1922 com a revolução de Getúlio Vargas. No artigo “Política e Literatura” diz:

O que eu desejaria, porém, mesmo de relance, era estabelecer um rápido confronto entre os dois acontecimentos culminantes, compreendidos nestes últimos dez anos e representados, a uma, pelo movimento de insurreição mental dirigido por Graça Aranha, a outra, pela revolução de Outubro.⁴²⁷

Em sua avaliação, há um paralelismo nos prós e nos contras da atuação do que viria a ser chamado de Estado Novo em 37 e as novas aspirações da literatura no país. Pesam para ele as contribuições para a renovação da atmosfera social brasileira, no abandono das práticas antiquadas. Nesse contexto, parece sair-se melhor quem consegue negociar com os modelos internos de cultura e política. O lugar de Eugênio Gomes como crítico exige que se faça essa avaliação. Ele rapidamente assume o posto do sistema de cultura para que não se transforme na imaginação de quem (com autoridade) fala de fora e afirma não ter encontrado coisa alguma:

Vitoriosas, uma e outra, admitindo-se que a primeira haja mesmo vencido, verificaram, ao entrar no cômputo de suas possibilidades construtivas: os literatos — que traziam para o campo agitado das idéias novas, uma sensibilidade gasta, gasta e escravizada ao passadismo que haviam renegado e combatido ferozmente; os políticos — que alguns de seus indômitos peões não se haviam curado inteiramente da gafeira do *regimen* decaído.⁴²⁸

Para o crítico baiano, as duas posturas de vanguarda estão contaminadas

427 GOMES, Eugênio. Política e Literatura. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 21 mar. 1931.

428 Id. *Ibid.*, p. 1.

pelas contingências que desejam superar: a tradição parnasiana e simbolista, na literatura. Caldos culturais do passado e da violência, tão comuns ao ser da cultura brasileira, cercam as iniciativas mais ousadas e renovadoras em se tratando de cultura política: o prestígio do ser nobre e a força militar da velha República rodam as idéias dos novos revolucionários. O prosseguimento da avaliação comparativa, no sentido de mostrar os perfis comuns dos dois movimentos vigorosos no momento, recai sobre a conhecida mudança drástica sem uma (ou para uma) devida preparação do sistema:

Não satisfeitos de impor-nos tumultuariamente, uma estética abstrusa e desconexa, os nossos futuristas pretendiam realizar o milagre de modificar, às súbitas, e radicalmente, a sensibilidade brasileira, cortando, de vez as amarras que nos prendem ao passado.

Os revolucionários políticos não pretendem coisa menos absurda, se tivermos em mente que eles diligenciam sanear e *estabilizar*, quase de chofre, o caráter brasileiro, como se a nossa condição de povo criado ao Deus dará de um caldeamento regressivo, e distraído de sua função histórica por uma política corruptora e miserável, admitisse a possibilidade de semelhante **tharmatugia**.⁴²⁹

A interpretação da índole brasileira não se diferencia de textos clássicos do momento, como as idéias de Afrânio Peixoto e Sérgio Buarque de Holanda, todos impressionados por ver um povo brasileiro sofrendo a aclimatação em uma terra tropical cheia de defeitos. O civilizado, aqui, sofre com os trópicos. Distanciando-se do determinismo, na ordem social trazida da Europa, pode ser resumida a sobrecarga de uma única classe (trabalhadora) sustentando nas costas toda a responsabilidade de fazer crescer o país.

Para o bem dos nobres, depois substituídos pelos bacharéis, cujos hábitos continuam, atualmente, descobrimos como próprios de corrupção, arquiteta-se o plano perfeito: todos são desqualificados, portanto, todos devem trabalhar para sair da condição de desequilíbrio, menos quem arquiteta o plano — *fiat lux*, a cordialidade. É preciso lembrar que, no Brasil, duas idéias terríveis ainda são válidas: trabalhar é negativo e tornar-se nobre é viver sem trabalhar. O que poderia

429 GOMES, p. 1, 21 mar. 1931.

acirrar esse processo é o fato de que, quando se olha para esses itens de sistema social, vê-se a máquina pública como lugar acolhedor.

Outro ponto abordado por Eugênio Gomes é o gosto estético ou político pela mudança por decreto, como se as ações não fossem filhas da prática aguerrida e da resistência canina. Acostumados ao debate para a defesa e a manutenção de aspectos políticos ou estéticos, até de virulência escandalosa – são antológicos os debates entre filósofos e oradores – para Gomes, é sempre precipitada a aceitação dogmática. A contragosto, argumenta que há motivos históricos ou administrativos para a região encontrar-se em posição inferior, mas isso não justifica essa mudança sem um respectivo exame (aprissonamento ao passado e despreocupação histórica) principalmente pelos interessados.

Propor movimentos culturais e literários, no jornal, significa o desgosto com a movimentação exercida pelo sistema cultural visível. A prática desses movimentos possibilita a reconstituir a face cultural da Bahia, cuja ênfase recai sobre a defesa de propósitos ameaçados, a defesa contra propostas cabíveis em outras realidades e o oferecimento de contribuição local para o aprimoramento ou melhoramento dos sentidos de nacionalidade. Meditar sobre aquelas manifestações é uma maneira para atacar postos da sociedade como a literatura, a imprensa, a política e a cultura, é uma oportunidade de avaliar como o intelectual atende e se inclui na demanda.

No âmbito da literatura de jornal, o produtor de literatura é sempre um intelectual na acepção da palavra. Não reconhece essa atividade, nas colunas da imprensa, como uma atividade de especialista. Se, por um lado, arrisca não ir tão fundo nas estratégias ficcionais ou na investigação crítica (para os moldes contemporâneos); por outro lado, conhece a sua atividade como algo irremediavelmente articulado às conseqüências sociais do seu fazer. Ser intelectual é incluir-se num projeto de atuação e crítica social, tanto na instância escrita quanto no debate oral.

5.4 Afrânio Coutinho em ação crítica

Não há como negar que o conceito de esteio de sistema se encaixa exatamente nas funções de Afrânio Coutinho, em uma captação do todo da obra crítica e do perfil de pesquisador, tanto para o sistema de literatura nacional quanto para o tema de estudo, a literatura da Bahia. Desde muito cedo, consciente do seu papel dentro de uma política cultural, ele sabe sustentar debates, manter polêmicas com a Igreja, angariar prestígio, organizar e levar adiante ambiciosos projetos de cultura, como a Oficina Literária Afrânio Coutinho.

Começando sua carreira nas colunas do jornal, provoca debates e desencadeia o prestígio da disciplina Teoria da Literatura no âmbito dos estudos literários e dos programas de pós-graduação em Letras. Coutinho pertence ao momento em que se percebe a transição da polêmica oral, marcada pela oratória, e de longa duração na Bahia, previsto desde Antônio Vieira e Gregório de Matos, e tendo seu melhor exemplar em Rui Barbosa, e a passagem para o aparecimento do pesquisador de gabinete e de biblioteca, assentado, eloqüente nas tribunas dos jornais e nos livros. Ainda jovem, ele é um dos principais colaboradores de 'Pela Ordem...', n' *O Imparcial*.

Um dos movimentos de cultura internacional divulgados pelos ensaístas de *O Imparcial*, tais como Afrânio Coutinho, José Adonias Aguiar,⁴³⁰ Guerreiro Ramos, Adonias Filho⁴³¹ foi a Escola Personalista Francesa, representando uma nova religiosidade proposta por Daniel-Rops, Rougemont, Jacques Maritain.⁴³² As idéias desses três pensadores franceses do entre-guerras são fervorosamente divulgadas pelo jovem ensaísta Afrânio Coutinho.

O seu esforço de criar a coluna 'Pela Ordem...' visa construir reflexões sobre assuntos que giram em torno de pressupostos políticos entre o Integralismo e o

430 AGUIAR, José Adonias. Berdiaeff, Gide, Carrel. *O Imparcial*, Salvador, 21 jun. 1937 e 28 jun. 1937. 'A Semana Universitária', p. 2.

431 O romancista baiano publica, em 1937, uma brochura sobre o tema, *Renascimento do Homem*, que é resenhado por Guerreiro Ramos, em *Renascimento do Homem*, *O Imparcial*, p. 5, 2 dez. 1937.

432 COUTINHO, Afrânio. Ética da Cultura Personalística. *O Imparcial*, Salvador, 6 jun. 1937. 'Pela Ordem...', p. 4.

Comunismo. Pelo tom estabelecido nos textos, ele se aproxima da democracia radical populista dos camisas verdes e cultiva uma religiosidade entre o agnosticismo socialista e o cristianismo mais comum da década de 1930. Enquanto vai solidificando uma cultura sociológica e erudita que o prepara para as investidas pela crítica e o ensaísmo literários, toma partido nas contendas que fatalmente estão direcionadas para a II Guerra mundial e as conseqüências do Estado Novo.

A partir do esteio do que ele chama de luz espiritual da França ainda discute sobre a crise de cultura intelectual no País, principalmente, o tipo de interferência necessária para a condução nacional em momento de transição entre as idéias do antigo liberalismo e a nova feição de democracia. Para ele, é entre os repuxes das guerras e a necessidade espiritual que aparecem, rapidamente, novos discursos para guiar os passos da humanidade pelos perigosos dias do século XX.

Nesse percurso reflexivo, o jovem crítico não teme elogiar iniciativas governamentais como as de Mussolini e criticar as idéias da era Getúlio Vargas das prisões, perseguições e empastelamentos. Muito da polêmica independência intelectual, ideológica e religiosa de Coutinho estão apresentadas no ensaio de 'Pela ordem...', "Ética da Cultura Personalística". Além de continuar a série de idéias lidas de seus orientadores franceses, Daniel-Rops, Rougemont e Maritain, ainda inquire sobre o verdadeiro livre-pensador, um dos temas mais decantados pelos *reviewiers* e ensaístas depois da debandada comunista pós-divulgação das ações de Stalin na antiga Tchecoslováquia:

O real só revela seus segredos aos violentos que aceitam suas violências. É preciso não confundir, – como faz a burguesia, que abandona o mundo a suas leis, ao invés de conduzi-lo, retirando-se na segurança onde vegeta e recita problemas inofensivos, – violência e brutalidade. A violência verdadeira é a lei do espírito criador. Todo ato criador faz violência a um estado de coisas. Todo ato criador contém uma ameaça para o homem que o ousa. E isto é a causa da impressão produzida no leitor ou espectador.

A compreensão de que a verdadeira natureza da autoridade é espiritual, é a força espiritual, obriga a submeter sem cessar o automatismo do pensamento à sua vontade criadora, e a reivindicar asperamente o primado do risco sobre a segurança como fundamento de todas as nossas hierarquias intelectuais, e a criar uma pedagogia do risco.

Tudo o que não é perigoso é inútil. E pensar e escrever só são válidos quando acarretam um perigo. O perigo de pensar. É esse o clima verdadeiro do espírito. Thomas Morus é que defende as verdadeiras prerrogativas do espírito, contra Erasmo e Montaigne.⁴³³

A reflexão é o arremate a essas que devem ter sido as palavras-chaves para ordenar um mundo que, de repente, descobre-se vitimado por ditaduras extremas e exterminadoras, nas quais intelectuais investem muito esforços e esperanças. Apesar da dedicação obsessiva ao mundo das idéias, o equívoco faz parte das conclusões do intelectual. Não é por acaso que eles tomam partido e influenciam todos os movimentos sociais do período. Violência e risco são contingências de um mundo pensado a partir do trauma da guerra.

Se, à primeira vista, a literatura não estaria sob as agressivas regras indicadas acima, tampouco a literatura de jornal pode ter o mesmo tratamento, porque, nascida nos matutinos, ela é ameaçada a todo o instante. Desde a ousadia de se fazer em espaço tão perecível, até quando o jornal é empastelado, o risco à memória e à literatura de jornal é uma constante à sua existência. Nenhuma das correntes de reflexão do século vinte consegue contornar o perigo de pensar e de agir, o que leva Roland Barthes a ser assombrado pela catástrofe da cultura e a eleger a literatura como o virtual repositório de todo o conhecimento.

Acima, as palavras de Coutinho pressupõem uma linha pela qual as corretas fontes necessariamente devem ter passado por Nietzsche e Heidegger para terem chegado a Walter Benjamin, Theodor Adorno, Jürgen Habermas e Herbert Marcuse, quando a cultura também se torna opressora das gerações. Não se pode esquecer as ponderações de Benjamin sobre a cultura como barbárie. Distante dos recursos da ironia ou do simbolismo da referência ao estudioso de Charles Baudelaire, ao constatar o perigo de pensar, ele comete o suicídio. Aqueles são tempos de chumbo para o intelectual:

Só esta liberdade de pensar é real, e só assim o pensamento é livre, e só assim o pensamento é verdadeiro, isto é, subversivo e ao mesmo tempo

433 COUTINHO, p. 4, 6 jun. 1937.

ordenador.

A origem mesma do homem efetuou-se num risco. E o progresso do homem é o aprofundamento do seu risco original. Encarnação e risco não são separáveis, e o indivíduo desenvolve-se pela encarnação de mais em mais complexa do espiritual, isto é, pela extensão consciente do risco a todas as duas atividades. Pensamento original é este que reproduz e agrava o ato que instituiu a origem do homem.⁴³⁴

A expressão do livre pensar de Coutinho está ligada a um compromisso ético e estético com uma instância para além de universal da cultura — a um humanismo como condição de existência. Dessa forma, o engajamento aos cordames das instâncias ideológicas locais poderia nublar esse objetivo mais ambicioso de suas reflexões, mesmo quando a simpatia por idéias integralistas aparece em seus parágrafos de maneira incontrolável. Contudo, há também o diálogo com discussões locais e resenhas de livros publicados por conterrâneos. A maioria dos outros textos é sempre a interpretação do sistema cultural mais amplo para o público mais próximo, do jornal.

O escape dessa indulgência local e sabidamente pouco crítica está sujeita aos reveses ideológicos em seu bojo. Coutinho parece saber que os heróis de agora seriam os vilões de um futuro próximo, por isso, o risco expresso no ato de pensar. Ele mesmo tornar-se-ia um vilão dentro do debate sobre a crítica literária tantos anos depois.⁴³⁵ Segundo Silvano Santiago,⁴³⁶ Afrânio Coutinho é um dos responsáveis pelo deslocamento dos estudos de literatura dos escritórios jornalísticos para os gabinetes universitários. Para o estudioso mineiro, com esse avanço imprescindível, em contrapartida, perde-se o lugar de leitura nas colunas dos jornais, mesmo com a criação dos suplementos literários logo depois.

434 COUTINHO, p. 4, 6 jun. 1937.

435 Interessante aviso que Mário Vargas Llosa reedita em recente entrevista a respeito da ausência do intelectual como atuante na esfera cívica e política, assim como Coutinho faz nas colunas de 'Pela Ordem...'. Escritor Mario Vargas Llosa prepara último romance de trilogia, Agência *Efe*, no México. "O romancista disse na entrevista que 'não há escritores e artistas latino-americanos hoje em dia' e critica o fato de que 'os escritores e artistas desprezam a participação cívica e a vida política'". Disponível em: www.folha.com.br. Acesso em 17 abr. 2007. Os dois escritores, Coutinho e Llosa, compreendem que é uma das funções do intelectual bater-se com as idéias em espaço público, contribuindo para a abertura de um caminho social por entre a complexidade dos códigos da sociedade.

436 SANTIAGO, 2004, p. 157-167.

Outra perda, resquício dos debates dos anos 1940 e 50, é dum estilo de escrita específico dos grandes críticos impressionistas. Esses autores de gosto e erudição seriam responsáveis por uma tradição de leitor já inexistente. Em outro texto, “A conversão ao humano”, Coutinho não poupa os principais nomes do pensamento e da literatura do final do século XIX e do início do XX, cuja importância o faz denominá-los de *pais da Modernidade*.

O ensaísta percebe três movimentos passíveis de distinção para a arrancada ao estado cultural em que se encontra o Ocidente dos anos 1930: o primeiro grupo, distinto em duas faces, ainda representa o agnosticismo e o criticismo do século anterior bem ao gosto de Immanuel Kant, Auguste Comte, Herbert Spencer, Ernest Renan, Hippolyte Taine, Karl Marx, Sigmund Freud. A uma segunda face, pertencem os pessimistas e decadentistas. As palavras do ensaísta tentam organizar a literatura moderna pela ordem da crise e do risco:

Há, porém, o grupo dos que tendo recebido o influxo e a formação do século passado, *sofrem* as conseqüências dos seus erros nefastos, vivem e retratam esses efeitos, dando assim testemunho contra os mesmos. Exemplo é o grande Marcel Proust, cuja obra é o processo de um mundo que desmorona. Ao lado de Pirandelo, Proust ficará, como Dante para o fim do mundo medieval, como testemunhos da ruína do mundo burguês e da dissolução do homem moderno. Proust, Pirandelo, James Joyce, Lawrence, Unamuno, todos eles testemunham aquelas conseqüências, de modo extraordinário.⁴³⁷

O segundo grupo tem a reação contra a crise dos valores filosóficos e humanistas como a principal característica. Pelo modo como enfatiza os nomes, o articulista percebe as medidas “consagradas” para a problemática da cultura, como a sagração das grandes ditaduras. É nessa prática política monolítica e autoritária praticada tanto por fascistas, como Mussolini e Hitler, como por comunistas como Stalin, que o autor se debate entre a forma de democracia e de cristianismo nascente:

437 COUTINHO, Afrânio. A conversão ao humano. *O Imparcial*, Salvador, 15 jul. 1937. Pela Ordem..., p. 4.

De outro lado, há a corrente de reação intelectual e política, tradicionalista, direitista, legitimista, nacionalista, nascida em França com Maurras, Barrès, Daudet e o movimento da 'Action Française' e culminada nos movimentos fascistas de Mussolini, Hitler e congêneres.⁴³⁸

O terceiro grupo por onde andam as reflexões do autor seriam as “correntes renovadoras e de tendências de vanguarda”. Segundo o ensaísta, tais tendências não acreditam no evolucionismo progressista do tempo, como a primeira, e procuram criar algo novo. Embora não desprezem as realidades essenciais da vida humana e as aquisições definitivas da História, muito pelo contrário, intentam construir, sobre essas bases eternas, valores permanentes. Isso porque se acredita que a época é de transição, e está superado um tempo ácido ou a melhoria da época anterior, como pretendem os comunistas, aperfeiçoando o mundo burguês. Para ele, esse grupo tenciona trazer uma nova forma de civilização:

É no que estão trabalhando as correntes várias que se prendem ao grande movimento que se pode designar com a rubrica geral de 'humanismo' ou 'realismo integral', que reconhece toda a realidade humana, espiritual e material, na procura do novo sentido da existência. De modo geral, o que caracteriza esse movimento é ele ser um humanismo, orientá-lo um desejo de 'conversão ao humano', ou 'reumanização', ao contrário da época anterior que foi de 'completa desumanização': da arte, da economia, da atividade intelectual, da cultura, do conceito de história, da vida em geral, como mostram os melhores analistas do tempo – Berdiaeff, Daniel-Rops, etc.. Desumanização esta resultado paradoxal do humanismo renascentista, que, libertando o homem de Deus, a única fonte de verdadeira liberdade para o homem, abandonou-o sujeito a todas as escravidões materiais e telúricas, desumanizou-o.⁴³⁹

A expressão forte da análise de Coutinho não permite dúvida sobre a sua carga religiosa, mesmo que matizada pelas novas idéias teológicas e filosóficas da sua contemporaneidade. Os influxos advindos do encontro com o materialismo e o capitalismo, associados às conquistas de liberdade na Modernidade renascentista, ainda não estão esgotados.⁴⁴⁰

438 COUTINHO, p. 4, 15 jul. 1937.

439 Id. Ibid., p. 4.

440 É necessário encontrar o após a segunda guerra mundial, a guerra fria e o espetáculo da guerra via satélite para aproximar-se da irremediável constatação de que não haveria outra forma para o humano, senão essa da *Matrix*.

O ambicioso jovem ensaísta tenta pôr contra a parede o grande movimento, cuja importância atualmente diferenciaria a cultura ocidental que o teve e a oriental que carece tanto dele – o Renascimento. Ou talvez atribuir-se a ausência de Renascimento na cultura oriental seja um preconceito nosso simplesmente porque eles optam por se organizar através da manutenção de gestos, figurinos e textos de séculos anteriores. Freud admite que a presença de Deus instaura uma segurança para o inconsciente coletivo do homem.⁴⁴¹ O morte da divindade, no ato simbólico, deixa o humano livre na imensa planície da cultura.

Coutinho apresenta os inúmeros escritores que se encaminham para a via nova do humano:

Nesse fim é que se batem, embora por métodos e caminhos diversos, os movimentos espirituais, o neo-tomismo, a jovem escola personalista francesa, os Maritain, Berdiaeff, Daniel-Rops, Rougemont, Mounier, Haecker, Belloc, Chesterton, Mauriac, Bernanos, Claudel, Peter Wust, José Bergamin, como não é outro o sentido da filosofia existencial alemã de Jasper, Heidegger, Max Scheller. É aqui que está colocado o melhor do pensamento cristão, o cristianismo sendo o verdadeiro dínamo da vida ocidental e do progresso, graças ao seu extraordinário poder de renovação, e o renascimento religioso e católico que se espalha nas frentes literárias.⁴⁴²

A longa lista de pensadores é, no melhor dizer, a orientação do jornalista que chama a atenção de críticos consagrados na imprensa e na academia, como Pinto de Carvalho. Para o emérito catedrático da Faculdade de Direito da Bahia, o jovem articulista é um dos nomes mais promissores da imprensa do estado. Tentado pelo caminho entre a Filosofia e a cultura literária, o pesquisador avança de uma religiosidade filosófica comprometida, a todo custo, com o debate de idéias, para a defesa incondicional das instâncias de estudo mais científicas, mesmo quando se trata da literatura.

É por essa emaranhada floresta simbólica – percepção do técnico fazer literário moderno calçado por uma vigília filosófica –, não tão fácil de ser trilhada,

441 FREUD, Sigmund. *Moisés e o monoteísmo*. Trad. Maria Aparecida Moraes Rego. Rio de Janeiro: Imago, 2001. p. 111.

442 COUTINHO, p. 4, 15 jul. 1937.

que o crítico ousa buscar um caminho independente de ação intelectual. Nessa seara, Coutinho começa a distinguir as formas de literatura que trazem em seu bojo as idéias utilizadas pelas correntes renovadoras ou são reflexo dessas leituras filosóficas e sociológicas:

Nesta corrente também se situa o movimento do realismo mágico e do fantástico e maravilhoso nas literaturas francesa e inglesa, e cuja finalidade e intenção não é outra senão, como a fantasia shakespeariana, um mergulho no humano, no fundo trágico do homem que foi recoberto pela soma de conceitos abstratos, convenções hipócritas e a banal vida consciente. Na sua fidelidade ao humano, essa corrente corresponde profundamente, como já afirmei certa vez a um sentimento íntimo do homem moderno, que, angustiado, cansado, busca reconciliar-se com a vida através dos belos e extraordinários frutos da eterna e inesgotável imaginação humana.⁴⁴³

As imagens do crítico intuem que, sob ameaça do materialismo capitalista ou bélico, todo um bloco de sistema discursivo é montado para encontrar o humano na floresta de símbolos da cultura moderna: um desses discursos é o literário que, avançando para a desconstrução do material, pelo realismo mágico, do fantástico e do maravilhoso, vai ao encontro do humano soterrado. Coutinho tem a correta percepção de que a literatura, matizada pelos movimentos de radicalização dos códigos da arte e seus experimentalismos, o Dadaísmo e o Cubismo, descreve mundos tanto mais irrealis quanto mais politizados. E isso se dá tanto pelas iniciativas de europeus, como os franceses e os ingleses, quanto pelas obras de latino-americanos para o Ocidente.

Logo, ele faz um mapeamento dos autores e suas contribuições:

Na Inglaterra, apontam-se as Bronte, Virgínia Woolf, Mary Webb, Margareth Kenedy, Rosamond Lehmann... Na França, Alain Fournier, Jean Girandoux, Robert Francis, Julien Green, e diversas escritoras, Germaine Beaumont, Monique Saint-Hélier, Louise de Vilmorain... É interessante que lá ou cá, as mulheres estejam em grande número, o que se explica, como lembra René Lalou, pelo fato de que aliás sejam mais fiéis às leis naturais e porque, conhecendo melhor estas leis, sabem onde esbarra a sua tirania, onde começa a liberdade e o verdadeiro reino humano, o das paixões, dos

443 COUTINHO, p. 4, 15 jul. 1937.

sonhos, das fantasias íntimas.⁴⁴⁴

O mapeamento da literatura moderna é a busca de uma saída para o aprisionamento corrente nas armadilhas retóricas e escolhas sociais: a barbárie ainda estava por vir — o momento do desencanto e a inauguração da Pós-modernidade. Arriscando-se pela seara da hibridização, Coutinho aproxima-se das idéias de um Edward Said, quanto ao debate amoroso. Isso não seria uma incongruência de agenciamento, uma vez que os dois autores são formados cultural e intelectualmente dos anos 1930 a 1940; têm os Estados Unidos como impacto de formação e debate; têm origem em problemáticas de países pós-coloniais, guardadas as devidas proporções. Pouco afeitos a uma única especialidade, ambos cultivam a transcendência de reflexão em várias áreas, com as devidas competências.

Há autores mencionados como pertencentes ao período — o suíço Ramul, Mauriac, Bernanos, Daniel-Rops — todos romancistas que impõem uma crítica metafísica de postura renovadora. Também, André Maulraux, “comunista sobretudo em *La Condition Humaine*”, cuja obra é lida tanto pelo autor de *No hospital das letras* como pelo crítico palestino. Coutinho percebe os percursos literários do movimento:

Como precursores do movimento, há os precursores diretos, isto é, que influíram diretamente na sua formação, Bergson, o Carrasco do materialismo, Péguy, o apóstolo admirável, e o implacável juiz do mundo moderno materializado e adorador do dinheiro; Léon Bloy, o violento e sarcástico vingador do cristianismo contra os irreverentes; o grande Newman; o simbolismo, que reagiu seguramente contra os princípios do naturalismo e o do parnasianismo. E os precursores indiretos, que, vivendo embora no século dezanove, depuseram, como reprovações vivas, contra a estupidez do seu tempo, e foram os grandes inquisidores do século, alguns encerrando mesmo profunda mensagem metafísica: Dostoievski, Rimbaud, Kierkegaard, Nietzsche, Soliev...⁴⁴⁵

O que Afrânio Coutinho apresenta e defende como uma forma de condução

444 COUTINHO, p. 4, 15 jul. 1937.

445 Id. Ibid., p. 4.

da moral e da ética na cultura intelectual e política do Ocidente e do Brasil, em particular, é um dos movimentos que ainda têm maiores desenvolvimentos nos conturbados e distantes anos 1960. Desde o final da Modernidade, esses autores são o esteio da nova e polêmica forma de pensamento intelectual e da literatura. Se o Pós-Modernismo não pacifica o espírito à escrita do jornalista de *Correntes cruzadas*, ele nota que as reivindicações saem cada vez mais do papel para uma prática política e um engajamento dos diversos estilos tanto da literatura, como da filosofia e da sociologia.

A observação proveniente dos 119 textos de autoria de Afrânio Coutinho impressos em 'Pela Ordem...', desde a formatura na Faculdade de Medicina até quando viaja para os Estados Unidos, deixa entrever um esforço para a compreensão de sua época e o início de uma carreira intelectual na qual o compromisso com a pesquisa é prioridade. Pesquisa e estudo para tentar desvendar os tempos do entre-guerra e a atração pela religiosidade mais filosófica e combatente do perigoso comunismo, que ganha terreno mesmo com as decepções de Stalin.

Como atestam as fontes bibliográficas, suas conclusões passam evidentemente pelas urgências do sujeito no século das grandes guerras. Provido de reflexão religiosa por excelência, há algumas observações limitadas pelo dogma que não consegue desmentir, apesar da capacidade de polêmica latente na sua escrita. Ele dá mostras de que não veio ao espaço do debate intelectual para angariar elogios. Apesar de pensar na sua individualidade como um talento criativo de alta repercussão, o sistema de cultura local estabelece diálogo com rigor correspondente ao que produz no momento e o que realiza mais à frente. A avaliação do sistema cultural baiano e de literatura (eventos, órgãos de imprensa, bibliotecas), pela ótica da obra de Afrânio Coutinho, permite que se pense um ambiente bem mais aberto, ventilado e avançado do que o sufocante conservadorismo das narrativas consagradas.

Os aspectos da pesquisa devem detectar o sistema de literatura antes mesmo de se relacionar como artefato de tese. É o que se pode chamar de identificação motivada em oposição a outra, protocolar ou convencional. São modalidades de

encaixe estéticos e éticos que precipitam o movimento do sistema e a sua autenticação pelos esteios. Sendo a literatura de jornal aberta para a comunidade que a lê e a aceita ou a rejeita, em tese, em qualquer lugar do sistema que a aborde é identificada como tal — comprovando também a forma circular do sistema e não a configuração do início para o fim.

No caso de Coutinho, a pertença sistêmica é tão presente, que mesmo depois de ausentar-se da exposição forte do sistema — convivência, sotaques, tipos de aspirações que somente vivendo sob as regras da região se pode assimilar — são estreitas as ligações entre o crítico e a Bahia. Uma vez no Rio de Janeiro, os projetos ainda podem ser percebidos dentro do sistema da literatura da velha província, bastando que uma pesquisa traquejada nesse cotidiano seja acionada para perceber os influxos (livros que destacam Carlos Chiacchio, uma generosa aparição de nomes baianos em dicionários e enciclopédias de sua autoria).

Toda a carga adquirida no lugar de juventude não atrapalha a percepção mais ampla ou a argüição à capital federal para a formação do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRJ e outros projetos. A grande iniciativa de estudo do acervo literário brasileiro, *A literatura no Brasil*, é composta por muitos daqueles intelectuais baianos explicitamente polêmicos (Eugênio Gomes e Adonias Filho) e que, por isso, poderiam ser retirados do projeto. Contudo, afora o prestígio de cada um, eles têm relação recíproca com o organizador: pertencem ao diálogo intelectual conterrâneo. Escritores de confessada posição de direita, já na época, são rechaçados pelo bloco de esquerda que se forma e começa a dominar as mesas de debates culturais e literários. Nem mesmo a competência provada em ensaios e livros críticos consegue equilibrar a exclusão preparada pelo sistema das idéias.

Formados na mesma época, a identidade de pesquisador depende daquele contato. Isso porque é nítida, dentro e fora do estado, a configuração de um sistema de literatura com o formato de literatura baiana. Na sua forma sistêmica, ela é compreendida dentro e pela nacionalidade (de acordo com as contingências de abordagem) e independente de conflitos com a Nação para existir, como demonstro com o advento da República. Suas características vão aparecendo dentro da reflexão estabelecida por ordenação e projeto.

Semelhante à função de esteio de sistema, como é Carlos Chiacchio (o presente é uma condição do sistema de literatura; a função autor ainda credencia a literatura do estado, principalmente quando se quer perceber o movimento sistêmico via literatura de jornal), Afrânio Coutinho é atravessado pelo olhar historiográfico para mostrar as projeções da cultura e da literatura publicadas n'*O Imparcial*. Os dois críticos exercem a função de esteios de sistema também quando articulam idéias que circulam do sistema da literatura mais amplo para o mais restrito, o sistema de literatura da Bahia.

As vibrações dessa atividade são sentidas pela recepção em outros textos e é o jornal o meio privilegiado por onde se pode perceber tal circulação de conhecimentos. Ele não concebe sua construção sem o diálogo entre os artefatos e artigos, sem o texto feito para ser esgarçado pelo debate e pela discussão em outros espaços, como o bar ou a academia. Nele, não há escrito fechado em si ou hermético. O jornal o concebe aberto (sedutor) para a intromissão da leitura crítica e armado pela prática polêmica (erudito), seja ele impressionista ou não.

5.5 Combate à Semana de 1922 e Modernismo de vanguarda

Uma das constatações mais contundentes sobre a literatura que se publica em *O Imparcial* é o combate, em muitos momentos sem trégua, contra o Modernismo de 1922. O sistema de literatura, pelo viés do jornal, tem nessa tomada renovadora de aspectos e escritas um dos seus principais combustíveis de movimentação.⁴⁴⁶ Influenciados ou não por Chiacchio, colaboradores locais e de outros Estados fornecem a sua opinião sobre o movimento. A recepção da principal vanguarda brasileira do século XX apresenta idéias, refere-se a autores e compõe um quadro somente peculiar à literatura de jornal. Tal historiografia tem como característica norteadora o gosto pelo combate e a prática de reflexão sobre um

⁴⁴⁶ O assunto é tratado indiretamente quando abordo a contribuição de Carlos Chiacchio através das idéias de Ívia Alves e Dulce Mascarenhas.

assunto trazendo aspectos de outras áreas para o debate.

Um desses personagens baianos, Alberto Guerreiro Ramos, num artigo sobre a historiografia literária brasileira, “Revisão necessária” (1 abril 1938, p. 5), critica a falta de profundidade das histórias da literatura naquele momento, a de-sincronia dos estudos com os movimentos no Brasil, que, segundo ele, não são os mesmos a ocorrer na Europa. Como exemplo, explica que apesar de o Romantismo ter acontecido na Europa e no Brasil, o do hemisfério Norte é mais sentimentalista enquanto o brasileiro se marca pelo nacionalismo. Cita, na condição de historiadores, Ronald de Carvalho, Tristão de Ataíde, Edison Lins, Tasso da Silveira, para ele, o estudioso da história da literatura mais competente na época.

Guerreiro Ramos ainda defende que o historiador da literatura tem de ser crítico atuante para ir além do ajuntamento frio de nomes e datas, buscando aquilo que Antonio Cândido, outro historiador formado nas redações da imprensa, chama de um certo sentimento íntimo do seu tempo e da sua literatura. O articulista anuncia estudo historiográfico futuro sobre o Simbolismo a partir da obra do poeta Hermes Fontes. Curiosamente, não menciona o Modernismo como o momento mais contemporâneo da história da literatura, interrompendo sua narração ainda no século XIX. No entanto, a presença da resenha sobre a historiografia revela que haveria certa pressa e superficialidade no texto publicado, mas o estilo desses artigos é em função do “leitor”. A qualidade e o conteúdo dos textos são preservados, apesar de tratar-se das densas monografias historiográficas.

O crítico Assis Memória também faz uma avaliação do movimento modernista em “O modernismo nas nossas letras”. O texto é uma reação aos violentos ataques dos jovens modernistas da Semana e das aquisições posteriores. Tomando o lugar daqueles que são atacados anteriormente, as palavras do cronista pretendem equilibrar o que é um fato: os modernistas conseguem o seu intento, nas duas décadas de militância, pelo que inauguram com a radicalização da Semana. No máximo, o padre Assis Memória poderia avisar que a literatura atacada continua viva nas gerações de província, como a Bahia e outros estados, mas não voltaria a ser mais o século de Rui Barbosa, como confirma acertadamente Alfredo Bosi, em sua

*História concisa da literatura brasileira.*⁴⁴⁷ Para o articulista, é momento oportuno para uma avaliação:

Efetivamente, já é tempo de lembrar aos nossos modernistas em prosa e verso – mais em verso do que em prosa – que a sua arte inovadora no tocante à literatura, é, hoje, um mito e tão notoriamente fabuloso como todos quantos a fantasia grega adicionada à romana, produziu de mirabolante e incrível. É fácil verificar esse curioso atestado de óbito.

Sim, a bancarrota do que alguns cavalheiros ultra-bizarros, aqui há uns dois decênios, convencionaram denominar — 'arte nova'.⁴⁴⁸

A liderança do movimento rebelde é atribuída a Graça Aranha, como em outros textos estudados, em detrimento dos jovens escritores que nem são sequer citados, como Mário e Oswald de Andrade. O aviso coaduna com a experiência de um sistema complexo; afora a idéia de hegemonia dum estilo de literatura, muitas formas de arte são defendidas, desde as vanguardistas às conservadoras. Nesse item, o soneto é desbancado em prol do verso livre, mas o estilo de Gôngora e Quevedo ganha outras roupagens e é praticado até por ícones modernistas como Bandeira e Drummond.

Assis Memória parte de um pressuposto explícito: sua pertença aos ganhos literários do passado recente, a que denomina de moderno sem a quebra do vínculo com um passado literário de qualidade:

O grito de rebelião – todos se lembram – partiu de Graça Aranha, na Academia de Letras. Do Petit Trianon irradiou para os vastos brasis o *mot d'ordre*: romper com o passado, matar as tradições. E foi um alvoroço de entontear, uma celeuma de arrasar no mundo das letras e das tretas indígenas. Mais das tretas do que das letras, – é bom esclarecer para melhor orientar o leitor, avivando-lhe a memória da façanha literária a mais gaiata. É que tudo quanto foi mocinho imberbe, tudo quanto foi poeta, aposentado do *foot-ball* e do cinema. Pôs-se a reduzir à letra de forma, sem métrica e sem sintaxe, baboseiras de vinte e quatro quilates, versalhadas astronômicas, escandalosamente insulsas por inextricáveis. Como os cânones da língua passaram a 'meras gramatiquices', aquilo, meninos, foi

447 BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1992. p. 287-8.

448 MEMÓRIA, Assis. O modernismo nas nossas letras. *O Imparcial*, Salvador, 2 dez. 1938. Pela Ordem..., p. 4.

mesmo uma beleza! Quanto analfabeto anda de quatro, por aí, meteu-se a alinhar asnicas, sob o patrocínio do tal modernismo. Sintaxe?! Para quê?! Gramática?!⁴⁴⁹

Memória afirma que, para a insolente atitude de matar o passado e as tradições, compensa-se com um gritante desconhecimento dessa mesma tradição pelos destruidores. Significa que as duas atitudes, no texto crítico, estão desconectadas. São um contra-senso do próprio sistema com o qual tentam interagir. Claro está que, apesar de as palavras de Memória corresponderem a uma vontade mais comum no espaço do debate da literatura (Chiacchio, Pinto de Carvalho e outros comungam dessa expectativa), ainda não contemplam uma totalidade das intenções de sistema de literatura no Brasil.

De qualquer forma, o sistema de literatura ainda carece daquela identificação entre um estofo do passado e um texto coevo:

O interessante é que, segundo apurei, alarmado, esses gajos, nem sequer de oitiva conheciam esse passado e muito menos — é de arromba! — essas tradições. Rompiam assim com indivíduos e coisas, que nunca lhes causaram o mais insignificante dano, pelo motivo muito simples de jamais os terem visto, nem da sua existência, no planeta, se aperceberem.⁴⁵⁰

Seu ponto de vista ainda muito ligado aos parâmetros de uma tradição que todo *O Imparcial* não nega: crer na força de uma literatura construída a partir das folhas grandes e nela tendo acolhida em todas as etapas do sistema literário — divulgação, publicação, crítica e recepção. Talvez, quando o Modernismo se estabelece na literatura brasileira, o próprio perfil de literatura de jornal já tenha sido modificado, como diz Silviano Santiago no seu artigo a respeito do lugar da literatura nos periódicos:

Não se trata de acentuar hoje o equívoco da Universidade que, para poder se afirmar estrategicamente, opta por fazer silenciar de maneira drástica e

449 MEMÓRIA, p. 4, 2 dez. 1938.

450 Id. Ibid., p. 4.

autoritária o papel dos grandes críticos que comunicavam, em estilo elegante e opinativo, com leitores curiosos das coisas literárias. Se esses críticos foram, do ponto de vista estrito da formação literária, autodidatas, por outro lado foram direta ou indiretamente formados pelo pensamento vivo e atuante do Modernismo e, sobretudo, por uma intensa 'vida literária', no sentido que Brito Broca empresta ao termo.⁴⁵¹

A opinião de Santiago é contundente contra o trabalho do professor universitário e principalmente contra Afrânio Coutinho. Aliás, em capítulo anterior, demonstro que a polêmica sobre a ciência da literatura envolve grandes nomes da época, como Alceu Amoroso Lima, Álvaro Lins, Barbosa Lima Sobrinho e Antônio Olinto. Não se pode negar, no entanto, que o estilo dos escritores diletantes atrai e forma para a literatura de jornal uma legião de leitores. O fato é que, na época, uma mudança cultural chamada de Modernismo, ligada a outras, como a organização da imprensa, profissionalização e academização das letras, torna, no mínimo, mais denso o ambiente de cultura, trazendo dúvidas à hegemonia do próprio Modernismo na influência desses deslocamentos ou mudanças profundas no movimento do sistema de literatura.

Diz respeito ao folheto modernista as aquisições que articulam a modernização da porção paulista da economia com a biblioteca valorizada (autores dos séculos anteriores como Sousândrade ou os mineiros do século XVIII) ou produzida (a literatura modernista propriamente dita) no decorrer do século XX, competentemente acolhida pelas instituições como a USP e tornada pública pelas editoras dessa parte do Brasil. Não se pode esquecer, apesar de tudo, que outras literaturas continuam existindo ou são urdidadas com a grossa herança da literatura fora do círculo modernista (paulista). Também há fluxos estrangeiros e imigrantes para de-simplificar o quadro literário.

Assis Memória pertence a esse lugar, cujas críticas são influentes. Verdadeiros mágicos dos artigos jornalísticos, como Coelho Neto e Múcio Leão, ainda resistem ao duro ataque de que fala o religioso membro da Academia Carioca de Letras. Questão de fácil compreensão, o rompimento dificilmente parte de

451 SANTIAGO, Silvano. A crítica literária no jornal. In: _____. *Cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 166.

autores acostumados a colaborar nas páginas jornalísticas (uma das principais fontes de conhecimento da literatura brasileira propriamente dita naqueles decênios), por isso, Memória reclama que os jovens autores não conhecem o acervo que desejam afrontar — principalmente o mais recente. Eles são de fora do sistema do jornal, ou vão se aproximar aos poucos ainda.

Também por equívoco da paixão pela polêmica, o articulista investe com fúria somente para Graça Aranha, como se o mesmo não estivesse em grupo de mais autores:

Dado o novo grito de independência ou morte, independência do passado e morte do bom senso, esperou-se, como era justo, o evangelho da nova escola, o padrão da 'arte nova'. Surgiu, então, o trabalho *Viagem Maravilhosa*, do Graça, o *condottiere* do bando inovador. Abriu-se o livro e ainda mais a boca, tanto quanto as mandíbulas permitiam. O homem, que se projetara posteridade a dentro com a *Canaã*, imaginou uma viagem que, antes, não fizesse. Um romance inverossímil, repositório assombroso de solecismos, à altura, ou melhor, à inferioridade mental de qualquer borrapapéis. Ainda hoje jazem no limbo impiedoso dos *sebos* da rua S. José quase todos os exemplares dessa obra-prima de mediocridade. E a escola inaugurada morreu da pior das mortes: o ridículo.⁴⁵²

A escola de fato tanto não morre como conduz rapidamente os novos caminhos da literatura brasileira do século XX. Ao que parece, devido aos choques deflagradores, junto com a tradição que se vai se movendo para o espaço menos importante da recepção, o mundo de muitos autores e críticos vivos fica antigo. Os novos gabinetes de trabalho literário criados não demoram muito tempo para perceber a importância da literatura de jornal e as folhas vão retirando aos poucos a tradição dessa literatura de suas páginas. As reclamações de Memória encontram conforto na verdade das páginas de papel jornal, mas também representam os últimos momentos dum tipo de literatura brasileira cuja mais nítida característica é o uso constante da biblioteca de onde ela é conformada: dos próprios arquivos dos jornais, da caneta dos escritores, menos afeitos aos gabinetes acadêmicos.

Os escritores da geração de Assis Memória e Bastos Tigre assumem estar

452 MEMÓRIA, p. 4, 2 dez. 1938.

mais confortáveis nos apertados e barulhentos escritórios das redações dos periódicos. A tradição de literatura compreendida por Memória, e repudiada pelos jovens modernistas, vem desses lugares de trabalho, de polêmica constante. A tradição é modificada nas décadas seguintes. Contudo, as posições do crítico admitem os avanços culturais justificados por uma compreensão literária surgida da prática de engajamento. Ele está acostumado aos sintomas de crise duma profissão que prima pela dinâmica, em um país apegado a conservadorismos de bacharelato e monoculturas. Aliás, a sua leitura do Manifesto Futurista parece recente:

Houve, entre os tais modernistas, um grave erro de visão. Confundiram, lamentavelmente, estilo novo com liberdade ampla de dizer e escrever paradoxos. Certo, o após guerra trouxe à literatura formas de dizer. Certo, o classicismo integral, a século XVII, caiu em desuso.

Obsoleto, por igual, se tornou o romantismo piegas do século XIX. A vida tumultuária de hoje a criar ritmos novos para a expressão. É o estilo dinâmico registrando, em instantâneos, em flagrantes precisos, em sínteses, impressões efêmeras. É a forma vibrátil, incisiva, vestindo idéias rápidas. É o que observamos na literatura dos povos cultos. Nunca, porém, observei que os intelectuais desses países rompessem com o passado literário, desprezassem os grandes modelos e, sobretudo, as regras fundamentais da sintaxe das línguas em que se expressaram. Ninguém – falemos dos nossos – adotou formas de dizer mais atuais do que Euclides da Cunha. Entretanto, ninguém se ajustou, mais de molde aos cânones do nosso formoso idioma, do que o burilador dos *Sertões*. É um neoclássico, sem deixar de ser um autêntico escritor contemporâneo.⁴⁵³

Assis Memória traz à baila um exemplo evidente do tipo de Modernismo que autores como Chiacchio e o grupo da Bahia defendem. A imagem renovadora do presente incontrolável atrelada ao tipo de tradição positiva, a bem da verdade, não deixa de originar obras consagradas que as sociedades costumam guardar em lugares especiais. Juntamente com todo o vigor das vanguardas, produções como *Os Sertões*, *Grande Sertão – veredas*, *A pedra do reino* e *Viva o povo brasileiro*, providenciam diálogo entre tradição e contemporaneidade, erudito e popular. Elas lembram que a defesa do crítico parece antiquada, mas é a expressão de uma prática enraizada em lugares de onde também saem obras desconcertantes.

453 MEMÓRIA, p. 4, 2 dez. 1938.

O argumento contra-corrente de Memória se assenta em dois aspectos concretos cujo formato tanto fortalece posições como compromete a defesa de toda a fatura do que é evidentemente realizado antes: a literatura consagrada de obras como *Os Sertões* e projetos entusiasmados como *Arco & Flexa* e *Ala*, nas províncias. Uma vez estabelecida a força do Modernismo que o jornalista não aprova, suas palavras finais contra a iniciativa em afronta dos jovens escritores parece semelhante ao novo momento da produção literária ou, como querem alguns críticos do século XXI, a tentativa de permanência do discurso modernista na Pós-modernidade:

Examinando-se, a fundo, e mesmo a raso, a produção modernista — toda ela é rasa — chega-se à evidência de que somente em nossa terra se acentuou, promoveu-se mesmo à solenidade doutoral o clássico rompimento com o passado, criação cerebrina dos nossos modernistas. Isto, porém, foi mais — relevem a expressão plebéia — um desapertar pra esquerda. Sim, a lei do menor esforço. É que importou o movimento num horror à cultura num menosprezo formal à erudição. Sem sintaxe, é fácil escrever e todo mundo passou a publicista. Sem métrica, sem gramática e, sobretudo, sem emoção, sem lirismo, é fácil versejar, e a poesia está ao alcance de qualquer rimador de disparates. Daí, a falência do modernismo nas nossas letras. Daí, a morte da arte nova. Apenas nasceu. É — perdoem o latim de cozinha — *mortuus est pintus um casca*.⁴⁵⁴

Para desequilibrar as forças, a estratégia de desmoralização dos desafetos tenta conquistar opiniões efetivas contra os destruidores da tradição. A principal expressão pejorativa em relação à literatura modernista é dita nos artigos de *O Imparcial* dessa época: Quitanda de secos e molhados. Assis Memória avisa aos navegantes de um futuro próximo, que depois de baixada a poeira é preciso cuidar dos ganhos das batalhas. O grande temor do cronista das reminiscências é de que se perca o parâmetro da melhor literatura, fenômeno que faz uma escritora portuguesa como Teolinda Gersão afirmar que os balcões das livrarias agora estão subdivididos em literatura e literatura de verdade. Os últimos estariam até mais escondidos do que as vistosas narrativas, memórias ficcionais, (pseudo-memórias) e romances místicos, todos campeões de venda e alegria dos editores e livreiros. É fato que a literatura modernista não morre e, ao que parece, a literatura que,

454 MEMÓRIA, p. 4, 2 dez. 1938.

segundo alguns, “é só o plural de pó”, e para onde deveria retornar, também não.

Provendo o serviço de orientar por uma nova estratégia de ação crítica a respeito das vanguardas, o que garantiria uma primeira utilidade para o reencontro com o memorialista, a literatura de jornal demonstra sua identidade mais contundente. Faz-se o jogo da vanguarda, lançando para o passado os estilos e modelos combatidos. A partir da investida literária enquanto sistema de literatura, contemplando o movimento circular, a leitura das várias escolas de literatura é feita de maneira concomitante ou dialógica, providenciando explicitação de similitudes e diferenças.

A maneira nostálgica, que seria uma outra face do apego “danoso” à tradição, é o que escreve Firmino Rocha no artigo “Renascimento das tradições” (‘Página de Ala’, *O Imparcial*, 12 dez. 1938, p. 4). Nessa perspectiva, perdem-se ou estão na iminência da perda, os rituais, os modelos de comportamento e, com eles, o sentido religioso de algumas festas da Bahia. Essa mesma reclamação nostálgica é feita pelo narrador das *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida. Para o cronista desencantado, a troca dos ambientes abertos pelos fechados nas comemorações religiosas é índice da vitória incessante do ser moderno: “O cosmopolitismo vence sem encontrar obstáculos. Um modernismo desenfreado avança sem parar, materializando tudo...”⁴⁵⁵.

Suas esperanças são depositadas em iniciativas como a Organização de Ala, para recobrar um tipo de beleza contida nos rituais vindos do passado. O aviso de Firmino Rocha encerra um temor pelas conseqüências dos movimentos presentes, os quais não podem ser contidos. Parece-me inútil tentar conter a movimentação da roda do sistema de literatura (seus imprevisíveis caminhos). Resta-nos um esforço para tornar aparente o máximo dessa urgência literária. Se há ruídos da tradição, não-somente imaginação convencionada, é trabalho da historiografia explicitar os locais, esteios e individualidade nos quais é ou pode tornar-se concretude.

455 ROCHA, Firmino. Renascimento das tradições. *O Imparcial*, Salvador, 12 dez. 1938. Página de Ala, p. 4.

5.6 Representações literárias na 'Página de Ala'

A primeira Página de Ala, Organização Oficial de Ala das Letras e das Artes, aparece em 8 de agosto de 1938, com o objetivo de movimentar o ambiente cultural da cidade, compondo mais um aspecto dum projeto de cultura que já põe em prática uma editora — de Ala — e um Salão de Ala, onde se acolhem iniciativas culturais como exposições, conferências e seu principal objetivo de criação até aquele momento: a construção do túmulo próprio do poeta Castro Alves. O trabalho de ordenar todas as faces executivas da organização está a cargo de Carlos Chiacchio.

O número inaugural da Página, que logo toma feições de um encarte independente, uma página do jornal, com numeração, indicação de edição e coordenação próprios, tem como colaboradores, os seguintes intelectuais: Carlos Chiacchio, Erasmo Júnior e Arquimedes Pereira Guimarães. Nos números seqüentes, aparece o assíduo nome de Roberto Correia e suas 'Farpas'. Logo, o grupo da Ala de Conquista, com Camillo de Jesus Lima, completa o quadro de participações da página, que tem o formato dos suplementos literários atuais, ou seja, é independente da organização do periódico. 'A Página de Ala', usando o parâmetro das Organizações de Ala, trata de cultura em geral, expondo a face prática de Chiacchio, que tanto causa incômodo a Dulce Mascarenhas, ao ver como um problema o crítico fazer comentários sobre assuntos gerais, como pintura, culinária, botânica e música.

Em 21 de junho de 1939, Ala segue as comemorações ao centenário de Machado de Assis e dedica a página ao romancista. Após homenagens ao nascimento de Tobias Barreto, Carlos Chiacchio começa a especializar-se em edições sobre a memória dos escritores do passado. Há tempos a 'Página de Ala' interessa-se em denunciar a importância desses escritores para a literatura brasileira, naquele tom que caracteriza a tradição dinâmica cuja defesa marca a avaliação da crítica posterior do autor e das organizações que incentiva, deflagra e segue cuidando até o final de sua vida.

Repleta de pequenos estudos, retratos e menções a respeito do bruxo do

Cosme Velho, a página traz de imediato uma referência a “O último crítico de Machado de Assis”. O texto trata das primeiras incursões daquele que se torna a principal fonte de fortuna crítica da literatura brasileira, com milhares de livros, estudos e teses sobre o romancista:

Os críticos de Machado de Assis multiplicam-se no tempo e no espaço. Em vida, o criador das maravilhas e combatido, como é do teor comum dos grandes e verdadeiros valores. José Veríssimo, Silvio Romero, Araripe Júnior, Lafaiete Pereira, Mário de Alencar, e outros. Então morto, cresceram as críticas, sobretudo, nas aproximações da celebração do seu nascimento. Não falando em Alfredo Pujol, o iniciador da crítica moderna sobre Machado de Assis, vêm vindo, qual a qual, mais interessante: Augusto Meyer, Lúcia Miguel-Pereira, Peregrino Júnior, e, a sair, Eloi Pontes. O último crítico, até a data, do Machado de hoje, é Raimundo de Moraes, o grande polígrafo nortista, consagrado autor de preciosos volumes. Sobre o Brasil, seus homens e seus ambientes.⁴⁵⁶

Em trecho exposto por autor inominado, talvez Chiacchio, Raimundo de Moraes aborda a obra de José Veríssimo sobre a crítica literária de Machado e seus famosos prefácios de romances e livros de poemas que apadrinha, cujo êxito, na maioria das vezes, não acontece. Avaliado como impressionista por Veríssimo, são de Machado as palavras sobre alguns desses livros: “Ver-se-á um leão, senhores, devorado pelo domador! Espiem, amigos, uma agulha passar no ouvido duma linha. Apreciem, incrédulos, um sapo engolindo estrelas... Entrem! O livro é uma alta maravilha. Trezentas páginas por dez réis de mel coado! É de graça! Leiam e tremam!”⁴⁵⁷

À vista dessas palavras chamadas de impressionistas e conciliadoras por Veríssimo, faria o grande inimigo desse gênero de crítico, Afrânio Coutinho, arrepender-se de muitos dos seus ataques. Alceu Amoroso Lima, “comprando briga” com o amigo da Academia Brasileira de Letras, tem razão ao tentar manter alguma dignidade dos impressionistas para a crônica e a historiografia da literatura. A ‘Página de Ala’ também publica a “Carta de Machado a Nabuco sobre a morte de Carolina”, na qual o romancista expressa a dor pela perda da companheira, a

456 O ÚLTIMO CRÍTICO DE MACHADO DE ASSIS. *O Imparcial*, Salvador, 21 jun. 1939. 'Página de Ala', p. 5.

457 Id. *Ibid.*, p. 5.

solidão de parentes próximos e a confiança nos amigos verdadeiros, mas dispersos pelos afazeres pessoais e profissionais pelo mundo.

Nabuco, por exemplo, está no estrangeiro, para onde Machado dirige a carta tão dolorida. Afrânio Peixoto escreve um pequeno texto sobre “O nosso verdadeiro humorista”, em que avalia a produção de Machado à luz do cientificismo tão conhecido da sua história da literatura e de seus textos críticos. Para ele, afrontando as reservas do clima e da falta de cultura dessa parte dos trópicos, o romancista rompe com as convenções e pratica uma filosofia de humor ao estilo de Poe, Heine e Sterne.

Nas ‘Farpas’, o sempre presente Roberto Correia lembra que é necessário ir além do comentário, é preciso a leitura efetiva:

Venha cá, sem vaidade,
Ponhamos pontos nos is.
Diga você a verdade:
– Já leu Machado de Assis?

Por seu lado, Constâncio Alves escreve uma crônica sobre “O verdadeiro Machado de Assis”, sujeito calmo, fala baixa, discutindo pouco, concordando com quase tudo. O cronista não cita, mas o seu perfil traçado parece mais com aquele medalhão com o qual Machado constrói a sua reputação de ironista. Além dos retratos de duas personagens importantíssimas para o romancista centenário, Carolina de Assis e Joaquim Nabuco, o jornal reproduz o soneto “A Carolina”, de autoria de Machado.

Os textos e ilustrações da ‘Página de Ala’ constituem um espaço de discussão para literatura, a sua página. Pelo formato escolhido por seus organizadores, a acepção de Tradicionismo Dinâmico aparece nessa configuração, valorizando a individualidade criativa pela dicção renovada de seus colaboradores.

O caminho para encontrar Machado passa pela memória dos estudiosos famosos e pelo uso, sempre que possível, dos nomes prestigiosos, como Afrânio Peixoto, numa resenha com o estudo mais recente.

A disseminação da 'Página' em outras cidades é freqüentemente noticiada como na edição de 8 de novembro de 1939, anuncia a *Ala de Minas*:

Ala de Minas

O 'Roteiro', de São Paulo, 5 de outubro de 1939 (p. 5), publica, em duas colunas abertas, a notícia, que abaixo transcrevemos, em suas linhas gerais, entre aspas:

'Um exemplo a ser imitado em todo o país

Os intelectuais de Minas se congregam para o fim de estimular o trabalho da inteligência montanhosa.

Procurando assinalar o atual reflorescimento das letras e das artes em Minas, os intelectuais e artistas de Belo Horizonte, num só pensamento, deliberaram lançar, em reunião do dia 9 do corrente, as bases de uma organização que prestigie e ampare os trabalhadores da inteligência, sob o nome de 'Ala' – Amigos da Literatura e da Arte.

A idéia, lançada em circular por J. Carlos Lisboa, Guilhermino César, Henriqueta Lisboa, Mario Casasanta, Newton Prates, Fernando Coelho, José Morais, Milton Amado, Eduardo Frieiro, Teódulo Ferreira, Waldemar Gontijo Maciel e Erico de Paulo, vem obtendo a mais franca aceitação e já é considerável o número de adesões recebidas da Capital e do interior do Estado.

Damos em seguida o programa dessa interessante iniciativa, fazendo votos para que a Ala o realize integralmente e consiga despertar nos outros Estados movimentos idênticos.¹⁴⁵⁸

Como atesta a citação, entre os nomes que se arvoram a organizar um grupo cultural e literário semelhante à Ala estão Guilhermino César, Henriqueta Lisboa, Eduardo Frieiro, entre outros intelectuais que desempenham atividades de valor para o sistema de literatura brasileiro. A diferença entre os dois movimentos de Ala está na significação da sigla: em Salvador, Organização de Ala das Letras e das Artes, e em Belo Horizonte, Amigos da Literatura e da Arte. O tom da notícia reproduzida destaca o fato de o jornal paulista voltar-se para Minas e não tomar

458 ALA DE MINAS. *O Imparcial*, Salvador, 8 nov. 1939. Página de Ala, p. 5.

conhecimento da iniciativa mais antiga na Bahia.

Ao comentar sobre a iniciativa mineira, Chiacchio sutilmente avisa da disponibilidade para parcerias em nome da cultura e da literatura brasileiras, haja vista ter mais experiência na iniciativa de Ala provinciana naqueles moldes:

Cá estamos, há três anos, já organizados e esperando se organizarem, nos outros Estados, como, agora, em Minas, 'os movimentos idênticos' a que se referem os novos parciários da Ala de Belo Horizonte. Cá estamos, radiantes, para o intercâmbio intra-regional necessário dos Brasileiros de todo o Brasil. Só assim teremos uma consciência literária, pela união fraternal dos espíritos criadores de nossa terra, norte, centro, sul. 'Todo o país', enfim.⁴⁵⁹

O protesto sobre o desconhecimento da existência da Organização de Ala baiana, nas palavras do crítico, afirma o compromisso da iniciativa multicultural com um diálogo extramuros da Bahia. Chiacchio e seus parceiros apostam na solidez da proposta para ser percebida em outros centros de cultura e não numa radicalização de pressupostos de cultura e de literatura. 'Página de Ala' não deixa uma memória forte no ensaísmo literário posterior, mas responde de maneira vigorosa nos eventos de sistema de literatura como o Salão de Ala, cuja receptividade está muito bem fundamentada no jornal, tanto na 'Página' quanto em outros espaços do periódico.

As solenidades, os leilões, os concursos, tanto na primavera quanto nas datas do Salão, ventilam a cultura de que necessita a literatura baiana para ser levada adiante. *O Imparcial* reproduz as conferências, os encontros, os convidados de dentro e de fora da região, para cumprirem o ritual no Salão Nobre da Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Se o sistema consegue retirar daí algum combustível para a produção cultural, algumas etapas estão interdidas pela longa vigência do analfabetismo. Cria-se o paradoxo da Bahia erudita mas sem mercado literário. As incursões mais ousadas ainda ficam sob a responsabilidade da imprensa.

459 ALA DE MINAS, p. 5, 8 nov. 1939.

5.7 Permanência e deslocamento dos escritores da Bahia

O conjunto de ações literárias capaz de formar uma obra, um escritor ou uma literatura depende de uma série de aspectos interligados, desde a qualidade do papel à circulação do autor nas instituições dos seus pares. Articulado à questão geográfica, localização, circulação e comunicação, tem-se mais um dos sintomas diferenciadores do sistema de literatura da Bahia. No que se refere à publicação e êxito do escritor, o lugar de onde fala e para onde deseja que sua produtividade criativa atinja o conjunto de leitores, profissionais ou comuns, está em jogo o próprio sentido da literatura.

Muitos críticos e autores, na literatura de jornal, preocupam-se com a circulação de idéias autorais, literárias e intelectuais. A escolha pela permanência no estado ou a saída para o centro brasileiro ideal, o Rio de Janeiro, modifica a literatura que se produz. Algumas vezes, percebem-se dois grupos articulados pelas duas visões de mundo literário. Aqueles que saem para a conquista da glória e outros, mais retraídos ou renitentes, que lutam pelo fortalecimento do sistema interno. Talvez os últimos estejam mais conscientes de que fazem parte de um circuito no qual o escritor, enquanto beneficiário dos leitores que conquista para sua escrita, tem a função social de auxiliar o aprimoramento do sistema em que está inserido.

Os artigos do jornal sempre tratam o tema da partida pela busca da fama e consagração como uma ação (literária) problemática e isto se dá pelo enraizamento do órgão com a comunidade. Os compromissos e contratos imaginários pela defesa de uma tipologia de cultura estão em jogo nesses debates. É fato que os autores mais questionadores e polêmicos conquistam espaços maiores neste estudo. O texto “Os baianos e o novo movimento intelectual” (10 dez 1934, p. 3), de Rômulo Almeida, discute o prestígio dos escritores baianos e a sua difícil permanência no estado. Segundo ele, os autores, para obterem um devido e justo reconhecimento, precisam deixar a região e migrar para o Rio de Janeiro e São Paulo.

Nota-se que a saída nunca significa um corte na presença jornalística dos

escritores e homens de imprensa na Bahia. Muitas vezes, ocorre o contrário, a partir da saída: os jovens autores militam com mais segurança no jornal local. Um dos exemplos é M. Paulo Filho, o criador do pseudônimo João Paraguaçu. Os artigos de fundo, do diretor do *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, são consagrados pela competência da sua pena; mas é notável para o sistema literário que ele seja baiano e mantenha relações entre jornalistas e intelectuais ligados *À Tarde* e a *O Imparcial*. Seu pseudônimo das reminiscências e vida literária, João Paraguaçu, também marca a página 2 ou 7, com sua tira.

Desenhado a partir de uma complexidade, não faltam a esse ambiente peculiar (e talvez construído também de fora da região) nem o escritor iniciante e cheio de esperanças, nem o imortal meio esquecido pelas novas gerações. É papel do jornal acirrar essas duas instâncias idiossincráticas por prática ou por geração. Enquanto o jovem deseja espaço para transpirar suas primeiras linhas, o escritor veterano busca motivação na nova ordem para seguir produzindo. Como movimentação do sistema literário, é previsível o escritor veterano ser posto de lado, não por abandono ou saturação, mas porque faz parte da ordem do sistema interromper o movimento de “política do livro”, estágio que precisa do corpo do autor (por exemplo), para dar ensejo à fase de “reflexão sobre o livro”, momento que toma um longo intervalo de tempo e maturidade dedicado aos artefatos produzidos em conjunção (ou disjunção) com blocos culturais abstratos — língua, Nação, povo, civilização, beleza, sublimidade.

No estágio de “reflexão” do movimento sistêmico, não há dúvida de que as ferramentas estéticas são as mais aptas para compreender o alcance do que é produzido pela individualidade criativa. Pode-se medir, pacientemente, numa obra, em meses, anos, décadas, séculos, milênios, a permanência vibrante na língua, na memória do povo, ou como simbologia de beleza, civilização ou humanidade. À medida que se desenvolve recursos para desvendar essa fascinante etapa, mais se constrói dispositivos discursivos cuja função é garantir que não cessem as pesquisas nessa fase. Isso funciona, para a Teoria da Literatura, como a imaginação de que ela é a totalidade do sistema.

Muitas vezes, a presença do criador não é mais necessária ou a função autor

é diluída no contexto de outras ações literárias. O local para a prática das várias deflagrações gestuais dos participantes do sistema (entrada, consagração, abandono e diluição) é o jornal. O livro varia do momento em que o indivíduo se desloca da função leitor (ou outra) para a de autor, no sistema. Não há dúvida de que para a manutenção das ações do que chamamos de literatura, é necessário um local literário mais conformado com o sistema em si: o jornal.

A título de detalhamento, são perceptíveis cinco movimentos do sistema no que diz respeito à anexação da individualidade criativa iniciante ou veterana: (1) apresentação agressiva; (2) estabelecimento do diálogo — caracterização entre mais radical e complementadora: marginal, mediadora ou seguidora da geração anterior; (3) política de assimilação pelo sistema — concursos, debates, academias; (4) reflexão de artefatos (livros, panfletos, peças), função autor diluída no movimento do sistema — *esteios*; (5) reconstituição do movimento do sistema — estudo do subterrâneo da literatura e da memória. Os cinco movimentos descritos estabelecem que uma nomenclatura anterior e consagrada como tese e antítese estaria dentro do movimento do sistema literário, mas não daria conta, por si só, da complexidade das atuações culturais e literárias. No máximo, permite perceber o diálogo entre as gerações (movimento 2).

No movimento sistêmico em que o produto da individualidade criativa (o texto) entra para domínio público, a reflexão (ou ver-se como sistema) é perceptível de duas maneiras: uma consciente e ordenada por projeto, como nos estudos dos departamentos de pesquisa, e outra, pela assimilação/resistência da instituição lingüística via coletividade. Quanto mais a assimilação é provada em diversos mecanismos, mais diminui a possibilidade de elitismo e artificialismo, ou como quer Heidegger, aumenta a legitimação do processo de anexação criativa à língua.

É fato que a oralidade tem recursos para superar os obstáculos impostos pela alta cultura no que diz respeito ao conhecimento letrado, à tradição. O desenvolvimento desse embate cria uma divisão social nítida e artificial na comunidade do sistema de literatura em questão: cultura popular e cultura erudita. No entanto, é preciso preparar-se para compreender que a divisão clássica, no que tange à reflexão sobre o sistema de literatura, pode ser imaginada.

De um lado, há a desconfiança de que exista uma cultura comum transmitida pelo sistema em seus múltiplos agentes, como a literatura, pelos que não têm acesso ao conhecimento (falta de reflexão pelo analfabetismo). De outro, há a desconfiança de que indivíduos naturalmente escolhidos dentro da comunidade detêm um conhecimento localizado, setorizado e não distribuído a todos — aqueles que têm acesso ao letramento.

Se o escritor veterano encontra o seu limite, ou possibilidade de limite no sistema, a partir do momento em que domina o processo das políticas sistêmicas, o jovem tem seu primeiro obstáculo no controle da agressividade para acompanhar o movimento em questão. Ele atua para além ou aquém de sua capacidade de diálogo, trabalho ou contestação dos padrões de “giro” ou tratamento da temporalidade. Todo escritor da nova geração impõe seu corpo (vasta cabeleira, um estilo específico de vestir), gestos (falar alto, ser recluso) e preferências (frequentar lugares específicos, as companhias) a um conjunto ritualístico relativamente estabilizado. Tal inclusão provoca vibrações semânticas imprescindíveis ao sistema: é a sua energia.

O sistema da Bahia não abre mão do contato com o passado reconhecido e afetivo da comunidade. É inegável que toda a coletividade do sistema parte de uma individualidade difícil de ser detectada ou tendente a ser diluída (a função autor) mais à frente, por causa do movimento. Ou seja, se inicialmente a criatividade aspirante é um núcleo duro e distinto (as novas gerações normalmente constroem conceitos e práticas de autor em dissonância externa com o conceito de autor padrão), será diluída posteriormente pelo movimento do sistema – isso seria a sua característica.

A dificuldade de manutenção dessa individualidade já é um fator de crise (positiva) dentro do sistema, enquanto as individualidades criativas, distinguíveis em todos os movimentos, são os esteios de sistema. Assim como se pode começar a observar o movimento do sistema de literatura, pela sua característica circular não estática, de qualquer ponto, também a presença do esteio de sistema está independente da sua temporalidade ou orientação dos sistemas mais amplos.

A crise sempre pode se estabelecer entre um ou mais sistemas. Isso é exemplificado com Rui Barbosa. No estudo da literatura de jornal, o tribuno é um esteio de sistema nítido e “atrator”. Um estudo exaustivo de sua presença irá perceber que a atuação vai do projeto de narrativas sociais, lendas urbanas a cultos humanistas. Os dados sobre ele não carecem ser interpretados. Atravessado por uma narrativa, a individualidade Rui Barbosa aponta e faz girar a abertura para um sistema de cultura na Bahia. Com todos os avisos proibitivos de outros sistemas, como a República e a Modernidade das idéias brasileiras, o sistema de cultura e literatura continua a ser autenticado pela oração e mística ruibarboseana.

O amadurecimento de instituições como a Fundação Casa de Rui Barbosa trata de retirar uma certa aura de demonização que a tradição da Modernidade literária constrói ao redor do ilustre diplomata. O olhar sobre o Modernismo aqui é relativizado pela diferenciação entre seu localizado projeto (modernista e não paulista ou universal) e o amplo movimento de sistema da literatura nacional. Nunca se podiam notar os dois aspectos (Modernismo e sistema amplo) com a mesma nitidez, a começar pelo fato de que, em algum momento, o sistema de literatura nacional é configurado para se pensar que um aspecto em particular seja tomado como sua totalidade. Isso pode ter sido deflagrado em momento de risco para a entidade do ser aí (tempos de barbárie), independente de ser incorporado às margens ou às elites.

No Brasil, as elites acreditam que as etnias negras e indígenas não são capazes de produzir textos (artefatos narráveis e reconstituíveis), isto é, uma literatura durável e sustentável daqueles aspectos descritos acima (Nação, civilização, beleza, sublimidade, etc.), ou esses aspectos são construídos tendo em vista essa diferenciação (o termo bárbaro é criado pelos gregos para diferenciá-los dos outros povos). Marginalizadas, as narrativas daquelas etnias são guardadas, sem muito incômodo, na oralidade e na memória. O fato de não ter acesso a estágios do sistema, como a reflexão, nunca significa que aquela literatura seja inexistente. Sempre é possível intuir que, dentro dos rituais fechados de certos povos (culto à morte ou transe coletivo induzido por ervas) ocorram níveis de reflexão diferentes, mas equiparados à longa vigília crítica sobre a obra de Machado

de Assis ou um canto da *Ilíada*.

A semelhança é que, nesses eventos de concentração e abandono da temporalidade próxima, sempre pode vir uma espada decepadora da cabeça insolente. A possibilidade de articulação entre Arquimedes de Siracusa (o decepado) e os rituais de selvagens brasileiros significa que o círculo sagrado do pensamento está em ação, inclusive questionando o conceito materialista e civilizado de morte. Vista culturalmente de modos dessemelhantes, mas tendo consciência similar do fenômeno catastrófico — os povos criam estratégias para manter atitudes válidas para sua comunidade. Para o exame aqui encetado, a ausência do letramento impede que algumas etnias (inclusive a hegemônica) percebam em todos os movimentos do sistema o seu gigantesco acervo de literatura (e não só) guardado em bibliotecas orais. As superposições ou o velamento do sistema modificam a literatura como discurso independente.

Quanto mais prestígio tem o escritor, mais o sistema infla essa capacidade, que se não passar para outro movimento, corre o risco de implodir e interceptar o diálogo com as gerações mais jovens. Obviamente, a implosão é um ato previsto no movimento sistêmico, como também a inautenticidade. Não importa as medidas, a ordem cultural é uma instância complexa, composta de muitos aspectos. Se uma individualidade criativa consegue o tipo de prestígio que a faz pertencer ao movimento partilhado a partir de autenticação, mesmo sendo o copista perfeito (Pierre Menard), não é o sistema que o repreende com uma espécie de sexto sentido ético.

Essa é a tarefa de seus componentes. O sistema movimenta para a diluição da função autor e o Menard desaparece deixando sobreposta, duplicada ou não, a individualidade chamada Cervantes. O movimento do sistema tende para a abertura do ser; à literatura, não pertence uma categoria vencedora ou estilo hegemônico, mas toda a fisionomia perceptível para chamar de literatura (economia, ética, temporalidade, as diversas personalidades físicas e psicológicas, as individualidades criativas, o texto, a metáfora). Como o analfabetismo interfere no cenário, obstruindo a reflexão, uma aspiração setorizada corre o risco de ser tomada para todo ele.

É coerente que os modernistas tenham a concepção de literatura como um todo sistêmico, explicada no seu projeto em várias frentes. Uma das etapas é o afastamento de autores como Coelho Neto da literatura nacional. Dentro desse contexto propositalmente obscuro de reflexão, sabe-se que Neto é das mais inesperadas capacidades de trabalho intelectual. O encontro com sua produção é de imediato a experiência insólita de alguém que produz de maneira sobrenatural. Descartando o aspecto falta de qualidade das suas centenas de livros, também pouco investigado, a definição de hipérbole encontra nele o sentido prático. Somente tal constatação faz duvidar da demora em refazer o movimento de sistema para averiguar de que subterrâneo se está tratando com o autor de *A conquista* (se natural ou sobrenatural).

Percurso diferente pode ser percebido com a tradição literária de Gregório de Matos e Guerra. Do mesmo modo que se é possível identificar os estudos literários brasileiros, vê-se a tentativa de conter a onda poética gregoriana.⁴⁶⁰ Pesquisadores importantes como Francisco Adolfo Varnhagen, segundo José Veríssimo e outros pesquisadores, guardam os textos do poeta para negar a sua autoria. Esforços para conformar uma literatura brasileira similarizada aos códigos da sociedade dirigente do século XIX, providenciam a tentativa de apagamento de Matos. Contudo, forte nas fases 1 e 2, apesar de ser controlado nas fases 3 e 4, é na 5 que mostra mais competência. Pouco amparado pelas instituições (4), as estratégias e a capacidade de polêmica providenciam uma permanência na cultura popular.

Gregório de Matos é autenticado no sistema pelas gerações de leitores e ouvintes, somente depois anexado ao momento de reflexão sobre os artefatos criativos. O acontecimento literário prova que as instituições são importantes para o sistema, mas de forma alguma, determinantes da totalidade. Novamente, a definição de temporalidade não seria aquela que leva a um fim redentor ou de clímax. A autenticação de Gregório de Matos pela coletividade empurra a obra para dentro das salas de debates e reflexões aprofundadas por projetos.

460 Sobre o assunto ver GOMES, João Carlos Teixeira. *Gregório de Mattos, o boca de brasa: um estudo de plágio e criação intertextual*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985; CAMPOS, Haroldo de. *O seqüestro do Barroco na formação da literatura brasileira*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989 e também PERES, Fernando da Rocha (org.). *Gregório de Mattos: o poeta renasce a cada ano*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2000.

Esteios e obras atuam dentro do sistema, ou oferecendo sua aparência a partir dos movimentos desencadeados, agressivos (1) ou de reconstituição (5), a todo momento. Os estudos literários mais acostumados a se inserir no mecanismo da literatura, nos movimentos 4 e 5 (teoria, crítica e história da literatura), expostos aos debates mais recentes, buscam agora determinar suas formas ou metodologias partindo do movimento sistêmico. Talvez, finalmente, dentro das muitas ações às quais pertencem o que se denomina obra de Jorge Amado, muito forte enquanto momento de panfleto e sensacionalismo, estamos finalmente avançando para uma etapa de reflexão do livro.

Para a literatura, não importa qual a parte mais importante da atuação do esteio Jorge Amado, mas a identidade do sistema, nesse momento, prescinde do autor enquanto testemunho. A investigação dos artefatos construídos com o uso de várias ferramentas, como o viés estético, é desencadeado nas décadas anteriores, pela ausência de teorias adequadas, quanto pela falta da presença de outras áreas do conhecimento e do debate intelectual. De qualquer forma, é preciso lembrar que enquanto produtor de narrativas ficcionais, a função autor Amado dialoga com os principais construtores de teorias filosóficas, estéticas, epistemológicas do Ocidente.

Eis um esquema possível para a reflexão sobre os romances amadianos: o existencialismo de Sartre — cuja força faz circular as idéias ficcionais ou teóricas de Albert Camus e Roland Barthes a Homi Bhabha e que desobstruem algumas discussões sobre o pós-colonial e o híbrido em Amado e outros romancistas — é pensado tanto à mão dos romances do grapiúna quanto pela vista das paisagens e debates nas terras da Bahia. Apesar da pertença à circulação densa — da América para a Europa e Ásia (beirando a uma literatura ou teoria global, no dizer de Walter Mignolo), seu enraizamento mais sólido ainda é o sistema de literatura da Bahia.

A passagem do movimento 1 para o 5 demora tempo suficiente para que o sistema assimile todas as nuances de sua atuação. O amadurecimento está na Fundação Casa de Jorge Amado, ao tratar de promover os estudos também sobre si — exemplar de autofagia em pleno movimento 5. O quadro denso que tento desenhar nos parágrafos acima é o percurso que a literatura de jornal desenha na longa duração de uma prática que se confunde tanto com a nacionalidade quanto

com um íntimo sentido de trabalho intelectual. Investida de pormenores tão firmemente aplicados à cultura, a abordagem dos autores baianos, naquela divisão entre os que ficam e os que vão, está vinculada a um ângulo político, a um engajamento.

Muitas vezes, a avaliação de se estar sempre em inferioridade vai pela idealização dos grandes centros:

Contudo, muitos ainda, ou presos por circunstâncias especiais, ficam por aí, lutando heroicamente contra a aspereza do meio. Vários professores acadêmicos e secundários estão nesse caso. Chiacchio, Eugênio Gomes, alguns novos, também Xavier Marques, da Academia Brasileira, não se fascinando pela metrópole, e, apesar de provincianamente esquecido da própria Bahia, vai mantendo o prestígio da sua 'imortalidade', divulgando os seus belos romances e o seu elegantíssimo vernáculo através das editoras e distribuidoras do Rio.⁴⁶¹

Os grandes centros podem oferecer mais oportunidades de produção cultural pelo privilégio do cosmopolitismo, na medida do possível, contudo, a organização dos jornais, como *O Imparcial* é um exemplo, a circulação de notícias, avaliações e artigos de fundo representam o cosmopolitismo máximo em papel de imprensa. Significa que a mesma reivindicação local também é provada na capital, além de todos os destacados colaboradores dos órgãos jornalísticos do Rio de Janeiro e São Paulo – salvo as diferenças ideológicas – também aparecerem nas páginas de um matutino como dirigido por Victor H. Aranha.

As preocupações de Rômulo Almeida, quanto ao prestígio da Bahia, levam-no a concluir por uma série de intelectuais que, mesmo distantes da região, continuam colorindo as novas terras com o seu sotaque e sua visão de mundo retirada da vivência local:

A Bahia não perde, porém, um lugar de primeira. Mas, extra-territorializada [sic]. Os seus filhos vão para longe. E ela adormece, ao embalo das glórias passadas ou das notícias distantes.

461 ALMEIDA, Rômulo. Os baianos e o novo movimento intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 10 dez. 1934.

Afrânio (Peixoto), Castro Rebelo, Hermes Lima, Isaías Alves, Anísio Teixeira, Lemos Brito, Arthur Neiva, Eurico de Góes, Wanderley Pinho, são dos muitos expoentes que não puderam ficar na sua terra. Não sei de quantos mais. Dos mais jovens são inúmeros. Os baianos têm posição de destaque no mais novo movimento intelectual, mas por aqui...

Exemplo:

Renato Almeida é presidente do grupo valoroso dos discípulos de Graça Aranha, no qual há figuras como Ronald de Carvalho.

Jorge Amado, um menino que tem muito talento a serviço de um esquerdismo sensacionalista, conseguiu um destaque excepcional nas nossas letras, e é, talvez, o seu maior nome entre os de menos de 25 anos: fez escola.

Ao lado do filósofo e crítico, do romancista moderno e outros intelectuais da primeira linha, há lugar para um historiador-sociólogo, a mais impressionante figura, a meu ver, da nova intelectualidade baiana na metrópole: Pedro Calmon.⁴⁶²

O crítico já reconhece Jorge Amado em suas funções como esteio de sistema, mesmo que ainda incipiente. Ele constata o reconhecimento futuro que o faz ausente das plagas baianas, mas sustentáculo de discursos que a comunidade não pode descartar (romance como reflexão das várias identidades da Bahia). A postura política, um aspecto de reconhecimento de personalidade intelectual, é mencionada a respeito do escritor: “a serviço de um esquerdismo sensacionalista”. No jornal, cada fragmento de texto, coluna, artigo ou conferência traz a personalidade completa do produtor de conhecimento de cultura. Isto se dá porque é função da literatura de jornal suprir a ausência de algumas das áreas de conhecimento mais especializado e também porque quanto mais completa a personalidade do autor, mais compõe a existência do sistema de literatura e cultura de que faz parte.

Marcada pela imaginação e pelo discurso, a primeira função do texto de jornal, nesse caso, é provar a sua existência. O que parece óbvio é combatido pelo advento de outros discursos. Um exemplo da polêmica de existir ou não um sistema é a enquete de D. Maria Dolores, “Bahia intelectual”. Nessa iniciativa, os escritores que mandam seus depoimentos dividem-se entre a existência ou não de um

462 ALMEIDA, p. 3, 10 dez. 1934.

ambiente literário no estado, quando, na verdade, essa questão não está em jogo, uma vez que eles respondem ao chamado da poetisa de *O Imparcial*.

A partir desse ponto do texto, Almeida tece um elogio ao trabalho intelectual do jovem escritor das biografias do Império. “Romancista, jornalista, historiador, publicista, professor, (...)”, Calmon reúne as qualidades intelectuais de que Afrânio Peixoto havia lançado mão para influenciar a cultura intelectual na Academia Brasileira de Letras, e isso é, na opinião do crítico, uma questão de tempo. Mesmo assim, não esquece de alfinetar os conterrâneos da Bahia, que, segundo ele, não lêem o jovem e talentoso homem das letras. Em reflexão a respeito da poesia contemporânea, o crítico residente na Bahia, Alberto Guerreiro Ramos, escreve um elogio aos modernistas de 1922.

No artigo “Poesia e Teluricidade,” persegue, nos moldes da crítica impressionista, cuja força ainda se mantém na crítica de *O Imparcial*, os verdadeiros valores da poesia. Com esse objetivo, são desautorizados pelo ensaísta escritores do calibre de Olavo Bilac, mas simplesmente “versejadores” insuperáveis. Os verdadeiros poetas são modernos:

Modernamente o sentido verdadeiro da poesia está sendo reabilitado entre nós. É o que demonstra o movimento poético de Ronald de Carvalho, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Augusto Frederico Schmidt, Murilo Mendes, Vinícius de Moraes, Manoel de Abreu, Tasso da Silveira e outros.⁴⁶³

Ali aparece o perfil do Modernismo literário tentando garantir um lugar no cânone da literatura, no qual não há mais posto para consagrados da época anterior. A ordem dos escritores responsáveis pelo resgate da verdadeira poesia está híbrida de radicais paulistas e da moderação carioca. Num texto sobre o livro de Plínio Salgado, *Geografia sentimental*, haveria uma identidade de verdadeira poesia na escrita bárbara do líder dos integralistas, por isso, aproximada da verdadeira poesia cultuada na modernidade.

A nacionalidade futura do Brasil articula a verdade poética com a genuinidade

463 RAMOS, Alberto Guerreiro. Poesia e Teluricidade. *O Imparcial*, Salvador, p. 2, 30 mar. 1937.

bárbara, que as palavras de Salgado interpretam e orientam, segundo o crítico. Para ele, “afinal, Plínio tem razão. A pátria é povo. E povo brasileiro genuíno é Lampião, malandro, samba, favela, jeca, politicagem, arruaça, ruibarbosada em véspera de eleição etc., etc.”⁴⁶⁴ Não é preciso dizer que há uma tendência ao exagero das condições sociais do País, pela ótica de um crítico que assume a sua condição política.

Em longo ensaio originado numa conferência a respeito do poeta Castro Alves, Carlos Chiacchio explora a nomenclatura modernista em meio às várias denominações possíveis para a poesia do vate mais importante para o sistema de literatura baiana da época: “Ora, condor. Por que condor, e não águia, e não corvo, e não martim-cererê, e até outros abutres, como o albatroz de quem tanto fala Castro Alves (...).”⁴⁶⁵ Chiacchio caracteriza o poeta da praça como o precursor dos grandes escritores latino-americanos modernistas, porque realiza atividade poética também com engajamento político e utilização de símbolos e tópicos americanistas.

Para ele, se aqueles são americanistas, é um equívoco da historiografia não trazer Alves para a mesma denominação. Enquanto argumento sobre os possíveis pássaros que podem simbolizar a poesia do autor baiano, aparece um dos símbolos dos modernistas, o martim-cererê, de Cassiano Ricardo. Para Chiacchio, americanista é mais adequado à grande poesia castroalvina, uma vez que segue atual apesar de passada a voga do estilo andino. O condoreirismo é limitador da potencialidade de Alves.

Se Castro Alves conquista um lugar de destaque no cânone nacional, sendo celebrado em todas as histórias da literatura brasileira, há uma recepção de sua obra no sistema literário da Bahia que não fica satisfeita com a permanência do vate no Romantismo. Isso é a percepção de uma forma diferenciada de movimento sistêmico, de que a historiografia literária ainda não se apercebe — os diversos tipos de recepção literária. Essa ação recepional está conectada aos itens do sistema, como o comércio, as instituições, o leitor, a escola, a imprensa, os estudos literários, o livro.

464 RAMOS, p. 2, 30 mar. 1937.

465 CHIACCHIO, Carlos. Castro Alves, poeta americanista — o menino Brasil, o menino Castro Alves, a menina Zoraide, continuação. *O Imparcial*, Salvador, p. 5, 7 abril 1937.

A história da literatura nacional costuma, como é sua metodologia de abordagem, a enquadrar *a priori* todos os autores estudados como nacionais, homogeneizando eventos de vital importância para a manutenção da literatura que estuda. Não observando a profundidade dos fenômenos que aborda, a historiografia mais abalizada não pode perceber, portanto, que, na condição de item do sistema, vai de encontro a outros influentes aspectos do mesmo.

Ao aprofundar suas ferramentas críticas, há um determinado desejo dos estudos literários de deslocar o vate de *Os escravos* para um lugar menos importante na sua trajetória político-literária, como, por exemplo, a destituição do título de poeta dos escravos, devido ao seu enraizamento lingüístico e étnico na representação das elites rurais brancas do Brasil do século XIX. A contestação, apesar de coerente, vinda possivelmente dos movimentos sociais de reparação histórica (partícipe também da movimentação do sistema literário) ainda não sabe muito bem como interagir com a força de recepções movidas pela oralidade popular. Tal emergência, associada às reivindicações como a de Chiacchio, acabam desembocando na importante escolarização da obra poética.

Incluído nesse grande setor oficial do sistema, os estudos literários devem levar em consideração o Castro Alves formador de leitores e declamadores, mesmo sem esquecer as emissões de preconceito e racismo na ação da literatura. Diluído no movimento sistêmico, o autor de *Espumas flutuantes* é um bloco de artefatos literários que também autoriza/inspira gerações de escritores na Bahia. Esse evento ocasiona uma atualização constante de seus versos. Ele nem é produtor do século XIX, tampouco expressa somente imagens românticas. O poeta garante o tipo de nacionalidade (liberal e abolicionista) que a Bahia necessita para interagir com a Nação, do Estado Novo.

Sob o impacto dos movimentos de literatura e cultura divulgados pelo jornal, a 'Página de Ala' presta uma homenagem para "A Nova Cruzada". Esse movimento, levado na primeira década do século XX (1901-1911), tem articulação profunda com a organização de Ala e é um dos motivos válidos e coerentes para muitas controvérsias entre seu líder, Carlos Chiacchio, e os movimentos de vanguarda que vieram depois. Ela é a empresa concreta de projetos seguidos durante o século XX,

antes e depois da Semana de 22.

A prática de uma outra face da Organização de Ala das Letras e das Artes, o Salão de Ala, em sua terceira edição, expõe obras e memória da Nova Cruzada, organização literária também incentivada por Chiacchio, que reúne alguns dos escritores, intelectuais e jornalistas em voga na Bahia e no Brasil das décadas de *O Imparcial*. A Página de Ala anuncia uma exposição na Biblioteca Pública do Estado, na qual aparecem os escritores daquele movimento baiano:

Literatura

Exposição de poetas prosadores e artistas da 'Nova Cruzada' – (1901-1911)

a) A 'Nova Cruzada' (em três fases); b) 'Canudos', reconstituição, por Lopes Rodrigues (5 desenhos); c) autógrafos; d) Livros recortes; e) Retratos e jornais da época, com referências; f) Outras revistas e livros do tempo; g) Netos espirituais da 'Cruzada'; h) História da 'Nova Cruzada'; i) As quatro festas principais da 'Cruzada', instituídas por ela ou por ela 'comparticipadas': 'Festas dos Chilenos' (1902), 'Carmina Triunfália', (homenagem a Xavier Marques – 1906), 'A Festa de Castro Alves' (em prol do monumento – 1908), 'A Festa da Primavera' (1910), 'Poliantéia da Mocidade à Primavera' (1910); j) Galeria da Cruzada (retratos); k) Livros: 'Partituras', Roberto Correia; 'Poesias', Pethion de Vilar; 'Opalandas', Fernando Caldas; 'Tragédia Épica' (Canudos) Francisco Mangabeira; 'Estudantinas', Alvaro Reis. E outros e outros.⁴⁶⁶

No fragmento acima, mostrando um cartaz com os poemas e fragmentos expostos, estão autores mortos — Francisco Mangabeira — e outros ainda atuantes — Xavier Marques, Roberto Correia — nomes importantes para o sistema de literatura. O evento faz homenagem aos acontecimentos culturais do passado, mas trata de recorrer à memória para sustentar seus códigos baseados na tradição. A *Nova Cruzada* nunca sai da palavra de ordem que orienta o movimento de Ala, o Tradicionismo Dinâmico. A página explica o sentido de Cruzada:

A 'Nova Cruzada' tinha por legenda – 'Um Por Todos e Todos por Um', – e

466 III SALÃO DE ALA. *O Imparcial*, Salvador, 27 set. 1939. 'Página de Ala', p. 5.

durou dez anos na vanguarda da defesa das nossas tradições de cultura e de inteligência. Merece que se lhe vejam os testemunhos ilustres, no 'III Salão de Ala', exposição de artes e letras, no Salão Conde dos Arcos, da Biblioteca Pública.⁴⁶⁷

Nada representa melhor o sentido de tradicionalismo dinâmico do que a expressão acima, “e durou dez anos na vanguarda da defesa das nossas tradições de cultura e de inteligência.” Chiacchio consegue reunir esses dois inimigos ferozes nas concepções literárias e culturais da *Semana*, “tradição e vanguarda”. Os movimentos organizados ou incentivados por ele têm como característica o prosseguimento dos acontecimentos, de maneira articulada. O que lhe falta externamente — leitor, editor, recepção — seria compensado pelo fortalecimento da ordem e da atuação. Esses são motivos para nunca negar o passado para a ereção de um presente totalmente novo na cultura e na literatura para a Bahia.

A ‘Página de Ala’ apresenta a sinceridade abordada por Dulce Mascarenhas e a fidelidade ao mundo cultural formatado a partir de projetos, artefatos e mentalidades palpáveis. Obviamente, esse não é um texto sobre Carlos Chiacchio. Contudo, por essa via de argumentação, nenhum dos trabalhos sobre ele perscruta de maneira satisfatória um item desestabilizador das avaliações — a biografia ou biocrítica do autor. O círculo de amigos, os principais desafetos, os locais de pregação literária podem dar conta de sua fidelidade a um projeto e a uma prática, ou seja, a um sistema de literatura.

5.8 Diálogo poético com Manuel Bandeira

A ‘Página de Ala’ também não interrompe o ciclo de diálogos e contestações com o Modernismo paulista ou a literatura praticada por eles. Um desses momentos, nem tão inédito, é recriado pelo poeta José César Borba, na coluna ‘Os Novos’. A

⁴⁶⁷ III SALÃO..., p. 5, 27 set. 1939.

diferença assenta no estilo dialógico, empreendido pela palavra poética. Significa que há um debate de longa duração sustentado entre a proposta literária externa (Modernismo) e cada vez mais fortalecida e a resistência da produção do grupo de Ala, e seu Tradicionismo Dinâmico. Tal debate forma uma fortuna literária digna de estudo, cuja descrição, a partir de projeto consciente das idiossincrasias, fica a cargo da história da literatura.

A discussão sobre as diferentes visões de mundo poéticas, tentações mais políticas do que necessidades estéticas, conquista a profundidade necessária para ser transferida ao espaço indistinto da poesia. Esse fenômeno somente é observável, até agora, no estudo do periódico, porque seu modelo de organização, pautado numa ventilação de aspirações e idéias urgentes assim o autoriza, enquanto em outros espaços, como o livro, o esforço para encontrar identidades mais individualizadas e enrijecidas é mais nítido.

Na poesia, o sistema movimenta-se num duplo sentido – tanto numa circularidade do sistema baiano quanto em projeção icônica, atraindo e sendo atraído por outras formações semânticas. O primeiro movimento garante a identidade do sistema de literatura sobre quem se reflete (a Bahia), pois faz interagir uma quantidade considerável de “peças” culturais. Apesar de o movimento poder ser caracterizado de desequilibrado ou incoerente, num determinado enfoque,⁴⁶⁸ em verdade, o que se pode atestar é a sobrecarga de algumas “peças”, como o acúmulo de funções da imprensa ou a contaminação⁴⁶⁹ dos seus esteios de sistema, por causa da ausência de outros elementos (como a alfabetização ou disseminação do livro).

O segundo movimento — icônico — providencia as tendências de renovação sistêmica nos diversos níveis, desde a metáfora na individualidade criativa (as sínteses de João Cabral, os termos excêntricos de Augusto dos Anjos, os pavões de Sosígenes Costa) até as possibilidades lingüísticas de longa duração (Camões na língua portuguesa ou o papel da gíria). Pairando entre o primeiro movimento do sistema, mais maleável, para o segundo, mais fixo, um dos mecanismos de

468 O estudo realizado por Ívia Alves, por exemplo.

469 Termo utilizado por Dulce Mascarenhas ao se referir a Carlos Chiacchio.

renovação é o diálogo poético.

Um dos três poemas impressos de Borba, naquela data, dialoga diretamente com a poesia de Manuel Bandeira, senão com o próprio poeta de *Pasárgada*:

Da Bahia para Manuel Bandeira

Bandeira, nesta Bahia
 Não vejo o beco vejo a ladeira,
 Ladeira escorregadia
 Em cujo lado plano, antes do avanço,
 — Avanço de ladeira, que sobe sem conformação —
 Está a casa pequena e a trepadeira.
 — Quem passa diz que é gente estrangeira! —
 Mas eu moro aqui, tão calmo, tão manso,
 Tão moreno, com a minha imaginação
 Que ora vai com a ladeira,
 Ora fica presa à trepadeira...

Nesta Bahia, Bandeira
 Tudo se encontra se junta, fica enorme,
 — Tudo devido à ladeira, —
 A Bahia é velha e dorme,
 — A Bahia transmite uma certa sonolência! —
 Fadiga de quem sobe — um pé na frente, um pé atrás —
 De quem sobe todo dia a ladeira.
 Mas tudo é pura aparência,
 (Por dentro a Bahia é vivaz!)
 É só cansaço modorra nada mais,
 De quem sobe todo dia a ladeira!⁴⁷⁰

A reflexão sobre algumas partes do poema traz à tona indagações discutidas em outros estilos de texto. Em algum momento, o poeta referido no texto pode ter suscitado por escrito ou oralmente o mote sobre o qual se inspira César Borba, a construir o artefato poético/político. Trazido para o palco de discussão da historiografia literária, o poema torna-se o receptáculo de uma memória de evento cifrado pelas circunstâncias metodológicas da própria narrativa historiográfica. A relação literária entre a Bahia e o Modernismo afigura-se numa pergunta, muito mais do que numa certeza: como se comunicam esses dois lugares semânticos?

O poema começa com uma discordância do que se vê na paisagem. O

470 BORBA, José César. Da Bahia para Manuel Bandeira. *O Imparcial*, Salvador, 15 maio 1940. Página de Ala, p. 5.

primeiro verso indica que há um interlocutor de nome Bandeira, cuja experiência visual é negada: “Não vejo o beco vejo a ladeira.” O interlocutor não responde, mas a potência de sua opinião motiva todo o poema.⁴⁷¹ O eu poético encarregado da fala expõe a identidade da Bahia pela densidade da ladeira, como também apresenta o projeto de literatura pela especificidade regional.

Uma das características da ladeira é ser escorregadia, o que representa também um perigo na travessia, tanto pela subida quanto pela descida. Uma vez vencida a ladeira, chega-se à surpreendente casa, que parece de estrangeiros, ou a uma possível vontade de ser estrangeiro. Essa logo é negada, talvez pela organização e pelo contraste com o que se vê de desordem fora da casa, na autoridade rústica da ladeira.

A casa pertence ao calmo eu poético dos versos, cujas características marcantes são a cor morena, a expressividade da Bahia mestiça e a imaginação, ora presa à trepadeira, aos compromissos cotidianos, ora junto com a ladeira para olhar outros lados. A imaginação indecisa entre os dois planos também significa a dupla permanência no passado e no presente. Reprendida a ruptura, o desejo segue pela procura de saídas ainda não experimentadas, pois a violência com que se rompe e a injustiça da perda são velhos conhecidos da cultura histórica da velha Bahia.

O eu poético tem a identidade firmada em dois aspectos complementares, mestiçagem local e imaginação necessária aos criadores. A segunda e última estrofe do poema também se inicia com o vocativo ao poeta pernambucano radicado no Rio de Janeiro, para que aquele não perca o sentido metafórico da ladeira, da subida, para a superioridade e para as dificuldades cotidianas do estado carente.

Dentre essas virtudes, está a velhice que inspira, junto ao esforço para com a ladeira, a sonolência. Contudo, não se deve esquecer que é da velhice que vem a sabedoria, de aprender com o tempo e com incontáveis subidas da ladeira. Não é preguiça em si, mas a sonolência existe por força das circunstâncias. Como marca

471 Lembra recurso semelhante utilizado anos depois por Guimarães Rosa no romance *Grandes sertão* — veredas. Nessa narrativa, há também um interlocutor que não se exprime, mas a sua vontade está revestida de um peso insuportável para o experimentado protagonista Riobaldo.

da experiência cotidiana transformada em imagem poética, quem está acostumado com a ladeira também possui a energia suficiente para ser vivaz, e não doentio.

O poeta não esquece a influência dos trópicos, com o seu calor sazonal que traz a modorra pelo cumprimento cotidiano de sua ladeira. No combate de versos-conselhos ditos ao poeta, mas, na verdade, reclamando sutilmente dos preconceitos infligidos à região, o poeta dialoga poeticamente com Manuel Bandeira. Expõe sua posição no mundo da poesia, cuja primeira leitura parece ver um sem número de desvantagens (ladeira, parecer ou desejar ser estrangeira, velhice, modorra, mestiçagem, imaginação dividida). Entretanto, leva imediatamente a uma situação poética inspiradora (multiculturas possíveis, vivacidade, originalidade poética).

O diálogo atenta também para o sentido da palavra Bandeira, que transforma o nome do consagrado poeta num símbolo, e também num objeto poético, diluindo a posição autor por outra função: o estandarte do Modernismo do centro. Investido da representação de um mundo, que o poeta explicita como “beco”, uma das sínteses para a cidade cosmopolita, o poeta invejável perde sua capacidade literária, para ser o representante da nova forma poética.

A partir da palavra Bandeira, o diálogo estabelecido transporta os sentidos de versão e contravenção do tipo de arte poética que circula na instância estadual. O poema de César Borba, na sua ambiciosa missão estética, estabelece um vínculo literário que destitui o sentido da viagem de Manuel Bandeira a Salvador para propagar a forma modernista de poesia. Além da viagem, talvez a vinda para ver becos é questionada na área em que o homem Bandeira está acostumado a interagir com o mundo: a poesia.

O mesmo recurso de diálogo poético é experimentado pelo poeta feirense, também de *Arco & Flexa*, Eurico Alves, para com Manuel Bandeira. Esse primeiro contato torna famosa a experiência poética entre dois mundos e dois estilos de modernistas: a voracidade doentia da cidade máquina e a genuinidade da saudável poesia sertaneja. Rubens Alves Pereira, um dos especialistas em Eurico Alves, afirma que a *Elegia para Manuel Bandeira* “foi escrita no ano de 1930 ou 31, e enviada por obra e graça do amigo Carvalho Filho, à revelia do autor. É logo

respondida pelo poeta federal, em forma de bilhete-poema que chega, autografado, às mãos do “poeta baiano”.⁴⁷² Reproduzo alguns trechos:

Que poeta nada! Sou vaqueiro.

Manuel Bandeira, todo tabaréu traz a manhã nascendo nos olhos

E sabe de um grito atemorizar o sol.

Manuel Bandeira, dê um pulo a Feira de Santana

e venha comer pirão de leite com carne assada de volta do curral

e venha sentir o perfume de eternidade que há nestas casas de fazenda,

nestes solares que os séculos escondem nos cabelos desnastrados das noites eternas,

venha ver como o céu aqui é de verdade

e o tabaréu como até se parece com Nosso Senhor.⁴⁷³

Rubens Pereira aborda o encontro poético entre o ícone do Modernismo brasileiro e o talentoso poeta feirense como um diálogo de simpatias em verso. Um convite para a partilha de um mundo ainda protegido pela aura poética e uma recusa, do poeta cosmopolita, marcada pela entrada irremediável no mundo moderno. Sempre há motivos para se tentar outras alternativas para o tratamento da questão para a literatura. O crítico também posiciona o encontro em termos de contatos entre sistemas de literatura e cultura, os quais vêm corroborar o enfoque teórico dado ao estudo da literatura de jornais da Bahia:

O diálogo Eurico/Bandeira impressiona, primeiramente, pela qualidade intrínseca de cada poema; depois, pela grandeza humana desse inesperado encontro à distância; e finalmente, pela riqueza de dados literários e sócio-culturais (confluências textuais, jogos expressivos, evocação de sistemas referenciais paraliterários) que se apresentam

472 PEREIRA, Rubens Alves. Minha terra tem *pasárgadas* (Diálogo: Eurico Alves/ Manuel Bandeira) In: OLIVIERI-GODET, Rita (Org.). *A poesia de Eurico Alves: imagens da cidade e do sertão*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo; Fundação Cultural; EGBA, 1999. p. 82.

473 Id. *Ibid.*, p. 82.

articulados pelos poemas em questão, ou articuláveis por uma leitura empenhada que parte deles, perpassa outras obras e chega às próprias referências existenciais dos poetas. Tratarei a questão não só na perspectiva da arte poética, como também de sistemas que interagem direta e indiretamente no episódio de crivo literário.⁴⁷⁴

O tratamento do tema pela via dos sistemas de literatura, mencionado no ensaio de Rubens Alves, providencia o encontro entre dois mundos substanciais — pelas escolhas dos indivíduos em diversas colorações como a poética, aqui — e postos em prática diretamente nos versos tanto de Eurico Alves e César Borba. Em outro momento, a referência ao sistema de literatura traz de volta a polêmica pouco percebida no ensaio sobre o poeta da Feira. Rubens Alves explica que Bandeira reclama, com escritores baianos de sua amizade, não ter tido mais contato com Eurico Alves. Tal ausência de comunicação posterior é justificada por Alves, respondendo a um amigo, devido à sua falta de educação de homem sertanejo.

O olhar sobre o evento poético pelas circunstâncias da literatura de jornal pode significar que não se trata realmente de um convite simpático, mas de um confronto poético/político. Eurico e Borba, em seus versos, fazem a defesa do seu mundo poético ameaçado pelos agressivos ataques modernistas. Por seu lado, Bandeira não recusa somente o convite à cidade cujos ares, à época, têm fama de curar os tuberculosos, mas a oferta de um mundo construído à força de imagens armoriais (sebastianistas, cavaleirescas e obstinadamente eruditas, ao gosto de Ariano Suassuna) *avant la lettre* e rústicas. À luz de uma leitura de sistema de literatura, há em 1930 e 1940, entre os três poetas, o diálogo esgrimado habilidosamente com a palavra poética.

Obviamente, um que é substituído, o rústico, por outro, o urbano; mas não há porque pensar numa extinção da experiência sertaneja. Novamente, é a sensação de seleção e de substituição que traz a idéia de um estilo concorrendo com o outro. No caso da Bahia, existe uma convivência, nem sempre pacífica, entre as duas maneiras de ver a poesia, similares, graves, de concorrência violenta em muitas oportunidades entre a vida rural e a configuração urbana.

474 PEREIRA, 1999. p. 82.

O exemplo da poesia de César Borba, no poema “Da Bahia para Manuel Bandeira”, é um diálogo poético/panfleto utilizando-se de certa qualidade de criatividade estética para manter um posicionamento que não pode ser outro senão de política poética. Pelo título, pode-se perceber que a identidade criativa Bandeira transforma-se em símbolo do questionado estilo modernista. Tampouco o poema é expressão individual de Borba, mas a palavra coletiva do sistema literário da Bahia, através da literatura de jornal – espaço onde, sem dúvida, a recepção pode realizar a leitura simultânea do artefato poético, transformado em expressão coletiva.

É como se no jornal todos lessem ao mesmo tempo o poema, tornando a coletividade da leitura um traço de identidade da literatura de jornal. No caso do poema a Bandeira, explicitamente, é preciso que se assumam seu lugar nessa coletividade criativa recepcional e de aspiração. O livro estabelece um limite de individualidade concreto, sem deixar de ser salutar. Os poucos exemplos enfileirados para dar conta da ‘Página de Ala’, como evento de literatura desencadeado nas páginas d’*O Imparcial*, ilustram a realização de um projeto literário. Contudo, eles são retirados de rol muito mais numeroso. É preciso referir com um pouco de cuidado a articulação entre os eventos e os textos publicados.

Os dois aportes teóricos arquitetados por Chiacchio, a Biocrítica e o Tradicionismo Dinâmico, são os pilares argumentativos que sustentam os discursos da ‘Página’ e dos outros projetos (tanto literário e quiçá não-literário) no horizonte de expectativa baiano. Dois candidatos a formadores de uma metodologia da pesquisa, os quais não alcançam o *status* na opinião das referidas pesquisadoras. No entanto, uma vez postulados, é deles o ponto de contato das idéias sobre a literatura de jornal produzida na ‘Página de Ala’. Assim, a leitura das contribuições de *O Imparcial* torna-se ainda mais significativa.

A Biocrítica é pensada em estudo da literatura a partir da mentalidade integral do autor, isto é, sua individualidade criativa. O método teórico de Chiacchio possui dois pontos de ligação positivos (não superados), a despeito de toda a bibliografia determinista e positivista de que se reveste. Lembremos que o movimento de sistema tem condição de esboroar com os influxos teóricos que obstruem seu funcionamento, mantendo os mecanismos que o beneficiam.

Um dos aspectos da Biocrítica é sua estreita ligação com a crônica histórica ou de reminiscências, praticada dentro do jornal. Colaboradores como Assis Memória, Bastos Tigre, Tetrá de Teffé, M. Paulo Filho e João Paraguaçu são cultores dessas despreziosas tiras. Seus textos, na maioria dos casos, explicam pequenos acontecimentos tirados de memória ou anotados no canto da caderneta do jornalista, sobre importantes figuras políticas, intelectuais, militares e, principalmente, escritores. Neles, a vida literária é evocada para contar os motivos de uma mentalidade, mas acabam explicitando o forte vínculo entre a literatura e a vida à sua volta.

O segundo aspecto positivo da Biocrítica é aquele que pode, a partir de abordagem pormenorizada, posicioná-la como metodologia para o estudo da literatura, que ela ambiciona ser. No espaço da historiografia literária, a partir da diminuição da hegemonia do texto sobre os estudos literários, outros aspectos retornam para fornecer o movimento do sistema de literatura. Um desses elementos é a explicitação do sujeito sobre quem se investiga.⁴⁷⁵ Ganha importância a individualidade ordenada dentro de um sistema em ação, o seu papel criativo, suas ações de esteio, suas possibilidades de imagens sobre e superpostas.

A diferença para o projeto de Carlos Chiacchio é que a Biocrítica, como qualquer metodologia, não tem fim em si mesma, mas nas necessidades requeridas pelo sistema de literatura e autenticadas pelo método posto em ação. Não há urgência, no *a priori*, de se questionar ferramentas ou artefatos ultrapassados como o evolucionismo biológico ou o determinismo positivista, porque o duplo movimento sistêmico requerido é avaliado ou avalia o todo da proposta. Se há aceitação integral, é o sistema que pode ser qualificado de anacrônico. Caso, no processo de rotação com os outros elementos sistêmicos, ocorre rejeição da proposta, é porque se deslocam possivelmente as anacronias. Não sendo hegemônica para o sistema, a Biocrítica não tem força para geri-lo em sua totalidade ou independência.

O Tradicionismo Dinâmico é a proposta teórica mais polêmica porque se

475 Há duas fontes para a defesa da explicitação exaustiva do sujeito na construção de histórias da literatura com perfil construtivista, aproximados de uma postura biocrítica: Uma, de SCHMIDT, Siegfried. Sobre a escrita de histórias da literatura — observações de um ponto de vista construtivista. In: OLINTO, Heidrun K. 1997; outra, em discussões na disciplina História da literatura brasileira ministrada pela profa. Dr. Maria Eunice Moreira.

reveste de captação discursiva contra o ataque das vanguardas de 1922. Avaliado pelas duas professoras já citadas como limitado em relação à prática literária da época, convém admitir que representa a insolência do sistema de literatura que parte dele, da Bahia. Talvez com um formato teórico limitado para as ambições que anuncia, não se pode negar que é tentativa reflexiva enraizada numa prática, numa fisionomia cultural e numa motivação, para mim, bastante bem delineada.

Ou seja, se para fabricar um artefato teórico que tenha condição de sustentar uma série de projetos científicos bem sucedidos houvesse a necessidade de duas etapas muito bem explicitadas, e que uma fosse anterior à outra, o Tradicionismo Dinâmico é assim circunstanciado. A etapa anterior está plantada numa necessidade, num espaço vazio, porque essa carência não imaginada somente se completa pelas arguições encaixadas no sistema. Em outras palavras, o método conformar-se-ia num antes existente — potente — e aberto a aspirações.

Todas essas aspirações podem ser confundidas com as posições e práticas de Chiacchio e o Tradicionismo Dinâmico contemplaria um dos dois requisitos do método crítico. Sabendo-se que a outra etapa é a sucessiva bateria de testes, questionamentos, avaliações obsessivas por vários sistemas (e gerações) até que a proposta alvo sucumba, o artefato do crítico baiano somente ganharia êxito se pudesse deslocar (deixar fora de combate) não só os argumentos, mas a própria etapa 2. E isso por algum período de tempo determinado, nunca, como sabemos, por todo o tempo (a catástrofe dogmática). Uma tarefa difícil, mas que está *exposta* a e *expõe* toda e qualquer metodologia teórica.

Necessariamente, todo método deve ser questionado e toda ciência deve “sofrer a crise”, o acontecimento crítico de Heidegger. É dessa crise que se posiciona o método, o sistema e a própria literatura no horizonte atravessado pelo Tradicionismo. Pensar de modo diferente sobre a postulação chiacchiana permite subverter a semântica da palavra. No caso de Tradicionismo, sua relação próxima e mais trabalhada liga-se diretamente à tradição, contudo, podemos pensar o seu caráter dinâmico.

Tradicionismo pode referir-se, em mecânica, à *tração*, a originar movimento a

partir de uma aplicação de força, àquilo que está no passado ou atrás para a frente ou presente. Pertence à quantidade de força atrativa e tracionadora a possibilidade do método lograr êxito. Depende do que é *tracionado*, o acervo, a sua capacidade de movimentação (atualização para o presente comunicacional do sistema). São articuláveis (combinam) a ação tracionadora do método de Chiacchio com o movimento circular do sistema de literatura. Em outras palavras, o movimento do sistema não seria resultado de um *deus ex machina*, mas como expressão de uma mecânica motivada e passível de variações e catástrofes infligidas à cultura de que representa e autêntica.

Isso pode ser pensado em termos de que o sistema da literatura da Bahia sofreria tração passível de ser vislumbrada pelo Tradicionismo Dinâmico, que, por um lado, entra em choque com a parte hegemônica da vanguarda, a qual promete renovar a escrita da literatura. Por outro lado, quando a teoria de Chiacchio promete, dinâmica que se auto-denomina, contemplar o novo, talvez não na prática das formas poéticas radicais, mas nos temas e hábitos modernos, na condição de método teórico, tem como avaliar as vanguardas, posicionando-as dentro do seu raio de ação. É preciso deixar claro que, excludentes, as vanguardas modernistas, ao retirarem a tradição (segundo o programa modernista), possivelmente, na condição de método, seriam limitadas, não tendo possibilidade de avaliar o Tradicionismo da proposta baiana.

5.9 Batalha pela leitura

O Imparcial publica uma série de textos⁴⁷⁶ sobre as condições da leitura, da

476 Alguns exemplos são: CELSO, Maria Eugênia. Letras infantis. *O Imparcial*, Salvador, p. 4, 5 fev. 1938; _____. A festa do livro. *O Imparcial*, Salvador, p. 5, 19 jun. 1938; _____. Ainda sobre os livros. *O Imparcial*, p. 5, Salvador, 23 jul. 1938; PAULO FILHO, M. Os livros de Rui. *O Imparcial*, Salvador, 26 jun. 1938. Pela Ordem..., p. 4; BARBOSA, Domingos. Livros. *O Imparcial*, Salvador, p. 5, 12 jun. 1938; LIMA, Oliveira. Intercâmbio intelectual. *O Imparcial*, Salvador, 19 fev. 1939. Pela Ordem..., p. 4; PARAGUAÇU, João. O capitalista e o literato. *O Imparcial*, Salvador, 15 jun. 1939. Vida Social, p. 7; SOUZA, Jerônimo de. O cifrão e os livros. *O Imparcial*, Salvador, 29 jan. 1941. Página de Ala, p. 5; MATOS, Almir. O livro acima de tudo. *O Imparcial*, Salvador, 23 abril 1941. Página de Ala, p. 7; Duzentos livros. *O Imparcial*, Salvador, p. 4, 30 ago. 1941. Sem assinatura.

profissionalização do autor, do preço do livro, os quais, reunidos, formam uma empresa coletiva em defesa da disseminação letrada e são capazes de configurar um perfil de sistema. Os articulistas mais interessados na problemática do livro no Brasil, pela ótica do periódico, são Maria Eugênia Celso, Monteiro Lobato, Bastos Tigre. Alguns críticos baianos interessados no tema são Jonatas Milhomens e Rafael Spínola.

Abandonando a imaginação de que haja uma complexidade de sistema de literatura tão nítida na Bahia a partir dos desempenhos de leitura, porque a Nação ainda não consegue ajustar-se aos índices internacionais nem no século XXI, descrevo o fenômeno em prol de um ambiente diagnosticável nos três tempos simultâneos apresentados: passagem para o século XX, 1931 e 1940. Para a contemporaneidade do século XXI, há a possibilidade dessas reflexões demonstrarem algum caminho para a projeção de estratégias de ataque do que ainda é um problema: a disseminação da leitura.

As idéias teóricas de S. Schmidt, usadas como uma das bases para efetivar essa seção, não avançam sem uma aplicabilidade nos sistema a que os projetos se referem, em acessibilidades sociais ensináveis na teoria da CLE (ciência da literatura empírica). A legitimação da escrita das histórias literárias viria pela busca:

nos procedimentos de adquirir experiência e de fazer essa experiência acessível a outros, isto é, nos métodos utilizados na pesquisa histórica; na forma explícita das teorias usadas; na intersubjetividade da linguagem que os historiadores falam; no 'modo empírico' de investigar itens que possam servir de dados intersubjetivamente aceitos em uma/na teoria e coisas do gênero.⁴⁷⁷

A leitura, como componente da ação literária, deve ser analisada. Através das formas como o sistema a entende e a controla, a literatura assume o perfil encontrado. Coelho Neto é um dos autores que aparecem algumas vezes

⁴⁷⁷ SCHMIDT, Siegfried. Sobre a escrita de histórias da literatura – observações de um ponto de vista construtivista. In: OLINTO, Heidrun Krieger. *Histórias da literatura — as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996. (Série Fundamentos, 115). p. 108.

mencionados, comparados e criticados nesta tese. Seu prestígio e desprestígio são assuntos que muito interessam à confecção de uma história da literatura de jornal. No confronto entre a literatura nova do Modernismo e a representada pela tradição, na qual se situa o próprio romancista, o jornal é o lugar onde ocorre a construção do sucesso e a força da derrocada. Apesar da riqueza de sua individualidade, no âmbito da polêmica de Coelho Neto e a vanguarda modernista, na passagem de um ciclo literário para outro no Brasil, o que chama atenção é o interesse do romancista pela leitura, pelo livro, pelas instituições, pela vida literária, na sua obra.

Romances como *Turbilhão* representam o ambiente da imprensa no Rio de Janeiro do final do século XIX; contos como “Banzo” ocupam-se da situação do negro há pouco anos da Abolição da Escravatura e um artefato de impacto ainda pouco explorado, como *A conquista*, avança por questões como a cidade, a modernização do Brasil dos dias da Abolição, a profissionalização do escritor. Entre uma gama tão variada de aspectos culturais ditos modernos, a filiação do romancista com a imprensa o faz referir-se de maneira crítica ao tema da leitura.

Neto demonstra ter a nítida consciência do que é um sistema da literatura pelos temas que aborda. Seu hábito de criar oralmente, nas reuniões culturais em sua casa, para depois colocar no papel, lembra a ação literária em substituição à hegemonia do texto, de que fala Schmidt. Para o teórico alemão, o formato de estudo pela unidade do texto limita as possibilidades de riqueza e complexidade de uma prática que leva ao texto e o atravessa, como a “vida literária”, todas as relações capitalistas relacionadas ao literário, a história do tema, a tradução. Significa que Neto percebe a recepção prévia para seguir o projeto de um romance ou de uma novela.

A conquista conta a história do aspirante a escritor Anselmo, um conhecido pseudônimo de Coelho Neto na imprensa, em meio à boemia literária, a Campanha Abolicionista e a entrada no mundo deficiente da profissão de escritor dos anos 80 do século XIX. Entre as muitas passagens que interessam ao estudo da cultura literária e da economia ficcionalizados no romance, em um diálogo entre o protagonista e o poeta desenganado, ironicamente denominado Fortúnio, aparecem informações sobre o sistema literário brasileiro (leitura, economia e

profissionalização da literatura).

Em vista de sucessivas negativas do faminto poeta, o protagonista questiona:

- Ora?! queres fazer uma aposta?
- Para daqui a cem anos? Não. Espero não viver tanto.
- Dizem que a população do Brasil é de treze milhões ...
- Mais ou menos.
- Pois bem: doze milhões e oitocentos mil não sabem ler. Dos duzentos mil restantes, cento e cinquenta lêem apenas jornais, cinquenta lêem livros franceses, trinta lêem traduções, quinze mil lêem a cartilha e livros espíritas, dois mil estudam Augusto Comte e mil procuram livros brasileiros.⁴⁷⁸

Neto viabiliza, pelo seu conceito de literatura, a retomada de um problema, para aqueles que conhecem a situação do país e problematiza uma realidade maior, tida até como próspera para os que não têm acesso aos números ou às avaliações culturais. Sua literatura ousa deslocar a nacionalidade vigente, de certo, satisfatoriamente estacionada numa brasilidade reduzida: as elites são o Brasil. Segundo sua avaliação em termos de letramento, duzentas mil almas que funcionam (decidem e se posicionam) como treze milhões. Para a literatura, ainda há obstáculos a superar porque, por mais que tenha prestado preciosos serviços ao *status quo* vigente, principalmente na construção ideológica da Nação, a arte literária está em desvantagem na luta pelo raro leitor.

Ironicamente, esse é o momento das realizações literárias de impacto para a história da literatura brasileira, como os textos de Machado de Assis, José de Alencar e Euclides da Cunha. Preciosidades da inteligência e da estética às quais a maioria das almas que se autodenominam brasileiras não têm acesso. Por outro lado, não é de se admirar que expressões como elitismo e cultura para poucos tenham tanto êxito no Brasil. Ainda posso inferir ser esse o ambiente material desfavorável que os anos do Modernismo e da literatura de *O Imparcial* percorrem.

O analfabetismo é o causador do amargor das palavras do poeta, como

478 COELHO NETO, 1913, p. 292.

sintoma literário dos desajustes sociais do País e marca de um projeto inacabado no desequilíbrio entre as exigências de fidelidade da Nação para com o povo e a contrapartida nacional para com a grande massa de indivíduos. Na prática, há uma imensa “arraia miúda”, constituída por negros ainda escravos, índios e mestiços de toda a laia — os marginais do Brasil —, mais uma considerável quantidade de portugueses e imigrantes europeus desafortunados.

Um tema de estudo a ser aprofundado é quais as ações de respostas do sistema da literatura relativas ao tratamento oferecido ao principal implicado no movimento sistêmico: o leitor. Há construções críticas de autores em suas ficções e poemas, avaliações de nuances que vão de sutis representações sociais do escritor como pária ou sem utilidade até verdadeiras campanhas de *persona non grata* contra o livro. As dificuldades para o País encontrar um caminho de sucesso, seja escolar ou público em relação à leitura, está na forma como historicamente a vem tratando, no razoável percurso de sua existência. O sistema se movimenta dentro da verdade (ou coerência) com a qual é requerido pela sociedade que o cria.

O simples vislumbre da massa populacional deveria causar arrepios aos detentores do poder instituído, muitos deles, escorados num conceito de literatura que poetas como Fortunio e Anselmo não poderiam acessar. Os dois companheiros representam e dependem daquelas classes analfabetas, dada a penúria de suas condições pessoais, o convívio cotidiano e muitos dos temas que burilam em sua obra, como a cultura popular, as ruas da cidade, o erotismo dos bordéis. Assim, não poderiam alcançar, ao menos sem qualquer esforço, um conceito de literatura emanado das classes abastadas.

As observações do poeta inscrevem um horizonte de leitura pautado em necessidades vindas de fora ou, melhor dizendo, concretizando aspirações “verdadeiras” que se chocam com a “incômoda” vida nacional. As reclamações, por exemplo, de Joaquim Nabuco sobre o atraso brasileiro e a alternativa de observar o Brasil como um estrangeiro reforçam a incômoda situação de homem civilizado em terras grosseiras. As realizações ditatoriais e violentas do regime republicano de Floriano Peixoto, o marechal de ferro, também acirram o desgosto do estadista do Império:

Não quero dizer que haja duas humanidades, a alta e a baixa, e que nós sejamos desta última; talvez a humanidade se renove um dia pelos seus galhos americanos; mas, no século em que vivemos, o espírito humano, que é um só e terrivelmente centralista, está do outro lado do Atlântico; o Novo Mundo para tudo o que é imaginação estética ou histórica é uma verdadeira solidão, em que aquele espírito se sente tão longe das suas reminiscências, das suas associações de idéias, como se o passado todo da raça humana se lhe tivesse apagado da lembrança e ele devesse balbuciar de novo, soletrar outra vez, como criança, tudo o que aprendeu sob o céu da Ática...⁴⁷⁹

Percebendo mais uma vez a importância do testemunho cultural de Joaquim Nabuco, Silviano Santiago desenvolve reflexão sobre três estágios da cultura brasileira a partir da opção pela síntese de particularismo e universalismo. Para o argumento de Santiago, é importante a percepção de Nabuco, na configuração de humanidade dúplice e problemática em que se insere o Brasil. Santiago recupera uma importante contribuição de Nabuco para a discussão sobre Neto: “Sou antes um espectador do meu século do que do meu país; a peça é para mim a civilização, e se está representando em todos os teatros da humanidade, ligados hoje pelo telégrafo.”⁴⁸⁰

O tipo de engajamento sugerido pela narrativa do príncipe dos prosadores questiona e esboça a face complexa da cultura brasileira. Nabuco, assim como Coelho Neto, também é problemático porque sua oscilação entre/para a Monarquia faz dele um intelectual antiquado. O caminho dos dois escritores contemporâneos tem desígnios parecidos, indo por explorações diversas: enquanto Neto opta pela deflagração da penúria artística e pela reivindicação de políticas culturais, o abolicionista Nabuco expõe o desconforto do tipo de cultura diferente da hegemônica.

Os livros franceses, espíritas, as idéias de Augusto Comte são monumentos da Europa – o melhor dos mundos, o universal, para a sociedade brasileira, como

479 NABUCO, Joaquim. Atração do mundo. In: _____. *Minha formação*. Rio de Janeiro: Editora Três, 1974. p. 52.

480 SANTIAGO, Silviano. Atração do mundo: políticas de globalização e de identidade na moderna cultura brasileira. In: _____. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004. p. 12.

Coelho registra em *A conquista*. O Brasil, por sua vez, é a própria personificação da grosseria, da desordem, do atraso, da deselegância, como denuncia Joaquim Nabuco. Todas as inquietações que ainda perseguem os administradores públicos até a presente data estão ficcionalizadas em narrativas da passagem para o século XX. Obviamente, essa massa de desesperados cobra sua parte, mesmo sofrendo o repuxo daquele que não deseja a disseminação dos bens. As ditaduras, os bolsões de violência e abandono às milícias rurais são sintomas dos conflitos nem um pouco próximos da aclamada índole pacífica.

Se Neto atenta para o fato da marginalização da maioria esmagadora dos brasileiros, em prol de uma minoria retoricamente desinteressada até mesmo do país, em outra narrativa do período — *A esfinge* — a literatura segue por caminho diferente. O romance de Afrânio Peixoto divulga, via ficção, a resposta das elites para as tentativas de reivindicações comprovadamente injustas para “incapazes” e “degenerados” mestiços. Aliás, não só o romance, mas a própria história da literatura de Peixoto,⁴⁸¹ saída duas décadas depois, ainda reafirma o problema do Brasil, em direta relação com a mestiçagem entre povos desqualificados.

O respeitado presidente da Academia Brasileira de Letras, de feitos inegáveis, constrói a sua reputação rendendo homenagens aos mesmos paradigmas de Nabuco. O que parecia injusto para o Neto de *A conquista* é o fazer ciência, a “verdade que aterrorizava”, nas páginas de *A esfinge*, o campeão de vendas de 1910. Em outras palavras, o percurso de leitura indica que a narrativa sobre Zé do Pato (*A conquista*) fala a “verdade ao poder”, enquanto o livro consagrado de Peixoto anuncia a “verdade do poder”.

Aqui, há dois exemplares romanescos: um autor maranhense consagrado no Brasil e em Portugal, cuja reputação é irremediavelmente desvalorizada pela vanguarda modernista; e outro baiano da safra dos grandes intelectuais que o Brasil produz — empreendedores, simpáticos e competentes. São dois exemplos de como a literatura brasileira pode se organizar em relação ao seu sistema mais amplo: a cultura brasileira. Tal as suas atuações, que antes de o projeto de uma historiografia

481 PEIXOTO, Afrânio. *Noções de história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1931. p. 42.

os chamar para o espaço de estudo, o próprio jornal os reivindica, haja vista sua presença no periódico da Bahia.

Da representação da leitura e do sistema literário no romance, desloco o exame para *O Imparcial*. Espaço de debate público constante, ele explicita a arena de contendas sobre a leitura e o livro. Ali são depositadas as esperanças de revisão do quadro adverso e sugeridos novos caminhos para a melhoria de um dos grandes pontos fracos e crônicos da cultura brasileira — o problema do livro. Na Bahia, a situação se agrava pela dependência à sede do governo federal e aos altíssimos indicadores de analfabetismo.

No texto “A indústria e comércio de letras”, Bastos Tigre⁴⁸² aborda o tema da edição e da leitura no Brasil. Em suas observações, são reunidos números a respeito do sistema literário brasileiro e outro perfil da literatura de jornal, os quais importam para a análise de *O Imparcial*:

Não se justifica que num país de quarenta milhões de habitantes, o qual, na pior das hipóteses, 30% ou sejam 12 milhões sabem ler, 10% não gostem de ler e que, destes, 10% não sejam capazes de adquirir livros.

Teríamos assim, com todo o pessimismo, uma população leitora de literatura que consiga atingir a metade, a terça parte deste número.

A não ser alguns livros didáticos, obrigatoriamente adotados nas escolas e talvez o 'Livro de S. Cipriano', nenhuma edição nacional vai além de 10.000 exemplares.

Fala-se, bem sei, de certas obras que atingiram os vinte mil; mas trata-se evidentemente de milheiros 'curtos', de 500 unidades, talvez menos. Em livros, como em jornais e revistas, é preciso distinguir a tiragem, da 'mentiragem'.⁴⁸³

As perspectivas da época de Tigre são certamente mais otimistas que as do final do século XIX e da contemporaneidade (século XXI), tanto os índices de analfabetismo quanto em percentagem de leitores de literatura proporcionalmente.

482 TIGRE, Manuel Bastos (Recife, 12 de março de 1882 - Rio de Janeiro, 1 de agosto de 1957) foi um bibliotecário, jornalista, poeta, compositor, humorista e destacado publicitário brasileiro.

483 TIGRE, Bastos. A indústria e comércio de letras. *O Imparcial*, Salvador, 4 jun. 1937. Pela Ordem..., p. 4.

Apesar dos números animadores para uma visão global do fenômeno, o livro é um problema para a consolidação dos sistemas literários nacional e regional. Além dos baixos índices recepcionais por causa da alfabetização brasileira, o cronista ainda parte para análise dos dados a respeito dos custos e do lucro com a edição dos livros:

Parece efetivamente uma miséria o que paga o editor por uma edição de livro: 10% sobre o preço da venda ao público! Ele, porém, explicará que a confecção do livro lhe custa 25% do referido preço (com tendências a mais, devido ao custo do papel cujo “Trust” é outro grande inimigo do livro), o revendedor recebe a mercadoria encalhada; com os 10% dados ao autor, restam 35% para atender a embalagem, transporte, serviço bancário, despesas gerais da casa e o risco de calotes e encalhes.

Falemos francamente: o lucro não pode ser do outro mundo...⁴⁸⁴

Pelo perfil exposto, a indústria do livro pressupõe uma complexa rede capitalista indispensável nos anos 1930 para que o seu sistema se torne uma prática e não somente uma elucubração provinda do século romântico. O Brasil ainda não está preparado para a modernização que anuncia e pelas quais acusa e distingue as localidades. A simples apresentação dos números de nada adianta sem uma devida reflexão sobre eles, tendo em vista um contexto como parâmetro.

A constatação de que não estamos aptos para implementar artefatos culturais como um sistema de literatura é sempre uma conclusão possível. Muitas vezes, a lógica que aprendemos é a mesma que nos obriga a auto-censura. Porém, nesse caso, a saída conhecida não é viável, porque a base desse projeto nas argumentações de estudiosos como Edward Said e Siegfried Schmidt impõe o desenvolvimento da escrita por outra ordem de idéias. Os dois estudiosos orientam pela construção de discursos que beneficiem o mais fraco, o prejudicado, o carente.

O intelectual deve sempre posicionar-se do lado mais fraco (Said) e a ciência da literatura empírica luta “contra o terrorismo da verdade do saber a serviço da dominação do homem pelo homem” (Schmidt). A partir desses paradigmas de conduta ética, o enfrentamento das “verdades” destrutivas são o momento de

484 TIGRE, p. 4, 4 jun. 1937.

agenciamentos para novas saídas e projetos diferenciados de trabalho cultural. Significa que não há mais problema na defesa de interesses e paixões, desde que esses estejam prejudicados pelos métodos de trabalho literário.

Obviamente, não se vai inventar um grande escritor ou obra onde não existam, e nem é esse o propósito da pesquisa. O próprio conceito de autor deve ser deslocado se, de alguma forma, encaixar-se nos dois questionamentos anteriores — estar do lado do poder e, com ele, constituir ferramenta de opressão ou dominação. Projetos com esse perfil realizam análises dos dados que anteriormente testemunham contra o sistema de origem.

O ensaísta aborda a situação concreta de capital do autor ao entregar um livro para publicação, quando é necessário transpor os portais da inspiração e adentrar no famigerado mundo dos numerários e da sobrevivência do escritor após verificar os meandros internos da indústria e comércio do livro:

Consideremos, agora, a situação do autor: ele recebe 10%, à entrega dos originais, sem nenhum risco. É uma quantia ridícula, não há dúvida. Mas, por quê? Porque a tiragem é miserável. No dia em que, em vez de edições de 3.000 exemplares, se fizerem de 30.000 (40 milhões de habitantes, não se esqueçam!) um livro de oito mil réis, preço de capa, lhe renderá vinte e quatro contos.⁴⁸⁵

Não festejando qualquer novidade para os problemas de letramento dos dias atuais, apresenta a sua conclusão para o problema grave da literatura no momento: “O problema econômico da literatura está, portanto, no aumento das tiragens e conveniente distribuição por todo o País. Propaganda e organização de vendas.”⁴⁸⁶ Para as constatações de Bastos Tigre, as reflexões sobre a “literatura anfíbia” de Silviano Santiago são apropriadas. Aquilo que as idéias do crítico desvendam na compreensão bibliográfica do fenômeno (lendo Joaquim Nabuco, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freire e Raimundo Faoro) com a articulação de afirmativas da cultura, a fonte do jornal de sessenta anos atrás confirma sem muitas dificuldades, porque esse é o seu cotidiano.

485 TIGRE, p. 4, 4 jun. 1937.

486 Id. Ibid., p. 4.

As duas faces distintas e cúmplices da problemática material da literatura precisam ser deslindadas, disso depende a localização da literatura de jornal, como signo de identidade. Por um lado, o analfabetismo e a medíocre estratégia de organização da estrutura de literatura nacional não impedem que exista uma literatura brasileira, muitas vezes, locupletada de “mentiragem” nas histórias da literatura. Por outro, os problemas estruturais, como a remuneração do autor e a distribuição do livro, seguem numa constante errática (tradição) desde antes das constatações de Tigre, haja vista as observações semelhantes de Coelho Neto, pelas palavras do personagem Fortúnio, do romance *A conquista*.

O percurso da crítica, no jornal, responde a aposta de Fortunio, de que nem em cem anos os escritores brasileiros conseguiriam romper o círculo de penúria que os cerca. Lembro que suas palavras são da passagem para o século XX. Tigre as confirma em seus artigos, no *O Imparcial*. Muitas das constatações ainda são realidades em pleno século XXI, com as devidas melhorias ocasionadas pela pressão do comércio globalizado, das circunstâncias tecnológicas e dos apelos de consumo que não admitem o analfabetismo como característica de qualquer país.

Bastos Tigre ainda retorna à carga em outro artigo sobre o comércio cultural: “A crise do livro”. Nesse texto, além de rever os mesmos dados sobre o sistema de literatura nacional, com variações muito pequenas, acrescenta sua expectativa a respeito da propaganda do livro como uma falta essencial para o alavancamento daquele comércio e, conseqüentemente, da cultura letrada. Apontando as principais praças editoras nacionais, propõe o projeto descentralizador pelos outros estados que poderia modificar radicalmente o minguido quadro vigente:

Por que não se congregam os editores do Rio, de São Paulo e do Rio Grande (cidades onde a indústria existe) e montam, nas capitais e nas grandes cidades do país, sob base cooperativa, casas exclusivamente destinadas à venda de livros, dirigidas por pessoal que deles entenda e por eles tenha alguma simpatia?⁴⁸⁷

O modelo de cultura letrada, seja no espaço educativo ou do comércio, ainda

487 TIGRE. A crise do livro. *O Imparcial*, Salvador, 29 abril 1938, Pela Ordem..., p. 4.

é de São Paulo e do Rio de Janeiro. Ele está baseado na publicação de produtos que apostam no valor próprio do artefato para seu êxito, como se outros elementos não estivessem envolvidos. Essas praças editoras vendem livros que são, *a priori*, manifestações de competência. Em todo caso, não são as únicas publicações de competência, porque podem ser encontradas interessantes produções de literatura e crítica, em pequenas edições, em todos os recantos do País, por selos públicos, de universidades ou pequenas editoras.⁴⁸⁸

A prática de ação e distribuição de livros do Rio Grande do Sul, citado pelo cronista, parece ser diferenciada porque parte de um projeto racionalmente elaborado. Essas circunstâncias fazem aparecer uma respeitável editora e livraria — A Globo — com publicações nacionais e traduzidas que interferem no sistema intelectual brasileiro, como atestam muitos cronistas e críticos da época, tanto com elogios ou queixas. Todas são atitudes concretas que, a longo prazo, projetam e avaliam um ambiente sistêmico menos milagroso e menos frustrante. E, principalmente, sempre em vias de avaliação e aperfeiçoamento. No estágio atual, devedor daquelas ações da década de 1930, o Rio Grande do Sul possui diversas estratégias de sistema da literatura, como feiras do livro, apoio estadual mais efetivo para cultura, um Instituto Estadual do Livro atuando em múltiplas frentes, basta não permitir que se rompa essa linha, digamos, tradicionalista dinâmica.

Evidentemente que a proposta de Tigre ultrapassa uma das grandes dificuldades da distribuição da cultura letrada no País: sair do modelo gasto de educação para as elites. Essa denúncia também está no romance de Coelho Neto, cujo tema é uma conquista que permanece desvanecida pelo evento de maior visibilidade na narrativa: a Abolição. Para Neto, pela voz dos seus personagens, o projeto que não agregue as condições para uma melhoria social do negro e outras classes marginalizadas do Brasil, fica inacabado. Tigre detecta o inacabamento como requinte da falta tão científica quanto prática — o atraso não é inerente ao ser brasileiro, mas a uma defesa nacional.

Numa mentalidade mais ou menos aberta e conectada pelo trabalho na

488 São exemplos: ARAÚJO, Jorge de Souza. *Perfil do leitor colonial*. Salvador/Ilhéus: UFBA/UESC, 1999 e MALERBA, 1999.

imprensa (riqueza e complexidade pouco a pouco vislumbradas) e pelos benefícios da leitura que reflete, Tigre não deixa escapar detalhes que irremediavelmente fazem parte do sistema da literatura. A ânsia de ser escritor, sofrendo das agruras de publicar e acumular as funções para que essa materialidade se apresente, também auxilia em suas observações. O crítico expõe o preço dos anúncios de propaganda nos jornais:

Ora, o jornal de categoria, que cobra ao anunciante de dez a vinte mil réis por centímetro de coluna, em página de destaque, acha mau negócio trocar dez ou mais centímetros do espaço por um objeto cujo valor venal é de oito, doze ou quinze mil réis. E somente por camaradagem, e quando há falta de matéria, consegue o editor ou o autor uma nota sobre o livro 'vient de paraitre'.⁴⁸⁹

O articulista argumenta que a propaganda é o segredo de sucesso da indústria de alimentos, de remédios e outros, na forma de jornais, revistas e folhetos, embora esqueça-se do rádio, uma consagração na sua época e importantíssimo atualmente. Bastos Tigre acerta quando afirma que a indústria do livro continua um desafio para os pedagogos, industriais, editores e autores ainda hoje. A grande vitória dos dias atuais, ao que parece, os críticos contemporâneos de Tigre conhecem muito, é os incentivos governamentais e projetos de apoio internacionais. A disseminação ideal da leitura, e com ela o comércio do livro, ainda espera por projeções melhores.

Empenhado em refletir sobre o espinhoso tema do preço do trabalho intelectual, apresenta mais um texto, "Comércio das Letras" (*O Imparcial*, Salvador, 22 ago. 1939. 'Pela Ordem...', p. 4), no qual discute o valor da produção do texto diretamente relacionado à pouquíssima quantidade de livros das edições nacionais, na ordem das unidades de milhares, enquanto nos Estados Unidos estariam, com todo o exagero, na ordem dos milhões por edição. Ele diagnostica as causas: pouca popularidade do livro no Brasil, falta de livrarias, má distribuição e ausência de propaganda para o comércio.

489 TIGRE, p. 4, 29 abril 1938.

Não, meus amigos, os motivos da catástrofe lítero-financeira são outros e de vária ordem.

Por amor ao método vou catalogá-los em ordem de importância:

- a) A falta de gosto e de hábito da leitura;
- b) A péssima distribuição do livro;
- c) A escassez de livrarias no Brasil;
- d) A ausência de propaganda da mercadoria.⁴⁹⁰

Os quatro itens acima indicam displicência para com a cultura do livro, e mais ainda, um traquejo cotidiano negativo para com um dos importantes objetos de cultura. Por outro lado, quando se argumenta sobre o descompasso do País em relação a outras nações, esse é um dos exemplos sempre lembrados, como se a melhoria da leitura e da valorização do autor não passasse por uma estratégia muito bem montada e a longo prazo, na sua execução. Desatenta da situação em que se encontra, a brasilidade espera que os indivíduos apreendam o valor das letras, muitas vezes, trabalhando contra esse tipo de cultura, por estratégias pedagógicas equivocadas, na qual a leitura é castigo, e não benefício e prazer. Num raciocínio nebuloso, o livro é fonte de conhecimento erudito, a erudição, contudo, é um defeito.

O autor é vítima do amadorismo da sua condição: não consegue romper a barreira da especialidade de produtor e se arvora a outras áreas, como editor, distribuidor. Por outro lado, reclama da ausência desses profissionais em disponibilidade para o servir, como se eles não fossem também produtos de um sistema amadurecido, que lhes dá meios de sobrevivência no exercício profissional e não de uma missão. Em muitos casos, valorizar seu trabalho (texto, livro) tem de passar pela crítica de outras obras divinizadas, cuja sobrenaturalidade esmaga os autores que ainda vivem a contingência da literatura, da sua ocupação profissional, e do sustento familiar.

Em se tratando das respostas críticas da Bahia sobre o delicado tema da leitura e da situação do livro, alguns autores enfrentam o problema com certa coerência em relação às necessidades locais. Na enquete da poetisa Maria Dolores, 'A Bahia Intelectual', o escritor Jonatas Milhomens expõe sua opinião sem enfeites

490 TIGRE. Comércio das Letras. *O Imparcial*, Salvador, 22 ago. 1939. Pela Ordem..., p. 4.

sobre o que se faz de literatura no Estado em 1931. Ele opina sem meias palavras sobre o assunto livresco:

Imprensa — Conquanto pobres, os nossos órgãos de imprensa constituem o espelho mais vivo e o campo mais fecundo da vida intelectual baiana. Quase que não editamos livros – imprimimos fracassos...⁴⁹¹

Para o jornalista, a imprensa é o melhor momento da cultura literária, o seu incentivador. Pelo seu ponto de vista, pode-se inferir que a literatura de jornal personifica o sistema de literatura. Pelo contrário, a falta de alguns artefatos não indica a simplicidade ou pouco aprofundamento do sistema. Ele sempre encontra uma forma para seguir com sua movimentação.

Acontecimento irradiado entre as más alvíssaras de Fortunio e os conselhos graves de Tigre, Milhomens não destoa sobre o livro baiano. Os intelectuais debatem-se por uma saída para sua disseminação pelo País. É curioso que os comentadores partam do princípio de que o problema não está na estrutura cultural, que não consegue superar uma visão de mundo anti-livresca. Para todos eles, é uma questão de aquisição de competência e de familiaridade com a civilização, coisa que não adquirimos até aquele momento, se é que a conquistamos.

A verdade é que Jonatas Milhomens, assim como muitos dos entrevistados, postos defronte do problema da avaliação dos seus ambientes culturais, preferem a saída mais coerente para intelectuais formados pelo método moderno: denegrir o ambiente em que se atua pelo elogio automático do centro, onde a cultura, em tese, desenvolve-se livre e saudável. Assim Afrânio Peixoto, em seu romance *A esfinge*, acarreta observações muito parecidas com as apontadas por Milhomens.

No entanto, nem todos os intelectuais comungam da mesma idéia. Há aqueles que conseguem ver por sobre a pressão da ordem hegemônica, ou simples porque não compreendem como negativa a atividade que praticam no cotidiano. Um desses indivíduos é Carlos Chiacchio, cuja atividade intelectual significa cultivar uma

491 MILHOMENS, p. 1, 15 set. 1931.

atitude otimista que demanda um esforço certamente recompensado no futuro próximo. Outro companheiro de Chiacchio é o jornalista Rafael Spínola. Convidado de Dolores, Spínola apresenta dados sobre um sistema deficiente mas promissor, tanto pelo passado bem-sucedido quanto pelos talentos brilhantes que prometem grandes feitos no futuro.

Para o jornalista, o momento é de estagnação da cultura baiana por falta de estímulo pois “não é que nos faltem talentos e aptidões. Não há estímulo. Quando, porventura, nos sobrassem autores, estaríamos em crise de editores e escassear-nos-iam leitores.”⁴⁹² Então, os fracassos de que fala Milhomens tem relação direta com a ausência do leitor. Aqui, muito mais do que protagonista do sistema da literatura, leitor é uma função. Funcional, a leitura é uma habilidade (técnica racionalmente aprendida) ao menos nos conhecimentos que a sociedade necessita para contornar as carências de um tipo de circunstância de civilização.

A função-leitor, negada ou interdita por outras instâncias do grande sistema social, irradia uma série numerosa de avaliações, nem sempre coerentes ou conscienciosas, sobre o sistema cultural ou literário. Para a maioria dos intelectuais baianos entrevistados, interessa observar a fraqueza ou a incompetência em acompanhar os movimentos letrados de outros conjuntos sociais, sem perceber as causas ou articulações dessas deficiências. A gravidade mais nítida é a existência de uma população apta à leitura, do consumo letrado e de avaliação das ações literárias (livros, periódicos e performances ligadas à literatura) vetadas da opção dessa prática.

Spínola apresenta, pela primeira vez na *Enquete*, os dados necessários para se pensar concretamente nos rumos da intelectualidade no Estado:

A Bahia é um grande Estado e a sua capital uma grande cidade. O terceiro Estado e a terceira cidade em população do Brasil. Temos cinco jornais diários e numa população de quatrocentos mil habitantes talvez não se vendam de todos eles dez mil números por dia.⁴⁹³

492 SPÍNOLA, p. 1, 30 out. 1931.

493 Id. Ibid., p. 1.

Em sua opinião, apenas menos de três por cento da população soteropolitana lê jornal, sem falar na quantidade bem maior de diários da capital. A cidade de Salvador possui um bom número de jornais, entre eles *A Época*, *Era Nova*; *Fôia dos Rocêro*. *A Luva*, revista em que colaboram jovens promissores como Ramayana de Chevalier, Berto de Campos, poetas como Áureo Contreiras, Elpídio Bastos, Bráulio de Abreu, Nathan Coutinho e outros; *Única*, revista, fundada em 1919, por Amado Coutinho; *A Máscara*, revista, além dos já citados *Diário de Notícias*, *A Tarde*, *Diário da Bahia*, *O Imparcial*, *A Bahia*.⁴⁹⁴

Os entrevistados insistem no apontamento da força dos órgãos de imprensa e dos periódicos, os quais têm vida curta, mas importância capital na experimentação na área das letras dos futuros literatos, isto é, na passagem ou acumulação de funções de receptor e tema para produtor de artefatos de literatura. Os periódicos representam os primeiros dissabores, a apresentação de uma realidade injusta para os pretendentes a escritores, contudo, também concretizam os prazeres iniciais de ver impressas as escritas incipientes e os pomposos nomes de quem ambiciona os altos cumes da literatura – a vitória tanto na antiga cidade quanto nos movimentados centros do sul.

Coerentemente pensando numa parte do sistema de literatura, a produção e a publicação, posto que são mecanismos da engrenagem maior, os produtores não percebem que o sucesso também depende de outros elementos fora do seu alcance, como a alfabetização e a distribuição de livros. O problema não se refere à falta de editores e consumidores para os livros, duramente criticada pelos colaboradores da pesquisa de Maria Dolores. Essa é uma verdade que não pode ser ocultada, mas a permanência do quadro atípico durante todo século XX. Ou não há uma política de ataque a essa deficiência do sistema (que não parece ser o caso) ou a edição e reedição permanente de um projeto equivocado, e íntimo da visão de mundo da cultura nacional, sobrepôs-se às necessidades locais de aquisição das técnicas de letramento.

Num universo de projetos que providenciam o movimento do sistema, as prioridades não recaem nunca sobre problemas insistentemente denunciados pelos

494 SOUZA, 2005, p. 86.

escritores. Por outro lado, nesse mesmo projeto, qualificadores e indicativos de culpa e incompetência do grosso da população são acionados para justificar a permanência do panorama antagônico. Erguido em patamar elitista, ele sempre conta com a desordem como elemento nato para justificar privilégios a uma pequena parte da nacionalidade.

Nesse contexto peculiar e pré-moderno (época em que se sustentam privilégios de classe), a disseminação da leitura e a configuração de um sistema de literatura não podem se encaixar, porque são artefatos da Modernidade. Eles nascem das necessidades de consumo, da “democratização” de conhecimentos e reivindicações conquistadas no seio das revoluções. Suas existências representam a abertura da cotidianidade do ser. Ou como se expressa Schmidt, agem como um dos antídotos para a dominação do homem sobre o homem.

Leitura e literatura, na condição de meios para a cotidianidade do ser, assentam-se como rigorosos mecanismos sociais. A vista da ação literária é ofuscada pelo brilho dos discursos sobre os êxitos dos resultados. Ao seu final mais hegemônico, o livro, é atribuída uma manipulação de classe, de língua ou de Nação. Um exemplo é o trabalho do crítico Harold Bloom, que defende com intransigência e competência a disposição do topo do cânone ao teatrólogo e poeta inglês William Shakespeare.⁴⁹⁵ Não se pode esquecer que o crítico defende a supremacia da língua e da cultura de sua pertença. Outro desvio passível de ocorrer é o entendimento desse ser na emergência da abertura como uma eleição purificadora da “raça”, sacramento do povo perfeito ou necessidades de desaparecimentos populacionais.

Diferentemente dos usos para o literário, a condição de sistema age permanentemente articulado às diversas atividades cotidianas (trabalhos manuais e narrativas sobre a jornada de trabalho) e jamais abandonam a cura do tempo. São discursos desconfiados e anti-massificadores. Promovem os canais de contato entre as diferentes estâncias sociais: marginais e legisladores. A gravidade é instaurada quando, consciente dos benefícios da ação sistêmica, nota-se a sua ausência.

Rafael Spínola, tal qual o inquieto Bastos Tigre, interessa-se pelos números

495 BLOOM, Harold. *A Invenção do Humano*. Tradução por José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

das edições, portanto, das circunstâncias materiais da literatura. De fato, não há condição de avançar no elogio ao talento dos escritores, ou de como inusitadamente todos os baianos escrevem literatura, uma vez que as edições aparecem tão amesquinhas: “Escrever e publicar para quê? A não ser os romances do tenacíssimo Germano de Oliveira, os quais aliás não passam nas livrarias, um só livro nesta terra não logra vender a quinta parte de sua edição. E as edições dos livros baianos nem sempre atingem a mil exemplares.”⁴⁹⁶

Aí está o motivo da existência de uma capciosa aporia: há um rico sistema de literatura, constituído nos produtores, nas performances orais, nos temas e nas construções, enquanto o retorno dessa materialidade para o sistema humano que o constitui é quase nulo. Ou seja, sempre que se deseja avaliar o Estado negativa ou positivamente, há entradas plausíveis, daí o teor capcioso. Enquanto a nacionalidade precisa concentrar poder administrativo, é importante a divulgação de deficiências desse porte. Ela é capaz de exigir que a literatura transforme essas emissões em moeda forte para a canonização.

Não podemos esquecer que artefatos como *Os sertões* e *Canaã* são narrativas ambíguas sobre uma dúvida cruel: o nativo e seus descendentes mestiços são merecedores de habitarem essa “terra que tudo dá”? Em todo caso, os romances demonstram a competência necessária para a generosa recompensa da Nação nas histórias da literatura. A descrição do movimento de sistema não pode recusar-se a observar o indivíduo produtor como um sujeito implicado num contexto. Muitas das observações pejorativas são incontestáveis porque representam emissão dos próprios produtores locais, como nos casos de Rafael Spínola e Jonatas Milhomens.

Spínola demonstra conhecer intimamente o tema em pauta. Sua lembrança de aspectos como alfabetização e indústria do livro, os quais quase se ausentam do sistema de literatura da Bahia, indica interesse cotidiano e intimidade com a área. Curiosamente, em vez de evocar projetos concretos a longo prazo, para sanar a deficiência sistêmica, o autor novamente volta suas esperanças para as promessas da nacionalidade. A República fica a cargo da melhoria geral do que chama de

496 SPÍNOLA, p. 1, 30 out. 1931.

“ambiente”:

Na dependência, porém, essa fulgente eclosão literária de que a República nova preparou um ambiente propício ao seu desenvolvimento, educando convenientemente o povo ou diga-se a coisa como a coisa é, formando assim leitores para os nossos livros, para as nossas revistas, para os nossos jornais. É preciso que se cuide do ambiente. É necessário torná-lo propício, porque o fato é que estamos num meio inóspito às letras. Os intelectuais, entre nós, quando, possuídos da nobre ambição de glórias, animados por um patriotismo alevantado e sadio de enaltecer esta grande e estremeçada terra, trabalham, produzem e buscam um editor, começam por encontrá-lo em péssimas condições — desaparelhado, falho de tudo e acabam fatalmente por dar banquete às traças.⁴⁹⁷

Há duas contraposições. A nacionalidade é representada pelo governo revolucionário de Getúlio Vargas, que educa o povo para o consumo da grande produção. O escritor local publica em ambiente inóspito para as letras e, portanto, lança seus esforços para alimento das traças. Isso significa que antes de encontrar obstáculos na materialidade de uma exclusão inocente (o analfabetismo), o produtor das letras bate-se com uma repulsa no mundo das idéias: o nacional é positivo e o local, negativo. Parece antiquada sua negativa aos ataques modernistas à literatura anterior.

Contudo, um olhar nos seus argumentos pela visão da leitura, ou do acervo de leitura, surge uma coerência que quase substitui um programa material e concreto para a superação da deficiência do leitor. O projeto de “bota abaixo” modernista, como venho refletindo neste texto, de fato, propõe uma redução drástica na biblioteca de leitura ativa de uma Nação que tem como universo de leitores uma parcela populacional muito pequena. É preciso lembrar que os produtores e ações literárias atacadas são aquelas que motivam a cultura leitora do País.

A Bahia reage na figura de seus intelectuais, como podemos observar na experiência de Rafael Spínola, porque o que mais se atinge representa sua imaginação de literatura. Tanto pela análise da literatura de jornal, quanto pelo viés da leitura, é possível concluir que os ataques da literatura de vanguarda modernista

497 SPÍNOLA, p. 1, 30 out. 1931.

pretendem, na prática, o desaparecimento quase total da Bahia literária. O estado enraíza-se profundamente numa tradição erudita cuja herança não poderia ser rapidamente abandonada em prol de esforços relativamente recentes (senão de todo jovem).

O crítico apresenta seu acervo de leitura questionado pela nova literatura, ou novo perfil de movimento de sistema de literatura nacional:

Ainda se fala em Castro Alves por causa da estátua. Entre nós, na Bahia, Pethion de Vilar, Castro Rebelo (o velho e o moço), Artur de Sales, Chiacchio (o de há 10 anos passados, porque o de hoje é o pontífice da crítica baiana), Roberto Correia, Durval de Moraes, Pedro Kilkerry, um dos nossos maiores talentos, Álvaro Reis, andam por aí absorvidos pela geração espalhafatosa, berrante e quase pitoresca, que tem ojeriza sistemática à rima e mede o verso a quilômetros e a milímetros.⁴⁹⁸

No rol de escritores, mesclados da literatura ocidental e da literatura baiana, ou de dicção local, os modernistas propõem o deslocamento de um conjunto, ou de “uma ordem de leitura” no dizer do estudioso Roger Chartier. Isso porque o teórico francês compreende a literatura como um sistema em constante confronto de forças, na qual um conjunto de indivíduos luta para disciplinar, censurar e controlar uma grande biblioteca de leitura. Os consumidores, vítimas e usurpadores dessa biblioteca, oscilam entre aceitar a censura a burlá-la.

Na Bahia, os autores citados por Spínola, e incansavelmente referidos na literatura de jornal, encenam sua particular batalha pela leitura. Para o crítico, está-se falando de um bloco afetivo, compreendido por “interesses e paixões”. A lista dessas paixões banidas e que, mesmo pertencente a um passado, continua publicando, é concluída com o que ele chama de melhor escritor — Castro Alves.

Spínola narra sua história pessoal de leitura, pondo de lado a repreensão à literatura modernista, motivada quase totalmente pela ousadia de querer deslocar seus mestres, os produtores eruditos de uma visão de mundo guiada pela acumulação de conhecimento e respaldo social. É digno de nota que, nesse

498 SPÍNOLA, p. 1, 30 out. 1931.

momento, não exista uma reserva de mercado de leitura exclusivamente nacional. Há leitura européia em larga escala ou textos brasileiros e baianos.

Chartier percebe, no movimento sistêmico da literatura, dois percursos possíveis e simultâneos: um, controlado e até censurado pelos participantes no sistema — produtores, críticos, editores e leitores; outro, difícil de ser manipulado, representa a liberdade e a vadiagem como performances estratégicas. O acompanhamento de reflexões como as de Coelho Neto, Bastos Tigre, Rafael Spínola e outros, a respeito da leitura e da indústria do livro, pressupõe a intermitência de batalhas pela disseminação e contenção social da cultura letrada.

Esse terceiro movimento parte do esforço entre os dois outros aventados pelo pesquisador francês. À medida que se vai disseminando a leitura, aumentam-se as tensões entre os seus benefícios e os prejuízos da sua prática. Nesse sentido, haveria, além de uma “ordem dos livros”, uma “batalha pela leitura”.⁴⁹⁹

O ato de ler está alojado estrategicamente na base de diversos discursos sociais (Nação, mercado, ideologia, intelectual). A gravidade está nesses discursos serem a armação de bloco cultural visto e conservado pelo olhar de classe. Essas ordens sociais pensam o mundo a partir de um instinto de conservação, por isso, guardam para si o que entendem como mais precioso.

Compreendidos pela autonomia estética, os estudos da literatura aconselham pelo seu tratamento isolado. Nesse perfil, a leitura também corre o risco de desaparecer como ação literária. Sintoma de avanço cultural, sua ausência é vista como atraso. As pesquisas em literatura dividem-se dramaticamente entre a construção de uma teoria que valorize as práticas literárias, deslocando o desprestígio que as teorias vigentes encobrem, ou a permanência duma prática que aprende a reconhecer os grandes exemplos de produção literária. O problema é que, nessa segunda metodologia, os grandes exemplares não partem daqui, mas de outra parte, porque aqui é sempre o lugar “inóspito às letras”.

499 No Brasil, a luta letrada sempre adquire um alto preço, como afirmam as pesquisadoras LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *O preço da leitura: leis e números por trás das letras*. São Paulo: Ática, 2001. (Série Temas, 76).

6 CONCLUSÃO: O SISTEMA DA LITERATURA DE JORNAL

6.1 Literatura e cultura para ver a Bahia

A dedicação concentrada, por horas sem conta, do pesquisador para com o poema sobre a aquarela de Mar Grande, aparenta uma hipnose ou vista de enigma, o que não deixa de ser uma verdade. Contudo, o leitor sisudo também acode à memória. Em suas imagens guardadas, ou curadas, passa rápido um sertanejo atrás de caprinos espavoridos por entre a inclemente caatinga. O memorialista não perde de vista o fato de os pés descalços do “vaqueiro” calcarem com força de atleta os espinhos dos cactos rasteiros. Uma carapaça nos pés, surgida pela prática agreste, desdenha os alfinetes naturais e clama à civilização. Em um átimo, a semântica de um círculo de fogo reúne as inclemências salgadas da lida marinha na Baía de Todos os Santos, os dolorosos calos do peito dos remadores do São Francisco e a sísifa tarefa dos viventes da caatinga. O pesquisador intui que a literatura de jornal é capaz da façanha, basta narrá-la.

O círculo de fogo toma a materialidade de um projeto de análise da literatura periódica, escorada nos moldes de interesses e paixões. O circular e singular movimento das letras na prensa pode fazer-nos deparar com significativas, óbvias e intensas descobertas sobre os fins do discurso a que denominamos literatura. Significativas para profissionais provocados a sair de uma rotina mais ou menos organizada de trabalho em sala de aula, com objeto seguramente documentado pelas histórias e manuais autorizados. O simples deslocamento da postura de leitor habitual para estudante, orientado pela competência de outro ou outros especialistas, inspira a mudança de sentidos dos signos tantas vezes visitados.

Sabe-se logo que, em outro lugar, o fluxo de discursos e desejos pode ser diferente do usado no cotidiano intelectual mais próximo e mais conhecido — a lição

de humildade está em, mesmo na esfera de poder entabulada pela hierarquia acadêmica nas áreas de estudo, se surpreender pelo óbvio conhecimento ou ângulo não percebido. Intensas, porque a execução e os obstáculos de pesquisa imprimem na nossa memória valores teóricos e práticos, capazes de moldar a postura crítica em relação ao objeto de exame. A longa caminhada de chegada até a tese sobre o jornal *O Imparcial* permite algumas afirmações a respeito de literatura, jornalismo, perfis intelectuais e historiografia, à medida que um *corpus* examinado consente tais inferências.

O trajeto de estudo da literatura de jornal dá liberdade a duas atitudes em relação ao seu conceito: um, a favor, e outro, contra a forma como se lê o ambiente intelectual baiano e brasileiro. O termo que polemiza os debates sobre a cultura literária é tradição. Ao redor dela, reunindo forças, ou questionando-a, os autores são denominados e se autodenominam de antigos ou modernos, modernos ou ultramodernos.

A análise das seções do jornal possibilita a distinção das linhas de compreensão da literatura por seus esteios de sistema. Por exemplo, a 'Página de Ala' representa o amadurecimento das propostas de literatura defendidas por Carlos Chiacchio desde a década de 1920, com *Arco & Flexa*, que, por sua vez, reedita projetos, bem sucedidos na capital baiana, como a Nova Cruzada (1901), na qual o crítico toma parte. A irradiação dos cruzados é percebida pela residência das escritas e da presença intelectual de seus participantes, Artur de Sales, Roberto Correia, Xavier Marques, Afrânio Peixoto, Carlos Chiacchio. Esses autores publicam em *O Imparcial*, participam das iniciativas culturais e impõem seu modelo intelectual e literário para o Brasil os que se deslocam ao Rio de Janeiro; à Bahia — os que permanecem.

Coincidentemente, autores cruzados mortos, isto é, ausentes do calor dos combates por toda a primeira metade do século XX, como Pedro Kilkerry, vão aparecer com mais ênfase na historiografia e na crítica nacional, ombreando-se a poetas da época, como Augusto dos Anjos. Pode-se deduzir que a ausência do corpo (discordância, debate, réplica, posicionamento em relação ao sistema) torna mais tranqüila a manipulação do texto, mesmo com méritos para os estudiosos que

realizam a façanha de encontrar autores criativos em meio à imbricada rede de escritores locais.

Estudado ou não pelos setores intelectuais especialistas, há um modelo de literatura estadual capacitado para o restante do País. Mapeados os produtores, catalogados os textos, enumerados os temas, distinguidas as preferências coletivas, há, na soma, uma literatura disposta. Resta pensar como ela é repelida e quais as estratégias de negociação para se constituir numa linha fértil e constantemente revista de obras, tanto aceitas quanto rejeitadas. O estudo da tradição — com circulação de textos vinculados ao projeto — identifica as vantagens da ordem de literatura. Se há conflitos e diálogos emitidos da Bahia, ou nela captados, é porque, no espaço do sistema, uma tipologia de literatura se dispõe a deslocar um bloco mais amplo e institucionalmente mais “relevante” — o nacional.

6. 2 Lugares para a história da literatura

Após questionamentos no século passado, ao fazer da história da literatura, desde os textos de Hans Robert Jauss, até as novíssimas provocações de Luís Costa Lima,⁵⁰⁰ buscam-se um consenso a respeito dos encargos da historiografia, no que concerne ao tratamento do *corpus*, das fontes, da maneira de narrar. A partir das idéias de Martin Heidegger, para quem história da literatura é a história dos problemas, desenvolvo a presente narrativa, buscando a cotidianidade percebida pelas letras jornalísticas, ou como um tipo específico de literatura: a literatura de jornal.

Nos periódicos, há a permanência daquilo que Heidegger chama de “cotidiano no in-stante”. Em sua reflexão, o filósofo edifica o enunciado: “Mas a existência também pode amestrar, embora nunca apagar, o cotidiano no in-stante e, sem

500 No ano de 2005, Luís Costa Lima, respaldado nas idéias do escritor alemão F. Schlegel, questiona as certezas da história da literatura quanto à natureza da área de estudo. LIMA, Luís Costa. A estabilidade da noção de história de literatura no Brasil. In: JOBIM, José Luís et alii (orgs) Sentido dos lugares. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005, p. 52-58.

dúvida, apenas 'pelo in-stante'⁵⁰¹. É preciso, quando as possibilidades de pesquisa recaem sobre a literatura, que se busque esse cotidiano amestrado, nos olhos mas nunca apagado do espaço da cultura.

A postulação de Heidegger traz um ganho para estudos de literatura, como agora são perseguidos: a literatura não é somente realizada em âmbito nacional. Por mais que se entenda válido e fértil o consenso do escritor enquanto representante de sua língua, de seu país ou de uma nação universal, há, por entre a cotidianidade amestrada, uma literatura rigorosamente integrada aos índices de identidade comunitária. É essa cotidianidade da cultura, sob os auspícios da ação literária, que a história da literatura, sob o perfil da literatura de jornal, habilita-se a investigar.

Através de projeto e provido de teoria que se adapte ao *corpus* que investigo, uma historiografia parte de uma perspectiva de crise, questionando os exemplares visíveis (ou amestrados) e interrogando sobre a possibilidade de outros, velados ou codificados pela ação de métodos ou tradição sem validade, no sistema mais particular. Nesse olhar crítico, são admitidas dicções, suportes e posturas pessoais de importância relativizada pelos estudos canônicos, que a tese sobre sistemas de literatura local questiona. Visão crítica e ampliação dos conceitos, do texto, para outros elementos compositores, recai sobre a literatura como ação literária.

O conceito para um estudo de história da literatura parte das pesquisas do teórico alemão Siegfried Schmidt, principalmente, na sua ciência da literatura empírica (CLE)⁵⁰² e na literatura como ação literária. Em uma conceituação ampla, ação literária é percebida pela nomenclatura encerrada nos três termos de estudo: história, literatura e jornal. As três áreas partem de uma prática engajada. A história precipita uma narrativa sobre o fenômeno de cultura, de modo a torná-lo compreensível para o leitor, haja vista sua complexidade imediata.

Assim, literatura é todo um conjunto de ações em torno da prática de leitura de artefatos ficcionais e poéticos, desencadeados pela elaboração da linguagem, com recurso a figuras, similaridade e dissimilaridade sonora. Jornal é o veículo no qual são disseminados textos e informações a respeito do andamento social e resenha

501 HEIDEGGER. 2002, v. 2, p. 174.

502 OLINTO, 1989; 1997.

de cultura; o veículo empresta seu espaço para a inscrição da cotidianidade. Significa que esta tese, configurando e desenvolvendo estudo em literatura, propõe uma teoria para o campo de ação da historiografia literária.

Essa teoria compreende, primeiramente, a literatura como conceito limitado das ações evocadas por projeto. Escapando de uma noção universal e impalpável, ela sempre se articula às mundivisões de seus produtores e receptores. Esses aspectos são autônomos e, contudo, relacionados entre si, de modo a formar uma circulação de bens simbólicos e idéias políticas, morais e estéticas, a que chamamos de sistema de literatura.

Na teoria, artefatos críticos e literários, antes abandonados pela ascensão política duma perspectiva de literatura contrária, são tratados como partícipes do sistema em ação. Um exemplo é a oratória e o impressionismo. Artefatos teóricos esquecidos e demonizados pela teoria que ganha força até pelo menos a primeira metade do século XX, são representativos da literatura cultuada como atuação e escrita. Do mesmo modo, momentos de criação, considerados de menor importância, ou etapas parciais da ampla oficina literária, são incorporados ao todo que constitui o literário, como a divulgação, a edição, a propaganda, o preço do objeto livro e a remuneração do autor.

6. 3 Teorias locais do sistema

O Tradicionismo Dinâmico é o aporte teórico que providencia a coesão do sistema dentro de uma rotação vigorosa, como assim desejam os autores organizados em redor de Carlos Chiacchio, Godofredo Filho e Eugênio Gomes e seus movimentos culturais, em páginas literárias de *O Imparcial*. Desde ações individuais, como a escrita de textos poéticos e narrativos, até a proposição e execução de eventos públicos, como o 'Salão de Ala', as imagens sobrepostas de autores do passado e a noção de que os contemporâneos fazem parte de uma longa linhagem de escritas, pinceladas e vozes não são perdidas de vista.

Chiacchio avisa que seu projeto de teoria da literatura é de longa data, englobando o debate com os modernistas de São Paulo, nas décadas subseqüentes, quando inicia a coluna 'Homens e obras', no jornal *A Tarde*. Cada momento de criação e desenvolvimento de um grupo ou evento representa uma etapa desse longo esforço de delineamento de um sistema de literatura. Os grupos literários *Nova Cruzada*, *Távola*, *Arco & Flexa* e *Ala* são os ganhos acumulados de décadas de trabalho para amearhar capacidades criativas empenhadas na literatura enquanto cultura.

Tradicionismo, nesse perfil entrelaçado de movimentos, corrompendo a temporalidade linear, significa mais do que a manutenção de idéias e pontos de vista superados ou retratores das inovações de um presente. Ser tradicionalista é fazer parte duma empresa de sustentação de valores estéticos e culturais de identificação regional dentro de um sistema mais amplo e quase sempre opositivo.

Os números da página de cultura e arte vão articulando a criação do presente com o acervo edificado no passado, não só baiano, de outras procedências, desde que não destoem dos objetivos do projeto como um todo. Os dois embasamentos teóricos referidos, construídos e burilados durante as três décadas — Biocrítica e Tradicionismo Dinâmico — são, em conjunto, ferramentas para a formação de uma grande biblioteca de produção intelectual.

Um exemplo é a 'Página de Ala'⁵⁰³ que homenageia J. da Silva Campos (1880-1940), um dos participantes da *Nova Cruzada*. Nessa coluna estudada na tese, aparece uma foto do escritor, para que se ateste sua materialidade, no momento trágico da morte. Companheiros de luta intelectual escrevem textos e orações a seu respeito, como o poeta Artur de Sales — “Oração de Artur de Sales, em nome de Ala das Letras e das Artes” — e José Valadares — “Oração de José Valadares, pelo museu do Estado.” Carlos Chiacchio escreve o perfil intelectual do historiador e jornalista. Para ele, Silva Campos “é um verdadeiro patrimônio tradicional da nossa cultura”.

Suas palavras soam como a descrição de um bloco de cultura integrado e

503 A JOÃO DA SILVA CAMPOS, PRIMEIRAS HOMENAGENS DA BAHIA. *O Imparcial*, Salvador, 10 jul. 1940. 'Página de Ala', A. III, n. XCV, p. 5.

coeso, do qual também faz parte, cuja pertença em uma empresa de ação local abre-se para a validade dos artefatos teóricos — Biocrítica e Tradicionismo Dinâmico. Essas teorias têm utilidade no reposicionamento dos autores, como se cada exemplar encontrado pudesse ser atraído ou não para aquela facção de política cultural.

Autores desconhecidos de uma intimidade com o sistema, avessos à prática de autoria coletiva que a própria orientação teórica encerra (Silva Campos continua produzindo, pela sua memória, em colegas e partidários), são questionados como produtores de literatura. Descontado o peso de alguma obra, por sua individualidade, os autores, no percurso de suas existências intelectuais, são lidos e compreendidos dentro de outra moldura teórica — duma ação da literatura. Não se pode esquecer que as obras, por sua materialidade, são capazes de movimentar-se, haja vista a importância hoje dos multimeios, midiáticos e de adaptação para outras linguagens artísticas.

O desaparecimento do companheiro de empreendimentos culturais por décadas é o rompimento de um dos cordames do feixe de vozes e vontades que sustentam o projeto; é a abstenção de produções com a conhecida identidade, no futuro, ou a necessidade de que surjam outros para tomar o lugar de Silva Campos. Perde-se um amigo, isso fica patente, mas o trágico é a ausência de um cúmplice em demandas culturais projetadas. A chamada, na página, demarca a passagem do historiador desaparecido para outra instância de ação do sistema: como tema, memória, exemplo e lugar oportuno para um novo produtor exercer sua visão de literatura e cultura moderna na Bahia.

Nesse sentido, o Tradicionismo corresponde à empresa intransigentemente posta em prática e o dinâmico é a capacidade de recrutar e acoplar novos ideários para levá-la adiante. 'Página de Ala' leva à compreensão das propostas teóricas de Carlos Chiacchio com perspectiva mais insolente em relação a uma cientificidade ampla, contudo, mais infiltrada nas necessidades culturais da Bahia literária. O acervo de vozes, estéticas e construção de sentidos expressivos daquele cenário humano e daquela aquarela sob constante vigília, funcionam como moeda de troca simbólica na negociação de um lugar na nacionalidade literária e intelectual. A

paciente partida negociada recusa-se a sacrificar as humanidades desqualificadas na conquista individual, à vista das produções narrativas e poéticas. Isso ocorre porque superioridade e dignidade são franqueadas apenas aos “donos do poder”.

Exemplar da síntese das vivências em ação (percebidas no decorrer desta pesquisa) pela vontade coletiva re-significada no literário, poetas, escritores, pintores, ficcionistas, intuem que seja no momento da ocupação pelos afazeres, entre fugir ou imergir na estupidez da cotidianidade, que o Ser descobre-se no ato programado da ação literária. O artefato literário alcança valor semântico em duas instâncias distintas e articuladas: (1) a representação da vida enraizada no estado, na narrativa imagética de grupos de pescadores, agricultores, vaqueiros, professores, médicos, intelectuais e (2) a pertença a um projeto de cultura e literatura testado enquanto combate no espaço social.

O poema “Pescadores de Mar Grande Grande”, de Hélio Simões, compõe o projeto de tração da cultura para a literatura de maneira dinâmica, através da observação poética da aquarela de Diógenes Rebouças: o grupo de Ala. De fato, tantas ligações e cumplicidades tangenciam uma pureza da literatura e rasuram um projeto mais amplo, que direciona a literatura brasileira a caminho da sonhada independência, amadurecimento, ombreamento e superação da cultura de que recebe influxos canônicos: a Europa. Na literatura de jornal, certa fobia europeia não é problema porque os contatos e circulação pela Europa portuguesa e francesa são transladados sem o costumeiro espalhafato.

O jornal informa sobre: o sucesso de autores como Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque, Afrânio Peixoto, em Portugal; sobre a sessão solene em Paris, com a presença “de escritores ilustres e diplomatas notáveis”, em homenagem a Machado de Assis;⁵⁰⁴ sobre as diversas viagens ao Brasil de Anatole France e Georges Dumas⁵⁰⁵ Parece que as necessidades modernistas de independência cultural ocultam o avançado estágio anterior de relacionamento entre o nacional e o

504 PARAGUAÇU, João. Machado de Assis em Paris. *O Imparcial*, Salvador, 6 out. 1940. 'Vida Social', p. 7.

505 O mesmo João Paraguaçu informa a presença francesa no Brasil, ao esclarecer sobre o episódio de homenagem póstuma a Machado de Assis: “Georges Dumas, porém, numa das suas viagens periódicas ao Brasil, em declarações feitas na própria Academia, repôs o episódio em seus termos exatos.” In: Id. *Ibid.*, p. 7.

ocidental. O cotidiano, amestrado e presente, não pode recusar-se a informar, uma vez acionado pela pesquisa, quais as necessidades de cultura do momento.

A avaliação de produtores locais, como os grupos de Ala, fortalecidos pela prática cultural a partir de sua motivação mais próxima, autoriza que a independência é alcançada quando não há mais a necessidade da tutela de outro para a produção de ferramentas e artefatos de cultura. Isso somente é possível quando aquelas ferramentas e artefatos são arquitetados tendo em vista o encaixe na realidade que as motiva e que as requisita. A maneira como são aceitos ou combatidos confirma o êxito na realização de literatura, no jornal, apesar das faltas percebidas no sistema. Não é uma questão de avanço ou de repuxo conservador, mas de avaliação constante da realidade próxima.

A partir de um certo trabalho de cultura, nas instâncias escrita e oral, que o jornal anuncia e avalia, pode-se pensar que quanto mais se aprofunda no desvelamento da dependência cultural, mais se é combatido, em prol da maturidade alcançada para uma nacionalidade. A literatura local, uma vez compreendido o seu lugar marginal por causa da metodologia da Nação, precisa urdir e acionar outros mecanismos de teoria para trazer à tona as formas de imaginação literárias de que é capaz, talvez, até pela defesa do estágio seguinte de amadurecimento da cultura, à vista de si.

O olhar sobre a literatura de jornal possibilita a capacidade, finalmente, de ver a si, no espelho forjado na cultura do europeu, na língua. Nada melhor do que representar o rosto mestiço de nativos, de africanos e de portugueses, negado por uma Bahia letrada e obediente aos conselhos do nacional. A consciência do ser marginalizado e, ao mesmo tempo, elitista, provoca a construção do projeto de cultura literária de que se ocupa esta tese. Tal visão bipolar desencadeia os projetos polêmicos, entre uma realidade distante que a acusa de conservadora, bloqueando sua circulação, e o veredito de alta cultura disfarçada, construído pelos oponentes locais.

Um dos temas literários que interessam ao grupo em si, e praticado pelos poetas e escritores, é o ser bom. Tal bondade, brincam os críticos, também está

relacionada ao trabalho público cotidiano, como na Medicina, no caso de Hélio Simões. Ele faz versos como quem receita remédios e banhos de sol para manter boa saúde. Então, é importante, para a argumentação da literatura através da Biocrítica, que se conheçam as ligações plausíveis entre o homem e o poeta. O sistema, na tentativa de superar os entraves centenários contra a leitura, a cultura intelectual, ousa banalizar o fazer literário. O conceito de literatura mais amplo está desbloqueado nas escritas locais, ensejando encontrar afinidades inusitadas entre o poético e a existência. A Biocrítica molda um jargão de exame crítico e procede um a conhecimento íntimo entre os pares.

As teorias locais, como a Biocrítica, são conquistadas através do trabalho cotidiano do projeto de literatura. Autores incorporados à demanda dispõem seus esforços iniciais, numa prática constante. Essa disponibilidade traz, em contrapartida, a exposição do nome e da imagem, como fotografias publicadas no jornal, o espaço pelo qual se arrecada prestígio social para colocações, cargos e contatos familiares. Nascido da luta de poder em espaço público brasileiro, no século XIX, o periódico é o palco de atuação das classes mandatárias. Elas estão mais à vontade ali. Até o código escrito, para a leitura do livro e do jornal, é domínio das elites e, depois, lentamente disseminado para outras classes.

Por outro lado, o conhecimento íntimo desse autores, enquanto desenvolvem capacidade criativa, faz aparecer a Biocrítica. Explorar a teoria de Chiacchio é conhecer o sujeito produtor para além de sua produção, e também articular o quem ao quê realizado. Pouco desenvolvida em outros setores da Nação, a teoria produz certa identidade com quem interpreta e dele depende para poder sustentar reflexão a partir de itens distintos, identificáveis e moldáveis a diferentes e imprevisíveis situações de evento. É propício o exame das teorias locais, por serem questionadas pela valorização da afetividade e reprovadas quanto à parcialidade e à pouca objetividade de seus recursos.

O repuxo crítico, nos estudos da cultura, impõe enfrentamento e questionamento dos postulados que tencionam enfraquecer pressupostos locais: pureza, objetividade e imparcialidade são arrancadas das certezas pelas quais são promovidas a verdades. Assim, desbloqueiam as leituras dos “interesses e paixões”

na condição de utensílios teóricos e de aplicação. Se há possibilidade de corrupção (como acontece) no recurso a exames nos quais se usa o conhecimento pessoal relacionado, também a investigação, a partir de métodos objetivos e impessoais, está exposta aos mesmos equívocos.

Se é possível avançar na investigação a respeito de uma teoria literária local, mais se deve reposicionar o conceito de teoria científica. Nesse sentido, se é válido para a ciência que uma teoria precise viajar, angariando autoridade e legitimação em outras geografias e práticas, menos há que se valorizar uma teoria expressivamente local. Cada vez mais enfraquecidos por leituras e conselhos provenientes de bibliotecas e referências de longe, os teóricos do sistema mais próximo também necessitam fortalecer setores da teoria mais ligados ao *corpus* e à linguagem do que à bibliografia e a gestos universais. Nessa descapacitação da hegemonia do “folheto manual” em relação à realidade — a prática —, prevenções inferiorizantes *a priori* são afastadas (a teoria não mapeia o todo, mas oferece um modo artificial de realizá-lo), desbloqueando também para a visada e percepção de realidades e performances de literatura e cultura possíveis.

Por outro lado, a estratégia hegemônica de desqualificar ou aprisionar tais teorias à sua leitura endógena providencia o estado de bastardia e marginalidade dessas idéias. Isso se dá porque até a presença das idéias de Chiacchio na memória intelectual de seus pares, tanto na defesa como na discordância, não impressiona leituras amplas. Ao contrário, a autoridade no ambiente local é ponto negativo porque, sendo o regional desqualificado pela “ordem natural das coisas”, toda a teoria ou crítica levada a cabo deve ir contra ou propor, ao final, a sua extinção, pelo surgimento do novo.

As teorias locais também são capazes de angariar legitimidade quando são expressões pensadas em contrapartida à desatualização dos conceitos de cultura e de literatura totalizantes. Coerentes com o pensamento da cultura universal e bom gosto ligado ao sentido de humano, civilização e racionalidade — conceitos subjetivos e imaginados de cultura — pouco podem atuar perante às necessidades de projetos atuais, geridos por agências políticas de fomento e financiamento. Esses escritórios públicos são motivados ou, no mínimo, pressionados por um mundo

organizado em grupos sociais aspirantes a reparações e igualdade de condições sócio-econômicas.

Os escritórios governamentais estão identificados a recomendações e a agendas periodicamente avaliadas, ou seja, por bens simbólicos mutáveis e reprogramáveis, tanto pela reivindicação dos que se acham inferiorizados, como pela manutenção de visões estéticas e científicas das elites. A banalização de indicadores e modelos de trabalho intelectual faz parte de uma dialética que implica num circuito integrado do ser científico ao ser ideológico. Enquanto tema de trabalho em gabinetes de pesquisa, a literatura não é mais um bem imutável e universal, em sua feição passível de estudo.

As agências necessitam de apoio das comunidades para que se cumpram os seus pressupostos de cultura. Nessa moldura, não é um indicador de competência que as teorias e os produtos de suas reflexões não sejam disseminados pela comunidade na qual se atua. As teorias globais, símbolo da positividade da homogenização do mundo (tanto para a esquerda quanto para a direita), caem perante a intimidade de dicção das teorias locais desbloqueadas. Isso funciona, na cotidianidade do jornal, quando não se compreende a permanência das oligarquias das regiões interioranas enquanto se comemora a avançada República no centro. A ausência de leitura das teorias locais em ação também não permite que o centro avalie negativa ou positivamente os vários setores culturais, mas a desqualificação total das regiões.

A percepção das teorias locais também é deficiente no que pretende de objetivo na manipulação dos conceitos culturais e políticos. No caso das teorias de *Arco & Flexa*, em nenhum momento se ameaça a nacionalidade nos princípios conformados anteriormente com a inauguração da Nação. Os jovens poetas daquela revista radicalizam os acordos com a brasilidade. A cultura e a literatura trabalham para o País. Enquanto formato de literatura, os grupos desejam cultivar e desenvolver a sua visão enraizada no estado. Na atuação, os princípios de literatura e identidade encontram-se no reconhecimento de um trabalho do passado aceito como importante no presente, para o alcance de princípios no futuro.

Esta reflexão acompanha o percurso seguido por Heidegger, na interpretação da Teoria da Relatividade de Einstein, e da metáfora das “moedas gastas” de Nietzsche, de que toda verdade é relativa ao uso feito pelo observador. Nesse sentido, as teorias globais são verdadeiras para as classes que se beneficiam das idéias contidas na imaginação de humanidade vítima das mesmas necessidades, muitas vezes, sem a avaliação dos custos dessa igualdade. As teorias locais provocam, dentro do círculo dinâmico em que são geridas, a problematização de realidades aplicáveis. Tanto porque nascem da desconfiança, ressentimento, de que se compreende mal a realidade próxima ou não se percebe com eficiência quem se identifica com sociedades marginadas, ou postas à margem. Há um benefício das teorias locais, mesmo à revelia das teorias globais, coisas de um homem universal.

Um exemplar encaixado ao programa de teoria da crítica literária envolvida pelo conhecimento afetivo é o poeta Hélio Simões. Ele é, em 1940, a realização de uma promessa do seu antigo grupo *Arco & Flexa*, de 1928, examinado enquanto incorporação à literatura da Bahia em 1931, com a iniciativa 'Bahia literária' da poetisa Maria Dolores. Na oportunidade, Dolores ressalta o estilo místico e a poesia simbolista do jovem estudante, ainda inebriado pelos versos de Cruz e Sousa, Artur de Sales e Pethion de Vilar, seus mestres do passado e do presente. Entendida na qualidade de escrita integrada a um projeto coletivo, a produção do poeta soteropolitano é esforço criativo chamado à atuação.

Por mais que se empenhe por observar a literatura, pela obra constituída, a inclusão a um empreendimento de cultura se sobrepõe à unidade do poema, do contrário, a elaboração crítica corre o risco de ser parcial. Por vezes, é a atenção dedicada, do artista plástico, a vidas tão simples que impressiona o poeta, sem mencionar também o talento que o escritor admite na artista.

Segundo a 'Página de Ala', Simões adquire o quadro de Rebouças, exposto no III Salão de Ala, na parte térrea da Biblioteca Pública da Bahia, em Salvador, no ano de 1940. É a simplicidade incômoda e sincera que os poetas procuram, como Chiacchio, para uma identificação da Bahia com a literatura que seus patrícios produzem. O médico-poeta compreende a simplicidade como o princípio da poesia, sendo fator suficiente para que se debruce sobre uma poética dos viventes simples.

Esse é um dos elementos que integram a ação literária, a vigília do sistema em movimento. Na literatura de jornal, estão expostos, e em diálogo, todos os partícipes de uma empresa que integra as personagens Sumbembas (do poema “Pescadores de Mar Grande”); os pintores, como Diógenes Rebouças; os poetas, como Simões, e jornais como *O Imparcial*. Até a crítica está imbuída daqueles princípios de unidade das diversas linguagens artísticas por causa do grupo, isto é, do projeto de literatura e cultura:

Essa aquarela, tal como a sentimos, não é apenas uma cena vulgar da vida de pescadores. É muito mais. É um poema sereno e doloroso. Talvez nem fosse a intenção do autor, mas o seu quadro sugere um mundo de sentimentos, entremostrando (e isto é o principal) o ciclo eterno dessa eterna luta pela vida. Os moços que partem para o combate das ondas e o velho pescador que fica por não poder mais ir — são símbolos eloqüentes. Cansado lobo do mar, inútil para novos anseios contenta-se o velho em dar os conselhos de suas experiências aos que se vão. Apenas conselhos, ele que já deu ao oceano a sua vida. Arribou à praia final, com as mãos pendidas desalentadamente vazias. Nada tem a não ser a visão das águas infinitas que, apesar de tão perto, nunca mais serão suas. E este ancião que é a imagem viva da existência malograda em lutas inúteis se revê nos jovens que vão partir ufanos e que em breve serão como ele — um destroço lançado à vastidão da praia... realidade e sentimento.⁵⁰⁶

Ernani Menezes flagra, em outra produção de Rebouças, um ciclo da vida em ato no diálogo entre homem e mar. O crítico percebe e discute a crueza do tema, mas o aprova pelo valor da mensagem, que sempre pode ser amenizada abandonando-se individualidades egoístas e valorizando-se o vigor do trabalho coletivo. Se é aguda a dor da velhice perante a juventude, na disposição para enfrentamento da cotidianidade, a transposição de lugares — o velho é o jovem e este tomará o lugar daquele se for agraciado pelo destino — ameniza a tragédia e conduz à metáfora: a morte pode vir para a individualidade e não para o coletivo.

Tradicionismo Dinâmico e Biocrítica são dois artefatos teóricos construídos para vencer a morte. Baseados na valorização de algo que se constitui em cultura a partir da personalidade de um dado autor, seu uso recusa o desaparecimento

506 MENEZES, Ernani. *Ontem e hoje*, de Diógenes Rebouças. *O Imparcial*, Salvador, 25 set. 1940. 'Página de Ala', A. III, n. XCXVI, p. 5.

daquela personalidade, pelo esquecimento da contribuição literária, artística ou intelectual. A prática de recursos tradicionalistas dinâmicos ou biocríticos é possível em atuação coletiva, tanto sincrônica (pares associados) ou diacrônica (pela evocação do trabalho de outrem, durante um período de tempo, para a realização de tarefas intelectuais no tempo urgente). Por isso, no jornal, personalidades do passado, como Castro Alves ou Rui Barbosa, parecem estar ali, ao lado dos poetas e escritores, dedo em riste, voz a plenos pulmões, em prol da velha Bahia.

6.4 Sistemas em deslocamento

É projeto de Carlos Chiacchio influir, da Bahia, no movimento de literatura nacional. Contudo, o êxito dos esforços da demanda é sentido nas contestações a essa idéia, no próprio estado. Como um esteio de sistema, o crítico é diluído nas várias posições literárias, contra e a favor de seu empreendimento. Dessa forma, é o sistema literário, identificado a combates e polêmicas, que inclui uma personalidade ao sistema maior, que se recusa, por projeto, a acionar aqueles recursos. O fato de o nacional, até agora, não se preocupar em distinguir os sistemas menores, ou combater tais identidades, pode aparentar inexistência de valores.

A atuação da individualidade criativa, inflamada por uma prática corriqueira através do debate, pela defesa escrita e na oratória, de princípios intelectuais, forma um escritor de características distintas daquelas que os estudos literários consagram na contemporaneidade: na Bahia, fazer literatura abarca vida literária articulada a texto escrito, tendência à produção coletiva mais do que à solidão da criação de um gênio, valorização do autor como pertença a uma linha de passado e futuro. É preciso lembrar da preferência pela oratória. Ela nunca é enfeite estilístico dispensável, mas fator de competência em espaços orais de vigorosa prática, cuja extensão vai dos eventos culturais como os Salões de Arte, os encontros de literatura e as sessões de homenagens por aquisição de diploma e motivo fúnebre.

De um ponto de vista nacional, quanto mais integrado aos princípios de literatura local, mais dificuldade para outra filiação, a do talento puro, da escrita universal, da coligação aos grandes textos portugueses e internacionais. Tais valores também estão na conta dos escritores da Bahia, todavia, a prática cotidiana, o movimento do sistema mais próximo, implica a adoção de posturas culturais de longa data. A 'Página de Ala' não é uma intervenção surgida das necessidades do presente, mas do modo pelo qual esse tempo urgente é filiado ao prosseguimento de um projeto anterior.

Essa cotidianidade espraiada, entendida como um elemento limitador para os criadores com outras perspectivas de literatura, é a fonte de toda a discordância com as vanguardas externas. A rede fixa e autodefensiva, que liga escritores da Bahia aos do Rio de Janeiro, não se rompe com discursos depreciativos como o de extinção do velho, do anacrônico. As opiniões depreciativas conseguem o obscurecimento do movimento do sistema, como se literatura fosse uma deficiência de cultura geral. Em vez de realizar a crítica de cada princípio, pela manutenção do estado como um aliado na visão de nacional que deseja propagar, o centro de poder o desqualifica como um todo. Parece que a Bahia, na continuidade insistente da defesa de sua escrita, é providencialmente vetada do contato e divulgação do seu Ser literário.

No contexto da 'Página de Ala', a crítica de Ernani Menezes segue um plano de divulgação dos autores locais em detrimento de certas vinculações recíprocas — da Bahia, as identidades, da arte, o grupo de Ala. Do cumprimento de metas do movimento de Ala, salta um estado na figuração de amplo temário artístico, como alimentação da capacidade criativa dos esteios de literatura e dos produtores do sistema. Em uma avaliação global da literatura, dificilmente, uma parte da Bahia tem condições de salvar-se da avaliação que a alcança por causa dos exemplares mais salientes.

Ela está vinculada a um projeto de cultura que a aciona em bloco: autores, temas, textos e eventos. Haja vista que essa empresa não é bem-sucedida na nacionalidade modernista, a literatura baiana tende a cair em uma armadilha conceitual. Como discuto em sessão anterior, personagens a exemplo de

Sumbemba (ou seu homônimo no real) não conseguem fazer a crítica sobre sua representação, resultando em outra deficiência que o sistema tem de compensar: o analfabetismo.

6.5 Jogo da teoria: sistema em código

Há duas características nítidas sobre o sistema em estudo, na visão da literatura de jornal: (1) o sistema faz-se óbvio enquanto movimento que arrasta, ou traciona, um grupo de aspectos, como o autor, o texto, a recepção, a leitura, o editor, o local de divulgação; (2) por outro lado, esse mesmo sistema se configura em códigos que dificultam um posicionamento em relação aos ganhos positivos de seu funcionamento.

A facilidade de percepção de cada elemento é uma das instâncias do sistema estabelecido em código que transforma a obviedade da sua existência na cotidianidade estúpida explorada por Heidegger, em *Ser e Tempo*. Até a proeminência de um aspecto intelectual, como o texto, sobre os outros elementos sistêmicos, ou as editoras, para a profissionalização das letras, providencia o velamento do sistema como um todo. A incapacidade que boa parte da população ainda possui de ler o sistema e os objetos por ele movimentados é outro aspecto capaz de caracterizar o sistema literário como codificado. O analfabetismo, total ou funcional, oculta as contribuições e intercepta avaliações e retomadas de projetos de longa duração, como *A/a*.

Por essas imposturas caracterizadoras do sistema, há a necessária utilização de teorias que se capacitem a desmontar métodos e desvelar identificações. No decorrer desta tese, aponto o método modernista como um dos responsáveis pelo velamento do sistema de vontades culturais e literárias como a projetada na Bahia, na literatura de jornal. Por isso, os formatos teóricos devem ser desenvolvidos para se perceber o que é a literatura em movimentação. Há, nesse percurso de acervo, teorias locais, como Biocrítica e Tradicionismo Dinâmico, e acionadores do sistema,

os esteios de sistema.

Pensar os exemplares que podem salvar-se da avaliação integral, ligada ao estado “antiquado e sustentado pela memória do passado”, faz mencionar novamente o conceito de anti-sistema. Nesse aspecto, os intelectuais e escritores, desinteressados da observação daquela aquarela ou de elementos eleitos pelos autores anteriores como motivo da literatura, tomam duas atitudes reativas: (1) procuram manter diálogo temático e literário com outras cercanias, possivelmente do Sudeste do Brasil e no mundo. Esquecem-se e ausentam-se do sistema mais próximo e que fatalmente os alimenta de idéias e imagens, transformando-se naquelas cartas lendárias não publicadas de Maria Dolores, em seu inquérito da 'Bahia Intelectual'. (2) Outra saída pode ser o combate aos projetos do sistema mais próximo, neutralizando a idéia de incoerência da literatura praticada.

A segunda proposta explica por que é possível a convivência de escritores, como Xavier Marques que, mesmo nem tão ausentes assim dos sistema mais próximo, conseguem manter diálogo à distância com os companheiros da Academia Brasileira de Letras do Rio de Janeiro. Outro exemplo grave é quando um escritor ausente escreve pejorativamente sobre o local, como Afrânio Peixoto, em *A esfinge*. Nessa obra, as cercanias interioranas, identificadas à sua terra natal, aparecem como um lugar contaminado pelos ressentimentos e ordem arcaica que teima em cultivar. Não se pode negar o valor de Peixoto para a cultura brasileira e baiana, mas a construção depreciativa dificilmente é esquecida em um exame do sistema de literatura de jornal.

Em todo caso, o esforço de Xavier Marques, outro autor de relevo na época, em tornar-se um debatedor, em estágio nacional, não impede que também caia em desgraça quanto à sua produção literária. Segundo Ívia Alves, seu texto faz parte de um tradicionalismo antiquado e anti-modernista. É preciso lembrar que os ares de modernização não poupam exemplares dentro da Academia Brasileira de Letras, o principal local de ataque dos revoltados modernistas de São Paulo, em 1922. Ausentando-se do fortalecimento do sistema local, o qual reconhece a sua dicção e os temas, o romancista elogiado por Machado de Assis desaparece da memória da Bahia.

A contribuição de Xavier Marques, na 'Enquete Bahia Literária' (1931) demonstra as suas aspirações literárias para o local: tradicional e obediente às mensagens da nacionalidade representada pelas academias nacional e baiana. Pelo menos no que tange aos projetos alimentados por Chiacchio, os caminhos para a literatura local passam por escritas que ouvem o passado (da Bahia) para escrever sua nova forma. Dois esteios de literatura da Bahia, simpáticos enquanto leitores recíprocos, chocam-se na defesa de mundos literários.

A vista individualizada do conflito Chiacchio/Marques toma sentido pejorativo, pois aponta a incapacidade de rumo partilhado. No entanto, é a variedade de conflitos que providencia movimentos do sistema e impede que se caia no empobrecimento da literatura. Codificada pela opção por movimentos marginais ou marginados, a providência da reflexão impede que se avalie os resultados da literatura levada por esses projetos. Na ausência da decodificação ou desbloqueio, resta a possibilidade de que não haja a literatura naqueles tempos polêmicos ou nos textos impressos no jornal.

Na batalha pela leitura, ou pela decodificação do sistema, não se pode abrir mão da capacidade criativa de dois esteios de sistema, como Carlos Chiacchio e Xavier Marques. No período em estudo, o sistema visto sob o prisma de um deslocamento do passado ao presente tende a desaparecer por causa do desfalque da identidade de um todo, chamado à atuação. Ao investir no movimento de sistema, os autores acionam um corpo denso e tra(di)cionado (a inteireza baiana deseja girar para o enfrentamento das imposições externas), deslocando o bloco de cultura nacional (eventos e escritas). O sistema nacional corre o risco de ocultar o movimento local se alguns dos elementos que providenciam circulação forem afastados ou exaurirem a capacidade criativa.

Nada mais potente para a chamada da tarefa de *cura* do estado do que a palavra poética, provida de recursos e jogos — tanto na escrita quanto na oratória —, que o local reconhece como competência na urgência das décadas de exame. O sistema nacional compreende que os escritores insolentes são contraprodutores de literatura. Eles em nada contribuem para a manutenção do que será no futuro a literatura madura e profícua. O motivo de tal avaliação está na atitude desses

escritores: desconfiança de que ajustar-se a uma condução ampla de literatura e obturar suas próprias possibilidades criativas não é uma maneira de contribuição justa. Reconhecer-se como incompetente dentro do contexto da literatura não está em cogitação no que diz respeito a autores tão atuantes e competitivos.

Xavier Marques tem, a seu favor, o fardão de imortal. Sua palavra, mesmo saindo das longínquas e mornas brisas da ilha de Itaparica, para a nacionalidade carioca, institui autoridade. A Bahia intelectual, posicionada em lugar menos privilegiado, deve acatar suas ponderações sistêmicas. O prestígio de permanência de Carlos Chiacchio, em lugar de destaque na cultura local, por toda a primeira parte do século XX, representa credenciais suficientes para a transmissão de mensagem ponderada a seus pares, tanto dentro como fora da jurisdição estadual.

Apesar disso, os dois autores atuantes têm contra si distintivos negativos que provocam, de certa forma, a sua postura à parte. Marques é qualificado de escritor romântico tardio, posicionado no grupo dos pré-modernistas. Carlos Chiacchio, ainda mais desqualificado, é um crítico — profissional das letras quase sem lugar nos novos tempos da Teoria da Literatura (nem mesmo a escrita de histórias da crítica, modelos de estudo tão comuns, o beneficiam) — e, nessa área de estudo, é posicionado entre os impressionistas: os mais atacados pela atividade que beneficia o sistema de literatura. É por sobre duas negativas, que o escritor se está movimentando, buscando atuação. É preciso lembrar, como afirma Dulce Mascarenhas, que a posição de Chiacchio como crítico impressionista, ou somente, é questionável desde que se verifique o desenvolvimento das duas teorias da literatura, para o fomento do sistema local.

Decodificar significa desbloquear as identidades aprisionadas na representação de si ocultas pela impotência de se ver. Não sendo mais a defesa do único modo de ver-se no espaço social, a literatura é o modo de atuar em um dos meios mais legítimos de construir memória, ensaiar modelos de ordem e erigir padrões de humanidade. Por esses motivos, é necessário que haja o acesso aos códigos da escrita e ao desbloqueio das “verdades” desqualificadoras. A percepção de que o sistema movimenta-se “protegido por senha” indica que há algo a ser ocultado. Os escritores recuperados no percurso da tese sobre a literatura de jornal

condicionam-se mais a adjetivos acumulados no decorrer do século XX do que necessariamente pela produção que legaram ao presente.

A produção da 'Bahia Literária' não parece ter sido visitada de forma a sustentar uma emissão do valor de seus feitos. Da mesma forma, o sistema que os implica e os beneficia não foi explicado satisfatoriamente. Se as senhas são “conservadores”, “tradicionalistas”, “cultores da oratória”, “de época de transição”, pouco se necessita ver para confirmar suas performances, para continuar emitindo os conceitos negativos sobre suas contribuições. Uma vez relacionados ao caldo de cultura da Bahia, a satisfação a respeito dos conceitos redutores que lhe são impostos também codifica as identidades.

A investigação do sistema literário parece ser o modo eficiente de observar o vigor dessa literatura, pois, em outros modelos, a literatura é soluçante e indecisa. Sempre se percebem autores e livros de talento, mas regularmente explicados como exemplares desviantes de propensão ao vazio cultural. Ainda mais quando, como literatura, elege-se apenas o livro, o objeto concreto e vigiado no Brasil até o século XIX. Vinculados a um sistema de ação literária, no qual são levadas em conta as intenções de autonomia e empreendimento de longa duração em veículos como o livro, o folheto, o jornal, e outros, — haja vista a contribuição de Siegfried Schmidt — existe a providência de *corpus*, o surgimento de autores, a distinção de temas, que formam a literatura para exame: abandona-se a idéia consagrada de vazio literário.

A partir desse estudo, que não se permite interromper o percurso na análise do texto literário, propõe-se concretamente ações sociais para o enfrentamento de problemas relacionados às deficiências de leitura e profissionalização das letras. A literatura faz parte da atuação social, é uma agência. Ao tempo que se desbloqueia o sistema literário, segue-se com os estudos do texto, agora incorporando e avaliando o que é a planície anterior sem exemplares e podendo-se confirmar a legitimidade das obras e dos conceitos universais de literatura. Ou seja, a universalidade mais distante só pode ter autenticação em face do acervo identificado ao cotidiano mais próximo.

Dessa concorrência depende, ao que parece, a permanência da forma

literária apreciada nos gabinetes de estudo, frente ao assédio dos meios de comunicação e de arte da contemporaneidade — mais luminosos, sonoros e sedutores do que discursos em antigos suportes. Os autores integrados a um projeto de permanência na Bahia, consorciados por ela e por si mesmos, combatem e são combatidos pelas duas modalidades de produtores de literatura. Assim, há duas instâncias de combate: (1) os intelectuais que exercitam uma ausência imaginada, enquanto sofrem a permanência física; (2) aqueles que, atingidos pelos discursos de universalismo e culto à pureza, tratam de resistir às iniciativas mais apegadas à vivência e à aquarela de cultura.

Os escritores que partilham da tarefa de construir os movimentos baianos jamais abdicam da participação no sistema literário nacional. É preciso posicioná-los perante projetos da literatura de jornal como a 'Página de Ala'. A partir delas, distancia-se da literatura do escritor universal, mas se beneficia a literatura para seu sistema de aspersão, para a formação de leitores, para a produção de debatedores, tão necessários.

Chiacchio procura, desde os anos de *Arco & Flexa*, um meio equilibrado de diálogo com os modelos modernistas de São Paulo. Sua 'Página' se diferencia das outras colunas e seções do jornal porque enfatiza e pratica a colaboração local. Em contrapartida, *O Imparcial* sempre promove uma mescla de autores residentes e escritores famosos. Essa atitude divulga poetas, cronistas, críticos no interior de um projeto com identidade declarada: modernos e tradicionais. Suas ilustrações e fotos artísticas evocam paisagens e lugares reconhecíveis ou meritórios para conhecimento dos locais.⁵⁰⁷

A leitura de versos sonoros sobre trabalhadores simples, a passagem pelas narrativas intrincadas de personagens enigmáticas e a vista de locais pitorescos, vai disseminando, para o leitor, uma Bahia inflacionada de litoral, dilatada de regiões pastoris, de escaldantes caatingas, de rios fantasiosos. Todos os elementos

507 Índice regional – Fotocrônica: Itapoã. *O Imparcial*, Salvador, 10 maio 1940. 'Página de Ala', A. III, n. LXXXVI, p. 5. Há uma fotografia das dunas de Itapoã, em Salvador, e crônica de autoria de Joaquim Manso. Índice regional – Fotocrônica: Engenho Paredões, Alagoas. *O Imparcial*, Salvador, 22 maio 1940. 'Página de Ala', A. III, n. LXXXVIII, p. 5; Índice regional – Fotocrônica: Cidade do Salvador. *O Imparcial*, Salvador, 29 maio 1940. 'Página de Ala', A. III, n. LXXXIX, p. 5. Há uma fotografia do Elevador Lacerda e uma crônica sobre a cidade, de autoria de Joaquim Manso.

poéticos e narrativos carregam seres mitificados por passagens e guerras do antanho. O movimento de Ala, com seu empreendimento da literatura de jornal, 'Página de Ala', promove deslocamentos sistêmicos para a reflexão, no instante em que os implicados, pelo menos os leitores periódicos, têm a oportunidade de se ver. À vista de si, podem realçar o debate, promover avaliação e propor encaminhamentos. Quanto mais existirem avaliadores locais, mais iniciativas como as de Hélio Simões, Eugênio Gomes e Eurico Alves são legitimadas (em crise ou não) pelos que são representados nas produções.

Não há temor quanto a maior oposição ao tipo de trabalho realizado pelos correligionários de Carlos Chiacchio. O jornal, no qual colaboram e dialogam seguidores de outras formas literárias, equilibra a demanda por ser o local mais coerente ao tipo de combate intelectual. Tanto Carvalho Filho, Otto Bittencourt Sobrinho, como Xavier Marques, olhares e grupos diferentes de ver a literatura e a cultura da Bahia, podem expor as suas idéias.

Novamente, o reduzido número de assistentes dessa polêmica escrita, por causa da falta de leitura e pela descrença de que haja algo de valor a ser guardado nas páginas do diário, é fator de prejuízo na avaliação dos empreendimentos. A limitação estrutural naturalizada, no decorrer do tempo, interfere decisivamente na visibilidade das iniciativas dos movimentos e grupos de cultura locais. O sistema literário parece compensar a perda, mas a memória dos feitos e da insolência vitoriosa, desses tempos, fica invisibilizada no presente.

Ainda há um mal-estar causado pela dependência de que outro, em outro lugar, autorize a produção que diz respeito, pelo menos no sistema mais próximo, às vivências cotidianas. É preciso atuar com medidas práticas, como aquelas cobradas pelo cronista Nelson de Souza Carneiro (outro autor da literatura de jornal), a respeito das cotas, financiamentos, prêmios, para o aprimoramento do sistema. Essas medidas nunca devem ser pensadas de forma elitista, mas como disseminação para todos, pois o sistema depende de sua vista pela comunidade, na qual o Ser pode ser descoberto. Na perspectiva elitista, a falta é compensada em algum ponto do futuro, por uma imaginação gratificante e moderna, de que o gênio possa surgir de qualquer parte ou em qualquer indivíduo.

A renitente imagem de uma elite de intelectuais ligados aos poderes dirigentes formando uma bibliografia a partir da vista do menor, do pobre, do marginal, provoca questionamento sobre quem é o sujeito dessa ação literária ou como os letrados exploram a geografia temática (guarda de acervo humano). Resultado do consórcio com a tradição, a literatura dos autores bacharéis, do grupo de Ala, é qualificada de elitista e hegemônica.⁵⁰⁸ A questão é investigar como são utilizados os temas preponderantes dessa “literatura vilã”. É correto que os escritores têm a seu dispor as instituições, mesmo incipientes, como eles se referem, como a Biblioteca Pública do Estado, a Academia de Letras da Bahia, uma vez que todo o esforço é de aperfeiçoar os mecanismos de entrada na ação literária, do texto para a vida literária e vice-versa.

Para verificar a possibilidade da hegemonia dos literatos, é plenamente válido o exame dos textos, para que não fique a dúvida prejudicial sobre o que se faz (como se manipula) com as vidas representadas. No caso dos pescadores de Mar Grande, os autores não parecem modificar o que há na realidade, mas tentam compreender, com as ferramentas de que dispõem, a palavra poética e as cores pastéis da paleta. Se há uma similaridade entre o abandono dos pobres e o esquecimento ou combate da literatura que resolve visitá-los na indecorosa labuta diuturna, pode haver aí um indício de fidelidade, dessa escrita “elitista” para com os representados. Para a literatura de jornal, a avaliação moralista não influencia em sua sobrevivência, mas, para o diagnóstico dos rumos do movimento de sistema, é preciso saber como as existências são tratadas na produção poética e narrativa, porque é a partir delas que se pode ver o Ser, a descoberto.

Quando imprime pela última vez nas folhas de *O Imparcial*, naquele 31 de dezembro de 1942, 'Página de Ala' interrompe um ciclo pela incondicional movimentação do sistema que a molda. Alguns autores atuantes, como Roberto Correia, já não vivem, outros amadurecem, como o poeta Camillo de Jesus Lima. De fato, também o jornal prepara vagarosamente a sua saída em 1947. Até o deslocamento da visão de mundo integralista para a comunista é explicado dentro de um contexto da cotidianidade da cultura. A Bahia consegue formar esteios de

508Expressões de Ívia Alves e Paulo Santos Silva em livros citados nesta tese.

sistema capazes de realizar o diálogo com a cultura da Nação e do Ocidente.

Jorge Amado e Edison Carneiro configuram dois exemplos evidentes do modelo mais preparado para o diálogo intelectual estado/Nação. Esta afirmação se embasa no deslocamento de suas energias criativas e de trabalho para o diário. Inclusive, experimentando da tradicional violência por conta das escolhas política e cultural. Até no tratamento do poder para com as manifestações de discordância e reivindicação, não há novidade, mas a entrada numa extensa linha sucessória de acontecimentos violentos contra a sociedade e contra o intelectual. Jorge Amado está, nessa época, 1942, sob custódia militar na Bahia. As sessões 'Hora da Guerra', 'Página Literária' e 'Vida dos Livros' libertam-se da colaboração com maioria de autores locais para colher os textos e formar o diálogo crítico com os literatos nacionais e internacionais.

Após as propostas de Chiacchio, com a alternativa de aprimorar a colaboração local, pelo fortalecimento da literatura da Bahia, há uma evidente abertura e diálogo amadurecido com escritores e críticos externos. Se aparecem nomes como Antonio Cândido, Otto Maria Carpeaux, Carlos Lacerda, Lúcia Miguel-Pereira, Assis Chateaubriand, Roger Bastide, apresentando seus ensaios sobre literatura, cultura e política brasileira, encontram, por aqui, ensaios acatados de Jorge Amado e Edison Carneiro.

Não é demérito que o grupo de Chiacchio tenha se afastado do jornal nesse período de mudança de direção e postura política,⁵⁰⁹ parecendo até que os seus objetivos não tenham sido alcançados; tampouco que os nomes lembrados no signo do amadurecimento, Amado e Carneiro, pertençam a grupo rival, da *Academia dos Rebeldes*. A rivalidade, nesse contexto, beneficia o sistema, porque desencadeia a comunicação pelas múltiplas visões de literatura e pela energia dispendida na defesa de tal criatividade literária. A oposição do mais forte para o mais fraco pode acarretar prejuízos à individualidade, mas é propícia à ventilação receptiva que o sistema é capaz de absorver. Enquanto movimento, a literatura prescinde de julgamento ético. Tanto o algoz quanto a vítima são capazes de produzir textos.

509 O jornal volta a atacar o interventor Landolfo Alves, sob a propriedade do coronel Franklin Lins de Albuquerque.

Interessa, no contexto da ação literária, a quem beneficia e por quê, o êxito literário de um ou de outro grupo em conflito.

Enquanto sistema, as vozes dos intelectuais — engajados em projetos e capazes da promoção da crítica, requerendo para si o debate — formam uma malha emissora e receptora de proposições semânticas. O jornal é capaz de reter essa malha de forma que não se organizem os sentidos purificadores ou hierarquizantes necessários em momento posterior — de escrita das histórias da literatura e dos estudos críticos. Ainda sob a influência do debate, a permanência das diversas perspectivas na postura em que desencadeiam as polêmicas, os rumos que defendem para o desenvolvimento da cultura literária, estão disponíveis na impressão do matutino. Ele proporciona o olhar da defesa absurda, da retomada de um ponto obscuro, para a incursão mais recente no sistema.

Compreendida como a história dos problemas, por Martin Heidegger, e combatente do terrorismo do saber, por Siegfried Schmidt, os assuntos e temas que passam à custódia da história da literatura ampliam sua atuação, exigindo novos contornos e aportes teóricos. Entre os muitos assuntos incumbidos a essa história, está abordar as questões relacionadas à associação literatura e ideologia e o literário como a defesa de uma visão de mundo. Nesse contexto, enquanto se amplia certa moral de pesquisador, as ambições de totalidade para a captação dos exemplares de grandes textos são relativizados, por isso a ótica do sistema literário como um avanço para seu exame. No sistema, o texto foi arrancado da obviedade universal, para ser questionado em sua identidade, enquanto prática acionada por grupo e com objetivos anteriormente preestabelecidos.

Ao que parece, até o modo como se dão os combates entre diversos grupos torna-se obstáculo para a percepção da literatura nos moldes tradicionais. Não optar-se pela liderança ou domínio de um grupo ou escritor aparenta deficiência. Há a discutida fragilidade do jornal, as revistas de pouca duração e pouquíssima distribuição, sempre depondo pela fraqueza dessas produções. O método escolhido para a consagração encontra coerência, para seus propósitos, na afirmação: o que não se publica não é literatura.

Por outro lado, *O Imparcial* é a carnalidade daquilo que Heidegger denomina de exposição à crise. Ao movimentar-se de uma a outra postura ideológica, em meio às contingências repressivas, o veículo de imprensa expressa os sentidos da movimentação do sistema. Essa disposição para a crítica (crise) neutraliza os blocos de literatura *a priori*. Até mesmo os modelos canônicos são historicizados no percurso da literatura de jornal. No matutino, percebe-se o momento de luta e indexação de idéias particulares, transformadas em regra geral e natural. O literário, no periódico, é sustentado e sustenta um bloco semântico, cuja descrição expõe a literatura e seus modelos consagrados de estudo, quando é apresentada e aceita pelo sistema amplo.

Outra grave constatação no estudo da literatura de jornal é a independência do sistema. Atitude vinda da cotidiana prática do combate de idéias e escritas, o sistema da literatura segue seu movimento à revelia da contenção metodológica dos intérpretes. De outro modo, o cânone do Modernismo teria calado e afastado os modelos conservadores e erráticos, tanto na instância nacional quanto na estadual. Na Bahia, à revelia de toda a coerência ampla, e mesmo sem o conhecimento dos que assim agem, mantém-se uma tradição de literatura local que pouco ouve os conselhos agressivos da vanguarda de 1922.

Uma das marcas da literatura de jornal é o caráter híbrido, pois a feição depende do veículo em que está escrito. A retirada do espaço jornalístico, como etapa de estudo apurado, termina por deformar e inferiorizar a identidade. Os elementos fortes da constituição de um gênero textual intimamente ligado ao movimento social e à cotidianidade da cultura são caracterizados, pelo método purificador, como defeitos e degenerescências imperdoáveis. Por isso, o cuidado de estudo que preserve o espaço de impressão como um fator de identidade imprescindível à literatura ali encontrada. No jornal, a teoria compreende a ação literária como o princípio de abordagem e leitura tanto dos recursos estéticos quanto dos elementos sociológicos encontrados.

A sobrevivência dos periódicos é necessária para a preservação de uma área de estudo com vistas a um espaço cultural amplo para a análise de sistema e de reflexos das identidades em conflito, pela continuação de sua diversidade de mundo.

Há produções individuais e manifestos de grupos que muito podem contribuir para a ampliação do sentido de literatura em ambiente público e de inserção intelectual. Por elas, é possível finalmente propor outro formato de literatura desbloqueado da função nacional que a aprisiona desde os século XIX e outros papéis para a história da literatura, seqüestrada também pela missão patriótica.

Qualquer manifestação que pretenda avançar do conceito de literatura praticada em terras baianas, há de considerar o feixe de movimentos e iniciativas debatidas e realizadas, impresso em jornais. A primeira atitude diz respeito ao apagamento de certa metodologia de terra arrasada na leitura das literaturas produzidas até aqui. A crítica nunca deve ser esquecida porque os próprios autores não abrem mão dela. O entendimento de que as identidades atendidas no debate do presente são motivo e assunto de escritas de literatura no passado é outra iniciativa válida. Não há novidade nos ajustes atuais, mas é compromisso com a cultura divulgar esforço anteriores, no mesmo sentido. Mais do que isso, as contribuições da época estudada devem ser a incorporação de reflexões e gestos atuais.

Não é um equívoco atentar para a tradição em uso na Bahia, que deve ser aceita e combatida, nunca convertida em aspecto demonizado. Transformar dada produção em objeto intocável diz mais das limitações da geração vigente do que algum perigo do acervo obstruído. Para o movimento efetivo do sistema, é função dos especialistas disponibilizarem, numa narrativa plausível, o acervo de texto para aqueles implicados na sua construção. A prática indica que o perigo dos bens culturais reside na instalação e residência sem o debate ou a movimentação em crise pelos seus participantes. A investigação de temas e produtores em *O Imparcial* e o estudo de jornais diversos, com o mesmo vínculo teórico, aprofunda relações e compõe modos escritos para uma posterior disseminação escolar e através de eventos de especialistas e amantes.

Por fim, a literatura de jornal é numerosas marcas de pegadas “zig-gagueadas” em uma praia da cultura. O rastro elaborado de conhecimentos vindos do passado atualiza-se pelo debate no suporte precário da imprensa, no momento em que as imagens do círculo de fogo desenham uma figura: para além dos contornos do mapa da Bahia, cuja ousadia imita os do Brasil, a ilustração memorial

conforma-se em mensagens de dor, alegria, injustiça e esquecimento. Uma das mensagens é a maneira como esse suporte é atacado pela urgência da catástrofe. Ela faz com que a necessidade de debate jamais cesse de enviar energia de combate. O sistema literário antevisto pela truncada leitura, descoberto no seio da luta literária, demonstra ausência de elementos e constituição de modelos de produção e ação institucional. Como no poema de Hélio Simões, este sistema espera ser entrelaçado a outros, que o alimentem e o atualizem. A literatura ampla, pluralizada e indócil, missionada e marginal, renega um veredicto — não leia a Bahia! — e assume um dito baiano — aprender o humano.

7 REFERÊNCIAS

ABREU, Carlo. Uma tarde literária. *O Imparcial*, Salvador, p. 6, 16 out. 1921.

ACADEMIA LITERÁRIA DOS MOÇOS – A SESSÃO INAUGURAL, ONTEM NO SALÃO NOBRE DA PREFEITURA. *O Imparcial*, Salvador, p. 2, 2 out. 1931. Sem assinatura.

ADONIAS FILHO. Debate no romance. In: _____. *Modernos ficcionistas brasileiros*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965. (2ª série).

ADONIAS FILHO. *Uma nota de mil*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1973. (A Baleia Bacana).

AGUIAR, José Adonias. Berdiaeff, Gide, Carrel. *O Imparcial*, Salvador, 21 jun. 1937 e 28 jun. 1937. A Semana Universitária, p. 2 e 4.

ALMEIDA, Guilherme de. Defesa do integralismo. *O Imparcial*, Salvador, p. 5, 5 ago. 1933.

ALMEIDA, Renato. Romance dos *Corumbas*. *O Imparcial*, Salvador, p. 2, 20 jun. 1934.

ALVES, Ívia. *Arco & Flexa: contribuição para o estudo do modernismo*. Salvador: Fundação Cultural do Estado, 1978.

ALVES, Ívia. *Visões de espelhos: o percurso da crítica de Eugênio Gomes*. Salvador: Assembléia Legislativa do Estado da Bahia; Academia de Letras da Bahia, 2007.

ANDRADE, Jéferson de. Um jornal assassinado: a última batalha do Correio da

Manhã. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

ARARIPE JÚNIOR. Tristão. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 7 jan. 1882.

ARAUJO, Jorge de Souza. *Perfil do leitor colonial*. Salvador/Ilhéus: UFBA/UESC, 1999.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: Ática, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Editora da Unesp, 1993.

BELÉM, Odilon. *Afrânio Coutinho: uma filosofia da literatura*. Rio de Janeiro: Pallas, Didática e Científica, 1987.

BERBERT, José Augusto. *O dia em que Salvador foi bombardeada e outras reportagens*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1982.

BEZERRA, Sonia Jóia. *Jornal Última Hora nas eleições de 1955 – um estado-maior intelectual*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1994.

BITTENCOURT SOBRINHO, Otto. Em torno da *Enquete literária d'O Imparcial*. *O Imparcial*, Salvador, p. 5, 22 out. 1931.

BORBA, José César. Da Bahia para Manuel Bandeira. *O Imparcial*, Salvador, 15 maio 1940. Página de Ala, p. 5.

BOSI, Alfredo. A escravidão entre dois liberalismos. In: _____. *Dialética da colonização*. 3. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1992.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1992.

BRASILEIRO, Antonio. *Da inutilidade da poesia*. Salvador: EDUFBA, 2002.

BRITO, Lemos. Aos meus cidadãos. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 10 ago. 1919.

BRITO, Lemos. Entre o coração e a consciência em despedida. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 20 de ago. de 1919.

BROCA, Brito. *Vida literária no Brasil: 1900*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2005.

CALMON, Pedro. *A vida de Simões Filho*. Salvador: Bahia, 1986.

CALMON, Pedro. *História da literatura bahiana*. Salvador: Publicação da Prefeitura Municipal de Salvador, 1949. (Col. Publicação Comemorativa do IV Centenário da Cidade, 2).

CAMPOS, Haroldo de. *O seqüestro do Barroco na formação da literatura brasileira*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

CÂNDIDO, Antonio. Prefácio da 1ª edição. In: _____. *Formação da literatura brasileira – momentos decisivos*. 5. ed. São Paulo/Belo Horizonte: EDUSP/ Itatiaia, 1975.

CARNEIRO, Nelson de Souza. Bahia ignorada. *O Imparcial*, 16 março 1938. Crônicas do Rio, p. 3.

CARNEIRO, Nelson de Souza. Letras Baianas. *O Imparcial*, Salvador, 10 fev. 1935. 'Crônicas do Rio', p. 3.

CARPEAUX, Otto Maria. *As revoltas modernistas*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

CARVALHO FILHO, Aloysio de. Jornalismo na Bahia – 1875-1960. In: TAVARES, Luís Guilherme Pontes (org.). *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. Salvador: Academia de Letras da Bahia e Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2005.

CARVALHO, Luís de. *A imprensa através dos tempos*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1968.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Regimens. *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 22 jan. 1922.

CASTELLO, José Aderaldo. A pesquisa de periódicos na literatura brasileira. In: NAPOLI, Roselis Oliveira. *Lanterna Verde e o modernismo*. São Paulo: IEB/USP, 1970.

CASTRO, Renato Berbert de (org.). *Xavier Marques e a Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: ABL, 1996.

CATULÊ E OZEBE QUELÊ. Dez a fio. *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 31 jul. 1921.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: _____. *A escrita da história*. 2. ed. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, Roger. A ordem dos livros. In: _____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVII*. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

CHIACCHIO, Carlos. *Apresentação de Jornal de ALA*. Ano 1, Número 1, maio de 1939, Bahia, Brasil.

CHIACCHIO, Carlos. Castro Alves, poeta americanista – o menino Brasil, o menino Castro Alves, a menina Zoraide, continuação, *O Imparcial*, Salvador, p. 5, 7 abril 1937.

CHIACCHIO, Carlos. *Jornal de Ala*. Salvador: Organizações de Ala, 1939.

COELHO NETTO. *Turbilhão*. 3. ed. Porto: Livraria Chardron, de Léo & Irmão, 1925.

COSTA JÚNIOR, Jairo. Diário do coronel, Franklin Albuquerque utilizou *O Imparcial* como trincheira no combate ao interventor Landulpho Alves. Repórter, Bahia, 21 maio 2005.

COUTINHO, Afrânio. A conversão ao humano. *O Imparcial*, Salvador, 15 jul. 1937. *Pela Ordem...*, p. 4.

COUTINHO, Afrânio (org.). *A polêmica Alencar-Nabuco*. Rio de Janeiro/Brasília: Tempo Brasileiro/Editora da Unb, 1978. (Col. Caminhos Brasileiros, 3).

COUTINHO, Afrânio (org.). *Caminhos do pensamento crítico*. Rio de Janeiro/Brasília: Pallas/INL, 1980. 2 v.

COUTINHO, Afrânio. *Daniel Rops e a ânsia do sentido novo da existência*. Salvador: A Gráfica, 1936.

COUTINHO, Afrânio. Ética da Cultura Personalística. *O Imparcial*, Salvador, 6 jun. 1937. Pela Ordem..., p. 4.

COUTINHO, Afrânio e SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: FAE, 1989. 2 v.

COUTINHO, Honestílio. Imprensa Oficial do Estado. In: TAVARES, Luís Guilherme Pontes (org.). *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. Salvador: Academia de Letras da Bahia e Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2005.

DAMASCENO, Athos. *A imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Rio de Janeiro: Globo, 1962.

DINES, Alberto. *O papel do jornal: uma releitura*. 5. ed. São Paulo: Summus, 1986.

DOLORES, Maria. Disponível em http://www.espiritismogi.com.br/biografias/maria_dolores.htm. Acesso em 16 de setembro de 2006.

DUARTE, Nestor. Somos Latinos. *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 5 fev. 1928.

EVEN-ZOAR, Itamar. Polysystem studies. *Poetics Today* — International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication, Durhan, NC, 1990, v. 11, n. 1, p. 32.

FARIA, Octávio de e GOMES, Eugênio. Coelho Neto e Lima Barreto. In: COUTINHO, Afrânio (org.). *A literatura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: José Olympio/Itatiaia, 1985.

FREUD, Sigmund. *Moisés e o monoteísmo*. Trad. Maria Aparecida Moraes Rego. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

FREYRE, Gilberto. *Bahia e baianos*. Salvador: Fundação das Artes, Empresa Gráfica da Bahia, 1990.

GOMES, Eugênio. O Magnífico. *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 29 jan. 1928.

GOMES, Eugênio. Política e Literatura. *O Imparcial*, Salvador, p.1, 21 mar. 1931.

GOMES, João Carlos Teixeira. *A tempestade engarrafada – ensaios*. Salvador-Ba: EGBA, 1995.

GOMES, João Carlos Teixeira. *Gregório de Mattos, o boca de brasa: um estudo de plágio e criação intertextual*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

HABERT, Angeluccia Bernardes. *A Bahia de outr’ora, agora: leitura de Artes e Artistas, uma revista de cinema da década de 20*. Salvador: Academia de Letras da Bahia/Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2002.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. 12. ed. Tradução por Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002. 2 v.

HOHLFELDT, Antonio. *Deus escreve direito por linhas tortas: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre. 1850-1900*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

JOBIM, José Luís. História da Literatura. In: _____ (Org.). *Palavras da crítica – tendências e conceitos no estudo da Literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

JURANDIR, Dalcídio. John Dewey e a ridícula agressão do seu Tristão de Athaíde. *O Imparcial*, Salvador, p. 5, 13 jan. 1943.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *O preço da leitura: leis e números por trás das letras*. São Paulo: Ática, 2001. (Série Temas, 76).

LIMA, Alceu Amoroso (et. al.). *Miscelânea de estudos literários: homenagem a Afrânio Coutinho*. Rio de Janeiro: Pallas, 1984.

LIMA, Alceu Amoroso. Os gêneros. In: _____. *O jornalismo como gênero literário*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2003. (Col. Clássicos do Jornalismo, 3).

LIMA, Luís Costa. A estabilidade da noção de história da literatura no Brasil. In: JOBIM, José Luís et alii. *Sentido dos lugares*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005.

LINS, Wilson. A Bahia não é jacobina e sim autonomista. *O Imparcial*, Salvador, p. 5, 16 ago. 1945.

LINS, Wilson. *Coronéis e Oligarquias*. Salvador: EDUFBA, 1988.

LINS, Wilson. *O Médio São Francisco – uma Sociedade de Pastores Guerreiros*. 3. ed. São Paulo/Brasília: Editora Nacional/Instituto Nacional do Livro, 1983. (Coleção Brasileira, 377).

MACHADO, Antônio Alcântara. O modernismo na Literatura de 1928. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 3 fev. 1929.

MALERBA, Jurandir. *O Brasil imperial (1808-1889): Panorama da história do Brasil no século XIX*. Maringá: Eduem, 1999.

MANGABEIRA, João. *Rui, o Estadista da República*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943. (Documentos Brasileiros, 40).

MARTÍNEZ, Tomás Eloy. *Las vidas del General*. Buenos Aires: Altea, Taurus, Alfaguara, 2004. p. 209-238.

MASCARENHAS, Dulce. *Carlos Chiacchio: Homens & obras, itinerário de dezoito anos de rodapés em A Tarde*. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 1979.

MATTA, Alfredo Eurico R. Governadores e interventores da Bahia republicana de 1889 a 1912 – sobrevivência da monarquia. Disponível em http://www.matta.pro.br/pdf/prod_his_atarde2.pdf. Acesso em 22 set. 2006.

MATTOS, Sérgio. *Mídia controlada: a história da censura no Brasil e no mundo*. São Paulo: Paulus, 2005.

MEMÓRIA, Assis. O modernismo nas nossas letras. *O Imparcial*, Salvador, 2 dez. 1938. 'Pela Ordem...', p. 4.

MENDES, Catulle. A morte do tango e a vitória do Foxtrotter. *O Imparcial*, Salvador,

p. 3, 29 jun. 1919.

MENEZES, Raimundo. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. São Paulo, 1978.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MILHOMENS, Jonatas. Bahia intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 15 set. 1931.

MORAIS, Eneida de. Dos dois lados – métodos fascistas. *O Imparcial*, Salvador, p. 2, 20 março 1945.

MORAES, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MORAES, Walfrido. *Simões Filho: o jornalista de combate e o tribuno das multidões*. Bahia: [s/n], 1997.

MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu: 1800-1900*. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2003.

NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Rio de Janeiro: Editora Três, 1974.

NASCIMENTO, Luis do. *História da imprensa de Pernambuco (1821-1854)*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1966.

O DR. LEMOS BRITO RENUNCIA. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 19 ago. 1919.

OLINTO, Heidrun Krieger (sel., trad. e apres.). A teoria na prática é outra? In: _____. *Ciência da literatura empírica: uma alternativa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989. (Biblioteca Tempo Brasileiro, 86, série estudos alemães).

OLINTO, Heidrun Krieger. *Histórias da literatura — as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996. (Série Fundamentos, 115).

PANG, Eul-Soo. *Coronelismo e oligarquias — 1889-1943: A Bahia na primeira República brasileira*. Tradução de Vera Teixeira Soares. Rio de Janeiro: Civilização

Brasileira, 1979. (Retratos do Brasil, 128).

PARAGUAÇU, João: Rui e o príncipe dos poetas. *O Imparcial*, Salvador, 2 fev. 1937. 'Vida Social', p. 2

PASSOS, Alexandre (1878). *A imprensa no período colonial*. Rio de Janeiro: MES, Serviço de Documentação, s/d.

PATROCÍNIO FILHO, José do. Nirvana. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 18 jul. 1926.

PAULO FILHO, M. Macumbeiros. *O Imparcial*, Salvador, p. 6, 30 dez. 1936.

PEIXOTO, Afrânio. *Noções de história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1931.

PEIXOTO, Afrânio. Notas da Europa. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 21 jun. 1929.

PEREIRA, Astrogildo. Uma Carta. *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 21 jun. 1945.

PEREIRA, Rubens Alves. Minha terra tem *pasárgadas* (Diálogo: Eurico Alves/ Manuel Bandeira) In: OLIVIERI-GODET, Rita (org.). *A poesia de Eurico Alves: imagens da cidade e do sertão*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1999.

PERES, Fernando da Rocha (org.). *Gregório de Mattos: o poeta renasce a cada ano*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2000.

RAMOS, Alberto Guerreiro. Poesia e Teluricidade. *O Imparcial*, Salvador, p. 2, 30 mar.1937.

RAUL. História de um vintém. *O Imparcial*, Salvador, p. 4 e 6, 8 nov. 1937.

RIBEIRO, Álvaro. Idéias sobre a nova literatura. *O Imparcial*, Salvador, p. 15, 2 jul. 1929.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997. 3 v., v. 3.

ROCHA, Firmino. Renascimento das tradições. *O Imparcial*, Salvador, 12 dez. 1938.

Página de Ala, p. 4.

RODRIGUES, Edgar. *Pequena história da imprensa social no Brasil*. Florianópolis: Insular, 1997.

SÁ, José de. *O bombardeio da Bahia e seus efeitos: registro político histórico*. Salvador: Oficinas do Diário da Bahia, 1918.

SAID, Edward. Falar a verdade ao poder. In: _____. *Representações do intelectual: As Conferências Reith de 1993*. Tradução por Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SALES, Fernando. *A Bahia de Afrânio Peixoto*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001.

SANTIAGO, Silviano. A crítica literária no jornal. In: _____. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

SANTIAGO, Silviano. A permanência do discurso da tradição no modernismo. In: _____. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SANTIAGO, Silviano. Atração do mundo: políticas de globalização e de identidade na moderna cultura brasileira. In: _____. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

SANTIAGO, Silviano. O lugar do discurso latino-americano. In: _____. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SANTIAGO, Silviano. Uma literatura anfíbia. In: _____. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SCHMIDT, Siegfried J. A ciência da literatura empírica: um novo paradigma. In: OLINTO, Heidrun Krieger. (sel., trad. e apres.). *Ciência da Literatura Empírica: uma alternativa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989. (Biblioteca Tempo Brasileiro, 86, série estudos alemães).

SCHMIDT, Siegfried. Sobre a escrita de histórias da literatura – observações de um

ponto de vista construtivista. In: OLINTO, Heidrun Krieger. *Histórias da literatura — as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996. (Série Fundamentos, 115). p. 102-122.

SCHOPENHAUER, Arthur. Suicídio. *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 4 set. 1921. (Fragmento).

SILVA, Leonardo Dantas (org.). *A imprensa e a abolição*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1988.

SILVA, Paulo Santos. Introdução. In: _____. *Âncoras de tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2000.

SIQUEIRA, Carla Vieira. *Imprensa comemora a República: o 15 de novembro nos jornais cariocas – 1890-1922*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1995.

SODRÉ, Nelson Werneck. A grande imprensa. In: _____. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Antonio Loureiro de. Apontamentos para a história da Imprensa na Bahia. In: TAVARES, Luís Guilherme Pontes (org.). *Apontamentos para a história da Imprensa na Bahia*. Salvador: Academia de Letras da Bahia e Assembléia Legislativa do Estado da Bahia.

SOUZA, Remy de. *Presciliano Silva*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1984.

SOUZA, Pompeu de. Os mortos não se revoltam. *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 21 nov. 1943.

SPÍNOLA, Rafael. A Bahia intelectual. *O Imparcial*, Salvador, p. 1, 30 out. 1931.

TAVARES, Luís Guilherme Pontes (org.). *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. Salvador: Academia de Letras da Bahia e Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2005.

TIGRE, Bastos. A crise do livro. *O Imparcial*, Salvador, 29 abril 1938. Pela Ordem...,

p. 4.

TIGRE, Bastos. A indústria e comércio de letras. *O Imparcial*, Salvador, 4 jun. 1937. Pela Ordem..., p. 4.

TIGRE, Bastos. A crise do livro. *O Imparcial*, Salvador, 29 abril 1938. Pela Ordem..., p. 4.

TIGRE, Bastos. Comércio das Letras. *O Imparcial*, Salvador, 22 ago. 1939. Pela Ordem..., p. 4.

VIANA FILHO, Luiz. Alguns aspectos do jornalismo baiano. In: TAVARES, Luís Guilherme Pontes (org.). *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. Salvador: Academia de Letras da Bahia e Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2005.

VERÍSSIMO, José. O grupo baiano. In: _____. *História da literatura brasileira*. 4. ed. Brasília: Editora da UNB, 1963. (Col. Biblioteca Básica Brasileira, 3).

8

Adeíto Manoel Pinho
Curriculum Vitae

Novembro/2007

Adeíto Manoel Pinho

Curriculum Vitae

Dados Pessoais

Nome Adeíto Manoel Pinho
Nome em citações bibliográficas PINHO, A. M.
Sexo masculino
Filiação Antônio Silvestre Borges Pinho e Dalvina Borges da Silva
Nascimento 07/06/1969 - Feira de Santana/BA - Brasil
Carteira de Identidade 03332887 SSP - BA - 07/06/1999
CPF 54993911572

Endereço residencial Rua Outeiro da Faustina, 11.
 Riachinho - Vera Cruz
 44470-000, BA - Brasil
 Telefone: 71 36333673
 URL da home page: <http://>

Endereço profissional Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Letras e Artes, Literatura Lingüística e Outros
 Avenida Universitária s/n Km 3- Br 116 norte
 - Feira de Santana
 44031-460, BA - Brasil
 Telefone: 75 2248057

URL da home page: <http://>

Endereço eletrônico

e-mail para contato : adeitalo@uol.com.br
 e-mail alternativo : adeitalo@uol.com.br

Formação Acadêmica/Titulação

2004 Doutorado em Letras.
 Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da PUCRS, PUCRS, Brasil
 Título: Uma história da literatura de jornal: O Imparcial da Bahia
 Orientador: Maria Eunice Moreira
 Bolsista do(a): Programa de Incentivo a Capacitação Docente
Palavras-chave: História da Literatura, Periódicos, Literatura Baiana
Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira, Periódicos Literários, História
Setores de atividade : Educação

1996 - 1999 Mestrado em Letras e Lingüística.
 Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, Brasil
 Título: Um crítico, dois caminhos: a produção de Adonias Filho e Djalma Viana,
 Ano de obtenção: 1999
 Orientador: Ívia Iracema Duarte Alves
 Bolsista do(a): Programa de Incentivo a Capacitação Docente
Palavras-chave: Literatura, Crítica Literária, jornal
Áreas do conhecimento : Crítica Literária, Literatura Comparada, Periódicos Literários
Setores de atividade : Educação

Formação complementar

2002 - 2002 Curso de curta duração em Tópicos de Análise do Discurso.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC/RS, Porto Alegre,
Brasil

Atuação profissional

1. Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

Vínculo institucional

1995 - Atual Vínculo: Servidor público , Enquadramento funcional: Professor Assistente , Carga horária: 40, Regime: Dedicção Exclusiva

Atividades

- 03/1995 - Atual** Graduação, Licenciatura em Letras Vernáculas
Disciplinas Ministradas:
Literatura Brasileira II , Literatura Brasileira III , Literatura e Cultura Popular , Tópicos Especiais em Crítica Literária
- 08/1999 - 08/2002** Direção e Administração, Departamento de Letras e Artes, Literatura Lingüística e Outros
Cargos Ocupados:
Coordenador da Área de Literatura
- 01/2000 - Atual** Projetos de pesquisa, Departamento de Letras e Artes, Literatura Lingüística e Outros
Participação em projetos:
A Crítica Literária de Adonias Filho e Djalma Viana
- 01/2000 - 12/2001** Direção e Administração, Departamento de Letras e Artes, Literatura Lingüística e Outros
Cargos Ocupados:
Co-editor do Jornal Outras Margens
- 02/2000 - Atual** Pesquisa e Desenvolvimento, Departamento de Letras e Artes, Literatura Lingüística e Outros
Linhas de Pesquisa:
Resgate da Memória Cultural
- 01/2001 - Atual** Projetos de pesquisa, Departamento de Letras e Artes, Literatura Lingüística e Outros
Participação em projetos:
O Resgate da Memória Cultural de Mundo Novo
- 01/2002 - 06/2002** Especialização
Especificação:
Cânones da Literatura Brasileira
- 01/2002 - Atual** Direção e Administração, Convênio Com a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Literatura e Outras
Cargos Ocupados:

Co-editor da Revista Heléboro

01/2002 - Atual Direção e Administração, Departamento de Letras e Artes, Setores de Letras e Educação

*Cargos Ocupados:
Co-editor da Revista Sitientibus*

01/2003 - Atual Especialização

*Especificação:
Cânones da Literatura Brasileira*

Linhas de pesquisa

1. Resgate da Memória Cultural

Objetivos:

Projetos

2001 - Atual O Resgate da Memória Cultural de Mundo Novo

Descrição: Este projeto visa o resgate de autores e de produção cultural da cidade de Mundo Novo - Ba, principalmente a produção em periódicos, livros e cartas do autor Eulalio de Miranda Mota.

Situação: Em Andamento Natureza: Pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (1); Especialização (0); Mestrado acadêmico (0); Mestrado profissionalizante (0); Doutorado (0);

Integrantes: Adeitalo Manoel Pinho (Responsável); Patricio Nunes Barreiros

Financiador(es): Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS

2000 - Atual A Crítica Literária de Adonias Filho e Djalma Viana

Descrição: Um projeto de resgate da produção literária do escritor Adonias Filho, continuidade das atividades realizadas na dissertação de mestrado "Um crítico dois caminhos, a produção literária de Adonias Filho e Djalma Viana", principalmente visando a publicação de antologias desse escritor.

Situação: Em Andamento Natureza: Pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (0); Especialização (0); Mestrado acadêmico (0); Mestrado profissionalizante (0); Doutorado (0);

Integrantes: Adeitalo Manoel Pinho (Responsável);

Financiador(es): Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS

Número de produções C,T & A: 2/

Áreas de atuação

1. Crítica Literária
2. Literatura Comparada
3. Periódicos Literários

Idiomas

Inglês	Compreende Razoavelmente , Fala Razoavelmente, Escreve Razoavelmente, Lê Razoavelmente
Espanhol	Compreende Bem , Fala Razoavelmente, Escreve Razoavelmente, Lê Razoavelmente
Francês	Compreende Razoavelmente , Fala Razoavelmente, Escreve Razoavelmente, Lê Razoavelmente

Produção em C, T & A

Produção bibliográfica

Artigos completos publicados em periódicos

1. PINHO, A. M.

Labirinto e memória de Riobaldo: a voz antiga da palavra jovem. Graphos (João Pessoa). , v.5, p.79 - 86, 2006.

Palavras-chave: Crítica Literária, Memória, Guimarães Rosa, Romance

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Setores de atividade : Educação

2. PINHO, A. M.

Palavras brasileiras de James Joyce em duas versões. Arquipélago: revista de livros e idéias. , p.28 - 30, 2006.

Palavras-chave: Ulisses/Joyce - Crítica - Tradução.

Áreas do conhecimento : Letras

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

3. PINHO, A. M.

Narrativa ficcional: a memória perfeita. Letras de Hoje. , v.140, p.9 - 18, 2005.

Palavras-chave: Literatura Brasileira, Memória, Narratologia

Áreas do conhecimento : Letras

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Capítulos de livros publicados

1. PINHO, A. M.

Jornal de um escritor: as confissões literárias de Adonias Filho In: A (auto)biografia /L'(auto)biographie. ed.Feira de Santana : Gráfica da UEFS, 2006

Palavras-chave: Literatura Brasileira, Literatura Baiana, Adonias Filho, Auto Biografia

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Setores de atividade : Educação

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Comunicações e Resumos Publicados em Anais de Congressos ou Periódicos (completo)

1. PINHO, A. M.

Conrad e O coração das trevas, a viagem líquida da alteridade In: X Congresso Internacional da ABRALIC - Lugares do discurso, 2006, Rio de Janeiro.

Anais do X Congresso Internacional da ABRALIC, Lugares do discurso. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2006.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

2. PINHO, A. M.

Pandora, a permanência do mito na modernidade In: XI Seminário Nacional Mulher e Literatura e II Seminário Internacional Mulher e Literatura - ANPOLL, 2005, Rio de Janeiro.

Entre o estético e o político - a questão da mulher na literatura Anais. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2005. v.1.

Palavras-chave: Literatura Brasileira, cultura

Áreas do conhecimento : Letras

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

3. PINHO, A. M.

Djalma Viana e Lélío - Cronistas de um outro presente In: XVIII Seminário Brasileiro de Crítica Literária, XVII Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul e I Jornada Internacional de Narratologia, 2001, Porto Alegre.

Anais do XVIII Seminário Brasileiro de Crítica Literária, XVII Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul e I Jornada Internacional de Narratologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. v.01. p.71 - 86

Palavras-chave: Crônica, Periódico, Literatura Brasileira

Áreas do conhecimento : Crítica Literária, Literatura Comparada, Periódicos Literários

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

4. PINHO, A. M.

Djalma Viana, o temido crítico dos suplementos In: I Seminário ABRALIC Norte/Nordeste, 1999, Maceió.

Anais do I Seminário ABRALIC Norte/ Nordeste - Culturas, contextos e contemporaneidade. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 1999. v.1. p.115 - 118

Palavras-chave: Literatura Brasileira, Crítica Literária, jornal

Áreas do conhecimento : Crítica Literária, Literatura Comparada, Periódicos Literários

Setores de atividade : Educação

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Comunicações e Resumos Publicados em Anais de Congressos ou Periódicos (resumo)

1. PINHO, A. M.

O poeta, historiador da casa do ser In: XI Encontro Regional da ABRALIC, 2007, São Paulo.

XI Encontro Regional da ABRALIC Resumos. , 2007.

Palavras-chave: História da Literatura, Literatura Brasileira, Poesia

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira, História

Setores de atividade : Educação

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital, Home page: [http://www.abralic.br]

2. PINHO, A. M.

Solo de Clarineta, memória em tom de quase romance In: XII Seminário Nacional de Literatura e História O centenário de Erico Veríssimo e a história do Rio Grande do Sul, 2005, Porto Alegre.

XII Seminário Nacional de Literatura e História O centenário de Erico Veríssimo e a história do Rio Grande do Sul - Cadernos de Resumos. Porto Alegre: Gráfica da Faculdades Porto-Alegrense, 2005. v.1. p.3 - 4

Palavras-chave: Auto Biografia, Crítica Literária, Identidade Cultural, Literatura Brasileira

Áreas do conhecimento : Letras, História

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

3. PINHO, A. M.

Historiografia literária da Bahia, travessia de textos e de vozes regionais In: IX Congresso Internacional da ABRALIC, 2004, Porto Alegre.

IX Congresso Internacional da ABRALIC - Programas e Resumos. Porto Alegre: Editora da

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. v.1.

Palavras-chave: História da Literatura, Literatura Baiana, Resgate

Áreas do conhecimento : Letras

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

4. PINHO, A. M.

Questões de Cânone na Poesia Romântica In: Simpósio Internacional Tempo - História e Literatura, 2002, Feira de Santana.

Simpósio Internacional Tempo - História e Literatura UEFS/UFBA. Feira de Santana: Núcleo de Editoração Gráfica da UEFS, 2002.

Palavras-chave: Romantismo, Poesia, Literatura Brasileira

Áreas do conhecimento : Crítica Literária, Literatura Comparada, Periódicos Literários

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

5. PINHO, A. M.

Adonias Filho: um crítico da literatura e da cultura In: XIV Jornada Universitária da UEFS, 1999, Feira de Santana.

Resumos da XIV Jornada Universitária da UEFS - Universidade+Comunidade: uma experiência cidadã. Feira de Santana: Núcleo de Editoração Gráfica da UEFS, 2000.

Palavras-chave: cultura, Literatura, Crítica Literária

Áreas do conhecimento : Crítica Literária, Literatura Comparada, Periódicos Literários

Setores de atividade : Educação

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

6. PINHO, A. M.

Djalma Viana: uma crítica ideológica através do riso In: V Congresso de Estudos Linguísticos e Literários, 2000, Feira de Santana.

Resumos V Congresso de Estudos Linguísticos e Literários - Travessias Literárias: Rotas, Imagens e Profecias. Feira de Santana: Núcleo de Editoração Gráfica da UEFS, 2000. p.14 - 14

Palavras-chave: Literatura, crítica, ideologia

Áreas do conhecimento : Crítica Literária, Literatura Comparada, Periódicos Literários

Setores de atividade : Educação

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Artigos em jornal de notícias

1. PINHO, A. M.

Jornal Cultural Outras Margens. Outras Margens. Feira de Santana, p.8 - 8, 2000.

Palavras-chave: Crônica

Áreas do conhecimento : Crítica Literária, Literatura Comparada, Periódicos Literários

Setores de atividade : Produtos e serviços recreativos, culturais, artísticos e desportivos

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Artigos em revistas (Magazine)

1. PINHO, A. M.

Adonias Filho e Djalma Viana, uma crítica de duas faces. Letras de Hoje. Porto Alegre, v.37, p.01 - 344, 2001.

Palavras-chave: Crítica Literária, Periódicos, Literatura Brasileira

Áreas do conhecimento : Crítica Literária, Literatura Comparada, Periódicos Literários

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Demais produções bibliográficas

1. PINHO, A. M.

Letras de Hoje. Porto Alegre RS, 2006. (Apresentação, Prefácio, Posfácio)

Palavras-chave: crítica, Literatura Brasileira, Periódico

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira, Periódicos Literários

Setores de atividade : Educação

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital, Home page: www.caioba.pucrs.br/face/ojs/index.php

2. PINHO, A. M., Mitidieri-Pereira, A. L., PROMPT, L. L. F., HORTA, M. L. F. **Revista Letras de Hoje**. Organização de Periódico. Porto Alegre:EDIPUCRS, 2005. (Outra produção bibliográfica)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Eventos

Participação em eventos

1. Apresentação Oral no(a) **VII Seminário Internacional de História da Literatura**, 2007. (Seminário)
Historiografia poética..

2. Apresentação Oral no(a) **XI Encontro Regional da ABRALIC**, 2007. (Encontro)
O poeta, historiador da casa do ser.

3. Conferencista no(a) **Encontro Regional de Profissionais em Secretariado**, 2007. (Encontro)
Usos e abusos da literatura na mídia contemporânea..

4. Apresentação Oral no(a) **V Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos.**, 2006. (Encontro)
A Bahia Intelectual, cânone e sistema literário em questão..

5. Apresentação Oral no(a) **VII Seminário Internacional Fazendo Gênero: Gênero e Preconceito.**, 2006. (Seminário)
A condessa da maldade: formação da personagem feminina no romance brasileiro do século XIX..

6. Apresentação Oral no(a) **X Congresso Internacional da ABRALIC: Lugares dos discursos.**, 2006. (Congresso)
Conrad e O coração das trevas, a viagem líquida da alteridade..

7. **XI Seminário Nacional Mulher e Literatura e II Seminário Internacional Mulher e Literatura ANPOLL**, 2005. (Seminário)

XI Seminário Nacional Mulher e Literatura e II Seminário Internacional Mulher e Literatura ANPOLL.

Palavras-chave: cultura, Literatura Brasileira, Literatura Feminina

Áreas do conhecimento : Letras

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

8. **XII Seminário Nacional de Literatura e História O centenário de Erico Veríssimo e a história do Rio Grande do Sul**, 2005. (Seminário)

XII Seminário Nacional de Literatura e História.

Palavras-chave: Crítica do Rio Grande do Sul, História, Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

9. **IX Congresso Internacional da ABRALIC**, 2004. (Congresso)

IX Congresso Internacional da ABRALIC.

Palavras-chave: ABRALIC, Literatura Baiana, História da Literatura

Áreas do conhecimento : Letras

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

10. **Seminário Intérpretes do Brasil**, 2004. (Seminário)

Seminário Intérpretes do Brasil.

Palavras-chave: Crítica do Rio Grande do Sul, História, História da Literatura

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro

11. **VII Congresso Nacional de Estudos Lingüísticos e Literários**, 2004. (Congresso)

VII Congresso Nacional de Estudos Lingüísticos e Literários.

Palavras-chave: Crítica Literária, História da Literatura, Literatura Brasileira
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

12. XVIII Semana de Letras e I Encontro Nacional de Literatura, Leitura e Cultura, 2004. (Encontro)

XVIII Semana de Letras e I Encontro Nacional de Literatura, Leitura e Cultura.

Palavras-chave: História da Literatura, Literatura Brasileira
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

13. XXII Seminário Brasileiro de Crítica Literária e XXI Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul, 2004. (Seminário)

XXII Seminário Brasileiro de Crítica Literária e XXI Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Crítica do Rio Grande do Sul, Crítica Literária, Literatura Brasileira
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

14. II Colóquio Internacional: A Crise da Poesia no Brasil, na França, na Europa e Outras Latitudes, 2003. (Outra)

II Colóquio Internacional: A Crise da Poesia no Brasil, na França, na Europa e Outras Latitudes.

Palavras-chave: Crise, Poesia, Brasil e Europa
Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira
Setores de atividade : Educação superior
Referências adicionais : Brasil/Português.

15. I Seminário de Escritos (Auto) Biográficos e I Encontro de Línguas Portuguesa e Francesa, 2002. (Seminário)

I Seminário de Escritos (Auto) Biográficos e I Encontro de Línguas Portuguesa e Francesa.

Palavras-chave: Literatura, Auto Biografia, Culturas Portuguesa e Francesa
Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira
Setores de atividade : Educação superior
Referências adicionais : Brasil/Português.

16. Simpósio Internacional Tempo - História e Literatura, 2002. (Simpósio)

Simpósio Internacional Tempo - História e Literatura.

Palavras-chave: História, Literatura, Tempo
Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira
Setores de atividade : Educação superior
Referências adicionais : Brasil/Português.

17. XX Seminário Brasileiro de Crítica Literária e XIX Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul: A Transdisciplinaridade, 2002. (Seminário)

XX Seminário Brasileiro de Crítica Literária e XIX Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul: A Transdisciplinaridade.

Palavras-chave: Crítica Literária, Crítica do Rio Grande do Sul
Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira
Setores de atividade : Educação superior
Referências adicionais : Brasil/Português.

18. I Seminário de Conversas e Outros Tratados: Parlandas do Vasto Sertão, 2001. (Seminário)

I Seminário de Conversas e Outros Tratados: Parlandas do Vasto Sertão.

Palavras-chave: Literatura, Conversas, Sertão
Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira
Setores de atividade : Educação superior
Referências adicionais : Brasil/Português.

19. IX EBEL - Encontro Baiano de Estudantes de Letras- Arte, Pesquisa Desmistificando o Curso de Letras, 2001. (Encontro)

IX EBEL - Encontro Baiano de Estudantes de Letras- Arte, Pesquisa Desmistificando o Curso de Letras.

Palavras-chave: Pesquisa, Literatura
Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira
Setores de atividade : Educação superior
Referências adicionais : Brasil/Português.

20. I Jornada de Periódicos Brasileiros, 2000. (Outra)

I Jornada de Periódicos Brasileiros .

Palavras-chave: Periódicos, Literatura Brasileira

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português.

21. IV Encontro de Iniciação Científica, 2000. (Encontro)

IV Encontro de Iniciação Científica .

Palavras-chave: Memória, Literatura Baiana

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português.

22. V Congresso de Estudos Lingüísticos e Literários - Travessias Literárias: Rotas, Imagens e Profecias, 2000. (Congresso)

V Congresso de Estudos Lingüísticos e Literários.

Palavras-chave: Estudos Lingüísticos e Literários, Literatura

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português.

23. V Encontro de Iniciação Científica: Desafios da Ciência no Novo Milênio, 2000. (Encontro)

V Encontro de Iniciação Científica: Desafios da Ciência no Novo Milênio.

Palavras-chave: Literatura Baiana, Resgate

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português.

24. XIV Seminário Brasileiro do Centro de Estudos Lingüísticos e Literários do Paraná, 2000. (Seminário)

XIV Seminário Brasileiro do Centro de Estudos Lingüísticos e Literários do Paraná.

Palavras-chave: Estudos Lingüísticos e Literários

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português.

25. XVIII Seminário Brasileiro de Crítica Literária, XVII Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul e I Jornada Internacional de Narratologia, 2000. (Seminário)

XVIII Seminário Brasileiro de Crítica Literária, XVII Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul e I Jornada Internacional de Narratologia.

Palavras-chave: Crítica Literária, Crítica do Rio Grande do Sul, Narratologia

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português.

26. 52ª Reunião Anual da SBPC, 2000. (Outra)

52ª Reunião Anual da SBPC .

Palavras-chave: Periódicos, Literatura Brasileira

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português.

27. I Seminário Os Sertões: Acontecimento/ Recepção Estética, 1999. (Seminário)

I Seminário Os Sertões: Acontecimento/ Recepção Estética.

Palavras-chave: Sertão, Literatura Brasileira

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português.

28. III Seminário Internacional de História da Literatura, 1999. (Seminário)

III Seminário Internacional de História da Literatura.

Palavras-chave: História da Literatura, Literatura Brasileira

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português.

29. IV Seminário de Pesquisa e Extensão do Departamento de Letras, 1999. (Seminário)

IV Seminário de Pesquisa e Extensão do Departamento de Letras .

Palavras-chave: Pesquisa e Extensão
Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira
Setores de atividade : Educação superior
Referências adicionais : Brasil/Português.

30. XIV Jornada Universitária da UEFS, 1999. (Outra)

XIV Jornada Universitária da UEFS.

Palavras-chave: Jornada Universitária, Literatura Brasileira
Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira
Setores de atividade : Educação superior
Referências adicionais : Brasil/Português.

31. VI Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1998. (Congresso)

VI Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada.

Palavras-chave: VI Congresso, ABRALIC
Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira
Setores de atividade : Educação superior
Referências adicionais : Brasil/Português.

Bancas

Participação em banca de trabalhos de conclusão

Curso de aperfeiçoamento/especialização

1. PINHO, A. M.

Participação em banca de Lílian Almeida de Oliveira Lima. **A representação feminina nos contos de Helena Parente Cunha, 2003**

(Especialização em Estudos Literários) Universidade Estadual de Feira de Santana

Palavras-chave: Literatura Feminina, Crítica Literária, Literatura Brasileira
Áreas do conhecimento : Crítica Literária, Literatura Comparada, Literatura e Gênero
Setores de atividade : Educação superior
Referências adicionais : Brasil/Português.

2. PINHO, A. M.

Participação em banca de Luciana Sacramento Moreno. **Estudo de Nação e Identidade no Movimento Mangue Bit, 2002**

(Especialização em Letras e Literaturas Vernáculas) Universidade Federal da Bahia

Palavras-chave: Mangue Bit, Identidade Cultural, Literatura Brasileira
Áreas do conhecimento : Crítica Literária, Literatura Comparada
Setores de atividade : Educação superior
Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação em banca de comissões julgadoras

Concurso público

1. Concurso Público para Docente de Nível Superior na Classe de Assistente para a Matéria Literatura Brasileira , 2001

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Palavras-chave: Literatura Brasileira, Concurso
Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira
Setores de atividade : Educação superior
Referências adicionais : Brasil/Português.

2. Concurso Público para Professor Auxiliar de Literatura Brasileira/ Literatura Portuguesa, 2000

Universidade do Estado da Bahia

Palavras-chave: Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa, Concurso
Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira
Setores de atividade : Educação superior
Referências adicionais : Brasil/Português.

Outra

1. Banca Examinadora de Seleção de Bolsa Monitoria, 2003

Universidade Estadual de Feira de Santana

Palavras-chave: Literatura Brasileira, Monitoria

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português.

2. Comissão Organizadora do Processo Seletivo 2003 do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural, 2003

Universidade Estadual de Feira de Santana

Palavras-chave: Literatura, Seleção

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português.

3. Comissão de Seleção para Professor Convidado para o Intercâmbio da UEFS com a Universidade de Artois - França, 2002

Universidade Estadual de Feira de Santana

Palavras-chave: Atividades de Intercâmbio, Literatura, Lingüística e Outros

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português.

4. Comissão de Progressão de Carreira da Classe de Professor Auxiliar para Professor Assistente , 2001

Universidade do Estado da Bahia

Palavras-chave: Progressão de Carreira, Professor Assistente

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português.

5. Banca de Seleção para Bolsa Monitoria da Disciplina Literatura Brasileira I, 1999

Universidade Estadual de Feira de Santana

Palavras-chave: Literatura Brasileira

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português.

Totais de produção

Produção bibliográfica

Artigos completos publicado em	
periódico.....	3
Capítulos de livros	
publicados.....	1
Jornais de	
Notícias.....	1
Revistas	
(Magazines).....	1
Comunicações em anais de congressos e periódicos (proceedings e	
suplementos).....	10
Apresentações (Revistas ou	
periódicos).....	1
Demais produções	
bibliográficas.....	1

Eventos

Participações em eventos (congresso).....	5
Participações em eventos (seminário).....	14
Participações em eventos (simpósio).....	1
Participações em eventos (encontro).....	7
Participações em eventos (outra).....	4
Participação em banca de trabalhos de conclusão (curso de aperfeiçoamento/especialização).	2
Participação em banca de comissões julgadoras (concurso público).....	2
Participação em banca de comissões julgadoras (outra).....	5